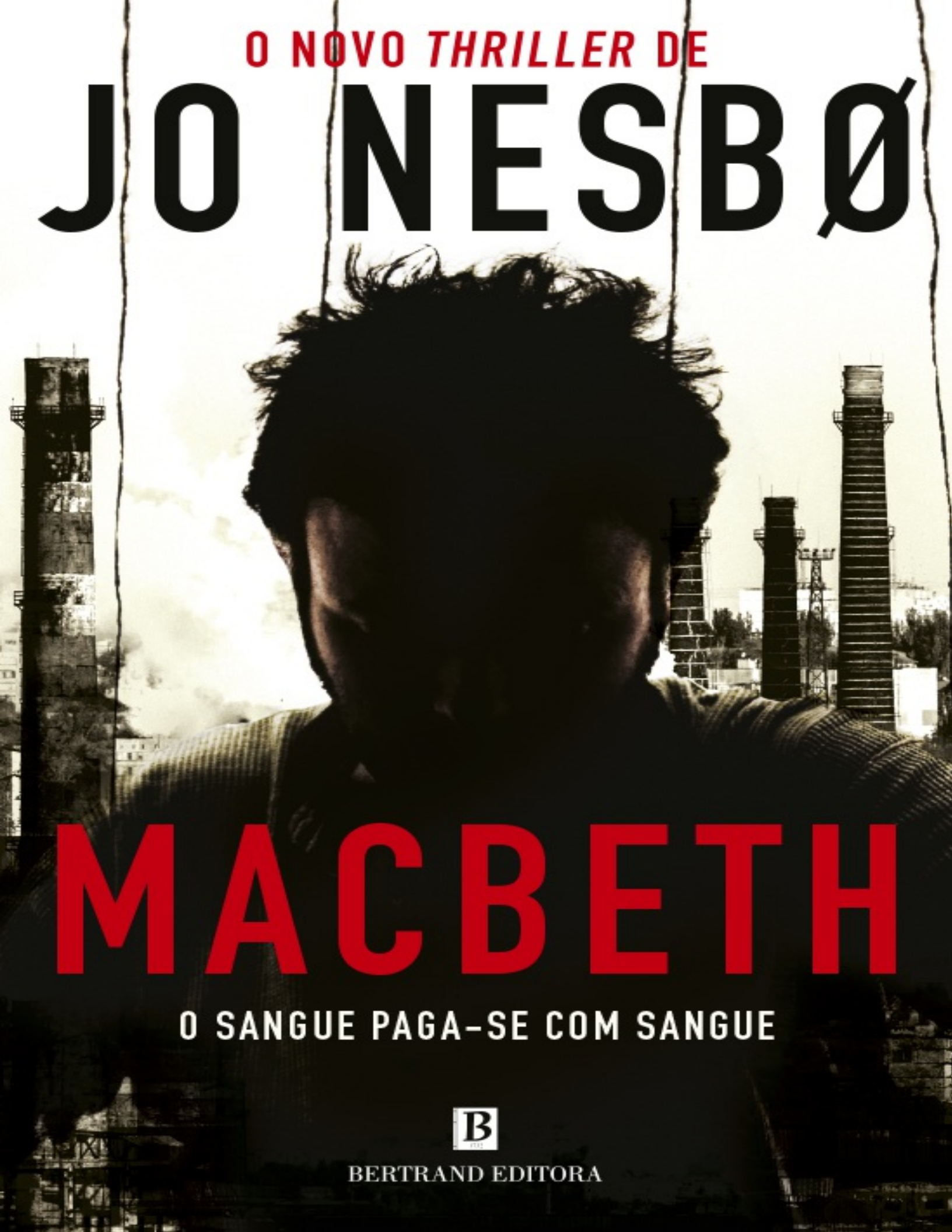
O NOVO *THRILLER* DE

JO NESBØ



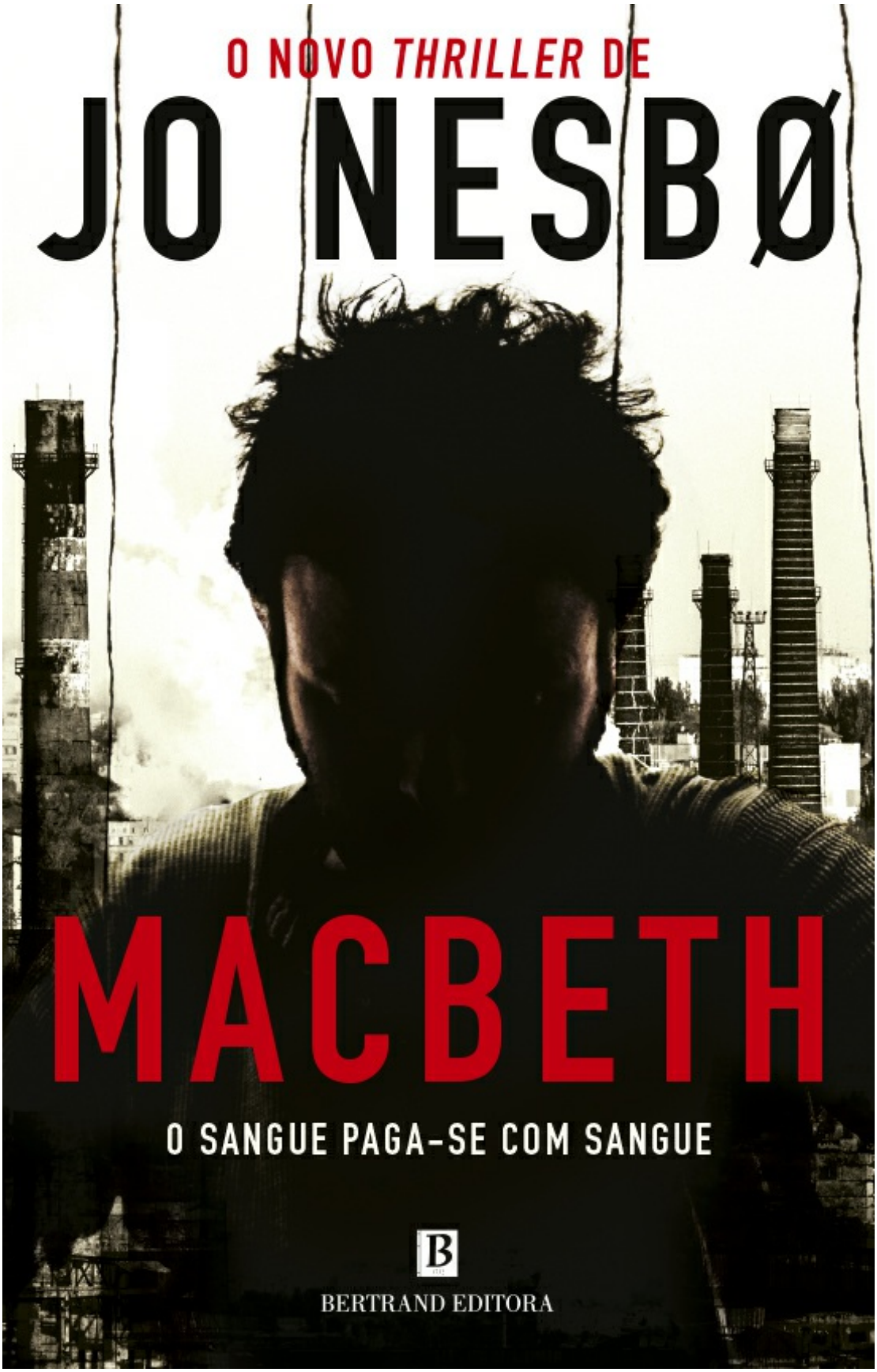
MACBETH

O SANGUE PAGA-SE COM SANGUE

BERTRAND EDITORA

O NOVO *THRILLER* DE

JO NESBØ



MACBETH

O SANGUE PAGA-SE COM SANGUE

BERTRAND EDITORA



© Gøran Bohlin

Jo Nesbø é um dos mais célebres autores de *thrillers* do mundo. Os seus livros são *bestsellers* internacionais e estão publicados em mais de 50 línguas, com cerca de 33 milhões de exemplares vendidos. Antes de se tornar escritor, Nesbø foi jogador de futebol da primeira liga norueguesa, mas uma lesão no joelho impediu-o de prosseguir com o seu sonho. Estudou Economia e formou a banda *pop* Di Derre, que alcançou os *tops* na Noruega. Mas Nesbø continuou a trabalhar como analista financeiro, apesar do seu sucesso na música. Quando uma editora lhe encomendou um livro de memórias acerca da sua vida de músico «na estrada», ele escreveu, em vez disso, o primeiro livro protagonizado por Harry Hole, *O Morcego*.

Título original: Macbeth
1.ª edição em papel: abril de 2018
Autor: Jo Nesbø
Tradução: Maria Dulce Guimarães da Costa
Revisão: João Pedro Tapada
Design da capa: Rui Rodrigues

© Jo Nesbø 2018
Copyright da tradução inglesa © Don Bartlett 2018
First published as *Macbeth* by Hogarth, an imprint of Vintage.
Vintage is a part of the Penguin Random House group of companies.
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3641-7

PRIMEIRA PARTE

UM

A gota de chuva cintilante caiu do céu, atravessou a escuridão em direção às luzes tremeluzentes do porto lá em baixo. As rajadas frias do vento noroeste empurraram a gota de chuva por cima do leito seco do rio que dividia a cidade longitudinalmente e da linha de caminho de ferro abandonada que a dividia diagonalmente. Os quatro quadrantes da cidade estavam numerados no sentido dos ponteiros do relógio; além disso, não tinham nome. Em todo o caso, nenhum nome de que os habitantes se lembrassem. E se encontrássemos esses mesmos habitantes muito longe de casa e lhes perguntássemos de onde vinham, provavelmente, afirmariam que também não se conseguiam lembrar do nome da cidade.

A gota de chuva passou de brilhante a cinzenta ao penetrar na fuligem e no veneno que cobriam a cidade como uma constante tampa de nevoeiro, ainda que nos anos recentes as fábricas tivessem vindo a fechar umas atrás das outras. Ainda que os desempregados já não se pudessem dar ao luxo de acender os fogões. Apesar do vento caprichoso, mas tempestuoso, e da chuva aparentemente incessante que alguns garantiam que nunca tinha caído até se ter posto fim à Segunda Guerra Mundial com duas bombas atómicas um quarto de século antes. Por outras palavras, por volta da altura em que Kenneth tinha sido empossado como comissário da polícia. Do seu gabinete no último andar do quartel-general da polícia, o comissário-chefe Kenneth tinha desgovernado a cidade com punho de ferro, independentemente de

quem fosse o presidente da câmara ou daquilo que as autoridades constituintes dissessem ou não dissessem em Capitol, enquanto o segundo maior centro industrial do país, e outrora o mais importante, se afundava num pântano de corrupção, bancarrotas, crime e caos. Mas quer a mudança no clima se devesse ou não a Kenneth e às bombas atómicas, quer fosse apenas uma memória incorreta, finalmente a esperança reacendera-se entre os cidadãos. Seis meses antes, o comissário-chefe Kenneth tinha caído de uma cadeira na sua casa de verão, o que levara a uma apoplexia e, três semanas mais tarde, à morte. O funeral fora pago pela cidade — uma decisão da assembleia municipal tomada muito tempo antes e que, a propósito, tinha sido engendrada por Kenneth. E depois de um funeral digno de um ditador, a assembleia municipal e o presidente da câmara tinham chamado Duncan, o filho de testa larga de um bispo e chefe do Departamento do Crime Organizado em Capitol, para o lugar de novo comissário-chefe. Tinha sido uma nomeação surpreendente porque Duncan não provinha da velha escola de funcionários politicamente pragmáticos, mas de uma nova geração de administradores da polícia instruídos que eram a favor de reformas, da transparência, da modernização e da luta contra a corrupção — coisa que a maioria dos políticos eleitos da cidade, que só queria enriquecer rapidamente, não era.

E a esperança dos habitantes de que agora tinham um comissário-chefe íntegro, honesto e visionário que iria conseguir arrancar a cidade do pântano fora alimentada porque Duncan substituíra a velha guarda no topo por oficiais que ele mesmo escolhera. Eram idealistas jovens e sem mácula que queriam *realmente* que a cidade se tornasse um lugar melhor para viver.

O vento levou a gota de chuva por cima do Distrito 4 Oeste e do ponto mais alto da cidade, a torre de rádio no cimo do estúdio onde a voz solitária e moralmente indignada de Walt Kite expressava, sem papas na língua, a esperança de finalmente terem um salvador. Enquanto Kenneth fora vivo,

Kite tinha sido a única pessoa com coragem para criticar abertamente o comissário-chefe e o acusar de alguns dos crimes que ele cometera. Havia muitos que achavam que a única razão para que tivesse sobrevivido era ter estado tão sozinho. Kite era simplesmente demasiado visível para desaparecer sem dar nas vistas. Esta noite, Kite anunciou que a assembleia municipal iria fazer tudo o que pudesse para rescindir os poderes que Kenneth impusera ao transformar o comissário da polícia na verdadeira autoridade da cidade. Paradoxalmente, isto significava que o seu sucessor, Duncan, o democrata bom, iria ter de lutar para levar a cabo as reformas que queria. Kite acrescentou também que nas eleições autárquicas iminentes era «Tourtell, o presidente da câmara em funções e, por isso, o mais gordo do país, contra ninguém. Absolutamente ninguém. Pois quem pode competir com a tartaruga Tourtell? Todas as críticas fazem ricochete na sua concha de jovialidade popular e moralidade sem mácula. Todavia, se alguém conseguisse mesmo penetrar nessa concha e conseguisse alguma coisa contra Tourtell, receio que a nossa tartaruga seja tão gorda e a porta para o gabinete do presidente da câmara tão estreita que seja fisicamente impossível tirá-la de lá».

No Distrito 4 Leste, a gota de chuva passou por cima do Obelisco, um hotel e casino de vidro com vinte andares que se erguia como um dedo indicador iluminado da miséria dos edifícios pretos acastanhados que constituíam o resto da cidade. Para muitos, era uma contradição que, quanto menos indústria e mais desemprego havia, mais popular se tornara perder ao jogo o dinheiro que os habitantes não tinham nos dois casinos da cidade.

«A cidade que parou de dar e começou a tirar», gorjeou Kite nas ondas de rádio. «Primeiro que tudo, abandonámos a indústria, depois o caminho de ferro, para que ninguém pudesse sair. Depois começámos a vender drogas aos nossos cidadãos, fornecendo-a no sítio onde costumavam comprar os bilhetes de comboio, para que os pudéssemos roubar quando nos aprouvesse. Nunca teria acreditado que iria dizer que tinha saudades dos senhores sugadores de

lucro da indústria, mas, pelo menos, eles trabalhavam em atividades respeitáveis. Ao contrário das três outras atividades em que as pessoas ainda conseguem enriquecer: casinos, drogas e política.»

No Distrito 3, o vento varreu o quartel-general da polícia, o Casino Inverness e as ruas onde a chuva tinha empurrado a maior parte das pessoas para dentro de casa, embora algumas ainda andassem por ali às voltas, apressadas, à procura ou a fugir de alguma coisa. A estação central, onde os comboios já não chegavam nem partiam, mas que era povoada por fantasmas e vagabundos. Os fantasmas daqueles — e dos seus herdeiros — que outrora tinham construído esta cidade com confiança em si próprios, ética de trabalho, Deus e a tecnologia de que dispunham. Os vagabundos no mercado de droga aberto vinte e quatro horas, onde compravam cerveja, um bilhete para o céu e um inferno certo. No Distrito 2, o vento assobiou nas chaminés das duas maiores fábricas da cidade, embora recentemente fechadas: Graven e Estex. Ambas tinham manufaturado uma liga metálica, mas em que ela consistia nem mesmo os que trabalhavam nas fornalhas conseguiam dizer com certeza, só que os coreanos tinham começado a fazer a mesma liga mais barata. Talvez fosse o clima da cidade que tornava a decadência visível, ou talvez fosse a imaginação; talvez fosse apenas a certeza da bancarrota e da ruína que fazia as fábricas silenciosas e mortas erguerem-se ali como aquilo a que Kite chamava «catedrais saqueadas do capitalismo numa cidade de marginais e descrença».

A chuva desviou-se para sudeste, pelas ruas de candeeiros despedaçados onde os chacais à espreita se amontoavam colados às paredes, protegendo-se da precipitação infindável do céu enquanto as presas corriam para a luz e para mais segurança. Numa entrevista recente, Kite tinha perguntado ao comissário-chefe Duncan por que motivo o risco de se ser roubado era seis vezes mais elevado ali do que em Capitol, e Duncan respondera que estava contente por, finalmente, lhe terem feito uma pergunta simples: era porque a

taxa de desemprego era seis vezes mais alta e o número de drogados dez vezes maior.

Nas docas havia contentores cobertos de grafítis e cargueiros decrépitos com capitães que se haviam encontrado com os representantes corruptos do porto em sítios desertos e lhes tinham dado envelopes castanhos para garantirem licenças de entrada mais rápidas e locais de amarração, quantias que as companhias de navegação iriam registar nas contas das despesas diversas, jurando que nunca mais voltariam a trabalhar nesta cidade.

Um desses navios era o MS *Leningrad*, uma embarcação soviética a perder tanta ferrugem do casco com a chuva que parecia estar a sangrar para o porto.

A gota de chuva caiu dentro de um cone de luz de um candeeiro no telhado de um edifício em madeira, de dois andares, com um armazém, um escritório e um clube de boxe fechado, continuou a descer entre a parede e um casco ferrugento e aterrou no chifre de touro. Desceu pelo chifre até onde ele se unia ao capacete de uma mota, escorreu do capacete para as costas de um casaco de cabedal com as palavras NORSE RIDERS bordadas em letras góticas. E para o assento de uma motorizada *Indian Chief* vermelha e, finalmente, para a roda traseira que rodava vagarosamente, onde deixou de ser uma gota de chuva e se tornou, ao ser outra vez violentamente atirada para fora, parte da água poluída da cidade, parte de tudo.

Atrás da motorizada vermelha, seguiam mais onze. Passaram por baixo de um dos candeeiros na parede de um edifício de dois andares do porto às escuras.

A luz do candeeiro, vinda da janela de um escritório no primeiro andar, incidiu numa mão pousada num cartaz: MS *GLAMIS* PROCURA EMPREGADO DE COZINHA. Os dedos eram compridos e esguios como os de um pianista e as unhas estavam bem cuidadas. Embora a cara estivesse na sombra, impedindo

que se visse os olhos de um azul intenso, o queixo resoluto, os lábios finos e cruéis e o nariz com a forma de um bico agressivo, a cicatriz brilhava como uma brilhante estrela cadente, numa diagonal que ia do queixo até à testa.

— Chegaram — disse o inspetor Duff, esperando que os seus homens da Unidade de Narcóticos não conseguissem ouvir o *vibrato* involuntário na sua voz.

Pensara que os Norse Riders iriam enviar três ou quatro, no máximo cinco, homens para irem buscar a droga. Mas contou doze motorizadas na procissão que emergia lentamente da escuridão. As duas no final traziam mais um homem no assento de trás. Catorze para os seus nove. E havia todos os motivos para acreditar que os Norse Riders estavam armados. Fortemente armados. Contudo, não fora a visão dos números superiores que lhe produzira o tremor nas cordas vocais. Fora Duff ter conseguido o seu maior desejo. Fora a circunstância de ser *ele* a chefiar o grupo; finalmente, *ele* estava ao alcance da mão.

O homem não se mostrava há meses, mas havia apenas uma pessoa que possuía aquele capacete e a motorizada *Indian Chief*. Dizia-se que a mota era uma das cinquenta que o Departamento da Polícia de Nova Iorque tinha mandado construir, no maior segredo, em 1955. O aço da bainha curva presa ao lado da mota refulgiu.

Sweno.

Uns diziam que tinha morrido, outros que fugira do país, que tinha mudado de identidade, cortara as tranças louras e que estava sentado num terraço na Argentina, desfrutando a velhice e uma cigarrilha fina.

Mas ali estava ele. O chefe do gangue e o assassino de polícias que, juntamente com o seu sargento, tinha começado os Norse Riders algum tempo depois da Segunda Guerra Mundial. Escolheram jovens desenraizados, a maior parte deles das casas delapidadas de operários ao longo do rio que tresandava a esgotos, treinaram-nos, disciplinaram-nos, lavaram-lhes os

cérebros até os tornarem num exército de soldados destemidos que Sweno podia usar para os seus próprios propósitos. Conseguir controlar a cidade, monopolizar o crescente mercado das drogas. E durante algum tempo, parecera que Sweno iria ter êxito; não havia dúvida de que Kenneth e o quartel-general da polícia não o tinham parado; bem pelo contrário, Sweno comprara toda a ajuda de que precisava. Foi a competição. A droga caseira de Hécate era muito melhor, mais barata e sempre disponível no mercado. Mas se a dica anónima que Duff tinha recebido estivesse correta, esta encomenda era suficientemente grande para resolver os problemas de fornecimento dos Norse Riders durante algum tempo. Duff ficara esperançado, mas sem acreditar completamente, que o que lera nas breves linhas dactilografadas que lhe tinham sido dirigidas fosse verdade. Era simplesmente um cavalo dado demasiado grande. O tipo de oferta que — se tratada corretamente — podia fazer o chefe da Unidade de Narcóticos subir ainda mais na carreira. O comissário-chefe Duncan ainda não preenchera todas as posições importantes no quartel-general da polícia com as suas pessoas. Havia, por exemplo, a Unidade dos Gangues, em que o inspetor Cawdor, o velho tratante de Kenneth, conseguira manter-se agarrado ao lugar uma vez que ainda não tinham provas concretas de corrupção, mas isso podia ser apenas uma questão de tempo. E Duff era um dos homens de Duncan. Quando começou a haver sinais de que Duncan podia ser nomeado comissário-chefe, Duff tinha-lhe telefonado para Capitol e declarara, de forma inequívoca, ainda que algo pomposa, que, se a assembleia não escolhesse Duncan para ser o novo comissário e, em vez disso, escolhesse um dos capangas de Kenneth, ele, Duff, demitir-se-ia. Não era nada impossível que Duncan tivesse desconfiado de que havia um motivo pessoal por trás desta declaração de lealdade incondicional, mas que importância tinha? Duff alimentava o desejo autêntico de apoiar o plano de Duncan para uma força policial honesta que servisse primeiro que tudo as pessoas. Mas também queria um gabinete no quartel-

general tão perto do céu quanto possível. Quem não quereria? E também queria cortar a cabeça do homem ali fora.

Sweno.

Ele era o fim *e* os meios.

Duff olhou para o relógio. A hora correspondia exatamente ao que estava na carta. Pousou as pontas dos dedos na parte de dentro do pulso. Para sentir a pulsação. Já não estava apenas esperançado; estava prestes a tornar-se um crente.

— São muitos, Duff? — sussurrou uma voz.

— Mais do que o suficiente para uma grande honra, Seyton. E um deles é tão grande que, quando cair, se vai ouvir em todo o país.

Duff limpou a condensação na janela. Dez polícias nervosos e suados numa divisão pequena. Homens que não costumavam ter este tipo de missões. Como chefe da Unidade de Narcóticos, fora apenas Duff que tomara a decisão de não mostrar a carta a outros agentes; estava a usar só homens da sua unidade para esta batida. A tradição de corrupção e fugas de informação era demasiado longa para que quisesse arriscar. Pelo menos, seria isso que diria a Duncan se ele perguntasse. Mas não iria haver muitas objeções picuinhas. Desde que conseguissem apreender as drogas e capturar treze Norse Riders com a boca na botija.

Treze, sim. Não catorze. Um deles iria ser deixado morto no campo de batalha. Se a oportunidade surgisse.

Duff cerrou os dentes.

— Disseste que seriam só uns quatro ou cinco — comentou Seyton, que se lhe tinha juntado à janela.

— Preocupado, Seyton?

— Não, mas tu devias estar, Duff. Tens dez homens neste quarto e eu sou o único que tem experiência neste tipo de vigilância — respondeu Seyton sem erguer a voz.

Era um homem magro, vigoroso e careca. Duff não sabia ao certo há quanto tempo ele estava na polícia, apenas que já lá estava quando Kenneth era comissário-chefe. Duff tinha tentado livrar-se de Seyton. Não porque tivesse alguma coisa concreta contra ele; havia apenas qualquer coisa nele, qualquer coisa que Duff não conseguia definir, mas que o fazia antipatizar fortemente com ele.

— Porque não chamaste a Força de Intervenção, Duff?

— Quantos menos estiverem envolvidos, melhor.

— Menos com quem tenhas de dividir as honras. Porque, a não ser que eu esteja muito enganado, aquele ou é o fantasma do Sweno ou o homem em pessoa — disse Seyton, indicando a motorizada *Indian Chief*, que tinha parado junto da escada do portaló do MS *Leningrad*.

— Disseste Sweno? — perguntou uma voz nervosa da escuridão atrás deles.

— Sim, e há pelo menos uma dúzia deles — respondeu Seyton em voz alta, sem tirar os olhos de Duff. — No mínimo.

— Oh, merda! — resmungou uma segunda voz.

— Não devíamos telefonar ao Macbeth? — perguntou uma terceira.

— Estás a ouvir? — perguntou Seyton. — Até os teus próprios homens querem que a Força de Intervenção tome conta do assunto.

— Cala-te! — silvou Duff. Voltou-se e apontou um dedo ao cartaz na parede. — Diz aqui que o MS *Glamis* vai para Capitol na sexta-feira às seis da manhã e que está à procura de gente para a cozinha. Vocês disseram que queriam participar nesta missão, mas têm a minha bênção para, em vez disso, se candidatarem a estas funções no navio. Consta que a comida e o dinheiro são melhores. Alguém levanta a mão?

Duff espreitou para a escuridão, para as figuras imóveis e sem caras. Tentou interpretar o silêncio. Já arrependido de os ter desafiado. E se alguns deles levantassem mesmo a mão? Normalmente, evitava meter-se em

situações em que ficasse dependente de outros, mas agora precisava de todos os homens à sua frente. A mulher dizia que ele preferia trabalhar sozinho porque não gostava de pessoas. Podia haver alguma verdade nisso, mas provavelmente era ao contrário. As pessoas não gostavam dele. Não se tratava de toda a gente não gostar ativamente dele, embora algumas não gostassem; havia qualquer coisa na sua personalidade que afastava as pessoas. Não sabia o quê. Sabia que a sua aparência e confiança atraíam um certo tipo de mulheres e era educado, culto e mais inteligente do que a maior parte das pessoas que conhecia.

— Ninguém? A sério? Bom, vamos fazer o que planeámos, mas com alguns ajustamentos menores. O Seyton vai para a direita com os seus três homens quando sairmos e cobre a metade de trás deles. Eu vou para a esquerda com os meus três homens. Ao passo que tu, Sivart, sprintas para a esquerda, para fora da luz, e corres na escuridão até ficares atrás dos Norse Riders. Posiciona-te no portaló para ninguém conseguir fugir para dentro do barco. Tudo compreendido?

Seyton aclarou a garganta.

— O Sivart é o mais novo e…

— … o mais rápido — interrompeu Duff. — Não pedi objeções, perguntei se as minhas instruções estavam *compreendidas*. — Perscrutou as caras inexpressivas à frente dele. — Vou considerar isso um sim — rematou, voltando-se outra vez para a janela.

Um homem baixo e de pernas arqueadas, com o boné branco de capitão, bamboleou-se pela escada do portaló abaixo sob a chuva torrencial. Foi parado pelo homem da mota vermelha. O motociclista não tirara o capacete, levantara apenas a viseira, e também não tinha desligado o motor. Estava sentado com as pernas obscenamente abertas a ouvir o capitão. Duas tranças louras saíam do capacete, caindo em cima do logo dos Norse Riders.

Duff inspirou fundo. Verificou a arma.

O pior era que Macbeth *tinha* telefonado. Recebera a mesma dica com um telefonema anónimo e oferecera a Duff a equipa da Força de Intervenção. Mas Duff recusara a oferta, dizendo que a única coisa que tinham de fazer era apreender um camião e pedira a Macbeth para ignorar a dica.

A um sinal do homem com o capacete de viquingue, um dos outros motociclistas avançou e Duff viu as divisas de sargento na parte de cima do braço do casaco de couro quando o homem abriu uma pasta à frente do capitão do navio. O capitão assentiu com a cabeça e, um segundo depois, ferro rangeu contra ferro e apareceu uma luz no guindaste que oscilava o braço do lado do cais.

— Estamos quase — disse Duff. A voz era agora mais firme. — Vamos esperar até que a droga e o dinheiro mudem de mãos e avançamos.

Assentimentos de cabeça na semiescuridão. Tinham revisto os planos meticulosamente, mas tinham imaginado um máximo de cinco correios. Seria possível que Sweno tivesse sido avisado de uma possível intervenção da polícia? Não. Se tivesse sido, teriam abortado tudo.

— Consegues cheirá-lo? — sussurrou Seyton ao lado dele.

— Cheirar o quê?

— O medo deles.

Seyton tinha os olhos fechados e as narinas fremiam. Duff olhava atentamente para a noite chuvosa. Teria aceitado a oferta da equipa da Força de Intervenção de Macbeth se tivesse sido feita agora? Duff afagou a face com os dedos compridos, ao longo da cicatriz em diagonal. Sweno estava ali agora e Macbeth e a equipa da Força de Intervenção estavam a dormir nas suas camas.

Macbeth bocejou, deitado de costas. Escutou a chuva a cair ruidosamente. Sentiu-se rígido e voltou-se de lado.

Um homem de cabelo branco levantou a lona e esgueirou-se lá para

dentro. Sentou-se a tremer e a praguejar na escuridão.

— Molhado, Banquo? — perguntou Macbeth, pousando as mãos na cobertura rugosa do telhado por baixo dele.

— É um lixanço para um velho cheio de gota como eu ter de viver neste buraco merdoso de cidade. Devia agarrar na minha pensão e mudar-me para o campo. Arranjar uma casinha em Fife ou nas cercanias, sentar-me numa varanda onde o sol brilha, as abelhas zunem e os pássaros cantam.

— Em vez de estares num telhado num porto de contentores a meio da noite? Deves estar a brincar.

Riram-se baixinho.

Banquo acendeu uma lanterna com forma de caneta.

— Era isto que te queria mostrar.

Macbeth agarrou na lanterna e iluminou o desenho que Banquo lhe entregou.

— Aí tens a tua arma *Gatling*. Uma peça linda, não é?

— O problema não é a aparência, Banquo.

— Então, mostra-a ao Duncan. Explica-lhe que a Força de Intervenção precisa dela. E agora!

Macbeth soltou um suspiro.

— Ele não a quer.

— Diz-lhe que vamos perder sempre enquanto o Hécate e os Norse Riders tiverem armamento melhor do que o nosso. Explica-lhe aquilo que uma *Gatling* pode fazer. Explica-lhe o que *duas* podem fazer!

— O Duncan não vai concordar com nenhuma escalada de armas, Banquo. E eu acho que ele tem razão. Desde que é comissário, tem havido menos incidentes com tiros.

— Esta cidade continua a ser despovoada pelo crime.

— É um começo. O Duncan tem um plano. E quer fazer o que é correto.

— Sim, sim, não discordo. O Duncan é um bom homem — resmungou

Banquo. — Mas ingénuo. E com esta arma podíamos limpar tudo e…

Foram interrompidos por uma pancadinha na lona.

— Começaram a descarregar, inspetor.

Um leve ceceio. Era Olafson, o atirador especial mais jovem e mais recente da equipa da Força de Intervenção. Contando com Angus, outro membro igualmente jovem, estavam presentes apenas quatro agentes, mas Macbeth sabia que todos os vinte e cinco membros da Força de Intervenção teriam acedido sem a menor hesitação a ficarem ali sentados a congelar.

Macbeth apagou a lanterna, devolveu-a a Banquo e enfiou o desenho dentro do casaco de couro da Força de Intervenção. Depois, afastou a lona e rastejou até à beira do telhado.

Banquo rastejou até junto dele.

À frente deles, à luz dos projetores que incidiam no convés do MS *Leningrad*, pairava um camião militar verde que parecia pré-histórico.

— Um *ZIS-5* — sussurrou Banquo.

— Da guerra?

— Sim. O S é de *Stalin*. Que achas?

— Acho que os Norse Riders têm mais homens do que o Duff estava à espera. É óbvio que o Sweno está preocupado.

— Achas que ele desconfia de que a polícia foi avisada?

— Não teria vindo se desconfiasse. Tem medo do Hécate. Sabe que o Hécate tem orelhas e olhos maiores do que nós.

— Então que fazemos?

— Observamos e esperamos. O Duff é capaz de conseguir resolver isto sozinho. Nesse caso, não avançamos.

— Queres dizer que arrastámos estes miúdos até aqui, a meio da noite, para ficarem sentados a *observar*?

Macbeth soltou uma risadinha.

— Era voluntário e eu disse claramente que podia ser um bocado chato.

Banquo abanou a cabeça.

— Tens demasiado tempo livre, Macbeth. Devias arranjar uma família.

Macbeth levantou as mãos. O sorriso iluminou-lhe a barba na cara larga e escura.

— Tu e os rapazes são a minha família, Banquo. De que mais preciso?

Olafson e Angus soltaram umas risadinhas felizes atrás deles.

— Quando é que este rapaz vai crescer? — resmungou Banquo, desesperado, limpando a água da mira da espingarda *Remington 700*.

Bonus tinha a cidade aos seus pés. A vidraça à frente dele ia do chão ao teto e, sem a coberta baixa de nuvens, teria tido uma vista de toda a cidade. Ergueu o copo de champanhe e um dos dois jovens com calças de equitação e luvas correu para o voltar a encher. Devia beber menos e sabia-o. O champanhe era caro, mas não era ele quem pagava. O médico tinha-lhe dito que um homem da idade dele devia começar a pensar no estilo de vida que levava. Mas era tão bom. Sim, era tão simples como isso. Era tão bom. Tal como as ostras e os lagostins do rio. A cadeira funda e confortável. E os rapazinhos. Não é que tivesse acesso a eles. Mas, por outro lado, não tinha pedido.

Tinham-no ido buscar à receção no Obelisco e levaram-no para a *penthouse* no último andar com vista para o porto, de um dos lados, e para a estação central, a Workers' Square e o Casino Inverness, do outro. Bonus tinha sido recebido pelo grande homem com as bochechas suaves, o sorriso amistoso, o cabelo escuro e ondulado e os olhos frios. O homem chamado Hécate. Ou a Mão Invisível. Invisível porque muito poucas pessoas o tinham visto. A Mão porque, ao longo dos últimos dez anos, a maior parte das pessoas da cidade tinha sido afetada de uma maneira ou de outra pelas atividades dele. Isto é, pelo produto dele. Uma droga sintética que ele próprio produzia e a que chamavam «poção». E que, segundo os cálculos por alto de

Bonus, tinha feito de Hécate um dos quatro homens mais ricos da cidade.

Hécate afastou-se do telescópio num suporte ao pé da janela.

— É difícil ver bem com esta chuva — disse ele, puxando os suspensórios das calças de montar e tirando um cachimbo do casaco de *tweed* pendurado nas costas da cadeira.

Se tivesse sabido que eles iriam aparecer como um grupo de caçadores ingleses, teria escolhido uma coisa diferente do aborrecido fato de todos os dias, pensou Bonus.

— Mas o guindaste está a trabalhar, o que quer dizer que estão a descarregar. Estão a alimentar-te como deve ser, Bonus?

— Uma comida excelente — respondeu Bonus, bebericando o champanhe. — Mas tenho de confessar que não sei ao certo o que estamos a comemorar. E porque tenho direito a estar aqui,

Hécate soltou uma gargalhada e levantou a bengala, apontando-a para a janela.

— Estamos a comemorar a vista, minha patruçazinha. Enquanto peixe do leito do mar, só viste a barriga do mundo.

Bonus sorriu. Nunca lhe teria ocorrido protestar com a forma como Hécate se lhe dirigia. O grande homem tinha muito poder para fazer boas coisas por ele. E menos boas, também.

— O mundo é mais bonito visto daqui — continuou Hécate. — Não é mais real, mas mais bonito. E, além disso, estamos a comemorar isto, claro. — A bengala apontou para o porto.

— E isto é?

— O maior carregamento de droga que alguma vez aqui entrou, caro Bonus. Quatro toneladas e meia de anfetaminas puras. O Sweno investiu tudo o que o clube tem e ainda mais. O que estás a ver ali em baixo é um homem que pôs todos os ovos num único cesto.

— Porque iria ele fazer isso?

— Porque está desesperado, claro. Percebe bem que o medíocre produto turco dos Riders não tem a classe da minha poção. Mas uma tal quantidade de *speed* de qualidade dos soviéticos, com desconto de quantidade e preços de transporte reduzidos, vai torná-la competitiva no preço e na qualidade por quilo. — Hécate apoiou a bengala na carpete espessa e acariciou o punho dourado. — Bem calculado pelo Sweno e se ele for bem-sucedido, é o suficiente para perturbar o equilíbrio do poder nesta cidade. Por isso, uma saúde ao nosso digno competidor.

Ergueu o copo e Bonus imitou-o obedientemente. Mas quando Hécate estava prestes a levar o dele aos lábios, observou-o atentamente e entregou-o a um dos rapazes, que o limpou imediatamente com a luva.

— Infelizmente para o Sweno — continuou Hécate —, é difícil conseguir uma encomenda tão grande de uma fonte nova sem que alguém na mesma linha de negócio descubra. E, infelizmente, parece que este «alguém» é capaz de ter passado à polícia uma dica anónima, embora de confiança, relativa à localização e à hora.

— Como o senhor?

Hécate sorriu afetadamente. Agarrou no copo, voltou o rabo amplo para Bonus e inclinou-se sobre o telescópio.

— Estão a baixar o camião.

Bonus levantou-se e encaminhou-se para a janela.

— Diga-me, porque não lançou um ataque contra o Sweno em vez de ficar a assistir das linhas laterais? Ter-se-ia livrado do seu único competidor e adquiria quatro toneladas e meia de anfetaminas de boa qualidade de uma cajadada. E poderia tê-la vendido nas ruas por quantos milhões?

Hécate bebeu um gole do copo sem levantar o olho do telescópio.

— *Krug* — disse ele. — Dizem que é o melhor champanhe. Por isso, é o único que bebo. Mas quem sabe? Se me tivessem servido outra coisa qualquer, podia ter-lhe ganhado o gosto e trocado de marca.

— Não quer que o mercado prove nada a não ser a sua poção?

— A minha religião é o capitalismo e o mercado livre o meu credo. Mas toda a gente tem o direito de seguir a sua natureza e lutar por um monopólio e pelo domínio do mundo. E o dever da sociedade é opor-se a nós. Estamos apenas a representar os nossos papéis, Bonus.

— Ámen.

— Chiu! Agora estão a entregar o dinheiro — Hécate esfregou as mãos. — Hora do espetáculo…

Duff estava junto da porta da frente com os dedos à volta do puxador, a ouvir a própria respiração enquanto tentava estabelecer contacto com os olhos dos seus homens. Estes estavam parados em fila nas escadas estreitas atrás dele. Ocupados com os seus pensamentos. A soltarem a lingueta de segurança. Uma última palavra de aviso ao homem ao pé deles. Uma última oração.

— A mala foi entregue — gritou Seyton do primeiro andar.

— Agora! — gritou Duff, abrindo a porta violentamente e colando-se à parede. Os homens passaram por ele rapidamente, entrando na escuridão. Duff seguiu-os. Sentiu a chuva na cabeça. Viu figuras a mexerem-se. Viu um par de motorizadas que tinham sido abandonadas. Levou o megafone à boca.

— Polícia! Fiquem onde estão com as mãos no ar! Repito, é a polícia. Fiquem onde…

O primeiro tiro estilhaçou o vidro da porta atrás dele, o segundo apanhou-lhe a parte de dentro da perna das calças. Depois ouviu um barulho igual ao do dos filhos a fazerem pipocas num sábado à noite. Armas automáticas. Porra.

— Disparem! — gritou Duff, atirando com o megafone para o chão.

Atirou-se de barriga para o chão, tentou levantar a arma à frente dele e apercebeu-se de que tinha aterrado numa poça de água.

— Não! — sussurrou uma voz atrás dele.

Duff olhou para cima. Era Seyton. Estava parado com a arma pendurada ao lado do corpo. Estaria a sabotar a missão? Estaria a…?

— Têm o Sivart — sussurrou Seyton.

Duff pestanejou para afastar a água suja dos olhos e continuou a olhar, com um Norse Rider na mira. Mas o homem estava calmamente sentado na mota com a arma apontada para eles, sem disparar. Que raio se estava a passar?

— Não mexam nem um dedo e tudo correrá bem.

A voz profunda veio do exterior do círculo de luz e não precisava de megafone. Primeiro que tudo, Duff viu a *Indian Chief* abandonada. Depois viu duas figuras na escuridão a fundirem-se numa. Os chifres saíam do capacete da mais alta das duas. A figura que estava segura à frente era uma cabeça mais baixa do que a outra. E as probabilidades eram que ficasse outra cabeça mais baixa. A lâmina do sabre refulgiu quando Sweno a encostou à garganta do jovem Sivart.

— O que vai acontecer agora… — a voz de baixo de Sweno ribombou pela abertura da viseira — … é que vamos pegar nas nossas coisas e nos vamos embora. Calma e ordeiramente. Dois dos meus homens vão ficar para garantirem que nenhum de vocês faz qualquer coisa estúpida. Como tentar seguir-nos. Compreendido?

Duff arqueou as costas, preparando-se para se levantar.

— Se fosse a ti, continuava na poça, Duff — sussurrou Seyton. — Já lixaste isto o suficiente.

Duff inspirou fundo. Expirou lentamente. Inspirou outra vez. Merda, merda, merda!

— Então? — perguntou Banquo, focando os binóculos nos protagonistas no cais.

— Parece que afinal vamos ter de ativar os jovens — respondeu Macbeth. — Mas não já. Vamos deixar que o Sweno e os seus homens abandonem a cena primeiro.

— O quê? Vamos deixá-los escapar com o camião e o carregamento das drogas?

— Não disse isso, caro Banquo. Mas se começarmos qualquer coisa agora, vamos ter um banho de sangue ali em baixo. Angus?

— Inspetor? — veio a resposta rápida do rapaz com os olhos de um azul profundo e o cabelo louro comprido, que muito provavelmente não teria sido autorizado por nenhum chefe de equipa a não ser Macbeth.

Tinha as emoções estampadas na cara franca. Angus e Olafson tinham recebido a formação necessária, agora apenas precisavam de mais experiência. Angus precisava especialmente de se tornar mais duro. Durante a entrevista para o emprego, Angus tinha explicado que desistira da formação para se tornar padre, mas descobrira que deus não existia; as pessoas só se podiam salvar a si próprias e umas às outras, por isso queria ser polícia. Isso tinha chegado para Macbeth; gostou da atitude destemida, do rapaz a enfrentar as consequências das suas crenças. Mas Angus também precisava de aprender a dominar os seus sentimentos e de compreender que na Força de Intervenção se tornavam homens de ação práticos, o braço comprido e duro da lei. Outros podiam dedicar-se à reflexão.

— Sai pelas traseiras, vai buscar o carro e espera à porta.

— Certo — respondeu Angus, levantando-se e desaparecendo.

— Olafson?

— Sim?

Macbeth olhou para ele. O queixo constantemente frouxo, o ceceio, os olhos semicerrados e as notas na academia da polícia tinham levado a que quando Olafson fora ter com Macbeth, implorando que o destacassem para a Força de Intervenção, este tivera algumas dúvidas. Mas o rapaz *quisera* a

transferência e Macbeth tinha resolvido dar-lhe uma oportunidade, tal como lhe haviam dado a ele. Macbeth precisava de um atirador de elite e ainda que Olafson não fosse espetacularmente dotado para assuntos teóricos, era um atirador talentoso.

— No último teste de tiro, bateste o recorde de vinte e cinco anos detido ali por aquele. — Macbeth indicou Banquo com a cabeça. — Parabéns, é uma grande proeza. Sabes o que isso significa neste preciso momento?

— Eh… não, senhor inspetor.

— Ótimo, porque não significa absolutamente nada. O que tens de fazer é observar e escutar o inspetor Banquo e aprender. Não vais salvar o dia hoje. Isso fica para mais tarde. Compreendido?

O queixo frouxo e o lábio inferior de Olafson estavam a mexer-se, mas eram claramente incapazes de produzir um som, por isso ele limitou-se a assentir com a cabeça.

Macbeth pousou uma mão no ombro do jovem.

— Um bocadinho nervoso?

— Um bocadinho, inspetor.

— É normal. Tenta descontrair. E mais uma coisa, Olafson.

— Sim?

— Não faças asneira.

— Que se está a passar? — perguntou Bonus.

— Sei o que vai acontecer — respondeu Hécate, endireitando as costas e afastando o telescópio do cais. — Por isso, não preciso disto.

Sentou-se ao lado de Bonus. Bonus tinha reparado que ele fazia isso com frequência. Sentar-se ao nosso lado em vez de à frente. Como se não gostasse que o olhassem nos olhos.

— Apanharam o Sweno e as anfetaminas?

— Pelo contrário. O Sweno apanhou um dos homens do Duff.

— O quê? E não está preocupado?

— Nunca aposto só num cavalo, Bonus. E estou mais preocupado com o panorama geral. O que pensas do comissário-chefe Duncan?

— A promessa dele de que o irá prender?

— Isso não me interessa nada, mas ele afastou muitos dos meus antigos associados na polícia e isso já criou problemas nos mercados. Vá lá, és um bom avaliador de caracteres. Já o viste, já o ouviste. É tão incorruptível como dizem?

Bonus encolheu os ombros.

— Toda a gente tem um preço.

— Tens razão nisso, mas o preço não é sempre dinheiro. Nem toda a gente é tão simples como tu.

Bonus ignorou o insulto, não o interpretando como tal.

— Para saber como o Duncan pode ser subornado, é preciso saber o que ele quer.

— O Duncan quer servir a manada — disse Hécate. — Ganhar o amor da cidade. Ter uma estátua erigida a si sem ter sido ele próprio a mandá-la construir.

— Complicado. É mais fácil subornar canalhas gananciosos como nós do que pilares da sociedade como o Duncan.

— Tens razão no que respeita ao suborno — respondeu Hécate. — E não tens no que respeita aos pilares da sociedade e aos canalhas.

— Então?

— O fundamento do capitalismo, caro Bonus. A tentativa do indivíduo para enriquecer enriquece a manada. É pura e simples mecânica e acontece sem darmos por isso. Tu e eu somos pilares da sociedade, não idealistas iludidos, como o Duncan.

— Acha?

— O filósofo moral Adam Hand achava.

— Produzir e vender drogas serve a sociedade?

— Todas as pessoas que satisfazem uma procura ajudam a construir a sociedade. As pessoas como o Duncan, que querem regular e limitar, são antinaturais e, em última análise, prejudiciais para todos nós. Portanto, como, para o bem da cidade, se pode tornar o Duncan inofensivo? Qual é a sua fraqueza? Que podemos usar? Sexo, droga, segredos de família?

— Agradeço a sua confiança, Hécate, mas realmente não sei.

— É pena — disse Hécate, batendo levemente com a bengala na carpete enquanto observava um dos rapazes a tirar o arame da rolha de uma garrafa de champanhe nova. — Estás a ver, começo a desconfiar que o Duncan só tem um ponto fraco.

— Qual?

— A duração da vida dele.

Bonus encolheu-se na cadeira.

— Espero sinceramente que não me tenha convidado para cá vir para me pedir que…

— De maneira nenhuma, minha querida patruçazinha. Vais poder continuar a ficar deitada e sossegadinha na lama.

Bonus soltou um suspiro de alívio enquanto observava o rapaz a lutar com a rolha.

— Mas — continuou Hécate —, tens os dons da crueldade, da deslealdade e da influência que te dão poder sobre as pessoas sobre quem preciso de ter poder. Espero que possa contar contigo quando precisar de ajuda. Espero que possas ser a minha mão invisível.

Ouviu-se um estrondo violento.

— Já está!

Bonus soltou uma gargalhada, dando uma palmada nas costas do rapaz enquanto este tentava apanhar o máximo possível do champanhe que corria livremente nos copos.

Duff estava deitado, imóvel, no asfalto. Ao lado dele, os seus homens estavam de pé, igualmente imóveis, a observarem os Norse Riders, a menos de dez metros de distância, a preparem-se para se irem embora. Sivart e Sweno estavam parados na escuridão, fora do cone de luz, mas Duff conseguia ver o corpo do jovem agente a tremer e a lâmina do sabre de Sweno, que estava apoiada na garganta de Sivart. Duff conseguia perceber que a mais pequena pressão ou movimento furaria a pele, a artéria e esvairia o sangue do homem em segundos. E Duff conseguia sentir o seu próprio pânico ao pensar nas consequências. Não só as consequências de ter o sangue de um dos seus homens nas mãos e nos registos, mas as consequências das suas ações orquestradas em privado falharem de forma miserável precisamente quando o comissário-chefe estava prestes a nomear um chefe do Departamento do Crime Organizado. Sweno fez sinal a um dos Norse Riders, que desmontou da motorizada e, pondo-se atrás de Sivart, lhe apontou uma arma à cabeça. Sweno baixou a viseira, avançou para a luz, falou com o homem com as divisas de sargento no casaco de couro, subiu para a motorizada, fez uma continência levando dois dedos ao capacete e desceu o cais. Duff teve de se conter para não lhe dar um tiro. O sargento deu algumas ordens e, um segundo depois, as motorizadas desapareceram ruidosamente na noite. Ficaram apenas duas motorizadas vazias depois de as outras terem seguido Sweno e o sargento.

Duff disse a si próprio para não ceder ao pânico, disse a si próprio para pensar. Respirar, pensar. Quatro homens com as insígnias dos Norse Riders tinham ficado no cais. Um estava atrás de Sivart, nas sombras. Outro estava sob a luz, mantendo o polícia na mira com uma espingarda automática, uma *AK-47*. Dois homens, presumivelmente os que vinham atrás nas motos, entraram no camião. Duff ouviu o guincho contínuo e tenso quando a chave da ignição foi girada e, durante um segundo, teve a esperança de que o velho monstro de ferro não pegasse. Praguejou quando o primeiro rugido baixo se

transformou numa barulheira alta e constante. O camião seguiu.

— Vamos dar-lhes dez minutos — gritou o homem com a *AK-47*. — Entretanto, pensem em qualquer coisa agradável.

Duff olhou para as luzes das traseiras do camião a afastarem-se lentamente na escuridão. Qualquer coisa agradável? Umas meras quatro toneladas e meia de drogas a afastarem-se dele, juntamente com o que teria sido a maior detenção em massa deste lado da guerra. Não ajudava *saberem* que Sweno e a sua gente tinham estado ali, mesmo à frente deles, se não pudessem dizer ao juiz e ao júri que tinham *visto* as caras deles e não apenas catorze capacetes merdosos. Qualquer coisa *agradável*? Duff fechou os olhos.

Sweno.

Tivera-o na palma da mão. Merda, merda, merda!

Duff escutou atentamente. Escutou à procura de ouvir alguma coisa, *qualquer coisa*. Mas a única coisa que se conseguia ouvir era o sussurro sem significado da chuva.

— O Banquo tem o tipo que está a segurar o rapaz na mira — disse Macbeth. — Tens o outro, Olafson?

— Tenho sim, inspetor.

— Têm de disparar ao mesmo tempo, *okay*? Disparem quando eu contar até três. Banquo?

— Preciso de mais luz no alvo. Ou olhos mais novos. Assim, posso atingir o rapaz.

— O meu alvo tem muita luz — sussurrou Olafson. — Podemos trocar.

— Se falharmos e o nosso rapaz morrer, preferíamos que fosse o Banquo a falhar. Banquo, qual achas que é a velocidade máxima de um camião *Stalin* completamente carregado?

— Hum… Talvez sessenta.

— Ótimo, mas estamos a ficar sem tempo para conseguirmos todos os nossos objetivos. Por isso, é melhor fazermos uma improvisaçãozinha.

— Vais experimentar os teus punhais? — perguntou Banquo a Macbeth.

— A esta distância? Obrigado pela confiança. Não, vais ver em breve, meu velho. *Ver*, mesmo.

Banquo levantou os olhos dos binóculos e viu que Macbeth se levantara e agarrara o poste a que o candeeiro do telhado estava preso. As veias no pescoço forte de Macbeth estavam saídas e os dentes brilhavam numa careta ou num sorriso, Banquo não conseguia decidir qual. O poste estava aparafusado para aguentar os fortes ventos do oeste que sopravam durante oito dos doze meses do ano, mas Banquo já tinha visto Macbeth arrancar carros de montes de neve.

— Três — resmungou Macbeth.

Os primeiros parafusos saltaram dos encaixes.

— Dois.

O poste soltou-se e, com um sacão, arrancou o cabo da parede em baixo.

— Um.

Macbeth apontou a luz para a escada do portaló.

— Agora.

Pareceram duas chicotadas. Duff abriu os olhos a tempo de ver o homem com a arma automática tombar para a frente e cair, batendo primeiro com o capacete no chão. No sítio onde Sivart estava parado já havia luz e Duff conseguiu vê-lo claramente e também o homem atrás dele. Já não estava a apontar uma arma à cabeça de Sivart e sim a apoiar o queixo no ombro de Sivart. E com a luz, Duff também via o buraco na viseira. Depois, como uma alforreca, escorregou pelas costas de Sivart até ao chão.

Duff virou-se.

— Aqui em cima, Duff!

Protegeu os olhos com a mão. O ribombar de uma grande gargalhada

ressoou por trás da luz ofuscante e a sombra de um homem gigantesco projetou-se no cais.

Mas a gargalhada bastou.

Era Macbeth. Claro que era Macbeth.

DOIS

Uma gaivota voou por cima de Fife através do silêncio e do luar, sob um céu noturno, limpo de nuvens. Lá em baixo, o rio cintilava como prata. A ocidente do rio — como uma imensa muralha de uma fortaleza — uma montanha negra e escarpada erguia-se para o céu. Outrora, uma ordem monástica tinha erguido uma cruz enorme, praticamente no topo, mas, como fora colocada no lado de Fife, a silhueta parecia estar de pernas para o ar para os residentes da cidade. Do lado da montanha — como uma ponte levadiça sobre o fosso da fortaleza — projetava-se uma impressionante ponte de ferro. Trezentos e sessenta metros de comprimento e noventa metros de altura no ponto mais alto. A Ponte Kenneth, ou ponte nova, como a maior parte das pessoas lhe chamava. A ponte velha era, por comparação, uma construção muito mais modesta, mas esteticamente mais apelativa, mais a jusante do rio, e implicava um desvio. No meio da ponte nova, agigantava-se um desagradável monumento de mármore com a forma de um homem que representava o antigo comissário-chefe Kenneth, que o tinha mandado erigir. A estátua ficava dentro da fronteira da cidade por um centímetro, uma vez que nenhum outro condado quis dar de graça um centímetro de terra à reputação póstuma do tratante. Embora o escultor tivesse obedecido à ordem de Kenneth para enfatizar o seu estatuto visionário ao criar a pose característica de alguém a perscrutar o horizonte, nem o mais benevolente dos artistas se poderia ter abstido de chamar a atenção para a área invulgarmente

volumosa do pescoço e do queixo do comissário-chefe.

A gaivota bateu as asas para ganhar altura, à espera de encontrar pesca melhor na costa do outro lado da montanha, ainda que isso significasse atravessar para outro clima. Do bom para o mau. Para aqueles que queriam viajar de carro da mesma maneira, havia um estreito buraco negro com dois quilómetros de comprimento que atravessava a montanha a partir da ponte nova. Uma montanha e uma divisória que muitos pareciam apreciar — os condados vizinhos referiam-se ao túnel como um reto com um orifício anal em cada extremidade. E, de facto, quando a gaivota passou o pico da montanha foi como voar de um mundo de harmonia calma para um aguaceiro imundo e gelado que caía na cidade malcheirosa lá em baixo. Como se quisesse mostrar o seu desprezo, a gaivota cagou e depois continuou a avançar às guinadas por entre as rajadas de vento.

A cagadela da gaivota atingiu o telhado de um abrigo, por baixo do qual um rapaz macilento e trémulo se arrastou para um banco. Embora o letreiro ao lado do abrigo indicasse que era uma paragem de autocarro, o rapaz não tinha a certeza. Tantas carreiras de autocarro tinham sido desativadas nos últimos anos. Por causa do decréscimo da população, disse o presidente da câmara, o imbecil. Mas o rapaz tinha de chegar à estação central para arranjar poção; a droga que comprara a uns motoqueiros era treta, açúcar glacê e farinha de batata em vez de anfetaminas.

O alcatrão molhado e oleoso brilhava sob a luz dos poucos candeeiros de rua que ainda funcionavam e a chuva formava poças na estrada esburacada que saía da cidade. Tinha estado tudo calmo, sem se ver um único carro, só a chuva. Mas agora ouvia um barulho que parecia um gorgolejar surdo.

Levantou a cabeça. Puxou o fio da venda que lhe escorregara da cavidade ocular vazia e agora cobria o olho que lhe restava. Talvez conseguisse arranjar uma boleia para o centro?

Mas não, o barulho vinha da direção errada.

Voltou a puxar os joelhos contra o corpo.

O gorgolejar transformou-se num rugido. Não conseguiu dar-se ao trabalho de se mexer, além disso, já estava encharcado, por isso, limitou-se a cobrir a cabeça com os braços. O camião passou, mandando uma cascata de água imunda para dentro do abrigo.

Ficou ali deitado a pensar na vida até perceber que era mais sensato não o fazer.

O barulho de outro veículo. Seria desta?

Levantou-se com esforço e olhou para fora. Mas não, também vinha da cidade. Também a grande velocidade. Olhou fixamente para as luzes que se aproximavam. E ocorreu-lhe o pensamento: um passo para a estrada e todos os seus problemas ficavam resolvidos.

A carrinha passou por ele sem passar por nenhum dos buracos. *Ford Transit* preta. Chuis, três. Porreiro. Não queres uma boleia deles.

— Ali está ele, à nossa frente — disse Banquo. — Carrega no acelerador, Angus!

— Como sabe que são eles? — perguntou Olafson, inclinando-se para a frente, entre os bancos da frente da carrinha da Força de Intervenção.

— Fumo de *diesel* — respondeu Banquo. — Meu Deus, não admira que haja uma crise de petróleo na Rússia. Põe-te atrás deles para que nos consigam ver no retrovisor, Angus.

Angus manteve a velocidade até chegar ao tubo de escape preto. Banquo baixou a janela e firmou a espingarda no espelho retrovisor exterior.

— E agora põe-te ao lado, Angus!

Angus desviou-se para o lado e acelerou. A *Ford Transit* pôs-se ao lado do camião resfolegante e resmungão.

Uma baforada de fumo saiu da janela do camião. O espelho por baixo do cano da espingarda de Banquo partiu-se com um estalido.

— Sim, já nos viram — disse Banquo. — Volta para trás deles.

A chuva parou repentinamente e tudo à volta deles ficou ainda mais escuro. Tinham entrado no túnel. O alcatrão e as paredes negras pareciam engolir as luzes dos faróis; tudo o que conseguiam ver eram as luzes de trás do camião.

— Que vamos fazer? — perguntou Angus. — A ponte fica do outro lado e se eles passarem o meio…

— Eu sei — respondeu Banquo, erguendo a espingarda.

A cidade parava na estátua, a área de jurisdição deles parava, a perseguição parava. Claro que em teoria podiam continuar, já tinha acontecido antes: polícias entusiastas, mas raramente da Unidade de Narcóticos, prenderam contrabandistas no lado errado da fronteira. E de todas as vezes, os casos haviam sido rejeitados pelos tribunais e tiveram de enfrentar reprimendas por erros grosseiros de avaliação no desempenho dos seus deveres. A *Remington 700* de Banquo deu um coice.

— Em cheio — disse ele.

O camião começou a guinar de um lado para o outro no túnel; pedaços de borracha saltaram da roda das traseiras.

— Agora vais sentir o que é *realmente* um volante pesado — disse Banquo, apontando para a outra roda traseira. — Um bocadinho mais de distância, Angus, para o caso de eles irem chocar diretamente com a parede do túnel.

— Banquo! — exclamou uma voz do banco de trás.

— Olafson? — disse Banquo, carregando lentamente no gatilho.

— Vem aí um carro.

— Ups!

Banquo desencostou a bochecha da espingarda quando Angus travou.

À frente deles, o *ZIS-5* guinou de um lado para o outro, mostrando e ocultando alternadamente os faróis do carro que se aproximava. Banquo

ouviu a buzina, o buzinar desesperado de um sedã que via um camião a avançar velozmente para ele e que sabia que era demasiado tarde para fazer alguma coisa.

— Meu Deus… — disse Olafson num sussurro ciciado.

O barulho da buzina cresceu em volume e frequência.

Depois um relâmpago de luz.

Banquo olhou automaticamente para o lado.

Teve um vislumbre do banco de trás do carro, a bochecha de uma criança a dormir, encostada à janela.

Depois desapareceu e o som a esmorecer da buzina pareceu o grunhido desapontado de espectadores enganados.

— Mais depressa! — exclamou Banquo. — Estamos quase a chegar à ponte.

Angus carregou no acelerador e voltaram à nuvem de fumo do escape.

— Firme — disse Banquo enquanto fazia pontaria. — Firme…

Nesse momento, a lona da traseira do camião foi puxada para o lado e os faróis da *Ford Transit* iluminaram uma zona de carga cheia de sacos de plástico com uma substância branca. A janela na parte de trás da cabina do condutor tinha sido estilhaçada. E do cimo de um intervalo entre os sacos de um quilo, apareceu uma espingarda apontada.

— Angus…

Uma curta explosão. Banquo apercebeu-se do clarão da boca de uma arma, depois o para-brisas ficou branco e caiu em cima deles.

— Angus!

Angus tinha percebido e virou rapidamente o volante para a direita. E depois para a esquerda. Os pneus guincharam e as balas zumbiram enquanto a boca da arma cuspia fogo tentando acompanhar as manobras deles.

— Meu Deus! — guinchou Banquo, disparando para o outro pneu, mas a bala apenas fez faíscas no guarda-lamas.

E de repente, a chuva estava de volta. Estavam na ponte.

— Acerta-lhe com a caçadeira, Olafson! — gritou Banquo. — Agora!

A chuva caía intensamente pelo buraco onde tinha estado o para-brisas e Banquo moveu-se para que Olafson pudesse apoiar a caçadeira de dois canos na parte de trás do assento dele. A arma sobressaiu por cima do ombro de Banquo, mas voltou a desaparecer quando se ouviu o barulho de uma pancada como a de um martelo a bater em carne. Banquo voltou-se para onde Olafson estava sentado, dobrado, com a cabeça inclinada para a frente e um buraco no casaco à altura do peito. Uma nuvem de enchimento cinzento do estofo soltou-se quando a bala seguinte atravessou o banco de Banquo e se enfiou no assento ao lado de Olafson. O tipo do camião estava a aperfeiçoar-se. Banquo tirou a caçadeira das mãos de Olafson e, num movimento rápido, girou-a para a frente e disparou. Houve uma explosão nas traseiras do camião. Banquo largou a caçadeira e ergueu a espingarda. Era impossível para o tipo no camião ver através da espessa nuvem branca de pó, mas da escuridão ergueu-se a estátua de mármore branco de Kenneth, profusamente iluminada, como uma aparição indesejável. Banquo fez pontaria à roda das traseiras e apertou o gatilho. Em cheio.

O camião desviou-se violentamente de um lado para o outro, uma roda da frente subiu o passeio, uma roda de trás bateu na berma e o lado do *ZIS-5* embateu na vedação de aço reforçado. O grito do metal forçado ao longo de metal afogou o barulho dos motores. Mas, inacreditavelmente, o condutor da frente conseguiu levar outra vez o camião pesado para a estrada.

— Não atravesses o raio da fronteira, por favor! — gritou Banquo.

Os últimos restos de borracha tinham sido arrancados das jantes das traseiras do camião e um jorro de faíscas recortou-se no céu noturno. O *ZIS-5* derrapou, o condutor tentou desesperadamente dominá-lo, mas desta vez não teve hipótese nenhuma. O camião atravessou-se na estrada e deslizou ao longo do alcatrão. Estava praticamente na fronteira, quando as rodas

ganharam tração novamente e o levaram para fora da estrada. Doze toneladas de maquinaria militar soviética atingiram o comissário-chefe Kenneth mesmo por baixo do cinto, arrancaram-no do pedestal e arrastaram a estátua mais uns dez metros ao longo da vedação de aço antes de saltarem borda fora. Angus tinha conseguido parar a *Ford Transit* e, no silêncio repentino, Banquo viu Kenneth a cair pelo luar e rodar lentamente em volta do próprio queixo. Atrás dele, veio o *ZIS-5*, primeiro o capô, com uma cauda de pó branco como o raio de um cometa de anfetaminas.

— Meu Deus… — sussurrou o polícia.

Pareceu uma eternidade até tudo atingir a água e colori-la de branco por breves instantes, e o barulho chegou a Banquo com um ligeiro atraso.

Depois, voltou o silêncio.

Sean bateu com os pés no chão no exterior do clube, a olhar para fora através do portão. Coçou a tatuagem *NORSE RIDER ATÉ MORRER* que tinha na testa. Nunca se sentira tão nervoso desde que estivera na sala de partos. Não era mesmo típico que ele e Colin tirassem a palhinha mais curta e tivessem de ficar de guarda na noite em que a excitação estava nos píncaros? E também não tinham recebido autorização para ir buscar a droga nem ir à festa.

— A patroa quer dar o meu nome ao miúdo — disse Sean, principalmente para si mesmo.

— Parabéns — respondeu Colin num tom monótono, puxando o bigode de morsa, enquanto a chuva lhe escorria pela careca brilhante.

— Obrigado — disse Sean.

Na verdade, não quisera nenhuma das coisas. Uma tatuagem que o iria marcar para toda a vida e um miúdo que ele sabia que iria fazer precisamente a mesma coisa. Liberdade. Era essa a ideia de uma motorizada, não era? Mas o clube e depois Betty tinham-lhe mudado a noção de liberdade. Só podemos ser verdadeiramente livres quando pertencemos, quando sentimos uma

solidariedade real.

— Ali estão eles — disse Sean. — Parece que correu tudo bem, hem?

— Faltam dois tipos — respondeu Colin, cuspindo o cigarro para o chão e abrindo o portão com o arame farpado em cima.

A primeira motorizada parou ao lado deles. O baixo ribombou por trás do capacete com chifres.

— Fomos emboscados pelos chuis, por isso, os gémeos vão chegar um bocado mais tarde.

— Certo, patrão — disse Colin.

As motos rugiram pelo portão dentro, uma atrás da outra. Um dos tipos levantou o polegar. Ótimo, a droga estava a salvo, o clube estava a salvo. Sean respirou de alívio. As motas atravessaram o pátio, passando pela casa de madeira, tipo barracão, com o logótipo dos Norse Riders pintado na parede, e desapareceram dentro da garagem enorme. A mesa estava posta no barracão. Sweno tinha decidido que o negócio devia ser comemorado com uma grande farra. E passados alguns minutos, Sean ouviu a música a ser ligada lá dentro e os primeiros gritos dos festejos.

— Estamos ricos — comentou Sean com uma gargalhada. — Sabes para onde eles vão levar a droga?

Colin não disse nada, limitando-se a revirar os olhos.

Não sabia. Ninguém sabia. Só Sweno. E os que estavam no camião, claro. Era melhor assim.

— E aqui estão os gémeos — disse Sean voltando a abrir o portão.

As motorizadas subiam vagarosamente, quase com hesitação, a colina na direção deles.

— Olá, João, que aconte…? — começou Sean, mas as motos continuaram a avançar pelo portão.

Observou-os quando eles pararam no meio do pátio como se estivessem a pensar deixar as motos lá. Depois acotovelaram-se um ao outro, indicaram

com a cabeça a porta aberta da garagem e seguiram lá para dentro.

— Viste o capacete do João? — perguntou Sean. — Tinha um buraco.

Colin soltou um enorme suspiro.

— Não estou a brincar! — protestou Sean. — Mesmo no meio. Vou ver o que se passou realmente no cais.

— Ei, Sean…

Mas Sean já se fora embora, atravessando o pátio e entrando na garagem. Os gémeos tinham descido das motos. Estavam ambos parados, de costas para ele, ainda com os capacetes postos. Um dos gémeos ao pé da porta que dava diretamente para a sala de festas do clube entreabriu-a, como se não quisesse mostrar-se antes de ver como estava a festa. João, o melhor amigo de Sean, estava ao lado da mota. Tirara o carregador da feia *AK-47* e parecia que estava a contar as balas que lhe restavam. Sean deu-lhe uma palmada nas costas. Aquilo devia ter sido um enorme susto porque ele se virou furiosamente.

— Que aconteceu à tua viseira, João? Uma lasca de uma pedra, foi?

João não respondeu, parecendo estar ocupado a voltar a pôr o carregador na *AK-47*. Estava estranhamente desajeitado. A outra coisa estranha era que parecia… mais alto. Como se não fosse o João ali parado, mas…

— Porra! — gritou Sean, dando um passo atrás e levando a mão ao cinto.

Tinha percebido o que era o buraco na viseira e que não ia voltar a ver o seu melhor amigo. Sean puxou da arma, soltou a segurança e estava prestes a apontá-la ao homem ainda a debater-se com a *AK-47* quando qualquer coisa lhe bateu no ombro. Automaticamente, girou a arma na direção de onde tinha vindo a pancada. Mas não estava lá ninguém. Só o tipo com o casaco dos Norse Riders parado ao pé da porta. Nesse instante, a mão pareceu que se lhe atrofiava e Sean largou a arma no chão.

— Nem um pio — disse uma voz atrás dele.

Sean virou-se outra vez.

A *AK* estava apontada para ele e, no reflexo da viseira com o buraco, viu uma adaga espetada a sair-lhe do ombro.

Duff encostou o cano da *AK* à tatuagem da testa do tipo. Olhou para as feições feias e com uma expressão apatetada. O dedo apertou o gatilho, só um bocadinho… ouviu o silvo da própria respiração dentro do capacete e o coração bateu com força por baixo do casaco de couro algo apertado.

— Duff — disse Macbeth da porta para o clube. — Tem calma.

Duff apertou o gatilho mais um bocadinho.

— Para com isso — disse Macbeth. — É a nossa vez de usarmos um refém.

Duff soltou o gatilho.

A cara do homem estava branca como um lençol. Do medo ou da perda de sangue. Provavelmente, de ambas as coisas. A voz tremeu-lhe.

— Nós não poupamos…

Duff bateu-lhe na tatuagem com o cano da arma. Deixando uma risca que, durante um instante, brilhou como uma cópia da imagem de marca de Duff. Depois encheu-se de sangue.

— Cala-te, filho, e tudo correrá bem — disse Macbeth, que se lhes tinha juntado.

Agarrou no cabelo comprido do jovem, puxou-lhe a cabeça para trás e encostou-lhe a segunda adaga ao pescoço. Empurrou-o para a porta do clube.

— Pronto?

— Lembra-te de que o Sweno é meu — disse Duff, assegurando-se de que o carregador estava corretamente inserido na arma, e seguindo atrás de Macbeth e do Norse Rider.

Macbeth abriu a porta com um pontapé e entrou com o refém à frente e Duff colado aos calcanhares. Sorridentes e a falarem alto, os Norse Riders estavam sentados a uma mesa comprida na sala grande e aberta, mas já cheia

de fumo. Todos eles com as costas viradas para a parede, de frente para as três portas da sala. Provavelmente, uma regra do clube. Duff calculou que fossem vinte. A música estava muito alta. Os Stones. «Jumpin' Jack Flash.»

— Polícia! — gritou Duff. — Todos quietos ou o meu colega corta a garganta deste belo jovem.

O tempo pareceu parar abruptamente e Duff viu o homem no fim da mesa levantar a cabeça como se o estivesse a fazer em câmara lenta. Uma cara vermelha e porcina com narinas visíveis e tranças tão apertadas que repuxavam os olhos em duas fendas estreitas e cheias de ódio. Do canto da boca, pendia-lhe uma cigarrilha comprida e fina. Sweno.

— Não poupamos reféns — disse ele.

O jovem desmaiou e caiu.

Nos dois segundos seguintes, tudo na sala se imobilizou e a única coisa que se conseguia ouvir eram os Rolling Stones.

Até que Sweno deu uma passa na cigarrilha.

— Apanhem-nos! — disse ele.

Duff apercebeu-se de pelo menos três Norse Riders que reagiam ao mesmo tempo e puxou o gatilho da sua *AK-47*. Deixou-o lá ficar, espalhando uma chuva de bocados de chumbo com um diâmetro de 7,62 milímetros que destruíram garrafas, varreram a mesa, fustigaram a parede, rasgaram carne e pararam Mick Jagger entre dois *gas*. Ao lado dele, Macbeth puxou das duas *Glocks* que tirara dos corpos dos Norse Riders no cais. Juntamente com os casacos, capacetes e motorizadas. Nas mãos de Duff, a arma parecia-lhe quente e suave como uma mulher. A escuridão foi caindo gradualmente à medida que as lâmpadas eram estilhaçadas a tiro. E quando finalmente Duff largou o gatilho, havia pó e penas a pairarem no ar e um candeeiro oscilava para a frente e para trás no teto, lançando sombras que corriam apressadamente pelas paredes acima como fantasmas em fuga.

TRÊS

— Olhei em volta e, na semiescuridão, os tipos dos Norse Riders estavam espalhados pelo chão, de cara para baixo — contou Macbeth. — Sangue, vidros partidos e cartuchos vazios.

— Meu Deus! — gritou Angus arrastadamente, por cima do alarido do Bricklayers Arms, o sítio preferido da Força de Intervenção, por trás da estação central.

Os olhos azuis vidrados olharam para Macbeth com o que parecia ser adoração.

— Varreu-os da superfície da Terra! Santo Deus! Viva!

— Ora, ora, cuidado com a linguagem, meu futuro padre — ralhou Macbeth.

Mas, quando muitos dos dezoito agentes da Força de Intervenção presentes ergueram as canecas na sua direção, Macbeth acabou por sorrir, abanando a cabeça, e levantando também a caneca. Bebeu um grande trago e olhou para Olafson, que estava a segurar uma pesada caneca com o logo do Bricklayers Arms com a mão esquerda.

— Dói, Olafson?

— Está muito melhor por saber que um deles também tem um ombro dorido — ciciou Olafson, endireitando envergonhadamente a funda enquanto os outros rebentavam à gargalhada.

— Quem realmente pôs as coisas a andar foram aqui o Banquo e o

Olafson — disse Macbeth. — Eu estava só a segurar na luz como se fosse o raio de um assistente de fotógrafo destes dois artistas.

— Continue — pediu Angus. — O senhor e o Duff tinham todos os Norse Riders no chão. Que aconteceu depois? — perguntou ele atirando o cabelo louro para trás das orelhas.

Macbeth olhou para as caras expectantes à volta da mesa e trocou um olhar com Banquo antes de continuar.

— Alguns gritaram que se rendiam. A poeira assentou e a aparelhagem tinha sido desfeita a tiro, por isso, finalmente, estava tudo tranquilo, mas continuava escuro e a situação estava muito pouco clara. Eu e o Duff começámos a examiná-los da nossa extremidade da sala. Não havia mortos, mas uns quantos precisavam de cuidados médicos, por assim dizer. O Duff gritou que não conseguia encontrar o Sweno. — Macbeth passou um dedo pela condensação no exterior da caneca. — Vi uma porta atrás da ponta da mesa onde o Sweno tinha estado sentado. Nesse instante, ouvimos motorizadas a arrancar. Por isso, deixámos os outros e corremos para o pátio. E aí vimos três motorizadas a saírem pelo portão, uma delas era vermelha. A do Sweno. E o guarda, um tipo careca com bigode, saltou para a mota dele e seguiu-os. O Duff ficou furioso, queria ir atrás deles, mas eu disse que havia uns quantos tipos gravemente feridos lá dentro…

— Julgaste que isso iria parar o Duff? — sussurrou uma voz. — Filhos da mãe ali caídos, a esvaírem-se em sangue, quando ele podia apanhar o Sweno?

Macbeth virou-se. O dono da voz em questão estava sentado sozinho no reservado seguinte, a cara escondida na sombra por baixo do armário dos troféus do clube de dardos.

— Pensaste que o Duff se iria preocupar com as vidas de umas quantas pessoas vulgares quando havia uma proeza heroica à mão? — Uma caneca de cerveja ergueu-se nas sombras. — Afinal, há carreiras a ter em conta.

A mesa de Macbeth tinha ficado silenciosa.

Banquo tossiu.

— Diabos levem as carreiras! Nós, na Força de Intervenção, não deixamos simplesmente que pessoas indefesas morram, Seyton. Não sabemos o que vocês na Unidade de Narcóticos fazem.

Seyton inclinou-se para a frente e a luz incidiu-lhe na cara.

— Também nenhum de nós na Unidade de Narcóticos sabe exatamente o que está a fazer, é esse o problema com um chefe como o Duff. Mas não deixes que eu interrompa a tua história, Macbeth. Voltaram para dentro e trataram dos ferimentos deles?

— O Sweno é um assassino que voltaria a matar se tivesse oportunidade — respondeu Macbeth sem desfitar os olhos de Seyton. — E o Duff estava com receio de que ele se escapasse pela ponte.

— Eu estava com medo de que ele atravessasse a ponte, como o camião tinha tentado fazer — contou Duff. — Por isso, voltámos a saltar para as nossas motas. Puxámos por elas tanto quanto pudemos, e depois um bocado mais. Uma curva mal calculada no asfalto molhado…

Duff afastou o *crème brûlée* dourado e meio comido empurrando-o pela toalha de damasco de Lyon, tirou a garrafa de champanhe do balde de gelo e voltou a encher os outros três copos.

— Depois da primeira curva fechada no fundo do vale, vi as luzes traseiras de quatro motas e acelerei. Pelo espelho, vi que o Macbeth ainda continuava atrás de nós.

Duff deitou um olhar furtivo ao comissário-chefe Duncan para ver se o seu relato estava a ser bem recebido. O sorriso amigável e gentil dele era difícil de interpretar. Duncan ainda não tinha feito nenhum comentário direto sobre a operação da noite anterior, mas ter vindo a esta pequena comemoração não era só por si um sinal de reconhecimento? Talvez, mas o silêncio do comissário-chefe enervava Duff. Sentia-se mais seguro com o

chefe pálido e ruivo da Unidade Anticorrupção, o inspetor Lennox, que, com o seu entusiasmo habitual, estava inclinado sobre a mesa a engolir todas as palavras. E a chefe do Departamento Forense, Caithness, cujos enormes olhos verdes lhe diziam que ela acreditava em tudo.

Duff pousou a garrafa.

— No bocado de estrada que leva ao túnel, estávamos lado a lado e as luzes à nossa frente estavam a crescer. Como se eles tivessem abrandado. Conseguia ver os chifres no capacete do Sweno. E foi então que aconteceu uma coisa inesperada.

Duncan moveu o copo de champanhe para junto do de vinho tinto, o que Duff não sabia se devia interpretar como tensão ou apenas impaciência.

— Duas das motos viraram a seguir à paragem do autocarro, na saída da estrada para Forres, ao passo que as outras duas continuaram em direção ao túnel. Estávamos a segundos do cruzamento e eu tinha de tomar uma decisão…

Duff realçou a palavra *decisão*. Claro que podia ter dito fazer *uma escolha*. Mas *escolher* era apenas uma coisa que qualquer idiota podia ser forçado a fazer, ao passo que *tomar uma decisão* é proativo, requer um processo mental e carácter, é tomada por um chefe. O tipo de chefe de que o comissário-chefe precisava quando nomeasse o chefe do recentemente criado Departamento do Crime Organizado. O DCO correspondia a uma grande fusão da Unidade de Narcóticos e da Unidade de Gangues, e uma fusão lógica, uma vez que todo o negócio das drogas na cidade estava agora dividido entre Hécate e os Norse Riders, que tinham engolido os outros gangues. A questão era saber quem iria chefiar a unidade, Duff ou Cawdor, o chefe cheio de experiência da Unidade de Gangues, que tinha uma casa enorme paga de forma completamente duvidosa no lado ocidental da cidade. O problema era que Cawdor tinha grande apoio na assembleia municipal e entre os velhos conspiradores de Kenneth no quartel-general da polícia e,

ainda que toda a gente soubesse que Duncan estava preparado para arriscar o próprio pescoço para se ver livre dos vários Cawdors, também tinha de mostrar bom senso político para não perder o comando das coisas no quartel-general. O que era claro era que um dos dois, Cawdor ou Duff, iria acabar como o vencedor e o outro ficaria sem unidade.

— Fiz sinal ao Macbeth, indicando-lhe que devíamos ir atrás do par de Forres.

— A sério? — perguntou Lennox. — Assim os outros dois atravessariam a fronteira.

— Sim, o dilema era esse. O Sweno é uma raposa matreira. Estaria a mandar dois homens para Forres como chamarizes enquanto ele seguia para a fronteira porque é o único Norse Rider que podemos acusar? Ou estaria a contar que nós pensássemos que era isso que ele estava a pensar e, por isso, faria o contrário?

— E podemos? — perguntou Lennox.

— Podemos o quê? — perguntou Duff, tentando esconder a irritação por estar a ser interrompido.

— Podemos acusar o Sweno? O Massacre de Stoke já prescreveu, tanto quanto sei.

— Os assaltos às duas estações de correio no Distrito 1 há cinco anos — respondeu Duff com impaciência. — Temos as impressões digitais do Sweno e tudo.

— E os outros Norse Riders?

— Pevas. E esta noite também não obtivemos nada porque todos eles estavam a usar capacetes. Seja como for, quando virámos para Forres, vimos o capacete…

— O que é isso do Massacre de Stoke? — perguntou Caithness.

Duff soltou um grunhido.

— Provavelmente, nem sequer tinhas nascido — respondeu Macbeth num

tom amigável. — Aconteceu em Capitol, logo depois da guerra. O irmão do Sweno estava prestes a ser preso por deserção e foi suficientemente estúpido para puxar de uma arma. Os dois polícias que o iam prender, que tinham passado a guerra nas trincheiras, mataram-no a tiro. O Sweno vingou o irmão vários meses mais tarde, em Stoke. Entrou na esquadra da polícia local e matou a tiro quatro polícias, entre os quais uma mulher muito grávida. O Sweno desapareceu do nosso radar e quando reapareceu o caso tinha prescrito. Se fazes favor, Duff, continua.

— Obrigado. Julguei que eles não sabiam que estávamos tão perto deles que conseguíamos ver o capacete do Sweno quando ele virou para Forres e para a ponte velha. Apanhámo-los apenas uns dois quilómetros mais tarde. Ou seja, o Macbeth disparou dois tiros para o ar quando eles estavam ainda muito à frente e eles pararam. Por isso, parámos também. Tínhamos deixado o vale para trás, por isso, não estava a chover. Boa visibilidade, luar, cinquenta ou sessenta metros entre nós. Eu tinha a minha *AK-47* e mandei-os descer das motas, dar cinco passos na nossa direção e ajoelhar no asfalto, com as mãos atrás das cabeças. Eles fizeram o que mandámos e nós descemos das nossas motas e encaminhámo-nos para eles.

Duff fechou os olhos.

Conseguia vê-los.

Estavam ajoelhados.

A roupa de couro de Duff rangeu enquanto ele se dirigia para eles e, na sua visão periférica, uma gota de água estava pendurada na borda da viseira aberta. Iria cair em breve. Em breve.

— A distância entre nós era provavelmente de dez ou quinze passadas quando o Sweno puxou de uma arma — contou Macbeth. — O Duff reagiu de imediato. Disparou. Atingiu o Sweno três vezes no peito. Estava morto ainda antes de o capacete bater no chão. Mas, entretanto, o segundo homem

tinha puxado da arma e estava a fazer pontaria ao Duff. No entanto, felizmente, nunca conseguiu premir o gatilho.

— Porra! — gritou Angus. — Matou-o com um tiro, não foi?

Macbeth recostou-se para trás.

— Matei-o com uma adaga.

Banquo estudou a fisionomia do oficial superior.

— Impressionante — murmurou Seyton das sombras. — Por outro lado, o Duff reagiu mais depressa do que tu quando o Sweno puxou da arma? Era capaz de apostar que tu serias mais rápido, Macbeth.

— Mas nisso estás enganado — respondeu Macbeth. *Que estava Seyton a fazer? Que queria ele?* — Tal como o Duff — continuou Macbeth, levando a caneca de cerveja à boca.

— Cometi um erro — disse Duff, fazendo sinal ao criado principal para trazer outra garrafa de champanhe. — Não por ter disparado, claro. Mas ao escolher quais as motas a seguir.

O criado aproximou-se da mesa e, baixinho, informou-os de que infelizmente teriam de fechar e de que era ilegal vender álcool depois da meia-noite.

— A não ser que o comissário-chefe…

— Obrigado, mas não — disse Duncan, que era um mestre na arte de sorrir de forma travessa ao mesmo tempo que erguia as sobrancelhas numa censura. — Obedecemos à lei.

O criado afastou-se.

— Fazer uma escolha errada pode acontecer aos melhores — disse Duncan. — Quando percebeste? Quando lhe tiraste o capacete?

Duff abanou a cabeça.

— Precisamente antes, quando ajoelhei ao lado do corpo e olhei por acaso para a motorizada dele. Não era a mota do Sweno, o sabre não estava lá. E os

Riders não trocam motas.

— Mas trocam capacetes?

Duff encolheu os ombros.

— Devia ter sabido. Afinal de contas, eu e o Macbeth tínhamos utilizado o mesmo truque. O Sweno trocou o capacete e eles abrandaram o suficiente para nós vermos que o capacete dele estava num dos Riders que seguia para Forres. Ele seguiu pelo túnel, pela ponte, e escapou.

— Bem pensado, não há dúvida — disse Duncan. — Foi pena que os homens dele não tivessem sido tão inteligentes como ele.

— Como assim? — perguntou Duff, baixando os olhos para a capa de couro com a conta que o criado tinha pousado à frente dele.

— Porque haviam de puxar das armas contra a polícia quando sabem — como tu próprio disseste — que não temos provas contra nenhum deles, exceto o Sweno? Podiam ter-se limitado a deixarem-se prender e a saírem da esquadra da polícia como homens livres, horas depois.

Duff encolheu os ombros.

— Se calhar, não acreditavam que fossemos polícias. Se calhar, julgavam que éramos homens do Hécate e que os íamos matar.

— Ou, como diz o comissário-chefe, são estúpidos — disse Lennox.

Duncan coçou o queixo.

— Quantos Norse Riders prendemos?

— Seis — respondeu Duff. — Quando voltámos para o clube, praticamente só os muito feridos ainda lá estavam.

— Julgava que os gangues como os Norse Riders não deixavam os seus feridos para o inimigo.

— Sabiam que iriam receber ajuda médica mais depressa. Estão a ser tratados agora, mas contamos ter mais sob custódia amanhã. E nessa altura, serão interrogados sobre o Sweno. Por muitas dores que tenham. Vamos encontrá-lo, comissário.

— Ótimo. Quatro toneladas e meia de anfetaminas. É muito — disse Duncan.

— É verdade — assentiu Duff, sorrindo.

— É tanto que uma pessoa quase tem de perguntar para consigo porque não me informaste da operação antes.

— Tempo — replicou Duff rapidamente.

Tinha pesado os prós e os contras de como responder àquela pergunta inevitável.

— Não houve tempo suficiente entre ter recebido a informação e entrar em ação. Como chefe da unidade, tive de avaliar os regulamentos processuais em comparação com o risco de não impedir que quatro toneladas e meia de anfetaminas chegassem aos jovens desta cidade.

Duff olhou para os olhos de Duncan, olhos que o estavam a examinar. O indicador do comissário-chefe afagou a ponta do queixo para trás e para a frente. Depois humedeceu os lábios.

— Também há uma data de sangue. Uma data de estragos na ponte. Provavelmente, os peixes no rio já são uns drogados. E o Sweno continua à solta.

Duff praguejou silenciosamente. O hipócrita do idiota arrogante devia ser capaz de ver o quadro mais geral.

— Mas — continuou o comissário-chefe —, há seis Norse Riders presos. E mesmo que nos sintamos um bocadinho mais tonificados do que o habitual quando comermos peixe durante as próximas semanas, é melhor do que a droga acabar nos nossos jovens. Ou… — Duncan pegou no copo de champanhe — nos Bens Apreendidos.

Lennox e Caithness soltaram uma gargalhada. Era sabido por todos que o armazém do quartel-general continuava a perder mercadorias inexplicavelmente.

— Por isso — disse Duncan, erguendo o copo —, bom trabalho policial,

Duff.

Duff pestanejou duas vezes. O coração bateu-lhe rápida e levemente.

— Obrigado — respondeu, esvaziando o copo.

Duncan agarrou na pasta de couro.

— Isto é comigo — Agarrou na conta, levantou-a com o braço esticado e franziu os olhos. — Embora não consiga ver se me deram a conta certa.

— E quem é que consegue! — soltou Lennox com um sorriso constrangido quando ninguém se riu.

— Permita-me — disse Caithness, agarrando na conta e pondo os óculos de avozinha com aros de tartaruga.

Duff sabia que ela não precisava deles, mas que os usava porque achava que lhe acrescentavam uns anos à idade real e desvalorizavam a sua aparência. Duncan fora corajoso ao dar o Departamento Forense a Caithness. Não porque houvesse alguém que duvidasse da sua competência profissional — tinha sido a melhor cadete na escola da polícia e também estudara química e física — mas era mais nova do que todos os outros chefes de unidade, solteira e simplesmente demasiado bonita para que a suspeita de haver segundas intenções não existisse. As chamas das velas faziam com que a água nos olhos risonhos por trás dos óculos, a humidade dos lábios vermelhos e cheios e o molhado dos dentes brancos e brilhantes cintilassem. Duff fechou os olhos. O brilho cintilante do asfalto, o barulho dos pneus na estrada molhada. O som dos borrifos. O sangue que se esparrinhara no chão quando o homem tinha arrancado a adaga do pescoço. Era como se uma mão estivesse a apertar o peito de Duff e ele abriu os olhos respirando com dificuldade.

— Está tudo bem?

Lennox levantou uma garrafa de água por cima do copo de Duff e virou o que restava lá para dentro.

— Bebe, Duff, para poderes diluir o champanhe. Agora vais ter de conduzir.

— Nem pensar nisso — disse Duncan. — Não quero que os meus heróis sejam presos por conduzirem bêbedos nem que morram na estrada. O meu motorista não levantará objeções a um pequeno desvio.

— Obrigado — respondeu Duff. — Mas Fife fica…

— Mais ou menos no meu caminho para casa — interrompeu Duncan. — E é a senhora Duff e os teus dois filhos maravilhosos que me devem agradecer.

— Com licença — disse Duff, empurrando a cadeira para trás e levantando-se.

— Um oficial da polícia extraordinário — disse Lennox enquanto observava Duff a cambalear na direção da porta da casa de banho nas traseiras da sala.

— O Duff? — perguntou Duncan.

— Ele também, mas eu estava a pensar no Macbeth. Os resultados dele são impressionantes, os homens adoram-no e, apesar de ter trabalhado sob as ordens do Kenneth, nós, na Unidade Anticorrupção, sabemos que ele é sólido como uma rocha. É uma pena que não tenha as qualificações formais necessárias para um posto de chefia mais elevado.

— Não há nenhum requisito de se ter mais do que a escola da polícia. Olha para o Kenneth.

— Sim, mas o Macbeth continua a não ser um de nós.

— Nós?

— Bem — Lennox ergueu o copo de champanhe com um sorriso forçado —, tens escolhido chefes que, quer gostemos, quer não, são vistos como pertença da elite. Todos nós vimos do mesmo lado da cidade ou de Capitol, temos educação ou um nome de família respeitável. O Macbeth é visto mais como alguém das fileiras mais grosseiras da populaça, se me estás a entender.

— Estou. Ouve, estou um bocado preocupado com o desequilíbrio do

Duff a andar. Podias…?

Felizmente, a casa de banho estava vazia.

Duff fechou a braguilha, parou num dos lavatórios, abriu uma torneira e deitou água na cara. Ouviu a porta abrir-se atrás dele.

— O Duncan pediu-me para ver como estavas — explicou Lennox.

— Mmm. O que achas que ele pensou?

— Pensou acerca de quê?

Duff agarrou numa folha de papel e secou a cara.

— Sobre… Como as coisas correram.

— Provavelmente, ele pensa o que todos pensamos: que fizeste um bom trabalho.

Duff assentiu com a cabeça.

Lennox soltou um riso abafado.

— Queres mesmo o lugar no Departamento do Crime Organizado, não queres?

Duff fechou a torneira e ensaboou as mãos enquanto olhava para o chefe da Unidade Anticorrupção no espelho.

— Queres dizer que sou um carreirista?

— Não há nada de errado em querer subir na carreira — respondeu Lennox com um sorrisinho afetado. — É só divertido ver como te posicionas.

— Tenho as qualificações, Lennox. Por isso, o meu dever para com esta cidade e o futuro dos seus filhos não é fazer tudo o que possa pelo Departamento do Crime Organizado? Ou devo deixar o Departamento mais importante para o Cawdor? Uma pessoa que ambos sabemos que tem de ter as mãos sujas e cheias de sangue para ter sobrevivido tanto tempo às ordens do Kenneth?

— Ah! — exclamou Lennox. — É o dever que te move? Não tem nada que ver com a ambição pessoal. Bem, São Duff, deixe-me abrir-lhe a porta —

Lennox fez uma vénia profunda. — Suponho que irá recusar o aumento de salário e outros privilégios concomitantes.

— O salário, a honra e a fama são irrelevantes para mim — respondeu Duff. — Mas a sociedade recompensa aqueles que contribuem. Mostrar desprezo pelo salário seria a mesma coisa do que mostrar desprezo pela sociedade.

Estudou o rosto no espelho. *Como se consegue ver que uma pessoa está a mentir?* Será que isso é possível quando a pessoa em questão conseguiu convencer-se a si própria de que aquilo que diz é verdade? Quanto tempo iria levar a convencer-se de que era a verdade, a versão que ele e Macbeth tinham combinado apresentar sobre como tinham matado os dois homens na estrada?

— Já acabaste de lavar as mãos, Duff? Acho que o Duncan quer ir para casa.

Os homens da equipa da Força de Intervenção despediram-se fora do Bricklayers Arms.

— Lealdade, fraternidade — disse Macbeth em voz alta.

Os outros responderam num uníssono algo variado e indistinto:

— Batizados pelo fogo, unidos pelo sangue.

Depois afastaram-se em todas as direções da bússola. Macbeth e Banquo para oeste, passando por um músico de rua que estava a berrar, em vez de cantar, «Meet Me On The Corner», atravessando os átrios e os corredores degradados e desertos da estação central. Um vento estranhamente quente soprava pelos corredores e varria o lixo por entre as colunas dóricas, em tempos lindas mas que agora se esboroavam depois de anos de poluição e falta de manutenção.

— E agora — perguntou Banquo —, vais contar-me o que aconteceu *realmente*?

— Conta-me tu como foi com o camião e o Kenneth — respondeu

Macbeth. — Uma queda livre de noventa metros!

A gargalhada dele ressoou por baixo do teto de tijolo.

Banquo sorriu.

— Vá lá, Macbeth. Que aconteceu na estrada rural?

— Disseram alguma coisa sobre o tempo que teriam de fechar a ponte para reparações?

— Podes conseguir mentir-lhes, mas a mim, não.

— Apanhámo-los, Banquo. Precisas de saber mais?

— Preciso?

Banquo abanou a mão para afastar o fedor das escadas que levavam às casas de banho, onde uma mulher de idade indeterminada estava parada, dobrada, com o cabelo a tapar-lhe a cara enquanto se agarrava ao corrimão.

— Não.

— Está bem — respondeu Banquo.

Macbeth parou e agachou-se ao pé de um rapazinho sentado encostado à parede, com uma caneca de pedinte à frente dele. O rapaz levantou a cabeça. Tinha uma pala preta num dos olhos e o outro olhou para cima, acabado de sair de um estado drogado, de um sonho. Macbeth pôs-lhe uma nota dentro da caneca e uma mão no ombro.

— Como vai isso? — perguntou baixinho.

— Macbeth — respondeu o rapaz. — Como podes ver.

— Tu és capaz — disse Macbeth. — Lembra-te sempre disso. Podes parar.

A voz do rapaz articulou indistintamente, deslizando de vogal para vogal.

— Como sabes?

— Acredita em mim, já aconteceu antes.

Macbeth levantou-se e o rapaz gritou tremulamente atrás deles:

— Deus te abençoe, Macbeth!

Entraram no átrio na parte oriental da estação, onde reinava um silêncio

conspícuo, como numa igreja. Os drogados que não estavam sentados, deitados ou parados encostados às paredes ou nos bancos arrastavam-se numa espécie de dança lenta, como astronautas numa atmosfera alienígena, um campo gravitacional diferente. Alguns fitaram desconfiadamente os dois polícias, mas a maioria limitou-se a ignorá-los. Como se tivessem olhos de raios X que já tinham concluído há muito que estes dois não tinham nada para vender. A maioria estava tão emaciada e destroçada que era difícil saber exatamente há quanto tempo estavam vivos. Ou quanto tempo lhes restava.

— Nunca te sentes tentado a recomeçar? — perguntou Banquo.

— Não.

— A maior parte dos ex-drogados sonha com uma última dose.

— Eu não. Vamos sair daqui.

Encaminharam-se para os degraus à frente da saída ocidental e pararam antes de chegarem ao sítio onde o telhado já não os protegia da chuva. Ao lado deles, sobre carris negros, num pedestal baixo, estava o que na escuridão parecia ser um monstro pré-histórico. *Bertha*, com cento e dez anos, a primeira locomotiva do país, o verdadeiro símbolo do otimismo em relação ao futuro que outrora tinha imperado. Os degraus largos, majestosos e com uma altura suave levavam à Workers' Square, deserta e às escuras, onde outrora reinara agitação e azáfama, bancas de mercado e viajantes apressadamente de um lado para o outro, mas que agora era fantasmagórica, uma praça onde o vento soprava e uivava. Numa das extremidades da praça, havia luzes a brilhar num venerável edifício de tijolo que em tempos tinha albergado os escritórios da Rede Ferroviária Nacional, mas que deixara de ser usado quando o caminho de ferro fora abandonado, até ser comprado e renovado para se tornar o edifício mais glamoroso e elegante que a cidade tinha para oferecer: o Casino Inverness. Banquo só lá tinha estado dentro uma vez e soubera imediatamente que não era o seu tipo de sítio. Ou, para ser mais preciso, ele não era o tipo de cliente deles. Provavelmente, era o tipo

certo para o Obelisco, onde os clientes não estavam tão bem vestidos, as bebidas não eram tão caras e as prostitutas não eram tão bonitas nem tão discretas.

— Boa noite, Banquo.

— Boa noite, Macbeth. Dorme bem.

Banquo viu um leve arrepio percorrer o corpo do amigo e, a seguir, os dentes brancos de Macbeth brilharam na escuridão.

— Diz olá ao Fleance por mim e diz-lhe que o pai fez um trabalho impressionante esta noite. O que eu não teria dado para ver o Kenneth a cair da sua própria ponte…

Banquo ouviu a gargalhada abafada do amigo enquanto este desaparecia na escuridão e na chuva da Workers' Square, mas quando a sua própria gargalhada também se desvaneceu, foi percorrido por uma sensação de mal-estar. Macbeth não era apenas um amigo e um colega, era como um filho, um Moisés num cesto, que Banquo amava quase tanto como amava Fleance. Foi por isso que Banquo ficou à espera até que viu Macbeth reaparecer no outro lado da praça e encaminhar-se para a luz da entrada do casino, de onde uma mulher alta, com um esvoaçante e flamejante cabelo ruivo e um vestido comprido vermelho emergiu e o abraçou, como se um fantasma a tivesse avisado de que o seu amado vinha a caminho.

Lady.

Talvez ela tivesse sabido dos acontecimentos daquela noite. Uma mulher como Lady não chegara onde chegara sem informadores que lhe contavam o que ela precisava de saber sobre tudo o que se movia sob a superfície da cidade.

Continuavam com os braços à volta um do outro. Ela era uma mulher linda e podia bem ter sido ainda mais bonita outrora. Ninguém parecia saber a idade de Lady, mas era claramente bastante mais do que os trinta e três anos de Macbeth. Mas talvez o ditado fosse verdadeiro: o amor conquista tudo.

Ou talvez não.

O polícia mais velho deu meia-volta e seguiu para norte.

Em Fife, o motorista do comissário-chefe virou para um caminho de cascalho, como lhe foi indicado. O cascalho rangeu debaixo dos pneus do carro.

— Pode parar aqui. Faço o resto do caminho a pé — disse Duff.

O motorista travou. No silêncio que se seguiu, conseguiram ouvir os gafanhotos e o sussurro das árvores de folha caduca.

— Não os queres acordar — disse Duncan, olhando para o fundo da vereda, onde uma pequena casa branca de quinta se erguia banhada pelo luar. — E eu concordo. Deixemos aqueles que nos são queridos dormir na ignorância e em segurança. Tens aqui uma casinha amorosa.

— Obrigado. E desculpe o desvio.

— Todos temos de fazer desvios na vida, Duff. Da próxima vez que receberes uma informação anónima, como a dos Norse Riders, faz um desvio na minha direção. *Okay*?

— *Okay*.

O indicador de Duncan moveu-se para trás e para a frente no queixo.

— O nosso objetivo é fazer desta cidade um sítio melhor para toda a gente, Duff. Mas isso quer dizer que todos os poderes positivos têm de trabalhar juntos e pensar no bem da comunidade, não no deles.

— Claro. E eu gostaria de dizer que estou disposto a fazer qualquer trabalho desde que sirva a polícia e a cidade, comissário.

Duncan sorriu.

— Nesse caso, sou eu quem te deve agradecer, Duff. Ah, e uma última coisa…

— Sim?

— Dizes que catorze Norse Riders, incluindo o próprio Sweno, eram mais

do que estavas à espera e que teria sido mais discreto da parte deles terem apenas mandado um par de homens para levar o camião?

— Sim.

— Ocorreu-te que o Sweno também possa ter sido avisado? Ele pode ter desconfiado que vocês estavam lá. Por isso, o teu receio de uma fuga de informação talvez não seja infundado. Boa noite, Duff.

— Boa noite.

Duff dirigiu-se para casa, inspirando o cheiro da terra e da erva onde o orvalho já caíra. Ele tinha pensado nesta possibilidade e agora Duncan verbalizara-a. Uma fuga de informação. Um informador. E ele, Duff, iria descobrir a fuga. Iria encontrá-la no dia seguinte.

Macbeth estava deitado de lado com os olhos fechados. Atrás dele, ouvia a respiração regular dela e lá em baixo, dos fundos do casino, a linha de baixo da música, como batimentos cardíacos abafados. O Inverness ficava aberto toda a noite, mas agora já era tarde mesmo para os jogadores enlouquecidos e os bebedores sequiosos. No corredor, passavam hóspedes que abriam os quartos. Uns sozinhos, outros com as respetivas mulheres. E alguns com outras companhias. Isto não era algo a que Lady desse muita atenção, desde que as mulheres que frequentavam o casino obedecessem às regras não escritas que ela estabelecera de serem sempre discretas, estarem sempre bem vestidas, sempresóbrias, sempre livres de infeções e sempre, mas sempre, atraentes. Lady perguntara-lhe uma vez, não muito tempo depois de se terem juntado, por que razão ele nunca olhava para elas. E rira quando ele lhe respondera que era porque só tinha olhos para ela. Só mais tarde compreendera que ele queria dizer literalmente isso. Não precisava de se voltar para a ver, as feições dela estavam marcadas com ferro em brasa nas retinas dele; a única coisa que tinha de fazer — onde quer que estivesse — era fechar os olhos e ela estava lá. Não houvera ninguém antes de Lady. Bem,

tinha havido mulheres que lhe aceleraram o pulso e não havia dúvida de que havia corações de mulheres que tinham batido mais depressa por causa dele. Mas ele nunca tivera relações íntimas com elas. E, claro, havia uma que lhe deixara uma cicatriz no coração. Quando Lady percebera e lhe perguntara, rindo, se estava perante um virgem verdadeiro, contara-lhe toda a sua história. A história que, até então, só duas pessoas conheciam. E depois ela contara-lhe a dela.

No corpo nu de Macbeth, o lençol de seda parecia pesado e caro. Como uma febre, ao mesmo tempo quente e frio. Percebeu pela respiração dela que estava acordada.

— Que é? — sussurrou ela, com sono.

— Nada — respondeu ele. — Só não consigo dormir.

Ela aninhou-se nele, a mão a afagar-lhe o peito e os ombros. De vez em quando, como agora, respiravam em uníssono. Como se fossem um organismo único, como gémeos siameses que partilhavam os pulmões — fora exatamente assim que parecera na altura em que tinham trocado as suas histórias e ele ficara a saber que já não estava sozinho.

A mão dela deslizou-lhe pelo braço, passando por cima das tatuagens, desceu até ao antebraço, onde lhe afagou as cicatrizes. Ele também lhe tinha falado delas. E de Lorreal. Muito simplesmente, não tinham segredos entre eles. Não havia segredos, mas havia pormenores deprimentes que ele lhe implorara que lhe fossem poupados. Ela amava-o, era a única coisa importante, era tudo o que ele *tinha* de saber a respeito dela. Virou-se de costas. A mão dela afagou-lhe o estômago, parou e ficou à espera. Ela era a rainha. E o seu vassalo levantou-se obedientemente sob o tecido de seda.

Quando Duff se enfiou na cama ao lado da mulher, escutou a respiração regular e sentiu o calor das costas dela, foi como se as recordações dos acontecimentos daquela noite já tivessem começado a desaparecer. Este sítio

tinha esse efeito nele, sempre tivera. Haviam-se conhecido quando ele era estudante. Ela vinha de uma família rica do lado ocidental da cidade e, embora inicialmente os pais se tivessem mostrado céticos, passado algum tempo, aceitaram o jovem ambicioso e trabalhador. E Duff vinha de uma família respeitável, na opinião do sogro. O resto seguiu-se quase automaticamente. Casamento, filhos, uma casa em Fife, onde as crianças podiam crescer sem inalarem o ar tóxico da cidade, carreira, a rotina diária. Muita rotina diária com dias longos e a promessa de uma promoção. E o tempo passa a correr. É assim que as coisas são. Ela era uma boa mulher e esposa, não era isso. Esperta, carinhosa, leal. E ele — não era um bom marido? Não provia às necessidades deles, não poupava dinheiro para a educação das crianças, não construíra uma cabana ao pé do lago? Sim, nem ela nem o pai tinham muito de que se queixar. Ele era como era, não podia evitá-lo. Fosse como fosse, era muito importante ter uma casa, uma família: dava-lhe paz. Tinha o seu próprio ritmo, a sua própria agenda e não se ralava muito com o que estava lá fora, mesmo nada. E ele precisava dessa perceção da realidade — ou da falta dela — *tinha* de a ter. De vez em quando.

— Então vieste para casa… — murmurou ela.

— Para ti e para os miúdos — disse ele.

— … de noite — acrescentou ela.

Duff ficou deitado a escutar o silêncio entre os dois. Tentando decidir se era bom ou mau. Ela pousou-lhe uma mão carinhosa no ombro. Comprimiu os dedos cuidadosamente nos músculos doridos onde ele sabia que iriam ficar menos doridos.

Fechou os olhos.

E voltou a ver tudo.

A gota de chuva pendurada na viseira. O homem ajoelhado à frente dele. Sem se mexer. O capacete com chifres. Duff queria dizer-lhe qualquer coisa, mas não conseguiu. Em vez disso, levou a arma ao ombro. O homem não

podia pelo menos mover-se? A gota de chuva não tardaria a cair.

— Duff — disse Macbeth atrás dele. — Duff, não…

A gota caiu.

Duff disparou. Disparou outra vez. E disparou outra vez.

Três tiros.

O homem ajoelhado à frente dele tombou de lado.

O silêncio que se seguiu era ensurdecedor. Ajoelhou-se ao lado do homem morto e tirou-lhe o capacete. Foi como se lhe tivessem atirado um balde de água gelada para cima quando viu que não era Sweno. Os olhos do jovem estavam fechados; parecia que estava a dormir pacificamente onde se encontrava deitado.

Duff voltou-se e olhou para Macbeth. Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e, ainda sem conseguir falar, limitou-se a abanar a cabeça. Macbeth assentiu com a cabeça e tirou o capacete ao outro. Também um jovem. Duff sentiu uma coisa a apertar-lhe a garganta e tapou a cara com as mãos. Por cima dos seus soluços, ouviu as súplicas do homem reverberarem como os gritos das gaivotas nas planícies desabitadas.

— Não, não façam isso! Não vi nada! Não vou contar a ninguém! Por favor, de qualquer maneira, nenhum júri acreditará em mim. Eu compreen…

A voz calou-se. Duff ouviu um corpo bater contra o asfalto, um gorgolejar baixo e depois ficou tudo em silêncio.

Virou-se. Só então reparou que o outro homem usava roupa branca. Estava a ficar ensopada com o sangue que corria do buraco na garganta.

Macbeth estava parado atrás do homem com uma adaga na mão. Ofegava.

— Agora — disse ele bruscamente. Aclarou a garganta. — Agora, paguei a dívida que tinha para contigo, Duff.

Duff fez força com as pontas dos dedos no sítio onde sabia que eles não iriam aliviar a dor. Manteve a outra mão em cima da boca do homem para

abafar os gritos e obrigou-o a deitar-se na cama do hospital. O homem debateu-se desesperadamente com as algemas que o prendiam à cabeceira da cama. Com a luz do dia que jorrava da janela, Duff conseguia ver claramente a rede dos delicados vasos sanguíneos à volta das pupilas enormes, escuras com o choque, nos olhos muito abertos sob a tatuagem *NORSE RIDER ATÉ MORRER* na testa. O dedo indicador e o dedo médio de Duff ficaram vermelhos quando carregaram debaixo da ligadura na ferida do ombro, como se algo estivesse a ser espezinhado.

Qualquer trabalho, pensou Duff, *desde que sirva a polícia e a cidade*.

E repetiu a pergunta:

— Quem é o teu informador na polícia?

Tirou a mão da ferida. O homem parou de gritar. Duff tirou a mão de cima da boca dele. O homem não respondeu.

Duff arrancou a ligadura e mergulhou os dedos todos na ferida.

Sabia que iria ter uma resposta, era só uma questão de tempo. Um homem só consegue aguentar até certo ponto antes de ceder, antes de quebrar todos os juramentos tatuados e faça tudo — absolutamente tudo — o que pensava que nunca faria. Pois a lealdade eterna é inumana e a traição é humana.

QUATRO

Foram precisos vinte minutos.

Vinte minutos desde que Duff tinha entrado no hospital e enfiara os dedos na ferida no ombro do homem com a tatuagem na testa, até sair, pasmado, com informação suficiente sobre quem, onde e quando para que fosse impossível à pessoa relevante negar, a não ser que fosse inocente. Pasmado porque — agora as coisas tinham ficado tão más que tinham um espião no meio deles — era quase demasiado bom para ser verdade.

Foram precisos trinta minutos.

Trinta minutos desde que Duff entrara no carro, conduzira pela chuva que caía na cidade como um velho a fazer chichi, estacionara fora da esquadra principal da polícia, recebera um aceno gracioso da senhora da antessala do comissário-chefe para o informar de que podia passar, até estar sentado à frente de Duncan a articular aquela única palavra. E o comissário-chefe inclinou-se sobre a secretária, perguntou se Duff tinha a certeza, afinal estavam a falar do chefe da Unidade de Gangues — sentou-se para trás, passou uma mão pela cara e, pela primeira vez, Duff ouviu Duncan praguejar.

Foram precisos quarenta minutos.

Quarenta minutos desde que Duncan anunciara que Cawdor tinha um dia livre, agarrara no telefone e ordenara a Macbeth que o prendesse, até oito homens da Força da Intervenção cercarem a casa de Cawdor, que ficava num grande terreno com vista para o mar, tão para ocidente que o lixo ainda era

recolhido e os sem-abrigo eram expulsos, e o presidente Tourtell era o seu vizinho mais próximo. A equipa da Força de Intervenção estacionou a alguma distância e subiu sub-repticiamente para a casa, dois homens vindos de cada direção.

Macbeth e Banquo estavam sentados no passeio encostados ao muro alto do lado sul da casa, ao lado dos portões. Cawdor — como a maior parte dos seus vizinhos — tinha colado com cimento fragmentos de vidro no topo do muro, mas a equipa da Força de Intervenção tinha capachos para ultrapassar este tipo de obstáculos. O assalto seguiu os procedimentos normais, as equipas a comunicarem por meio dos *walkie-talkies* quando estavam nas posições pré-combinadas. Macbeth olhou para o outro lado da rua, onde um rapaz de seis ou sete anos tinha estado a atirar uma bola contra a parede de uma garagem quando eles chegaram. Agora estava parado a olhar para eles de boca aberta. Macbeth levou um dedo aos lábios e o rapaz assentiu ao jeito de um sonâmbulo. A mesma expressão do jovem vestido de branco ajoelhado no asfalto na noite anterior, pensou Macbeth.

— Acorda.

Era Banquo a murmurar-lhe ao ouvido.

— Hã?

— As equipas estão todas a postos.

Macbeth inspirou e expirou fundo umas quantas vezes. Tinha de afastar as outras coisas da mente naquela altura, tinha de entrar na zona. Premiu o botão para falar:

— Cinquenta segundos para entrar. Norte? Escuto.

A voz de Angus com aquele tom cantado e melífluo parecido com o de um padre.

— Tudo *okay*. Não consigo ver movimento lá dentro. Escuto.

— Oeste? Escuto.

— Tudo *okay*. — Aquela era a voz do substituto, Seyton. Monótona,

calma. — Esperem, a cortina da sala de estar mexeu-se. Escuto.

— *Okay* — respondeu Macbeth. Nem sequer precisava de pensar; isto era parte do procedimento «e se» que treinavam todos os dias. — Podem ter-nos visto, gente. Vamos cortar a contagem e entrar. Três, dois, um… vão!

E ali estava ela, a zona. A zona era como uma divisão onde fechavas a porta atrás de ti e nada mais existia a não ser a missão, tu e os teus homens.

Levantaram-se e, enquanto Banquo atirava o capacho para cima dos vidros no muro, Macbeth viu que o rapaz com a bola acenava vagarosamente, roboticamente, com a mão livre.

Segundos depois, estavam do outro lado do muro a fazer um *sprint* pelo jardim e Macbeth tinha a sensação de que conseguia sentir tudo o que o rodeava. Conseguia ouvir um ramo a estalar no vento, conseguia ver um corvo a levantar voo do beiral do telhado de um vizinho, conseguia sentir o cheiro de uma maçã podre na erva. Correram pelos degraus acima e Banquo utilizou a coronha da arma para partir a janela ao lado da porta da frente, enfiou a mão e destrancou a porta pelo lado de dentro. Quando entraram, ouviram vidros a partirem-se na casa. Oito contra um. Quando Macbeth tinha perguntado a Duncan se havia alguma razão para pensar que Cawdor iria resistir, Duncan tinha respondido que não era por isso que queria uma detenção de grande envergadura.

«É para mandar um sinal, Macbeth. Não tratamos os nossos de forma mais ligeira. Muito pelo contrário. Partam vidros, rebentem com as portas a pontapé, façam uma data de barulho e obriguem o Cawdor a sair algemado pela porta da frente para que toda a gente veja e conte aos outros.»

Macbeth entrou primeiro. Encostando uma espingarda de assalto ao ombro enquanto o olhar varria o átrio. Parou com as costas viradas para a parede ao lado da porta da sala de estar. Os olhos adaptaram-se gradualmente à escuridão depois do sol intenso do exterior. Parecia que todas as cortinas da casa estavam fechadas. Banquo apareceu ao lado dele e entrou na sala.

Quando Macbeth se estava a desencostar da parede para o seguir, aconteceu.

O atacante apareceu rápida e silenciosamente das sombras que envolviam uma das duas escadas, atingiu Macbeth no peito, fazendo-o voar e cair para trás.

Macbeth sentiu o ar quente na garganta, mas conseguiu enfiar o cano da arma entre ele e o cão, empurrando-lhe o focinho para o lado de forma que os dentes enormes se ferraram no ombro. Gritou de dor quando uma enorme cabeça a rosnar rasgou pele e carne. Macbeth tentou agredi-lo, mas a mão livre estava presa na alça da espingarda.

— Banquo!

Não havia informação de que Cawdor tivesse um cão. Verificavam sempre antes de operações deste tipo. Mas isto era definitivamente um cão e era forte. O cão empurrou o cano da arma para o lado. Ia atacar-lhe a garganta. Em breve, teria a artéria carótida cortada.

— Banq…

O cão ficou rígido. Macbeth virou a cabeça e olhou para uns olhos caninos amortecidos. Depois o corpo do animal ficou flácido e caiu em cima dele. Macbeth empurrou-o para o lado e olhou para cima.

Seyton estava debruçado sobre ele a estender-lhe uma mão.

— Obrigado — disse Macbeth, pondo-se em pé sem ajuda. — Onde está o Banquo?

— Ele e o Cawdor estão ali dentro — respondeu Seyton, apontando para a sala de estar.

Macbeth dirigiu-se para a porta da sala. Tinham aberto as cortinas e, na luz intensa por trás, viu apenas as costas de Banquo enquanto ele olhava para o teto. Havia um anjo suspenso por cima dele com um halo de sol e a cabeça curvada como se numa súplica por perdão.

Foi preciso uma hora.

Uma hora desde que Macbeth tinha dito «Vão!» até Duncan ter reunido todos os chefes dos departamentos e das unidades numa grande sala de conferências no quartel-general.

Duncan subiu ao estrado e olhou para uns papéis. Duff sabia que ele tinha escrito algumas palavras da forma como queria que fossem ditas, mas que iria improvisar de acordo com o momento e a situação. Não porque o comissário-chefe fosse um desbocado, longe disso. Duff sabia que ele dominava as palavras, era tanto um homem de coração como era da mente, um homem que dizia o que sentia e vice-versa. Um homem que se compreendia a si próprio e, por consequência, também os outros, pensava Duff. Um guia. Uma pessoa que as pessoas seguiam. Uma pessoa que Duff desejava ser, ou que pudesse ser.

— Todos sabem o que aconteceu — disse Duncan numa voz baixa e solene, mas que se transmitia como se tivesse gritado. — Só queria dar-lhes todas as informações antes da conferência de imprensa desta tarde. Um dos nossos oficiais da polícia de maior confiança, o inspetor Cawdor, foi acusado de corrupção. E, neste momento, parece que esta suspeita era justificada. À luz das suas relações estreitas com os Norse Riders — contra quem fizemos uma investida bem-sucedida ontem — havia claramente o risco de que ele, dada a situação, pudesse tentar destruir provas ou fugir. Por essa razão, às dez horas desta manhã, ordenei à equipa da Força de Intervenção que prendesse o inspetor Cawdor de imediato.

Duff tivera esperança de que o seu nome fosse mencionado, mas também sabia que Duncan nunca divulgaria nenhum pormenor. Pois se há coisa que se aprende na profissão de polícia é que regras são regras, mesmo quando não estão escritas. Por isso, foi apanhado de surpresa quando Duncan levantou os olhos e disse:

— Inspetor Macbeth, quer ter a amabilidade de vir aqui e apresentar um

resumo breve da detenção?

Duff voltou-se para trás e observou o colega a avançar em passadas largas por entre as filas das cadeiras até ao estrado. Era óbvio que também fora apanhado de surpresa. Normalmente, nestes contextos o comissário-chefe não delegava; geralmente, diria ele mesmo o que tinha para dizer, de forma resumida e direta, e terminava a reunião para que toda a gente pudesse voltar à tarefa de fazer da cidade um lugar melhor para se viver.

Macbeth parecia pouco à vontade. Ainda trazia o uniforme preto da Força de Intervenção, mas o fecho do pescoço estava entreaberto, de modo que conseguiam ver a ligadura de um branco intenso no ombro direito.

— Bem — começou ele por dizer.

Não era exatamente um início elegante, mas a verdade era que ninguém esperava que o chefe da Força de Intervenção fosse um artista com as palavras. Macbeth consultou o relógio de pulso, como se tivesse uma reunião. Toda a gente na sala sabia porquê: é a reação instintiva dos agentes da polícia a quem ordenam que façam o relatório e que ficam imediatamente inseguros. Consultam o relógio como se as referências temporais obrigatórias lá estivessem escritas ou o mostrador do relógio lhes avivasse a memória.

— Às dez e cinquenta e três — disse Macbeth e tossiu duas vezes —, a equipa da Força de Intervenção invadiu a casa do inspetor Cawdor. Havia uma porta aberta no terraço, mas não havia sinal de assalto ou violência ou de que lá tivesse estado alguém antes de nós. Sem contar com o cão. Nem havia sinais de que alguém além do próprio Cawdor o tivesse feito…

Macbeth parou de olhar para o relógio e dirigiu-se à assembleia.

— Havia uma cadeira tombada ao pé da porta do terraço. Não vou antecipar-me às conclusões forenses, mas parecia que o Cawdor não se tinha limitado a descer da cadeira quando se enforcou, saltou e quando oscilou para trás atirou com a cadeira para o outro lado da sala. Isso bate certo com a forma como os excrementos do falecido estavam espalhados pelo chão. O

corpo estava frio. O suicídio parece a causa óbvia da morte e um dos homens perguntou se não podíamos esquecer os procedimentos e cortar a corda, uma vez que, afinal de contas, o Cawdor tinha sido polícia durante toda a vida. Eu disse que não…

Duff reparou na pausa dramática de Macbeth. Como se quisesse deixar que o público escutasse o seu silêncio. Era um truque que Duff era capaz de usar e que tinha visto Duncan usar, mas nunca imaginara que o pragmático Macbeth o tivesse no seu reportório. E talvez não tivesse, porque estava outra vez a consultar o relógio.

— Dez e cinquenta e nove.

Macbeth ergueu os olhos e puxou a manga para cima do relógio, num gesto que sugeria que tinha terminado.

— Por isso, o Cawdor ainda lá está pendurado. Não por nenhum propósito de investigação, mas porque era um polícia *corrupto*.

O silêncio na sala era tão grande que Duff conseguia ouvir a chuva a fustigar a janela no alto da parede. Macbeth voltou-se para Duncan e dirigiu-lhe um rápido movimento de cabeça. Depois desceu do estrado e voltou para o seu lugar.

Duncan esperou até Macbeth se ter sentado antes de dizer:

— Obrigado, Macbeth. Esta última parte não fará parte da conferência de imprensa, mas acho que é uma conclusão adequada para esta reunião interna. Lembrem-se de que uma rejeição de tudo o que é fraco e mau em nós também pode ser vista como um tributo otimista a tudo o que é forte e bom. Por isso, voltem ao vosso bom trabalho, gentes!

A jovem enfermeira ficou parada ao pé da porta a ver o paciente despir a camisola interior. Ele tinha puxado o cabelo comprido para trás da cabeça enquanto a médica desenrolava a ligadura manchada de sangue do ombro esquerdo. A única coisa que ela sabia sobre o paciente era tratar-se de um

agente da polícia. E musculoso.

— Oh, meu Deus! — exclamou a médica. — Vamos ter de lhe dar uns pontos. E vai precisar de uma injeção contra o tétano, fazemos sempre isso com mordeduras de cães. Mas primeiro um bocadinho de anestésico. Maria, podes…?

— Não — disse o paciente, a olhar firmemente para a parede.

— Desculpe?

— Nada de anestésico.

Seguiu-se um silêncio.

— Sem anestésico?

— Sem anestésico.

A médica ia dizer qualquer coisa sobre a dor quando reparou nas cicatrizes nos braços dele. Cicatrizes antigas. Mas o tipo de cicatrizes que tinha visto demasiadas vezes desde que se tinha mudado para esta cidade.

— Certo — disse ela. — Nada de anestésicos.

Duff recostou-se na cadeira do gabinete e encostou o telefone ao ouvido.

— Sou eu, querida. Como estão todos?

— A Emily foi nadar com amigos. O Ewan está com dor de dentes. Vou levá-lo ao dentista.

— Está bem. Querida, vou ficar a trabalhar até tarde, hoje.

— Porquê?

— Sou capaz de ter de ficar aqui.

— Porquê? — repetiu ela.

A voz dela não indicava aborrecimento ou frustração. Parecia que era apenas uma informação que queria, talvez para explicar a ausência dele aos filhos. Não porque ela precisasse dele. Não porque…

— Não tarda a aparecer nas notícias — respondeu ele. — O Cawdor suicidou-se.

— Oh, meu Deus! Quem é o Cawdor?

— Não sabes?

— Não.

— O chefe da Unidade de Gangues. Era um sério candidato para o posto no Departamento do Crime Organizado.

Silêncio.

Ela nunca se tinha interessado muito pelo trabalho dele. O trabalho dela era Fife, as crianças e — pelo menos quando ele estava em casa — o marido. O que era ótimo para ele. No sentido de que não tinha de os envolver nos aspetos sinistros da sua profissão. Por outro lado, a falta de interesse dela pela ambição dele queria dizer que ela nem sempre mostrava muita compreensão por aquilo que o trabalho exigia do tempo dele. Pelo seu sacrifício. Por… aquilo de que ele precisava, por amor de Deus!

— O chefe do Departamento do Crime Organizado, que vai ser o número três na cadeia de comando no quartel-general, a seguir ao Duncan e ao comissário adjunto Malcolm. Por isso, sim, isto é muito importante e quer dizer que tenho de estar aqui. Provavelmente, também durante os próximos dias.

— Diz-me só que vais estar cá para o pré-aniversário.

O pré-aniversário. Oh, raios! Era uma tradição que tinham, na véspera do aniversário verdadeiro, eram só eles os quatro, caldo de carne e os presentes da Mamã e do Papá. Tinha-se esquecido mesmo dos anos do Ewan? Se calhar, tinha-se esquecido da data, com todos os acontecimentos dos últimos dias, mas comprara o que o Ewan queria depois de Duff lhe ter contado como os polícias infiltrados trabalhavam na Unidade de Narcóticos — às vezes, usavam um disfarce para não serem reconhecidos. Na gaveta em frente de Duff, estava uma caixa, muito bem embrulhada, que continha uma barba falsa, cola, óculos falsos e um gorro de lã verde, tudo em tamanho de adulto para poder garantir a Ewan que era *exatamente* o que o Papá e os outros da

Unidade de Narcóticos usavam.

Uma luz faiscou no telefone. Uma chamada interna. Teve uma suspeita de quem poderia ser.

— Só um momento, querida.

Carregou no botão por baixo da luz.

— Sim?

— Duff? Daqui é o Duncan. É sobre a conferência de imprensa desta tarde.

— Sim?

— Gostava de mostrar que não ficámos impotentes com o que se passou e que estamos a pensar no futuro, por isso, vou anunciar o nome do chefe interino do Departamento do Crime Organizado.

— Do Crime Organizado? Ah… já?

— De qualquer das formas, tê-lo-ia feito no final do mês, mas como a Unidade de Gangues já não tem um chefe, é conveniente nomear um interino imediatamente. Podes vir ao meu gabinete?

— Claro.

Duncan desligou. Duff ficou sentado a olhar para a luz que se apagava. Não era habitual o comissário-chefe telefonar pessoalmente; era sempre a secretária ou um dos assistentes que convocava as reuniões. Chefe interino. Que, provavelmente, iria ocupar o posto quando as formalidades — fase da candidatura, deliberações do conselho de nomeações, etc., etc. — chegassem ao fim. O olhar apanhou outra luz. Estava acesa. Tinha-se esquecido por completo que a mulher estava à espera.

— Querida, aconteceu uma coisa. Tenho de me despachar.

— Oh, nada horrível, espero.

— Não — Duff riu-se. — Nada horrível. De maneira nenhuma. Acho que devias ligar as notícias da rádio esta tarde e ouvir o que eles dizem sobre a nomeação para o Departamento do Crime Organizado.

— Sim?

— Um beijo no pescoço.

Não usavam esta expressão carinhosa há anos. Duff desligou e saiu a correr — não conseguiu evitá-lo — do gabinete, continuando pelas escadas acima até ao último andar. Para cima, para cima, para cima, cada vez mais alto.

A secretária disse a Duff para entrar de imediato.

— Estão à sua espera — disse ela, sorrindo.

Sorrindo? Ela sorriu? Ela nunca sorria.

Em volta da mesa redonda de carvalho no gabinete grande, arejado, mas sobriamente mobilado, do comissário-chefe, estavam sentadas quatro pessoas, sem contar com Duncan. O comissário-chefe adjunto Malcolm, prematuramente grisalho e com óculos. Tinha estudado filosofia e economia na universidade de Capitol, o que se refletia na forma como falava e era considerado por muitos como uma ave rara no quartel-general. Era um velho amigo de Duncan, que dizia que o tinha ido buscar porque precisavam das suas amplas capacidades de gestão. Outros afirmavam que era porque Duncan precisava do voto a favor incondicional de Malcolm nas reuniões da direção. Ao lado de Malcolm, sentava-se Lennox, inclinado para a frente, tão entusiasta como sempre, pálido como um albino. A secção dele, a Unidade Anticorrupção, tinha sido criada durante a reorganização feita por Duncan. Houvera uma pequena discussão sobre se *anti* devia estar no título, com alguns a defenderem que não diziam Unidade Antinarcóticos nem Unidade Anti-Homicídios. A fundamentação para a utilização de *anti* era que, nos tempos de Kenneth, a unidade que combatia os estupefacientes fora conhecida como unidade da corrupção na gíria local. Do outro lado de Duncan, estava sentada uma assistente que tirava notas da reunião e, ao lado dela, a inspetora Caithness.

Como Duncan não autorizava que se fumasse no seu gabinete, não havia

cinzeiros na mesa com pontas de cigarros que indicassem a Duff aproximadamente há quanto tempo estariam eles ali sentados, mas reparou que alguns dos blocos de apontamentos em cima da mesa tinham manchas de café e que algumas das chávenas estavam quase vazias. E a atmosfera aberta, agradável e quase descontraída sugeria que tinham chegado a uma conclusão.

— Obrigado por teres vindo tão depressa, Duff — disse Duncan, indicando-lhe a última cadeira vazia com a palma da mão aberta. — Deixa-me ir diretamente ao assunto. Vamos avançar com a fusão da tua Unidade de Narcóticos com a de Gangues para formar o Departamento do Crime Organizado. Esta é a nossa primeira crise desde que ocupei a cadeira de…

Duff olhou na direção que Duncan estava a indicar com a cabeça, para a secretária. A cadeira do comissário-chefe tinha as costas altas e era grande, mas não parecia nada confortável. Um bocado direita de mais. Sem estofo. Era uma cadeira ao gosto de Duff.

— … por isso acho que é importante mostramos alguma energia.

— Parece sensato — disse Duff.

E arrependeu-se imediatamente. O comentário dava a ideia de que tinha sido chamado para avaliar a argumentação das chefias.

— Quer dizer, tenho a certeza de que tem razão.

Houve uns instantes de silêncio à volta da mesa. Teria ido demasiado longe na direção oposta, sugerindo que não tinha opiniões próprias?

— Temos de ter a certeza absoluta de que a pessoa não é corrupta — continuou Duncan.

— Claro — disse Duff.

— Não só porque não podemos ter escândalos como este com o Cawdor, mas porque precisamos de uma pessoa que nos possa ajudar a apanhar os verdadeiros peixes graúdos. E não estou a falar do Sweno, mas do Hécate.

Hécate. O silêncio na sala depois de o nome ser dito era mais do que eloquente.

Duff endireitou-se na cadeira. Isto era de facto uma grande missão. Mas era claro que era isto que o trabalho exigia: matar o dragão. E era magnífico. Pois começava aqui. A vida como um homem diferente, um homem melhor.

— Chefiaste este ataque bem-sucedido aos Norse Riders — disse Duncan.

— Não o fiz sozinho, senhor comissário — respondeu Duff.

Dava frutos mostrar um pouco de humildade, especialmente em situações em que tal não era pedido; era precisamente nessa altura que uma pessoa se podia permitir ser humilde.

— É verdade — concordou Duncan. — O Macbeth ajudou-te. E muito, segundo soube. Qual é a tua impressão geral dele?

— Impressão, comissário?

— Sim, estiveram no mesmo ano na academia da polícia. Não há dúvida de que ele fez um bom trabalho com a Força de Intervenção e toda a gente lá se mostra entusiasmada com as suas qualidades de chefia. Mas, evidentemente, a Força de Intervenção é uma unidade muito especial. Tu conhece-lo e é por isso que gostaríamos de saber se acreditas que o Macbeth poderia ser o homem para esta tarefa.

Duff teve de engolir duas vezes antes de conseguir que as cordas vocais produzissem um som.

— Se o Macbeth poderia ser o homem para chefiar o Departamento do Crime Organizado, é o que quer dizer?

— Sim.

Duff precisou de uns segundos. Pôs a mão em cima da boca, baixou os sobrolhos e a testa com a esperança de que isto o fizesse parecer um pensador profundo — não um homem profundamente desapontado.

— Então, Duff?

— Uma coisa é chefiar homens num ataque a uma casa, disparar contra criminosos e salvar reféns — respondeu Duff. — E nisso o Macbeth é bom, sem dúvida alguma. Chefiar um departamento do crime organizado requer

qualificações ligeiramente diferentes.

— Estamos de acordo — disse Duncan. — Exige qualificações *ligeiramente* diferentes e não *completamente* diferentes. Chefiar é chefiar. E quanto ao carácter do homem? É de confiança?

Duff apertou o lábio superior entre o indicador e o polegar. Macbeth. Maldito Macbeth! O que devia dizer? Esta promoção pertencia-lhe a ele, Duff, e não a um tipo que podia igualmente ter acabado como malabarista ou lançador de facas num circo ambulante! Focou o olhar no quadro na parede atrás da secretária. Ponderação, lealdade, chefia e solidariedade. Conseguia vê-los na estrada secundária: Macbeth, ele próprio, os dois homens mortos. A chuva a lavar o sangue.

— Sim — respondeu Duff. — O Macbeth é de confiança. Mas, acima de tudo, é um profissional. Talvez hoje isso tenha ficado claro na atuação dele no estrado.

— De acordo com isso também — respondeu Duncan. — Foi por isso que o mandei lá para cima, para ver como ele ia enfrentar aquilo. Aqui, à volta da mesa, concordámos unanimemente que hoje ele mostrou um exemplo excelente do respeito de um profissional pelas rotinas de informação, mas também a capacidade de um verdadeiro chefe para entusiasmar e inspirar. *O Cawdor ainda lá está pendurado porque era um polícia corrupto*.

Gargalhadas silenciosas à roda da mesa com a imitação do dialeto rude da classe operária de Macbeth feita por Duncan.

— Se ele tem realmente essas qualidades — disse Duff, ouvindo uma voz interior sussurrar-lhe que não devia dizer aquilo —, tem de se questionar porque não progrediu desde os anos na academia da polícia.

— É verdade — concordou Lennox. — Mas isso é um dos argumentos mais fortes *a favor* do Macbeth. — Soltou uma gargalhada, um trinado agudo e despropositado. — Nenhum de nós sentados à volta desta mesa teve postos

elevados durante o tempo do último comissário-chefe. Porque nós, tal como o Macbeth, não fazíamos parte do jogo, recusávamos receber subornos. Tenho fontes que podem dizer com certeza *total* que isso empatou a carreira do Macbeth.

— Sendo assim, já responderam à pergunta — disse Duff inflexivelmente. — E claro que tomaram em consideração a relação que ele tem com a dona do casino.

Malcolm olhou para Duncan. Tendo recebido um movimento de assentimento, respondeu:

— A Unidade Antifraude está a analisar os negócios que foram autorizados a prosperar sob a administração anterior e, relativamente a isso, acabaram de fazer uma investigação rigorosa ao Casino Inverness. A conclusão a que chegaram é inequívoca: o Inverness é dirigido de maneira exemplar no que respeita às contas, aos impostos e às condições laborais. O que não é uma questão que se possa considerar garantida nestas espeluncas de jogo. Neste momento, estão a analisar as cartas do Obelisco — sorriu ironicamente. — E deixem que lhes diga que é uma história completamente diferente. Por isso, por outras palavras, não temos objeções à Lady e ao seu estabelecimento.

— O Macbeth é da zona oriental da cidade e um estranho — disse Duncan —, ao passo que todos nós nesta mesa somos vistos como pertença de um círculo privado. Sabem que fizemos frente ao Kenneth, representamos uma mudança de cultura na polícia, mas também fomos educados em escolas privadas e viemos de lares privilegiados. Acho que é um bom sinal para transmitir. Na polícia, na *nossa* polícia, todas as pessoas podem chegar ao topo, seja qual for o seu passado, sejam quais forem as relações que tenham, desde que trabalhem no duro e sejam honestas, com a ênfase em *honestas*.

— Bem pensado, senhor comissário — apoiou Lennox.

— Ótimo.

Duncan juntou as mãos e perguntou:

— Duff, há alguma coisa que queiras acrescentar?

Não viram as cicatrizes nos braços dele?

— Duff?

Não viram as cicatrizes nos braços dele?

— Algum problema, Duff?

— Não, senhor comissário. Não tenho nada para acrescentar. Tenho a certeza de que o Macbeth é uma boa escolha.

— Ótimo. Só me resta agradecer-lhes a todos por terem estado nesta reunião.

Macbeth olhou para as luzes vermelhas do semáforo enquanto os limpa-para-brisas se moviam de um lado para o outro no vidro da frente do *Volvo PV544* de Banquo. O carro era tão pequeno como Banquo, bastante mais velho do que os outros à volta deles, mas completamente funcional e seguro. Havia qualquer coisa no *design* do carro, especialmente o capô recuado e a parte da frente mais baixa e protuberante, que o fazia parecer um retrocesso ao período anterior à guerra. Mas internamente e debaixo do capô, segundo o proprietário, tinha tudo o que um homem podia pedir de um carro moderno. Os limpa-para-brisas esforçavam-se para afastar a chuva e a água a correr lembrava a Macbeth gelo a derreter. Um rapaz com o casaco molhado atravessou a correr a rua à frente deles e Macbeth viu que a luz para os peões tinha mudado de um homem verde para um homem vermelho. Um corpo humano coberto de sangue da cabeça aos pés. Macbeth estremeceu.

— O que é? — perguntou Banquo.

— Acho que estou a ficar com febre — respondeu Macbeth. — Estou sempre a ver coisas.

— Visões e sinais — disse Banquo. — Então é febre. Não admira, já agora. Encharcado durante todo o dia de ontem e mordido por um cão hoje.

— A propósito do cão, já descobrimos de onde ele veio?

— Só que não era do Cawdor. Deve ter entrado pela porta aberta da varanda. Gostava de saber como morreu.

— Não te disse? O Seyton matou-o.

— Eu sei, mas não consegui descobrir nenhuma marca nele. *Estrangulou-o*?

— Não sei. Pergunta-lhe.

— Já perguntei, mas ele não me deu uma resposta como deve ser, só…

— Está verde, pai.

O rapaz no banco de trás inclinou-se para a frente, entre os dois homens. Macbeth deitou uma olhadela ao rapaz alto e magro de dezanove anos. Fleance tinha herdado mais da simplicidade da mãe do que da jovialidade bem-disposta do pai.

— Quem está a guiar? Tu ou o teu pai, filho? — perguntou Banquo com um sorriso caloroso, e acelerou.

Macbeth olhou para as pessoas no passeio, as donas de casa que andavam às compras, os homens desempregados à porta dos bares. Nos últimos dez anos, a cidade tinha-se tornado cada vez mais movimentada durante a manhã. Isso devia ter dado à cidade uma atmosfera de grande atividade, mas a verdade é que era o oposto, as caras apáticas e resignadas lembravam mais os mortos-vivos. Tinha procurado sinais de mudança nos meses recentes. Para ver se a chefia de Duncan fizera alguma diferença. Os crimes de rua mais brutais e mais flagrantes talvez fossem mais raros, provavelmente porque havia mais patrulhas. Ou talvez tivessem apenas mudado para as ruas mais escondidas, para as áreas cinzentas.

— Conferências à tarde na academia da polícia — comentou Macbeth. — Não tínhamos disso nos meus tempos.

— Não é uma conferência — disse o rapaz. — Eu e mais uns quantos temos um colóquio.

— Um colóquio? O que é isso?

— O Fleance e alguns dos mais interessados marram juntos antes dos exames — explicou Banquo. — É uma boa ideia.

— O pai diz que tenho de estudar Direito. A academia da polícia não chega. O que achas, tio Mac?

— Acho que devias ouvir o teu pai.

— Mas tu também não fizeste Direito — protestou o rapaz.

— E olha onde é que isso o levou — respondeu Banquo com uma gargalhada. — Vá lá, Fleance. Tens de aspirar mais alto do que o desgraçado do teu pai e deste desmazeladão.

— Tu dizes que eu não tenho capacidades de chefia — disse Fleance.

Macbeth ergueu uma sobrancelha e olhou para Banquo.

— A sério? Julgava que a função de um pai é fazer com que os filhos acreditem que conseguem fazer seja o que for desde que se esforcem a sério, não?

— E é — respondeu Banquo. — E eu não disse que ele não tinha qualidades de chefia, só capacidades. E isso quer dizer que ele tem de trabalhar nisso. É esperto; só tem de aprender a confiar no seu discernimento, o que quer dizer tomar a iniciativa e não seguir sempre os outros.

Macbeth voltou-se para o assento de trás.

— Tens um pai que é um osso duro de roer.

Fleance encolheu os ombros.

— Há pessoas que querem sempre dar ordens e assumir o comando ao passo que outras não são assim… É assim tão estranho?

— Não é estranho — respondeu Banquo. — Mas se quiseres chegar a algum sítio, tens de tentar mudar.

— E *tu* mudaste? — inquiriu Fleance com um tom de aborrecimento na voz.

— Não, eu era como tu — replicou Banquo. — Feliz por deixar os outros

assumirem o comando. Mas gostava de ter tido alguém que me dissesse que as minhas opções eram tão boas como as dos outros. E às vezes, melhores. E se tiveres melhor discernimento, *deves* chefiar, é o raio do teu dever para com a comunidade.

— O que te parece, tio? Podes simplesmente mudar e *tornares-te* um chefe?

— Não sei — respondeu Macbeth. — Acho que há pessoas que são dirigentes natos e que se tornam chefes naturalmente. Como o comissário-chefe Duncan. Pessoas cujas convicções te contagiam, que conseguem fazer com que morras por uma coisa. Ao passo que outras que conheço não têm nem convicções nem capacidades de chefia, são apenas levadas pelo desejo de trepar, trepar até chegarem à cadeira do chefe. Podem ser inteligentes, simpáticas e ter o dom da palavra, mas na realidade não compreendem os outros. Porque não os *veem*. Porque compreendem e veem apenas uma coisa: elas próprias.

— Estás a falar do Duff? — perguntou Banquo com um sorriso.

— Quem é o Duff? — perguntou Fleance.

— Não interessa — respondeu Macbeth.

— Interessa, sim. Vá lá, tio. Estou aqui para aprender, não estou?

Macbeth soltou um suspiro.

— Eu e o Duff éramos amigos no orfanato e na academia da polícia e agora ele é o chefe da Unidade de Narcóticos. Esperemos que a caminho aprenda uma ou outra coisa e que isso o mude.

— Ele, não — respondeu Banquo com uma gargalhada.

— A Unidade de Narcóticos — disse Fleance. — É o que tem a cicatriz diagonal na fronha?

— Exato — respondeu o pai.

— Onde a arranjou?

— Nasceu com ela — disse Macbeth. — Mas aqui está a escola. Porta-te

bem.

— Sim, sim, tio Mac.

O «tio» vinha de quando Fleance era pequeno; hoje em dia, usava-o praticamente só de forma irónica. Mas, mesmo assim, enquanto Macbeth observava o rapaz a correr debaixo de chuva para os portões da academia da polícia, sentiu uma onda de afeto.

— É um bom miúdo — comentou ele.

— Devias ter filhos — disse Banquo, arrancando e afastando-se do passeio. — São uma dádiva para toda a vida.

— Eu sei, mas já é um bocado tarde para a Lady.

— Então com alguém mais novo. Que tal uma pessoa da tua idade?

Macbeth não respondeu, a olhar pela janela, absorto nos seus pensamentos.

— Quando vi o homem vermelho no semáforo, pensei na morte — disse ele.

— Estavas a pensar no Cawdor — respondeu Banquo. — A propósito, falei com o Angus quando ele estava a olhar para o Cawdor ali pendurado.

— Devaneios religiosos?

— Não. Ele disse apenas que não compreendia as pessoas ricas e privilegiadas que se suicidavam. Mesmo que o Cawdor tivesse perdido o emprego e fosse capaz de ter de cumprir algum tempo de cadeia, ainda continuava a poder ter uma vida longa e sem problemas. Tive de explicar ao rapaz que é a queda que faz isso. E a desilusão quando vês que o teu futuro não vai corresponder às expectativas que tinhas. É por isso que é importante não ter expectativas tão altas, começar devagar, não ter sucesso quando se é demasiado jovem. Uma subida planeada, não te parece?

— Estás a prometer ao teu filho uma vida melhor se ele estudar Direito.

— É diferente com os filhos. Eles são uma extensão da tua vida. Compete-lhes assegurar uma subida firme.

— Não era o Cawdor.

— O quê?

— Não estava a pensar no Cawdor.

— Não?

— Estava a pensar num dos jovens na estrada. Ele estava — Macbeth olhou para fora da janela — vermelho. Encharcado em sangue.

— Não penses nisso.

— Sangue-frio.

— Frio… o que queres dizer com isso?

Macbeth inspirou fundo.

— Os dois homens ao pé de Forres, eles tinham-se rendido. Mas mesmo assim, o Duff matou a tiro o tipo que tinha o capacete do Sweno.

Banquo abanou a cabeça.

— Eu sabia que era qualquer coisa do género. E o outro?

— Era uma testemunha. — Macbeth fez uma careta. — Tinham fugido da festa e ele vestia apenas uma camisa branca e umas calças brancas. Puxei da minha adaga. Ele começou a suplicar. Sabia o que ia acontecer.

— Não preciso de ouvir mais nada.

— Estava de pé atrás dele. Mas não conseguia fazê-lo. Fiquei ali com a adaga no ar, paralisado. Foi então que vi o Duff. Estava sentado com a cara entre as mãos a soluçar como uma criança. E então ataquei.

Ouviu-se uma sirene ao longe. Um carro de bombeiros. Que raio podia estar a arder com aquela chuva toda?, pensou Banquo.

— Não sei se foi por a roupa dele estar encharcada — continuou Macbeth —, mas o sangue cobria-o *todo*. A camisa e as calças todas. E ali deitado no asfalto com os braços para baixo e ligeiramente de lado, fez-me lembrar o semáforo. O homem que representa parar. Pare agora. Não ande.

Continuaram em silêncio e entraram na garagem sob o quartel-general da polícia. Só os chefes das unidades e os oficiais de patente mais elevada

tinham lugares de estacionamento ali. Banquo virou para o parque de estacionamento nas traseiras do edifício. Parou e desligou o motor. A chuva batia com força no tejadilho do carro.

— Compreendo — disse Banquo.

— O que é que compreendes?

— O Duff sabia que se vocês prendessem o Sweno, o arrastassem até ao tribunal, perante um juiz ganancioso na cidade mais corrupta do país, quanto tempo ia ele apanhar? Dois anos? Três, no máximo? Absolvição total? E compreendo-te a ti.

— Compreendes?

— Sim. Que apanharia o Duff se o lacaio do Sweno tivesse testemunhado contra ele? Vinte anos? Vinte e cinco? Na polícia, tomamos conta dos nossos. Ninguém mais o faz. E, o que é ainda mais importante, outro escândalo na polícia teria efeitos muito prejudiciais precisamente quando temos um comissário-chefe novo que está a começar a devolver ao público alguma fé na lei e na ordem. Temos de ver o quadro mais geral. E às vezes, a crueldade está do lado do bem, Macbeth.

— Talvez.

— Não penses mais nisso, meu amigo.

A água que corria pelo para-brisas tinha distorcido o edifício do quartel-general da polícia à frente deles. Não se mexeram, como se o que fora dito tivesse de ser digerido antes de conseguirem sair.

— O Duff devia estar-te grato — disse Banquo. — Se não tivesses feito aquilo, teria ele de o fazer, ambos sabiam isso. Mas agora têm ambos uma coisa contra o outro. Um equilíbrio de terror. É o que permite que as pessoas durmam à noite.

— Eu e o Duff não somos os Estados Unidos e a União Soviética.

— Não? E que são vocês de facto? Eram inseparáveis na academia da polícia e agora mal se falam. Que aconteceu?

Macbeth encolheu os ombros.

— Nada de importante. De qualquer das maneiras, provavelmente, éramos um par estranho. Ele é um Duff. A família dele teve bens antes e esse tipo de coisa perdura. Linguagem, maneiras da classe alta. No orfanato, isso expunha-o e isolava-o, depois pareceu que gravitava na minha direção. Tornámo-nos um duo com quem era melhor ninguém se meter, mas na academia, percebia-se que ele se sentia atraído pelos tipos como ele. Foi libertado na selva como um leão amansado. Estudou na universidade, encontrou uma rapariga da classe alta e casou-se. Filhos. Distanciámo-nos.

— Ou tu apenas te fartaste de ele se portar como o arrogante e egoísta filho da mãe que é?

— É frequente as pessoas fazerem uma ideia errada do Duff. Na academia da polícia, eu e ele jurámos que iríamos apanhar os mauzões. O Duff *quer* mesmo mudar a cidade, Banquo.

— Foi por isso que lhe salvaste o couro?

— O Duff é competente e trabalhador. Tem boas hipóteses de conseguir o Departamento do Crime Organizado, toda a gente sabe isso. Por isso, porque havia um erro no calor da batalha de acabar com a carreira de um homem que pode fazer algo verdadeiramente bom para todos nós?

— Porque nem parece teu matares um homem indefeso dessa maneira.

Macbeth encolheu os ombros.

— Se calhar, mudei.

— As pessoas não mudam. Mas agora entendo isto simplesmente como o teu dever de soldado. Tu, o Duff e eu estamos a combater do mesmo lado nesta guerra. Vocês mataram dois Norse Riders para que eles não possam continuar a matar os nossos filhos com o veneno deles. Mas tu não cumpres o teu dever por escolha. Sei o que te custa quando começas a ver os teus inimigos nos semáforos. És um homem melhor do que eu, Macbeth.

Macbeth sorriu afetadamente.

— Vês com mais clareza do que eu nas névoas da batalha, meu velho, por isso, é algum consolo para mim ter o teu perdão.

Banquo abanou a cabeça.

— Não vejo melhor do que ninguém. Sou apenas um tagarela com a dúvida como meu único guia.

— Dúvida, sim. Ela consome-te, às vezes?

— Não — respondeu Banquo, a olhar através do para-brisas. — Às vezes, não. Sempre.

Macbeth e Banquo dirigiram-se do parque de estacionamento para a entrada do pessoal nas traseiras do quartel-general, um edifício de pedra com duzentos anos no centro do Distrito 3 Leste. No seu tempo de vida, o edifício tinha sido uma prisão e havia muitas conversas sobre execuções e uns murmúrios sobre torturas. Muitos dos que lá trabalhavam até tarde também afirmavam que sentiam uma corrente de ar fria inexplicável a percorrer os gabinetes e que ouviam gritos distantes. Banquo dissera a Macbeth que era apenas o algo excêntrico porteiro, que desligava o aquecimento às cinco em ponto todos os dias, e os gritos que soltava quando via alguém a abandonar a secretária sem desligar o candeeiro.

Macbeth reparou em duas mulheres que pareciam asiáticas a tremer no passeio no meio dos homens desempregados, a olharem em redor como se estivessem à espera de alguém. As prostitutas da cidade costumavam juntar-se na Thrift Street atrás dos escritórios da Rede Ferroviária Nacional até que o município as expulsara há uns anos, e agora o mercado tinha-se dividido em dois: as que eram suficientemente atraentes para trabalharem nos casinos e as que eram forçadas a suportar as condições duras das ruas, que se sentiam mais seguras paredes-meias com a lei. Além disso, quando a polícia, depois de pressões periódicas de políticos ou da imprensa, «limpava» o «lixo do sexo» das ruas com prisões em massa, era conveniente para todos os lados

que a limpeza fosse breve e rápida. Depressa tudo voltava ao normal e, de qualquer maneira, não se podia excluir a possibilidade de alguns dos clientes das raparigas virem do próprio quartel-general. Mas Macbeth tinha recusado delicadamente as ofertas das raparigas durante tanto tempo que elas o deixavam em paz. Por isso, quando viu as duas mulheres moverem-se na sua direção e na de Banquo, supôs que fossem novas na zona. E ter-se-ia lembrado delas. Mesmo pelos padrões relativamente baixos destas ruas, a aparência delas não criava uma impressão favorável. Ora, Macbeth sabia por experiência que era difícil atribuir uma idade precisa às mulheres asiáticas, mas fosse qual fosse a delas, deviam ter passado por tempos muito duros. Via-se-lhe nos olhos. Eram do tipo frio e inescrutável que não deixa ver lá para dentro, que apenas refletem o que as rodeia e elas próprias. Andavam curvadas e traziam casacos baratos, mas havia outra coisa que lhe despertou a atenção, algo que não fazia sentido, a desfiguração das caras. Uma abriu a boca, mostrando uma fila de dentes sujos, castanhos e desleixados.

— Desculpem, minhas senhoras — disse Macbeth alegremente antes que ela conseguisse falar. — Gostaríamos de dizer que sim, mas eu tenho uma mulher tremendamente ciumenta e este aqui tem uma erupção cutânea horrível de uma doença venérea.

Banquo resmungou qualquer coisa enquanto abanava a cabeça.

— Macbeth — disse uma delas com uma pronúncia em *staccato* e numa voz estridente parecida com a de uma boneca e que discordava da dureza dos olhos.

— Banquo — disse a outra mulher numa voz igual e com a mesma pronúncia.

Macbeth estacou. As duas mulheres tinham penteado o comprido cabelo preto para cima das caras, provavelmente para as encobrirem, mas não conseguiam esconder os grandes narizes vermelhos que não tinham nada de asiáticos e que estavam pendurados por cima das bocas como vidro a brilhar

por baixo do tubo de um soprador de vidro.

— Sabem os nossos nomes — disse ele. — Em que as podemos ajudar, minhas senhoras?

Elas não responderam. Limitaram-se a apontar com as cabeças para uma casa do outro lado da rua. E aí, das sombras de uma arcada, saiu para a luz uma terceira pessoa. O contraste com as outras duas não poderia ter sido maior. Esta mulher — se era uma mulher — era tão alta e tinha uns ombros tão largos como um segurança e vestia um fato justo com padrão de pele de leopardo que lhe realçava as curvas femininas tal como um vigarista realça os benefícios falsos dos seus produtos. Mas Macbeth sabia o que ela estava a vender, pelo menos o que costumava vender. E os falsos benefícios. Tudo nela parecia ser extremo: a altura, a largura, os seios protuberantes, as unhas vermelhas que lembravam garras e se dobravam à volta dos dedos fortes, os olhos imensamente abertos, a maquilhagem teatral, as botas com saltos de agulha que lhe chegavam às coxas. Para ele, o único choque era que ela não tivesse mudado. Os anos todos que tinham passado aparentemente não haviam deixado nenhuma marca.

Ela atravessou a rua no que pareceu serem dois passos gigantescos.

— Cavalheiros — disse ela numa voz de baixo tão profundo que Macbeth julgou que conseguia ouvir os painéis de vidro atrás dele estremecerem.

— Strega — disse Macbeth. — Há muito tempo que não te via.

— Igualmente. Nessa altura, não passavas de um rapazelho.

— Então lembras-te de mim?

— Lembro-me de todos os meus clientes, inspetor Macbeth.

— E quem são estas duas?

— As minhas irmãs. — Strega sorriu. — Trazemos-te os parabéns do Hécate.

Macbeth viu Banquo enfiar automaticamente a mão dentro do casaco ao ouvir o nome Hécate e pousou uma mão apaziguadora no braço dele.

— Porquê?

— A tua nomeação como chefe do Departamento do Crime Organizado — respondeu Strega. — Salve, Macbeth!

— Salve, Macbeth! — ecoaram as irmãs.

— Do que estão a falar? — perguntou Macbeth, observando atentamente os desempregados do outro lado da rua. Tinha-se apercebido de um movimento quando Banquo ia deitar a mão à arma.

— O azar de uns é a sorte de outros — retorquiu Strega. — São essas as regras da selva. Mais mortos, mais pão. E quem irá ganhar o pão, pergunto eu a mim mesma, se o comissário-chefe Duncan morrer?

— Ei! — exclamou Banquo, dando um passo na direção dela. — Se isso é o Hécate a ameaçar-nos, então…

Macbeth puxou-o para trás. Agora já tinha visto. Três dos homens do outro lado da rua tinham olhado para cima, preparando-se. Estavam parados à parte, mas no meio dos outros, e havia uma semelhança: todos eles usavam casacos leves.

— Deixa-a falar — sussurrou Macbeth.

Strega sorriu.

— Não há ameaças. O Hécate não vai fazer nada; está apenas a constatar um facto interessante. Ele acha que vais ser o novo comissário-chefe.

— Eu? — Macbeth soltou uma gargalhada. — O vice do Duncan assumiria o cargo, claro, e ele chama-se Malcolm. Ponham-se a andar.

— As profecias do Hécate nunca falham — disse a mulher-homem. — E tu sabes isso.

Ela estava parada à frente de Macbeth sem se mexer e Macbeth apercebeu-se de que ela continuava a ser mais alta do que ele.

— Então? — perguntou ela. — A tua senhora do casino mantém-te limpo?

Banquo viu Macbeth inteiriçar-se. E pensou que esta Strega se devia dar

por feliz por ser considerada uma mulher. Macbeth resfolegou, pareceu que ia dizer qualquer coisa, mas mudou de ideias. Mudou o peso do corpo de um pé para o outro. Tornou a abrir a boca. Também não voltou a sair nada. Deu meia-volta e avançou a passos largos para a entrada do quartel-general.

A mulher alta ficou a observá-lo.

— E quanto a ti, Banquo? Não tens curiosidade em saber o que está guardado para ti?

— Não — respondeu ele e seguiu atrás de Macbeth.

— Ou para o teu filho, Fleance?

Banquo estacou.

— Um rapaz bom e trabalhador — disse Strega. — E o Hécate promete que se ele e o pai se portarem bem e seguirem as regras do jogo, em devido tempo também ele será comissário-chefe.

Banquo voltou-se para ela.

— Uma subida planeada — disse ela.

E fazendo uma pequena vénia, sorriu, voltou-se e agarrou nas outras duas pelo braço.

— Vamos embora, irmãs.

Banquo ficou a olhar para este trio bizarro até ele contornar a esquina do quartel-general. Elas tinham estado tão deslocadas ali que quando desapareceram, teve de perguntar a si mesmo se lá tinham estado realmente.

— Hoje em dia, há uma data de malucos nas ruas — comentou Banquo quando se juntou a Macbeth no átrio à frente da receção.

— Hoje em dia? — perguntou Macbeth, carregando impacientemente no botão do elevador. — Os malucos prosperaram sempre nesta cidade. Reparaste que as senhoras tinham guarda-costas?

— O exército invisível do Hécate?

As portas do elevador abriram-se.

— Duff — disse Macbeth, desviando-se para o lado. — Ora, como…?

— Macbeth e Banquo — disse o homem louro, passando por eles em direção à porta da rua.

— Bom Deus — disse Banquo. — Um homem stressado.

— É assim que acontece quando se tem o lugar do topo — respondeu Macbeth sorrindo, entrando no elevador e carregando no botão para a cave. O andar da Força de Intervenção.

— Já reparaste que os sapatos do Duff rangem sempre?

— Isso é porque ele compra sempre sapatos demasiado grandes para ele — respondeu Macbeth.

— Porquê?

— Não faço ideia — replicou Macbeth, conseguindo impedir que as portas se fechassem à frente do agente que se aproximava a correr vindo da receção.

— Acabámos de receber um telefonema do gabinete do comissário-chefe — disse ele, ofegante. — A dizer-nos para lhe pedir que subisse assim que chegasse.

— Está bem — respondeu Macbeth, largando as portas.

— Sarilhos? — perguntou Banquo, mal as portas se fecharam.

— Provavelmente — replicou Macbeth, carregando no botão para o quarto andar.

Sentiu os pontos no ombro começarem a picar.

CINCO

Lady atravessou a sala de jogo. A luz dos candelabros enormes caía suavemente no mogno escuro onde se jogava vinte-e-um e póquer, no feltro verde onde os dados iriam dançar mais tarde, na espiral dourada em forma de lança que se erguia como um minarete no meio da roda da roleta. Lady tinha mandado fazer os candelabros como cópias mais pequenas do candelabro de quatro toneladas e meia do Palácio Dolmabahçe em Istambul, ao passo que a espiral a apontar do meio do teto para a mesa da roleta era uma cópia da espiral da roda da roleta. Os candelabros estavam presos com cordas atadas aos corrimões do mezanino para poderem ser descidos todas as segundas-feiras e os vidros limpos. Isto era o género de detalhe que passava despercebido à maioria dos clientes. Tal como os pequenos e discretos lírios que ela tinha cosido nas espessas carpetes *bordeaux* que abafavam o som e que tinha comprado em Itália por uma pequena fortuna. Mas não *lhe* passavam despercebidas, ela via as espirais condizentes e só ela sabia o que os lírios comemoravam. Era suficiente. Pois isto era dela.

Os *croupiers* endireitavam-se automaticamente sempre que ela passava. Eles conheciam o seu ofício, eram eficientes e cuidadosos, tratavam os clientes com cortesia, mas eram firmes, tinham mãos bem cuidadas, cabelo bem penteado e usavam o uniforme preto dos *croupiers*, que era mudado todos os anos e feito à medida para cada um dos membros do pessoal. E, o mais importante de tudo, eram honestos. Isso não era uma coisa que ela

supusesse, era algo que *via* e *ouvia*. *Via* nos olhos das pessoas, nos tiques involuntários, nos estremecimentos musculares ou nos estados teatralmente relaxados. *Ouvia* nas pequenas distinções de cordas vocais trémulas. Era uma sensibilidade inata que possuía, herdada da mãe e da avó. Mas enquanto esta sensibilidade as tinha levado, conforme iam envelhecendo, para as sombras escuras da demência, Lady tinha usado as suas capacidades para desmascarar a desonestidade. Para se afastar do vale de lágrimas da infância e chegar onde estava hoje. As rondas de inspeção tinham duas funções. Uma era manter os empregados sempre alerta para que todos os dias, todas as noites, mostrassem ser pelo menos de uma classe mais elevada do que os do Obelisco. A segunda era descobrir qualquer desonestidade. Embora tivessem sido honestas e honradas ontem, as pessoas eram como barro molhado: eram moldadas pela oportunidade, pela motivação e por aquilo que se lhes dizia hoje, e podiam, despreocupadamente, fazer o que seria inconcebível no dia anterior. Sim, isso era a única coisa que estava garantida, a única coisa com que se podia contar: o coração era ganancioso. Lady sabia isso. Ela própria tinha um desses corações. Um coração que tão depressa amaldiçoava como se sentia feliz por ter, que lhe tinha trazido riqueza, mas que também lhe tinha tirado tudo. Mas era o coração que lhe batia no peito. Não podes mudar nada, não podes pará-lo, a única coisa que podes fazer é segui-lo.

Baixou a cabeça às caras familiares em volta da mesa da roleta. Clientes habituais. Todos tinham as suas razões para irem lá e jogarem. Havia os que precisavam de desligar depois de um dia de trabalho difícil e os que, depois de um dia de trabalho monótono, precisavam de um desafio. E aqueles que não tinham nem trabalho, nem um desafio, mas tinham dinheiro. Aqueles que não tinham nada do referido acima acabavam no Obelisco, onde lhes davam um almoço desenxabido, mas grátis se jogassem mais de quinhentos. Havia idiotas que julgavam que tinham um sistema que garantia ganhos duradouros, uma raça que estava sempre a morrer, mas que, curiosamente, nunca se

extinguia. E depois havia aqueles que — e nenhum dono de casino admitiria isto em voz alta — eram a base do negócio. Aqueles que tinham de o fazer. Aqueles que se sentiam obrigados a vir porque não conseguiam parar, arriscando tudo, noite após noite, fascinados pela bola da roleta a girar à volta da roda brilhante como um globo pequeno no campo gravitacional do sol, o sol que lhes dava a vida mas que no fim, com a inevitabilidade da física, também os iria queimar e matar. Os viciados. O sustento de Lady.

Falando de dependência. Olhou para o relógio. Nove. Ainda era um pouco cedo, mas ela desejava que as mesas estivessem cheias. As informações sobre o Obelisco indicavam que eles continuavam a tirar-lhe freguesia apesar do enorme investimento que ela tinha feito na decoração interior, na cozinha e na modernização dos quartos. Alguns achavam que ela estava num processo de se excluir do mercado por causa dos preços elevados e, como o Obelisco, já com três anos, estava bem estabelecido na cabeça das pessoas como uma alternativa mais razoável, ela podia e devia cortar nos padrões e nas despesas. Afinal, não perderia o seu estatuto de opção exclusiva da sociedade. Mas não conheciam Lady. Não sabiam que para ela não interessava o lucro ou o prejuízo, mas sim ser a opção exclusiva. Não apenas mais elegante do que o Obelisco, mas melhor, fosse qual fosse o termo de comparação. O Casino Inverness de Lady devia ser o sítio onde as pessoas queriam ser vistas, o sítio a que queriam estar associadas. E ela, Lady, devia ser a pessoa com quem queriam ser vistas e a quem queriam estar associadas. Os endinheirados vinham ali, e os políticos mais importantes, os atores e as personalidades do desporto, do firmamento das celebridades, escritores, beldades, alternativos e intelectuais — todos vinham à mesa de Lady, curvavam-se respeitosamente, beijavam-lhe a mão, enfrentavam a rejeição discreta dela do igualmente discreto pedido de crédito com um sorriso e aceitavam um Bloody Mary como oferta da casa. Com lucro ou sem lucro, ela não tinha percorrido todo aquele caminho para gerir um bordel,

como eles estavam a fazer no Obelisco, por isso, podiam ficar com a escória, aqueles que ela preferia não ver sob os candelabros do Inverness. Candelabros verdadeiros. Mas claro que a maré tinha de virar. Os credores *tinham* começado a fazer perguntas. E não gostaram da resposta dela: aquilo de que o Inverness precisava não era de bebidas mais baratas, mas de mais e maiores candelabros.

Todavia, não era o negócio que lhe ocupava a mente. Era o vício. E Macbeth ainda não ter chegado. Ele avisava sempre quando ia chegar tarde. E o que acontecera durante o ataque a Sweno tinha-o afetado. Ele não o dizia, mas ela sentia-o. Às vezes, parecia-lhe que ele tinha um coração estranhamente mole — um homem que ela vira, com os próprios olhos, matar. Tinha visto a determinação calculada antes de infligir a morte, a eficiência fria durante o ato e o sorriso sem remorsos a seguir.

Mas isto tinha sido diferente, sabia ela. O homem estava indefeso. E mesmo que ocasionalmente tivesse dificuldade em compreender o código de honra que homens como Macbeth defendiam, sabia que este tipo de questão o desorientava. Atravessou a sala, apercebeu-se dos olhares de dois homens ao balcão do bar. Ambos mais novos do que ela. Mas não lhe interessavam. Embora fizesse sempre tudo o que era possível para se sentir desejada, desprezava os homens que a desejavam. Com exceção de um homem. Ao princípio, tinha ficado surpreendida por um homem conseguir encher-lhe o coração e os pensamentos de forma tão completa. E interrogara-se com frequência por que razão ela, que nunca tinha amado um homem, amava este. Concluíra que era porque ele amava aquela parte dela que assustava os outros homens. A força. A força de vontade. Uma inteligência que era superior à deles e que não conseguia dar-se ao trabalho de esconder. Era preciso um homem para amar isso numa mulher. Parou junto da janela grande voltada para a Workers' Square e olhou na direção de *Bertha*, a locomotiva preta que guardava a entrada da estação abandonada. Para o pântano onde, ao longo

dos anos, tinha visto tantos ficarem presos e afundarem-se. Seria possível que ele…?

— Querida?

Quantas vezes tinha ouvido esta voz sussurrar esta palavra ao seu ouvido? Todavia, todas as vezes eram como se fosse a primeira. Ele levantou-lhe o longo cabelo vermelho para o lado ao mesmo tempo que os lábios lhe tocavam no pescoço. Nada profissional — Lady sabia que os dois homens no bar estavam a observar — mas ignorou. Ele estava ali.

— Onde estiveste?

— No meu gabinete novo — respondeu ele, envolvendo-lhe a cintura com um braço.

— Gabinete novo?

Acariciou-lhe o antebraço. Sentiu o tecido das cicatrizes por baixo das pontas dos dedos. Ele explicara-lhe que a razão para as cicatrizes estarem ali era ele ter tido de se injetar na escuridão sem conseguir ver as veias, por isso tivera de apalpar até encontrar a ferida da injeção anterior e injetar-se no mesmo buraco. Se fizeres isso bastantes vezes, durante vários anos, além da inevitável infeção de quando em quando, acabas com antebraços iguais aos dele, como se tivessem sido arrastados por cima de arame farpado. Mas não conseguiu sentir nenhumas feridas novas. Tinha sido anos antes. Há tanto tempo que às vezes — durante ataques de otimismo infantil — o considerava curado.

— Nunca pensei que chamasses gabinetes àquelas caixas de carvão na cave.

— No terceiro andar — disse Macbeth.

Lady voltou-se para ele:

— O quê?

Os dentes brancos brilharam no meio da barba escura.

— Estás a olhar para o novo chefe do Departamento do Crime

Organizado desta cidade.

— Isso é verdade?

— É. — Soltou uma gargalhada. — E agora estás com um ar tão chocado como aquele com que imagino que fiquei no gabinete do Duncan.

— Não estou chocada, meu amor. Estou… estou apenas feliz. É tão merecido! Não te estive sempre a dizer isso? Não te disse que merecias mais do que esse gabinete na cave?

— Sim, sim, disseste. Uma e outra vez, querida. Mas eras a única pessoa.

— E agora estamos a subir, meu amor. A saíres da obscuridade da tua cave! Espero que tenhas exigido um bom ordenado.

— Ordenado? Não, esqueci-me de pedir. A minha única exigência foi ter o Banquo como meu delegado e ambos concordaram. É uma loucura…

— Loucura? De maneira nenhuma. É uma nomeação sensata.

— Não a nomeação. Quando estávamos a caminho do quartel-general, encontrámos três irmãs enviadas pelo Hécate, que profetizaram que eu ia ficar com o cargo.

— Profetizaram?

— Sim!

— Deviam saber.

— Não. Quando cheguei ao gabinete do Duncan, ele disse-me que a decisão só tinha sido tomada cinco minutos antes.

— Hum. Feitiçaria, nada menos que isso.

— Provavelmente, estavam com uma pedrada das suas próprias drogas e a dizerem disparates. E disseram que eu ia ser o comissário-chefe também. E sabes uma coisa? O Duncan sugeriu que comemorássemos a minha nomeação aqui, no Inverness!

— Espera um minuto! O que disseram?

— Ele quis comemorar aqui. O comissário-chefe decidir organizar uma festa no teu casino não será bom para a tua reputação?

— Não, estou a falar das irmãs. Elas *disseram* que ias ser comissário-chefe?

— Sim, mas esquece isso, querida. Sugeri ao Duncan que fizéssemos uma festa à noite e que ele e todas as pessoas que vivem fora da cidade podiam passar a noite no hotel. Tens uma data de quartos livres nesta altura, por isso…

— Claro que faremos isso. — Acariciou-lhe a cara. — Consigo ouvir que estás feliz, mas continuas pálido, meu amor.

Macbeth encolheu os ombros.

— Não sei. Acho que estou a chocar qualquer coisa. Vejo homens mortos nas luzes dos semáforos.

Lady deu-lhe o braço.

— Anda. Tenho o que precisas, meu rapaz.

Ele sorriu.

— Sim, tens.

Atravessaram o casino descontraidamente. Ela sabia que eram os saltos altos que a faziam ficar meia cabeça mais alta do que ele. Sabia que a sua figura jovem, o elegante vestido de noite e o andar majestoso e ágil faziam com que os homens no bar continuassem a segui-la com os olhos. Sabia que isto era algo que não tinham no Obelisco.

Duff estava deitado na cama de casal a olhar para o teto, para a racha na tinta que conhecia tão bem.

— Depois, quando eu estava a sair da reunião, o Duncan chamou-me à parte e perguntou-me se eu ficara desapontado — explicou ele. — Ele disse que ambos sabíamos que eu teria sido o candidato natural para o posto.

A racha tinha ramificações que se espalhavam de uma forma aparentemente ao acaso, mas quando franziu os olhos com força, perdendo a focagem, a racha pareceu seguir um padrão, formar uma imagem. Só não

conseguia perceber qual era.

— E que respondeste? — veio a voz acima do ruído da água a correr na casa de banho.

Mesmo agora, depois de terem visto um do outro tudo o que duas pessoas conseguem ver, ela não gostava que ele o visse até ela estar pronta. E, para ele, estava tudo bem.

— Respondi que sim, que estava desapontado. Quando ele disse que queriam o Macbeth *porque* ele não pertencia ao círculo interno, eu ter sido um dos que tinha apoiado o projeto do Duncan desde o princípio foi usado *contra* mim.

— Bem, isso é verdade. O que…?

— O Duncan disse que havia outra razão, mas que não quis referi-la na presença dos outros. O ataque ao Sweno fora só parcialmente bem-sucedido, visto que o Sweno tinha escapado. E afinal eu recebera a informação tão cedo que poderia ter havido tempo para o informar. Eu quase destruíra um ano de trabalho infiltrado por aquilo que parecia uma exibição de orgulho pessoal. E o Macbeth e a Força de Intervenção tinham salvado a operação. Por isso, iria parecer suspeito escolher-me a mim e não a ele. Mas, pelo menos, deu-me um prémio de consolação.

— Deu-te o Departamento de Homicídios e isso não é mau, pois não?

— É mais pequeno do que os Narcóticos, mas pelo menos escapei à humilhação de ser um oficial subalterno no Crime Organizado.

— Seja como for, quem convenceu o Duncan?

— Que queres dizer?

— Quem defendeu o caso do Macbeth? O Duncan é um ouvinte; gosta de consensos e prefere as decisões de grupo.

— Acredita em mim, minha querida, ninguém faz lóbi pelo Macbeth. Duvido que ele saiba sequer o que a palavra significa. A única coisa que ele quer na vida é apanhar mauzões e garantir que a sua rainha do casino está

feliz.

— E falando disso…

Fez uma pose à porta da casa de banho. O *négligé* transparente revelava mais do que escondia, evidentemente. Duff gostava de muitas coisas nesta mulher, algumas das coisas nem sequer era capaz de explicar, mas o que idolatrava era bastante claro: a juventude dela. O brilho das velas no chão fazia com que a humidade nos olhos, nos lábios vermelhos, nos dentes cintilantes, refulgisse. Todavia, esta noite, ele precisava de algo mais. Não estava com disposição. Depois do que tinha acontecido, não se sentia o macho orgulhoso que se sentira de manhã. Mas isso talvez pudesse ser mudado.

— Despe isso — disse ele.

— Acabei de o vestir — respondeu ela rindo.

— É uma ordem. Fica onde estás e despe isso. Devagar.

— Hum. Talvez se receber uma ordem mais clara…

— Caithness, estás por este meio a receber uma ordem de um oficial superior para te virares de costas, puxares o que tens vestido pela cabeça, inclinares-te para a frente e agarrares-te bem à moldura da porta.

Duff ouviu o arquejozinho ameninado e chocado dela. Talvez tivesse sido emitido por atenção a ele, talvez não. Por ele, estava tudo bem. Começava a ficar com disposição.

Hécate avançou a passos largos pelo chão húmido da estação central, por entre as paredes a descascar e os drogados a resmonear. Reparou no olhar de dois tipos dobrados sobre uma colher e uma seringa que estavam, obviamente, a partilhar. Não o conheciam. Ninguém o conhecia. Talvez estivessem a pensar que o homem grande com um sobretudo de caxemira cor de mostarda, o cabelo, quase artificialmente preto, muito bem penteado e o *Rolex* resplandecente e pesado parecia a presa perfeita que acabara de entrar

no covil do leão. Ou podiam ter ficado desconfiados; se calhar havia qualquer coisa no andar autoconfiante e determinado, qualquer coisa na bengala com uma capa de ouro e que fazia um *toque-toque* rítmico a compasso com os saltos altos finos da mulher de ombros largos que vinha dois passos atrás dele. Se é que era uma mulher. Também podia ter havido qualquer coisa relacionada com os três homens, todos de sobretudos cinzentos e leves, que tinham entrado na estação imediatamente antes dele e que se tinham posicionado junto da parede. Talvez fosse por isso que sentissem que estavam no covil dele. Era *ele* o leão.

Hécate parou e deixou que Strega fosse à frente ao descer as escadas estreitas a tresandarem a urina que levavam à casa de banho. Viu os dois drogados baixarem a cabeça e dedicarem-se à tarefa que tinham entre mãos — aquecer e injetar. Drogados. Para Hécate, isto era simplesmente a constatação de um facto, sem desprezo ou irritação. Afinal de contas, eram o seu ganha-pão.

Strega abriu a porta ao fundo das escadas, levantou um homem que estava a dormir, mostrou-lhe os dentes para que ele percebesse a disposição com que estava e apontou com o polegar para a direção certa. Hécate seguiu atrás dela por entre os cubículos e os lavatórios a deitarem água. O fedor era tão intenso que Hécate ainda ficava com os olhos cheios de lágrimas. Mas também ele tinha uma função: mantinha os olhares curiosos afastados e fazia com que até os drogados mais empedernidos fizessem visitas o mais curtas possível. Strega e Hécate dirigiram-se para o cubículo mais afastado com o letreiro NÃO USAR na porta e uma sanita a transbordar de excrementos. Além disso, o tubo de néon do teto tinha sido retirado, de forma que se tornava impossível ver ou atingir as veias ali dentro. Strega tirou um dos azulejos por cima da sanita inutilizada, girou uma maçaneta e puxou. A parede abriu-se e eles entraram.

— Fecha-a depressa — mandou Hécate tossindo.

Hécate olhou em redor da divisão. Outrora fora um armazém dos caminhos de ferro e a outra porta dava para o túnel para as linhas do sul. Tinha mudado a sua produção para ali dois anos antes, quando o tráfego ferroviário cessara. Tivera de expulsar uns vagabundos e uns drogados e, embora nunca ali viesse ninguém e o comissário-chefe Kenneth tivesse sido o protetor deles com o posto mais elevado, instalara câmaras de vigilância camufladas no túnel e por cima das escadas que levavam à casa de banho. Ao todo, havia doze pessoas no turno da noite, todas de máscaras e batas brancas. Deste lado da divisória de vidro que dividia a sala em duas, a poção era cortada, pesada e empacotada em embalagens de plástico por sete pessoas. Junto da porta do túnel, estavam sentados dois guardas armados que vigiavam os trabalhadores e os monitores das câmaras de vigilância. Dentro da divisória de vidro, ficava aquilo a que chamavam o santuário interior ou simplesmente a cozinha. O tanque estava ali e só as irmãs tinham acesso a ele. A cozinha estava hermeticamente fechada por várias razões. Primeiro, para que nada do exterior pudesse contaminar os processos no interior e porque um idiota qualquer podia inadvertidamente acender um isqueiro ou atirar uma beata para o chão, fazendo-os explodir em mil pedaços. Mas principalmente porque toda a gente na divisão ficaria rapidamente viciada se inalassem as moléculas que flutuavam no ar diariamente.

Hécate descobrira as irmãs num antro de ópio em Banguecoque, onde as duas tinham montado um laboratório caseiro para fazer heroína a partir do ópio em Chang Rai. Ele não sabia muita coisa sobre elas, apenas que tinham fugido da China com as gentes de Chiang Kai-shek, que, segundo se dizia, a doença que lhes tinha devastado a cara tinha-se espalhado pela aldeia de onde elas vinham e que, desde que lhes pagasse pontualmente, davam-lhe tudo o que ele pedisse. Os ingredientes eram bem conhecidos, as proporções também, e outros podiam seguir os procedimentos pela janela de vidro. Todavia, havia um mistério sobre a maneira como misturavam e aqueciam os

ingredientes. E Hécate não via razão para negar os rumores de que usavam glândulas de sapos, asas de abelhões, sumo das caudas dos ratos e de que até assoavam os narizes para dentro do tanque. Criava um ar de magia negra e se havia alguma coisa por que as pessoas pagariam nas suas vidas demasiado reais, era precisamente essa: magia negra. E a poção estava a ser uma verdadeira bomba. Hécate nunca tinha visto tanta gente tornar-se tão desesperadamente viciada num período de tempo tão curto. Mas era igualmente óbvio que no dia em que as irmãs produzissem um produto ligeiramente menos potente, teria de se livrar delas. Era assim que as coisas eram. Tudo tinha o seu dia, o seu ciclo. Tal como as duas décadas sob o governo de Kenneth. Os bons tempos. E agora com Duncan, que, se o deixassem seguir o seu alegre caminho, significaria maus tempos para a indústria mágica. Era óbvio que se os deuses traziam bons e maus tempos, vidas humanas curtas e morte, uma pessoa tinha de garantir que se tornava um deus. É mais fácil do que se possa pensar. O obstáculo para a maioria das pessoas conseguir o estatuto de Deus era terem medo e serem supersticiosas e na sua submissão carregada de ansiedade acreditavam que existe uma moralidade, um conjunto de regras enviadas pelo céu que se aplica a toda a gente. Mas estas regras são feitas precisamente por aqueles que nos dizem que são deuses e, de uma maneira algo estranha, essas regras servem estes deuses. Bem, nem toda a gente pode ser um Deus e todos os deuses precisam de seguidores, uma base de clientes. Um mercado. Uma cidade. Muitas cidades.

Hécate pôs-se no fundo da sala, pousou as duas mãos no cimo da bengala e ficou ali parado. Esta fábrica era dele. Aqui era o dono da fábrica. Numa indústria em crescimento. Em breve teria de se expandir. Se não correspondesse à procura, outros o fariam, essas eram as regras simples do capitalismo. Há muito que tinha planos para se apoderar de uma das fábricas abandonadas, criar um negócio fictício qualquer como cobertura enquanto

confecionava a sua poção nas traseiras. Guardas, vedações de arame farpado, os seus próprios camiões a entrarem e a saírem. Podia aumentar a produção dez vezes e exportar para o resto do país. Mas ficaria mais visível e precisaria de proteção policial. Exigiria ter um comissário-chefe no bolso. Exigiria um Kenneth. Então, o que fazer se Kenneth estava morto? Cria-se um novo e abre-se um caminho para ele.

Recebeu sorrisos rígidos dos seus cortadores e embaladores antes de eles se lançarem às suas tarefas com uma energia renovada. Estavam assustados. Esse era o propósito fundamental destas inspeções. Não para parar o ciclo — era inevitável — mas para o atrasar. Todas as pessoas nesta cave iriam a determinada altura tentar enganá-lo, levar uns gramas para casa e venderem-nos elas próprias. Seriam descobertas e a sentença seria executada rapidamente. Por Strega. Ela parecia gostar das suas várias obrigações. Como ser mensageira juntamente com as irmãs.

— Bem, Strega — disse ele. — Achas que a semente que semeámos em Macbeth vai crescer?

— A ambição humana irá sempre estender-se para o sol como um cardo e fazer sombra e matar tudo à sua volta.

— Esperemos que sim.

— Eles são cardos. Não podem evitá-lo. São maus e tontos. Se as pessoas virem a primeira profecia do profeta realizada, vão acreditar cegamente na seguinte. E agora o Macbeth descobriu que é o novo chefe do Crime Organizado. A única pergunta é saber se o Macbeth tem dentro dele a ambição do cardo em quantidade suficiente. E a crueldade necessária para percorrer todo o caminho.

— O Macbeth não tem — respondeu Hécate. — Mas ela tem.

— Ela?

— A Lady, a sua adorada mulher dominadora. Não a conheço pessoalmente, mas conheço todos os segredos mais secretos dela e

compreendo-a melhor do que te compreendo a ti, Strega. A única coisa de que a Lady precisa é de tempo para chegar à conclusão inevitável. Podes crer no que te digo.

— E qual é?

— Que é preciso livrarem-se do Duncan.

— E depois?

— Depois — respondeu Hécate, batendo com a bengala no chão. *Tape-tape*. — Os bons tempos vão voltar.

— Tem a certeza de que podemos ter o Macbeth na mão? Agora que está limpo, provavelmente é moralista, não?

— Minha cara Strega, a única pessoa mais previsível do que um drogado ou um moralista é um drogado moralista dominado pelo amor.

Banquo estava deitado no quarto do primeiro andar a escutar a chuva, o silêncio no quarto, o comboio que nunca chegava. A linha férrea passava lá fora e ele visualizou o cascalho molhado e brilhante onde alguns carris e chulipas tinham sido retirados. Bem, roubados. Tinham sido felizes ali, ele e Vera. Viveram bons tempos. Conhecera Vera quando ela estava a trabalhar para a ourivesaria Jacobs & Sons, onde as pessoas finas iam comprar alianças de casamento e prendas para trocarem entre si. Uma noite o alarme contra assaltos disparou e Banquo — que estava a fazer patrulha — chegou ao local, com as sirenes a berrarem um minuto depois. Lá dentro, uma jovem aterrorizada estava a gritar desesperadamente, por cima da campainha estridente e que quase furava os tímpanos, que estava apenas a fechar, era nova ali e devia ter feito qualquer coisa errada quando estava a ligar o alarme. Ele só tinha apanhado uma ou outra palavra e tivera muito tempo para a observar. E, quando, por fim, ela tinha rebentado em lágrimas, ele passara um braço consolador à volta dela. Parecia uma frágil avezinha trémula e quente. Durante as semanas seguintes, foram ao cinema, passearam pelo lado com sol

no túnel e ele tinha-a beijado ao portão. Ela vivia em casa com uma família da classe trabalhadora. Desde muito nova tivera de contribuir e trabalhara na fábrica Estex, tal como os pais. Até que apanhara uma tosse má e tinha recebido o conselho não oficial de um médico para trabalhar noutro sítio e um emprego na Jacobs por recomendação.

— O salário é pior, mas vive-se mais tempo — explicara ela.

— Continuas a tossir?

— Só nos dias de chuva.

— Era boa ideia garantir que apanhas mais sol. Outro passeio no domingo?

Passados seis meses, Banquo foi à joalharia e perguntou-lhe se tinha um anel de noivado que pudesse recomendar. Ela ficara tão desnorteada que ele tivera de se rir.

Depois de terem casado, foram viver para o que era então um apartamento minúsculo com dois quartos e vizinhos por baixo deles no rés do chão. Pouparam dinheiro, compraram e fizeram amor na cama onde ele estava agora deitado. Por consideração para com os vizinhos, Vera — que era uma mulher ardente, mas envergonhada — esperava que passasse um comboio até se vir. Quando o comboio passava a trovejar, abanando as paredes e os candeeiros do teto, deixava-se ir, gritava e cravava as unhas nas costas dele. Fez a mesma coisa quando deu Fleance à luz naquela mesma cama — esperou até que o comboio viesse e depois gritou, enterrou as unhas na mão dele e empurrou um filho para fora.

No ano seguinte, compraram o rés do chão para terem mais espaço. Eram três e não tardaria que pudessem ser muitos mais. Mas cinco anos mais tarde, havia apenas dois deles: um rapaz e um homem. Tinham sido os pulmões dela. Os médicos culpavam o ar poluído, todas as toxinas das fábricas empurradas para baixo pelos sistemas de pressões baixas que pairavam sobre a cidade como uma tampa. E com pulmões que já estavam danificados…

Banquo culpava-se a si próprio. Não tinha sido capaz de poupar dinheiro suficiente para mudar a família para o outro lado do túnel, para Fife, para um sítio qualquer com um bocadinho de sol e ar que se pudesse respirar.

Agora tinham demasiado espaço. Conseguia ouvir o rádio no andar de baixo e sabia que Fleance estava a fazer os trabalhos da escola. Fleance era consciencioso, queria muito sair-se bem. Havia uma certa consolação no facto de aqueles que achavam a escola fácil e tinham um bom começo muitas vezes perderem o entusiasmo quando a vida se tornava dura. E que estudantes como Fleance, que era obrigado a empregar rotinas de trabalho rigorosas e que sabia que aprender exigia esforço, tivessem a sua oportunidade. Sim, ia correr tudo bem. E, quem sabe, talvez o rapaz conhecesse uma rapariga e começasse uma família. Aqui, nesta casa, por exemplo. Talvez estivessem a chegar tempos novos e melhores. Talvez pudessem ajudar Duncan ainda mais, agora que Macbeth estava encarregado de combater o crime organizado na cidade. A notícia tinha sido uma surpresa enorme para Banquo e para a maioria do quartel-general. Na cave da Força de Intervenção, Ricardo tinha-o dito sem rodeios: não conseguia imaginar Macbeth e Banquo de fato e gravata, sentados às secretárias. A desenharem diagramas e a apresentarem orçamentos. Ou a terem conversas bem-educadas em *cocktails* com comissários-chefes, membros da câmara municipal e outra gente fina. Mas iriam ver. Não iria haver falta de vontade. E talvez agora fosse a vez de pessoas como Macbeth, que estavam habituadas a ter de trabalhar arduamente, conseguirem os seus objetivos.

Não havia mais ninguém no quartel-general, não contando com Duff, que soubesse como Macbeth tinha sido viciado em anfetaminas quando era adolescente, como isso o enlouquecera, como se sentira tão desesperadamente perdido. Banquo andava na ronda, a palmilhar as ruas fustigadas pela chuva, quando deparou com o rapaz enrolado no banco de uma paragem de autocarro, completamente passado com a droga. Acordou-o

com intenção de o pôr a andar dali para fora, mas havia qualquer coisa nos suplicantes olhos castanhos. Qualquer coisa nos movimentos atentos quando se levantou, qualquer coisa no corpo compacto e em boas condições físicas que disseram a Banquo que seria um desperdício. Nessa noite, Banquo levou o rapaz de quinze anos para casa e arranjou-lhe roupas secas. Vera alimentou-o e meteram-no na cama. No dia seguinte, um domingo, Vera, Banquo e o rapaz atravessaram o túnel de carro e saíram para o sol do outro lado e foram dar um grande passeio a pé pelas colinas verdes. Ao princípio, Macbeth gaguejava, mas aos poucos foi-o fazendo cada vez menos. Tinha crescido num orfanato e sonhava trabalhar num circo. Mostrou-lhes que sabia fazer malabarismos e depois afastou-se cinco passos de um carvalho e atirou o canivete de Banquo à árvore, onde ficou espetado e a vibrar. O rapaz teve mais dificuldade em lhes mostrar as cicatrizes nos braços e em falar delas. Isso só aconteceu mais tarde, quando percebeu que Banquo e Vera eram pessoas em quem podia confiar. E mesmo então, disse apenas que começara depois de ter fugido de casa e não o que o tinha desencadeado. Depois disso, houve mais domingos, mais conversas e mais passeios. Mas Banquo lembrava-se especialmente bem daquele primeiro, porque Vera lhe tinha sussurrado quando iam a caminho de casa: «Vamos fazer um filho igual a ele.» E quando, quatro anos mais tarde, um Banquo orgulhoso acompanhara Macbeth até à academia da polícia, Fleance tinha três anos e Macbeth estava limpo há precisamente o mesmo tempo.

Banquo virou-se e olhou para a fotografia na mesa de cabeceira. Era dele e Fleance; estavam parados debaixo da macieira morta no jardim. O primeiro dia de Fleance na academia da polícia. Estava de uniforme, era manhã cedo, o sol brilhava e a sombra do fotógrafo caía em cima deles.

Ouviu o arrastar de uma cadeira e Fleance a andar pesadamente à volta da sala. Zangado, frustrado. Nem sempre era fácil compreender tudo de imediato. Levava tempo para adquirir conhecimento. Tal como levava tempo

e força de vontade para renunciar às drogas, a fuga a que tinhas ficado tão agarrado. Tal como levava tempo mudar uma cidade, corrigir injustiças, livrá-la dos sabotadores, dos políticos corruptos e dos criminosos importantes, dar aos cidadãos da cidade ar que pudessem respirar.

Estava outra vez tudo sossegado lá em baixo. Fleance tinha voltado para a secretária.

Era possível se levasses um dia de cada vez e se fizesses o trabalho que era preciso. Assim, era possível que os comboios voltassem a andar.

Escutou. Tudo o que ouvia era o silêncio. E a chuva. Mas, se fechasse os olhos, não era Vera que estava a respirar ao lado dele na cama?

A respiração arquejante de Caithness foi acalmando devagarinho.

— Tenho de ligar para casa — disse Duff, beijando-a na testa suada e pondo as pernas fora da cama.

— Agora? — exclamou ela.

Duff percebeu pela forma como ela mordeu o lábio inferior que lhe tinha saído de forma mais zangada do que pretendia. Quem dizia que ele não conseguia compreender as pessoas?

— O Ewan estava com dores de dentes ontem. Tenho de saber como está.

Ela não respondeu. Nu, Duff atravessou o apartamento. Era o que fazia geralmente, uma vez que o apartamento ficava numas águas-furtadas e ninguém conseguia ver lá para dentro. Além disso, não o incomodava que o vissem nu. Tinha orgulho no corpo. Talvez gostasse especialmente do seu corpo porque tinha crescido com vergonha da cicatriz que lhe dividia a face. O apartamento era grande, maior do que se imaginaria que uma jovem a trabalhar no setor público tivesse. Oferecera-se para a ajudar com a renda, uma vez que passava lá tantas noites, mas ela dissera que o pai tratava desse género de coisas.

Duff entrou no estúdio, fechou a porta atrás dele e marcou o número de

Fife. Escutou a chuva a tamborilar na janela do sótão mesmo por cima da cabeça dele. Ela atendeu depois do terceiro toque. Sempre depois do terceiro toque. Independentemente do sítio da casa onde estivesse.

— Sou eu — disse ele. — Como correu no dentista?

— Está melhor agora — respondeu ela. — Não estou muito certa de que fosse uma dor de dentes.

— Não? Então o que foi?

— Há outras coisas que podem doer. Ele estava a chorar e quando lhe perguntei porquê, não me quis dizer e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Agora está na cama.

— Hum. Estarei em casa amanhã e nessa altura vou ter uma conversa com ele. Como está o tempo?

— Céu limpo. Luar. Porquê?

— Podíamos ir ao lago amanhã, nós todos. Para um banho.

— Onde estás, Duff?

Ele inteiriçou-se, havia qualquer coisa na entoação dela.

— Onde? No Grand, claro. — E acrescentou numa voz exageradamente alegre. — Hora de ir para a caminha para os homens cansados, sabes.

— Liguei para o Grand ao princípio desta noite. Disseram que não tinhas feito reserva.

Levantou-se, muito direito, com o telefone na mão.

— Telefonei-te porque a Emily precisava de ajuda com a matemática. E, como sabes, não sou muito boa a somar dois e dois. Por isso, onde estás?

— No meu gabinete — respondeu Duff, respirando pela boca. — Estou a dormir no sofá do gabinete. Estou enterrado em trabalho até às orelhas. Lamento ter dito que estava no Grand, mas pensei que tu e as crianças não precisavam de saber como as coisas estão difíceis neste momento.

— Difíceis?

Duff engoliu em seco.

— O trabalho todo. E ainda não consegui o lugar do Crime Organizado.

Enrolou os dedos dos pés. Conseguia perceber que parecia patético, como se lhe estivesse a pedir que o libertasse do anzol por simpatia.

— Bem, seja como for, tens o Departamento de Homicídios. E um gabinete novo, como estou a ouvir.

— O quê?

— No último andar. Consigo ouvir a chuva a bater na janela. Agora vou desligar.

Ouviu-se um clique e ela desapareceu.

Duff arrepiou-se. O quarto estava frio. Devia ter vestido qualquer coisa. Não devia ter estado tão nu.

Lady ouviu a respiração de Macbeth e arrepiou-se.

Parecia que um calafrio tinha passado pelo quarto. Um fantasma. O fantasma de uma criança. Tinha de sair da escuridão que pesava sobre ela, forçar o caminho para fora da prisão mental que se tinha imposto à mãe e à avó, e ir para a luz. Lutar pela sua libertação, sacrificar o quer que fosse que tivesse de ser sacrificado para ser o sol. Para ser uma estrela. Uma mãe refulgente que era consumida no processo e dava vida a outros. O centro do universo enquanto ardia. Sim. Ardia. Tal como a sua respiração e a pele ardiam agora, expulsando o frio do quarto. Passou uma mão pelo corpo, sentindo a pele formigar. Era o mesmo pensamento, a mesma decisão de antes. Tinha de ser feito, não havia volta a dar-lhe. O único caminho era para a frente, direito a fosse o que fosse que estivesse no caminho deles, como uma bala de uma arma.

Pousou uma mão no ombro de Macbeth. Ele estava a dormir como uma criança. Ia ser a última vez. Abanou-o.

Ele voltou-se para ela, resmungando, estendeu as mãos. Sempre pronto para servir. Ela prendeu-lhe firmemente as mãos nas dela.

— Querido — sussurrou-lhe ela —, tens de o matar.
Ele abriu os olhos; brilharam na escuridão.
Ela largou-lhe as mãos.
Afagou-lhe a face. A mesma decisão de então.
— Tens de matar o Duncan.

SEIS

Lady e Macbeth tinham-se conhecido no final de uma noite de verão quatro anos antes. Fora um daqueles raros dias em que o céu brilhara num céu sem nuvens e Lady tivera a certeza de ter ouvido um pássaro a cantar de manhã. Mas quando o sol se tinha posto e o turno da noite começara, uma lua má tinha nascido por cima do Casino Inverness. Lady estava parada do lado de fora da entrada principal do casino, ao luar, quando ele se aproximou num veículo blindado da Força de Intervenção.

— Lady? — perguntou ele olhando-a nos olhos.

O que viu ela? Força e determinação? Talvez. Ou talvez tivesse sido porque era o que queria ver naquele momento.

Ela assentiu com a cabeça. A pensar que ele parecia demasiado novo. A pensar que o homem atrás dele, um homem mais velho com cabelo branco e olhos calmos, parecia mais indicado para a tarefa.

— Sou o inspetor Macbeth. Alguma alteração na situação, minha senhora?

Abanou a cabeça.

— Certo. Há algum sítio de onde os possamos ver?

— O mezanino.

— Banquo, reúne os homens enquanto faço o reconhecimento.

Antes de subirem as escadas para o mezanino, o jovem oficial sussurrou-lhe que devia descalçar os sapatos de salto alto para fazerem menos barulho.

O que queria dizer que já não era mais alta do que ele. No mezanino, primeiro mantiveram-se para trás, ao pé das janelas que davam para a Workers' Square para não serem vistos da sala de jogo por baixo. Mais ou menos a meio, aproximaram-se da balaustrada. Estavam parcialmente escondidos pela corda do lustre principal e pela armadura autêntica de Maximiliano do século XVI, que ela tinha comprado num leilão em Augsburgo. A ideia era que quando os jogadores a vissem ali, experimentassem o sentimento inconsciente de estarem a ser protegidos ou vigiados. A consciência de cada um determinaria qual delas. Lady e o polícia agacharam-se e espreitaram para a sala, de onde, vinte minutos antes, os clientes e o pessoal tinham fugido em pânico. Lady estivera no telhado a contemplar a lua cheia e, instintivamente, sentiu o mal quando ouviu o estrondo e os gritos lá em baixo. Desceu, agarrou um dos criados em fuga, que disse que um tipo qualquer tinha disparado uma arma para o lustre e estava a prender Jack.

Ela já tinha calculado o preço de um lustre novo, mas era óbvio que não seria nada comparado com o preço da arma — que estava na altura apontada à cabeça de Jack, o seu melhor *croupier* — disparar uma segunda vez. Afinal, parte do que o casino dela oferecia era excitação e descontração seguras. Se se criasse a impressão de que o Casino Inverness não podia oferecer isso, a sala de jogo ficaria tão vazia como estava agora. As duas únicas pessoas que restavam estavam sentadas na mesa de vinte-e-um por baixo do mezanino do outro lado. O pobre Jack estava direito como um fuso e branco como um lençol.

Atrás dele, segurando uma arma, estava o cliente.

— Será difícil dar-lhe um tiro a esta distância enquanto ele estiver escondido atrás do seu *croupier* — sussurrou Macbeth, tirando um pequeno telescópio do uniforme preto. — Temos de nos aproximar. Quem é ele e o que quer?

— Ernest Collum. Ele diz que mata o meu *croupier* se não lhe devolvermos tudo o que perdeu no casino.

— E é muito?

— Mais do que temos disponível aqui. O Collum é um dos viciados. É engenheiro e um génio com números, por isso sabe quais são as probabilidades. São das piores. Disse-lhe que iríamos tentar arranjar o dinheiro, mas os bancos estão fechados, por isso poderia levar algum tempo.

— Não temos muito tempo. Vou avançar.

— Como sabe?

Macbeth afastou-se da balaustrada e guardou o telescópio no uniforme.

— As pupilas dele. Está pedrado e vai disparar. — Carregou num botão do *walkie-talkie*. — Código Quatro Seis. Agora. Assume o comando, Banquo. Terminado.

— Banquo no comando. Terminado.

— Vou consigo — disse Lady, seguindo Macbeth.

— Não acho…

— Este casino é meu. O Jack é meu.

— Escute, minha senhora…

— O Collum conhece-me e as mulheres acalmam-no.

— Isto é um assunto da polícia — disse Macbeth descendo as escadas a correr.

— Também vou — insistiu Lady, correndo atrás dele.

Macbeth estacou e pôs-se à frente dela.

— Olhe para mim.

— Não, o senhor é que olha para mim — retorquiu ela. — Acha que tenho ar de quem *não* vai consigo? Ele está à espera que eu lhe leve o dinheiro.

Macbeth olhou para ela. Olhou atentamente. Olhou para ela da maneira que outros homens também tinham olhado. Mas também de uma maneira que

nenhum homem ou mulher tinham olhado. Eles olhavam para ela com medo ou admiração, respeito ou desejo, ódio, amor ou subserviência, avaliavam-na com os olhos, julgavam-na, subestimavam-na. Mas este jovem olhou para ela como se tivesse, finalmente, encontrado alguma coisa. Que reconheceu. De que tinha andado à procura.

— Venha lá, então — disse ele. — Mas mantenha a boca fechada, minha senhora.

A carpete espessa abafava o barulho dos pés quando entraram na sala.

A mesa onde os dois homens estavam sentados estava menos iluminada do que o costume por causa do lustre destruído. A cara de Jack, transformada numa mascara rígida com o choque, não se alterou quando viu Lady e Macbeth a virem na sua direção. Lady deu conta de que o cão da arma se levantava.

— Quem é você? — perguntou Collum numa voz pastosa.

— Inspetor Macbeth da Força de Intervenção — respondeu o polícia puxando uma cadeira e sentando-se, pousando as duas mãos na mesa para que ficassem visíveis. — A minha missão é negociar consigo.

— Não há nada para negociar, inspetor. Fui aldrabado por este casino durante anos. Isso arruinou-me. Eles manipulam as cartas. *Ela* manipula as cartas.

— E chegou a essa conclusão depois de tomar uma poçãozinha? — perguntou Macbeth tamborilando silenciosamente com os dedos no feltro. — Ela distorce a realidade, como sabe.

— A realidade, inspetor, é que eu tenho uma arma e estou a ver melhor do que nunca e, se não me derem o dinheiro, primeiro mato aqui o Jack, depois mato-o a si e depois a Lady, a alegada senhora, que nessa altura vai estar a tentar fugir ou a tentar dominar-me, mas vai ser tarde para ambas as coisas. Depois, possivelmente, eu próprio, mas teremos de ver se estarei com melhor disposição depois de os despachar aos três para o inferno e de fazer explodir

este sítio. — Soltou uma gargalhadinha. — Não estou a ver dinheiro nenhum e, por isso, estas negociações estão terminadas. Por isso, vamos lá começar…

O cão subiu mais. Automaticamente, Lady fez uma careta e ficou à espera do estouro.

— O dobro ou nada — disse Macbeth.

— Desculpe? — disse Collum.

Pronúncia impecável. Barba impecavelmente feita, fato de cerimónia impecável e uma camisa branca engomada. Lady calculou que a roupa interior também estava impecavelmente limpa. Ele sabia que era improvável que isto acabasse com ele a sair do casino com uma mala cheia de dinheiro. Iria ser levado para fora tão arruinado como tinha entrado. Mas, bem, impecável.

— Nós os dois vamos jogar uma partida de vinte-e-um. Se você ganhar, fica com todo o dinheiro que perdeu aqui, vezes dois. Se eu ganhar, fico com a sua arma e todas as balas e você desiste de todas as exigências.

Collum soltou uma gargalhada.

— Está a fazer *bluff*!

— A mala com o dinheiro que pediu já chegou e está no carro da polícia lá fora. A proprietária disse que está disposta a dobrar o dinheiro se nós concordarmos. Porque nós *sabemos* que houve algumas manigâncias com as cartas e o que é justo é justo. O que diz, Ernest?

Lady olhou para Collum, para o olho esquerdo, que era tudo o que estava visível por trás da cabeça de Jack. Ernest Collum não era um homem estúpido; muito pelo contrário. Não acreditou na história da mala. E contudo. Às vezes parecia que eram os clientes mais inteligentes que se recusavam a ver a inevitabilidade do azar. Se se desse tempo suficiente, toda a gente estava condenada a perder contra o casino.

— E porque é que você iria fazer isto? — perguntou Collum.

— Então? — perguntou Macbeth.

Collum piscou os olhos duas vezes.

— Eu dou as cartas e você é um jogador. Ela dá.

Lady olhou para Macbeth, que assentiu com a cabeça. Ela agarrou nas cartas, baralhou e pousou duas cartas à frente de Macbeth, viradas para cima.

Um seis. E o rei de copas.

— Doces dezasseis — disse Collum sorrindo abertamente.

Lady pousou duas cartas à frente de Collum, uma virada para cima. Ás de paus.

— Mais uma — pediu Macbeth, estendendo a mão.

Lady deu-lhe a carta de cima do baralho. Macbeth segurou-a encostada ao peito, deu-lhe uma olhadela rápida. Olhou para Collum.

— Parece que rebentaste, doces dezasseis — disse Collum. — Vamos ver.

— Oh, estou bastante contente com a minha mão — respondeu Macbeth sorrindo a Collum.

Depois atirou a carta para a direita, onde a mesa estava parcialmente na sombra. Automaticamente, Collum inclinou-se um pouco sobre a mesa para ver a carta melhor.

O resto aconteceu tão depressa que Lady se lembrava dele como se tivesse sido um relâmpago. O brilho rápido de uma mão em movimento, o clarão de aço que refletiu a luz ao voar para o outro lado da mesa, o clarão do olho de Collum, muito aberto num protesto melindrado, luz a cintilar numa cascata de sangue a jorrar dos dois lados da lâmina que lhe cortou a artéria carótida. O soluço trémulo de Jack.

E lembrava-se das cartas. Não do ás, não do seis. Mas do rei de copas. E, meio na sombra, da rainha de espadas. Ambas salpicadas com o sangue de Collum.

Eles entraram com os seus uniformes negros, rápidos, silenciosos, obedecendo a todos os sinais dele. Não tocaram em Collum; levaram para

fora um Jack soluçante. Ela afastou uma oferta de ajuda. Sentou-se a olhar para o jovem chefe da Polícia de Intervenção, que estava recostado na cadeira, parecendo satisfeito. Como alguém a pensar que tinha ganhado a última cartada.

— O Collum vai ganhar a última cartada — disse ela.

— O quê?

— A não ser que a encontremos primeiro.

— Encontremos o quê?

— Não ouviu o que ele disse? *Depois de os despachar aos três para o inferno e de fazer explodir este sítio.*

Ele olhou para ela durante alguns segundos, primeiro com surpresa, depois com outra coisa qualquer. Reconhecimento. Respeito. Depois gritou:

— Ricardo! Há uma bomba!

Ricardo era um tipo da Polícia de Intervenção com uma confiança calma no olhar, nos movimentos e nas ordens que dava de uma maneira suave. A pele era tão negra que Lady pensou que conseguia ver o seu reflexo nela. Ricardo e os seus homens levaram quatro minutos para encontrarem o que procuravam, dentro de um cubículo trancado da casa de banho. Uma mala de riscas que Collum tinha trazido para dentro depois de o porteiro ter investigado o conteúdo. Collum explicara que eram quatro barras de ouro. Tencionava usá-las como parada na mesa de póquer exclusiva, onde, até o Comité do Jogo e dos Casinos o ter proibido, tinham aceitado dinheiro vivo, relógios, alianças, hipotecas, chaves de carros e qualquer outra coisa, desde que os jogadores concordassem. Por trás das barras de ferro pintadas a ouro, Collum, o engenheiro e génio dos números, tinha posto uma bomba-relógio caseira, que, mais tarde, o perito de bombas da Força de Intervenção tinha elogiado pela perfeição. Lady não se conseguia lembrar de quantos minutos restavam no temporizador. Mas lembrava-se das cartas.

O rei de copas e a rainha de espadas. Nessa noite, encontraram-se sob

uma lua malévola.

Na noite seguinte, Lady convidou-o para jantar no casino. Ele aceitou o convite, mas recusou o aperitivo. Não ao vinho, sim à água. Ela tinha mandado pôr a mesa no mezanino com vista para a Workers' Square, onde a chuva caía e corria silenciosamente pelas pedras roladas em direção ao Inverness. Os arquitetos tinham construído a estação alguns metros mais acima porque pensavam que, com o passar do tempo, o peso de todo o mármore e de comboios como a Berta iria fazer o chão afundar-se no terreno pantanoso e sempre encharcado em água da cidade.

Falaram disto e daquilo. Evitaram tudo o que fosse demasiado pessoal. Evitaram o que tinha acontecido na noite anterior. Em resumo, passaram um bom bocado. E ele era — senão educado — tão encantador e arguto. E invulgarmente atraente, num fato cinzento um pouco apertado que, segundo ele, lhe tinha sido oferecido por Banquo, o colega mais velho. Lady ouviu histórias do orfanato, de um companheiro chamado Duff e de um circo ambulante a que ele se juntara um verão quando era miúdo. Sobre um domador de leões nervoso e sempre constipado, sobre as irmãs esqueléticas que eram artistas do trapézio e que só comiam alimentos alongados, sobre o mágico que convidava membros da audiência para irem ao ringue e fazia os objetos pessoais deles — uma aliança, uma chave ou um relógio — flutuarem no ar à frente dos próprios olhos deles. E ele escutou com interesse enquanto Lady falava do casino que tinha construído do nada. E finalmente, quando ela achou que já lhe tinha contado tudo o que podia ser contado, ergueu o copo de vinho e perguntou:

— Porque acha que ele fez aquilo?

Macbeth encolheu os ombros.

— A poção do Hécate põe as pessoas malucas.

— Nós arruinámo-lo, isso é verdade, mas não há batota com as cartas.

— Não pensei que houvesse.

— Mas há dois anos tivemos dois *croupiers* que arranjaram um esquema com jogadores na mesa de póquer e roubavam outros. Despedi-os, claro, mas ouvi dizer que se juntaram com uns financeiros e requereram ao conselho municipal que se construísse um segundo casino.

— O Obelisco? Sim, já vi os planos.

— Se calhar também sabe que uns quantos dos jogadores com quem trabalhavam eram políticos e homens do Kenneth?

— Já ouvi isso, sim.

— Por isso, o casino vai ser construído. E posso garantir-lhe que pessoas como o Ernest Collum vão ter todas as razões do mundo para sentirem que estão a ser aldrabadas.

— Receio que tenha razão.

— Esta cidade precisa de dirigentes novos. Um novo começo.

— A *Bertha* — disse Macbeth apontando com a cabeça para a janela virada para a estação central, onde a velha locomotiva preta brilhava à chuva em cima do pedestal ao lado da entrada, as rodas em cima de oito metros dos carris originais que iam até Capitol. — O Banquo diz que ela precisa que a ponham outra vez a andar. Precisamos de ter uma atividade nova e saudável. E também há boa energia nesta cidade.

— Esperemos que sim. Mas voltando à noite de ontem…

Fez girar o copo de vinho entre os dedos. Sabia que ele estava a olhar para o decote dela. Estava habituada a que os homens fizessem isso e era-lhe indiferente; sabia só que os seus atributos femininos podiam ser usados de vez em quando e que às vezes não deviam ser usados, tal como qualquer outro instrumento de negócio. Mas os olhos dele eram diferentes. *Ele* era diferente. Não era alguém de quem ela precisasse, apenas um polícia simpático num degrau baixo da escada. Por isso, porque estava a passar tempo com ele? Claro que podia ter-lhe dado outro sinal da gratidão que

sentia sem ser a sua presença. Observou a mão dele quando agarrou no copo de água. As veias grossas na mão bronzeada pelo sol. Era óbvio que ele fazia tudo para sair da cidade sempre que podia.

— O que teria feito se o Collum não concordasse em jogar vinte-e-um?

— Não sei — respondeu ele a olhar para ela.

Olhos castanhos. As pessoas desta cidade tinham olhos azuis, mas claro que ela já tinha conhecido homens com olhos castanhos. Mas não como estes. Não tão… fortes. E, todavia, vulneráveis. Meu Deus, estaria a apaixonar-se por ele? Nesta altura tão tardia da vida?

— Não sabe? — perguntou ela.

— Disse-me que ele era um viciado. Estava a contar que ele não conseguisse resistir à tentação de jogar mais uma vez. Com tudo.

— Estou a ver que tem estado em muitos casinos.

— Não. — Soltou uma gargalhada. Uma gargalhada de rapazinho. — Nem sequer sabia se as minhas cartas eram boas.

— Dezasseis contra um ás? Diria que não eram. Então como podia ter tanta certeza de que ele iria jogar? A história que lhe contou não era muito convincente.

Macbeth encolheu os ombros. Ela olhou para dentro do copo de vinho. E viu o que ele sabia. Ele sabia o que era ser viciado.

— Houve alguma altura em que duvidou que fosse capaz de o deter antes que ele matasse o Jack?

— Sim.

— Sim?

O jovem polícia bebeu um gole do copo de água. Não parecia estar a gostar deste assunto. Deveria deixá-lo em paz? Inclinou-se sobre a mesa.

— Conte-me mais, Macbeth.

Ele pousou o copo.

— Para um homem perder a consciência antes de ter tempo para apertar o

gatilho numa situação deste tipo, tem de se lhe dar um tiro na cabeça ou cortar-lhe a artéria carótida. Como viu, cortar-lhe a artéria produziu um jato de sangue breve mas espesso, depois o resto caiu em fio. Ora bem, o oxigénio de que o cérebro precisava estava no primeiro jato, o que queria dizer que ele estava inconsciente antes sequer de o sangue cair na mesa. Havia dois problemas. Primeiro, a distância ideal para atirar uma faca é de cinco passos. Eu estava sentado muito mais perto, mas, felizmente, as adagas que uso estão equilibradas. Isso torna-as mais difíceis de atirar para uma pessoa que não tenha muita experiencia, mas para uma pessoa experiente é mais fácil ajustar a rotação. O segundo problema era que o Collum estava sentado numa posição em que eu só podia chegar à artéria do lado esquerdo da cara. E teria de usar a mão direita. Eu sou, como pode ver, canhoto. Ficava dependente de um bocadinho de sorte. E, geralmente, não tenho sorte. A propósito, qual era a carta?

— Rainha de espadas. Você perdeu.

— Está a ver?

— Não tem sorte?

— Claramente, às cartas não.

— E?

Ele pensou um bocadinho. Abanou a cabeça.

— Nã. Também não tenho sorte no amor.

Riram-se. Brindaram um ao outro e voltaram a rir. Escutaram a chuva a cair. E ela fechou os olhos por uns instantes. Pensou que tinha ouvido gelo a tilintar nos copos no bar. O clique da bola na madeira a girar na roleta. Os batimentos do seu próprio coração.

— O quê? — Ele piscou os olhos no quarto às escuras.

Ela repetiu as palavras:

— Tens de matar o Duncan.

Lady ouviu o som das suas próprias palavras, sentiu-as crescer dentro da boca e afogar as batidas do coração.

Macbeth sentou-se na cama, olhando atentamente para ela.

— Estás acordada ou a falar a dormir, querida?

— Não. Estou aqui. E tu sabes que tem de ser feito.

— Estavas a ter um pesadelo. E agora…

— Não! Pensa nisso. É lógico. É ele ou nós.

— Achas que ele nos deseja algum mal? Acabou de me promover.

— Nominalmente, podes ser o chefe do Departamento do Crime Organizado, mas na prática, estás à mercê dos caprichos dele. Se quiseres fechar o Obelisco, se quiseres expulsar os traficantes de drogas da área em volta do Inverness e aumentar a presença da polícia nas ruas para que as pessoas se sintam seguras, tens de ser comissário-chefe. E isto são só as coisas pequenas. Pensa em todas as coisas grandes que poderíamos conseguir contigo na posição mais importante, querido.

Macbeth soltou uma gargalhada.

— Mas o Duncan quer fazer grandes coisas.

— Não duvido de que o queira honesta e verdadeiramente, mas para conseguir grandes coisas, o comissário-chefe tem de ter o apoio do povo. E para os habitantes desta cidade, o Duncan não passa de um snobe que conseguiu o lugar do topo, tal como fez o Kenneth, tal como o Tourtell fez na câmara. Não são as palavras bonitas que conquistam a populaça, é quem tu és. E tu e eu fazemos parte deles, Macbeth. Sabemos o que eles sabem. Queremos o que eles querem. Ouve. *Do povo. Para o povo. Com o povo.* Compreendes? Nós somos os únicos que podemos dizer isso.

— Compreendo, mas…

— Mas o quê? — Afagou-lhe o estômago. — Não queres ser tu a mandar? Não és um homem que quer estar no topo? Sentes-te feliz a lamber as botas dos outros?

— Claro que não. Mas se nos limitarmos a esperar, acabaremos por lá chegar. Como chefe do Departamento do Crime Organizado, ainda sou o número três.

— Mas o posto de comissário-chefe não é para tipos como tu, meu amor! Pensa nisso. Deram-te este posto para que *pareça* que somos tão bons como eles. *Nunca* te darão o lugar do topo, espontaneamente. Vamos ter de o *tirar*.

Macbeth rolou para o outro lado, voltando-lhe as costas.

— Vamos esquecer isto, querida. Da mesma maneira que te esqueceste que o Malcolm será o chefe se acontecer alguma coisa ao Duncan.

Ela agarrou-lhe o ombro, puxou-o e ele ficou voltado para cima.

— Não me esqueci de nada. Não me esqueci que o Hécate disse que vais ser o comissário-chefe e isso quer dizer que ele tem um plano. Nós tratamos do Duncan e ele trata do Malcolm. E não me esqueci da noite em que trataste do Collum. O Duncan é o Collum, meu docinho. Tem uma pistola apontada à cabeça do nosso sonho. E tu tens de descobrir a coragem que mostraste nessa noite. Tens de ser o homem que foste nessa noite, Macbeth. Por mim. Por nós. — Pousou uma mão na face dele e suavizou o tom de voz. — A vida não dá às pessoas como nós muitas oportunidades, querido. Temos de agarrar as poucas que se nos oferecem.

Ficou ali deitado. Em silêncio. Ela esperou. Escutou, mas agora não havia palavras a afogar-lhe o bater do coração. Ele tinha ambições, sonhos e força de vontade, ela sabia, tinham sido o que o fizeram sair da porcaria onde se encontrava — transformaram um jovem drogado num cadete da polícia e, mais tarde, no chefe da Força de Intervenção. Era essa a afinidade que partilhavam: ambos tinham conseguido vencer, ambos tinham pago o preço. E se ele parasse agora, a meio do caminho, antes de poderem saborear as recompensas? Era um homem corajoso e um homem de ação impiedoso, mas tinha pontos fracos que lhe podiam sair caros. Faltava-lhe a maldade. A maldade de que precisamos, nem que seja só por um segundo decisivo. O

segundo em que temos de lidar com o facto de não termos a moralidade restritiva do nosso lado, quando não podemos perder de vista o quadro todo, quando não nos podemos atormentar perguntando se estamos a fazer o que está certo nisto, neste bocadinho. Macbeth adorava aquilo a que chamava justiça, e a lealdade dele às regras dos outros era uma fraqueza que a podia levar a amá-lo. Em tempos de paz. E desprezá-lo agora, quando os sinos da guerra estavam a repicar. Passou a mão da cara para o pescoço dele, devagar pelo peito e pelo estômago. E depois voltou a subir. Escutou. A respiração era regular, calma. Estava a dormir.

Macbeth inspirou profundamente, como se estivesse a dormir. Ela tirou a mão. Passou-a para trás das costas dele. Estava a respirar calmamente agora. Ele tentou respirar ao mesmo tempo do que ela. *Matar o Duncan?* Impossível. Claro que era impossível.

Então porque não conseguia dormir? Por que razão as palavras dela persistiam? Por que razão os pensamentos lhe giravam dentro da cabeça como morcegos?

A vida não dá às pessoas como nós muitas oportunidades, querido. Temos de agarrar as poucas que se nos oferecem. Pensou nas oportunidades que a vida lhe tinha dado. Aquela noite no orfanato, que ele não tinha aproveitado. E a que Banquo lhe tinha dado e que *tinha* aproveitado. Como a primeira quase o matara e a segunda o salvara. Mas não é verdade que não aproveitamos algumas oportunidades que nos são oferecidas porque, de qualquer modo, elas nos irão condenar à infelicidade? Oh, o descontentamento insidioso que irá sempre envenenar a felicidade mais perfeita. E no entanto. O destino tinha aberto uma porta que se fecharia em breve? Estaria a coragem a abandoná-lo outra vez, tal como o tinha abandonado nessa noite no orfanato? Visualizou o homem na cama nessa altura, a dormir, sem desconfiar. Indefeso. Um homem que estava entre ele e

a liberdade que todos os seres humanos mereciam. Entre ele e a dignidade por que todos os seres humanos deviam ansiar. Entre Macbeth e o poder que iria ganhar. E o respeito. E o amor.

O dia começava a romper quando Macbeth acordou Lady.

— Se eu fizesse isto — disse ele —, ficaria em dívida para com o Hécate.

Ela abriu os olhos como se tivesse estado sempre acordada.

— Porque achas isso, querido? O Hécate só profetizou que uma coisa irá acontecer, por isso não há nenhuma dívida para pagar.

— Então, que tem ele a ganhar por eu vir a ser comissário-chefe?

— Era melhor perguntares-lhe, mas é óbvio. Ele deve ter ouvido que o Duncan jurou que não terá descanso até ter prendido o Hécate. E, provavelmente, sabe que não é inconcebível que tu desses prioridade a agir contra os gangues das drogas que usam violência e que se matam a tiro nas ruas.

— Os Norse Riders, a quem já demos uma coça?

— Ou contra os estabelecimentos que enganam e roubam as economias às desgraçadas das pessoas.

— O Obelisco?

— Por exemplo.

— Hum. Disseste qualquer coisa sobre as grandes coisas que podíamos fazer. Estavas a pensar em alguma coisa boa para a cidade?

— Claro. Lembra-te que o comissário-chefe decide quais os políticos que precisam ou não de ser investigados. E qualquer pessoa que conheça alguma coisa da assembleia municipal sabe que todas as pessoas numa posição de poder durante os últimos dez anos pagaram serviços de maneiras que não aguentam um escrutínio apertado. E que, por sua vez, exigiram pagamentos. Com o Kenneth, não precisavam de se dar ao trabalho de camuflar a corrupção, as provas estavam à vista de toda a gente. Nós sabemos isso, eles sabem isso e isso quer dizer que os podemos comandar como quisermos, meu

amor.

Afagou-lhe os lábios com o indicador. Dissera-lhe, na primeira noite que tinham passado juntos, que adorava os lábios dele. Eram tão suaves e tinham uma pele tão fina que ela conseguia sentir o sabor do sangue dele com uma pequena dentadinha.

— Obrigá-los a cumprir as promessas que fizeram de implementar iniciativas que salvariam a cidade — sussurrou ele.

— Exatamente.

— Pôr a *Bertha* a funcionar outra vez.

— Sim.

Mordiscou-lhe o lábio inferior e ele conseguiu sentir o estremecimento, o dela e o dele, os corações de ambos a baterem rapidamente.

Abraçou-a.

— Amo-te — sussurrou-lhe.

Macbeth e Lady. Lady e Macbeth. Agora estavam a respirar em uníssono.

SETE

Lady olhou para Macbeth. Estava tão elegante de *smoking*. Virou-se para se certificar de que o criado tinha calçado luvas brancas como ela pedira. E que os copos de champanhe no tabuleiro de prata eram os estreitos e altos. Principalmente por brincadeira, tinha posto no tabuleiro um pequeno mas elegante batedor de prata, embora muito poucos clientes já tivessem visto um antes e ainda menos soubessem para que servia. Macbeth balançou-se para trás e para a frente, enterrando os sapatos na carpete espessa do Inverness, e olhou fixamente para a porta da entrada. Parecera nervoso durante todo o dia. Só quando recapitularam os pormenores práticos do plano é que ele tinha recuperado a concentração, tornando-se no polícia profissional de uma unidade de resposta rápida, esquecendo-se de que o alvo tinha um nome. Duncan.

Os guardas lá fora abriram a porta e a chuva entrou numa rajada.

Os primeiros convidados. Lady ligou o seu sorriso mais excitado e mais feliz e enfiou a mão debaixo do braço de Macbeth. Sentiu-o endireitar-se instintivamente.

— Banquo, meu querido e velho amigo! — exclamou ela. — E trouxeste o Fleance. Ele tornou-se um jovem tão bem-parecido… Estou muito contente por não ter filhas!

Abraços e tilintar de copos.

— Lennox! Tu e eu temos de ter uma conversinha, mas primeiro,

champanhe. E cá está a Caithness! Estás deslumbrante, querida! Porque é que nunca consigo encontrar vestidos como esse? Vice-comissário-chefe Malcolm! Mas o seu título é simplesmente comprido demais. Importa-se que o trate apenas por chefe? Não conte a ninguém, mas às vezes peço ao Macbeth para me tratar por diretora-geral só para ouvir como soa.

Ela mal tinha trocado uma palavra com a maior parte deles antes, mas, mesmo assim, conseguia fazer com que eles sentissem que já se conheciam há anos. Porque ela conseguia ver dento deles, ver o que eles queriam que fosse visto — era a bênção da suprassensibilidade no meio de todas as suas maldições. Significava que ela podia ignorar os primeiros confrontos e ir direita ao assunto. Talvez fossem os seus modos despretensiosos que os levaram a confiar nela. Ela quebrava o gelo, contando-lhes pormenores aparentemente íntimos da vida dela, o que os tornava ousados e quando reparavam que os seus pequenos segredos eram recompensados com um «Ah» e um riso em tom de conspiração, atreviam-se a contar segredos um pouco maiores. Era improvável que outra pessoa da cidade soubesse mais sobre os seus habitantes do que a anfitriã desta noite.

— Comissário-chefe Duncan!

— Lady. As minhas desculpas pelo atraso.

— De modo nenhum. De facto, é a sua prerrogativa. Não queremos um comissário-chefe que chega primeiro. Eu certifico-me sempre de que sou a última a chegar para o caso de alguém ter alguma dúvida sobre quem é a rainha.

Duncan riu-se baixinho e ela pôs-lhe uma mão no braço.

— Está a rir-se, por isso, na minha opinião, a noite já é um sucesso, mas tem de experimentar o nosso requintado champanhe, caro comissário-chefe. Presumo que os seus guarda-costas não…

— Não. Provavelmente, vão trabalhar durante toda a noite.

— Toda a noite?

— Quando se ataca o Hécate publicamente, tem de se dormir com um olho aberto, pelo menos. Eu durmo com dois pares abertos.

— A propósito de dormir. Os seus guarda-costas têm o quarto adjacente à sua suíte com uma porta de comunicação, conforme pedido. As chaves estão na receção. Mas insisto que os seus guarda-costas provem, pelo menos, a minha limonada caseira, que garanto que não foi feita com a água potável da cidade.

Fez sinal a um criado com uma bandeja com dois copos.

— Nós… — começou a dizer um dos guarda-costas, aclarando a garganta.

— As recusas serão consideradas um insulto — interrompeu Lady.

Os guarda-costas trocaram olhares com Duncan e cada um agarrou num copo, esvaziou-o e voltou a pousá-lo no tabuleiro.

— É muito generoso da sua parte dar esta festa, minha senhora — disse Duncan.

— É o mínimo que posso fazer depois de o senhor ter feito do meu marido o chefe do Departamento do Crime Organizado.

— Marido? Não sabia que eram casados.

Ela inclinou a cabeça para trás.

— É um homem que defende a formalidade, comissário-chefe?

— Se por formalidade quer dizer regras, provavelmente sou. Faz parte da natureza do meu trabalho. Como do seu, suponho.

— Um casino aguenta-se ou cai dependendo de toda a gente saber que as regras se aplicam a todos os casos, sem exceção.

— Tenho de confessar que nunca tinha posto um pé num casino, minha senhora. Sei que tem os seus deveres de anfitriã, mas posso pedir-lhe uma pequena visita guiada quando lhe for conveniente?

— Com todo o prazer — respondeu Lady sorrindo e dando-lhe o braço. — Venha.

Levou Duncan pelas escadas até ao mezanino. Se os olhos e pensamentos secretos dele eram atraídos pela grande racha no vestido dela enquanto ela avançava à frente, escondia-o bem. Pararam junto da balaustrada. Era uma noite calma. Quatro clientes na mesa da roleta; as mesas de vinte-e-um estavam vazias; quatro jogadores de póquer numa mesa por baixo deles. Os outros que estavam na festa tinham-se reunido junto do bar, que estava praticamente por conta deles. Lady observou Macbeth enquanto este brincava nervosamente com o copo de água ao lado de Malcolm e Lennox, tentando fingir que estava a ouvi-los.

— Há doze anos, isto era uma ruína vandalizada e danificada pela água depois de a administração dos caminhos de ferro ter saído daqui. Como sabe, somos o único distrito do país que autoriza a existência de casinos.

— Graças ao comissário-chefe Kenneth.

— Abençoada seja a sua alma negra. A nossa mesa da roleta foi construída segundo o princípio de Monte Carlo. Pode pôr as suas apostas em ranhuras idênticas em ambos os lados da roleta, que é feita principalmente de mogno com um bocadinho de pau-rosa e marfim.

— Francamente, é deveras impressionante o que criou aqui, Lady.

— Obrigada, comissário-chefe, mas também teve o seu custo.

— Compreendo. Por vezes, uma pessoa interroga-se sobre o que nos move, a nós humanos.

— Então, diga-me o que o move a si.

— A mim? — Pensou durante um ou dois segundos. — A esperança de que um dia esta cidade possa vir a ser um sítio bom para se viver.

— Para lá disso. Para lá dos belos princípios que conseguimos articular tão facilmente. Quais são os seus motivos egoístas e emocionais? Qual é o seu motivo escuro, aquele que lhe sussurra durante a noite e que o assombra depois de terminados todos os discursos de comemoração?

— Isso é uma pergunta muito perspicaz, Lady.

— É a *única* pergunta, meu caro comissário-chefe.

— Talvez. — Rolou os ombros dentro do *smoking*. — E talvez eu não precisasse de uma motivação assim tão forte. Distribuíram-me boas cartas quando nasci numa família relativamente próspera em que a educação, a ambição e a carreira eram coisas naturais. O meu pai tinha um discurso claro e direto no que se referia à corrupção no setor público. Provavelmente, foi por isso que não chegou muito longe. Acho que apenas continuei o caminho dele e aprendi com os erros estratégicos que ele fez. A política é a arte do possível e, às vezes, temos de usar o mal para combater o mal. Faço seja o que for que tiver de fazer. Não sou o santo que a imprensa gosta de retratar, minha senhora.

— Os santos conseguem pouco, exceto serem canonizados. Sou mais a favor da sua escola de tática, comissário-chefe. Tem sido sempre esse o meu caminho.

— Consigo compreender isso. E embora não conheça nenhuns detalhes da sua vida, sei que teve de percorrer um caminho mais longo e mais íngreme do que eu.

Lady soltou uma gargalhada.

— Pode encontrar-me nos ficheiros desbotados dos seus arquivos. Sustentei-me com a profissão mais velha do mundo durante uns anos, não é propriamente um segredo. Mas todos temos um passado e fizemos, como o senhor diz, o que era preciso fazer. Joga, comissário-chefe? Se sim, gostaria que o fizesse por conta da casa esta noite.

— Obrigado pela sua generosidade, Lady, mas violaria as minhas regras se aceitasse.

— Mesmo a título individual, com carácter privado?

— Quando uma pessoa se torna comissário-chefe, a sua vida privada deixa de existir. Além disso, não jogo. Prefiro não me fiar nos deuses do destino e merecer todos os ganhos que possa ter.

— Todavia, chegou onde chegou, como o senhor mesmo disse, porque os deuses da sorte lhe distribuíram boas cartas quando nasceu.

Duncan sorriu.

— Eu disso *prefiro*. A vida é um jogo em que ou jogamos com as cartas que temos ou desistimos.

— Posso dizer uma coisa, comissário-chefe? Porque está a sorrir?

— Por causa da sua pergunta. Acho que irá fazê-la de qualquer maneira.

— Só queria dizer que acho que o senhor, meu caro Duncan, é uma pessoa completamente decente. É um homem com espinha dorsal e eu respeito quem o senhor é e aquilo que representa. E não menos importante porque se atreveu a dar a uma incógnita como o Macbeth uma posição tão preeminente na sua equipa.

— Obrigado, minha senhora. O Macbeth só deve agradecer a si próprio.

— Esta nomeação faz parte da sua campanha anticorrupção?

— A corrupção é como um percevejo. Às vezes, é preciso demolir a casa toda para acabar com a praga. E voltar a construir com materiais não infetados. Como o Macbeth. Ele não fazia parte do poder instalado, por isso, não está infetado.

— Como o Cawdor.

— Como o Cawdor, minha senhora.

— Sei o que custa cortar a carne infetada. Tive ao meu serviço dois empregados desleais. — Inclinou-se sobre a balaustrada e indicou a mesa da roleta com a cabeça. — Mesmo assim, chorei quando os despedi. Ser tentado pelo dinheiro e pela riqueza é uma fraqueza humana muito comum. E eu fui demasiado compassiva por isso: em vez de esmagar os percevejos com os tacões dos meus sapatos, deixei-os ir. E qual foi o agradecimento que tive? Eles usaram as *minhas* ideias, a competência que *eu* lhes dei e, provavelmente, dinheiro que roubaram daqui para construir um estabelecimento duvidoso que não só está a destruir a reputação da indústria,

mas também a tirar o pão da boca das pessoas que criaram este mercado, da nossa boca. Se expulsarmos os percevejos, eles voltam. Não, eu teria feito o mesmo que o senhor, comissário-chefe.

— Do que eu, minha senhora?

— Com o Cawdor.

— Não podia deixar passar incólume ele ter trabalhado com o Sweno.

— O que quero dizer é que o senhor fez o seu trabalho como deve ser. Tudo o que tinha contra ele era o testemunho de um Norse Rider que até o juiz e o júri mais estúpidos sabem teria estado disposto a dizer à polícia fosse o que fosse para não ir para a prisão. O Cawdor podia ter-se safado.

— Tínhamos um bocado mais contra ele do que isso.

— Mas não o suficiente para uma condenação irrefutável. Cawdor, o percevejo, *podia* ter voltado. E o escândalo ter-se-ia arrastado interminavelmente. Um processo no tribunal com um raio de uma tempestade de merda que podia facilmente deixar manchas aqui e ali. Não é exatamente disso que a polícia precisa quando está a tentar reconquistar a confiança da cidade. Tem o meu total apoio, comissário-chefe. Tem de os esmagar. Basta esmagá-los com o calcanhar e acaba tudo.

Duncan sorriu.

— Isso é uma análise muito detalhada, mas espero, minha senhora, que não esteja a sugerir que tive alguma coisa que ver com o falecimento prematuro do Cawdor.

— Não, Deus me livre — respondeu ela pousando uma mão no braço do comissário-chefe. — Estou apenas a dizer o que o Banquo diz frequentemente: há várias maneiras de esfolar um gato.

— Tais como?

— Hum. Como telefonar a um homem e dizer-lhe que chegou o dia do Julgamento Final. As provas são tão esmagadoras que a Força de Intervenção vai bater-lhe à porta dali a minutos; vai ser humilhado publicamente,

destituído de todas as suas honrarias, o nome dele vai ser arrastado pelas sarjetas. Restam-lhe apenas uns minutos.

Duncan estudou a mesa de póquer por baixo deles.

— Se tivesse uns binóculos — disse ele — conseguiria ver as cartas.

— Pois conseguiria.

— Onde arranjou os seus binóculos, minha senhora? Um dom inato?

Ela riu-se.

— Não, tive de os comprar. Com experiência. Foram muito caros.

— Claro que eu não disse nada, mas o Cawdor esteve na polícia durante muitos anos. Como a maior parte de nós, ele não era cem por cento bom, nem cem por cento mau. Talvez ele merecesse, talvez a família dele merecesse, poder escolher a maneira de sair de cena.

— É uma pessoa mais nobre do que eu, comissário-chefe. Eu teria feito o mesmo, mas exclusivamente por razões egoístas. *Santé*.

Ergueram os copos e fizeram tchim-tchim.

— A propósito de binóculos — disse Lady, indicando com a cabeça os outros no bar. — Estou a ver que o inspetor Duff e a jovem Caithness têm as antenas afinadas.

— Sim?

Duncan arqueou uma sobrancelha.

— Estão em pontas opostas do bar, do que eu consigo ver.

— Exatamente. Estão a manter a distância máxima entre eles. E ainda assim, estão a verificar de quinze em quinze segundos onde está o outro.

— Não lhe escapa muita coisa, pois não?

— Vi qualquer coisa quando lhe perguntei qual era o seu motivo escuro e egoísta.

Duncan soltou uma gargalhada.

— Também consegue ver no escuro?

— A minha sensibilidade à escuridão é herdada, comissário-chefe.

Consigo andar como uma sonâmbula nas noites mais escuras sem me magoar.

— Suponho que o motivo para o trabalho mais caridoso pode ser o egoísmo, mas a minha simples opinião é que o fim justifica o motivo.

— Então, gostaria de uma estátua como a que o Kenneth teve? Ou o amor do povo, que ele não teve?

Duncan olhou-a nos olhos, verificou se os guarda-costas atrás dele continuavam a não poderem ouvir, depois esvaziou o copo e tossiu.

— Para mim desejo ter a alma em paz, minha senhora. A satisfação de ter feito o meu dever. De ter mantido e melhorado a casa dos meus antepassados, por assim dizer. Sei que é perverso, por isso, por favor, não conte a ninguém.

Lady inspirou fundo, afastou-se da balaustrada e o rosto iluminou-se-lhe com um sorriso grande e feliz.

— Mas que está a sua anfitriã a fazer? A interrogar os seus convidados quando devíamos estar numa festa! Vamos ter com os outros? E depois, vou à cave buscar uma garrafa que tem estado à espera de uma ocasião como esta.

Depois de ter aguentado uma longa análise de Malcolm sobre as lacunas na nova lei fiscal, Duff desculpou-se e foi sentar-se ao balcão do bar para se recompensar com um *whisky*.

— Então? — disse uma voz atrás dele. — Como foi o teu dia livre com a família?

— Ótimo, obrigado — respondeu ele sem se voltar. Apontou para uma garrafa e fez um sinal com dois dedos ao empregado, indicando que queria um duplo.

— E esta noite? — perguntou Caithness. — Ainda queres ficar… no hotel?

A palavra de código para a cama dela. Mas ele conseguia ouvir que a pergunta não era só sobre aquela noite, mas também sobre as que estavam

para vir. Ela queria que ele repetisse o velho refrão: a garantia de que a queria, que *não* queria voltar para a família em Fife. Mas tudo isso levava tempo, havia muitos aspetos a considerar. Para ele era incompreensível que Caithness não o conhecesse melhor, que duvidasse que era isso que ele realmente queria. Talvez fosse por isso que respondeu com um certo tom de desafio que lhe tinham oferecido uma cama no casino.

— E é isso que queres? Ficar aqui?

Duff soltou um suspiro. O que queriam as mulheres? Queriam todas prendê-lo, amarrá-lo com uma corda à cabeceira da cama e alimentá-lo na cozinha para lhe poderem mungir a carteira e os testículos e o esmagarem com mais descendência e uma consciência culpada?

— Não — respondeu a olhar para Macbeth.

Considerando que ele era o foco da festa, parecia estranhamente oprimido e pouco à vontade. Será que a responsabilidade e seriedade do novo posto já estavam a intimidar o rapaz feliz e descuidado que existia nele? Bom, agora já era demasiado tarde, tanto para Macbeth como para ele próprio.

— Se saíres primeiro, eu espero um tempo apropriado e vou ter contigo.

Notou que ela hesitava atrás dele. Cruzou os olhos com os dela no espelho atrás das prateleiras das garrafas. Viu que ela estava prestes a tocar-lhe. Enviou-lhe um olhar de advertência. Ela desistiu. E foi-se embora. *Meu Deus*.

Duff emborcou a bebida, levantou-se para ir ter com Macbeth, que estava encostado à outra extremidade do balcão. Chegara a altura de o cumprimentar como devia ser. Mas nesse preciso momento, Duncan entrepôs-se; as pessoas amontoaram-se à volta dele e Macbeth desapareceu na confusão. Quando Duff o voltou a ver, Macbeth estava a ir-se embora, apressando-se atrás das saias de Lady que ele viu que ia a sair da sala.

Macbeth apanhou Lady quando ela estava a destrancar a porta da

garrafeira na cave.

— Não consigo fazê-lo.

— O quê?

— Não posso matar o meu comissário-chefe.

Lady olhou para ele.

Agarrou-o pelas lapelas do casaco, puxou-o para dentro e fechou a porta.

— Não me falhes agora, Macbeth. O Duncan e os seus guardas estão instalados nos quartos. Está tudo pronto. Tens a chave mestra, não tens?

Macbeth tirou a chave do bolso e mostrou-lha.

— Toma. Não posso fazer isto.

— Não podes ou não queres?

— As duas coisas. *Não o vou fazer* porque *não consigo* arranjar a vontade para uma vilania destas. Está errado. O Duncan é um bom comissário-chefe e eu não consigo fazer nada melhor do que ele. Por isso, qual é o objetivo, exceto alimentar a minha ambição?

— A *nossa* ambição! Porque depois da fome, do frio, do medo e do desejo sexual, não resta mais nada a não ser a ambição. E essa é a chave mestra. Usa-a!

Ainda o estava a agarrar pelas lapelas e tinha a boca tão perto da dele que ele conseguia sentir o sabor da fúria na respiração dela.

— Querida… — começou ele a dizer.

— Não! Se pensas que o Duncan é um homem tão honrado, fica a saber que ele matou o Cawdor para se poupar às revelações embaraçosas que podiam ter vindo a público se ele tivesse ficado vido.

— Isso não é verdade!

— Pergunta-lhe tu mesmo.

— Só estás a dizer isso para… para…

— Para fortalecer a tua vontade.

Largou-lhe as lapelas e, em vez disso, pousou as mãos nelas como se

quisesse sentir o bater do coração.

— Pensa apenas que vais matar um assassino, tal como mataste o Norse Rider, e assim será fácil.

— Não *quero* que seja fácil.

— Se é o teu sentido de moralidade que está a levar a melhor, então lembra-te apenas que estás obrigado pela promessa que me fizeste a noite passada, Macbeth. Ou estás a dizer-me que aquilo que eu vi e interpretei como coragem quando mataste o Ernest Collum foi apenas a imprudência de um jovem porque não era a tua vida que estava em risco, mas a do meu *croupier*? Ao passo que agora, quando tu próprio tens de arriscar alguma coisa, foges como uma hiena cobarde.

As palavras dela eram absurdas, mas mesmo assim atingiram-no.

— Sabes que isso não é verdade — protestou ele desesperado.

— Então como *podes* não cumprir a promessa que me fizeste, Macbeth?

Ele engoliu em seco. Procurou desesperadamente encontrar as palavras certas.

— Eu… és capaz de me dizer que cumpres *todas* as tuas promessas?

— Eu? *Eu?* — Soltou uma gargalhada lancinante. — Para cumprir uma promessa feita a mim própria, arranquei do meu peito a minha filha que mamava e esmaguei-lhe a cabeça contra uma parede. Por isso, como poderia quebrar uma promessa feita a ti, meu adorado?

Macbeth ficou parado a olhar para Lady. Estava a inalar o hálito dela, o hálito venenoso. Sentiu que ele o ia enfraquecendo a cada segundo.

— Mas não percebes, pois não, que, se isto falhar, o Duncan também te cortará a cabeça?

— Não vai falhar. Ouve. Vou dar ao Duncan um copo deste borgonha e vou insistir para que os guarda-costas pelo menos o *provem*. Não vão notar nada, mas são capazes de ficar um bocadinho baralhados mais tarde. E vão dormir como pedras quando forem para a cama…

— Sim, mas…

— Chiu! Tu vais usar as adagas, por isso, não há hipótese de eles acordarem. Depois, besunta o sangue das lâminas nos guardas e deixa as adagas nas camas deles. E, mais tarde, quando os acordares…

— Eu lembro-me do nosso plano. Mas tem pontos fracos e…

— O plano é *teu*, meu amor.

Agarrou-lhe o queixo com uma mão e mordeu-lhe com força o lóbulo da orelha.

— E é perfeito. Toda a gente vai perceber que os guardas foram comprados pelo Hécate; estavam era demasiado bêbedos para esconderem os vestígios do crime.

Macbeth fechou os olhos.

— Tu só podes dar à luz rapazes, não é?

Lady soltou uma risadinha abafada. Deu-lhe um beijo no pescoço.

Macbeth agarrou-a pelos ombros e afastou-a.

— Vais ser a minha morte, Lady. Sabes isso, não sabes?

Ela sorriu.

— E tu sabes que onde quer que tu vás, eu vou.

OITO

O jantar foi servido no restaurante do casino. Duff foi sentado ao lado da anfitriã, que tinha Duncan do outro lado. Macbeth estava sentado à frente deles, com Caithness como vizinha. Duff reparou que nem Macbeth nem Caithness falaram ou comeram muito, mas a atmosfera continuava agradável e a mesa era tão larga que era difícil ter uma conversa de um lado para o outro. Lady tagarelava e parecia estar a divertir-se com Duncan, ao passo que Duff ouvia Malcolm e fazia um esforço para se concentrar e não bocejar.

— A Caithness está linda esta noite, não está?

Duff voltou-se. Era Lady. Estava a sorrir-lhe, os grandes olhos azuis inocentes sob o cabelo ruivo flamejante.

— Sim, quase tão linda como a senhora — respondeu Duff, mas apercebendo-se de que faltava às suas palavras a faísca que lhes poderia ter dado vida.

— Ela não é apenas linda — continuou Lady. — Calculo que como mulher na polícia deve ter tido de sacrificar muita coisa para chegar ao lugar que tem hoje. Ter uma família, por exemplo. Consigo perceber que ela sacrificou ter uma família. Não consegue também, Duff?

Olhos cinzentos. Eram cinzentos, não eram azuis.

— Todas as mulheres que querem progredir têm de sacrificar alguma coisa, suponho eu — respondeu Duff, levantando o copo e descobrindo que estava outra vez vazio. A família não é tudo para toda a gente. Não concorda,

minha senhora?

Lady encolheu os ombros.

— Nós, seres humanos, somos práticos. Se as decisões que tomamos uma vez não podem ser mudadas, fazemos tudo para as defender para que os nossos erros não nos assombrem e atormentem demasiado. Acho que é a receita para uma vida feliz.

— Então quer dizer que tem receio de ficar perturbada se vir as suas decisões sob uma luz verdadeira?

— Para uma mulher conseguir aquilo que quer, tem de pensar e agir como um homem e não ter em consideração a família. A dela ou as outras.

Duff encolheu-se, horrorizado. Tentou ver-lhe os olhos, mas ela inclinara-se para a frente para encher os copos dos convidados à volta dela. E, no instante seguinte, Duncan bateu no copo, levantou-se e tossiu.

Duff observou Macbeth durante o inspirado discurso de agradecimento, que prestou homenagem não só ao jantar da anfitriã e à promoção do anfitrião, mas à missão a que todos se tinham comprometido: tornar a cidade um lugar onde era possível viver. E rematou dizendo que depois daquela semana longa mereciam o descanso que o Deus misericordioso lhes tinha concedido e que seriam sensatos em usá-lo porque havia grandes probabilidades de o comissário-chefe não se ir mostrar um deus tão compassivo nas semanas que se avizinhavam.

Desejou-lhes uma boa noite, abafou um bocejo e propôs um brinde aos anfitriões. Durante o aplauso que se seguiu, Duff olhou para Macbeth, do outro lado da mesa, perguntando para consigo se ele iria retribuir o brinde — afinal de contas, Duncan era o comissário-chefe. Mas Macbeth limitou-se a ficar ali sentado, pálido e tão rígido como uma tábua, aparentemente apanhado de surpresa pela situação nova, o seu estatuto novo e as novas exigências que iria ter de enfrentar.

Duff puxou a cadeira de Lady para trás.

— Obrigado por tudo esta noite, minha senhora.

— Digo o mesmo, Duff. Tem a chave para o seu quarto?

— Hum, vou ficar… noutro sítio.

— Em casa, em Fife?

— Não, com um primo. Mas estarei aqui amanhã cedo para vir buscar o Duncan. Vivemos os dois em Fife, não muito longe um do outro.

— A que horas?

— Às sete. Tanto eu como o Duncan temos filhos e… Bem, é fim de semana. Vão todos, sabe como é.

— Na realidade, não sei — respondeu Lady com um sorriso. — Durma bem e dê os meus cumprimentos ao seu primo.

Um a um, os convidados foram abandonando o bar e as mesas de jogo para irem para os quartos ou para casa. Macbeth estava na receção a dar apertos de mão e a murmurar despedidas ocas, mas pelo menos ali não tinha de fazer conversa com os retardatários ainda no bar.

— Não pareces mesmo nada bem — disse-lhe Banquo, com um ligeiro arrastar das palavras. Tinha acabado de sair da casa de banho e pousou uma pata pesada no ombro de Macbeth. — Vai mas é para a cama para não infetares as outras pessoas.

— Obrigado, Banquo. Mas a Lady ainda está no bar a entreter os convidados.

— Já há quase uma hora que o chefe foi para a cama, por isso, estás autorizado a ir também. Vou só tomar um copo no bar e depois eu e o Fleance também vamos embora. E não te quero ver aqui parado como um porteiro. *Okay*?

— *Okay*. Boa noite, Banquo.

Macbeth viu o amigo regressar ao bar, um bocadinho cambaleante. Olhou para o relógio. Faltavam sete minutos para a meia-noite. Iria acontecer dentro

de sete minutos. Esperou três. Depois endireitou-se, olhou pelas portas duplas para o bar onde Lady estava parada a ouvir Malcolm e Lennox. Nesse instante, como se tivesse sentido a presença dele, ela voltou-se e cruzaram um olhar. Lady fez um impercetível movimento de cabeça e ele retribuiu. Ela riu-se com qualquer coisa que Malcolm disse e replicou com qualquer coisa que fez rir os dois homens. Era muito boa.

Macbeth subiu as escadas e entrou na suíte dele e de Lady. Encostou a orelha à porta que dava para o quarto dos guarda-costas. O ressonar que vinha lá de dentro era regular, seguro. Quase natural. Sentou-se na cama. Passou a mão pela colcha macia. A seda sussurrou sob as pontas dos dedos ásperos. Sim, ela era boa. Melhor do que ele seria alguma vez. E talvez eles conseguissem ser bem-sucedidos com aquilo — talvez eles os dois, Macbeth e Lady, pudessem fazer a diferença, moldar a cidade à imagem deles, continuar o que Duncan tinha começado e levá-lo ainda mais longe do que ele alguma vez teria conseguido. Tinham a vontade, tinham a força e sabiam conquistar as pessoas. Do povo. Para o povo. Com o povo.

Os dedos afagaram as duas adagas que tinha pousado em cima da cama. Se não fosse o facto de o poder corromper e envenenar, não teriam de fazer isto. Se o coração de Duncan tivesse sido puro e idealista, podiam ter discutido o assunto e Duncan teria visto que Macbeth era o melhor homem para realizar o sonho dele de tirar a cidade da escuridão. Pois fossem quais fossem os sonhos que Duncan tinha, as pessoas comuns da cidade não iriam seguir um estranho da classe alta e de Capitol, pois não? Não, precisavam de um dos deles. Duncan podia ter sido o piloto, mas Macbeth teria de ser o capitão — desde que conseguisse que a tripulação lhe obedecesse, conduzisse o barco para onde ambos queriam, um porto seguro. Mas mesmo que ele aceitasse que uma transferência do poder seria o melhor para a cidade, Duncan nunca entregaria a sua posição a Macbeth. Duncan, apesar de todas as suas virtudes, não era melhor do que qualquer outra pessoa no poder:

punha as ambições pessoais acima de tudo o resto. Era só ver como tinha matado aqueles que lhe poderiam manchar a reputação ou ameaçar a autoridade. O corpo de Cawdor ainda estava quente quando eles lá chegaram.

Não era assim? Sim, era. Era, era.

Meia-noite.

Macbeth fechou os olhos. Tinha de se preparar. Contou de dez para baixo. Abriu os olhos. Praguejou, voltou a fechá-los e tornou a contar do dez. Olhou para o relógio de pulso. Agarrou nas adagas, enfiou-as no coldre do ombro, feito especialmente com bainhas para as duas, uma de cada lado. Depois dirigiu-se para o corredor. Passou pela porta dos guarda-costas e parou do lado de fora da de Duncan. Escutou. Nada. Inspirou fundo. As avaliações de uma variedade de cenários tinham sido feitas anteriormente; a única coisa que faltava era o próprio ato. Inseriu a chave mestra na fechadura, viu o seu reflexo no puxador brilhante de latão polido, depois agarrou-o e girou-o. Observou o que conseguiu com a luz do corredor e, no momento seguinte, estava lá dentro e tinha fechado a porta atrás de si.

Conteve a respiração na escuridão e escutou a respiração de Duncan.

Calma, regular.

Como a de Lorreal. O diretor do orfanato.

Não, não deixes sair esse pensamento agora.

A respiração de Duncan dizia-lhe que ele estava deitado e a dormir. Macbeth dirigiu-se para a porta da casa de banho, acendeu a luz lá dentro e deixou a porta ligeiramente entreaberta. Luz suficiente para o que ia fazer.

O que ia fazer.

Parou ao lado da cama e olhou para baixo, para o incauto adormecido. Depois endireitou-se. Que ironia. Levantou uma adaga. Matar um homem indefeso — poderia haver algo mais fácil? A decisão tinha sido tomada, agora tudo o que tinha de fazer era executá-la. E ele não matara já a sua primeira vítima indefesa na estrada para Forres, não tinha já perdido a

virgindade, não pagara a dívida que tinha para com Duff ali mesmo, não lhe tinha pago na mesma moeda que Duff usara: a sangue-frio? Não tinha visto o sangue quente de Lorreal a escorrer para o lençol branco, o sangue que parecia preto na escuridão? Então o que o estava a deter agora? Em que era diferente esta conspiração de quando ele e Duff tinham mudado a cena do crime para que as provas encontradas em Forres estivessem de acordo com a história que ambos tinham combinado contar? E a história do orfanato que tinham combinado contar? *E às vezes, a crueldade está do lado do bem, Macbeth.* Ergueu os olhos da adaga que cintilava na luz da casa de banho.

Baixou a adaga.

Não era capaz.

Mas tinha de ser. *Tinha* de ser. Tinha de ser capaz. Mas o que podia ele fazer se não era capaz mesmo estando focado?

Tinha de se tornar o outro Macbeth, aquele que ele tinha enterrado tão fundo, o cadáver louco que comia carne humana e que jurara que nunca voltaria a ser.

Banquo olhou para a enorme locomotiva inanimada enquanto desabotoava a braguilha. Oscilou no vento. Estava um bocadinho bêbedo, sabia.

— Anda lá, pai — disse a voz de Fleance atrás dele.

— Que horas são, filho?

— Não sei, mas a lua está baixa.

— Então passa da meia-noite. Prevê-se uma tempestade para esta noite.

O coldre da arma pendurado entre o primeiro e o segundo furo do cinto estava a atrapalhá-lo. Soltou-o e entregou-o a Fleance.

O filho agarrou-o com um resmungo resignado.

— Pai, isto é um local público. Não podes…

— É um urinol público, é o que é — respondeu Banquo arrastadamente e,

nesse momento, reparou numa figura vestida de preto que contornava a locomotiva.

— Dá-me a arma, Fleance!

A luz incidiu na cara do homem.

— Ah, és só tu.

— Ah, és tu, não és? — perguntou Macbeth. — Vim apanhar um bocado de ar.

— E eu tive de arejar o velhote — disse Banquo indistintamente. — Não, eu *não estava* quase a mijar na *Bertha*. Afinal de contas, isso seria… agora que fecharam a Igreja de St. Joseph… profanar a última coisa sagrada nesta cidade.

— Sim, talvez.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Banquo, tentando descontrair. Achava sempre difícil continuar com estranhos ao pé, mas com Macbeth e o filho?

— Não — respondeu Macbeth numa voz estranhamente neutra.

— Sonhei com as três irmãs na noite passada — disse Banquo. — Não falámos sobre isso, mas elas acertaram em cheio nas profecias, não foi? Ou o que é que tu pensas?

— Oh, tinha-me esquecido delas. Falemos nisso noutra altura.

— Quando quiseres — respondeu Banquo, sentindo a chegada do fluxo.

— Bem — disse Macbeth. — Na verdade ia perguntar-te, agora que és o meu vice no Departamento do Crime Organizado… Supõe que uma coisa como essa acontecia mesmo, tal como as irmãs disseram que ia acontecer.

— Sim? — resmungou Banquo.

Perdera a paciência, começou a forçar e, com isso, o fluxo tinha parado.

— Gostaria que também te juntasses a mim nessa ocasião.

— Tornar-me o teu vice CC? Ah, ah, sim, inventa outra!

De repente, Banquo percebeu que Macbeth não estava a brincar.

— Claro, meu rapaz, claro. Sabes que estou sempre disposto a seguir quem quer lutar por uma causa justa.

Olharam um para o outro. E então, como se alguém tivesse agitado uma varinha de condão, a coisa veio. Banquo olhou para baixo e lá estava um majestoso esguicho dourado a bater intrepidamente na roda enorme das traseiras da locomotiva e a escorrer para o carril debaixo dela.

— Boa noite, Banquo. Boa noite, Fleance.

— Boa noite, Macbeth — responderam pai e filho em uníssono.

— O tio Mac estava bêbedo? — perguntou Fleance quando Macbeth se afastou.

— Bêbedo? Sabes que ele não bebe.

— Sim, eu sei, mas ele estava tão estranho.

— Estranho? — Banquo sorriu amargamente enquanto observava com satisfação o jato contínuo. — Acredita em mim, aquele rapaz não fica *estranho* quando fica pedrado.

— O que fica, então?

— Fica doido.

Repentinamente, o jato foi empurrado para o lado por uma forte rajada de vento.

— A tempestade — disse Banquo, abotoando a braguilha.

Macbeth foi dar um passeio à volta da estação central. Quando voltou, Banquo e Fleance tinham-se ido embora e ele entrou na enorme sala de espera.

Inspecionou a sala e dividiu instantaneamente os indivíduos que lá estavam em quatro categorias relevantes: os que vendiam, os que consumiam, os que faziam ambas as coisas e os que precisavam de um sítio para dormir, de um abrigo para a chuva e que, em breve, se juntariam a uma das outras três categorias. Era o caminho que ele próprio tinha seguido. De fugitivo do

orfanato, que recebia comida e bebida do Exército de Salvação, a consumidor que financiava a droga e a comida vendendo.

Macbeth aproximou-se de um homem mais velho e rotundo, sentado numa cadeira de rodas.

— Um quarto de poção — disse ele, e só o som das palavras fez acordar alguma coisa que lhe tinha estado a hibernar no corpo.

O homem na cadeira de rodas olhou para cima.

— Macbeth — disse ele, cuspindo o nome numa chuva de salpicos. — Lembro-me de ti e tu lembras-te de mim. És um polícia e eu não vendo droga, *okay*? Por isso, põe-te a milhas de mim, raios.

Macbeth aproximou-se do traficante seguinte, um homem com camisa de xadrez, que estava tão pedrado que não se conseguia manter de pé.

— Pensas que sou algum idiota? — gritou ele. — E até sou, já agora. Caso contrário, não estaria aqui, pois não? Mas vender a um chui e acabar na choça durante vinte e quatro horas quando sabes que não podes passar quatro horas sem uma dose?

Reclinou-se para trás e a gargalhada que soltou ecoou sob o teto. Macbeth continuou a avançar pelo corredor até ao átrio das partidas e ouviu o grito do traficante ressoar atrás dele:

— Chui infiltrado a chegar, gentes!

— Viva, Macbeth — disse uma voz fina e fraca.

Macbeth voltou-se. Era o miúdo com a pala no olho. Macbeth foi ter com ele e agachou-se, encostado à parede. A pala preta tinha subido, permitindo a Macbeth ver o interior da escuridão misteriosa da cavidade.

— Preciso de um quarto de poção — disse Macbeth. — Podes ajudar-me?

— Não — respondeu o rapaz. — Não consigo ajudar ninguém. E tu? Consegues ajudar-me?

Macbeth reconheceu qualquer coisa na expressão dele. Era como olhar para um espelho. Que raio estava ele de facto a fazer? Conseguira, com ajuda

de pessoas boas, sair disto e agora estava de volta? Para cometer uma vilania de que até o drogado mais desesperado fugiria? Ainda podia recusar. Podia agarrar neste rapaz e levá-lo com ele para o Inverness. Dar-lhe comida, um duche e uma cama. Esta noite podia ser muito diferente da que tinha planeado, ainda havia essa possibilidade. A possibilidade de se salvar a si próprio. O rapaz. Duncan. Lady.

— Anda. Vamos… — começou Macbeth a dizer.

— Macbeth.

A voz que vinha de trás dele ribombou como um trovão pelos corredores.

— As tuas orações foram atendidas. Tenho aquilo de que precisas.

Macbeth voltou-se. Levantou os olhos mais para cima. E mais para cima ainda.

— Como sabias que eu estava aqui, Strega?

— Temos olhos e ouvidos em todo o lado. Aqui tens, um presente do Hécate.

Macbeth olhou para o saquinho que lhe caíra na mão.

— Quero pagar. Quanto?

— Pagar um presente? Acho que o Hécate iria considerar isso um insulto. Desejo-te uma boa noite — rematou Strega, fazendo meia-volta e afastando-se.

— Então não aceito — gritou-lhe Macbeth, atirando o saquinho para as costas dela, mas ela já fora engolida pela escuridão.

— Se não o queres… — disse a voz aflautada do zarolho. — Não te importas que…?

— Fica onde estás — rosnou Macbeth sem se mexer.

— Que queres fazer? — perguntou o rapaz.

— Quero? — repetiu Macbeth. — Nunca é o que *queres* fazer, mas o que tens de fazer.

Encaminhou-se para o saco e apanhou-o. Voltou para trás. Passando pela

mão estendida do rapaz.

— Ei, não me vais…?

— Vai para o inferno — rosnou-lhe Macbeth. — Encontramo-nos lá.

Macbeth desceu as escadas para a casa de banho malcheirosa, expulsou uma mulher sentada no chão, rasgou o saco, verteu o pó no lavatório por baixo do espelho, esmagou os torrões com o lado embotado duma adaga e usou a lâmina para o cortar em partículas finas. Depois enrolou uma nota e aspirou o pó branco amarelado, primeiro por uma narina acima e depois pela outra. Os químicos levaram um tempo extraordinariamente curto para passarem das membranas mucosas para o sangue. E o seu último pensamento antes que o sangue infetado pela droga lhe entrasse no cérebro foi que era como se estivesse a renovar o conhecimento com uma amante. Uma amante demasiado bonita, demasiado perigosa, que não tinha envelhecido um dia em todos aqueles anos.

— Que foi que te disse?

Hécate bateu com a bengala no chão ao pé dos monitores do sistema de vigilância.

— Disse que não havia nada mais previsível do que um drogado moralista e dominado pelo amor.

— Obrigado, Strega.

Macbeth parou no cimo das escadas em frente da estação central.

A Workers' Square balançava como o mar à frente dos seus olhos; as vagas rebentavam sob as pedras roladas, soando como dentes a bater enquanto subiam e caíam. E abaixo do Inverness, havia um barco a vapor com rodas laterais, cheio do barulho de música e risos e a luz fazia-o faiscar na água que corria da roda ensurdecedora e que rodava devagarinho.

Depois começou a andar. Através da noite negra, de volta ao Inverness. Parecia que estava a deslizar pelo ar, os pés fora do chão. Flutuou pela porta para a zona da receção. A rececionista olhou para ele e dirigiu-lhe um cumprimento de cabeça amigável. Macbeth voltou-se para a sala de jogo e viu que Lady, Malcolm e Duff ainda estavam a conversar no bar. Depois subiu as escadas como se estivesse a voar, seguiu pelo corredor até parar à porta de Duncan.

Inseriu a chave mestra na fechadura, girou o puxador e entrou.

Estava de volta. Nada tinha mudado. A porta da casa de banho continuava entreaberta e a luz lá dentro estava acesa. Aproximou-se da cama. Olhou para baixo, para o oficial da polícia a dormir, meteu a mão esquerda dentro do casaco e encontrou o punho da adaga.

Levantou a mão. Era muito mais fácil agora. Apontou ao coração. Da mesma maneira que tinha feito pontaria ao coração gravado no carvalho. E a faca fez um buraco entre os nomes que lá estavam. Meredith e Macbeth.

— Não durmas mais! Macbeth está a assassinar o sono.

Macbeth ficou rígido. Fora o comissário-chefe, a droga ou ele próprio quem tinha falado?

Olhou para a cara de Duncan. Não, os olhos continuavam fechados e a respiração estava calma e regular. Mas, enquanto observava, os olhos de Duncan abriram-se. Olhou para ele calmamente.

— Macbeth?

Os olhos do comissário-chefe estavam pousados na adaga.

— Julguei que tinha ouvido s-s-sons vindos daqui — disse Macbeth. — Vou investigar.

— Os meus guarda-costas…

— Ou-ouvi-os a ressonar.

Duncan ficou à escuta durante uns instantes. Depois bocejou.

— Ótimo. Deixa-os dormir. Estou em segurança aqui, eu sei. Obrigado,

Macbeth.

— De nada, comissário.

Macbeth dirigiu-se para a porta. Já não estava a flutuar. Uma sensação de alívio, até mesmo de *felicidade*, espalhou-se-lhe pelo corpo. Estava salvo. O comissário-chefe tinha-o libertado. Lady podia dizer o que quisesse, mas isto acabava aqui. Cinco passos. Agarrou no puxador da porta com a mão livre.

E então um movimento no reflexo do latão polido.

Como se num espelho de feira popular e na luz da porta da casa de banho, viu — tal como num filme absurdo e distorcido — o comissário-chefe tirar qualquer coisa de debaixo da almofada e apontá-la às suas costas. Uma arma. Cinco passos. Distância de lançamento. Macbeth reagiu instintivamente. Deu meia-volta. Estava desequilibrado e a adaga saiu-lhe da mão quando ele ainda se estava a mover.

NOVE

Claro que fora Duff quem se abeirara das duas raparigas e as convidara para virem para a mesa deles. Macbeth foi ao balcão comprar cerveja para todos e, ao voltar, ouviu Duff a vangloriar-se de ele e Macbeth serem os dois melhores cadetes no último ano da academia da polícia. E as perspetivas futuras de ambos eram mais do que cor-de-rosa, disse ele, e as raparigas deviam tomar a iniciativa se sabiam o que era bom para elas. As duas raparigas riram-se e os olhos da que se chamava Meredith cintilaram, mas baixou-os quando Macbeth tentou prender-lhe o olhar. Quando o bar fechou, Macbeth acompanhou Meredith até ao portão e foi recompensado com um aperto de mão amigável e um número de telefone. Enquanto, na manhã seguinte, Duff dissertou com grandes pormenores sobre como tinha servido a amiga, Rita, numa cama estreita na residência das enfermeiras, Macbeth telefonou a Meredith na mesma noite e, numa voz trémula, convidou-a para jantar.

Tinha marcado uma mesa no Lyon’s e percebeu que fora um erro mal viu o olhar sabedor do chefe dos empregados. O fato elegante que Duff lhe tinha emprestado era demasiado grande, por isso, tivera de recorrer ao de Banquo, que era dois tamanhos mais pequeno e vinte anos fora de moda. Felizmente, o vestido de Meredith, a beleza e os modos calmos e educados dela compensaram. A única parte da ementa francesa que ele compreendia eram os preços. Mas Meredith explicou e disse que os franceses eram assim

mesmo: recusavam-se a aceitar que falavam uma língua que já não era internacional e eram tão maus em inglês que não conseguiam suportar a dupla ignomínia de parecerem idiotas na língua dos seus rivais.

— A arrogância e a insegurança andam muitas vezes juntas — disse ela.

— Eu sou inseguro — declarou Macbeth.

— Estava a pensar no teu amigo Duff — respondeu ela. — Porque és tão inseguro?

Macbeth contou-lhe as suas origens. Falou-lhe do orfanato. De Banquo e de Vera. Da academia da polícia. Era tão fácil falar com ela que se sentiu quase tentado a contar-lhe tudo, até, durante um momento tresloucado, de Lorreal. Mas claro que não o fez. Meredith disse-lhe que nascera na parte ocidental da cidade, com pais que tinham feito tudo para garantir que não faltava nada aos filhos, mas que também lhes haviam feito exigências e eram ambiciosos em relação a eles, principalmente aos irmãos.

— Protegida, privilegiada e aborrecida — rematou ela. — Sabes que nunca estive no Distrito 2?

Soltou uma gargalhada quando Macbeth se recusou a aceitar que pudesse ser verdade.

— Sim, é! Nunca estive!

Por isso, depois do jantar, Macbeth levou-a até ao leito do rio. Caminharam pela estrada cheia de buracos ao longo das casas em ruínas até à Ponte Penny. E quando ele se despediu do lado de fora do portão, ela inclinou-se para a frente e beijou-o na cara.

Quando voltou para o quarto, Duff ainda estava a pé.

— Despeja o saco — ordenou-lhe ele. — Devagar e com todos os pormenores.

Dois dias mais tarde. Cinema. *O Senhor das Moscas*. Voltaram para casa debaixo do mesmo chapéu de chuva, Meredith com a mão enfiada debaixo do braço dele.

— Como podem as crianças ser tão cruéis e sedentas de sangue? — perguntou ela.

— Porque haviam de ser menos cruéis do que os adultos?

— Quando nascem, são inocentes!

— Inocentes e sem nenhuma noção de moralidade. A passividade pacífica não é uma coisa que os adultos obrigam as crianças a aprender para que reconheçamos o nosso lugar na sociedade e os deixemos fazer o que quiserem connosco?

Beijaram-se ao portão. E no domingo, ele levou-a para um passeio no bosque do outro lado do túnel. Preparara um cesto com um piquenique.

— Sabes fazer comida! — exclamou ela entusiasmada.

— A Vera e o Banquo ensinaram-me. Costumávamos vir exatamente para este sítio.

Depois beijaram-se, ela arquejou e ele meteu a mão dentro do vestido de algodão.

— Espera… — disse ela.

E ele esperou. Em vez daquilo, gravou um coração num grande carvalho e usou a ponta da faca para escrever os nomes deles. Meredith e Macbeth.

— Ela está pronta para ser colhida — disse Duff a Macbeth quando este voltou e lhe contou tudo. — Vou a casa da Rita na quarta-feira. Convida-a para vir aqui.

Macbeth tinha aberto uma garrafa de vinho e acendera velas quando Meredith bateu à porta. Estava preparado. Mas não para o que aconteceu — para ela lhe desapertar o cinto mal fecharam a porta e lhe enfiar a mão pelas calças abaixo.

— N… não — disse ele.

Ela olhou para ele, surpreendida.

— P… p… para.

— Porque estás a gaguejar?

— N… n… não quero que faças isso.

Ela tirou a mão, as faces a arderem de vergonha.

Depois beberam um copo de vinho tinto em silêncio.

— Tenho de me levantar cedo amanhã — disse ela. — Exames daqui a nada e…

— Claro.

Passaram-se três semanas. Macbeth tentou ligar-lhe várias vezes, mas das poucas que conseguiu resposta, Rita disse que Meredith não estava em casa.

— Tu e a Meredith já não namoram, deduzo — disse Duff.

— Não.

— A Rita e eu também não. Importas-te que saia com a Meredith?

— É melhor perguntares-lhe a ela.

— Já perguntei.

Macbeth engoliu em seco. Parecia que tinha uma garra a apertar-lhe a garganta.

— Ah sim? E que disse ela?

— Disse que sim.

— Disse? E quando é que…

— Ontem. Só para comermos qualquer coisa, mas… foi agradável.

No dia seguinte, quando Macbeth acordou, estava doente. E só mais tarde compreendeu o que era esta doença e que não havia remédio para um coração partido. Tinha de se sofrer até ao fim e ele fê-lo. Sofreu em silêncio sem mencionar o nome dela a seja quem for exceto a um velho carvalho no lado saudável do túnel. E após uns tempos, os sintomas passaram. Quase completamente. E descobriu que não era verdade o que as pessoas diziam, que só podemos apaixonar-nos uma vez. Mas, ao contrário de Meredith, Lady era ao mesmo tempo a doença e o remédio. A sede e a água. O desejo e a satisfação. E agora a voz dela chegava-lhe do outro lado do mar, do outro lado da noite.

— Querido…

Macbeth flutuou pela água e pelo ar, pela luz e pela escuridão.

— Acorda!

Abriu os olhos. Estava deitado na cama. Ainda devia ser noite porque o quarto estava escuro. Mas havia um elemento granuloso, uma espécie de cinzento impercetível que pressagiava a aurora.

— Até que enfim! — sibilou-lhe ela ao ouvido. — Onde estiveste?

— Estive? — perguntou Macbeth, tentando agarrar-se a um farrapo do sonho. — Não estive aqui?

— O teu corpo esteve, sim, mas há horas que estou a tentar acordar-te. Parecias inconsciente. Que fizeste?

Macbeth continuava agarrado ao sonho, mas, de repente, deixou de saber se era um sonho bom ou um pesadelo. Duncan… Soltou-se e imagens giraram na escuridão.

— As tuas pupilas — disse ela, agarrando-lhe a cara com as duas mãos. — Tomaste droga, é isso.

Ele contorceu-se para fugir dela, da luz.

— Precisava.

— Mas fizeste-o?

— O quê?

Ela abanou a cabeça.

— Macbeth, querido, responde-me! Fizeste o que me prometeste que farias?

— Sim! — rosnou ele, passando uma mão pela cara. — Não, não sei.

— Não sabes?

— Consigo vê-lo à minha frente, com a adaga dentro dele, mas não sei se aconteceu realmente ou se só o sonhei.

— Está aqui, na mesa de cabeceira, uma adaga limpa. Tinhas ficado de pôr as duas adagas ao pé dos guarda-costas depois de matares o Duncan com

cada uma delas.

— Sim, sim, lembro-me.

— A outra adaga está com eles? Concentra-te!

— Não durmas mais. Macbeth está a assassinar o sono.

— O quê?

— Ele disse isso. Ou eu sonhei.

— É melhor irmos lá ver.

Macbeth fechou os olhos e tentou agarrar o sonho — talvez ele lhe pudesse dizer. Em vez de ter de lá voltar. Mas o sonho já lhe tinha escapado por entre os dedos. Quando voltou a abrir os olhos, Lady estava de pé, com uma orelha colada à parede.

— Eles ainda estão a ressonar. Anda — disse ela, agarrando na adaga na mesa de cabeceira.

Macbeth inspirou profundamente. O dia e a sua luz reveladora não tardariam a chegar. Balançou as pernas para fora da cama e viu que ainda estava completamente vestido.

Saíram para o corredor. Não se ouvia um som que fosse. As pessoas que ficavam no Inverness não se costumavam levantar cedo.

Lady abriu a porta dos guarda-costas e ela e Macbeth entraram. Cada um deles estava a dormir numa poltrona. Mas não havia nenhuma adaga em lado nenhum e não havia sangue nos fatos e nas camisas deles, como tinha sido planeado.

— Só sonhei — sussurrou Macbeth. — Anda, vamos esquecer isto!

— Não! — rosnou-lhe Lady, dirigindo-se para a porta que dava para o quarto de Duncan.

Mudou a adaga para a mão direita. E, sem nenhum sinal de hesitação, abriu a porta e entrou.

Macbeth ficou à espera, à escuta.

Nada.

Avançou para a abertura da porta.

A luz cinzenta infiltrava-se pela janela.

Ela estava parada do outro lado da cama, com a adaga levantada à frente da boca. A apertar o cabo com as duas mãos, os olhos abertos de horror.

Duncan estava na cama. Tinha os olhos abertos e parecia estar a olhar para qualquer coisa ao pé da outra porta. Estava tudo coberto de sangue. O edredão, a arma em cima do edredão, a mão em cima da arma. E o cabo da adaga a sair do pescoço de Duncan como um gancho.

— Oh, querido! — sussurrou Lady. — Meu homem, meu herói, meu salvador, Macbeth.

Macbeth abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas nesse instante o silêncio total do domingo foi quebrado pelo som quase inaudível, mas contínuo, de uma campainha lá em baixo.

Lady olhou para o relógio.

— É o Duff. Vem adiantado! Querido, vai lá abaixo e mantém-no ocupado enquanto eu resolvo isto.

— Tens três minutos — disse Macbeth. — Não toques no sangue. Está semicoagulado e vai deixar impressões digitais. *Okay*?

Ela virou a cabeça para trás e sorriu-lhe.

— Olá! — cumprimentou ela. — Já cá estás.

E ele percebeu o que ela queria dizer. Finalmente, ele estava ali. Concentrado.

Parado à frente da porta do Inverness, Duff estremeceu de frio e desejou estar de novo na cama quente de Caithness. Estava prestes a carregar na campainha uma segunda vez quando a porta se abriu.

— Senhor inspetor, a entrada para o casino é ali em baixo.

— Não, estou aqui para levar o comissário-chefe Duncan.

— Ah, certo. Entre. Vou telefonar e dizer-lhe que está aqui. Inspetor

Duff, não é?

Duff assentiu. Eles tinham realmente empregados de primeira classe no Inverness. Enterrou-se numa das poltronas fundas.

— Não há resposta, senhor inspetor — disse o rececionista. — Nem lá, nem no quarto dos guarda-costas.

Duff olhou para o relógio.

— Qual é o número do quarto do comissário-chefe?

— Duzentos e trinta, senhor inspetor.

— Importa-se que vá lá acima acordá-lo?

— De maneira nenhuma.

Duff estava a subir as escadas quando uma figura familiar desceu a correr.

— Bom dia, Duff — cumprimentou Macbeth alegremente. — Jack, importas-te de ir à cozinha buscar-nos uma chávena de café forte?

O rececionista desapareceu.

— Obrigado, Macbeth, mas disseram-me para vir buscar o Duncan.

— E isso é urgente? Não estás um bocado adiantado?

— Combinámos uma hora para estarmos em casa e lembrei-me de que a Ponte Kenneth ainda está fora de serviço, por isso vamos ter de dar a volta pela ponte velha.

— Descontrai — respondeu-lhe Macbeth, rindo e agarrando Duff pelo braço. — Ela não vai usar um cronómetro, pois não? E tu estás com um ar exausto, por isso, se vais guiar, precisas de café bem forte. Anda, vamos sentar-nos.

Duff hesitou.

— Obrigado, meu amigo, mas isso vai ter de esperar.

— Uma chávena de café forte e ela não dará pelo cheiro do *whisky* tão facilmente.

— Estou a pensar em tornar-me abstémio, como tu.

— Estás?

— A bebida leva a três coisas: um nariz colorido, sono e chichi. No caso do Duncan, é obviamente o sono. Vou subir e…

Macbeth continuou a agarrar-lhe o braço.

— E a bebida é o joguete do desejo sexual, segundo ouvi. Aumenta o desejo, mas reduz o desempenho. Como foi a tua noite? Conta-me. Devagar e com todos os pormenores.

Duff arqueou uma sobrancelha. Devagar e com todos os pormenores. Estaria ele a usar a pergunta dos seus tempos na academia como uma brincadeira, ou saberia alguma coisa? Não, Macbeth não falava por enigmas. Não tinha nem paciência nem capacidade para isso.

— Não há muita coisa para contar. Fiquei em casa de um primo.

— Hem? Nunca me disseste que tinhas família. Julgava que o teu avô era o teu último parente. Olha, aqui está o café. Põe só em cima da mesa, Jack. E tenta ligar outra vez para o Duncan.

Tranquilizado por o rececionista estar a tratar do assunto, Duff desceu os degraus e agarrou avidamente na chávena de café. Mas continuou em pé.

— A família, pois — disse Macbeth. — Fonte constante de uma consciência culpada, não é?

— Sim, talvez — respondeu Duff, que queimara a língua com o primeiro gole e estava agora a soprar o café.

— Como estão eles? Estão a gostar de Fife?

— Toda a gente gosta de Fife.

— O Duncan continua a não responder, senhor inspetor.

— Obrigado, Jack. Continua a tentar. Vai haver muita gente com as cabeças pesadas esta manhã.

Duff pousou a chávena.

— Macbeth, acho que primeiro o vou acordar e depois tomo o café, para nos podermos despachar.

— Vou contigo. Ele está ao nosso lado — disse Macbeth, bebendo um

gole de café. Entornou-o na mão e na manga do casaco. — Bolas! Tens um guardanapo de papel, Jack?

— Vou só…

— Espera aí, Duff. Isso, está bem assim. Obrigado, Jack. Vamos lá, então.

Subiram as escadas.

— Estás magoado? — perguntou Duff.

— Não. Porquê?

— Nunca te vi subir uma escada tão devagar.

— Sou capaz de ter distendido um músculo durante a perseguição aos Norse Riders.

— Hum.

— Fora isso… Dormiste bem?

— Não — respondeu Duff. — Foi uma noite terrível. Trovões, relâmpagos e chuva.

— Sim, foi uma noite má.

— Então, também não dormiste?

— Bem, dormi…

Duff voltou-se para olhar para ele.

— … depois de o pior da tempestade ter passado — acabou Macbeth. — Cá estamos.

Duff bateu à porta. Esperou e tornou a bater. Agarrou no puxador da porta. A porta estava fechada à chave. E ele pressentiu algo, pressentiu que havia qualquer coisa que não estava bem.

— Há uma chave mestra?

— Vou perguntar ao Jack — respondeu Macbeth.

— Jack! — gritou Duff. E voltou a gritar do fundo dos pulmões. — Jack!

Segundos depois, a cabeça do rececionista apareceu ao fundo das escadas. — Senhor inspetor?

— Tens uma chave mestra?

— Sim, senhor inspetor.

— Vem cá e abre esta porta imediatamente.

O rececionista subiu a correr, revolveu o bolso do casaco, tirou uma chave, enfiou-a na fechadura e girou-a.

Duff abriu a porta.

Ficaram parados a olhar. O primeiro a falar foi o rececionista:

— Grande merda!

Macbeth examinou a cena, consciente da soleira da porta a pressionar-lhe a sola do pé, e ouviu Duncan estilhaçar o vidro do alarme de incêndio, que começou imediatamente a uivar. A adaga tinha sido tirada do lado direito do pescoço de Duncan e Lady acrescentara uma punhalada no esquerdo. A arma no edredão também tinha sido removida. Fora isso, parecia que tudo estava como deixara.

— Jack! — chamou Duff por cima do barulho. — Tira todas as pessoas dos quartos e reúne-as na receção. Nem uma palavra sobre o que viste, está bem?

— E… está bem, senhor inspetor.

As portas do corredor abriram-se. Da mais próxima, saiu Lady, descalça e de roupão.

— Que se passa, querido? Há fogo?

Ela era boa. Tinham voltado a seguir o plano, ele ainda estava concentrado e Macbeth sentiu neste segundo, neste momento, com tudo aparentemente num caos, que na realidade estava tudo no bom caminho. Naquele preciso instante, ele e a mulher que amava estavam imbatíveis, naquele preciso instante, tinham o comando de tudo — da cidade, do destino, da órbita das estrelas. E agora sentia-o, era como uma pedrada, tão forte como tudo o que Hécate pudesse oferecer.

— Onde raio estão os guarda-costas dele? — gritou Duff, furioso.

Não tinham imaginado que fosse Duff a desempenhar o papel de testemunha do que estava prestes a acontecer, mas um dos convidados mais assustados e mais perplexos que tinham instalado nos quartos vizinhos, como Malcolm. Mas agora que Duff estava ali, era impossível ignorá-lo.

— Para aqui, querida — disse Macbeth. — E tu também, Duff.

Empurrou-os para dentro do quarto de Duncan e fechou a porta. Tirou a pistola de serviço do coldre no cinto das calças.

— Ouçam com atenção. A porta estava fechada à chave e não havia sinais de arrombamento. A única pessoa que tem uma chave mestra para este quarto é o Jack…

— E eu — interrompeu Lady. — Pelo menos, é o que julgo…

— Fora isso, só há uma possibilidade — continuou Macbeth, apontando para a porta do quarto seguinte.

— Os seus próprios guarda-costas? — perguntou Lady, horrorizada e levando uma mão à boca.

Macbeth engatilhou a arma.

— Vou entrar para verificar.

— Vou contigo — disse Duff.

— *Não*, não vais — respondeu Macbeth. — Isto compete-me a mim, não a ti.

— E eu escolho…

— E você escolhe fazer o que eu digo, inspetor Duff.

Primeiro, Macbeth viu surpresa na cara de Duff. A seguir, lentamente, compreendeu: o chefe do Departamento do Crime Organizado tinha uma categoria superior à do chefe do Departamento de Homicídios.

— Toma conta da Lady, sim, Duff?

Sem esperar por uma resposta, Macbeth abriu a porta que dava para o quarto dos guarda-costas, entrou e fechou a porta atrás dele. Os guarda-costas

ainda estavam nas respetivas cadeiras. Um deles grunhiu; se calhar, o alarme estava a penetrar o véu pesado das drogas.

Macbeth deu-lhe uma palmada com as costas da mão.

Com um olho meio aberto, o olhar flutuou à volta do quarto e parou em Macbeth. E por lá permaneceu antes de, gradualmente, se aperceber do próprio corpo.

Andrianov registou que o casaco preto do fato e a camisa branca estavam cobertos de sangue, depois apercebeu-se de que lhe faltava qualquer coisa: o peso da arma no coldre. Meteu a mão dentro do casaco e desceu-a até ao coldre, onde os dedos encontraram, em vez da pistola de serviço, o aço frio e afiado e qualquer coisa pegajosa… O guarda-costas tirou a mão e olhou para ela. Sangue? Ainda estava a sonhar? Gemeu, uma secção do cérebro recebeu algo que interpretou como sinais de perigo e tentou desesperadamente recuperar o domínio de si mesmo, olhou em volta e ali, no chão, ao lado da cadeira, viu a sua arma. E a arma do colega, ao lado da cadeira onde ele estava esparramado, aparentemente a dormir.

— O que… — balbuciou Andrianov, olhando para a boca da arma empunhada pelo homem à sua frente.

— Polícia! — gritou o homem.

Era Macbeth. O novo chefe do… do…

— Segura nas armas de modo que eu as possa ver ou disparo.

Andrianov piscou os olhos, baralhado. Porque lhe parecia que estava deitado num lodaçal? O que tinha tomado?

— Não me apontes essa arma! — gritou Macbeth. — Não…

Algo disse a Andrianov que não devia agarrar na arma que estava no chão. O homem à frente dele não dispararia se ele ficasse quieto. Mas não ajudou. Talvez todas as horas, todos os dias e anos como guarda-costas tivessem criado um instinto, uma reação que já não era governada pela

vontade, *proteger sem pensar na própria vida*. Ou talvez fosse apenas assim que ele era e por isso tinha-se candidatado a este ramo do serviço.

Andrianov estendeu a mão para a arma e a sua vida e o seu raciocínio foram interrompidos por uma bala que lhe atravessou a testa, o cérebro e a parte de trás da cadeira e só parou até encontrar a parede com o papel com um fio dourado que Lady tinha comprado por uma pequena fortuna em Paris. A explosão provocou uma convulsão no corpo do colega, mas ele não chegou a acordar antes de também levar com uma bala na testa.

Duff avançou para a porta mal o primeiro tiro foi disparado.

Mas Lady segurou-o.

— Ele disse que você…

Ouviu-se um segundo tiro e Duff libertou-se da mão dela. Abriu a porta de rompante e entrou velozmente. E parou no meio do quarto, olhando em redor. Dois homens, cada um numa cadeira, com um terceiro olho na testa.

— Norse Riders — disse Macbeth, enfiando a arma fumegante outra vez no coldre. — O Sweno está por trás disto.

Ouviram-se gritos e pancadas na porta do corredor.

— Deixa-os entrar — disse Macbeth.

Duff assim fez.

— Que se passa? — arquejou Malcolm, sem fôlego. — Deus do céu, eles estão…? Quem…?

— Eu — respondeu Macbeth.

— Eles puxaram das armas — explicou Duff.

Os olhos de Malcolm saltaram desnorteadamente de Duff para Macbeth.

— Contra ti? Porquê?

— Porque os ia prender — respondeu Macbeth.

— Porquê?

— Homicídio.

— Senhor comissário adjunto — disse Duff, olhando para Malcolm. — Lamento, mas temos más notícias.

Conseguiu ver que os olhos de Malcolm se estreitavam por trás dos óculos quadrados enquanto ele se inclinava para a frente, como um pugilista a preparar-se para o murro que não via, mas que sentia que vinha a caminho. Toda a gente se virou para a figura que aparecera à entrada da porta para o outro quarto.

— O comissário-chefe Duncan morreu — informou Lady —, apunhalado com uma faca enquanto dormia.

A última frase fez Duff voltar-se automaticamente para Macbeth. Não porque dissesse alguma coisa que ele não soubesse já, mas porque era um eco da mesma frase proferida uma manhã num orfanato, havia tantos anos.

Os olhos de ambos cruzaram-se por um breve instante antes de se desviarem.

SEGUNDA PARTE

DEZ

A manhã em que encontraram o comissário-chefe Duncan morto na cama, no Casino Inverness, foi a segunda vez na história do edifício em que Lady mandou evacuar todos os clientes e pendurar à entrada um letreiro a dizer FECHADO.

Caithness trouxe toda a gente que conseguiu reunir do Departamento Forense e encerraram por completo o primeiro andar.

Os outros agentes que lá tinham pernoitado juntaram-se à mesa da roleta, na sala de jogo deserta.

Duff observou o comissário-chefe adjunto Malcolm, sentado do outro lado da mesa de conferência improvisada. Tinha tirado os óculos, talvez para os limpar, pelo menos, era isso que estava a fazer enquanto olhava fixamente para o feltro verde, como se as respostas para todas as perguntas se encontrassem lá. Malcolm era o oficial com a patente mais alta, e Duff já se tinha interrogado por vezes se a razão que o levava a andar tão curvado era por Malcolm, um burocrata rodeado por pessoas com experiência policial prática, se sentir tão pouco à vontade que automaticamente se inclinava para a frente, para obter algum conselho, alguma dica sussurrada. E talvez a tez pálida se devesse não ao álcool da noite anterior, mas a ter-se tornado subitamente comissário-chefe interino.

Malcolm respirou para cima dos óculos e continuou a limpá-los. Não levantou a cabeça. Como se não se atrevesse a fitar o olhar de quem o

observava, colegas à espera de que ele falasse.

Talvez Duff estivesse a ser demasiado duro. Toda a gente sabia que, no burilar do programa de Duncan, Malcolm tinha servido tanto de escopro como de martelo. Mas seria capaz de os chefiar? Os outros possuíam anos de experiência à frente das respetivas unidades, enquanto Malcolm tinha passado dias a correr, curvado, dois passos atrás de Duncan, como uma espécie de assistente pago a peso de ouro.

— Meus senhores — disse Malcolm, sem tirar os olhos do feltro verde. — Um grande homem deixou-nos. E, neste momento, isso é tudo o que eu pretendo dizer acerca do Duncan. — Pôs os óculos, levantou a cabeça e examinou quem se encontrava à mesa. — Como comissário-chefe, ele não nos teria permitido afundar em sentimentalismos nem em desespero perante um tal falecimento, teria exigido que fizéssemos o que é o nosso dever: descobrir o culpado ou culpados e prendê-los a sete chaves. As lágrimas e as palavras de homenagem terão de ficar para mais tarde. Nesta reunião, tratemos de planear e coordenar o que deve ser feito primeiro. A próxima reunião será no quartel-general, às seis da tarde. Proponho que a primeira coisa a fazer após esta reunião seja telefonar às vossas mulheres e por aí fora — o olhar de Malcolm fixou-se em Duff, mas Duff não conseguiu perceber se haveria ali algum significado subjacente intencional. — para lhes comunicar que não é provável que voltem para casa tão cedo. — Parou de falar por um momento. — Porque, antes de mais nada, vão prender a pessoa que nos tirou o comissário-chefe Duncan. — Uma longa pausa. — Duff, és o responsável pelo Departamento de Homicídios. Quero um relatório provisório para a reunião daqui a uma hora, incluindo tudo o que a Caithness e a equipa dela possam ou não ter encontrado na cena do crime.

— Certo.

— Lennox, quero uma verificação completa do passado dos guarda-costas e todos os pormenores das movimentações deles antes do assassínio. Onde

estiveram, com quem falaram, o que compraram, qualquer eventual alteração nas respetivas contas bancárias e interrogatórios duros às famílias e amigos. Solicita todos os recursos de que precisares.

— Obrigado, senhor comissário adjunto.

— Macbeth, tu já contribuíste bastante para este caso, mas preciso de mais. Vê se o Departamento do Crime Organizado é capaz de ligar isto aos manda-chuvas, os que mais ganhariam em livrar-se do Duncan.

— E não é mais do que evidente? — retorquiu Macbeth. — Atirámos a droga do Sweno ao rio, matámos dois e prendemos metade dos Norse Riders. Isto é a vingança do Sweno e…

— Não é evidente — interrompeu Malcolm.

Os outros ficaram a olhar para o comissário-chefe adjunto, surpreendidos.

— O Sweno tinha tudo a ganhar se o Duncan continuasse o projeto dele. — Malcolm bateu ao de leve numas fichas de jogo deixadas no tecido a seguir à evacuação apressada. — Qual foi a primeira promessa que o Duncan fez a esta cidade? Que iria prender o Hécate. E agora, com os Norse Riders praticamente nas últimas, o Duncan teria centrado todos os recursos policiais precisamente nisso. E se o Duncan tivesse conseguido isso, que teria conseguido?

— Teria deixado o mercado à mercê de um regresso do Sweno — respondeu Lennox.

— Muito sinceramente — retorquiu Macbeth —, acha mesmo que um Sweno vingativo iria pensar assim de forma tão racional? — Malcolm ergueu muito ligeiramente a sobrancelha. — Um homem da classe operária, sem instrução nem outro tipo de ajuda, que está há mais de trinta anos à frente de um dos negócios mais rentáveis desta cidade. Será que conseguiria ser financeiramente racional? Será capaz de esquecer a sede de vingança quando consegue perceber o que é melhor para o negócio?

— Certo — concordou Duff. — O Hécate é quem mais tem a ganhar com

a eliminação do Duncan, portanto, está a partir do princípio de que é ele quem está por trás disto. — Estava a olhar para Malcolm.

— Não estou a partir de princípio nenhum, mas a priorização extrema que o Duncan deu à perseguição ao Hécate tem sido, como sabemos, muito discutida, e, do ponto de vista do próprio Hécate, qualquer pessoa que suceda ao Duncan seria preferível.

— Sobretudo se esse sucessor for uma pessoa que o Hécate possa comandar — respondeu Duff. Apercebendo-se de imediato do que tinha insinuado, fechou os olhos. — Peço desculpa, não queria estar a…

— Não há problema — disse Malcolm. — Aqui somos livres de falar e pensar, e o que disseste encadeia no meu raciocínio. É possível que o Hécate julgue que terá maiores facilidades do que com o Duncan. Por isso, vamos lá mostrar-lhe como ele está enganado. — Malcolm empurrou as fichas todas para o preto. — Portanto, a nossa hipótese provisória é o Hécate, mas a ver se sabemos mais às seis da tarde. Ao trabalho.

Banquo sentiu o sono a abandoná-lo. Sentiu o sonho a abandoná-lo. Sentiu Vera a abandoná-lo. Pestanejou. Teriam sido os sinos da igreja a acordá-lo? Não. Havia alguém ali no quarto. Uma pessoa sentada à janela, a olhar para a fotografia emoldurada, e que, sem levantar a cabeça, perguntou:

— De ressaca?

— Macbeth? Como…?

— O Fleance abriu-me a porta. Já vi que se apoderou do meu quarto. E até dos *winkle-pickers*[1] que me compraste.

— Que horas são?

— E eu aqui a pensar que os sapatos bicudos já estavam mais do que fora de moda.

— E foi por isso que os deixaste cá. Mas o Fleance é capaz de usar seja o que for se souber que já foi teu.

— Livros e coisas das aulas por todo o lado. Ele é trabalhador, tem a atitude certa para chegar ao topo.

— Sim, está a chegar lá.

— Mas, conforme sabemos, isso nem sempre é suficiente para se chegar ao topo. Somos um de muitos, portanto, é uma questão de oportunidade. De ter a capacidade e a coragem de atuar quando a oportunidade se proporciona. Lembras-te de quem tirou esta foto?

Macbeth ergueu-a. Fleance e Banquo debaixo da macieira morta. A sombra do fotógrafo a cair sobre eles.

— Foste tu. O que queres? — Banquo esfregou a cara. Macbeth tinha razão: estava mesmo de ressaca.

— O Duncan está morto.

Banquo deixou cair as mãos no edredão.

— O que acabaste de dizer?

— Os guarda-costas apunhalaram-no no pescoço ontem à noite, enquanto ele estava a dormir no Inverness.

Banquo sentiu que estava prestes a vomitar e teve de inspirar várias vezes para se impedir de o fazer.

— A oportunidade é esta — disse Macbeth. — Ou seja, uma separação de caminhos. A partir daqui, um caminho leva ao inferno e o outro, ao céu. Vim cá perguntar-te qual vais escolher.

— O que queres dizer?

— Quero saber se me vais seguir.

— Já te respondi a isso. E a resposta é sim.

Macbeth virou-se para ele. E sorriu.

— E consegues dizer isso sem perguntar se leva ao céu ou ao inferno?

Tinha o rosto pálido e as pupilas anormalmente pequenas. Devia ser da forte luz matinal porque, se Banquo não conhecesse bem Macbeth, teria afirmado que ele voltara às drogas. Mas, no momento em que se preparava

para afastar esse pensamento, a certeza inundou-o como um dilúvio gelado.

— Foste tu? — perguntou Banquo. — Foste tu que o mataste?

Macbeth inclinou a cabeça e estudou Banquo. Estudou-o como uma pessoa estuda um paraquedas antes de saltar ou uma mulher antes de a tentar beijar pela primeira vez.

— Sim — respondeu. — Fui eu que matei o Duncan.

Banquo sentiu dificuldade em respirar. Cerrou os olhos. Na esperança de que Macbeth, de que *aquilo* tivesse desaparecido quando os abrisse novamente.

— Então e agora?

— Agora, tenho de matar o Malcolm — ouviu Macbeth dizer. — Ou melhor, *tu* tens de matar o Malcolm.

Banquo abriu os olhos.

— Por mim — continuou Macbeth. — E pelo meu príncipe herdeiro, o Fleance.

---

1 Sapatos ou botas unissexo, de biqueira extremamente pontiaguda e estreita, muito populares em meados do século XX, sobretudo entre os fãs do *rock* britânico, à imagem inicial dos Beatles. (*N. da T.*)

ONZE

Banquo estava sentado sob a luz frugal da cave, a ouvir Fleance lá em cima, a andar de um lado para o outro batendo violentamente com os pés no chão. O rapaz queria sair. Encontrar-se com amigos. Talvez com uma rapariga. Far-lhe-ia bem.

Banquo deixou o fio deslizar-lhe por entre os dedos.

Tinha dito sim a Macbeth. Porquê? Por que razão ultrapassara tal limite tão facilmente? Seria por causa da jura de Macbeth de que era do povo, estava com o povo e pelo povo, de uma forma que um homem da classe alta como Malcolm nunca poderia ser? Não. Era por pura e simplesmente não se poder dizer não quando se tratava de um filho. E ainda menos quando se tratava de dois.

Macbeth falara de tudo aquilo como obedecer ao chamamento do destino, desbravando um caminho em direção ao gabinete do comissário-chefe. Não dissera nada quanto a Lady ser o cérebro por trás daquilo. Não fora preciso. Macbeth preferia planos simples. Planos que não requeriam grandes raciocínios em situações cruciais. Banquo fechou os olhos. Tentou imaginá-lo. Macbeth a assumir o cargo de comissário-chefe e a comandar a cidade com poder absoluto, tal como Kenneth tinha feito, mas com o objetivo sincero de fazer dela um sítio melhor para todos os habitantes. Se queremos fazer todas as mudanças drásticas necessárias, a lentidão da democracia e a rédea solta que esta dá à estupidez de nada adiantam. Uma mão forte e justa.

E por isso, quando Macbeth for velho, deixará Fleance assumir o comando. E, por essa altura, Banquo já terá morrido de velhice, feliz. Talvez fosse por isso que não o conseguia imaginar.

Banquo ouviu a porta da frente a bater com força.

Mas era óbvio, ainda que visões daquelas demorassem a tornar-se completamente claras.

Calçou as luvas.

Eram cinco e meia e a chuva estava a fustigar as pedras da calçada e o para-brisas do *Chevelle 454 SS* de Malcolm conforme o carro avançava pelas ruas. Tinha consciência da estupidez que significava estar a comprar um sorvedouro de gasolina em plena crise do petróleo, e mesmo que o tivesse comprado em segunda mão por o que considerava ser um preço razoável, não se tinha mostrado à altura das expectativas em matéria de responsabilidade. Em primeiro lugar, as da filha com preocupações ecológicas, e, em segundo, as de Duncan, que tinha sublinhado a importância de os responsáveis máximos revelarem moderação. Em última análise, Malcolm dissera o que achara: adorava aqueles carros excessivos americanos desde rapaz, e Duncan afirmara que pelo menos isso demonstrava que os economistas também eram humanos.

Dera um saltinho a casa para tomar duche e mudar de roupa, o que felizmente não demorou muito tempo, por ser domingo e haver muito pouco trânsito. A imprensa, reunida em grande número, aguardava-o à entrada do quartel-general, provavelmente à espera de um comentário ou de uma fotografia melhor do que a que seria possível na conferência de imprensa das sete e meia. O presidente da câmara, Tourtell, já tinha aparecido na televisão para fazer uma declaração. «Incompreensível», «tragédia», «os nossos pensamentos estão com a família» e «a cidade tem de se unir contra este mal» fora o que dissera, só que acompanhado por muitíssimas mais palavras. Por

oposição, o comentário mínimo de Malcolm implicara pedir compreensão à imprensa; o foco dele incidia agora na investigação, adiando mais informações para a conferência de imprensa.

Malcolm desceu a rampa até à garagem na cave, cumprimentando o guarda com um movimento de cabeça. O guarda ergueu a barreira, e Malcolm virou para dentro. A distância de um lugar de estacionamento até ao elevador correspondia diretamente à posição ocupada na hierarquia. E quando Malcolm fez marcha-atrás em direção ao lugar que lhe cabia, apercebeu-se de que, de um ponto de vista formal, até *poderia* ter estacionado no que ficava mais perto.

Estava prestes a tirar a chave da ignição quando a porta do lado do passageiro se abriu e alguém entrou para o banco traseiro, deslizando até se pôr atrás do lugar do condutor. E, pela primeira vez desde o homicídio de Duncan, Malcolm viu-se confrontado com um pensamento. O cargo de comissário-chefe implicava não só um lugar de estacionamento mais perto do elevador, mas também uma ameaça de morte, sempre e onde quer que fosse; a segurança era um privilégio daqueles que estacionavam mais longe.

— Ligue o carro — disse a pessoa sentada no banco de trás.

Malcolm espreitou pelo espelho retrovisor. A pessoa tinha-se mexido tão depressa e tão silenciosamente que ele apenas pôde concluir que o treino da Força de Intervenção era eficaz.

— Há algum problema, Banquo?

— Há, senhor comissário. Descobrimos planos para um atentado contra a sua vida.

— Dentro do quartel-general da polícia?

— Sim. Conduza devagar, por favor. Temos de nos afastar. Ainda não sabemos quem da força está envolvido, mas julgamos serem as mesmas pessoas que mataram o Duncan.

Malcolm sabia que deveria estar assustado. E *estava*. Mas não tão

assustado quanto poderia estar. Frequentemente, eram as situações triviais — como estar em cima de um escadote ou rodeado de vespas em fúria — que eram capazes de desencadear reações patéticas semelhantes a pânico. Mas agora, precisamente naquela manhã, era como se a situação não permitisse esse tipo de medo; pelo contrário, aguçava a capacidade de a pessoa pensar depressa e racionalmente, reforçava-lhe a determinação e, paradoxalmente, acalmava-a.

— Se é esse o caso, como sei que não és um deles, Banquo?

— Se o quisesse matar, o senhor já estaria morto.

Malcolm assentiu. Algo no tom de Banquo lhe dizia que o homem fisicamente mais pequeno e muito mais velho conseguiria provavelmente fazer isso com as próprias mãos se assim o desejasse.

— Então para onde vamos?

— Para o terminal dos contentores.

— E porque não para casa…

— O senhor não vai querer ver a sua família envolvida neste sarilho. Explico-lhe tudo quando lá estivermos. Conduza. Eu enterro-me aqui no banco. É melhor que ninguém me veja e perceba que o senhor foi informado.

Malcolm arrancou, recebendo um novo cumprimento do guarda, a barreira ergueu-se também novamente e ele viu-se outra vez lá fora, à chuva.

— Tenho uma reunião daqui a…

— Vamos tratar disso.

— E a conferência de imprensa?

— A mesma coisa. O que o senhor deve pensar agora é em si. E na sua filha.

— Na Julia?

Malcolm sentiu-o naquele instante. O pânico.

— Também vamos tratar dela. Conduza e pronto. Não tarda nada estamos lá.

— E que vamos fazer?

— Tudo o que for necessário.

Passados cinco minutos, passaram pelos portões do terminal dos contentores, que, nos últimos anos, tinham começado a ser deixados abertos, já que tudo o que as tentativas de manter os sem-abrigo e os ladrões afastados tinham alcançado eram vedações e fechaduras arrombadas. Era domingo e o cais estava deserto.

— Estacione atrás daquele barracão — disse Banquo.

Malcolm fez o que lhe diziam, estacionando ao lado de um sedã da *Volvo*.

— Assine isto — disse Banquo, segurando numa folha de papel e numa caneta entre os dois bancos da frente.

— O que é isso? — perguntou Malcolm.

— Umas quantas linhas escritas na sua máquina — respondeu Banquo. — Leia-as em voz alta.

— *Os Norse Riders ameaçaram matar a minha filha…* — Malcolm parou.

— Continue — insistiu Banquo.

Malcolm aclarou a garganta.

— *… Julia, se eu não os ajudasse a matar o comissário-chefe* — leu. — *Mas agora têm-me na mão e já me mandaram desempenhar outros serviços para eles. Sei que, enquanto estiver vivo, a ameaça que recai sobre a minha filha nunca desaparecerá. E é por isso, e pela vergonha que sinto devido ao que fiz, que me decidi suicidar por afogamento.*

— E isso é mesmo verdade — afirmou Banquo. — Só assinando esse bilhete poderá salvar a sua filha.

Malcolm virou-se para trás e olhou para Banquo. Fitando a boca da pistola que ele segurava com a mão enluvada.

— Não há nenhum atentado contra a minha vida. Mentiste-me.

— Sim e não — respondeu Banquo.

— Enganaste-me para eu vir até aqui para me poderes matar e atirar para dentro do canal.

— O senhor vai suicidar-se por afogamento, tal como diz no bilhete.

— E porque havia eu de fazer isso?

— Porque a alternativa é eu dar-lhe um tiro na cabeça agora e ir de carro até sua casa, e depois o bilhete de suicídio vai ser assim — Banquo entregou-lhe outra folha. — Só a parte final mudou.

— *Enquanto eu e a minha filha estivermos vivos, a ameaça nunca desaparecerá. E é por isso que decidi acabar com as nossas vidas e poupá-la à vergonha do que fiz e a uma vida de medo incessante.* — Malcolm pestanejou. Compreendia as palavras, faziam sentido e, ainda assim, teve de reler o bilhete.

— Assine, Malcolm. — A voz de Banquo soou quase reconfortante.

Malcolm fechou os olhos. O silêncio no carro era tal que ele conseguia ouvir o ranger das molas do gatilho da pistola de Banquo. A seguir, abriu os olhos, pegou na caneta e assinou o primeiro bilhete. Ouviu-se metal a chocalhar no banco de trás.

— Tome — disse Banquo. — Ponha-as à volta da cintura, por baixo do casaco.

Malcolm analisou as correntes para pneus que Banquo lhe estendeu. Um peso.

Agarrou-as, pô-las à volta da cintura enquanto o cérebro tentava descobrir uma saída.

— Deixe-me ver isso — disse Banquo, apertando mais as correntes. Depois, enfiou-lhes um cadeado e trancou-o. Pousou o bilhete assinado no banco do passageiro e, por cima dele, uma chave, que Malcolm pressupôs que fosse do cadeado.

— Vamos.

Saíram para a chuva. Com a pistola, Banquo foi obrigando Malcolm a

avançar pela borda do cais, ao longo de um canal estreito que se atravessava vindo das docas principais. Havia paredes de contentores de ambos os lados do canal. Mesmo que houvesse pessoas a andar no cais, não veriam Malcolm e Banquo de onde se encontravam.

— Pare — ordenou Banquo.

Malcolm fitou os tons negros do mar, que se encontrava imóvel, derrotado e domado pela chuva fustigante. Baixou a cabeça e olhou para a água preto-esverdeada repleta de óleo, virando-lhe a seguir costas e fixando o olhar em Banquo.

Banquo ergueu a pistola.

— Salte.

— Não tens ar de quem quer matar alguém, Banquo.

— Com todo o respeito, não me parece que o senhor saiba que ar é que essas pessoas têm.

— Lá isso é verdade. Mas sou bom a avaliar a natureza de cada um.

— Até agora, tem sido.

Malcolm abriu os braços.

— Então empurra-me.

Banquo humedeceu os lábios. E passou a pistola para a outra mão.

— Como é, Banquo? Mostra-me o teu lado de assassino.

— Para um tipo que anda de fato, o senhor tem sangue-frio.

Malcolm baixou os braços.

— Isso é porque sei alguma coisa sobre a perda, Banquo. Tal como tu. Aprendi que nos podemos dar ao luxo de perder a maioria das coisas. Mas que também há as que não podemos, que nos fazem deixar de existir ainda mais do que se perdêssemos a própria vida. Eu sei que perdeste a tua mulher devido à doença que esta terra deu aos habitantes.

— Ai sim? E como é que sabe isso?

— Porque o Duncan me contou. E fê-lo por eu ter perdido a minha

primeira mulher devido a essa mesma doença. E falámos de como poderíamos ajudar a criar uma cidade onde isso não acontecesse, onde mesmo os magnatas industriais mais poderosos dessa terra teriam de ir a julgamento se violassem a lei, onde um homicídio é um homicídio, seja com uma arma ou gaseando os habitantes até ficarem com os olhos amarelos e a cheirar a cadáveres.

— Quer dizer que o senhor já perdeu aquilo que não se pode perder.

— Não. Podemos perder a mulher e a nossa vida continuar a ter sentido. Por termos crianças. Uma filha. Um filho. Os nossos filhos são o que não se pode perder, Banquo. E se eu salvar a Julia morrendo agora, então é assim que tem de ser, vale a pena. E haverá outros depois de mim e do Duncan. Podes não acreditar em mim, Banquo, mas este mundo está cheio de pessoas que querem o bem.

— E quem decide o que é o bem? O senhor e os outros chefões?

— Pergunta ao teu coração, Banquo. O teu cérebro vai enganar-te. Pergunta ao coração.

Malcolm viu Banquo passar o peso do corpo de um pé para o outro. Malcolm tinha a boca e a garganta secas e já estava rouco.

— Podes enfiar-nos as correntes todas que quiseres em cima, Banquo, que isso não vai fazer diferença nenhuma, porque viremos à tona. O que é bom ergue-se. Juro-te que virei à tona algures para revelar as tuas malfeitorias.

— Não são minhas, Malcolm.

— Do Hécate. Tuas. Vocês estão no mesmo barco. E nós os dois sabemos que rio esse barco vai atravessar e onde irão parar não tarda muito.

Banquo assentiu lentamente.

— O Hécate — disse. — Exato.

— O quê?

Banquo parecia estar focado num ponto na testa de Malcolm.

— O senhor tem razão. Eu trabalho para o Hécate.

Malcolm tentou decifrar o ténue sorriso de Banquo. Escorria-lhe água pela cara como se estivesse a chorar, pensou Malcolm. Estaria a hesitar? Malcolm sabia que precisava de continuar a falar, para fazer com que Banquo também falasse, pois cada palavra, cada segundo, lhe prolongava a vida. Aumentava a minúscula e cada vez mais ínfima hipótese de Banquo poder mudar de ideias ou de alguém poder aparecer.

— E porquê um afogamento, Banquo?

— Hã?

— Dar-me um tiro no carro e fazer isso parecer um suicídio seria mais fácil.

Banquo encolheu os ombros.

— Há muitas maneiras de se esfolar um gato. A cena do crime vai ser debaixo de água. Não há vestígios, caso suspeitem de homicídio. E morrer afogado é mais agradável. É como se adormecêssemos.

— E porque achas isso?

— Porque sei. Quase me afoguei duas vezes quando era novo.

O cano da pistola de Banquo tinha baixado muito ligeiramente. Malcolm calculou a distância entre eles.

Malcolm engoliu em seco.

— E porque é que quase te afogaste, Banquo?

— Por ter crescido na zona leste da cidade sem nunca ter aprendido a nadar. Não é curioso que, numa cidade à beira-mar, haja pessoas que morrem se caírem lá para dentro? Por isso, tento ensinar o meu rapaz a nadar. Mas o mais estranho é que ele também não aprendeu. Talvez por ter sido uma pessoa que não sabia nadar a tentar ensinar-lhe. Se nos afundarmos, eles também se afundam, é assim que os nossos destinos se transmitem. Mas pessoas como o senhor sabem nadar.

— E daí as correntes, presumo.

— Sim.

O cano da pistola já estava novamente levantado. A hesitação esfumara-se e a determinação regressara aos olhos de Banquo. Malcolm respirou fundo. A hipótese tinha surgido, mas agora já lá não estava.

— Boas pessoas ou não — prosseguiu Banquo —, têm a capacidade de flutuar que nos falta. E eu preciso de me assegurar de que o senhor fica debaixo de água. E que nunca mais volta à superfície. Se não for assim, não terei cumprido o meu dever. Compreende?

— Se compreendo?

— Dê-me o seu distintivo.

Malcolm tirou o distintivo de bronze do bolso do casaco e passou-o a Banquo, que o atirou de imediato. Sobrevoou a borda do cais, atingiu a água e afundou-se.

— É de bronze. É reluzente, mas vai afundar mesmo até ao fundo. A gravidade é assim, arrasta tudo com ela para a lama. E o senhor tem de desaparecer. Desaparecer para sempre.

Na sala de reuniões, Macbeth olhou para o relógio. Seis e vinte e nove. A porta voltou a abrir-se e uma pessoa que Macbeth reconheceu ser a assistente de Lennox espetou a cabeça lá para dentro, afirmando que continuava a não ser possível entrar em contacto com Malcolm; sabiam apenas que ele tinha chegado ao quartel-general, fizera inversão de marcha na garagem e fora-se embora, sem que ninguém, nem sequer a filha Julia, soubesse onde se encontrava.

— Obrigado, Priscilla — disse Lennox, virando-se para os outros. — Sendo assim, acho que devíamos começar esta reunião por…

Macbeth soube que aquele era o momento. O momento de que Lady lhe tinha falado, o momento do vazio de liderança, em que toda a gente consideraria de forma inconsciente que a pessoa que assumisse a iniciativa era o novo chefe. Por essa razão, ao interromper, fê-lo alto e bom som.

— Peço desculpa, Lennox — Macbeth voltou-se para a porta. — Priscilla, podes organizar uma busca para tentarmos descobrir o Malcolm e o carro dele? Por enquanto, comunica isso apenas aos carros-patrulha. E di-lo da forma mais discreta possível. O quartel-general quer contactá-lo com a máxima urgência. Uma coisa desse género, obrigado — Virou-se para os outros. — Desculpa estar a usurpar a tua assistente, Lennox, mas julgo que quase todos nós partilhamos esta minha inquietação. Muito bem, vamos lá dar início à reunião. Alguém tem alguma objeção se eu presidir até que o Malcolm chegue?

Sondou a mesa. Caithness. Lennox. Duff. Viu que tiveram de pensar antes de concluir o que Lennox afirmou de maneira hirta, após aclarar a garganta:

— És o número dois, Macbeth. Força.

— Obrigado, Lennox. Já agora, importavas-te de fechar a janela atrás de ti? Comecemos pelos guarda-costas. A Unidade Anticorrupção conseguiu descobrir alguma coisa?

— Ainda não — respondeu Lennox, tentando fechar os ferrolhos. — Não há nada que indicie irregularidades ou seja o que for que se possa considerar suspeito. Na verdade, a ausência de irregularidades é a única coisa suspeita.

— Nada que seja suspeito, novas ligações, compras repentinas de produtos de luxo ou movimentos bancários?

Lennox abanou a cabeça.

— Parecem tão imaculados como uma armadura cintilante.

— O meu palpite é que *eram* imaculados — interveio Duff. — Mas até os cavaleiros mais imaculados podem ser envenenados e corrompidos se formos capazes de lhes descobrir a fenda na armadura. E o Hécate descobriu essa abertura.

— Então nós também somos capazes — retorquiu Macbeth. — Continua a procurar, Lennox.

— Assim farei — O tom indiciava um espaço para um *senhor comissário*

no final. Não foi dito, mas toda a gente o ouviu.

— Referiste que tinhas falado com os tipos infiltrados da tua antiga secção, não foi, Duff?

— Disseram que o homicídio foi um choque para quem faz da rua a sua vida. Ninguém sabia de nada. Mas toda a gente considera inevitável que o Hécate esteja por trás disso. Na estação central, um rapazote mencionou qualquer coisa sobre um polícia a querer comprar droga… não sei se foi algum dos nossos homens infiltrados da Unidade de Narcóticos, mas de certeza que não foi nenhum dos guarda-costas. Vamos continuar à procura de pistas que nos possam indicar onde o Hécate está. Mas isso, conforme sabemos, é, no mínimo, tão difícil como encontrar o Sweno.

— Obrigado, Duff. E da investigação à cena do crime, Caithness?

— Descobrimos o que já se esperava — respondeu ela, examinando os apontamentos que tinha à frente. — Identificámos várias impressões digitais no quarto do falecido, que correspondem às das três empregadas, dos guarda-costas e de quem esteve no quarto, Lady, Macbeth e Duff. Bem como um conjunto de outras impressões que tivemos alguma dificuldade em identificar de início, mas que percebemos entretanto corresponder às dos hóspedes anteriores. Portanto, ao dizer que descobrimos o que já se esperava, isso não é exatamente verdade; por norma, os quartos de hotel estão cheios de impressões digitais não identificadas.

— A dona do Inverness leva a limpeza *muito* a sério — retorquiu Macbeth, num tom seco.

— O Departamento de Patologia confirma que a causa direta da morte foram duas facadas. Os ferimentos correspondem aos punhais que encontrámos. E apesar de os punhais terem sido limpos no lençol e na roupa dos próprios guarda-costas, continuava a haver sangue mais do que suficiente nas lâminas e nos cabos para concluir que provinha do falecido.

— Podemos dizer antes «Duncan»? — perguntou Macbeth. — Em vez de

«o falecido».

— Como queiras. Um dos punhais tem mais sangue do que o outro, já que foi o que cortou a artéria carótida do faleci… hã, do Duncan, e daí o sangue ter espirrado para o edredão, como se pode ver nesta fotografia. — Caithness empurrou até meio da mesa uma foto a preto-e-branco, que os outros analisaram cuidadosamente. — O relatório completo da autópsia estará pronto amanhã de manhã. E, nessa altura, já teremos mais informações.

— *Mais* informações sobre quê? — retorquiu Duff. — O que é que ele jantou? Como todos sabemos, comemos a mesma coisa. Ou de que doenças é que ele *não* morreu? Se queremos estar em cima do assunto, o essencial agora é focarmo-nos nas informações importantes.

— Uma autópsia — respondeu Caithness, e Macbeth notou o tremor na voz dela — pode confirmar ou desmentir a suposta sequência de acontecimentos. E parto do princípio de que isso seja bastante importante.

— E é, Caithness — afirmou Macbeth. — Mais alguma coisa?

Ela mostrou-lhes mais algumas fotos e referiu outros indícios médicos e técnicos, mas não havia nada que apontasse noutra direção que se afastasse do consenso geral à mesa: que os dois guarda-costas tinham matado Duncan. E todos concordaram igualmente que os guardas não aparentavam possuir um motivo, logo, outras forças estariam com certeza por trás do homicídio, mas o subsequente debate acerca da possibilidade de outro que não Hécate ser o responsável foi curto e nada produtivo.

Macbeth propôs que adiassem a conferência de imprensa para as dez horas, dando assim hipótese de localizar e informar Malcolm até lá. Lennox realçou que as nove horas seriam mais convenientes para a imprensa, visto que o fecho das redações ocorria mais cedo ao domingo.

— Obrigado, Lennox — disse Macbeth. — Mas o que conta é a nossa agenda e não os números das vendas amanhã de manhã.

— Acho isso uma estupidez — respondeu Lennox. — Agora somos nós

que estamos à frente das operações e não me parece prudente estar a antagonizar a imprensa logo à primeira oportunidade.

— A tua opinião fica registada — retorquiu Macbeth. — A não ser que o Malcolm apareça e diga algo em contrário, encontramo-nos aqui às nove para discutir o que tem de ser dito na conferência de imprensa.

— E quem vai dar a conferência? — perguntou Duff.

Antes de Macbeth poder responder, a porta abriu-se. Era Priscilla, a assistente de Lennox.

— Peço desculpa por estar a interromper — disse. — Um carro-patrulha acaba de informar que o carro do Malcolm se encontra estacionado no terminal dos contentores. Não está lá ninguém nem há sinal do Malcolm.

Macbeth sentiu o silêncio na sala. Saboreou a informação de que os outros não dispunham. E o poder que isso lhe dava.

— Em que sítio do terminal dos contentores? — perguntou Macbeth.

— No cais, junto a um dos canais.

Macbeth assentiu com a cabeça vagarosamente.

— Enviem para lá mergulhadores.

— Mergulhadores? — retorquiu Lennox. — Isso não é um bocadinho prematuro?

— Acho que o Macbeth tem razão — interrompeu Priscilla, e os restantes viraram-se para ela, atónitos. Engoliu em seco. — Encontraram um bilhete no banco do carro.

DOZE

A conferência de imprensa começou às dez em ponto. Quando Macbeth entrou em Scone Hall e se dirigiu ao estrado, os *flashes* dispararam de todos os ângulos, projetando sombras grotescas e fugazes dele na parede que se encontrava atrás. Pousou os papéis no atril à sua frente, examinou-os durante uns segundos e depois tossiu e perscrutou as filas apinhadas de gente. Nunca gostara de falar em público. Outrora, há já muito tempo, esse simples pensamento teria sido pior do que a mais perigosa das missões. Mas a coisa tinha melhorado. E, naquela noite, sentia-se feliz. Iria desfrutar da situação. Porque detinha o comando e sabia algo que eles não sabiam. E porque tinha acabado de cheirar uma linha de poção. Não precisava de mais nada.

— Boa noite, sou o inspetor Macbeth, chefe do Departamento do Crime Organizado. Conforme sabem, o comissário-chefe Duncan foi encontrado morto no Casino Inverness às seis horas e quarenta e dois minutos desta manhã. Imediatamente a seguir, os dois suspeitos provisórios deste caso, o agente Andrianov e o agente Hennessy, guarda-costas do comissário Duncan, foram mortos a tiro pela polícia, no quarto adjacente, ao resistirem à detenção. E há uma hora, foi-vos fornecido um relatório pormenorizado do curso dos acontecimentos e do que descobrimos e pressupomos de momento, para que o assunto possa ser tratado com brevidade. Mas gostaria de acrescentar algumas coisas de natureza mais técnica.

Macbeth susteve a respiração e um jornalista foi incapaz de se conter:

— O que sabem acerca do Malcolm? — ecoou a pergunta.

— Está morto? — lançou outro jornalista.

Macbeth olhou para os apontamentos. E afastou-os.

— Se por estas perguntas devemos entender que a imprensa considera que já exercemos a nossa responsabilidade no que toca a prestar contas sobre o homicídio do comissário-chefe Duncan, podemos então falar do desaparecimento do comissário-chefe adjunto.

— Não, mas há prioridades — gritou um dos jornalistas mais velhos. — Temos a hora de fecho das redações a aproximar-se.

— Muito bem — retorquiu Macbeth. — O comissário-chefe adjunto Malcolm não compareceu… como pelos vistos sabem… à reunião no quartel-general da polícia às seis horas. Num dia em que o comissário-chefe foi encontrado morto, é claro que isso é perturbador. Portanto, demos início às buscas e, esta tarde, o carro do comissário-chefe adjunto Malcolm foi encontrado no terminal dos contentores. A área foi subsequentemente revistada, inclusive por mergulhadores. Que descobriram…

— O corpo?

— … isto. — Macbeth mostrou um pedaço de metal redondo que reluziu sob a luz intensa dos holofotes das televisões. — Trata-se do distintivo do Malcolm, que foi encontrado no fundo do mar, junto ao cais.

— E acham que alguém o matou?

— Possivelmente — respondeu Macbeth, sem pestanejar uma única vez durante o silêncio ensurdecedor que se seguiu. — Se, por *alguém*, incluirmos o próprio Malcolm.

Passou os olhos pela assistência e continuou:

— Encontrou-se um bilhete no banco da frente do carro.

Macbeth voltou atenções para o bilhete. E aclarou a garganta.

— *Os Norse Riders ameaçaram matar a minha filha, Julia, se eu não os ajudasse a matar o comissário-chefe* — leu. — *Mas agora têm-me na mão e*

já me mandaram desempenhar outros serviços para eles. Sei que, enquanto estiver vivo, a ameaça que recai sobre a minha filha nunca desaparecerá. E é por isso — e pela vergonha que sinto devido ao que fiz — que me decidi suicidar por afogamento. Está assinado pelo comissário-chefe adjunto.

Macbeth levantou a cabeça e olhou para os jornalistas ali reunidos.

— A primeira pergunta que estamos a fazer a nós mesmos… e presumo que vocês também… é, claro, se o bilhete é autêntico. E o nosso Departamento Forense confirmou que o bilhete foi escrito na máquina do Malcolm, no quartel-general. A folha tem as impressões digitais do Malcolm e a assinatura é a dele.

Foi como se a sala precisasse de alguns segundos para digerir a informação. E depois vieram as vozes estridentes.

— Sabem se há mais alguma coisa que confirme que o Malcolm esteve por trás do homicídio do Duncan?

— De que forma o Malcolm pode ter ajudado os Norse Riders a assassinar o Duncan?

— Qual é a ligação entre o Malcolm e os guarda-costas?

— Acham que há mais agentes envolvidos?

Macbeth levantou as palmas das mãos.

— Não vou responder a mais nenhuma pergunta sobre o homicídio do Duncan, visto não passar tudo de especulação. Apenas a perguntas sobre o desaparecimento do Malcolm. Uma de cada vez, por favor.

Silêncio. A única jornalista na sala perguntou:

— Devemos subentender que encontraram o distintivo do Malcolm, mas *não* o Malcolm?

— Temos de nos haver com um fundo do mar lamacento e a água do nosso porto não é das mais limpas. Um distintivo pouco pesado e de bronze não se afunda necessariamente da mesma maneira que um corpo, além de que o bronze reflete a luz. Os mergulhadores vão precisar de tempo até encontrar

o Malcolm.

Macbeth observou os jornalistas a debruçarem-se sofregamente sobre os blocos para tirar apontamentos.

— E a razão mais óbvia para isso não será que a corrente terá arrastado o corpo para longe? — perguntou uma voz que enrolava os erres.

— Sim — respondeu Macbeth, localizando o rosto por trás da voz. Um dos poucos que não estava a tirar apontamentos. Walt Kite. Não precisava de o fazer; tinha o microfone da estação de rádio à frente de Macbeth.

— Se o Malcolm matou o Duncan e se arrependeu, porque é que…

— Chega — Macbeth levantou de novo a palma da mão. — Conforme já disse, não vou responder a mais nenhuma pergunta sobre o homicídio do Duncan enquanto não tivermos mais informações. E agora, por favor, compreendam que temos de regressar ao trabalho. A nossa prioridade número um é investigar este caso da forma mais rápida e eficaz que conseguirmos, com os recursos de que dispomos. E também precisamos de nomear um comissário-chefe o mais cedo possível, para haver continuidade no resto do trabalho que a polícia está a fazer por esta cidade.

— E será correto afirmar que o Macbeth é neste momento o chefe interino?

— Formalmente, sim.

— E do ponto de vista prático?

— Do ponto de vista prático… — Macbeth fez uma pausa. Lançou um olhar rápido à folha. Humedeceu os lábios. — Somos um grupo de chefes experientes de unidades que já assumiu o comando, e não tenho medo de afirmar que nos encontramos à frente das operações. Contudo, também não tenho medo de afirmar que não será propriamente fácil substituir o Duncan. O Duncan foi um visionário, um herói que morreu no combate aos poderes do mal, que julgam ter conquistado hoje uma vitória — Agarrou o atril com toda a força e inclinou-se para a frente. — Mas tudo o que conseguiram foi

convencer-nos ainda mais de que esta batalha perdida constituirá o começo dos progressos em direção à vitória final para o poder do bem. Para a justiça. Para a segurança. E, por esse meio, para a reconstrução, reafirmação e reconquista da prosperidade. Mas não podemos fazer isso sozinhos; para o fazermos, necessitamos da vossa confiança e da confiança da cidade. Se a tivermos, prosseguiremos o trabalho que o comissário-chefe Duncan iniciou. E eu gostaria… — fez uma pausa para erguer a mão, como se fosse prestar juramento — … de garantir, a título pessoal, que não pararemos até atingirmos os objetivos que o Duncan definiu para esta cidade e para todos, *todos* os seus habitantes.

Macbeth largou o atril e endireitou-se. Olhou para os rostos, que se confundiam num mar de olhos e bocas abertas diante dele. Não, não tinha medo. Assistiu ao efeito e continuava a saborear o som das próprias palavras. Das palavras de Lady. Tinha-se inclinado para a frente exatamente quando o devia ter feito. Ela preparara-o em frente ao espelho, explicando-lhe que uma linguagem corporal agressiva transmitia uma sensação de paixão espontânea e de sede de lutar, e que a linguagem corporal era mais importante do que as palavras que ele utilizasse por passar por cima do cérebro e falar diretamente ao coração.

— A próxima conferência de imprensa será amanhã de manhã, às onze, aqui em Scone Hall. Obrigado.

Macbeth começou a arrumar os papéis e ouviu-se um queixume generalizado de desapontamento, seguido de coro de protestos e perguntas. Macbeth perscrutou a sala. Queria manter-se ali por mais alguns segundos. Conseguiu — com uma certa dificuldade — parar o sorriso incipiente no último instante.

Parece o raio do capitão de um barco, pensou Duff, sentado na primeira fila. Um capitão a contemplar destemidamente o mar tempestuoso. Alguém lhe ensinou isso. Não é o Macbeth que eu conheço. Conhecia.

Macbeth assentiu ligeiramente com a cabeça, marchou pelo estrado e desapareceu do outro lado da porta aberta por Priscilla.

— Bom, que te parece, Lennox? — perguntou Duff enquanto, atrás deles, os jornalistas continuavam a gritar por mais.

— Sinto-me comovido — respondeu o inspetor ruivo. — E inspirado.

— Exato. Aquilo parecia mais um discurso eleitoral do que uma conferência de imprensa.

— Podes interpretar a coisa assim ou podes interpretá-la como uma jogada tática inteligente e responsável.

— Responsável? — resfolegou Duff.

— Uma cidade, um país, alicerça-se em noções. Noções de que as notas podem ser trocadas por ouro, noções de que os nossos dirigentes pensam em ti e em mim e não no bem deles, de que os crimes serão castigados. Se não acreditássemos nessas noções, a sociedade civilizada desintegrar-se-ia num ápice assustador. E numa situação em que a anarquia está a bater à porta, o Macbeth acabou de nos assegurar de que as instituições públicas da cidade permanecem inteiramente intactas. Foi um discurso digno de um estadista.

— Ou de uma estadista.

— Achas que aquelas palavras foram da Lady e não do Macbeth?

— As mulheres entendem os corações e sabem como lhes falar. Porque o coração corresponde à mulher que há em nós. Mesmo que o cérebro seja maior, fale mais e acredite que o marido manda na casa, é o coração que, em silêncio, toma as decisões. O discurso tocou-te o coração e o cérebro segue-o de bom grado. Acredita no que te digo, o Macbeth não tem estofo para aquilo; o discurso é obra dela.

— E depois? Toda a gente precisa de uma cara-metade. Desde que o resultado seja o que pretendemos, pouco importa se quem está por trás disso é o diabo em pessoa. Não estás com ciúmes do Macbeth, pois não, Duff?

— Ciúmes? — resfolegou outra vez Duff. — E porque havia de estar? Ele

parece e fala como um verdadeiro chefe, e se também se comportar como um, evidentemente que o melhor para todos nós é que seja ele a chefiar e mais ninguém.

Atrás deles, ouviram cadeiras a arrastar-se. Macbeth não tinha regressado e a hora de fecho das redações estava a chegar.

Faltava uma hora para a meia-noite. O vento tinha amainado, mas o lixo e os escombros da tempestade da noite anterior continuavam a ser soprados pelas ruas. O vento oeste húmido surgia comprimido e acelerado ao longo dos corredores da gare, passando por uma trouxa encostada à parede e — uns quantos metros mais adiante — por um homem com um cachecol enrolado à volta do nariz e a boca.

Strega foi ter com ele.

— Com medo de seres reconhecido, Macbeth?

— Chiu, não digas o meu nome. Fiz um discurso hoje à noite e receio ter perdido o anonimato.

— Sim, eu vi o noticiário da noite. Estavas com bom aspeto lá em cima. Acreditei em quase tudo o que disseste. Mas a verdade é que uma cara bonita sempre teve esse efeito em mim.

— E como é que surges assim que eu apareço aqui, Strega?

Ela sorriu.

— Poção?

— Não tens mais nada? *Speed*? Cocaína? Ando a ver coisas e a poção dá-me uns pesadelos terríveis.

— Foi a tempestade, e não a poção, que te deu esses pesadelos, Macbeth. Eu não toco nessa coisa e, mesmo assim, sonhei que todos os cães tinham ficado raivosos com os trovões. Vi-os a atirarem-se uns aos outros, com espuma a sair-lhes das mandíbulas. E enquanto ainda estavam vivos, iam-se comendo. Quando acordei, estava a suar em bica e senti-me aliviada.

Macbeth apontou para a trouxa mais à frente no corredor.

— Ora ali tens o teu pesadelo.

— O que é aquilo?

— É o cadáver de um cão meio comido, não vês?

— Acho que estás outra vez a ver coisas. Toma — Pousou-lhe um saquinho na mão. — Poção. Mas não enlouqueças, Macbeth. Lembra-te de que o caminho é simples, sempre em frente.

Ao passar pela *Bertha* e apressando-se pela Workers' Square deserta, na parte em que descia em direção à fachada iluminada do Casino Inverness, Macbeth viu uma figura parada no meio da escuridão, à chuva. E, quando se aproximou, apercebeu-se para sua surpresa de que se tratava de Banquo.

— Que estás aqui a fazer? — perguntou Macbeth.

— Estava à tua espera — respondeu Banquo.

— A meio caminho entre a *Bertha* e o Inverness, onde nenhum dos dois te pode abrigar?

— Não me conseguia decidir — afirmou Banquo.

— Sobre para que lado ir?

— Sobre o que fazer em relação ao Malcolm.

— Não lhe enfiaste as correntes, foi isso?

— O quê?

— Os mergulhadores ainda não encontraram o corpo. Sem peso nenhum, a corrente levou-o e pronto.

— Não é isso.

— Não? Vamos mas é para o Inverness em vez de estarmos aqui parados a apanhar frio e chuva.

— Já é demasiado tarde para mim. Estou enregelado até ao fundo do coração. Estava à tua espera aqui por haver jornalistas à porta do casino. Estão à tua espera, do novo comissário-chefe.

— Então o melhor é fazermos isto depressa. O que aconteceu?

— Esfolei o gato de outra maneira. Não tens nada a temer. O Malcolm desapareceu para sempre e nunca mais vai voltar. E mesmo que voltasse, não faz ideia de que desempenhaste algum papel nisto. Julga que é o Hécate que está por trás de tudo.

— De que estás a falar? O Malcolm está *vivo*?

Banquo tremeu.

— O Malcolm julga que o Hécate me tem no bolso e que fui eu que influenciei os guarda-costas do Duncan. Eu sei que não foi isto que combinámos. Mas resolvi o nosso problema e salvei a vida a um homem bom.

— Onde está o Malcolm agora?

— Desapareceu.

— Onde? — repetiu Macbeth, percebendo pela cara de Banquo que tinha levantado a voz.

— Levei-o para o aeroporto e pu-lo num avião com destino a Capitol. E de lá ele vai seguir para o estrangeiro. Sabe que, se tentar contactar seja quem for ou der o mínimo sinal de estar vivo, a filha dele, a Julia, vai ser liquidada de imediato. O Malcolm é pai, Macbeth. E eu sei o que isso significa. Nunca irá arriscar a vida da filha, *nunca*. Preferiria ver uma cidade ir desta para melhor. Confia em mim, mesmo num sótão cheio de correntes de ar, um Malcolm mordido por pulgas vai acordar todas as manhãs esfomeado, com frio e sozinho e agradecer ao criador por a filha poder viver mais um dia.

Macbeth ergueu a mão e foi então que viu algo nos olhos de Banquo que apenas tinha visto uma única vez. Não nas variadíssimas operações que tinham executado em conjunto contra bandidos ou lunáticos capazes de fazer crianças reféns. Não das vezes em que Banquo enfrentara um adversário que era maior e mais forte e em que ele sabia que o outro o iria — como depois acontecia de facto — sovar. Macbeth apenas tinha visto aquela expressão em

Banquo uma vez, e fora quando este regressou a casa depois de ir visitar Vera ao hospital e o médico lhe apresentara o resultado dos testes mais recentes. Medo. Puro e autêntico medo. E, por esse motivo, Macbeth desconfiou de que não era por ele próprio que Banquo estava com medo.

— Obrigado — disse Macbeth. Pousou uma mão pesada no ombro de Banquo. — Obrigado, meu querido amigo, por teres sido bondoso onde eu não fui capaz de ser. Julguei que um homem constituísse um pequeno sacrifício para um objetivo tão imenso como o nosso. Mas tens razão: não se pode salvar uma cidade de ir desta para melhor deixando que os homens bons morram sem necessidade. Este podia ser poupado e, por isso, devia sê-lo. E talvez nos tenhas salvado a ambos de terminar no inferno por um ato de tamanha crueldade.

— Fico contente por veres a questão assim — exclamou Banquo, e Macbeth sentiu os músculos trémulos do ombro de Banquo a descontrair sob a mão dele.

— Agora vai para casa dormir, Banquo. E manda um abraço meu ao Fleance.

— Claro que sim. Boa noite.

Macbeth atravessou a praça, pensativo. Por vezes, homens bons morriam mesmo sem necessidade, refletiu. E, por vezes, havia necessidade disso. Entrou na luz que vinha do Inverness, ignorando as perguntas lançadas pelos jornalistas, sobre Malcolm, sobre os guarda-costas de Duncan e sobre se tinha sido realmente Macbeth a matá-los.

Lá dentro, Lady recebeu-o.

— Transmitiram a conferência de imprensa inteira em direto na televisão e foste fantástico — disse ela, abraçando-o.

Ele não a quis largar. Ficou agarrado a ela até começar a sentir o calor a regressar-lhe ao corpo. Sentiu uma maravilhosa corrente elétrica a percorrer-lhe a coluna vertebral quando os lábios de Lady lhe tocaram na orelha e ela

sussurrou:

— Comissário-chefe.

Estar em casa. Com ela. Só os dois. Isso, isso era tudo o que ele queria. Mas para o ter havia que o merecer. Era assim que as coisas funcionavam neste mundo. E também, pensou, no outro.

— Vieste para casa?

À entrada do quarto das crianças, Duff voltou-se ao ouvir a voz surpreendida atrás dele. Meredith tinha vestido um roupão e estava parada de braços cruzados, a tremer.

— Vim só dar um saltinho — murmurou ele. — Não te queria acordar. O Ewan já não quer dormir no quarto dele? — Apontou com a cabeça para o filho, aninhado na cama ao lado da irmã mais velha.

Meredith soltou um suspiro.

— Começou a ir ter com a Emily quando não consegue dormir. Não ias ficar na cidade enquanto andas a investigar essas coisas horríveis?

— E vou. Vou, mas tive de me escapulir por um bocado. Vir buscar roupa lavada. Ver se vocês todos ainda existiam. Pensei em dormir umas horas no quarto das visitas e, a seguir, ir à minha vida.

— Muito bem, vou fazer a cama. Já comeste?

— Não tenho fome. Como uma sanduíche quando acordar.

— Posso preparar-te o pequeno-almoço. Seja como for, não consigo adormecer.

— Vai dormir um pouco, Meredith. Ainda não me vou deitar já e faço a cama depois.

— Como preferires. — Ficou ali parada de braços cruzados, a observá-lo, mas, no escuro, ele não lhe conseguiu ver os olhos. Ela deu meia-volta e foi-se embora.

TREZE

— Mas eu quero saber *porquê* — insistiu Duff, pousando os cotovelos em cima da mesa e o queixo nas mãos. — Porque é que o Andrianov e o Hennessy não fugiram? Porque haviam dois guarda-costas traidores de primeiro matar o chefe e depois ir bater uma sorna no quarto do lado, cobertos de sangue e provas por tudo o que é sítio? Vá lá, vocês são detetives, devem ter ao menos alguma sugestão, raios!

Olhou em volta. Tinha vários dos doze detetives do Departamento de Homicídios sentados ali na sala à frente dele, mas o único que abriu a boca fê-lo para bocejar. Era segunda de manhã — será que era por isso que estavam tão pouco comunicativos, com um ar tão pouco à vontade e desligado? Não, aquelas caras teriam o mesmíssimo ar cansado no dia seguinte a não ser que alguém tomasse as rédeas da situação. Havia uma razão para o Departamento de Homicídios ter estado dois meses sem um responsável formal, desde que Duncan apresentara um ultimato ao chefe anterior: demita-se ou será levada a cabo uma investigação interna para esclarecer as suspeitas de corrupção. Não havia candidatos qualificados. Sob o comando de Kenneth, o Departamento de Homicídios apresentava a taxa de resolução de casos mais baixa do país, e a corrupção não era o único motivo. Ao passo que em Capitol o Departamento de Homicídios recebia os melhores nessa área, o Departamento de Homicídios do quartel-general da polícia possuía apenas a ralé: os apáticos e os disfuncionais.

«Há que dar a volta à coisa», dissera Duncan. «O êxito ou fracasso do Departamento de Homicídios determina, em grande medida, a confiança das pessoas na polícia. E é por isso que vou pôr um dos meus melhores agentes a tratar disso. Tu, Duff.»

Duncan era especialista em dar as más notícias aos funcionários de forma inspiradora. Duff resmungou. Tinha uma pilha de relatórios ao lado dele que valiam menos do que o papel em que estavam escritos — depoimentos inutilmente pormenorizados recolhidos junto dos hóspedes do Casino Inverness, contando todos a mesma história: a única coisa que tinham visto ou ouvido fora o tempo infernal. Duff sabia que o silêncio naquela mesa se poderia dever ao facto de os detetives terem pura e simplesmente medo da fúria dele, mas não queria saber. Aquilo não era um concurso de popularidade e se era preciso assustá-los para conseguir que fizessem alguma coisa, não via problema nenhum nisso.

— Portanto, achamos que os guarda-costas culpados se limitaram a dormir o sono dos justos, é isso? Já que o dia de trabalho tinha sido longo. Qual de vocês, meus idiotas, vota a favor disso?

Nenhuma reação.

— E quem *não* acredita nisso?

— Dos justos, não — afirmou Caithness, que tinha acabado de entrar de rompante na sala. — Dos medicados. As minhas desculpas por ter chegado tarde, mas tive de ir buscar isto.

Agitou uma coisa que se parecia horrivelmente com um relatório. E que era mesmo, concluiu Duff no instante em que aquilo aterrou na mesa com um baque surdo, em frente à pilha. Mais concretamente, um relatório forense.

— As análises sanguíneas que tirámos ao Andrianov e ao Hennessy revelam que eles tinham benzodiazepinas no corpo capazes de os pôr a dormir doze horas. — Caithness sentou-se numa das cadeiras vagas.

— Guarda-costas que tomam comprimidos para dormir? — exclamou

Duff, incrédulo.

— Acalmam uma pessoa — disse um tipo que se estava a baloiçar numa cadeira, ao fundo da sala. — Se vamos assassinar o nosso chefe, é provável que nos sintamos um bocadinho trémulos. Há muitos assaltantes de bancos que tomam essas coisas.

— E é por isso que fazem merda — retorquiu um detetive com tiques nervosos no nariz e um coldre de ombro por cima de uma camisola de gola alta branca.

Risos. De curta duração.

— Que te parece, Caithness? — perguntou Duff.

Ela encolheu os ombros.

— O trabalho detectivesco não é a minha área, mas, para mim, parece-me bastante óbvio que eles precisaram de tomar qualquer coisa para lhes acalmar os nervos, mas, por não saberem muito sobre medicamentos, fizeram asneira com a dose. Durante o homicídio, os comprimidos funcionaram conforme se pretendia. Eles continuaram com reflexos rápidos, mas o nervosismo já se tinha esfumado e os cortes certeiros demonstram uma mão firme. Mas, a seguir ao homicídio, quando os químicos começaram a fazer realmente efeito, os tipos perderam o comando da situação. Andaram por ali aos caídos, a encherem-se de sangue, e acabaram por adormecer simplesmente em duas cadeiras.

— Típico — disse o da gola alta. — Uma vez, deitámos a mão a dois assaltantes de bancos todos mocados que tinham adormecido no carro utilizado para a fuga, nos semáforos. Não estou a gozar. O raio dos criminosos são tão estúpidos que podemos…

— Obrigado — interrompeu Duff. — E como sabes que eles continuaram com reflexos rápidos?

Caithness voltou a encolher os ombros.

— Quem quer que tenha dado a primeira facada conseguiu largar a faca

antes de o sangue esguichar. O nosso analista de salpicos de sangue diz que o sangue no cabo vem do esguicho. Não escorreu, nem pingou, nem estamos a falar de uma mancha.

— Nesse caso, concordo com todas as tuas outras conclusões — afirmou Duff. — Alguém discorda?

Nenhuma reação.

— Alguém concorda?

Assentimentos mudos com a cabeça.

— Ótimo, digamos então que isso ficou resolvido. E agora viremo-nos para a outra ponta solta. O suicídio do Malcolm — Duff levantou-se. — O bilhete diz que os Norse Riders ameaçaram matar-lhe a filha se ele não os ajudasse a matar o Duncan. A minha dúvida é: em vez de fazer o que o Sweno e os Norse Riders queriam e suicidar-se, porque não ir falar com o Duncan e pedir para transferirem a filha para uma casa segura? As ameaças não são propriamente uma novidade para a polícia. O que acham?

Os outros puseram-se a olhar para o chão, uns para os outros e pela janela.

— Ninguém tem uma opinião? A sério? Um monte de detetives do Departamento de Homicídios e não…

— O Malcolm sabe que o Sweno tem contactos na polícia — disse o que se estava a baloiçar na cadeira. — Sabe que o Sweno iria encontrar a filha dele de uma maneira ou outra.

— Pronto, já estamos a chegar a algum lado — retorquiu Duff, inclinando-se para a frente e andando de um lado para o outro defronte deles. — Vamos pressupor que o Malcolm julga que a filha pode ser salva se ele obedecer ao Sweno. Ou morrendo, para que o Sweno já não tenha nenhum motivo para lhe matar a filha. Certo? — Percebeu que ninguém ali dentro fazia a mínima ideia de onde ele estava a querer chegar.

— Portanto, se o Malcolm, conforme o bilhete dá a entender, não é capaz

de continuar a viver se perder a filha ou então passar a cúmplice na morte do Duncan, porque foi que ele não se suicidou *antes* de o Duncan ser assassinado e salvou os dois?

Todos olhavam para ele embasbacados.

— Se me é permitido… — começou a dizer Caithness.

— À vontade, inspetora.

— A tua pergunta até pode ser lógica, mas a psique humana não funciona assim.

— Ai não? — retorquiu Duff. — Pois eu acho que funciona. Há qualquer coisa em que não bate a bota com a perdigota neste aparente suicídio do Malcolm. Os nossos cérebros irão sempre, com grande rigor e baseando-se na informação disponível, pesar os prós e os contras e, a seguir, tomar uma decisão irrefutavelmente lógica.

— Se a lógica é irrefutável, então por que motivo, apesar de não dispormos de informação nova, sentimos às vezes remorsos?

— Remorsos?

— Remorsos, inspetor Duff. — Caithness fitou-o olhos nos olhos. — É um sentimento que as pessoas com qualidades humanas têm e que nos diz que gostaríamos de desfazer uma coisa que fizemos. Não podemos excluir a possibilidade de o Malcolm ser assim.

Duff abanou a cabeça.

— Os remorsos são um sinal de doença. O Einstein disse que é um sinal de loucura uma pessoa regressar ao mesmo raciocínio na esperança de obter uma resposta diferente.

— Então a afirmação de Einstein pode ser refutada se, com o passar do tempo, chegarmos a conclusões diferentes. Não porque a informação tenha mudado de alguma maneira, mas porque as pessoas são capazes disso mesmo.

— As pessoas não mudam!

Duff reparou que os agentes que se encontravam na sala tinham despertado e estavam a acompanhar a discussão atentamente. Talvez desconfiassem de que aquela troca de palavras com Caithness já não se resumia à morte do Malcolm.

— Se calhar, o Malcolm mudou — retorquiu Caithness. — Se calhar, a morte do Duncan mudou-o. Não podemos descartar isso.

— Tal como não podemos descartar a possibilidade de ele ter deixado um bilhete de suicídio, atirado o distintivo para o mar e se ter posto a milhas — respondeu Duff. — No que respeita às qualidades humanas e tudo isso.

A porta abriu-se. Era um agente da Unidade de Narcóticos.

— Um telefonema para si, inspetor Duff. A pessoa diz que tem que ver com o Malcolm e que é urgente. E *só* quer falar consigo.

Lady estava parada no meio do quarto a olhar para o homem que dormia na cama dela. Na cama *deles*. Já passava das nove da manhã e ela já tomara o pequeno-almoço há muito, mas o corpo debaixo dos lençóis de seda continuava sem dar mostras de vida.

Sentou-se na borda da cama, acariciou-lhe a face, puxou-lhe os caracóis pretos e grossos e abanou-o. Uma tira estreita da córnea surgiu-lhe por baixo das pálpebras.

— Comissário-chefe! Acorde! A cidade está a arder!

Riu-se ao ver Macbeth soltar um gemido e virar-se de lado, de costas para ela.

— Que horas são?

— É tarde.

— Sonhei que era domingo.

— Parece-me que sonhaste bastante.

— Sim, aquela maldita…

— O quê?

— Nada. Ouvi sinos a avisar de uma tempestade. Mas depois apercebi-me de que eram sinos de igreja. A chamar os fiéis para a confissão e para um batizado.

— Já te disse para não dizeres essa palavra.

— Batizado?

— Macbeth!

— Desculpa.

— A conferência de imprensa é daqui a menos de duas horas. E vão pôr-se a perguntar o que terá acontecido ao comissário-chefe deles.

Esticou as pernas para fora da cama. Lady deteve-o, segurando-lhe a cara entre as mãos e inspecionando-o atentamente. Tinha as pupilas pequenas. Outra vez.

Afastou-lhe um fio de cabelo da sobrancelha.

— E também temos um jantar hoje à noite — disse. — Não te esqueceste, pois não?

— E achas mesmo bem estarmos a fazer isso tão pouco tempo depois do falecimento do Duncan?

— É um jantar para desenvolver contactos, não é um banquete. E continuamos a ter de comer, querido.

— E quem vem?

— Toda a gente que eu convidei. O presidente da câmara. Alguns colegas teus. — Descobriu um cabelo grisalho, que lhe fugiu por entre as unhas vermelhas compridas. — Vamos falar da questão da aplicação das regras no que respeita aos casinos. Vem no editorial de hoje que, ao que parece, o Obelisco tem um negócio de prostituição montado sob a capa do casino, e que, por isso mesmo, devia ser encerrado.

— Não ajuda muito o teu amigalhaço editor escrever o que tu queres se ninguém lê os jornais dele.

— Pois não. Mas agora o meu marido é o comissário-chefe.

— Au!

— Devias arranjar mais cabelos grisalhos. Ficam bem nos chefes. Vou falar ainda hoje com o meu cabeleireiro. Se calhar, ele até te pode pintar as têmporas discretamente.

— As minhas têmporas não se veem.

— Exato. E é por isso que te vamos cortar o cabelo… para que se vejam.

— Nunca!

— O presidente Tourtell é capaz de achar que a cidade dele devia ter um comissário-chefe que parece um adulto e não um rapazola.

— Ai sim? Estás preocupada?

Lady encolheu os ombros.

— Por norma, o presidente da câmara não iria interferir na hierarquia policial, mas é ele quem nomeia o novo comissário-chefe. Só temos de garantir que ele não se põe com ideias esquisitas.

— E como podemos fazer isso?

— Bem, se calhar, vamos ter de assegurar que possuímos algum domínio sobre o Tourtell, para o caso pouco provável de ele começar a levantar a crista. Mas não te preocupes com isso, querido.

— Muito bem. A propósito de começar a levantar a crista…

Lady parou de procurar cabelos rebeldes. Reconheceu aquele tom.

— Há alguma coisa que não me tenhas contado, amorzinho?

— O Banquo…

— O que tem?

— Comecei a interrogar-me se poderei confiar nele. Se não terá congeminado algum plano engenhoso para ele e para o Fleance. — Respirou fundo, e ela soube que ele estava prestes a dizer-lhe uma coisa importante. — Ontem, o Banquo não matou o Malcolm, mandou-o para Capitol. Arranjou uma desculpa qualquer com o facto de não se tratar de uma vida que arriscássemos alguma coisa em poupar.

Ela sabia que ele se encontrava à espera de uma reação. Percebendo que nenhuma estava para surgir, ele comentou que ela não parecia espantada.

Ela sorriu.

— Não é altura para ficar espantada. O que achas que ele está a planear?

— Diz que assustou o Malcolm a ponto de este ficar calado, mas, cá para mim, os dois engendraram qualquer coisa que dará ao Banquo uma recompensa melhor e mais segura do que a que receberia de mim.

— Querido, com certeza que não julgas que o bom do velho Banquo tem alguma ambição de se tornar comissário-chefe?

— Não, não, o Banquo sempre foi uma pessoa que quer ser chefiada e não chefiar. Isto tem que ver com o filho, o Fleance. Sou só quinze anos mais velho do que o Fleance e, quando eu me reformar, o Fleance também já vai estar velho e grisalho. Portanto, é melhor para ele ser o príncipe herdeiro de um homem mais velho, como o Malcolm.

— Estás só cansado, meu amor. O Banquo é demasiado leal para querer fazer qualquer coisa desse género. Tu próprio já disseste que ele era capaz de arder no inferno por ti.

— Sim, ele tem sido leal. Tal como eu tenho sido com ele. — Macbeth levantou-se e ficou parado defronte do grande espelho pendurado na parede, numa moldura dourada. — Mas, se formos mais rigorosos, esta lealdade mútua não terá sido mais vantajosa para o Banquo? Não será ele a hiena que segue as pegadas do leão para comer as presas que ela própria não matou? Fiz dele o número dois da Força de Intervenção e meu adjunto no Departamento do Crime Organizado. Diria que tem sido bem recompensado pelos pequenos serviços que me tem prestado.

— Mais uma razão para confiares na lealdade dele, querido.

— Sim, também foi isso que pensei. Mas agora vejo que… — Macbeth franziu o sobrolho e aproximou-se do espelho. Pousou a mão na superfície deste, para verificar se havia algo ali. — Ele amava-me como um pai ama um

filho, mas esse amor transformou-se em ódio quando ele bebeu do veneno da inveja. Ultrapassei-o algures no caminho e, em vez de ser ele o meu chefe, passei a ser eu o dele. E além de obedecer às minhas ordens, também tem tido de tolerar o desprezo implícito do sangue do próprio sangue, o Fleance, que tem assistido ao pai a curvar-se perante um intruso, de seu nome Macbeth. Já olhaste alguma vez verdadeiramente para os olhos castanhos e fiéis de um cão quando ele te observa, a abanar a cauda, à espera de comida? Fica ali sentado, quietinho, à espera, porque foi assim que o treinaram. E nós sorrimos-lhe, fazemos-lhe festas na cabeça e somos incapazes de ver o ódio por trás da obediência. Somos incapazes de ver que, se ele tivesse essa oportunidade, se visse uma possibilidade de se furtar a um castigo, nos atacaria, nos rasgaria a garganta; a nossa morte significaria o suspiro de liberdade do animal, que nos deixaria meio comidos, num corredor imundo qualquer.

— Mas *que* se passa contigo, querido?

— Foi com isso que sonhei.

— Estás a ser paranoico. O Banquo é mesmo teu amigo! Se estivesse a planear trair-te, podia simplesmente ter ido falar com o Malcolm para lhe contar dos teus estratagemas.

— Não, ele sabe que ficará com uma posição mais forte se guardar o ás para o fim. Primeiro, mata-me a mim, um assassino perigoso, e depois faz o Malcolm regressar na pele de comissário-chefe. Que feito heroico! Como podemos recompensar um homem destes e a família dele?

— Acreditas mesmo nisso?

— Não — respondeu Macbeth. Já se encontrava encostado ao espelho, com o nariz a tocar no vidro, que se tinha embaciado. — Não acredito, *sei*. Consigo *ver*. Consigo vê-los aos dois. Banquo e Fleance. Tenho de me antecipar a eles, mas como? — De repente, virou-se para ela. — Como? Tu, minha mais-que-tudo, tu tens de me ajudar. Tens de *nos* ajudar.

Lady cruzou os braços. Por mais deturpado que o raciocínio de Macbeth parecesse, fazia um certo sentido. Era *possível* que ele tivesse razão. E se não tivesse, Banquo continuava a ser outro conspirador e uma potencial testemunha tagarela. Quanto menos fossem, melhor. E que *uso* tinham de facto Banquo e Fleance para eles? Nenhum. Suspirou. Tal como Jack diria, *Se tivermos menos de doze no vinte-e-um, pedimos outra carta. Porque não podemos perder.*

— Convida-os a virem cá uma noite — disse ela. — E assim perceberemos qual é a posição deles.

— E tratamos disso aqui?

— Não, não, já houve assassínios que cheguem no Inverness; mais um lançaria suspeitas sobre nós, além de afugentar a clientela. Tratamos disso no caminho para cá.

Macbeth assentiu.

— Vou pedir ao Banquo e ao Fleance para virem de carro. Digo-lhes que prometemos a uma pessoa que eles lhe dariam boleia para casa. Sei ao certo o percurso que ele vai fazer, por isso, se lhes disser para serem pontuais, vamos saber sempre com toda a precisão em que ponto do percurso vão estar. Sabes que mais, mulher dos meus sonhos?

Sim, pensou ela, enquanto ele a abraçava, mas deixou-o dizê-lo à mesma.

— Amo-te mais do que tudo o resto à face da terra e no céu lá em cima.

Duff deu com o rapazinho sentado num pegão na borda do cais. A chuva tinha feito uma pausa e havia mais luz do que habitualmente a furar a camada de nuvens brancas no céu. Mas, junto ao rio, novas tropas de nuvens cinzento-azuladas enfileiravam-se, prontas a cavalgar no vento oeste contra eles — o máximo com que se podia contar naquela cidade.

— Sou o Duff. Foste tu que ligaste a propósito do Malcolm?

— Que cicatriz fixe — respondeu o rapaz, endireitando a pala. —

Disseram que já não eras o chefe da Unidade de Narcóticos, é verdade?

— Disseste que era urgente.

— É sempre urgente, senhor chefão da Anti.

— Tanto me faz. Desembucha lá isso.

— *Larga* lá isso, acho que é mais isso que se diz.

— Ah, então é por isso que é urgente. Quando tens de tomar a tua próxima dose?

— Há já umas horas. E como isto é suficientemente importante para o chefão em pessoa aparecer, acho que podemos dizer que vais pagar não só a próxima como as próximas dez.

— Ou então espero meia hora e tu desembuchas de bom grado a coisa por metade do preço. Mais meia hora e já vai custar metade disso…

— Não posso negar isso, senhor chefão da Anti, mas a questão é: qual de nós está com mais pressa? Eu li o que os jornais diziam do Malcolm hoje de manhã e reconheci-o na foto. Afogado, mais ou menos. Comissário-chefe adjunto e essa merda toda. Uma cena da pesada.

— Anda lá, miúdo, e eu pago-te o que isso valer.

O rapazinho zarolho riu por entre dentes.

— Desculpa lá, senhor chefão da Anti, mas já deixei de confiar na bófia. Aqui tens a tua primeira amostra. Eu acordo depois de apagar, sentado entre as filas de contentores que vês ali à frente, onde uma pessoa se pode injetar e curtir uma *trip* sem que a roubem, tás a perceber a coisa? Ninguém me vê, mas eu consigo vê-lo, ao Malcolm, do outro lado do canal. E então, chefão da Anti? A primeira dose é à borliú, mas a próxima vai custar-te uma pipa de massa. Já ouviste essa? — O rapaz soltou uma gargalhada.

— Não sei bem se fiquei convencido — retorquiu Duff. — Já sabemos que o Malcolm esteve aqui, encontrámos o carro dele.

— Mas não sabiam que ele não esteve aqui sozinho. Nem quem esteve aqui com ele.

Infelizmente, e por experiência própria, Duff sabia que um agarrado dizia mais mentiras do que verdades, sobretudo se isso fosse uma maneira de lhe financiar a dose seguinte. Mas, em regra, um agarrado preferia maneiras mais fáceis e rápidas de enganar uma pessoa do que estar a ligar para o quartel-general, insistindo em falar com um dos chefes de unidade, para depois passar uma hora à espera, à chuva, e tudo isso sem garantia de pagamento.

— E tu sabes isso, não é? — perguntou Duff. — Quem é essa pessoa?

— Já o tinha visto, sim.

Duff puxou da carteira. E tirou de lá um maço de notas, que contou e passou ao rapaz.

— Pensei em ligar ao próprio Macbeth — disse o rapaz enquanto contava de novo o dinheiro. — Mas depois apercebi-me de que, provavelmente, ele se ia recusar a acreditar quando eu lhe dissesse quem era.

— Por uma questão pessoal?

— Por o Malcolm estar a conversar com o parceiro do Macbeth — respondeu o rapaz. — Um velhadas, de cabelos brancos.

Duff não conseguiu evitar abrir a boca de espanto.

— O Banquo?

— Sei lá qual é o nome dele, mas já o vi com o Macbeth na estação.

— E o Banquo e o Malcolm estavam a conversar sobre quê?

— Estavam demasiado longe para eu conseguir ouvir.

— E, hã… pareceu-te que estariam a conversar sobre quê? Estavam a rir? Ou estavam a falar alto e com voz irritada?

— Não dá para dizer. A chuva estava a martelar nos contentores e eles estiveram quase sempre de costas para mim. É possível que tivessem estado a discutir. O velhadas andou a esbracejar com o canhão dele durante uns tempos. Mas a seguir as coisas acalmaram, eles entraram num *Volvo* e arrancaram. O velhadas ia a guiar.

Duff coçou a cabeça. Banquo e Malcolm a fazerem panelinha?

— Isto é muito — disse o rapaz, segurando uma nota.

Duff olhou para ele. Um agarrado a dar-lhe troco? Pegou na nota.

— Não me contaste isto só pelo dinheiro para mais uma dose, pois não?

— Hã?

— Disseste que tinhas lido os jornais e que sabias que era uma cena da pesada. E é. Tão da pesada que se tivesses ligado a um jornalista para lhe contar esta história, terias recebido dez vezes mais do que de um polícia. Portanto, ou foi o Hécate que te mandou espalhar informações falsas ou o teu objetivo é outro.

— Vai-te lixar, senhor chefão da Anti.

Duff agarrou no rapaz pelo colarinho e arrancou-o de cima do pegão. O rapaz quase não pesava nada.

— Ouve-me bem — disse Duff, tentando não inalar o hálito fedorento do rapaz. — Posso enfiar-te atrás das grades, e aí já vamos ver o que achas quando começares a ressacar sabendo que ainda tens pela frente dois dias de travessia do deserto. Ou então explicas-me já porque me contactaste. Dou-te cinco segundos. Quatro…

O rapaz retribuiu o olhar feroz a Duff.

— Três…

— Meu chui de merda, estás a foder com…

— Dois…

— O meu olho.

— Um…

— O meu olho, já disse!

— O que tem?

— Eu só te queria ajudar a apanhar o homem que me levou o olho.

— E quem foi?

O rapaz resfolegou.

— O mesmo tipo que te anda a lixar a vida. Não sabes quem está por trás

desta merda toda? Só há uma pessoa nesta cidade capaz de matar um comissário-chefe e safar-se, e essa pessoa é a Mão Invisível.

Hécate?

CATORZE

Macbeth seguiu pela estrada suja, por entre as velhas fábricas. A nuvem, de um cinzento de segunda-feira, pairava tão encostada às chaminés que era difícil perceber quais estavam a deitar fumo, embora alguns portões tivessem letreiros a dizer FECHADO ou correntes a prendê-los, como laços irónicos.

A conferência de imprensa tinha passado de forma indolor. Indolor porque ele estivera demasiado pedrado para sentir fosse o que fosse. Tinha-se concentrado em ficar recostado, com um ar descontraído e os braços cruzados, deixando as perguntas a cargo de Lennox e de Caithness. Tirando as que lhe foram dirigidas pessoalmente, às quais tinha respondido com um «De momento, não podemos fazer comentários acerca disso», dito com uma expressão que revelava que possuíam muitíssima informação e que tinham tudo sob controlo. Calmo e confiante. Tinha sido essa a impressão que esperava ter dado. Um comissário-chefe interino que não se deixava afetar pela histeria à volta dele, que respondia às perguntas estridentes — «Não tem a opinião pública o direito de saber?» — dos jornalistas com um sorriso tolerante e algo resignado.

Mas a verdade é que Kite, o repórter dos erres enrolados, tinha dito, no programa de rádio logo a seguir à conferência, que o comissário-chefe interino tinha bocejado imenso, parecera distante e olhara bastante para o relógio. Mas Kite que fosse para o inferno. Na Secção de Patrulhas, não havia dúvida de que não consideravam o novo comissário-chefe nada distante,

antes pelo contrário, já que ele tinha passado em pessoa por lá para redirecionar as patrulhas do Distrito 2 Oeste para o Distrito 1 Leste. Explicou que estava na altura de os bairros das pessoas normais também começarem a ser patrulhados. Era um sinal importante para enviar: a polícia não priorizava os distritos com dinheiro e influência. E se Kite se tinha mostrado desagradado, pelo menos Banquo ficara contente por receber um convite para jantar, com indicação para trazer também Fleance.

«Faz bem ao rapaz habituar-se a confraternizar com a gente importante», dissera Macbeth. «E depois acho que tu devias decidir o que queres fazer. Assumir o comando da Força de Intervenção, do Departamento do Crime Organizado, ou então passares a ser o comissário-chefe adjunto.»

«Eu?»

«Não te ponhas nervoso, Banquo. Pensa nisso e pronto, está bem?»

E Banquo tinha rido a bandeiras despregadas e abanara a cabeça. Amável, como sempre. Como se não lhe ocorresse um único mau pensamento. Ou, no mínimo, como se não tivesse consciência de os ter. Pois bem, naquela noite, o traidor iria morrer às mãos do criador.

Não havia ninguém junto ao portão do clube dos Norse Riders. Provavelmente, já não lhes restava mais ninguém para servir de guarda.

Macbeth saiu do carro e entrou na sala do clube. Parou à porta e olhou em redor. Estranhamente, parecia-lhe já ter sido há muito que ali tinha estado, ao lado de Duff, a esquadrinhar aquela mesma sala. A mesa comprida já lá não estava e, ao balcão, encontravam-se três homens de panças descaídas, com os casacos de couro do clube, e duas mulheres de seios espetados. Uma tinha ao colo um bebé, que se contorcia envolto num braço materno musculoso, com uma tatuagem com o nome *SEAN*.

— Colin, aquele não é o…? — murmurou.

— Sim — respondeu em voz baixa o homem completamente calvo e do bigode de morsa. — É o tipo que apanhou o Sean.

Macbeth lembrava-se do nome devido ao relatório. Era estranho como se estava sempre a esquecer dos nomes das pessoas que ia conhecendo, mas nunca dos que apareciam nos relatórios. Sean. O que tinha estado a guardar o portão, a quem Macbeth espetara a adaga no ombro e que tinham utilizado como refém, um dos que ainda estava preso.

Boquiaberto, o homem lançou um olhar feroz ao polícia. Macbeth respirou fundo. O silêncio era tal que ele conseguia ouvir as tábuas do soalho a ranger sob o peso dos tacões enquanto avançava até ao balcão. Abordou o tipo de casaco de couro que estava a servir e, ao abrir a boca, deu por si a pensar que não deveria ter snifado aquela última linha antes de sair do quartel-general. A poção tinha a tendência de o fazer mostrar-se impudente. E essa preocupação foi confirmada pelo que lhe saiu:

— Olá, não está cá muita gente, por onde param todos? Ah, claro, é verdade. Estão na choldra. Ou na morgue. Um *Glendoran*, se faz favor.

Macbeth viu os olhos do *barman* moverem-se rapidamente, percebendo que se encontrava prestes a ser atacado pela esquerda e que ainda lhe sobrava uma imensidão de tempo. Macbeth sempre tivera bons reflexos, mas, com a poção, parecia uma mosca — foi capaz de bocejar, coçar as costas e olhar com atenção para o relógio, com o seu ponteiro dos segundos incrivelmente lento, enquanto um punho vinha a caminho. Mas foi então que, no momento em que Colin, do bigode de morsa, julgava que lhe ia acertar, Macbeth se desviou para trás, com o punho que se dirigia para a sua têmpora acabadinha de desbastar a atingir somente o ar. Macbeth levantou e esticou o cotovelo para o lado, mal sentindo o impacte, ouvindo apenas um gemido, cartilagem a ser esmagada, passos titubeantes e bancos a caírem ao chão.

— Com umas pedras de gelo — disse Macbeth.

A seguir, voltou-se para o homem ao lado dele, a tempo de ver que ele tinha cerrado a mão direita e puxara o ombro para trás para lhe aplicar um soco. Quando este chegou, Macbeth ergueu a mão, que encontrou a de Colin

a meio caminho. Mas, ao invés do esperado choque de osso com osso, ouviu-se o som delicado do aço a ir ter com a carne, seguido de um ruído surdo quando os nós dos dedos de Colin embateram no punho da adaga. E, por fim, o longo e arrastado grito do homem ao ver a adaga a trespassar-lhe a mão fechada, enterrando-se no antebraço. Macbeth arrancou-a com um puxão.

— … e um pouco de soda.

O homem do bigode de morsa caiu de joelhos no chão.

— Mas que raio se passa aqui? — perguntou uma voz.

Que veio da porta que dava para a garagem. O homem tinha uma barba grande e um casaco de couro, com três divisas em cada ombro. Mais uma caçadeira de canos serrados nas mãos.

— Estou a fazer um pedido — respondeu Macbeth, virando-se para o *barman*, que continuava sem se mexer.

— E a pedir o quê? — retorquiu o homem, aproximando-se.

— Um uísque. Entre outras coisas.

— E que mais?

— Tu és o sargento. És tu que tomas conta das operações quando o Sweno não está, não és? Por falar nisso, por onde anda ele escondido desta vez?

— Diz lá mas é o que vieste cá dizer e baza daqui, bófia escumalha.

— Ninguém diz mal aqui do sítio, mas o serviço podia ser mais simpático e rápido. E que tal se fôssemos os dois tratar disto em paz e sossego, numa sala dos fundos, sargento?

O homem esteve alguns instantes a olhar para Macbeth, antes de baixar a caçadeira.

— A bem dizer, também já não podes causar muitos mais estragos por aqui.

— Eu sei. E posso garantir-te que o Sweno vai gostar da minha encomenda.

No escritoriozinho — porque era disso que se tratava — do sargento, havia cartazes de motorizadas nas paredes e uma pequeníssima seleção de peças de motor nas prateleiras. Além de uma secretária, um telefone, uma caixa de entrada e outra de saída. E uma cadeira para as visitas.

— Não te ponhas demasiado confortável, chui.

— A minha encomenda é para um assassínio.

Se o sargento estava chocado, não deu mostras disso.

— Bateste à porta errada. Já não fazemos dessas coisas para a bófia.

— Então o rumor era verdade? Costumavam assassinar gente a pedido dos homens do Kenneth?

— Se já terminaste…

— Só que desta vez não seria um concorrente que teriam de mandar desta para melhor — explicou Macbeth, inclinando-se para a frente na cadeira. — São dois polícias. E, como pagamento, os vossos Norse Riders são imediatamente libertados depois disso, com todas as acusações retiradas.

O sargento ergueu a sobrancelha.

— E como é que farias isso?

— Um erro processual. Ou provas adulteradas. São merdas que acontecem o tempo todo. E se o comissário-chefe diz que não temos caso, é porque não temos caso.

O sargento cruzou os braços.

— Continua.

— A pessoa que tem de ser despachada é o tipo que fez com que a droga que vos ia deixar orientados para o resto da vida terminasse no fundo do rio. O inspetor Banquo. — Macbeth observou o sargento a assentir com a cabeça lentamente. — O outro é um filho de polícia que vai estar no mesmo carro.

— E porque têm de ser despachados?

— E isso importa?

— Por norma, não costumo perguntar, mas estamos a falar de polícias e

isso quer dizer que vai haver sarilhos a rodos.

— Com estes, não. Sabemos que o inspetor Banquo anda feito com o Hécate, só que não conseguimos provar e, por isso, temos de nos livrar dele de outra maneira. E, do nosso ponto de vista, esta é a melhor opção.

O sargento assentiu de novo. Macbeth já contava que ele entendesse a lógica.

— E como sabemos que vais cumprir a tua parte deste potencial acordo?

— Bom — respondeu Macbeth, semicerrando os olhos na direção da rapariga do calendário por cima da cabeça do sargento —, temos ali no bar cinco testemunhas que podem confirmar que o comissário-chefe interino Macbeth veio cá em pessoa fazer-te uma encomenda. Não achas que eu iria querer dar-te alguma razão para tornar isso público, pois não?

O sargento recostou-se tanto na cadeira que esta chegou mesmo a tocar na parede, estudando Macbeth enquanto rosnava e puxava a barba.

— E quando e onde é que este potencial trabalhinho teria lugar?

— Hoje à noite. Sabes onde fica Gallows Hill, no Distrito 2 Oeste?

— Foi aí que enforcaram o meu trisavô.

— Na estrada principal por cima das vielas onde o pessoal da zona oeste vai às compras, há um cruzamento grande.

— Sei do que estás a falar.

— Eles vão estar parados nos semáforos, num *Volvo* preto, algures entre as seis e meia e as dez para as sete. Provavelmente, às seis e quarenta e cinco em ponto. O tipo é um homem pontual.

— Hum. Há sempre uma data de carros-patrulha por ali.

Macbeth sorriu.

— Mas hoje à noite não vai haver.

— Ai não? Vou pensar nisso e dou-te uma resposta às quatro.

Macbeth riu-se.

— O que tu queres dizer é que o *Sweno* vai pensar nisso. Ótimo. Pega

numa caneta para eu te dar o meu número de telefone e a matrícula do *Volvo*. E só mais uma coisa.

— Hã-hã?

— Quero as cabeças deles.

— De quem?

— Dos dois polícias. Quero as cabeças deles. Entregues à minha porta.

O sargento fitou Macbeth como se o considerasse insano.

— O cliente exige um recibo — atirou Macbeth. — Da última vez que encomendei um assassínio, não pedi recibo e foi um erro. Não recebi o que encomendei.

Ao final da tarde, Duff tomou uma decisão.

Já andava há várias horas a dar voltas à cabeça, na qual o trânsito lhe parecia tão lento como na estrada adiante e o percurso tão repleto de alternativas. Ainda não tinham substituído os gradeamentos da Ponte Kenneth, por isso, o trânsito para leste estava a ser redirecionado para a ponte velha, com a fila a prolongar-se até ao Distrito 2, onde o carro de Duff ia avançando a passo de caracol, de uma encruzilhada para outra, sendo que todas levantavam a mesma questão: esquerda, direita, em frente, o que será mais rápido?

Duff também estava a braços com uma encruzilhada.

Será que devia contar a Macbeth e aos outros aquilo que tinha descoberto no cais? Ou será que o devia guardar para si? Mas e se o rapazinho zarolho não estivesse a dizer a verdade ou se Banquo fosse capaz de negar as acusações? Quais seriam as consequências para Duff se, naquela situação caótica, se pusesse a fazer acusações falsas contra Banquo, que, juntamente com Macbeth, se tinha tornado de repente uma figura poderosa?

Claro que Duff poderia simplesmente apresentar a informação tal como a recebera e deixar que Lennox e Macbeth a avaliassem, mas, nesse caso,

perderia a hipótese de marcar pontos com um triunfo pessoal bem necessário prendendo e desmascarando Banquo sem ajudas.

Por outro lado, não se podia dar ao luxo de cometer outro erro depois da rusga ao terminal dos contentores. Tinha-lhe custado a nomeação para chefe do Departamento do Crime Organizado; outro erro podia facilmente custar-lhe o emprego.

Outra encruzilhada: o Departamento do Crime Organizado ficaria outra vez à mão de semear se Macbeth passasse a ser o comissário-chefe, pelo que se Duff aproveitasse a oportunidade naquele momento, arriscasse e saísse vencedor, o departamento poderia ser dele.

Tinha ponderado pedir a opinião a Caithness, mas nessa altura teria de abrir o jogo, já não se poderia armar em inocente e seria forçado a fazer *alguma coisa*. A assumir um risco.

Por fim, a via que tinha acabado por escolher não implicava grandes riscos, mas permitir-lhe-ia ainda assim receber os louros se tudo corresse conforme esperava.

Ao sair da pequena ponte ferroviária, Duff virou para o pátio em frente ao modesto edifício de tijolo do outro lado. Tinha demorado mais de três quartos de hora a percorrer a curta distância entre o quartel-general e a morada de Banquo.

— Duff — soltou Banquo, que abriu a porta segundos depois de Duff ter tocado à campainha. — Que se passa?

— Uma festa, pelos vistos — respondeu Duff.

— Sim, e é por isso que não consigo decidir se devia levar isto ou não.

Banquo mostrou o coldre, com a pistola de serviço.

— Deixa-o ficar cá. Só te vai fazer volume no fato. Mas esse nó da gravata não serve.

— Ai não? — retorquiu Banquo, colando o queixo ao colarinho branco da camisa, numa tentativa fútil de ver o nó. — Há já cinquenta anos que me tem

servido perfeitamente, desde o meu crisma.

— Isso é um nó de pobre, Banquo. Anda cá, deixa-me mostrar-te…

Banquo rejeitou a tentativa de auxílio de Duff, tapando o nó.

— E eu *sou* pobre, Duff. Além do mais, suponho que tenhas vindo cá para pedir ajuda e não para a dar.

— Lá isso é verdade, Banquo. Posso entrar?

— Gostaria de te poder oferecer ajuda e café, mas infelizmente estamos prestes a sair — Banquo pousou o coldre na chapeleira atrás dele e gritou para o cimo das escadas:

— Fleance!

— Já vou! — foi a resposta.

— Enquanto esperamos, podemos ir lá para fora — afirmou Banquo, abotoando o casaco.

Ficaram parados nos degraus brancos abrigados. A chuva gorgolejava alegremente nos esgotos. Banquo ofereceu um cigarro a Duff e acendeu ele um quando o inspetor recusou.

— Hoje estive outra vez no terminal dos contentores — disse Duff. — Fui lá ter com um rapaz, um dos nossos jovens toxicodependentes, que queria falar comigo. Só tem um olho. Contou-me como tinha perdido o outro.

— Hum.

— Ansiava loucamente por droga, mas não tinha dinheiro nenhum. Na estação central, cruzou-se com um velho e implorou que ele lhe desse dinheiro. O velho tinha uma bengala, com uma ponta de ouro.

— O Hécate?

— O velho parou, puxou de um saco que se pôs a abanar defronte do rapaz e explicou-lhe que era poção de primeira água, acabadinha de fazer. O rapaz podia ficar com aquilo se lhe fizesse duas coisas. A primeira era responder à pergunta: qual dos sentidos tinha mais medo de perder? Quando o rapaz respondeu que era a visão, o velho disse que queria um dos olhos

dele.

— Então era *mesmo* o Hécate.

— E quando o rapaz perguntou ao velho porque queria o olho dele, o Hécate respondeu que já tinha tudo e que, por isso, a única coisa que lhe restava era o que fosse mais valioso para o comprador e não para ele. E, afinal de contas, era só metade da visão dele, bem, nem sequer isso. E que o rapaz devia pensar como o segundo olho passaria a ser muito mais valioso. Com efeito, as perdas e os ganhos seriam quase iguais.

— Não percebo isso.

— Se calhar, não, mas há pessoas que são assim. Querem mais ter o próprio poder do que aquilo que ele lhes pode conceder. Preferem ter uma árvore que nada vale do que o fruto comestível que nela cresce. Só para poderem apontar para ela e dizer: «É minha.» E depois cortam-na.

Banquo expeliu uma nuvem de fumo.

— E que decidiu o rapaz fazer?

— Uma mulher-homem, que estava com o velho, ajudou-o a arrancar o olho. E já depois da dose, todo o sofrimento que já conhecera desapareceu. A droga suavizou-lhe todas as cicatrizes, eliminou-lhe todas as más recordações. O rapaz explicou que tinha sido tão maravilhoso que não pode dizer que se arrependa. Continua a persegui-la, a dose perfeita.

— E hoje de que andava atrás quando te encontraste com ele?

— Do mesmo. E da pessoa que lhe tinha ficado com o olho só porque podia.

— Vai ter de ir para a fila de quem anda à caça do Hécate.

— Ele estava a pensar antes em ajudar-nos a apanhar o Hécate.

— E como é que um pobre escravo da poção poderia fazer isso?

— O suposto bilhete de suicídio do Malcolm tenta culpar os Norse Riders. Mas o rapaz acha que o Hécate é quem está por trás de tudo. Do bilhete e do homicídio do Duncan. E que o Hécate está feito com o Malcolm.

E, se calhar, com mais gente dentro da polícia.

— É uma teoria popular, nos dias que correm — Banquo deu um toquezinho no cigarro para fazer cair a cinza e olhou para o relógio. — Ele recebeu dinheiro por isso?

— Não — respondeu Duff. — Não recebeu nada até me ter dito que tinha visto o Malcolm no cais antes de ele ter desaparecido. E que o Malcolm estava contigo.

O cigarro a caminho da boca de Banquo parou. E ele riu-se.

— Comigo? Não posso crer.

— Descreveu-te e ao teu carro.

— Nem eu nem o meu carro estivemos lá. E custa-me a crer que tenhas sido capaz de recorrer ao tesouro público a troco de uma afirmação dessas. Portanto, qual de vocês está a fazer *bluff*? Esse agarrado, naquela altura, ou tu, agora mesmo?

Uma rajada de vento frio fez-se sentir e Duff estremeceu.

— O rapaz diz que viu o Malcolm e um homem mais velho que já tinha visto com o Macbeth. Um sedã da *Volvo*. E uma pistola. Não terias pago por essas informações, Banquo?

— Só se estivesse desesperado — Banquo apagou o cigarro, calcando-o no corrimão de ferro que ladeava os degraus. — E nem sequer nesse caso, se dissesse respeito a um colega.

— Porque para ti a lealdade é uma coisa muitíssimo importante, não é?

— Uma força policial não pode funcionar sem a lealdade dos que a compõem. É um pré-requisito.

— Então e até que ponto chega a tua lealdade à polícia?

— Sou um homem simples, Duff, e não percebo o que queres dizer.

— Se quando falas em lealdade é mesmo a sério, tens de nos entregar o Malcolm. Para bem da polícia.

Duff apontou para a sopa cinzenta de chuva e neblina diante deles.

— Para bem desta cidade. Em que sítio de Capitol o assassino do Duncan está escondido?

Banquo soprou a cinza da beata e guardou-a no bolso do casaco.

— Não sei nada acerca do Malcolm. Fleance! Perdão, inspetor, mas vamos sair para jantar.

Duff correu atrás de Banquo, que já se encontrava à chuva após ter descido os três degraus.

— Fala comigo, Banquo! Já vi que a culpa e a consciência te pesam. Não és mau, nem matreiro. Foste simplesmente tentado por uma pessoa hierarquicamente superior e que te convenceu a confiar nela. E foste enganado. Ele *tem* de ser preso, Banquo!

— Fleance! — gritou Banquo na direção da casa enquanto destrancava o carro no pátio.

— Queres que continuemos nesta espiral descendente a caminho do caos e da anarquia, Banquo? Os nossos antepassados construíram caminhos de ferro e escolas. E nós construímos bordéis e casinos.

Banquo entrou no carro e buzinou duas vezes. A porta da casa abriu-se e Fleance, de fato, surgiu junto aos degraus, esforçando-se por abrir um guarda-chuva.

Banquo desceu uma nesga do vidro da janela, presumivelmente por o carro estar a embaciar, e Duff pousou as mãos no vidro e tentou empurrá-lo mais para baixo enquanto falava pela abertura exígua:

— Presta atenção, Banquo. Se fizeres isto, se confessares, não vai haver muito que eu possa fazer por ti, sabes isso. Mas prometo-te que não vou deixar que ninguém faça mal ao Fleance. As perspetivas futuras dele não vão ser as do filho de um traidor mas as do filho de um homem que se sacrificou pela cidade. Dou-te a minha palavra.

— Olá. inspetor Duff, não é?

Duff endireitou-se.

— Olá, Fleance. Exato. Bom jantar.

— Obrigado.

Duff esperou até Fleance entrar para o lugar do passageiro e Banquo pôr o motor a trabalhar. A seguir, começou a afastar-se em direção ao carro dele.

— Duff!

Virou-se.

Banquo tinha aberto a porta.

— Não é o que tu julgas — gritou.

— Ai não?

— Não. Vai ter comigo à *Bertha*, à meia-noite.

Duff assentiu.

Banquo engatou o *Volvo* e pai e filho atravessaram o portão, embrenhando-se na bruma.

QUINZE

Lady subiu os últimos degraus de metal da escada até à porta que dava para o telhado plano do Casino Inverness. Abriu-a e fitou a escuridão. Ouvia-se apenas o murmúrio da chuva. Parecia que tudo e todos possuíam segredos. Estava prestes a dar meia-volta e a regressar para o interior do casino quando o crepitar de um relâmpago iluminou o telhado e ela o viu. Estava parado à borda do telhado, com os olhos postos lá em baixo, na Thrift Street, nas traseiras do casino. Antes de ela ter persuadido a assembleia municipal a fazer uma limpeza àquele sítio, as prostitutas costumavam parar nessa rua mal iluminada e não só se ofereciam como muitas vezes desempenhavam os seus serviços ali mesmo, nas arcadas, nos carros, em cima dos carros ou encostadas às paredes. Nos tempos da Rede Ferroviária Nacional, dizia-se que o patrão tinha mandado tapar com tijolos todas as janelas viradas para a Thrift Street, para que os funcionários se pudessem concentrar no trabalho e não na depravação em plena rua.

Lady abriu o guarda-chuva e aproximou-se de Macbeth.

— Estás aqui a apanhar chuva, querido? Andava à tua procura. Os nossos convidados para o jantar estão cá não tarda nada.

Percorreu com o olhar as paredes pretas e lisas, sem janelas, como uma fortaleza, que levavam à Thrift Street. Conhecia aquela rua como a palma da mão. E isso era razão suficiente para manter as janelas assim tapadas.

— O que vês ali em baixo?

— Um abismo — respondeu ele. — Medo.

— Não sejas tão soturno, meu amor.

— Não?

— De que serviriam todas as nossas vitórias se não nos pusessem um sorriso nos lábios?

— Só vencemos umas quantas batalhas. A guerra ainda mal começou. E eu já me sinto consumido por esse medo. Só Deus sabe de onde virá. Prefiro de longe ter um gangue de motoqueiros armados a vir na minha direção do que esta serpente que golpeámos, mas que não matámos.

— Para com isso, meu amor. Agora já ninguém nos pode apanhar.

— O Duncan. Consigo vê-lo ali em baixo. E invejo-o. Está morto — concedi-lhe paz — e tudo o que ele me dá é ansiedade e estes pesadelos.

— É a poção, não é? É a poção que te dá pesadelos.

— Querida…

— Lembras-te do que disseste do Collum? Disseste que a poção levava as pessoas à loucura. Tens de parar de a tomar ou vais perder tudo o que conquistámos! Ouviste-me? Nem mais um grama de poção!

— Mas os pesadelos não são produto da minha imaginação. O sargento ligou-me. O acordo está feito. Ou já te esqueceste do gravíssimo ato que planeámos para hoje à noite? Reprimiste do teu pensamento que o meu único pai e melhor amigo vai ser chacinado?

— Não sei do que estás a falar, nem tu. Quando estiver tudo terminado, não vai haver mais nada com que cismar. E a poção não te vai dar consolação nem coragem. A tua alma vai receber a sua recompensa. Por isso, chega de poção! Agora, põe uma gravata, meu amor. E um sorriso nessa cara — Pegou-lhe na mão. — Anda lá, vamos encantá-los até mais não.

Caithness estava sentada numa poltrona, com um copo de vinho tinto na mão, a ouvir a chuva na janela do sótão e Kite na rádio. Estava a falar do

problema de, em termos práticos, um comissário-chefe interino possuir mais poder do que um presidente da câmara democraticamente eleito, e tudo por causa das interferências de Kenneth nas leis e nos decretos municipais. Gostava da maneira como ele enrolava os erres e da voz calma que tinha. Gostava de ele não ter medo de dar nas vistas com os conhecimentos e a inteligência que possuía. Mas, acima de tudo, gostava de ele estar sempre *contra* alguma coisa. Contra Kenneth, contra Tourtell, sim, até contra Duncan, que, já de si, tinha estado contra tanta coisa. Só podia ser um caminho solitário. E quem queria estar sozinho se o pudesse evitar?

Ocasionalmente, tinha-se interrogado se deveria ou não enviar uma carta anónima para a estação de rádio, a dizer como era reconfortante ainda haver gente assim com princípios, uma pessoa que assumia a função de um cão de guarda solitário e destemido. Por falar nisso. Não era já a segunda vez que ouvia o mesmo som vindo da porta da frente? Baixou o volume do rádio. E pôs-se à escuta. Lá estava aquilo outra vez. Aproximou-se sorrateiramente da porta e encostou o ouvido a ela. Uma chiadeira familiar. Abriu a porta.

— Duff. Que estás a fazer?

— Estou… hã… aqui parado. A pensar — Tinha as mãos enterradas no fundo dos bolsos do casaco e estava a baloiçar-se, para trás e para a frente, com o peso apoiado nos sapatos demasiado grandes das solas que chiavam.

— Porque não tocaste à campainha?

— E toquei — respondeu Duff. — Eu… É óbvio que a campainha não funciona.

Ela abriu a porta por completo, mas ele parecia continuar indeciso.

— Porque estás tão sorumbático, Duff?

— Estou sorumbático?

— Desculpa, eu sei que neste preciso momento não há muitos motivos para estarmos alegres, mas queres entrar ou vais-te embora?

Os olhos dele moveram-se rapidamente de um lado para o outro.

— Posso ficar cá até à meia-noite?

— Claro, mas faz o favor de entrar, está bem? Estou com frio.

O sargento pousou as mãos no guiador da sua *Honda CB450*, uma *Black Bomber*. Tinha-a comprado há menos de cinco anos e, nos dias bons, conseguia sacar imenso dela. E, no entanto, já parecia um bocadinho antiga desde que a supermotorizada *Honda CB750* estava no mercado. Olhou para o relógio. Dezasseis minutos para as sete. A hora de ponta já tinha passado e a escuridão caíra mais cedo. À espera na berma da estrada, ia vendo todos os carros que se aproximavam do cruzamento em Gallows Hill. Sweno tinha-lhes enviado reforços vindos do clube do sul: três membros, ou primos, como lhes chamavam, tinham pegado nas motas e chegaram à cidade em menos de três horas. Estavam montados nas motas, a postos, junto às bombas na estação de serviço da estrada por onde o carro supostamente viria. Observando os modelos e as matrículas. Mais à frente na estrada, do outro lado do cruzamento, encontrava-se Colin, em cima de uns ganchos trepadores, no alto de um dos postes de semáforos, junto à caixa de derivação. Até ao momento, o único entretenimento que tinham tido fora quando fizeram um ensaio, com Colin a enfiar lá uma chave de parafusos e a rodá-la. Ouviram-se travões a chiar na estrada quando o semáforo, sem qualquer aviso, passou de verde para vermelho. E, segundos mais tarde, depois de o terem mudado outra vez para verde, a rotação dos vários motores tinham aumentado hesitante e cuidadosamente, com os carros a atravessar o cruzamento muito devagarinho enquanto o sargento fazia sinais de luzes para avisar Colin de que as coisas estavam a funcionar como deviam.

O sargento voltou a olhar para o relógio. Um quarto para as sete.

Sweno tinha precisado de algum tempo para se decidir, mas a sensação do sargento era que isso se devera mais a precaução do que a dúvidas. O que acabou por ser confirmado quando os três primos do sul tinham parado à

frente do portão do clube, numa *Harley Davidson* toda quitada e com um guiador alto, numa *Harley FL 1200 Electra Glide* e numa *Ural* russa com *sidecar* e metralhadora acoplada. O tipo da *Electra Glide* trazia uma espada, que não era curva como o sabre de Sweno, mas que chegaria para as encomendas.

Catorze minutos para as sete.

— Fleance…

Algo na voz do pai fez Fleance virar-se para ele. O pai era uma pessoa sempre calma, mas quando havia algum problema, ficava com a voz ainda mais calma. Como daquela vez em que Fleance tinha sete anos e o pai chegou a casa depois de ter ido visitar a mamã ao hospital e disse o nome dele dessa mesma maneira sinistramente calma.

— Houve uma mudança de planos para hoje à noite — O pai mudou de faixa e colou-se a um *Ford Galaxy*. — E para os próximos dias.

— A sério?

— Vais para Capitol. Ainda hoje.

— Para Capitol?

— Aconteceu uma coisa. Vais querer fazer muitas perguntas, meu rapaz, mas não vais ter respostas para já. Deixa-me ficar no Inverness e segue logo viagem. Passa por casa, leva só o que precisares e vai para Capitol. Se fores sempre à mesma velocidade, sem ir demasiado depressa, chegas lá amanhã ao final do dia. Percebeste?

— Sim, mas o que…

— Nada de perguntas. O melhor é ficares lá uns dias, talvez umas semanas. Conforme sabes, a tua mãe herdou um pequeno apartamento. Pega no bloco de notas que está no porta-luvas.

— O T1 a que ela chamava pardieiro?

— Sim. Não admira que nunca o tenhamos conseguido vender.

Felizmente, devo dizê-lo agora. A morada é Tannery Street, número sessenta e seis, Distrito Seis. Mesmo ao lado da Discoteca Golfinho. Segundo andar direito. Vais estar em segurança lá. Já apontaste isso?

— Já. — Fleance arrancou a página e voltou a guardar o bloco no porta-luvas. — Mas vou precisar de uma chave, não vou? Quer dizer, quem me vai abrir a porta se não está lá ninguém?

— Mas está.

— Inquilinos?

— Não é bem isso; deixei o coitadinho do primo Alfie ficar lá a viver. Está tão velho e surdo que é capaz de não abrir quando tocares à campainha, por isso, vais ter de improvisar.

— Pai?

— Sim?

— Isto tem alguma coisa que ver com o que o Duff queria? Ele estava com um ar muito… intenso.

— Tem, mas não perguntes mais nada, Fleance. Vais simplesmente ter de ficar lá, a estudar alguns manuais escolares que leves e a aborreceres-te, mas nada de telefonemas nem cartas, não digas a uma única pessoa onde estás. Faz apenas o que eu te estou a dizer e depois chamo-te quando já for seguro voltares.

— E *tu* vais ficar em segurança?

— Ouviste o que eu te disse.

Fleance assentiu.

Continuaram a viagem em silêncio, as borrachas gastas dos limpa-para-brisas a chiar, parecendo que lhes queriam dizer alguma coisa.

— Sim — retomou Banquo —, vou ficar em segurança. Mas, a partir de agora, não prestes atenção às notícias, provavelmente vão ser só mentiras. E, neste momento, também está lá outra pessoa no apartamento. Acho que está a dormir num colchão no chão, por isso, ficas com o sofá. Se as ratazanas não o

tiverem comido.

— Engraçadinho. Juras que vais ficar em segurança?

— Não te preocupes…

— Está vermelho!

Banquo pisou a fundo no travão e quase se enfiou no para-choques traseiro do *Galaxy*, que, evidentemente, também não tinha visto o semáforo mudar.

— Toma — disse Banquo, entregando ao filho uma carteira grossa e gasta. — Fica com o dinheiro que aí está, para teres o suficiente para te safares durante uns tempos.

Fleance tirou as notas.

— Que raio, já está vermelho há imenso tempo… — ouviu o pai resmungar.

Fleance espreitou pelo retrovisor do lado dele. Já se tinha formado uma longa fila. E, do lado de fora dela, uma sucessão de motas estava a aproximar-se.

— Estranho — exclamou o pai. Outra vez aquela voz demasiado calma. — Parece que na estrada ali à frente também está vermelho. E já há algum tempo.

— Pai, vêm aí umas motas.

Fleance viu o pai espreitar pelo retrovisor durante um segundo. E, a seguir, carregou no acelerador, virou bruscamente o volante para a direita e largou a embraiagem. O carro derrapou no alcatrão molhado e escorregadio, mas conseguiu escapulir-se para a direita da fila. Os tampões dos pneus bateram no passeio alto e os dois carros pareceram gritar de dor quando o *Volvo* raspou o *Galaxy* de lado e lhe arrancou o retrovisor ao passar.

Ouviu-se um barulho enorme na rua em frente. O semáforo tinha mudado para verde.

— Pai! Para!

Mas o pai não parou; pelo contrário, pisou a fundo no acelerador. Precipitaram-se para o cruzamento, em rota de colisão com uma carrinha, à esquerda, e um autocarro, à direita. E ouviram duas buzinas a vociferar, uma de cada lado, produzindo uma estrepitosa melodia discordante quando eles emergiram pelo meio de ambos. Fleance fixou os olhos no retrovisor à medida que avançavam a toda a velocidade de Gallows Hill para o centro da cidade, com aquela aflitiva música a diminuir de intensidade lá atrás. Viu que o semáforo tinha ficado outra vez verde e que as motos já estavam a atravessar o cruzamento.

Macbeth tinha os dois pés bem plantados nos sólidos ladrilhos à entrada do Casino Inverness e, contudo, continuava a sentir-se à toa. Diante dele, um homem de fato, com excesso de peso, estava a debater-se para sair do banco de trás de uma limusina. O porteiro do Inverness, vestido de vermelho, estava a segurar a porta do carro e um guarda-chuva na outra mão, hesitante entre oferecer-se para o puxar ou deixá-lo manter a dignidade. Depois de o homem ter conseguido por fim terminar o serviço sem ajuda, mas não sem arfar um pouco, Lady avançou para ele.

— O nosso querido… o meu querido presidente! — riu-se e abraçou-o.

O que não era pera doce, pensou Macbeth, ouvindo-se a deixar escapar um risinho parvo ao ver as mãos esbeltas de Lady a agarrar a bem forrada carapaça de tartaruga de Tourtell.

— De cada vez que nos vemos, está mais bem-parecido e viril — chilreou ela.

— E a Lady, mais bonita e mendaz. Macbeth…

Macbeth cumprimentou-o, fascinado com a forma como a carne da mão do presidente da câmara se ia escapulindo de baixo do polegar dele.

— E quem é este jovem? — perguntou Lady.

Um rapaz de olhos castanhos e pele macia, atraente como uma menina e

tão novo que ainda devia ser adolescente, apressou-se a contornar a limusina, da porta de trás para o lado oposto. Sorriu timidamente para Tourtell, como se necessitasse de ajuda.

— Lady, apresento-lhe o meu filho — disse Tourtell.

— Meu tontinho, eu sei que não tem filhos — respondeu Lady, batendo com a mão na lapela do casaco do presidente.

— O meu filho *fora do casamento* — corrigiu Tourtell, acariciando a base da coluna do rapaz e piscando o olho a Macbeth, rindo-se por entre dentes. — Sabem, só soube ainda agora que ele existia. A Lady consegue ver as semelhanças não consegue?

— O meu querido Tourtell é e será sempre uma raposa matreira. Damos-lhe um nome?

— E que tal Kasi Tourtell Junior? — retorquiu o presidente da câmara, afagando o bigode à Salvador Dalí e soltando uma gargalhada sonora quando Lady revirou os olhos.

— Têm à vossa espera comida e bebida lá dentro, onde está quentinho — anunciou Lady.

Atravessaram os dois a porta, enquanto ela foi ter com Macbeth.

— O atrevimento daquele porco pervertido — atirou Macbeth. — Julgava que o Tourtell fosse um dos tipos respeitáveis.

— É um dos tipos respeitados e é só isso que conta, querido. O poder dá-nos a liberdade de fazer o que quisermos sem que as pessoas percam o respeito por nós. Pelo menos, agora já estás a sorrir.

— Estou?

— Como um palhaço desvairado. — Lady já estava a sorrir de forma radiante na direção de um táxi que se aproximava da entrada. — Não mostres tanto os dentes, querido. Aquele é o Janovic, um investidor imobiliário de Capitol.

— Outro desses fuinhas que anda por aí a comprar os terrenos das nossas

fábricas por tuta e meia?

— Interessam-lhe os casinos. Sê simpático e cumprimenta-o, e, a certa altura, comenta qualquer coisa que sirva para lhe garantir que os níveis do crime nas ruas já estão a descer.

Fleance gritou por instinto e baixou-se quando o vidro de trás explodiu.

— Quantos são? — perguntou o pai calmamente, guinando tudo para a direita e seguindo por uma rua secundária pavimentada com seixos. Fleance virou-se para trás. O rugido das motas aumentou de volume, como um dragão irado.

— Cinco ou seis — gritou Fleance. — Dá-me a tua pistola!

— Ela hoje quis ficar em casa — respondeu Banquo. — Segura-te bem. — Torceu o volante; as rodas bateram no passeio, com o *Volvo* a saltar e a dobrar a esquina, defronte de uma loja de roupa fina, quando eles viraram para a esquerda, entrando numa rua ainda mais estreita. Fleance percebeu a estratégia: pelo menos, naquelas ruelas de sentido único, os motoqueiros não podiam aparecer lado a lado para acabar com eles. Mas estavam a ficar cada vez mais perto. Outro estrondo atrás deles. Fleance ainda não tinha aprendido a diferenciar entre os diversos tipos de armas de fogo, coisa que sabia que o pai era capaz de fazer, mas até ele sabia que aquilo era uma caçadeira. O que, bem vistas as coisas, era melhor do que…

Uma saraivada de balas fustigou a carroçaria.

… uma arma automática.

O pai executou mais uma curva com autoridade, como se soubesse para onde ia. Já estavam bem no interior da zona comercial, mas as lojas estavam fechadas e as ruas quase desertas com a chuva. Será que o pai conhecia uma saída daquele labirinto? Em jeito de resposta, Banquo guinou de repente o carro para a direita, passando por um sinal de trânsito que não augurava nada de bom.

— Pai, isto é um beco sem saída!

Banquo não reagiu.

— Pai!

O pai continuou sem reagir, fitando simplesmente em frente, com profunda concentração, e mantendo as mãos agarradas ao volante. Foi apenas nesse momento que Fleance descobriu que havia sangue a escorrer pela cara do pai e dentro da camisa, onde o colarinho branco, como se fosse papel mata-borrão, adquirira um tom cor-de-rosa do sangue que irrompia. E faltava qualquer coisa na parte da cabeça do pai de onde o sangue estava a sair. Fleance centrou o olhar no volante. Era por isso que ele não estava a responder. A orelha. Estava presa ao tabliê, um pedacinho claro de pele, fragmentos de carne e sangue.

Fleance ergueu os olhos na direção do para-brisas. E foi aí que viu, muito literalmente, o fim. O beco culminava numa casa de madeira de aspeto sólido. E o rés do chão correspondia a uma grande montra parcialmente iluminada. Estava a aproximar-se depressa e eles não davam sinais de ir parar.

— Põe o cinto, Fleance.

— Pai!

— Já.

Fleance agarrou no cinto de segurança, puxou-o sobre o peito e conseguiu à justa apertá-lo antes de as rodas da frente baterem no passeio e eles darem um pinote. O capô acertou no meio da montra e Fleance teve a sensação de que a loja se tinha aberto e que estavam a atravessar uma cortina de vidro branco, voando para o que pudesse lá estar dentro. A seguir, ao olhar com espanto em redor, com a certeza de que tinha sofrido uma luxação, deu-se uma interrupção na sequência dos acontecimentos e ele percebeu que devia ter desmaiado. Sentia um zumbido infernal nos ouvidos. E o pai estava prostrado, imóvel, com a cabeça encostada ao volante.

— Pai!

Fleance sacudiu-o.

— Pai!

Nenhuma reação. O para-brisas tinha-se ido e havia qualquer coisa a brilhar em cima do capô. Fleance precisou de pestanejar para perceber que era mesmo aquilo que parecia. Anéis. Colares. Pulseiras. E defronte dele, na parede, estava escrito em letras douradas: *JACOBS & SONS, JEWELLERS*. Tinham enfiado o carro no raio de uma joalharia. E o zumbido que estava a ouvir não era na cabeça dele, era o alarme antirroubo. Todos os bancos, casinos e joalharias de maior dimensão se encontravam ligados ao painel de comandos central do quartel-general da polícia. Que contactava de imediato os carros-patrulha no distrito. Afinal de contas, o pai sempre soubera para onde ia.

Fleance tentou desapertar o cinto de segurança, mas não foi capaz. Fartou-se de puxar e empurrar, mas a fivela não se mexia.

O sargento estava montado na mota, a contar os segundos e a olhar para o carro que saía da loja em frente. O alarme abafava quase todos os outros sons, mas ele conseguia ver pelo fumo que o tubo de escape deitava que o motor estava a trabalhar.

— D quequ' eztamos à ezpera, hã? — perguntou o tipo da *Electra Glide*. Havia qualquer coisa de irritante na maneira como falava. — Vamoz lá apanhá-loz.

— Vamos esperar mais um bocado — respondeu o sargento, continuando a contar. — Vinte e um, vinte e dois.

— Então quanto tempo?

— Até sabermos que o tipo que encomendou este serviço cumpriu a promessa — respondeu o sargento. — Vinte e cinco, vinte e seis.

— Chiça! Quero despachar ezta cena daz cabeçaz cortadaz e deixar ezta merda.

— Espera!

O sargento observou-o em silêncio. O tipo tinha aspeto de adulto. De dois adultos. Era largo como a porta de um celeiro e tinha músculos em todo o lado, inclusive na cara. E, no entanto, usava um aparelho nos dentes, como um miúdo. O sargento já tinha visto isso, na cadeia, onde os presos que puxavam ferro e tomavam esteroides anabólicos ficavam com uns maxilares tão poderosos que os dentes até se recurvavam. Vinte e nove, trinta. Trinta segundos sem sirenes.

— Força, podes ir — disse o sargento.

— Obrigado.

À porta do celeiro sacou um *Colt* de cano comprido do cós das calças e a espada da bainha, desmontou e começou a dirigir-se para o carro. Passou descontraidamente com a lâmina da espada pela parede e por cima do sinal de PROIBIDO ESTACIONAR. O sargento estudou-lhe as costas do casaco de couro. Uma bandeira de pirata com uma caveira sobre uma suástica. Sem estilo nenhum. Suspirou.

— Protege-o com a caçadeira, Colin.

Colin alisou o bigode de morsa com uma mão ligada, antes de abrir uma caçadeira de canos curtos e enfiar lá dentro dois cartuchos.

O sargento viu umas quantas caras a aparecer à janela, num ou outro ponto da rua, mas continuava a não ouvir sirenes, somente o alarme monótono e incessante, ao mesmo tempo que o tipo entrava na loja e se aproximava do carro. Pôs a espada debaixo do braço, abriu a porta do passageiro com a mão que tinha livre e apontou o revólver à pessoa que estava lá sentada. Automaticamente, o sargento cerrou os dentes enquanto esperava pelo estrondo.

Fleance puxou o cinto com violência, mas o raio da fivela continuava presa. Tentou escapulir-se. Levou os joelhos ao queixo, rodou no banco e

encostou os pés à porta do passageiro para se projetar na direção do pai e do lugar do condutor. Foi nesse momento que viu de relance o homem que estava a entrar na loja empunhando uma espada e uma pistola. Já era demasiado tarde para fugir e Fleance nem sequer teve tempo para pensar como estava aterrado.

A porta do passageiro abriu-se de rompante. Fleance viu o brilho de um aparelho de dentes e um revólver a ser erguido e percebeu que o homem se encontrava longe de mais para o pontapé que tinha planeado dar. Por isso, acabou por esticar o pé na direção da porta aberta, num ato de puro desespero. Um sapato normal não teria cabido atrás do puxador de dentro, mas a biqueira longa e fina do velho *winkle-picker* de Macbeth conseguiu enfiar-se lá facilmente. Fleance teve um vislumbre da escuridão da eternidade na boca do revólver e, a seguir, puxou a porta para dentro, com toda a força possível. Ouviu-se o estalo da porta a atingir o pulso do homem e a entalá-lo. E o baque surdo do revólver a cair no chão.

Fleance ouviu o homem a praguejar e fechou a porta violentamente com uma mão, ao mesmo tempo que procurava o revólver com a outra.

A porta abriu-se outra vez de rompante, revelando o homem do aparelho nos dentes com uma espada erguida sobre a cabeça. Fleance pôs-se a apalpar o chão por tudo o que era sítio — debaixo do banco — onde é que o raio da arma se tinha enfiado? Foi então que o Aparelho nos Dentes se apercebeu de que a abertura da porta era evidentemente demasiado estreita para ele poder brandir a espada, e que tinha por isso de lha espetar. Puxou o cotovelo para trás, virou a ponta da espada para Fleance e atirou-se a ele. Fleance defendeu-se com um movimento repentino e apanhou-o a meio do caminho com as duas pernas esticadas, o que fez o tipo cambalear para trás e atravessar a loja até cair por fim de costas, estilhaçando um balcão de vidro.

— Colin — suspirou o sargento. — Faz-me o favor de ir lá dentro

terminar com esta palhaçada.

— Certo, chefe.

Antes de desmontar, Colin verificou se seria capaz de carregar no gatilho com a mão que Macbeth tinha empalado com a adaga.

Fleance tinha desistido de se debater, tomando consciência de que estava preso e que não se conseguiria libertar do cinto de segurança a tempo de se salvar. Por isso, ficou deitado de lado no banco e observou o tipo da espada a levantar-se por trás do balcão destruído, com fragmentos de vidro a caírem-lhe dos ombros largos. Desta vez, teve mais cuidado. Pôs-se fora do alcance de Fleance. E confirmou que tinha a espada bem segura. Fleance sabia que o tipo estava a fazer pontaria para o sítio onde podia causar mais danos imediatos sem se aproximar muito dele. A virilha.

— Ganda porra — rosnou o homem, cuspindo na espada, puxando o braço para trás, retrocedendo o passo necessário e deixando à mostra uma fila de dentes cerrados.

A iluminação suave e acolhedora da loja fez o aparelho dele cintilar, parecendo por um instante fazer parte do inventário da joalharia. Fleance ergueu o revólver e disparou. Viu de relance uma expressão de surpresa e um buraquinho preto no meio do aparelho antes de o homem cair.

As notas delicadas e discretas do pianoforte deliciaram os ouvidos de Macbeth.

— Meus caros convidados, conhecidos, colegas e amigos do casino — anunciou, observando os rostos que o rodeavam —, mesmo tendo em conta que ainda não chegou toda a gente, gostava de, em nome da mulher que todos vocês conhecem e temem — gargalhadas moderadas e educadas e cumprimentos de cabeça na direção de Lady, que se estava a rir —, vos dar umas calorosas boas-vindas e propor um brinde antes de nos sentarmos à

mesa.

Colin parou ao ver o primo do Sul cair no chão. O som do tiro tinha abafado o alarme e ele viu uma mão a segurar um revólver sair da abertura da porta do carro. Reagiu rapidamente. Disparou. Viu o impacte do cartucho, o interior claro da porta a ficar vermelho, o vidro da janela a explodir e o revólver a ir parar ao chão da loja.

Colin apressou-se para o carro imóvel. A adrenalina tinha-lhe posto os sentidos tão recetivos que ele absorveu tudo. A ténue vibração do tubo de escape, a ausência de cabeças no vidro destruído da janela de trás e um som que conseguiu reconhecer apesar do zumbido do alarme. O som, parecido com um arroto, de um motor a aumentar a velocidade de rotação. *Merda!*

Colin fez a correr o que lhe faltava para chegar à abertura da porta. No lugar do passageiro, encontrava-se um rapaz vestido de fato, numa posição estranhamente distorcida. Com o cinto de segurança posto, uma mão cheia de sangue e o pé esquerdo esticado para junto do condutor, caído, inerte, por cima do volante. Colin ergueu a caçadeira ao mesmo tempo que o motor disparou definitivamente, ganhando tração, e o carro arrancou em marcha-atrás. A porta aberta acertou no peito de Colin, que ainda assim foi capaz de esticar a mão esquerda e agarrar-se à parte de cima. Saíram da loja a toda a velocidade, mas Colin não largou a porta. Continuava a segurar a caçadeira com a mão direita, que lhe doía, mas para poder disparar para dentro do carro teria de a passar para baixo do braço esquerdo…

Fleance tinha conseguido chegar com o pé aos pedais, afastar o pé do pai e carregar na embraiagem, para poder pôr a marcha-atrás, já que o carro estava em ponto-morto. A seguir, foi tirando o tacão da embraiagem enquanto pisava o acelerador com a ponta do sapato. A porta aberta do passageiro tinha acertado num tipo qualquer que continuava agarrado a ela,

só que agora já estavam fora da joalharia, a fazer outra vez o mesmo caminho. Fleance não conseguia ver a ponta de um corno, mas carregou a fundo no pedal e esperou que não batessem em nada.

O tipo que ia agarrado à porta estava a esforçar-se ao máximo para fazer qualquer coisa e, num ápice, Fleance percebeu o quê. Tinha a boca de uma caçadeira a sair-lhe debaixo do braço. E que, no instante seguinte, disparou.

Fleance fechou os olhos e voltou a abri-los.

O tipo da caçadeira tinha desaparecido. E a porta do passageiro também. Espreitou por cima do tabliê e viu a porta e o tipo enfiados no poste do sinal de PROIBIDO ESTACIONAR.

E viu uma rua secundária.

Pisou a fundo no travão e carregou na embraiagem antes de o motor ir abaixo. Olhou pelo retrovisor. Viu quatro homens a sair de motas e a dirigirem-se a ele. As motas estavam estacionadas lado a lado, barricando a rua estreita; o *Volvo* não conseguiria fazer marcha-atrás e passar por cima delas. Fleance agarrou na alavanca das mudanças, reparando nesse momento que estava a sangrar da mão, e tentou meter a primeira, mas não foi capaz, provavelmente porque na posição em que se encontrava não conseguia carregar a fundo na embraiagem. *Porra, porra, porra*. O motor tossiu e cuspiu, prestes a dar as últimas. Viu pelo retrovisor que os homens tinham puxado de pistolas. Não, de metralhadoras. Era agora. Era agora que ia acabar tudo. E veio-lhe à cabeça um pensamento estranho. Como era um rude golpe já não poder fazer o exame final de Direito agora que tinha descodificado finalmente a coisa e compreendido o raciocínio: a diferença entre errado e ilegal, moral e normas. Entre poder e crime.

Sentiu uma mão quente pousar na dele, por cima da alavanca das mudanças.

— Quem está a guiar, filho? Tu ou o teu pai?

Banquo estava com os olhos um bocadinho desfocados, mas tinha-se

endireitado no banco e pousara as duas mãos no volante. E, no segundo seguinte, a velha voz do motor ergueu-se num rugido rouco, com pai e filho a arrancarem, derrapando nos seixos, ao mesmo tempo que as metralhadoras soavam e crepitavam atrás deles, como se fosse o Ano Novo Chinês.

Macbeth olhou para Lady. Estava sentada a dois lugares de distância dele, conversando entusiasticamente com o parceiro de jantar, Jano-qualquer-coisa. O tubarão imobiliário de Capitol. Tinha-lhe pousado a mão no braço. No ano anterior, um dos poderosos donos de fábricas da cidade tinha-se sentado na cadeira do tubarão e prendera a atenção dela. Mas, naquele ano, a fábrica estava fechada e o dono não tinha sido convidado.

— Nós os dois devíamos trocar umas palavrinhas — afirmou Tourtell.

— Sim — respondeu Macbeth, voltando-se para o presidente da câmara, que estava a enfiar um garfo extremamente carregado de vitela na queixada aberta. — Sobre o quê?

— Sobre o quê? Sobre a cidade, claro.

Macbeth observou, fascinado, os muitos queixos do presidente a expandirem-se e a comprimirem-se conforme ele mastigava, como um acordeão de carne.

— Sobre o que é melhor para a cidade — prosseguiu Tourtell, com um sorriso. Como se aquilo fosse uma piada.

Macbeth sabia que se devia concentrar na conversa, mas não conseguia estancar os pensamentos, mantê-los ali na terra. Por exemplo, agora estava a interrogar-se se a mãe daquele vitelinho ainda estaria viva. E se assim fosse, se seria capaz de pressentir que naquele momento, naquele preciso instante, o filhote estava a ser comido.

— Há um jornalista da rádio — disse Macbeth. — O Kite. Espalha mexericos maliciosos e é óbvio que os objetivos dele não são os melhores. Como se neutraliza uma pessoa dessas?

— Jornalistas — retorquiu Tourtell, revirando os olhos. — Ora, veja bem, isso é difícil. Só prestam contas aos editores. E mesmo que esses editores prestem por seu turno contas a donos que querem ganhar dinheiro, os jornalistas estão solenemente convencidos de que servem um propósito mais elevado. É muito difícil. Não está a comer, Macbeth. Preocupado?

— Eu? Nada disso.

— A sério? Com um comissário-chefe morto, outro desaparecido e a responsabilidade inteira nos seus ombros? Se não está preocupado, *eu* cá estaria, Macbeth!

— Não foi isso que eu quis dizer. — Macbeth procurou pedir ajuda a Lady, que estava sentada do outro lado do presidente da câmara, mas agora estava a conversar com uma mulher que era a consultora financeira da assembleia municipal ou coisa do género.

— Com licença — disse Macbeth, levantando-se.

Recebeu de Lady um olhar perplexo, de ligeira preocupação, e avançou depressa para a receção.

— Dá-me o telefone, Jack.

O rececionista passou-lhe o telefone e Macbeth marcou o número do painel de comandos do quartel-general. Atenderam ao quinto toque. Seria muito ou pouco tempo para esperar por uma resposta da polícia? Não sabia, isso nunca lhe tinha passado pela cabeça. Mas agora iria ter de o fazer. De pensar nesse género de coisas. Também.

— Passe-me às Patrulhas.

— *Okay*.

Percebeu que estavam a fazer a ligação e que, do outro lado da linha, o telefone tinha começado a tocar. Macbeth olhou para o relógio. Não estavam propriamente com pressa.

— Nunca te vejo na sala de jogo, Jack.

— Já não trabalho como *croupier*. Desde… bem, daquela noite, o senhor

sabe.

— Estou a ver. Isso demora um bocado a ultrapassar.

Jack encolheu os ombros.

— E não é só isso. Na verdade, acho que ser rececionista tem mais que ver comigo do que ser *croupier*. Portanto, não é tragédia nenhuma.

— Mas não ganhas muito mais como *croupier*?

— Se formos um peixe fora de água, não interessa quanto ganhamos. O peixe não consegue respirar e morre ao lado de um grande saco cheio de dinheiro. E isso, sim, é uma tragédia.

Macbeth estava prestes a responder quando uma voz anunciou que tinham conseguido estabelecer a ligação às Patrulhas.

— Daqui fala Macbeth. Queria saber se receberam informação de algum tiroteio em Gallows Hill durante a última hora.

— Não. Devíamos ter recebido?

— Temos aqui um cliente que disse ter acabado de passar lá e ouvir um grande estrondo. Deve ter sido algum furo.

— Deve ter sido.

— Portanto, não houve nada no Distrito Dois Oeste?

— Só uma joalharia arrombada. O carro-patrulha mais próximo estava a alguma distância, mas estamos a ir para lá agora.

— Estou a ver. Bom, então boa noite.

— Para o senhor também, inspetor.

Macbeth desligou. Fitou a alcatifa, os estranhos bordados, os padrões em forma de flores. Nunca tinha pensado neles, mas agora era como se lhe estivessem a tentar dizer alguma coisa.

— Senhor inspetor?

Macbeth levantou a cabeça. Jack estava com uma expressão preocupada.

— O senhor está a sangrar do nariz.

Macbeth levou a mão ao lábio superior, percebeu que o rececionista tinha

razão e foi a correr para a casa de banho.

Banquo acelerou pela estrada principal. O vento uivava junto ao lado do passageiro, já sem a porta. Passaram pelo Obelisco. Já não demorariam muito até chegar à estação central.

— Consegues vê-los?

Fleance disse qualquer coisa.

— Mais alto!

— Não.

Banquo não conseguia ouvir nada do ouvido do lado de Fleance, talvez por ter o canal auditivo obstruído com sangue ou por a bala lhe ter roubado também a audição. Contudo, não era esse tiro que o estava a preocupar. Olhou para o indicador do nível de gasolina — tinha descido a pique nos quatro ou cinco minutos após terem saído da zona comercial. As metralhadoras podiam ter *parecido* inofensivas, mas tinham furado o depósito. Mas também não eram esses tiros que o estavam a preocupar; tinham gasolina de sobra para chegar ao Inverness sãos e salvos.

— Quem são aqueles tipos, pai? Porque nos estão a perseguir?

Ali estava a estação central, mesmo à frente deles.

— Não sei, Fleance.

Banquo concentrou-se na estrada. E em respirar. Tinha de respirar, de enfiar ar nos pulmões. Continuar. Continuar até Fleance estar fora de perigo. Era só isso, e mais nada, que importava. E não a estrada que se começara a esbater diante dele, nem o tiro que o tinha atingido.

— Alguém já devia saber que nós viríamos por ali, pai. Os semáforos, aquilo não foi normal. Eles sabiam exatamente quando iríamos passar por Gallows Hill.

Banquo também já tinha chegado a essa conclusão. Mas isso agora não importava nada. O que importava de facto era que já tinham passado a

estação central e viam as luzes do Inverness logo em frente. Parar à entrada e pôr Fleance lá dentro.

— Agora já os vejo, pai. Estão no mínimo a duzentos metros de nós.

O que era mais do que suficiente, se não ficassem retidos. Banquo devia ter deixado a luz azul e a sirene da polícia no carro. Fitou o Inverness. A luz. Em último caso, podia atravessar a Workers' Square. As sirenes. Tinha qualquer coisa entalada na garganta. Entalada na cabeça.

— Ouviste alguma sirene, Fleance?

— Hã?

— Sirenes. Carros-patrulha. Ouviste alguma coisa lá na joalharia?

— Não.

— De certeza absoluta? Há sempre montes de carros-patrulha no Distrito Dois Oeste.

— Absoluta.

Banquo sentiu a dor e a escuridão chegarem.

— Não — murmurou. — Não, Macbeth, meu rapaz… — Segurou bem no volante e virou à esquerda.

— Pai! Não é para aqui que se vai para o Inverness.

Banquo buzinou, afastando o *Volvo* do carro imediatamente à frente e acelerando. Sentia a dor paralisante nas costas a espalhar-se para o peito. Não tardaria muito até que deixasse de ser capaz de segurar o volante com a mão direita. Provavelmente, a bala não tinha feito um grande buraco no banco, mas tinha-lhe acertado. E era esse tiro que o estava a preocupar.

Em frente deles, não havia nada. Somente o terminal dos contentores, o mar e a escuridão.

Mas havia uma última possibilidade.

Macbeth estudou-se ao espelho, por cima do lavatório. A hemorragia tinha parado, mas ele sabia o que isso queria dizer. Que as membranas

mucosas já não conseguiam aguentar mais poção e que ele devia fazer um interregnozinho. Quando era novo era diferente: nessa altura, o seu corpo era capaz de resistir a quaisquer sevícias. Mas, agora, se persistisse, o nariz doer-lhe-ia e começaria a sangrar, ao passo que o cérebro se reviraria tanto que a cabeça até se iria desatarraxar do pescoço. Sim, precisava mesmo de uma pausa. Então por que razão, concluindo isso, enrolou uma nota e a pôs na extremidade direita de uma linha de pó disposta no lavatório? Porque aquela era a exceção. Era o ponto crucial em que ele mais precisava daquilo. O ponto em que tinha de se haver, por um lado, com o gordo e pervertido presidente da câmara e, por outro, com o Norse Rider que aparentemente não fora capaz de cumprir o acordo. Além de Lady. Não, ela não era um problema, era o alfa e o ómega, o nascimento, a vida e a morte dele. A razão da sua *existência*. Mas tal como o amor entre ambos lhe podia dar uma alegria vibrante, sofria igualmente ao pensar no que lhe podia ser tirado — o poder dela consistia agora tanto em *não* o amar como em amá-lo. Inalou, sugando a poção com força pelo cérebro acima, até lhe ir bater no couro cabeludo, ou, pelo menos, a sensação foi essa. Uma vez mais, olhou-se ao espelho. A cara contorceu-se e alterou-se. Ficou com cabelos brancos. Uns lábios vermelhos de mulher. Uma cicatriz estendeu-se-lhe pelo rosto. Queixos adicionais prolongaram-se por baixo do queixo. Os olhos encheram-se de lágrimas, que lhe escorreram pela face. Agora tinha mesmo de parar. Já vira pessoas que tinham snifado tanto que acabaram com uma prótese no lugar do nariz. Tinha de parar enquanto ainda havia tempo, enquanto restava alguma coisa para salvar. Tinha de mudar para uma seringa.

O sargento viu as luzes traseiras do *Volvo* a aproximarem-se gradualmente. Acelerou, sabendo que os outros teriam dificuldade em acompanhá-lo, ainda que o motor dele fosse apenas de 450 centímetros cúbicos. No alcatrão molhado e escorregadio, a experiência e a sensibilidade eram mais importantes para uma pessoa se manter na estrada do que o

tamanho do motor. Foi portanto com uma certa dose de surpresa que viu pelo retrovisor uma mota a avançar depressa. E, incrédulo, reconheceu-a. E o capacete do motoqueiro. A *Indian Chief* vermelha passou tão rente ao sargento que a ponta de um dos chifres do capacete quase o roçou. O farol surgiu refletido no sabre quando a mota o ultrapassou. De onde tinha vindo? Como sabia? Como sabia sempre quando precisavam dele? O sargento abrandou. Sweno é que devia ir à frente, a guiá-los.

Banquo conduziu tal como tinha feito quando iam a perseguir o camião russo, com uma ou outra ultrapassagem perigosa e aumentando temporariamente a distância que os separava das motas. Não demorariam muito a alcançá-los de novo, mas talvez ainda restasse tempo. Havia uma barreira diante do túnel e um sinal a indicar que a ponte se encontrava fechada para obras. Voaram farpas quando a parte da frente do *Volvo* destruiu a barreira e os faróis trespassaram a escuridão do túnel. Banquo ia a guiar com uma mão no volante; a outra estava prostrada no colo dele, como um cadáver. Já conseguiam ver a saída quando ouviram os latidos furiosos dos motores das motas lá atrás, no início do túnel.

Banquo travou já perto da curva apertada antes da ponte e, a seguir, voltou a acelerar.

E, pouco depois, já estavam a atravessá-la, recebidos por um súbito silêncio, sob um céu limpo e ao luar, o que fazia o rio lá em baixo, bem longe, refulgir como cobre. A única coisa que se ouvia era o motor do *Volvo* a dar tudo por tudo. E, a seguir, o chiar da borracha no alcatrão, quando Banquo travou de repente no meio da ponte, no local que em tempos acolhera a estátua de Kenneth, e encostou o carro à berma, onde a brisa agitava a fita vermelha da Agência Rodoviária, assinalando o sítio em que o *ZIS-5* tinha caído juntamente com o gradeamento. Surpreendido, Fleance virou-se para o pai, que tinha posto o carro em ponto-morto. Banquo debruçou-se sobre o

filho, com um canivete na mão, e cortou-lhe o cinto de segurança.

— O que…?

— Estamos a perder gasolina, filho. Daqui a nada já não vamos ter mais nenhuma, por isso, ouve bem. Sabes que nunca fui muito dado a pregações, mas quero dizer-te uma coisa…

Banquo encostou-se à porta do lado dele, ergueu os joelhos e rodou no banco tal como Fleance fizera.

— Podes ser tudo o que quiseres, Fleance. Portanto, não sejas o que eu fui. Não sejas um lacaio de lacaios.

— Pai…

— E cai sempre de pé.

Fincou as solas dos sapatos na anca e no ombro do filho, viu Fleance a tentar agarrar-se a alguma coisa e depois empurrou-o com toda a força. O filho berrou em sinal de protesto, atemorizado como estivera ao nascer, mas a seguir já estava lá fora, o último cordão umbilical cortado, sozinho num mundo grande e imenso, em queda livre em direção ao destino que lhe cabia.

Banquo gemeu de dor ao endireitar-se novamente, meteu a primeira e acelerou em direção ao seu próprio destino.

Quando ficou sem gasolina, três quilómetros depois de ter saído da ponte, já quase o tinham alcançado. O carro fez os últimos metros, com Banquo a começar a sentir-se ensonado e a recostar a cabeça. Um calafrio tinha-lhe percorrido as costas de uma ponta à outra, espalhando-se até ao estômago e avançando a caminho do coração. Pensou em Vera. E quando choveu por fim daquele lado do túnel, choveu chumbo. Chumbo que trespassou o carro, os bancos e o corpo de Banquo. Olhou pela janela lateral, encosta acima. E, quase no cume, viu aquilo que, do lado da cidade, parecia um tributo ao mal. Mas, daquele lado, era uma cruz cristã a brilhar ao luar. Estava tão próxima. Indicava o caminho. O portão estava aberto.

— Uma subida planeada — murmurou Banquo. — Uma subi…

DEZASSEIS

Duff ouviu a respiração de Caithness acalmar lentamente. A seguir, libertou-se dos braços dela e virou-se para a mesinha de cabeceira.

— E então, Cinderela? — sussurrou ela. — Já é quase meia-noite?

— Temos tempo de sobra, mas não posso chegar tarde.

— Desde que chegaste, não tens parado de olhar para o relógio de meia em meia hora. Uma pessoa até pensaria que estás mortinho por te ir embora.

Voltou a virar-se para ela. Pôs-lhe a mão na nuca.

— Não é por isso, minha beldade, é só que perco toda a noção do tempo quando estou aqui contigo. — Beijou-a suavemente nos lábios.

Ela soltou um risinho abafado.

— Sabes mesmo pôr-te com falinhas-mansas, Romeu. Mas tenho estado a pensar.

— Que medo.

— Para. Tenho estado a pensar que te amo. E…

— Medo.

— Para, já disse. E não te quero só aqui e agora. Não te quero sempre a desaparecer como um sonho mal sonhado.

— Eu também não, meu amor, mas…

— Acabaram-se os mas, Duff. Estás sempre a dizer que lhe vais contar de nós, mas depois há sempre um mas constante, o que significa que tens sempre de adiar isso e que dizes ser por uma questão de consideração por ela, pelas

crianças, por…

— Mas há muita coisa a considerar, Caithness. Tens de compreender isso. Tenho uma família e com ela vêm…

— *Responsabilidades das quais não posso fugir* — imitou-o ela. — E que tal alguma consideração por mim? Nunca pareces ter problemas em fugir de mim.

— Sabes muito bem que as coisas não são assim. Mas és nova e tens alternativas.

— Alternativas? Que queres dizer com isso? Eu *amo-te*!

— Só estou a querer dizer que, neste momento, a Meredith e as crianças estão muito vulneráveis. Se esperarmos até as crianças já serem um ano mais velhas, vai ser mais fácil e nessa altura vou poder…

— Não! — Caithness bateu com a mão no edredão com toda a força. — Quero que lhe contes já, Duff. E sabes que mais? É a primeira vez que te referes a ela pelo nome.

— Caithness…

— Meredith. É um nome bonito. Há muito tempo que lhe invejo esse nome.

— E qual é a pressa toda assim de repente?

— Percebi uma coisa ao longo destes últimos dias. Para conseguirmos o que queremos, não podemos esperar que seja outra pessoa a dar-nos isso. Tens de ser duro, possivelmente bruto, mas é melhor fazer um corte completo. Acredita que não é fácil estar a pedir-te isso, que sacrifiques a tua família, é uma coisa que afeta inocentes, o que não faz parte da minha natureza.

— Pois não, Caithness, não faz parte da tua natureza, por isso onde a foste buscar, essa ideia de um corte completo?

— Duff. — Ela endireitou-se, ficando sentada de pernas cruzadas, no meio da cama. — Amas-me?

— Sim! Meu Deus, sim.

— Então vais fazer isso? És capaz de fazer isso por mim?

— Escuta, Caithness…

— Prefiro Meredith.

— Querida, amo-te mais do que tudo o resto. Dava a minha vida por ti. Sim, a minha própria vida, sem hesitar. Mas as vidas dos outros?

Duff abanou a cabeça. Inspirou para falar, mas voltou a expirar. Um corte completo. Tinha de ser agora? A ideia surpreendeu-o. Será que tinha estado inconscientemente a caminhar para aí desde sempre? A caminhar para longe de Caithness e de volta a casa, em Fife? Voltou a respirar fundo.

— A minha mãe, que eu nunca conheci, sacrificou a vida por mim. Sacrificou a dela para eu poder viver. Portanto, mesmo que faça parte da minha natureza, como fazia parte da natureza da minha mãe, sacrificar uma vida por amor, o amor por um filho é o maior amor de todos. Só a *ideia* de ter de sacrificar os meus filhos por alguma coisa mais pequena… arrancar-lhes a família pelo meu amor egoísta por outra mulher… é o mesmo que cuspir na memória da minha mãe.

Caithness levou a mão à boca, com um soluço involuntário a escapar-se ao mesmo tempo que os olhos se lhe encheram de lágrimas. A seguir, levantou-se e saiu do quarto.

Duff fechou os olhos. Bateu com a cabeça na almofada que tinha atrás. E depois seguiu-a. Deu com ela na sala de estar, onde Caithness se encontrava junto a uma das janelas do sótão, a olhar lá para fora. Nua e reluzentemente branca sob a luz dos néons da rua, fazendo as gotas de chuva na janela parecerem lágrimas a escorrerem-lhe pela face.

Pôs-se atrás dela e passou-lhe um braço à volta do corpo nu. Sussurrou-lhe para o cabelo.

— Se quiseres que eu me vá embora, vou.

— Não estou a chorar por não te poder ter por inteiro, Duff. Estou a

chorar por causa do meu coração duro. Ao passo que tu, tu és um homem com um verdadeiro coração, querido. Um homem em quem um filho pode confiar. Não consigo deixar de te amar. Perdoa-me. E se não posso ter tudo, dá-me o que puderes do teu coração puro.

Duff não respondeu, limitou-se a abraçá-la. Beijou-lhe o pescoço e continuou a abraçá-la. As ancas dela começaram a mexer-se. E ele pensou nas horas. Em Banquo. No encontro junto à locomotiva. Mas ainda faltava bastante tempo até à meia-noite.

— Casino Inverness, fala o Jack.

— Boa noite, Jack. Gostava de falar com o Macbeth.

— Ele está num jantar. Posso dar-lhe um…

— Vai buscá-lo, Jack. Anda lá.

Uma pausa.

O sargento olhou para as motas à volta da cabina telefónica. Tinham as formas distorcidas pelas gotas de água espessas que iam serpenteando na parte de fora do vidro, mas, ainda assim, aquela visão era a mais bela que ele conhecia — motores sobre duas rodas. E os irmãos que os conduziam.

— Posso ir perguntar. E quem devo anunciar?

— Diz-lhe só que é a chamada de que ele estava à espera.

— Compreendo.

O sargento aguardou. Passando o peso do corpo de um pé para o outro. E o pacote manchado de sangue de um braço para o outro.

— Macbeth.

— Boa noite. Estou só a ligar para dizer que o peixe já foi apanhado e esventrado, mas a cria conseguiu nadar para longe.

— Para onde?

— Ora bem, as hipóteses de uma cria sobreviver sozinha são de uma em mil e acho que, neste caso, podemos afirmar com segurança que está morta e

enterrada no fundo do mar.

— Muito bem. E?

— A cabeça do peixe vai a caminho. E eu diria que conquistaste o meu respeito, Macbeth. Não há muita gente com gosto ou estômago por uma iguaria destas.

Macbeth desligou o telefone e agarrou-se ao balcão da receção, inspirando e expirando depressa.

— O senhor tem a certeza de que está bem esta noite?

— Tenho, sim, Jack, obrigado. Só estou um bocadinho zonzo.

Um a um, Macbeth reprimiu os vários pensamentos e imagens. A seguir, ajustou o casaco e a gravata e voltou para a sala de jantar.

Na mesa comprida, os convidados conversavam e brindavam, mas não havia grande ambiente. A verdade é que talvez aquelas pessoas não comemorassem tão sonora e apaixonadamente como se fazia na Força de Intervenção, mas ele interrogou-se se a sombra da morte de Duncan não recairia sobre o casino de forma mais pesada do que Lady gostaria de reconhecer. O presidente da câmara tinha visto Macbeth e fizera-lhe sinal para se aproximar. Macbeth reparou que estava alguém sentado na cadeira dele e partiu do princípio de que fosse o acompanhante de Tourtell. Mas quando viu que não era esse o caso, ficou repentinamente petrificado. Parecia que o coração lhe tinha parado de bater.

Banquo.

Estava ali sentado. Naquele preciso momento.

— Que se passa, meu amor? — Era Lady. Tinha-se virado e estava a olhar para ele, surpreendida. — Senta-te.

— O meu lugar está ocupado — respondeu ele.

Tourtell também se virou.

— Vamos lá, Macbeth. Sente-se.

— Onde?

— Na tua cadeira — disse Lady. — Qual é o problema?

Macbeth gritou quando Banquo rodou a cabeça como uma coruja. Por cima do colarinho da camisa branca, tinha uma ferida extensa e contínua que lhe parecia dar a volta inteira ao pescoço. E escorria-lhe sangue dessa ferida, como que do rebordo de um copo de vinho a transbordar e que continuavam a encher.

— Quem… quem te fez isto? — gemeu Macbeth, pondo as mãos no pescoço de Banquo. E apertando para estancar o sangue, só que este era fino e gotejou-lhe pelos dedos como vinho aguado.

— Que estás a fazer, meu amor? — perguntou Lady, rindo-se de forma tensa.

A boca de Banquo abriu-se.

— Foste… tu… meu filho.

As palavras saíram-lhe num tom monocórdico e o rosto era inexpressivo como o de um boneco de ventríloquo.

— Não!

— Vi-te… mestre… estou… à… tua… espera… mestre.

— Cala-te! — Macbeth apertou com mais força.

— Estás… a… estrangular-me… Macassassino.

Aterrorizado, Macbeth largou-o. E sentiu que o estavam a puxar violentamente pelo braço.

— Anda.

Era Lady. Ele estava prestes a soltar o braço com um puxão quando ela lhe sibilou ao ouvido:

— Já! Enquanto ainda és comissário-chefe.

Enfiou-lhe a mão debaixo do braço, como se o estivesse a seguir, e assim deslizaram para fora do salão, como se estivessem a ser soprados pelas expressões dos convidados.

— Que se passa? — sibilou ela depois de os ter trancado na suíte.

— Não o viste? O Banquo! Estava sentado na minha cadeira.

— Meu Deus, estás pedrado. Estás a ver coisas! Queres que o presidente da câmara julgue que o comissário-chefe dele é um lunático?

— *Dele*?

— Onde está essa malfadada poção? Onde? — Enterrou a mão no bolso das calças dele. — Isto vai para o lixo e é já!

Macbeth agarrou-lhe o pulso.

— O comissário-chefe *dele*?

— O Tourtell é que te vai nomear, Macbeth. Juntei-vos aos dois porque achei que, no mínimo, não ias dar cabo da noção de que és o homem certo para o cargo. Au, larga-me!

— O presidente Tourtell que faça o que bem entender. Tenho informações suficientes acerca dele para o prender já amanhã. E se não tiver, arranjo-as. Sou o comissário-chefe, mulher! Não percebes o que isso significa? Estou à frente de seis mil pessoas, duas mil armadas. Um exército, querida!

Macbeth viu os olhos dela a amansar.

— Sim, muito bem — sussurrou ela. — Agora já estás outra vez a dizer coisas com sentido, amor.

Ele continuava a agarrar-lhe o pulso fino e esguio, mas a mão dela tinha começado a mexer-se no bolso dele.

— Agora já te consigo sentir outra vez — disse ela.

— Anda, vamos…

— Não, agora, não — interrompeu ela, afastando a mão. — Temos convidados. Mas tenho outra coisa para ti. Um presente para comemorar a tua nomeação.

— Ai sim?

— Vê na gaveta da mesinha de cabeceira.

Macbeth tirou de lá um estojo. E, no interior, encontrava-se uma adaga brilhante e resplandecente. Ergueu-a para a luz.

— É de prata?

— Ia dar-ta depois do jantar, mas acho que precisas já dela. Conforme é do conhecimento geral, a prata é o único material capaz de matar fantasmas.

— Obrigado, meu doce.

— É um prazer. Diz-me lá então que o Banquo está morto.

— O Banquo está morto. Está morto.

— Sim, e vamos carpi-lo mais tarde. Agora, juntemo-nos aos outros. Explica-lhes que foi uma piada privada nossa. Anda.

Eram onze e dez.

Caithness ainda não tinha saído da cama, ao passo que Duff já se vestira e se encontrava diante do balcão da cozinha. Tinha feito chá e encontrara um limão no frigorífico, mas a única faca que estava lavada servia mais para apunhalar do que para cortar um limão. Espetou a ponta na casca e saiu um borrifo fino. Àquelas horas da noite, o normal seria levar metade do tempo a chegar à estação central, arranjar lugar para estacionar e caminhar até à *Bertha*. Não fazia tenções de se atrasar. Banquo não parecia precisar de desculpas para *não* lhe contar o que sabia. Por outro lado, Duff tinha percebido que Banquo queria falar. Queria desembaraçar-se do peso de… de quê? Da culpa? Ou apenas do que sabia? Banquo não era nenhum guia de rebanho, era um carneiro, não passava de um elo. E Duff contava dentro em breve ficar a saber quem eram os outros. E munido disso, iria… O silêncio foi interrompido pelo telefone instalado na parede, ao lado do quadro de cortiça.

— Telefone! — gritou.

— Já ouvi. Atendo-o aqui.

Caithness levantou o auscultador do telefone do quarto. Tinha um em

cada divisão, uma das coisas capazes de o fazer sentir-se velho quando estava com ela. Se calhar, eram muito antiquados, ele e Meredith, mas achavam que um telefone por casa chegava — não fazia mal nenhum terem de correr. Deu com um pano e limpou a mão. Tentou ouvir a voz dela para determinar que género de conversa seria, quem estaria a ligar àquelas horas da noite. Meredith? Ocorreu-lhe esse pensamento, que rejeitou de imediato. O segundo pensamento já se prolongou mais tempo. Um amante. Outro amante, mais novo. Não, um admirador, um potencial amante. Alguém que estivesse à espreita, pronto para avançar se, naquela noite, Duff não lhe tivesse dado a resposta que ela queria. Sim, era essa a razão da pressa repentina. Duff não tinha obedecido às exigências de Caithness, e o ultimato que ela lhe fizera transformara-se antes num ultimato para ela. E ela tinha-o escolhido. No instante em que articulou esse pensamento, quase desejou que se tratasse de facto de um admirador. Nós, humanos, não somos mesmo estranhos?

— Importa-se de repetir isso? — ouviu Caithness dizer do quarto. Num tom de voz profissional. Só que mais nervoso do que o costume. — Já estou a caminho. Avise os outros.

Trabalho, sem dúvida. Trabalho para os investigadores de cena de crime.

Ouviu-a à procura de qualquer coisa no quarto. Esperou que o serviço não fosse em Fife e que ela lhe sugerisse levá-la. Tinha a mão suada. Lambeu-a a olhar para o limão. O sumo tinha-lhe entrado numa das feridas que recebera ao cair no alcatrão, no cais. Ficou quieto durante um instante. A seguir, arrancou a faca e voltou a espetá-la no limão. Dessa vez, com força e depressa. Largou-a rapidamente e afastou a mão, mas ela ardeu-lhe de novo. Era impossível. Impossível estar a espetar aquilo e tirar a mão antes de apanhar com o borrifo.

Caithness entrou de rompante na cozinha, com uma maleta preta de médico na mão.

— O que foi? — perguntou Duff quando viu a expressão dela.

— Era do quartel-general. O adjunto do Macbeth na Força de Intervenção…

— O Banquo? — Duff sentiu a garganta a apertar-se.

— Sim — respondeu ela, abrindo uma gaveta. — Foi encontrado na Ponte Kenneth.

— Encontrado? Queres dizer que…?

— Sim — repetiu ela, vasculhando furiosamente na gaveta.

— Como? — As perguntas que se acumulavam eram imensas, e Duff agarrava a testa em sinal de impotência.

— Ainda não sei, mas os polícias que estão no local dizem que o carro dele está cravado de balas. E que lhe tiraram a cabeça.

— Tiraram? Ou seja,… cortaram?

— Já vamos descobrir — respondeu ela, pegando numas luvas de borracha que estavam dentro da gaveta e enfiando-as na maleta. — Podes dar-me boleia?

— Caithness, tenho um encontro, por isso…

— Não me disseste onde era, mas se for um desvio muito grande…

Ele olhou outra vez para a faca.

— Eu vou contigo — afirmou. — Claro que vou. Sou o chefe do Departamento de Homicídios e estamos a falar de um caso com prioridade máxima.

A seguir, virou-se e atirou a faca violentamente contra o quadro de cortiça. A faca rodopiou uma vez e meia sobre o eixo antes de acertar com o cabo no quadro e cair no chão da cozinha com estrépito.

— Que estás a tentar fazer? — perguntou ela.

Duff fitou a faca.

— Uma coisa para a qual é preciso muita prática antes de sermos capazes de a fazer. Vamos embora.

DEZASSETE

— E então, Seyton — perguntou Macbeth —, que posso fazer por ti?

Os raios de sol tinham conseguido furar as nuvens e entravam enviesados pelas janelas encardidas do gabinete do comissário-chefe, repousando sobre a secretária, a fotografia de Lady, o calendário, que indicava ser terça-feira, o desenho da *Gatling* e a careca lustrosa e reluzente do agente magro e vigoroso sentado à frente da secretária de Macbeth.

— Precisas de um guarda-costas — afirmou Seyton.

— Ai sim? E de que género de guarda-costas preciso?

— Um que seja capaz de usar as mesmas armas que os inimigos. O Duncan tinha dois e, depois do que aconteceu ao Banquo, Deus lhe abençoe a alma, há razões de sobra para supor que eles também andam atrás de ti, comissário-chefe.

— E quem são *eles*?

Seyton fitou Macbeth com um olhar perplexo e só depois respondeu:

— Os Norse Riders. Pelo que me é dado a ver, são eles que estão por trás desta execução.

Macbeth assentiu.

— Temos testemunhas no Distrito Dois que afirmam ter visto motoqueiros, alguns com casacos dos Norse Riders, a disparar contra um *Volvo* à entrada de uma joalharia onde o carro se tinha enfiado. Presumimos que fosse o carro do Banquo.

— Se o Malcolm esteve envolvido, é possível que a ameaça contra o comissário-chefe venha do interior da força. Não confio em todos os nossos supostos chefes. Na minha opinião, o Duff é uma pessoa desprovida de coluna vertebral e moralidade. Quanto às ameaças vindas de fora da força, há evidentemente o Hécate.

— O Hécate é um homem de negócios. E ser suspeito de homicídio raramente é bom para o negócio. Já o Sweno tem um motivo que se sobrepõe à razoabilidade empresarial.

— Vingança.

— Sim, vingança, um verdadeiro clássico. Alguns dos nossos economistas dão a ideia de menosprezar a tendência do ser humano para seguir os nossos instintos mais vis por oposição à caderneta bancária. Quando o amante da viúva-negra está deitado sobre as costas dela, saciado e exausto depois de fazer amor, *sabe* que irá ser comido não tarda muito. E, no entanto, nunca seria capaz de tomar outra decisão. Ora aí tens o Sweno.

— Então tens menos medo do Hécate?

— Já te expliquei hoje que os recursos deviam ser distribuídos de uma forma mais sensata, a caça às bruxas direcionada contra o Hécate devia diminuir de intensidade para podermos resolver outros problemas mais urgentes para a cidade.

— Tais como?

— Tais como gente honesta e trabalhadora andar a ser notoriamente enganada e surripiada das suas poupanças por um dos nossos casinos mais duvidosos. Mas voltemos à questão original. Tem havido comissários-chefes com más experiências com guarda-costas, mas não me esqueci de como foste eficaz e corajoso quando eu fui atacado por aquele cão em casa do Cawdor. Portanto, deixa-me dormir sobre o assunto, Seyton. Na verdade, até já andava a pensar em dar-te outro cargo, um cargo que nem sequer é assim tão diferente do que aquele que me estás a solicitar.

— Ai sim?

— Agora que sou o comissário-chefe e que o Banquo se foi, a Força de Intervenção deixou de ter um responsável. E tu és o agente com mais antiguidade e experiência, Seyton.

— Obrigado, comissário-chefe. Isso é de facto uma honra inesperada e uma declaração de confiança. O problema é que não sei se sou merecedor dessa confiança. Não sou político nem sei comandar homens.

— Pois não, eu conheço o género. És um cão de guarda que precisa de um dono e de uma dona, Seyton. Mas a Força de Intervenção é uma espécie de cão de guarda. Ficarias surpreendido com o grau de pormenor das ordens que se recebem. Eu mal precisava de pensar na forma de capturar os mauzões. E tendo em conta os homicídios destes dois últimos dias, é evidente que a ameaça contra quem esteja sentado na minha cadeira é tal que a Força de Intervenção terá de ser utilizada para proteger ativamente o chefe do quartel-general da polícia.

— Estás a dizer que a Força de Intervenção vai passar a funcionar como o corpo de segurança pessoal do comissário-chefe?

— Não estou a ver um entendimento dessa natureza a originar alguma espécie de resistência que não possa ser subjugada. E, nesse caso, estaríamos a matar dois coelhos de uma cajadada. Os nossos desejos cruzar-se-iam. Que me dizes, Seyton?

O sol estava a pôr-se e talvez tenha sido a súbita escuridão que caiu sobre o gabinete a levar Seyton a baixar a voz, no que aparentou ser um sussurro conspiratório:

— Desde que receba as minhas ordens direta e pormenorizadamente do comissário-chefe em pessoa.

Macbeth examinou o homem diante dele. *Deus abençoe a sua alma*, tinha dito Seyton em relação a Banquo. Macbeth interrogou-se que tipo de bênção teria sido.

— As minhas ordens, leal Seyton, nada terão de ambíguo. E no que respeita a subjugar protestos, acabei de encomendar duas destas *Gatlings* — Passou o desenho a Seyton. — Envio expresso. Um bocadinho mais caro, mas recebemo-las em dois dias. Que achas?

Seyton estudou o desenho, assentindo vagarosamente.

— Uma delícia — afirmou. — Lindas, mesmo.

Duff bocejou enquanto conduzia e o céu passava de limpo a cerrado.

Ewan tinha-o acordado ao saltar para cima da cama do quarto de hóspedes, com a irmã logo atrás.

— Papá, estás em casa!

Tinham tomado o pequeno-almoço na cozinha, com o sol matinal ainda a começar a erguer-se sobre o lago. Meredith dissera às crianças para se deixarem de lutas e para se sentarem ao colo do pai e comerem; tinham de ir para a escola. Não conseguira fazer a voz severa que Duff sabia que ela queria ter feito e ele vira como os olhos dela sorriam.

Agora estava a passar pela cena do crime, onde o carro cravado de balas já tinha sido rebocado e o sangue no alcatrão já fora limpo. Caithness e a equipa dela tinham trabalhado eficientemente e descobriram os indícios que havia para descobrir. E ele não tivera muito para fazer a não ser declarar o óbvio: que Banquo fora morto a tiro e decapitado. Não havia vestígios de Fleance, mas Duff reparou que o cinto de segurança do banco do passageiro tinha sido cortado. O que poderia querer dizer tudo e mais alguma coisa; de momento, não podiam fazer mais do que lançar um alerta geral a avisar do desaparecimento do jovem filho de Banquo. Tratava-se de um pedaço de estrada deserto, já que a ponte estava fechada, e era pouco provável que tivesse havido alguma testemunha nas proximidades, por isso, passada uma hora, Duff resolvera que, já estando a meio caminho de casa, mais valia dormir em Fife.

Onde tinha ficado deitado na cama, sem conseguir adormecer, a pensar ao compasso do som dos gafanhotos lá fora. Sabia. Sabia, mas não entendia. Não era que tivesse visto repentinamente o quadro geral; não era que todas as peças entrelaçadas tivessem encaixado repentinamente no quebra-cabeças. Tinha sido um simples e único detalhe. A faca na cozinha de Caithness. Mas enquanto estivera a matutar, as restantes peças tinham emergido, encaixando-se lentamente. A seguir, adormecera, para acordar depois com a emboscada madrugadora dos filhos.

Duff atravessou a ponte velha. Era estreita e modesta, comparada com a Ponte Kenneth, mas construída de forma sólida, e muitos acreditavam que se iria manter de pé por mais tempo.

O problema era: com quem devia ele falar?

Tinha de ser alguém que não só possuísse poder, influência e dinamismo suficientes mas também alguém em quem pudesse confiar, alguém que *não* estivesse envolvido.

Desceu para a garagem subterrânea do quartel-general, com as nuvens a encobrirem de novo o céu, pondo fim à curta visita do sol.

Lennox tirou os olhos da máquina de escrever quando Duff entrou.

— O almoço é já daqui a nada e estás a bocejar como se tivesses acabado de te levantar.

— Pela última vez, essa coisa é mesmo autêntica? — perguntou Duff, apontando com a cabeça para a vareta manchada, com um bojo de metal enferrujado na ponta, que Lennox utilizava como pisa-papéis. Duff deixou-se cair numa cadeira junto à porta.

— E, pela última vez — suspirou Lennox —, herdei-a do meu avô, que levou com ela na cabeça, nas trincheiras do Somme. Felizmente, e como podes verificar, o alemão esqueceu-se de puxar o fio detonador. Os camaradas do meu avô fartaram-se de rir com essa história.

— Estás a dizer que se fartavam de rir no Somme?

— Segundo o meu avô, quanto pior as coisas ficavam, mas eles riam. Chamava-lhe o riso da guerra.

— Continuo a achar que estás a mentir, Lennox. Não és do género de pessoa que tem uma granada não rebentada em cima da secretária.

Lennox sorriu enquanto continuava a escrever à máquina.

— O meu avô guardou-a a vida inteira em casa. Dizia que lhe recordava as coisas importantes: a efemeridade da vida, o papel do acaso, a mortalidade dele e a incompetência de outros.

Duff apontou para a máquina.

— Não tens uma secretária que te trate disso?

— Comecei a escrever as minhas próprias cartas e a sair do quartel-general para as ir enviar eu pelo correio. Ontem, o Ministério Público avisou-me que, aparentemente, tinham aberto e voltado a selar uma das minhas cartas antes de a terem recebido.

— Isso não me choca. Obrigado por me receberes com tão pouca antecedência.

— Por me *receberes*? Isso parece muito formal. Não me disseste do que se tratava ao telefone.

— Não. Conforme referi, não me choca que andem a abrir cartas.

— O painel de comandos. Achas que…

— Não acho nada, Lennox. Concordo contigo, não vale a pena assumir riscos sendo a situação o que é.

Lennox assentiu lentamente e inclinou a cabeça.

— E, ainda assim, meu bom Duff, é precisamente por isso que vieste cá, não é?

— Talvez. Tenho alguns dados sobre quem matou o Duncan.

A cadeira de Lennox rangeu ao mesmo tempo que ele se endireitou. Afastou-se da máquina de escrever e apoiou os cotovelos na secretária.

— Fecha a porta.

Duff esticou o braço e fechou-a.

— Dados de que género? Tangíveis?

— Tem piada que tenhas utilizado essa palavra… — Duff pegou no abre-cartas que se encontrava em cima da secretária de Lennox e examinou-o com atenção. — Conforme sabes, tanto na cena do crime da morte do Duncan como na dos guarda-costas, batia tudo aparentemente certo.

— A palavra *aparentemente* é utilizada quando uma coisa parece perfeita à superfície, mas não é.

— Exato. — O inspetor Duff pôs a faca na horizontal, sobre o indicador, equilibrando-a e formando uma cruz com o dedo. — Se apunhalasses um homem no pescoço com uma adaga para o matar, não a terias continuado a agarrar para o caso de teres falhado a artéria carótida e precisares de a espetar outra vez?

— Suponho que sim — respondeu Lennox, fitando o abre-cartas.

— E se acertasses logo em cheio na artéria, como sabemos que aconteceu com um dos punhais, sairia disparada uma enorme quantidade de sangue, num ou dois esguichos curtos, a tensão arterial da pessoa desceria a pique, o coração pararia de bater e o resto simplesmente gotejaria.

— Estou a perceber. Acho eu.

— E, no entanto, o cabo do punhal que encontrámos com o Hennessy estava completamente coberto de sangue; havia impressões digitais dele no sangue e a palma da mão também estava cheia de sangue do Duncan. — Duff apontou para o cabo do abre-cartas. — Isso quer dizer que o assassino não estava a segurar no cabo quando o sangue esguichou do pescoço do Duncan, mas que só agarrou nele depois. Ou então que, mais tarde, alguém lhe apertou a mão à volta do cabo. Porque alguém, uma outra pessoa, *atirou* o punhal ao pescoço do Duncan.

— Estou a ver — retorquiu Lennox, coçando a cabeça. — Mas qual é a diferença entre atirar ou apunhalar? O resultado é o mesmo.

Duff passou o abre-cartas a Lennox.

— Tenta atirar esta faca de modo que fique espetada ali no quadro dos avisos.

— Eu…

— Vá lá.

Lennox levantou-se. A distância para o quadro era provavelmente de dois metros.

— Tens de a atirar com força — explicou Duff. — É preciso força para perfurar o pescoço de um homem.

Lennox atirou a faca, que bateu no quadro e ressaltou para o chão, com estrondo.

— Experimenta dez vezes — disse Duff, pegando na faca e equilibrando-a no dedo. — Aposto uma boa garrafa e uísque que não és capaz de espetar lá a ponta.

— Não confias muito no meu jeito nem na minha sorte, é isso?

— Se eu te tivesse dado uma faca que não estivesse bem calibrada, fosse por um cabo pesado ou por uma lâmina pesada, teria melhorado as tuas possibilidades. Mas, tal como o punhal enfiado no pescoço do Duncan, estamos a falar de uma faca bem calibrada. É preciso ser-se especialista para a atirar. E ninguém com quem falei aqui no quartel-general alguma vez viu ou ouviu dizer fosse o que fosse que indiciasse que os guarda-costas do Duncan sabiam atirar facas. Para dizer a verdade, só conheço uma pessoa que sabe. Uma pessoa que até esteve quase para ir parar a um circo a fazer precisamente isso. E que estava no Casino Inverness naquela noite.

— E quem é essa pessoa?

— O homem a quem deste o Departamento do Crime Organizado. O Macbeth.

Lennox ficou petrificado, a olhar pasmado para um ponto na testa de Duff.

— Estás a dizer-me…?

— Sim, estou. O comissário-chefe Duncan foi morto pelo Macbeth. E a morte daqueles dois guarda-costas inocentes foi um assassínio a sangue-frio da autoria do mesmo homem.

— Que Deus nos ajude — soltou Lennox, sentando-se com uma pancada seca. — Já falaste com o Departamento Forense e com a Caithness sobre isto?

Duff abanou a cabeça.

— Eles repararam que havia sangue no cabo, mas acham que isso se deve aos reflexos rápidos da pessoa ao largar o punhal e não ao facto de ele ter sido atirado. É uma teoria que até faz algum sentido. Afinal de contas, é muito raro alguém ter essa capacidade. E só os colegas mais próximas sabem que o Macbeth é uma dessas pessoas.

— Ótimo. Não devemos falar disto a ninguém. A *vivalma*. — Lennox cerrou os punhos e começou a morder os nós dos dedos. — Tens noção da situação em que isto me põe, Duff?

— Tenho. Agora sabes o que eu sei, e não há volta a dar, e agora estamos os dois a arriscar o pescoço. Peço desculpa por não te dar outra escolha, mas que mais podia eu fazer? Chegou o nosso momento da verdade, Lennox.

— Claramente. Se tiveres razão e o Macbeth for mesmo o monstro que acreditas ser, não vai ser suficiente feri-lo. Isso torná-lo-ia duplamente perigoso. Ele tem de ser abatido com um único e decisivo tiro.

— Sim, mas como?

— Com argúcia e cautela, Duff. Vou ter de pensar um bocado nisto, e não sou nenhum génio, por isso vai demorar o seu tempo. É melhor voltarmos a encontrar-nos. Sem ser aqui, onde as paredes têm ouvidos.

— Às seis — respondeu Duff, levantando-se. — Na estação central. Ao pé da *Bertha*.

— Da velha locomotiva? E porquê aí?

— Porque era aí que eu me ia encontrar com o Banquo. E que ele me ia contar tudo o que eu entretanto também já percebi sozinho.

— Então é de facto um ponto de encontro adequado. Até logo.

Macbeth fitou o telefone que tinha em cima da secretária.

Tinha acabado de pousar o auscultador após falar com Sweno.

Tinha os nervos à flor da pele, completamente esfrangalhados. Precisava de *qualquer coisa*. De *qualquer coisa*, não, sabia bem de quê. Pegou repentinamente no chapéu grande que Lady lhe comprara. Priscilla sorriu quando Macbeth avançou em direção à antessala.

— E por quanto tempo vai o comissário-chefe estar ausente?

A pedido de Macbeth, ela tinha sido transferida do gabinete de Lennox, demorando todo o processo menos de duas horas. Ele queria ter posto a antiga assistente de Duncan no olho da rua, mas, em vez disso, tinha-a passado para o andar de baixo depois de o diretor administrativo lhe explicar que, no setor público, nem sequer um comissário-chefe podia despedir funcionários assim sem mais nem menos.

— Uma hora — respondeu Macbeth. — Ou duas.

— Nesse caso, vou dizer duas a quem ligar — retorquiu ela.

— Sim, faz isso, Priscilla.

Entrou no elevador e carregou no botão para o rés do chão. *A quem ligar*. E não *se alguém ligar*. Porque as pessoas ligavam mesmo, sem parar o raio de um minuto. Chefes de unidade, juízes, representantes municipais. Não tinha a mais pequena ideia do que metade deles fazia, além de o atazanar com perguntas impenetráveis, o que implicava uma fila de gente a ligar. Jornalistas. A morte de Duncan, o desaparecimento de Malcolm. E agora mais outro polícia, e o filho. Estava tudo a sair dos eixos?, perguntavam. Será que o comissário-chefe lhes poderia assegurar que…? *Sem comentários. Será melhor aguardar pela próxima conferência de imprensa, que…*

E depois havia Sweno.

As portas do elevador abriram-se; dois polícias fardados que iam a entrar pararam e recuaram. Era uma regra que Kenneth tinha introduzido, e Duncan abolira, que o comissário-chefe devia andar sozinho no elevador. Mas antes de Macbeth poder dizer-lhes que eram bem-vindos, as portas voltaram a fechar-se e ele continuou a descer sem companhia.

No passeio à entrada do quartel-general, foi de encontro a um homem de casaco cinzento que estava a ler um jornal e disse entre dentes:

— Desculpe, Macbeth.

Nada de muito estranho, pois quando Macbeth levantou a cabeça, viu a própria cara na primeira página. TERCEIRO OFICIAL ASSUME O LEME. Não era um mau cabeçalho. Talvez tivesse sido uma sugestão de Lady. Fazia o que bem queria do editor.

Macbeth tapou a cara com o chapéu grande e avançou dando longas passadas. Naquele momento, a meio do dia, as ruas estavam a abarrotar de tanto trânsito que era mais rápido andar do que ir de carro até à estação central. E, além disso, não se perdia nada se ninguém visse por lá a limusina do comissário-chefe.

Só Deus sabe o que teria dito Sweno a Priscilla para que esta lhe passasse a chamada. Em todo o caso, não tinha dito o nome quando Macbeth o ouviu no outro lado da linha, não precisara de o fazer. Quem lhe ouvisse uma vez a voz, nunca mais a esquecia. Os tons de baixo fizeram vibrar o plástico do auscultador. Sweno dissera que Macbeth prometera a libertação *imediata* dos Norse Riders e já se tinham passado doze horas. Macbeth tinha respondido que a coisa não era assim tão simples: era preciso que juízes e advogados assinassem documentos, uma vez que já tinha sido deduzida acusação. Mas Sweno podia, com toda a segurança, preparar um discurso de boas-vindas para a festa de regresso a casa dali por dois dias.

— Isso já são dois dias a mais — retorquira Sweno. — E os últimos dois

dias que eu te volto a dar. Depois de amanhã, às onze em ponto, um dos nossos membros vai ligar para casa de um dos juízes da cidade, não vou dizer qual, para confessar que esteve envolvido no assassínio do Banquo e revelar como sabia ao certo onde ele e o Fleance estariam.

— Um dos vossos pilotos *kamikaze*?

— Além do mais, temos sete testemunhas que te viram entrar no nosso clube.

— Descontrai e pensa no teu discurso, Sweno. Amanhã, às três e meia da tarde, deixamos os teus rapazes junto ao portão do clube.

E, posto isso, Macbeth interrompeu a ligação.

Macbeth explorou a área antes de começar a subir os degraus que davam para a estação central. Viu outro casaco cinzento, mas não era o mesmo. O chapéu cobria-lhe o rosto e, afinal de contas, ele era simplesmente um dos muitos homens bem vestidos que subiam todos os dias aqueles degraus para comprar aquilo de que muito bem necessitassem para funcionar tão surpreendentemente bem como funcionavam.

Parou onde tinha parado da última vez, no corredor, junto às escadas para a casa de banho. Não vislumbrava o rapazinho em lado nenhum. Macbeth foi dando pulinhos com um pé e o outro, impacientemente. Há já várias horas que tinha começado a sentir a privação, mas só naquele momento, em que estava prestes a saciá-la, é que a coisa piorara mesmo.

Ela surgiu após o que pareceu ser uma hora, embora o relógio dele lhe dissesse que tinham passado somente dez minutos. Trazia uma bengala branca, fosse lá o que fosse que isso significasse.

— Preciso de duas saquetas — disse ele.

— Precisas é de conhecer uma pessoa — retorquiu Strega. — Enfia isto nos ouvidos e põe também isto.

Estendeu-lhe uns tampões e uns óculos a meio caminho entre os de nadador e os de soldador, do género dos que já vira os cegos usar.

— E porque havia eu de fazer isso?

— Porque, se não o fizeres, não há poção para ninguém.

Macbeth hesitou. Não, não hesitou, simplesmente não teve pressa. Teria feito o pino, se fosse isso que lhe tivessem exigido. Os óculos eram tingidos, de modo que não via absolutamente nada. Strega agarrou nele e fê-lo andar várias vezes à roda, claramente para que ficasse desorientado. A seguir, entregou-lhe a bengala e fê-lo avançar. Dez minutos mais tarde, Macbeth sabia que tinham andado à chuva e que houvera gente e trânsito à volta deles, os tampões não eliminavam os sons por inteiro. Strega ajudara-o a subir para um rebordo de cimento com um metro e meio de altura e depois tinham seguido sobre cascalho ou areia. A seguir, subiram para outro rebordo de cimento e entraram algures, calculou ele — pelo menos, tinha ficado mais quente e o ar era mais seco. E sentaram-no numa cadeira, onde alguém lhe tirou os tampões e lhe disse para se deixar ficar com os óculos.

Ouviu uma pessoa a aproximar-se e um som de pancadinhas, *tap-tap*, a parar mesmo à frente dele.

— Lamento ter sido forçado a trazer-te cá desta maneira — Era uma voz invulgarmente delicada e suave, dando a ideia de pertencer a um homem idoso. — Mas julguei, levando em consideração tudo, que era melhor encontrarmo-nos cara a cara. Quer dizer, obviamente que tu não consegues ver a minha, mas se fosse a ti, Macbeth, ficaria agradecido por isso.

— Compreendo. Significa que tencionas deixar-me sair daqui vivo.

— Não és lá muito inteligente, mas és mais inteligente do que estúpido, Macbeth. Foi por isso que te escolhemos.

— E porque estou aqui?

— Por estarmos preocupados. Evidentemente, já sabíamos da tua afeição por estimulantes antes de te escolhermos, mas não tínhamos noção de que isso te dominaria tão completamente e tão depressa. Resumindo, temos de descobrir se podemos confiar em ti, caso contrário, vamos ter de te trocar.

— Trocar-me pelo quê?

— Imaginas-te único? Espero que o título de comissário-chefe não te tenha subido à cabeça e que te dês conta de que é só uma fachada. Sem mim, não és nada. O Duncan julgava que se podia safar sem mim, aliás, que me podia combater. Também acreditas nisso, Macbeth?

Macbeth cerrou os dentes e engoliu a raiva. Queria apenas as saquetas e sair dali. Respirou fundo.

— Pelo que me é dado ver, temos um acordo de colaboração do qual beneficiamos ambos, Hécate. Tu podes ter desencadeado acontecimentos que me levaram a ser comissário-chefe e eu vou livrar-me do Sweno e garantir que a polícia não te incomoda nem ao teu monopólio em demasia.

— Hum. Então não tens escrúpulos morais?

— Claro que sim, mas sou pragmático. Em qualquer cidade desta dimensão, haverá um mercado para vendedores de sonhos como tu. Se não fores tu ou o Sweno, será outra pessoa qualquer. Pelo menos, a nossa cooperação vai manter outros traficantes, talvez ainda piores, longe daqui. Aceito-te como meio para atingir o fim da criação de um bom futuro para esta cidade.

O velho soltou um risinho abafado.

— Soam mesmo a palavras saídas diretamente da boca da Lady. Elegantes e doces de ouvir, mas insubstanciais. Estou aqui numa encruzilhada, Macbeth. E para decidir que rumo tomar, vou ter de avaliar a tua adequabilidade. Já reparei que os jornais andam a recorrer a metáforas, dizendo que o terceiro oficial assumiu o leme na vez do capitão. Pois bem, neste momento, o teu navio está a ser fustigado por uma tempestade com vento ciclónico. O Duncan, o Banquo e um cadete da polícia foram executados. O Cawdor, o Malcolm e dois guarda-costas estão mortos e presume-se serem corruptos. O teu navio já está a naufragar física e moralmente, Macbeth, por isso, para te ajudar, vou ter de saber em concreto

como pretendes rumar em direção a águas mais tranquilas.

— Naturalmente, os culpados serão capturados e punidos.

— Folgo em ouvir isso. E quem são os culpados?

— Isso é óbvio. Os Norse Riders. Obrigaram o Malcolm e os guardas a colaborar.

— Muito bem. E, nesse caso, tu e eu estaremos isentos de quaisquer responsabilidades. Mas e se o Sweno conseguir provar que está inocente do homicídio do Duncan?

— Quer-me cá parecer que não vai ser capaz de o fazer.

— Hum. Espero que tenhas a energia para dar seguimento ao que acabaste de dizer, Macbeth.

— E tenho, Hécate. Só espero poder exigir o mesmo de ti.

— De que estás a falar? Abri-te o caminho para seres comissário-chefe, isso não te chega?

— Se não me protegerem, não. O que eu consigo perceber agora é que anda toda a gente atrás de mim: juízes, jornalistas, criminosos e provavelmente também colegas. Com pistolas ou palavras a servirem de armas. O telefone nunca para. E, olha só, posso ser raptado ou sequestrado como um cego em pleno dia.

— E não tens a Força de Intervenção para te manter debaixo de olho?

— E sei lá se posso confiar em toda a gente lá. Preciso de mais proteção.

— Compreendo. E a minha resposta é esta: já tens a minha proteção. Já há algum tempo que a tens. Só que simplesmente nunca a viste.

— E onde anda ela?

— Nem penses nisso. Já devias saber que o Hécate protege os investimentos que faz. A pessoa que eu sou, aquilo que eu represento, serve de garantia de que ninguém, mas mesmo ninguém nesta cidade, te pode prejudicar enquanto fores meu, Macbeth.

— Ninguém?

— Garanto-te que ainda está para nascer quem possa tocar num fio de cabelo nessa tua linda cabeça. E a velha *Bertha* ainda vai voltar a andar antes de alguém te conseguir afastar do teu cargo. Isso não te chega, Macbeth?

— Chega, fico satisfeito com essas duas garantias.

— Ótimo. Porque tenho de te dizer uma última coisa: tem cuidado com o inspetor Duff.

— Hã?

— Ele sabe que foste tu que mataste o Duncan.

Macbeth sabia que se devia sentir alarmado. Amedrontado. Em pânico. Mas apenas tinha espaço para aquele familiar e odioso anseio.

— Felizmente para ti, neste momento, só um homem sabe o que o Duff sabe.

— E quem é ele? — perguntou Macbeth.

— O mesmo homem que lançou e apoiou a tua candidatura a chefe do Departamento do Crime Organizado, de acordo com as minhas ordens. E de forma tão discreta que, mais tarde, o Duncan até achou que a ideia tinha sido dele.

— E quem foi esse homem?

— Vê com os teus próprios olhos.

Uma perna da cadeira raspou ao virarem Macbeth. A seguir, tiraram-lhe os óculos. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que estava a olhar para uma sala de interrogatórios à prova de som. Tinha um daqueles vidros que só deixava ver para um dos lados, o que implicava que o interrogado não conseguia ver nem ouvir quem se encontrasse no exterior. A diferença era que aquele sítio parecia um grande laboratório, com balões de vidro e tubos de toda a espécie que iam dar a um tanque gigantesco. O tanque contrastava de forma quase cómica com todo o equipamento moderno e recordava a Macbeth desenhos animados com canibais a ferver pessoas num caldeirão. Numa parede, por trás do tanque, estava pendurado um letreiro com as

palavras PROIBIDO FUMAR. E, à frente do tanque, na sala com uma iluminação que feria os olhos, perto do vidro, estava um homem ruivo sentado, completamente direito, numa cadeira reclinável. Tinha uma manga da camisa arregaçada, a cara voltada para o teto, a boca meio aberta e os olhos meio fechados. Estava sentado tão próximo deles que Macbeth conseguia ver as meias íris azuis a tremer por baixo das pálpebras do homem. Reconheceu uma das irmãs chinesas, que estava a segurar uma seringa com a agulha espetada no antebraço do inspetor Lennox.

A voz delicada atrás de Macbeth disse:

— O Lennox plantou a ideia na cabeça do Duncan, a ideia de que devia nomear alguém que pertencesse não à elite mas que fosse um homem que os habitantes da cidade considerassem ser igual a eles.

— O Lennox disse ao Duncan que ele me devia nomear chefe do Departamento do Crime Organizado?

— É claro que o que o Lennox disse foi o contrário. Que o Duncan não te podia escolher por não possuíres qualificações formais e seres demasiado popular. É assim que se manipulam cabeças-duras teimosas e com grandes egos.

— Disseste para o Lennox se atirar para dentro de um poço e ele atirou-se?

— Tal como o Lennox disse ao Duncan para *não* se atirar para dentro de um poço e ele atirou-se. — Ouviu-se uma gargalhada gorgolejante nas costas de Macbeth, como se estivessem a servir uísque. — Os labirintos da mente humana, Macbeth. Avenidas amplas, acima de tudo, fáceis de percorrer. Há já mais de dez anos que o Lennox é meu. Um trabalhador leal, o inspetor Lennox.

Macbeth tentou ver o reflexo do homem que se encontrava atrás dele, mas viu unicamente Strega, como se Hécate propriamente dito não projetasse nenhum reflexo. Mas estava ali parado, pois Macbeth ouviu-lhe a voz junto

ao ouvido:

— Mas quando eu digo para uma pessoa se atirar para dentro de um poço, é para se atirar mesmo.

— Hã?

— Mata o Duff.

Macbeth engoliu em seco.

— O Duff é meu amigo. Mas, provavelmente, já sabias isso.

— E o Banquo era como um pai para ti, mas isso não te deteve. Matar o Duff é uma necessidade, Macbeth. Além do mais, tenho um amigo melhor para ti. Chama-se poder.

— Não preciso de nenhum novo amigo.

— Ai precisas, sim. A poção põe-te instável e esquisito. Tens tido alucinações, não tens?

— Se calhar. Se calhar, isto é uma alucinação. O que é o poder?

— Um produto antigo e, ao mesmo tempo, novo. A poção é uma espécie de poder dos pobrezinhos. O poder é sete vezes mais forte e não te prejudica sequer metade. Aguça-te e reforça-te a mente. E é isso que estes tempos exigem.

— Prefiro a poção.

— O que tu preferes, Macbeth, é continuar a ser o comissário-chefe.

— E essa nova droga vai tornar-me dependente?

— Já te disse que era antiga. E o poder vai substituir tudo aquilo de que já te sentes dependente. Portanto, que te parece? O Duff *versus* poder?

Macbeth viu a cabeça de Lennox cair para a frente. E ouviu Strega sussurrar qualquer coisa nas costas dele. A irmã recostou Lennox na cadeira e dirigiu-se para o tanque.

— Dá-me isso.

— Desculpa?

Macbeth aclarou a garganta.

— Dá-me isso, disse eu.

— Dá-lhe as saquetas — ordenou Hécate.

Macbeth ouviu o *tap-tap* das pancadinhas a sumir-se progressivamente, ao mesmo tempo que lhe punham outra vez os óculos e o mundo em redor desaparecia.

DEZOITO

— Ela é linda, não é? — perguntou Lennox, acariciando-lhe as curvas.

— Não — respondeu Duff. — A *Bertha* pode ser muita coisa, mas linda é que não é.

Lennox riu-se e olhou para a mão, que estava agora coberta de fuligem.

— Toda a gente diz *Bertha*, mas o nome completo dela é *Bertha Birnam*. Batizada em honra de uma cozinheira de cabelos pretos que trabalhava nas obras do caminho de ferro. Foi a única funcionária que tiveram durante os anos que demorou a construir a linha daqui até Capitol.

— E como sabes isso?

— Porque o meu avô trabalhou na linha. Daqui até Capitol.

— Então o teu avô andou a malhar com um martelo de forja e a arrastar chulipas?

— Não, claro que não, ajudou a *financiar* o caminho de ferro.

— Isso já me parece mais provável — respondeu Duff, contemplando as luzes acolhedoras do Casino Inverness, na escuridão da tarde.

— É mesmo. Nós, os Lennox, somos no fundo banqueiros. Na verdade, sou uma espécie de ovelha negra. E quais são as tuas origens, Duff?

— O habitual.

— Polícia.

— Até perder de vista.

— Conheço uma data de gente aqui na cidade que se chama Duff, mas

ninguém que seja da polícia.

— Fiquei com o nome do meu avô materno quando me mudei para cá.

— E ele está…

— Morto. A seguir, veio o orfanato. E depois a academia da polícia.

— Se não és de cá, porque não foste para a academia da polícia em Capitol? É melhor, tal como o tempo e o ar.

— É aqui que estão os peixes graúdos. Os Norse Riders, o Hécate…

— Estou a ver. Tu querias mesmo o Departamento do Crime Organizado, não querias?

— Sim, provavelmente, até queria.

— Bom, continua disponível. E quando tivermos prendido o Macbeth pelo assassínio do Duncan, basta apontar para a unidade que quiseres. Vamos ser aclamados como os salvadores da cidade, Duff.

— Parece-te que sim? Achas mesmo que estas pessoas se importam? — Duff apontou com a cabeça para a praça, onde havia gente a apressar-se para desaparecer dali o mais depressa possível, procurando refúgio nas sombras.

— Eu percebo o que queres dizer, mas é um erro menosprezar a generalidade do povo desta cidade.

— Existem duas maneiras de lidar com um problema, Lennox. Resolvê-lo ou ignorá-lo. O Kenneth ensinou esta cidade a fazer a segunda coisa. Apatia em relação à corrupção e empurrar as responsabilidades pela comunidade para os outros. Vê-los a fugir, como baratas quando se acende a luz.

— Uma cidade desprezível, com habitantes desprezíveis, e, ainda assim, estás disposto a arriscar tudo?

Lennox observou Duff a abanar a cabeça.

— Meu Deus, Lennox, o que te faz pensar que isto seja pela *cidade*? A cidade. Isso é só uma expressão que eles usam quando querem ser eleitos para a câmara municipal ou tornar-se comissários-chefe. Diz-me o que descobriste desde a última vez que falámos.

— *Okay*. Falei com um juiz de Capitol…

— Não devíamos falar com *ninguém*!

— Tem calminha, Duff. Não lhe expliquei de que se tratava nem com quem tinha que ver, limitei-me a referir que dizia respeito a corrupção ao mais alto nível. O que interessa é que o tal juiz é de confiança. Vive noutro sítio e, por isso, está fora do alcance do Macbeth, do Sweno ou do Hécate. E como juiz de um tribunal federal, pode fazer a ligação com a polícia federal e, portanto, podemos saltar por cima do quartel-general e deduzir a acusação em Capitol, onde o Macbeth não pode puxar cordelinhos nenhuns. O juiz vem cá daqui a três dias e aceitou encontrar-se connosco em absoluto segredo.

— E como se chama?

— Jones.

Lennox viu que Duff estava a olhar fixamente para ele.

— Lars Jones — disse Lennox. — Passa-se alguma coisa?

— As tuas pupilas parecem as de um agarrado.

Lennox humedeceu a língua e riu-se.

— É o que acontece quando nascemos meio albinos. Ficamos com os olhos sensíveis à luz. E essa é uma das razões para a minha família preferir empregos dentro de portas.

Apesar do casaco, Duff sentiu um calafrio. E voltou a olhar para o Casino Inverness.

— Muito bem, três dias. E o que devemos fazer entretanto?

Lennox encolheu os ombros.

— Tentamos passar despercebidos. Não levantamos ondas. E… não me consigo lembrar de uma terceira forma de dizer a mesma coisa.

— Já estou a temer a próxima vez que vir o Macbeth.

— E porquê?

— Não sou nenhum ator.

— Nunca enganaste ninguém?

— Já, mas as pessoas apanham-me sempre.

Lennox olhou de soslaio para Duff.

— Ai é? Em casa?

Foi a vez de Duff encolher os ombros.

— Até o meu miúdo, que vai fazer nove daqui a uns dias, percebe quando o pai se põe com petas. E não há quem me conheça melhor do que o Macbeth.

— É mesmo estranho — respondeu Lennox — que duas pessoas que são tão diferentes tenham sido assim tão próximas.

— Vamos ter de continuar isto mais tarde — retorquiu Duff, olhando para oeste. — Se partir agora, chego a Fife ao pôr do sol.

Lennox pôs-se a olhar na mesma direção que Duff. E a pensar que ainda bem que a natureza tinha organizado tudo de modo que as chuvadas ocultassem sempre as que se lhes seguiriam, permitindo assim estar sempre otimista em relação a uma rápida melhoria do tempo.

— Tenho um pressentimento de que o pior já passou — revelou Macbeth, esticando-se para pegar no isqueiro que se encontrava na mesa de cabeceira e acender o cigarro. — A partir de agora, vai tudo melhorar, meu amor. Estamos outra vez onde devíamos estar. Esta cidade é nossa.

Lady pousou a mão no peito e sentiu o coração ainda a bater a mil debaixo do lençol de seda. E foi falando ao mesmo tempo que recuperava o fôlego:

— Querido, se o teu recém-adquirido entusiasmo serve de indicador para a tua força…

— Hum?

— … então somos imbatíveis. Tens consciência de como esta gente te adora? No casino, as pessoas falam de ti, dizem que és o salvador da cidade. E tens lido os jornais? Hoje, o editorial do *Times* dava a entender que te

devias candidatar às eleições autárquicas.

— Isso foi obra do teu amigo, o editor? — Macbeth fez um sorriso rasgado. — Porque lhe pediste?

— Não, não. O editorial não tinha que ver contigo. Era um artigo de opinião sobre o facto de o Tourtell não ter um verdadeiro rival e de ser reeleito apesar da falta de popularidade.

— Uma pessoa não se torna popular sendo lacaia do Kenneth.

— E, por isso, referiram o teu nome como o de alguém que teoricamente poderia desafiar o Tourtell. O que me dizes a isso?

— Candidatar-me a presidente da câmara? Eu? — Macbeth riu-se e coçou o antebraço. — Obrigado, mas não, obrigado. Já tenho um gabinete suficientemente grande e agora também já temos poder mais do que suficiente para fazer o que quisermos.

Raspou com a unha por cima do buraquinho na pele. Poder. Injetara-se com uma seringa e a publicidade à coisa não tinha sido nada enganosa.

— Tens razão, querido — retorquiu ela. — Mas reflete à mesma um pouco sobre isso. Quando a ideia amadurecer, se calhar vais ter uma opinião diferente, quem sabe? Ah, já agora, o Jack recebeu uma encomenda para ti hoje de manhã. Foi um motoqueiro que a entregou. Era pesada e vinha muito bem embalada.

Macbeth ficou à espera da sensação gelada nas veias, mas ela não chegou. Devia ser do efeito da nova droga.

— E onde a puseste?

— Na chapeleira, dentro do teu guarda-fatos — respondeu ela, apontando.

— Obrigado.

Macbeth fumou o cigarro lentamente e ouviu Lady a adormecer ao lado dele. Fitou a sólida porta castanha de carvalho do guarda-fatos. E, a seguir, deitou a cabeça na almofada e começou a soprar anéis de fumo na direção dos feixes de luar que entravam pela janela, vendo-os contorcerem-se e

menearem-se como uma dançarina do ventre árabe. Não tinha medo. Tinha a Força de Intervenção a protegê-lo, tinha Hécate a protegê-lo, e os deuses do destino a sorrirem-lhe. Levantou a cabeça e fitou novamente o guarda-fatos. Não saiu de lá um único som. Os fantasmas tinham-se eclipsado. E, lá fora, estava tudo completamente silencioso, nada tamborilava na janela. Pois o sol seguia-se de facto à chuva. O amor purgava-nos de facto do sangue da batalha. E o perdão seguia-se de facto ao pecado.

DEZANOVE

— Bom dia a todos — cumprimentou Macbeth, cruzando o olhar com o de toda a gente reunida à mesa. — Só que não se trata de um bom dia, mas do segundo desde que o Banquo morreu e a trigésima sexta hora em que o assassino dele anda por aí à solta e impune. Comecemos por um minuto de silêncio em honra do Banquo.

Duff fechou os olhos.

Não era vulgar ver Macbeth a entrar num sítio com uma expressão tão séria; costumava saudar cada dia e cada pessoa com um sorriso, fizesse chuva ou sol, independentemente de a conhecer ou não. Como quando se tinham conhecido no orfanato. Com certeza que terá olhado para Duff, para a roupa e para o cabelo dele, e visto como os dois eram diferentes, mas tinha sorrido como se partilhassem ambos algo mais profundo do que tais preocupações externas, algo que os unia, que os tornava irmãos secretos. Talvez fizesse toda a gente sentir-se assim, com aquele sorriso incondicional e radioso. Transmitia a crença ingénua de que as pessoas à volta dele desejavam o melhor umas às outras e, já mesmo nessa época, fazia Duff sentir-se um cínico frio. E o que Duff não teria dado por um sorriso que se pudesse alastrar a quem se encontrasse em redor.

— Duff? — Alguém tinha murmurado o nome dele. Virou-se e fitou os olhos verde-claros de Caithness. Ela apontou com a cabeça para a ponta da mesa de reuniões, onde Macbeth estava a olhar para ele.

— Perguntei-te se podíamos ter um ponto de situação da investigação, Duff.

Duff endireitou-se na cadeira, tossiu e corou, apercebendo-se disso mesmo. E depois começou. Falou das testemunhas que tinham visto membros dos Norse Riders e — tendo em conta os logótipos nos casacos de couro — de outro clube de motoqueiros disparar contra um *Volvo* à entrada da joalharia, a Jacobs & Sons. Falou do casaco e da carteira de Fleance, que tinham sido encontrados junto à margem do rio, por baixo da Ponte Kenneth, e ainda não havia sinal do corpo. Caithness apresentara um relato pormenorizado das provas forenses, que apenas confirmavam o que já sabiam — que o gangue de Sweno tinha assassinado Banquo e, possivelmente, Fleance.

— Há indícios que sugerem que o próprio Sweno esteve presente na execução — afirmou Duff. — A ponta de uma cigarrilha fina no alcatrão, ao pé do carro.

— Há imensa gente que fuma cigarrilhas — observou Lennox.

— Mas não *Davidoff Long Panatellas* — respondeu Duff.

— Tu *sabes* a marca que o Sweno fuma? — retorquiu Lennox, levantando o sobrolho.

Duff ficou calado.

— Não podemos permitir isto — disse Macbeth. — A cidade não pode permitir que nós o permitamos. Matar um polícia é atacar a própria cidade. Para que, amanhã, os chefes de unidade sentados nesta sala possuam a confiança da cidade, alguma coisa tem de acontecer já hoje. Por esse motivo, não nos podemos dar ao luxo de hesitar, temos de agir com toda a força que possuímos, mesmo correndo o risco de que haja polícias a perder a vida. Estamos em guerra e, portanto, temos de recorrer à retórica da guerra. Que, conforme sabem, não consiste em palavras, mas em balas. E à luz disso mesmo, nomeei um novo chefe para a Força de Intervenção e atribuí a esta

poderes alargados no que se refere ao uso de armas e também no que diz respeito às ordens com vista a combater o crime organizado.

— Peço desculpa — interveio Lennox. — E que ordens são essas?

— Vão perceber não tarda muito. Estão neste preciso momento a ser buriladas.

— E quem as está a escrever? — perguntou Caithness.

— O agente Seyton — esclareceu Macbeth —, o novo chefe da Força de Intervenção.

— Ele está a escrever as próprias ordens a que tem de obedecer? — retorquiu Caithness. — Sem nós…

— É tempo de agir — interrompeu Macbeth. — E não de estar a polir formulações de ordens. Vão perceber o resultado não tarda muito e estou confiante de que ficarão tão satisfeitos como eu. E o resto da cidade.

— Mas…

— Naturalmente, vão poder fazer comentários a essas ordens quando elas estiverem disponíveis. A reunião está encerrada. Vamos lá ao trabalho, minha gente! — E lá estava ele. O sorriso. — Duff, posso dar-te uma palavrinha?

As cadeiras arrastaram-se com hesitação.

— Também podes ir, Priscilla — disse Macbeth. — E, por favor, fecha a porta ao saíres. Obrigado.

A sala esvaziou-se. E Duff preparou-se.

— Vem cá. Senta-te mais perto de mim — disse Macbeth.

Duff levantou-se e passou para a cadeira ao lado dele. Tentou mostrar-se descontraído, respirar devagar e evitar retesar involuntariamente os músculos faciais. Ciente de que se encontrava a dois passos do homem que tinha matado Duncan.

— Tenho andado a pensar em perguntar-te uma coisa — disse Macbeth. — E quero que sejas absolutamente sincero.

Duff sentiu um aperto na garganta e o coração a disparar.

— Quero oferecer a outra pessoa o cargo de chefe do Departamento do Crime Organizado. Eu sei que a tua primeira reação será de desilusão…

Duff assentiu, com a boca tão seca que não sabia ao certo se a voz lhe iria obedecer.

— … mas só porque quero que sejas o meu adjunto. Que te parece?

Duff aclarou a garganta.

— Obrigado — disse com rouquidão.

— Estás bem, Duff? — Macbeth pôs uma expressão de preocupação e a mão no ombro de Duff. — Ou estás só um nadinha de nada desapontado? Eu sei que querias muito o Departamento do Crime Organizado e compreendo que preferisses um cargo operacional a ter de ajudar um trapalhão como eu a orientar-se — Exibiu o célebre sorriso branco, e Duff fez todos os possíveis para tentar responder.

— És meu amigo, Duff, e quero ter-te por perto. Como é aquele provérbio?

Duff tossiu.

— Qual provérbio?

— Os provérbios são a tua especialidade, Duff, mas deixa estar. Se insistes mesmo em ficar com o Departamento do Crime Organizado, vou pensar mais um bocado. Ainda não disse nada ao Lennox. Estás mesmo com um aspeto tenebroso. Queres que te vá buscar um copo de água?

— Não, obrigado, estou ótimo. Estou só um pouquinho exausto. Mal dormi antes da rusga e já não prego olho desde o homicídio do Duncan.

— Só um *pouquinho* exausto?

Duff matutou. E abanou a cabeça.

— Não, por acaso, até andava a pensar se não poderia ter os próximos dois dias de folga. Eu sei que estamos a meio de uma investigação, mas a Caithness pode…

— Claro, claro, Duff. Não vale a pena estar a puxar por um cavalo até ele

cair morto só porque o cavaleiro está cheio de pressa. Volta para Fife e para a tua casa. Dá cumprimentos meus à Meredith e diz-lhe que tens de ficar pelo menos dois dias na cama. E essas são as ordens, acredites ou não, do comissário-chefe.

— Obrigado.

— Aviso-te de que vou aparecer lá em Fife para verificar se estás a descansar.

— *Okay*.

— E depois voltas daqui a três dias, com uma resposta em relação ao cargo de adjunto.

— Combinado.

Duff foi direto para a casa de banho e vomitou no lavatório.

Tinha a camisa encharcada de suor e foi apenas uma hora mais tarde, enquanto estava a atravessar finalmente a ponte velha, que a pulsação regressou ao normal.

Lady percorreu o restaurante e a sala de jogo. Contou nove clientes. Tentou convencer-se de que o período logo a seguir ao almoço era o mais parado do dia. Foi ter com Jack à receção.

— Hoje já apareceu algum cliente novo?

— Ainda não, minha senhora.

— Ainda não? E vai aparecer algum até ao fim do dia?

Ele sorriu, como que pedindo desculpa.

— Que eu saiba, não.

— E foste dar um pulo ao Obelisco, como eu te pedi?

— Claro que sim, minha senhora.

— E lá estava tudo…

— Parado, diria eu.

— Estás a mentir, Jack.

— Estou, minha senhora.

Lady não pôde deixar de rir.

— Jack, és sempre um consolo para mim. Achas que é por causa dos assassínios que houve aqui?

— Se calhar. Mas houve alguém que ligou a pedir especificamente para ficar no quarto em que o Duncan morreu. Em último caso, no dos guarda-costas.

— As pessoas são doentes da cabeça. Por falar em pessoas doentes, gostava que investigasses um bocadinho aquele rapaz com quem o Tourtell veio. Descobre a idade dele.

— Quer dizer que a senhora acha…?

— Para bem do rapaz, esperemos que já tenha mais do que dezasseis. E, para nosso bem, que tenha menos.

— Há alguma razão especial para obter essa informação, minha senhora?

— É só para armazenar munições, caso venham a ser necessárias, Jack. É o presidente da câmara que nomeia o comissário-chefe e, ainda que por norma o presidente siga a hierarquia, neste caso, o seguro morreu de velho, não é assim?

— Mais nada?

— Bom, gostávamos de ver o Tourtell a pressionar mais a Comissão de Jogo e Casinos no sentido de escrutinar as práticas empresariais do Obelisco, claro. Tenho sido paciente e já tentei fazer as coisas a bem, mas se isso não produzir resultados depressa, vamos ter de tomar medidas mais drásticas.

— Vou ver o que consigo descobrir.

— Jack?

— Sim, minha senhora?

— Tenho tido episódios de sonambulismo nos últimos tempos?

— Nos meus turnos, não, minha senhora.

— Estás outra vez a mentir?

— É possível que ontem à noite tenha dado um salto aqui à receção, mas não percebi bem se estava a dormir ou não.

Ela riu-se.

— Jack, Jack, se ao menos toda a gente fosse assim tão boa como tu. Eu já desconfiava. Quando acordei, tinha a chave na fechadura, mas do lado de fora.

— Anda preocupada com alguma coisa em concreto? Só fica sonâmbula quando alguma coisa a está a incomodar.

— E há mais alguma coisa a não ser preocupações? — suspirou Lady.

— E sonhos? Anda a ter o mesmo sonho repetidamente?

— Já te expliquei, Jack. Não é um sonho, é uma recordação.

— Peço desculpa, mas a senhora não pode *saber* isso. Não pode saber ao certo que a coisa aconteceu mesmo assim se vê isso todas as noites. Nesse caso, o sonho passa a ser uma recordação. Tanto quanto sabe, a criança morreu de causas naturais.

— O eterno consolador. Mas eu não preciso de consolo. Não preciso de me esquecer. Bem pelo contrário, preciso de me *lembrar*. De me lembrar do que abdiquei para chegar onde cheguei, para, todas as manhãs sem exceção, atribuir um preço à minha vida sem filhos quando acordo entre lençóis de seda, ao lado de um homem com quem escolhi passar a noite, podendo descer até ao meu domínio, até à vida que criei para mim própria. Onde sou respeitada pelo que sou, Jack.

— Ninguém é respeitado pelo que se é, minha senhora. Somos respeitados por aquilo que podemos fazer. Sobretudo, se houver alguma coisa que pudermos fazer *em benefício* da pessoa de quem queremos respeito…

— És demasiado inteligente para ser rececionista, Jack.

— … e, infelizmente, é por isso que a sabedoria de um rececionista não lhe granjeia grande respeito. Trata-se de um observador inofensivo, um eunuco e, de vez em quando, um consolo para os que são respeitados.

— Ainda bem que nunca tiveste filhos, Jack. És a única pessoa a quem posso dizer que descurei a minha bebé sem que isso provoque a repulsa indignada de um pai. És um homem inteligente e tolerante que prefere compreender a condenar.

— E o que há para condenar? Uma rapariga que cresce num contexto de pobreza, é violada aos treze anos, fica grávida e, abandonada e sem teto, dá à luz uma criança que não consegue manter viva?

— E se eu não me esforcei o suficiente?

— E se tivesse sido a senhora a morrer, é isso que quer dizer? A senhora tinha treze anos, não era adulta, mas tinha cabeça. Acha que o seu futuro deveria ter sido sacrificado por uma bebé recém-nascida, uma semente que ainda não tem noção de estar viva, que ainda não sente desejos ardentes, culpa, vergonha, amor verdadeiro, que, na verdade, ainda não é realmente um ser humano, mas um fardo para uma rapariga que a vida já castigou mais do que o suficiente? O facto de essa rapariga de treze anos não ter sido capaz de vos manter vivas às duas, mas ter conseguido sobreviver, só pode ser considerado uma bênção disfarçada. Porque veja só o que ela alcançou depois. Montou um pequeno bordel. E, a seguir, um bordel maior e mais luxuoso, que satisfazia as necessidades de toda a gente, do comissário da polícia aos políticos mais importantes da cidade. Vendeu-o e abriu o melhor casino da cidade. E agora… magia!… é a rainha da cidade.

Lady abanou a cabeça.

— Isso já é um bocado exagerado, Jack. Romancear os meus motivos e conceder-me perdão pelas minhas faltas. O que é um casino, o que são os sonhos de idiotas comparados com a vida de uma criança de carne e osso? Se eu tivesse exigido menos da minha vida, talvez tivesse sido capaz de salvar a dela.

— E exigiu realmente assim tanto?

— Exigi a aceitação dos outros. Não, mais do que isso: o respeito. Sim, e

o amor. Isso são dádivas que não são concedidas a todos, mas eu exigi fazer parte desse clube restrito. E o preço é ter de perder a minha filha uma e outra vez, noite após noite.

Jack assentiu.

— E se a senhora pudesse voltar a escolher?

Lady olhou para ele.

— Talvez sejamos todos, bons ou maus, meros escravos dos nossos desejos, Jack. Acreditas nisso?

— Não sei, minha senhora, mas, falando de escravos de desejos, amanhã vou investigar esse tal rapaz do Tourtell.

Macbeth saiu do elevador na cave e ficou alguns segundos parado a inalar o cheiro a couro, óleo para pistola e suor masculino. Olhou para o lema da Força de Intervenção, sob um dragão vermelho que cuspia fogo pelas narinas: LEALDADE, FRATERNIDADE, BATIZADOS PELO FOGO, UNIDOS PELO SANGUE. Meu Deus, parecia que tinha passado uma pequena eternidade desde então.

Atravessou a porta e entrou na sala de convívio da Força de Intervenção.

— Olafson! Angus! Ei, mas o que é isto? Sentem-se, não se ponham a pular como se fossem um par de recrutas. Onde está o Seyton?

— Ali dentro — respondeu Angus, naquele tom melífluo parecido com o de um padre. — É uma tristeza o que aconteceu ao Banquo. Os rapazes estão a juntar dinheiro para uma coroa de flores, mas o senhor provavelmente já não é…

— Um dos rapazes? Claro que sou. — Macbeth puxou da carteira. — Pensava que estavas de baixa, Olafson. Onde está a charpa para segurar o braço?

— Despachei-a. — O ceceio de Olafson fazia-o parecer espanhol. — O médico julgou que eu tinha destruído todos os tendões do ombro e que nunca mais ia conseguir disparar. Mas depois o Seyton deu-lhe uma olhadela e, de

repente, ficou outra vez ótimo.

— Ora aí tens. Não confies em médicos. — Macbeth entregou a Olafson um maço de notas.

— Isso é demasiado.

— Fiquem com isso.

— Até chega para um caixão.

— Fiquem com isso!

Macbeth entrou no seu antigo gabinete. Que não era verdadeiramente um gabinete mas uma oficina, com peças de pistolas e munições nas prateleiras e bancadas, onde a máquina de escrever tinha sido transferida, por estrear, para uma cadeira.

— E então? — perguntou Macbeth.

— Os rapazes já foram informados — respondeu Seyton, sentado com um manual de instruções volumoso à frente dele. — E estão prontos.

— E as nossas duas meninas *Gatling*? — Macbeth apontou com a cabeça para o manual.

— As metralhadoras chegam amanhã de manhã, por volta das oito. Presumo que tenhas falado com o capitão do porto para que o barco pudesse saltar para a frente da fila, não?

— Não podíamos permitir que as meninas chegassem atrasadas à festa. E amanhã ainda vamos ter outro servicinho para a rapaziada.

— Muito bem. Onde?

— Em Fife.

VINTE

Quinta-feira de manhã. O sol inundava Fife.

Duff estava a nadar.

Braçadas vigorosas e musculosas, abrindo caminho pela água fria e pesada.

Desde há muito que preferia a água salgada do rio, sentia-se mais leve a nadar nela. O que, na verdade, até era estranho, pois tinha aprendido que era mais fácil boiar na água salgada, o que só podia querer dizer que possuía maior densidade, o que, por seu turno, só podia querer dizer que era mais pesada do que a água doce. Fosse como fosse, até há pouco tempo, tinha preferido o rio, que, além de ser gelado, estava tão poluído que ele se sentia sujo sempre que de lá saía. Mas agora sentia-se lavado. Tinha-se levantado cedo, fizera os exercícios no chão de madeira frio junto à cama do quarto de hóspedes, preparara o pequeno-almoço para a família, cantara uma cançãozinha de parabéns a Ewan, levara as crianças à escola de carro e, mais tarde, percorrera a pé com Meredith o quilómetro, mais coisa menos coisa, até ao lago. Ela tinha-lhe falado da quantidade de maçãs que havia nas árvores naquele Outono, da primeira carta de amor que a filha deles tinha recebido — embora Meredith se sentisse secretamente desiludida por ser de um rapaz três anos mais novo do que a filha — e da guitarra que Emily queria para o décimo segundo aniversário. Ewan tinha andado à luta no recreio da escola e trouxera um bilhete para os pais. Tinha concordado com a

mãe quando esta lhe disse que teria de ser ele a contar ao pai, mas que isso podia ficar para depois da festa de aniversário que iria ter naquele dia — haveria tempo de sobra. Duff perguntou se adiar esse momento tenebroso não implicaria que Ewan o ficasse a recear durante um período de tempo desnecessariamente longo.

— Não sei o que ele mais faz — Meredith sorriu. — Desejar uma coisa ou receá-la. O rapaz com quem ele andou à luta ontem é do ano a seguir ao dele e o Ewan disse que foi o rapaz que bateu no pequeno Peter primeiro.

— Em quem?

— No melhor amigo do Ewan.

— Ah, esse — mentiu Duff.

— O Ewan disse que estava arrependido mas que tivera de defender o amigo; o pai teria feito o mesmo. Por isso, está com muita vontade de ouvir o que tens para lhe dizer.

— Então vou ter de ser equilibrado. Censurar o comportamento dele, mas louvar-lhe a coragem. Dizer qualquer coisa sobre tomar a iniciativa para compor as coisas em vez de andar a guerrear. Reconciliação, certo?

— Seria bom, sim.

E enquanto ele e Meredith deslizavam pela água, Duff decidiu naquele preciso instante que nunca mais nadaria noutro lado a não ser no laguinho deles em Fife.

— Ali está ela — disse Meredith a arfar atrás dele.

Duff virou-se de costas para a poder observar enquanto boiava, mexendo as mãos e batendo com os pés. O corpo dele estava pálido, com uma coloração esverdeada debaixo da água, ao passo que o dela, mesmo com aquela luz, revelava tons castanho-dourados. Ele passava demasiado tempo na cidade; tinha de apanhar mais sol.

Ela ultrapassou-o e saiu do lago, subindo para uma grande rocha alisada pela água.

Não era uma rocha qualquer. Era a rocha deles. A rocha onde a filha fora concebida, num dia de verão, onze anos antes. Tinham vindo para Fife para fugir da cidade e descobriram aquele lago quase por acaso. Pararam porque viram uma pequena quinta abandonada que Meredith achou encantadora. E foi de lá que viram a água a reluzir, caminhando entre dez a quinze minutos até descobrir o lago. E embora as outras únicas criaturas à beira do lago fossem duas vacas, tinham nadado até àquela rocha escondida, onde era pouco provável que alguém os visse. Passado um mês, Meredith anunciara-lhe que estava grávida e, em plena euforia, regressaram lá para comprar a casa a meio caminho entre o lago e a estrada principal e, após o segundo filho, Ewan, ter nascido, o terreno junto ao lago onde se encontrava atualmente a cabana.

Duff trepou para a rocha e sentou-se ao lado de Meredith. De onde se encontravam, tinham uma vista desimpedida até à cabana vermelha.

Duff deitou-se de costas na rocha aquecida pelo sol. Fechou os olhos e sentiu ondas de prazer a percorrerem-lhe o corpo. Às vezes, valia a pena apanhar frio para desfrutar depois quando se aquecia, pensou.

— Agora voltaste para casa, Duff?

Quando se perde uma coisa e se a redescobre, o prazer é maior do que antes de a perder.

— Sim — respondeu.

A sombra dela cobriu-o.

E, quando se beijaram, ele interrogou-se por que razão achava naquele momento — e não antes — que os lábios de uma mulher molhados de água doce sabiam melhor do que molhados de água salgada, acabando por concluir que teria de ser, a certa altura, o nosso próprio corpo a dizer-nos que a água doce se podia beber, ao contrário da água salgada.

Mais tarde, entrelaçados um no outro e suados do sol e de terem feito amor, disse-lhe que tinha de ir à cidade.

— Certo. O caldo de carne é à hora do costume.

— Volto bem antes disso. Só tenho de ir buscar o presente do Ewan. Está na gaveta da secretária do meu gabinete.

— Ele quis o disfarce de polícia infiltrado, não foi?

— Foi, e há mais outra coisa que tenho de resolver o mais depressa possível.

Ela passou-lhe um dedo pela testa e pelo nariz.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim e não. Já devia ter resolvido isso há séculos.

— Nesse caso — o dedo dela, que o conhecia tão bem, acariciou-lhe os lábios —, faz o que achas que tens de fazer. Eu espero por ti aqui.

Duff apoiou-se nos cotovelos e olhou para ela.

— Meredith.

— Sim?

— Amo-te.

— Eu sei, Duff. Só te esqueceste disso durante uns tempos.

Duff sorriu. Beijou-lhe outra vez os lábios de água doce e levantou-se. Estava prestes a mergulhar e, a seguir, deteve-se.

— Meredith?

— Sim?

— O Ewan disse quem ganhou a luta?

— O comissário-chefe disse porque temos de os levar de carro até ao clube? — perguntou o motorista.

O guarda prisional olhou para o molho de chaves, à procura da que correspondia à cela seguinte.

— Não há provas suficientes para os manter detidos.

— Não há provas suficientes? Raios partam, a cidade inteira *sabe* que foram os Norse Riders que recolheram a droga no cais. E também *sabe* que

foram os Norse Riders que mataram o polícia e o filho. Mas eu não te perguntei porque os iam libertar. Já estou habituado a essas tretas. Queria era saber porque não os deixam ir e pronto. Quando conduzo prisioneiros, é normalmente para os levar de uma prisão para outra e não para servir dum raio de táxi para não terem de ir a pé para casa.

— Não faço a mínima ideia — respondeu o guarda, destrancando a porta da cela. — Ei, Sean! Salta da cama para voltares para a tua patroa e filha!

— Salve, Macbeth! — ouviu-se um grito do interior da cela.

O guarda abanou a cabeça e voltou-se para o motorista.

— É melhor ires com o autocarro até à saída e reunimo-nos lá. Vais levar contigo dois agentes armados.

— Porquê? Esta rapaziada não está a ser libertada?

— O comissário-chefe quer ter a certeza de que chegam ao destino sem problemas.

— E também lhes posso algemar as pernas?

— Segundo as regras, não, mas faz como preferires. Ei! Aperta os atacadores. Não temos o dia todo.

— Então é mesmo a sério? Estamos de volta aos bons tempos, como na altura do Kenneth?

— Eh, eh. Ainda é um bocadinho cedo para ter a certeza, mas dizem que o Macbeth está a ir no bom caminho.

— O problema dele são os homicídios por resolver dos polícias. Se não tratamos das coisas em três tempos, dão-nos logo um chuto no cu.

— Se calhar. O Kite anunciou hoje na rádio que o Macbeth é uma catástrofe.

Repetiu «catástrofe» exagerando o erre enrolado, e o motorista riu-se. E estremeceu quando viu a tatuagem na testa do prisioneiro que saiu da cela.

— Transporte de gado — murmurou enquanto o guarda empurrava o prisioneiro na direção necessária.

Duff passou pelo gabinete, enfiou o embrulho para Ewan dentro do casaco e saiu de lá a correr. No segundo andar, informaram-no do Departamento Forense de que Caithness se encontrava na câmara escura da garagem. Desceu no elevador e entrou na garagem. A determinada altura, quando Caithness dividia um apartamento com uma amiga, Duff tinha convencido o segurança de que, como chefe da Unidade de Narcóticos, daria jeito que ele tivesse a chave da garagem, onde o Departamento Forense possuía uma carreira de tiro para análises balísticas, um laboratório de análise química, uma câmara escura para a revelação de fotografias de cenas de crime e um espaço amplo no interior da garagem, que dava para a rua e onde se podiam guardar os objetos de maiores dimensões, como carros, que tinham de ser analisados para procurar provas. A seguir ao trabalho, praticamente ninguém fazia horas extraordinárias naquela cave fria e húmida; toda a gente subia para os gabinetes do segundo andar. Ao longo de um ano, Duff e Caithness tinham mantido encontros regulares pós-laborais na cave, além do encontro semanal à hora de almoço no quarto 323, utilizando o nome Mittbaum, no Grand Hotel. Depois de Caithness adquirir as suas águas-furtadas, Duff, por mais estranho que pareça, tivera saudades daqueles encontros secretos apressados.

E ao abrir a porta e sentir o impacte do ar agreste, pensou que deviam ter estado muito apaixonados. No meio da garagem, encontrava-se o *Volvo* de Banquo, cravado de balas. Estava tapado com uma lona, presumivelmente por a porta do lado do passageiro ter sido arrancada e eles quererem proteger eventuais provas presentes no carro das ratazanas que deambulavam pela cave à noite. Duff parou à entrada da câmara escura e respirou fundo. A decisão estava tomada. Agora, faltava apenas fazer a coisa. A coisa. Fez força no puxador e embrenhou-se na escuridão. Fechou a porta. E ficou a inalar o cheiro a amoníaco do líquido fixador, aguardando que as pupilas se expandissem.

— Duff? — Ouviu uma voz vinda da escuridão. A mesma voz amigável e ligeiramente hesitante que o despertara na manhã anterior, em plena sala de reuniões. E a mesma voz amigável e ligeiramente hesitante que o tinha despertado em tantas outras manhãs, nas águas-furtadas dela. A voz amigável e hesitante que ele não voltaria a ouvir, pelo menos, daquela maneira, e não ali.

— Caithness, nós não podemos…

— Roy — disse ela —, podes deixar-nos a sós por uns momentos?

Os olhos de Duff habituaram-se à escuridão a tempo de ver o fotógrafo forense a ir-se embora.

— Já viste isto? — perguntou Caithness, apontando uma luz vermelha para as três fotografias acabadas de revelar e penduradas, ainda a pingar, numa corda.

Uma mostrava o carro de Banquo. A segunda, o corpo decapitado de Banquo, jazendo no alcatrão junto ao carro. E a terceira era um grande plano da pele do pescoço de Banquo no sítio onde tinha sido cortado. Apontou para esta última.

— Achamos que foi uma grande lâmina a fazer este corte, como a do sabre que disseste que o Sweno tem.

— Estou a ver — retorquiu Duff, fitando a foto.

— E encontrámos vestígios de sangue diferente na coluna. Não te parece interessante?

— O que queres dizer?

— É óbvio que o Sweno, ou seja lá quem for, não se tem dado muito ao trabalho de limpar o sabre, por isso, quando o sabre cortou a coluna aqui — explicou ela, apontando —, fez com que saísse da lâmina sangue velho e ressequido. Se conseguirmos determinar a que grupo sanguíneo pertence, é capaz de nos poder ajudar noutros casos de homicídio.

Aquilo tudo estava quase a dar a volta ao estômago de Duff, que se

agarrou com força à bancada.

— Ainda te sentes maldisposto? — perguntou Caithness.

Duff respirou fundo várias vezes.

— Sim. Não. Tive só de me ir embora. Temos de falar.

— De quê?

Percebeu pela voz que ela já sabia. Provavelmente, já sabia desde que ele tinha irrompido por ali dentro; a conversa sobre as fotografias tinha sido uma espécie de reação de pânico.

— De nos encontrarmos — respondeu ele. — Já não vai funcionar mais.

Tentou ver a cara dela, mas estava demasiado escuro.

— E é só isso que temos feito? — retorquiu ela. Estava com uma voz chorosa. — Encontrarmo-nos?

— Não — respondeu ele. — Não, claro que tens razão, foram mais do que encontros. O que é mais uma razão para pararmos com isso.

— Queres parar, acabar comigo, aqui, no trabalho?

— Caithness…

O riso amargo dela interrompeu-o.

— Bem, mas que apropriado. Uma relação que se passou na obscuridade termina numa câmara escura.

— Desculpa. É por uma questão de consideração por…

— Por ti. Por ti, Duff. Não é pelas crianças, nem pela família, é por ti. És a pessoa mais egoísta que já conheci, por isso, não me tentes convencer de que é por uma questão de consideração por outra pessoa que não tu.

— Como queiras. É por uma questão de consideração por mim.

— E *qual é* a consideração que te leva a acabar comigo, Duff? Haverá por aí alguma rapariga ainda mais nova, ainda mais ingénua, que saibas que não te vai andar a chatear a pedir para te comprometeres, para sacrificares o que quer que seja? Pelo menos, *por enquanto*.

— Ajuda alguma coisa se eu disser que só estou a pensar no bem-estar

pessoal e egoísta que espero sentir quando imagino que estou a fazer o que é correto para as pessoas para quem tenho obrigações? Que estou a acabar contigo por ter um medo de morte de não fazer parte das almas que serão salvas no Dia do Juízo Final?

— E achas que vais fazer?

— Não. Mas já tomei a decisão, Caithness, portanto diz-me só como queres que arranque o dente, devagarinho ou de uma só vez?

— E porque havia o tormento de parar agora? Vai ter ao meu apartamento às quatro.

— E para quê?

— Para me ouvires chorar, praguejar e implorar. Não posso fazer isso aqui.

— Já prometi que comia com a minha família às cinco.

— Se não apareceres, em primeiro lugar, atiro as tuas coisas todas para o meio da rua e depois ligo à tua mulher para lhe contar das tuas escapadelas…

— Ela já sabe, Caithness.

— … e aos teus sogros. Conto-lhes como enganaste a filha e os netos deles.

Duff engoliu em seco.

— Caithness…

— Às quatro em ponto. Se te portares bem e me ouvires, chegas a tempo à tua maldita refeição.

— *Okay*, *okay*, eu apareço. Mas não julgues que isto vai mudar seja o que for.

O fotógrafo forense estava encostado à porta da garagem a fumar quando Duff saiu da câmara escura.

— Horrível, não é? — perguntou ele.

— Desculpe?

— Cortarem a cabeça dele daquela maneira.

— Não há assassínio que não seja horrível — respondeu Duff, dirigindo-se para a saída.

Lady estava no quarto, parada diante da porta do guarda-fatos de Macbeth. A ouvir o barulho de ratazanas molhadas a correr pelo chão de madeira. Disse a si mesma que esses barulhos não passavam da imaginação dela; o chão tinha uma alcatifa bem espessa. Barulhos que eram imaginação dela. Não tardaria muito a transformarem-se em vozes. As vozes de que a mãe falava e que não a deixavam em paz, as mesmas vozes que a mãe da mãe já ouvia — dos antepassados a falar, a ordenar-lhes que tivessem episódios de sonambulismo durante a noite, que se projetassem para a morte. Tinha ficado com tanto medo ao ver Macbeth a alucinar à mesa ao jantar. Teria infetado o único e verdadeiro amor dela com aquela doença?

Há já bastante tempo que andava a imaginar as patinhas de ratazana a correr, não parecendo quererem desaparecer.

A única coisa que podia fazer era apressar-se também. Para longe dos barulhos, para longe da imaginação dela.

Abriu a porta do guarda-fatos.

E, a seguir, a gaveta por baixo da prateleira. Lá dentro, estava uma saqueta com pó. O escape de Macbeth. Resultaria? Escaparia se fosse para o mesmo sítio para onde ele ia? Não lhe parecia. Fechou a gaveta.

Olhou para a chapeleira. Para a encomenda que tinham entregado a Jack. Estava embrulhada em papel, atada com cordel e com um plástico transparente por cima. Era apenas uma encomenda. E, contudo, era como se estivesse a fitá-la ali de cima.

Voltou a abrir a gaveta e tirou de lá a saqueta. Salpicou um pouquinho de pó em cima da mesa, defronte do espelho, enrolou uma nota e — sem saber ao certo como se fazia aquilo — enfiou uma ponta numa narina, segurando a outra sobre o pó e inspirando, meio com o nariz, meio com a boca. Como isso

não funcionou, e após mais algumas tentativas, dispôs o pó numa linha, introduziu a nota na narina e inalou com força, ao mesmo tempo que ia passando a nota pela linha, aspirando-a. Sentou-se um bocado, a examinar-se ao espelho. O barulho das ratazanas a correr desapareceu. A seguir, foi para a cama e deitou-se.

— Aí vêm eles! — gritou o sargento.

Estava ao portão dos Norse Riders, a observar o autocarro amarelo da prisão a aproximar-se na estrada. Eram três e meia, mesmo a horas. Olhou de relance para os que se tinham juntado à entrada do clube, sob a chuva miudinha. Todos os membros do clube tinham o dever de dar as boas-vindas aos feridos que tinham sido obrigados a deixar com a polícia naquela noite. As mulheres também apareceram — as raparigas com namorados entre os prisioneiros libertados e as que não se regiam por um regime de exclusividade. O sargento sorriu para o bebé que ria ao colo de Betty; Betty estava à procura do seu Sean. Até os primos do sul tinham resolvido juntar-se outra vez a eles para aquela festa, que prometia ser lendária. Sweno dera ordens para que houvesse álcool e drogas em doses suficientes para animar uma aldeia inteira, já que estavam a comemorar mais do que a simples libertação dos companheiros. Os Norse Riders tinham vingado as perdas sofridas ao eliminar Banquo e — ainda mais importante — ganharam uma nova e milionária aliança. Conforme Sweno dissera, ao aparecer em pessoa no clube para encomendar uma execução, Macbeth vendera a alma ao diabo, e não havia direito de cancelamento nisso. Agora, tinham-no no bolso tanto quanto Macbeth os tinha a eles.

O sargento avançou até à rua e fez sinal ao autocarro para parar junto ao portão. Só os membros com identificação cem por cento positiva podiam entrar no clube, era a nova regra.

E foi então que os homens saíram em grupo do autocarro, ao mesmo

tempo que alguém aumentou o volume da aparelhagem no interior do clube. «Let's Spend the Night Together.» Alguns foram a andar e outros dançaram até ao portão, onde foram recebidos com aplausos e punhos erguidos pelos companheiros e com abraços e beijos molhados pelas mulheres.

— Isto é divertido — gritou o sargento —, mas a bebida está lá dentro.

Berros e gargalhadas. Entraram. Mas o sargento ficou à porta, sondando uma vez mais as proximidades. O autocarro a começar a afastar-se pela estrada fora. Chang, a quem se tinham juntado outros dois homens, a guardar o portão. As fábricas vazias à volta, que tinham inspecionado para garantir que não havia ninguém a vigiar o clube. O céu a oeste, onde até parecia que um bocadinho de azul vinha a caminho. Agora, talvez ele já pudesse descontrair um pouco. Talvez Sweno tivesse razão: talvez estivessem mesmo a chegar melhores tempos para eles.

O sargento entrou, recusou uma bebida espirituosa e levou uma caneca de cerveja à boca. Com ou sem festa, era um momento crucial. Olhou em redor. Sean e Betty estavam na marmelada a um canto, com o bebé comprimido no meio deles, e o sargento achou que seria uma maneira bizarra de acabar com uma jovem vida. Mas, raios, havia imensas coisas bem piores do que ser sufocado por puro amor.

— Norse Riders! — vociferou.

A música baixou de volume e as conversas esmoreceram.

— Estamos perante um dia de felicidade. E um dia de tristeza. Não nos esquecemos dos que caíram. Mas há uma altura para chorar e uma altura para rir, e hoje é tempo de festa. Saúde!

Vivas e copos no ar. O sargento deu um gole gigantesco e limpou a espuma da barba.

— E estamos perante um recomeço — prosseguiu.

— Do discurso? — berrou Sean, e toda a gente se riu.

— Perdemos alguns homens; e eles perderam outros tantos — afirmou o

sargento. — As drogas vindas da Rússia já são águas passadas. — Ninguém se riu. — Mas conforme me disse hoje um homem cujo nome vocês conhecem todos, «Com este maluquinho como comissário-chefe, estão a chegar melhores tempos para nós».

Mais vivas. O sargento achou que ainda podia continuar a falar durante mais algum tempo, dizer umas quantas coisas sobre o clube, sobre camaradagem e sacrifício. Mas já tinha ocupado demasiado tempo e espaço. O sargento era o único que sabia que, naquele preciso momento, Sweno se encontrava algures à espera nos bastidores. Estava na hora da grande entrada daquela tarde.

— E, dito isto — anunciou —, passo a palavra…

Durante a pausa teatral que se seguiu, ouviu algo. O roncar sonoro de um camião com um motor potente e a circular com uma mudança demasiado baixa. Mas maus condutores eram coisa que não faltava por aquelas bandas.

— … a…

Ouviu um rugido. E percebeu que o portão tinha sido arrancado das dobradiças. E que havia concorrência para a grande entrada daquela tarde.

Duff estava parado à porta do prédio de apartamentos cinzento de cinco andares. Olhou para o relógio. Quatro menos cinco. Ainda tinha tempo de sobra para chegar à festa de aniversário. Tocou à campainha.

— Sobe — ouviu a voz de Caithness dizer pelo intercomunicador.

A seguir à conversa deles na câmara escura, tinha ido ao Bricklayers Arms, sentando-se num dos reservados e bebendo uma cerveja. Claro que poderia ter passado esse tempo a trabalhar no gabinete, mas as ordens de Macbeth tinham sido para voltar para Fife e ficar em casa. Depois, bebeu outra. O que lhe deu tempo para pensar.

Agora, estava a subir as escadas, não com os passos lentos e pesados de uma pessoa a caminho do cadafalso mas com os passos rápidos e leves de

quem se quer ver livre de uma cena e sobreviver. E que tinha outra vida à qual queria regressar.

A porta do apartamento estava aberta.

— Entra! — ouviu Caithness gritar de algures. Soltou um suspiro de alívio quando viu que ela tinha reunido todas as coisas dele em cima da mesa da entrada. Um saco de fim de semana. Uma máquina de barbear. Um par de camisas e roupa interior. A raquete de ténis que ela lhe tinha comprado, visto que ambos jogavam, embora nunca tivesse sido utilizada. Um colar e brincos de pérola. Os dedos de Duff acariciaram as joias que lhe tinha comprado. E que tinham sido usadas várias vezes.

— Aqui dentro! — gritou ela. Do quarto.

A aparelhagem estava ligada. Elvis. «Love Me Tender.»

Duff avançou na direção da porta aberta do quarto, hesitando, com passos já menos leves e ágeis. Sentia o cheiro do perfume dela de onde se encontrava.

— Duff — disse ela, fungando, quando ele surgiu à entrada do quarto. — Vou devolver-te o que me deste, mas estou a contar com um presente de despedida.

Estava deitada na cama, com um espartilho preto e meias de *nylon* da mesma cor. Tudo também comprado por ele. Na cabeceira da cama, encontrava-se um refrigerador de champanhe com uma garrafa aberta, de que era evidente que ela já tinha bebido bastante. Duff absorveu aquela visão. Era a mulher mais linda e deslumbrante com quem já tinha estado. Sempre que a via, ficava siderado com a beleza dela, como se fosse a primeira vez. E conseguia sentir cada carícia que tinham trocado, cada loucura que tinham cometido. E agora estava a renunciar a isso. Agora e para sempre.

— Caithness — disse Duff, sentindo a garganta embargada. — Minha queridíssima e linda Caithness.

— Vem cá.

— Não posso…

— Claro que podes. Já pudeste durante tanto tempo, e por tantas vezes, isto é só a última. Deves-me isso.

— Não vais desfrutar nada. Nenhum de nós vai.

— Eu não quero desfrutar de nada, Duff. Quero encerrar este assunto. Quero que, por uma vez, sejas *tu* a rastejar. Quero que engulas a tua virtude e faças o que *eu* quero. E, neste momento, é isto que eu quero. Só isto. E, a seguir, podes ir para o diabo que te carregue e para a refeição lá em tua casa, com a mulher que já não amas. Anda, vem cá. Consigo ver daqui que estás pronto para…

— Não, Caithness. Não posso. Disseste que te contentarias com o que pudesses ter do meu coração. Mas não posso simplesmente dar-te um bocadinho dele, Caithness. Nesse caso, estaria a trair duplamente, a trair-te a ti e a mãe dos meus filhos. E isso que disseste de que já não a amava não é verdade. — Inspirou fundo. — Porque me tinha esquecido. Mas depois lembrei-me. De que a amo e sempre amei. E fui-te infiel a ti com a minha própria mulher.

Viu as palavras bater fundo. Viu a fina e falsa capa de sedução derreter-se num choque profundo. Foi então que as lágrimas lhe começaram a escorrer dos olhos e ela se encolheu toda, puxando o lençol para cima e tapando-se.

— Adeus, Caithness. Odeia-me conforme eu devo ser odiado. E agora vou-me embora.

À saída, Duff pegou na roupa e nos produtos de higiene pessoal, enfiando-os debaixo do braço. A raquete podia ficar. Não se jogava ténis num minifúndio. Ficou parado a olhar para os brincos e para o colar. Ouviu os soluços de sofrimento de Caithness vindos do quarto. Eram joias caras — tinham-lhe custado mais do que, em bom rigor, podia pagar —, mas agora, na mão dele, não possuíam valor. A verdade é que não havia ninguém a quem as pudesse dar, tirando a um penhorista. Mas seria capaz de suportar a ideia de

aquelas joias serem usadas por uma desconhecida?

Hesitou. Olhou para o relógio. A seguir, pousou as outras coisas, pegou nas joias e voltou a entrar no quarto.

Ela parou de chorar quando o viu. Tinha a cara lavada em lágrimas, negra da maquilhagem. O corpo convulsou com um último soluço. Tinha-lhe caído uma meia, bem como uma das alças do espartilho.

— Duff… — murmurou.

— Caithness — disse ele, engolindo em seco. Açúcar no estômago, sangue a correr-lhe na cabeça. As joias foram parar ao chão.

O sargento foi buscar a espingarda atrás do balcão e correu para a janela; os outros membros do clube já estavam a caminho do armário das armas. Lá fora, encontrava-se um camião virado de lado para o clube. Tinha o motor a trabalhar e o portão ainda pendurado no para-choques dianteiro. Tal como Chang. O sargento encostou a espingarda ao ombro no preciso instante em que a lona que tapava a parte de trás do camião caiu. Deixando ver agentes da Força de Intervenção, com os seus uniformes pretos horrorosos e de pistolas erguidas. Mas havia outra coisa ainda mais horrorosa a bordo, uma coisa que gelou autenticamente o sangue nas veias do sargento. Três monstros. Dois deles de aço e em cima de plataformas, com alimentação de munição, tambores rotativos e câmaras de arrefecimento. O terceiro estava no meio dos outros, um homem magro, vigoroso e careca que o sargento nunca tinha visto, mas que sabia que conhecia desde sempre, que sempre estivera próximo dele. E foi então que esse homem levantou a mão e gritou:

— Lealdade, fraternidade!

Os outros responderam:

— Batizados pelo fogo, unidos pelo sangue!

E depois uma única ordem:

— Disparem!

Claro. Disparem.

O sargento fez pontaria ao homem e carregou no gatilho. Um tiro. O último.

A gota de chuva caiu do céu e atravessou a neblina, em direção ao porto imundo lá em baixo. A caminho da janela de umas águas-furtadas sob a qual um casal fazia amor. O homem estava em silêncio, com as ancas a subir e a descer, lentamente, mas com vigor. A mulher por baixo dele arranhava o lençol enquanto, soluçando e impaciente, o recebia. O disco no gramofone tinha parado de tocar a sua doce melodia há já algum tempo e a agulha continuava a ir de encontro, monotonamente, tal como o homem, ao rótulo do vinil, onde se podia ler *Love Me Tender*. Mas os dois amantes pareciam não ter reparado, pareciam não reparar em mais nada a não ser o movimento repetitivo no qual se encontravam envolvidos, nem sequer reparavam um no outro enquanto iam martelando, martelando para exorcizar demónios, o mundo em redor, aquela cidade, aquele dia, durante aqueles poucos minutos, aquela curta hora. Mas a gota de chuva nunca chegou ao vidro da janela por cima deles. Uma rajada fria vinda do oeste afastou a gota para leste do rio que dividia a cidade longitudinalmente e para sul da linha de caminho de ferro abandonada que a dividia diagonalmente. Foi parar ao distrito fabril, já depois das chaminés apagadas e ainda mais para leste, na direção do edifício baixo e de madeira, cercado por uma vedação, no meio das fábricas encerradas. E aí a gota terminou a sua travessia pelo ar, acertando no crânio reluzente de um homem magro, escorrendo-lhe pela testa, parando por um instante nas pestanas curtas e caindo por fim, como uma lágrima, por uma face que nunca tinha conhecido lágrimas verdadeiras.

Seyton não reparou que tinha sido atingido. Nem por uma gota de chuva perdida, nem pela bala do sargento. Ficou ali parado, de pernas bem abertas e

mão erguida, sentido unicamente as vibrações que percorreram o camião quando as *Gatlings* abriram fogo, sentindo-as espalharem-se das solas dos sapatos até às ancas, sentindo o som a matraquear uniformemente nos tímpanos, um som que aumentou de um murmúrio trepidante para um rugido e, a seguir, para um uivo concertado, com os tambores a cuspir balas cada vez mais depressa. E, à medida que o tempo ia passando, e o clube se desfazia aos poucos diante deles, Seyton sentiu o calor das duas máquinas. Duas máquinas infernais, com uma função, engolir o metal com que as alimentavam e cuspi-lo depois como se fossem robôs bulímicos, mas mais rápido do que qualquer outra coisa no mundo. Até então, os atiradores ainda não tinham visto grandes danos, mas tal tornou-se gradualmente evidente à medida que as janelas e as portas caíam e partes das paredes se dissolviam pura e simplesmente. Uma mulher surgiu no chão, do outro lado da porta. Faltavam-lhe bocados da cabeça, ao passo que o corpo estremecia como se estivesse a receber choques elétricos. Seyton teve a sensação de estar com uma ereção. Deviam ser as vibrações do camião.

Uma metralhadora parou de disparar.

Seyton virou-se para o homem que a manobrava.

— Algum problema, Angus?

— O serviço já está feito! — gritou Angus, afastando a franja loura para o lado.

— Ninguém para até eu dizer.

— Mas…

— Percebido? — berrou Seyton.

Angus engoliu em seco.

— Pelo Banquo?

— Foi o que eu disse! Pelo Banquo! Imediatamente!

A metralhadora de Angus voltou a abrir fogo. Mas Seyton percebeu que Angus tinha razão. O serviço estava feito. Não havia um decímetro quadrado

defronte deles que não estivesse perfurado. Não havia nada que não estivesse destruído. Nada que não estivesse morto.

Ainda assim, esperou. Fechou os olhos e limitou-se a escutar. Mas estava na altura de deixar as meninas descansar um pouco.

— Parem! — gritou.

As metralhadoras calaram-se.

Uma nuvem de pó ergueu-se do clube obliterado. Seyton fechou outra vez os olhos e inspirou o ar. Uma nuvem de almas.

— Que se passa? — ceceou Olafson da ponta do camião.

— Estamos a poupar munições — respondeu Seyton. — Ainda temos outro serviço esta tarde.

— O senhor está a sangrar! O seu braço.

Seyton olhou para o casaco, que estava preso no cotovelo, onde havia sangue a jorrar de um buraco. Pôs a mão em cima do ferimento.

— Está tudo bem — afirmou. — Quero toda a gente de arma em posição. Vamos entrar e fazer a contagem dos mortos. Avisem-me se encontrarem o Sweno.

— E se encontrarmos algum sobrevivente? — perguntou Angus.

Alguém se riu.

Seyton limpou uma gota de chuva da face.

— Repito. O Macbeth deu ordens para que nenhum dos assassinos do Banquo sobrevivesse. Chega-te essa resposta, Angus?

VINTE E UM

Meredith estava a pendurar os lençóis no estendal, na varanda junto à porta da frente. Adorava aquela casa, a essência dela, rural, despretensiosa, tradicional e sóbria, mas prática. Quando as pessoas ficavam a saber que ela e Duff viviam numa quinta em Fife, partiam automaticamente do princípio que se tratava de uma herdade luxuosa e, provavelmente, achavam que ela estava a ser modesta quando lhes descrevia a vida simples que levavam. Deviam pensar com certeza no que estaria uma mulher com um apelido daqueles a fazer num minifúndio abandonado.

Tinha lavado toda a roupa de cama da casa, para que Duff não julgasse que ela apenas mudara os lençóis do leito conjugal. Onde iriam dormir naquela noite. Esquecer as coisas más, reprimir o que já se tinha passado. Acordar de novo o que tinham tido. Estivera adormecido, só isso. Sentiu um calor no estômago ao pensar nisso. A intimidade que tinham partilhado de manhã, na rocha, fora mesmo maravilhosa. Tão maravilhosa como naqueles primeiros anos. Não, ainda mais maravilhosa. Cantarolou uma canção que tinha ouvido na rádio — não sabia qual era — pendurou o último lençol e passou a mão pelo algodão molhado, inalando o perfume fragrante. O vento levantou o lençol bem alto e o sol banhou-lhe o rosto e o vestido. Quente, agradável e esplendoroso. Era assim que a vida devia ser. Fazer amor, trabalhar, viver. Era isso que a tinham educado para fazer, continuava a ser esse o credo dela.

Ouviu o grito de uma gaivota e protegeu os olhos do sol com a mão. O que estaria ela a fazer aqui, tão longe do mar?

— Mãe!

Tinha pendurado a roupa lavada em várias cordas, por isso, teve de se deslocar pelo meio delas, desviando-se conforme avançava até à porta da frente.

— Sim, Ewan?

O filho estava sentado em cima de uma bancada, com o queixo apoiado na mão, a olhar para longe. Semicerrando os olhos na direção do sol da tarde já baixo.

— O pai já está quase a chegar, não está?

— Sim, está. E como vai a sopa, Emily?

— Já está pronta há uma eternidade — respondeu a filha, remexendo obedientemente a grande panela.

Caldo de carne. Comida de camponês simples e nutritiva.

Ewan esticou o lábio inferior.

— Ele disse que chegava cá *antes* da refeição.

— Então dá-lhe cabo do canastro por não cumprir o que prometeu — retorquiu Meredith, afagando-lhe a franja.

— Devíamos dar cabo do canastro às pessoas por mentirem?

— Sem exceções — respondeu Meredith olhando para o relógio. Era possível que houvesse engarrafamentos à hora de ponta, agora que a ponte velha era a única a funcionar.

— Por quem? — perguntou o rapaz.

— Por quem como?

— Quem devia dar cabo do canastro às pessoas que mentem? — Ewan tinha um olhar distante, como se estivesse a falar sozinho.

— A gente sincera, claro.

Ewan voltou-se para a mãe.

— Então os mentirosos são estúpidos porque há muito mais mentirosos do que gente sincera. Podiam pegar na gente sincera e serem eles a dar-lhes cabo do canastro.

— Ouçam! — exclamou Emily.

Meredith arrebitou as orelhas. E foi então que também o conseguiu ouvir. O roncar longínquo de um motor a aproximar-se.

O rapaz saltou da bancada.

— Ele vem aí! Emily, vamos esconder-nos e pregar-lhe um susto.

— Sim!

As crianças desapareceram para dentro do quarto, ao passo que Meredith se aproximou da janela. Tentou proteger os olhos do sol. Sentiu um desconforto que era incapaz de explicar. Talvez tivesse medo de que o Duff que regressasse a casa não fosse o mesmo que de lá tinha saído de manhã.

Duff pôs o carro em ponto-morto e deixou-o rolar pela parte final do trilho de cascalho até à casa. O cascalho murmurava e agitava-se como se *trolls* subterrâneos se encontrassem por baixo das rodas. Duff parecera possuído desde que arrancara de casa de Caithness, quebrando até um princípio ao qual sempre aderira, nunca utilizar indevidamente a luz azul que tinha dentro do porta-luvas. Com a luz no tejadilho, tinha conseguido saltar a fila na estrada para a ponte velha, mas, lá chegado, a via era tão estreita que, mesmo com a luz, tinha sido obrigado a cerrar os dentes enquanto iam avançando a passo de caracol. Travou a fundo e as vozes subterrâneas extinguiram-se. Desligou o motor e saiu do carro. O sol estava a incidir nos lençóis brancos na varanda, que lhe davam as boas-vindas a casa com uma onda. Ela tinha lavado a roupa. Toda a roupa de cama, para que ele não julgasse que só lavara os lençóis do leito conjugal. E embora se encontrasse saciado de fazer amor, essa noção aqueceu-lhe o coração. Porque tinha deixado Caithness. E Caithness tinha-o deixado. Ficara à porta, a limpar uma

última lágrima, dando-lhe um beijo final de despedida e afirmando que, a partir daquele momento, a porta dela estava fechada para ele. Agora que se tinha decidido, já podia fazer isso. Um dia, talvez outra pessoa entrasse por aquela porta por onde ele estava a sair. E ele respondeu que esperava que sim e que essa «outra pessoa» teria muita sorte. Já na rua, pulara de alívio, de felicidade e da liberdade reconquistada. Sim, imagine-se só — livre. Para estar com a mulher e os filhos! A vida era estranha. E maravilhosa.

Dirigiu-se para a varanda.

— Ewan! Emily!

Por norma, quando chegava a casa, vinham a correr ter com ele. Mas, às vezes, também se escondiam para o atacar de surpresa.

Foi-se esquivando às filas de lençóis.

— Ewan! Emily!

Parou. Estava escondido no meio dos lençóis, que projetavam longas sombras que se deslocavam pelo chão da varanda. Inalou o perfume do sabão e a água doce na qual tinham sido lavados. E também havia outro cheiro. Sorriu. Caldo de carne. O sorriso tornou-se ainda mais rasgado, quando se lembrou da discussão afável que tinham tido quando Ewan insistiu em colar a barba *antes* de comer a sopa. Reinava um silêncio absoluto. A emboscada podia surgir a qualquer segundo.

Havia manchinhas minúsculas de sol nas sombras que os lençóis projetavam.

Ficou parado a olhar fixamente para elas.

E depois também para ele. Para a camisola e para as calças repletas de manchinhas minúsculas de sol. Sentiu o coração dar um pulo. Passou o dedo por um lençol e descobriu de imediato um buraco. E a seguir outro. Susteve a respiração.

Afastou o último lençol da fila para o lado.

A janela da cozinha tinha desaparecido. A parede estava tão esburacada

que mais parecia um único buraco do que uma parede propriamente dita. Espreitou por onde antes se encontrava a janela. A panela na chapa elétrica parecia uma peneira. O fogão e o chão à volta estavam cobertos de um caldo verde-amarelado a deitar fumo.

Queria entrar. *Tinha* de entrar. Mas não era capaz; parecia que tinha os pés pregados ao chão da varanda e a força de vontade desativada.

Mas não está ninguém na cozinha, disse a si próprio. Vazia. Talvez o resto da casa também estivesse vazio. Destruído, mas vazio. Talvez eles se tivessem escapado para a cabana. Talvez. Talvez ele não tivesse perdido tudo.

Forçou-se a entrar pela abertura onde antes se encontrava a porta. Entrou nos quartos dos filhos. Primeiro, no de Emily, e depois, no de Ewan. Viu nos armários varridos a metralhadora e debaixo das camas. Ninguém. Nem no quarto de hóspedes. Dirigiu-se para o último quarto, o dele e de Meredith, com a cama de casal ampla e macia, onde, aos domingos de manhã, arranjavam espaço para os quatro, se deitavam de lado, faziam cócegas nos dedos dos pés descalços das crianças perante os guinchos destas, coçavam as costas um ao outro delicadamente, falavam de toda a espécie de coisas estranhas e fantásticas e discutiam para decidir quem se devia levantar primeiro.

A porta do quarto não tinha sido arrancada a tiro, mas os espaços entre os buracos das balas eram iguais aos de qualquer outro ponto da casa. Duff respirou fundo.

Talvez nem tudo estivesse ainda perdido.

Agarrou com força no puxador. E abriu a porta.

Claro que sabia que estivera a mentir a si próprio. Tinha-se tornado especialista nisso: quanto mais se enganava a si mesmo, mais fácil se tornara ver aquilo que queria ver. Mas, naqueles últimos dias, as escamas tinham-lhe caído dos olhos e agora estava ali e era impossível não ver o que se encontrava diante dos olhos. Havia penas do colchão por todo o lado, como

se tivesse estado a nevar. Talvez fosse por isso que parecia tudo tão sossegado. Meredith dava a ideia de ter tentado que Ewan e Emily não perdessem calor, estando os três sentados no chão, no canto mais distante, com ela a abraçar os filhos. Havia penas de cor vermelha coladas às paredes em redor.

Duff começou a respirar com dificuldade. E, a seguir, veio um soluço. Um único soluço, amargo e enfurecido.

Estava tudo perdido.

Estava tudo completamente perdido.

VINTE E DOIS

Duff manteve-se parado à entrada do quarto. Viu o cobertor em cima da cama. Sabia que não ia ajudar nada se se embrenhasse no meio das penas; limitar-se-ia a contaminar a cena do crime e a destruir potencialmente as provas. Mas tinha de os tapar. De os tapar uma última vez, não podiam ficar ali assim. Entrou no quarto e depois parou.

Tinha ouvido um barulho. Um grito.

Recuou e avançou em passos largos para a sala de estar, para junto da janela espatifada virada para sudeste, na direção do lago. Ouviu outra vez o grito. Tão longínquo que não conseguia ver quem estava a gritar, mas o som deslocava-se bem ali durante a tarde. A voz parecia irritada. Tinha repetido a mesma palavra, mas Duff fora incapaz de perceber de qual se tratava. Abriu o que restava da gaveta de uma cómoda, tirou os binóculos que estavam lá guardados e focou a cabana. Uma das lentes dos binóculos estava perfurada, mas a outra chegava para poder ver um homem louro a apressar-se na direção da casa, pela estrada estreita. Atrás dele, em frente à cabana, encontrava-se um camião, e na parte de trás deste estava um homem cuja cara reconheceu. Seyton. Estava parado entre o que pareciam ser dois gigantescos trituradores de carne em cima de plataformas. Duff recordou-se das palavras de Macbeth. *Fica pelo menos dois dias na cama… uma ordem.* Macbeth já sabia. Já sabia que Duff estava prestes a revelar que ele tinha matado Duncan. *Lennox.* Lennox, esse traidor. No dia seguinte, não iria chegar à cidade juiz algum

vindo de Capitol.

Duff viu a boca de Seyton a mexer-se antes de o som lhe chegar. A mesma palavra furibunda:

— Angus!

Duff recuou, afastando-se da janela para que o vidro dos binóculos não refletisse o sol e o revelasse. Tinha de se escapar.

Quando a escuridão se abateu sobre a cidade, a notícia do massacre no clube dos Norse Riders já se estava a espalhar. E, às nove da noite, a maioria dos jornalistas e das equipas de rádio e televisão da cidade encontrava-se reunida em Scone Hall. Macbeth permaneceu nos bastidores, a ouvir Lennox recebê-los para a conferência de imprensa.

— Gostaríamos de lhes pedir para só utilizarem os *flashes* depois de o comissário-chefe terminar, e, por favor, façam as perguntas levantando a mão e falando a seguir. E agora, eis o comissário-chefe desta orgulhosa cidade, Macbeth.

Aquela apresentação — e, possivelmente, os rumores da vitória sobre os Norse Riders na batalha no clube — foi suficiente para que uns quantos jornalistas menos experientes batessem palmas quando Macbeth surgiu no estrado, mas esses fracos aplausos esmoreceram perante os olhares eloquentes da assistência mais calejada.

Macbeth aproximou-se do atril. Não, *tomou o atril à força*, foi essa a sensação. Era curioso que aquilo — falar em público — fosse o que ele mais tinha temido; agora, não só gostava disso como o desejava ardentemente, *necessitava* até. Tossiu e olhou para os papéis. E, a seguir, começou.

— Hoje, a polícia levou a cabo duas operações armadas contra quem esteve por trás dos recentes assassínios dos nossos agentes, entre eles, o comissário-chefe Duncan. E é com agrado que posso anunciar que a primeira operação, dadas as circunstâncias, se revelou cem por cento vitoriosa. O

gangue de criminosos conhecido como Norse Riders deixou de existir. — Um único hurra da assistência quebrou o silêncio. — Tratou-se de uma ação concertada, com base em novas informações que vieram à tona após a libertação de alguns membros dos Norse Riders. Quanto às referidas circunstâncias, os Norse Riders dispararam contra a Força de Intervenção, que não teve alternativa a não ser ripostar energicamente.

Um grito do fundo da sala:

— O Sweno está entre os mortos?

— Sim — respondeu Macbeth. — Com efeito, trata-se de um dos corpos que não podem ser identificados em virtude da extensão dos ferimentos, mas julgo que todos reconhecerão isto… — Macbeth mostrou um sabre reluzente. Mais hurras, e agora alguns dos jornalistas mais experimentados juntaram-se aos aplausos espontâneos. — E, com isto, termina uma era. Felizmente.

— Há rumores de que também morreram mulheres e crianças.

— Sim e não — retorquiu Macbeth. — Mulheres que optaram previamente por se relacionarem com o clube, sim. Muitas delas possuem aquilo a que poderíamos chamar um cadastro conspurcado e nenhuma mexeu um dedo para impedir que os Norse Riders disparassem contra nós. Quanto a crianças, isso é pura e simplesmente um disparate. Aqui não houve vítimas inocentes.

— Mencionou uma segunda operação. Qual foi?

— Decorreu fora da cidade, em Fife, logo após a primeira, numa região relativamente deserta, portanto é possível que não tenham ouvido falar disso, mas tratou-se de uma tentativa de prender uma pessoa que sabemos agora ter estado a colaborar há já algum tempo com os Norse Riders. É, obviamente, lamentável que um tal agente pudesse fazer parte das nossas fileiras, mas isso também prova que o comissário-chefe Duncan não era infalível, já que entregou a Unidade de Narcóticos e, mais tarde, o Departamento de Homicídios a esse homem, o inspetor Duff. E nós também não somos

infalíveis. Tivemos em conta a família dele e presumimos que ele fosse fazer o mesmo e se entregasse. Por isso, quando chegámos, o agente Seyton, o chefe da Força de Intervenção, dirigiu-se à casa e pediu ao Duff para sair de lá sozinho e se entregar. A resposta do Duff foi disparar contra o Seyton.

Apontou com a cabeça para Seyton, que se encontrava sob a luz, junto da porta, à entrada da sala, para que toda a gente o pudesse ver com o braço enfaixado.

— Por sorte, o tiro não se mostrou fatal. O agente Seyton não tardou a receber assistência médica e tem todas as possibilidades de se furtar a uma lesão permanente. Ainda assim, e apesar da gravidade desse ferimento, o agente Seyton dirigiu o ataque. Infelizmente, o Duff, num ato de desespero e cobardia, preferiu utilizar a família como proteção, com a consequência trágica de a mulher e os filhos terem pagado com a própria vida, ao passo que ele se conseguiu escapulir pelas traseiras da casa e fugir no carro. Passou a ser um homem procurado e já demos início às buscas. Prometo-lhes desde já que *vamos* encontrar e castigar o Duff. Já agora, aproveito esta oportunidade para anunciar que, dentro em breve, poderemos tratar o agente Seyton por inspetor Seyton.

Dessa vez, houve mais gente a bater palmas. Quando os aplausos cessaram, alguém tossiu e uma voz que enrolava os erres perguntou:

— Isso é tudo muito bonito, Macbeth, mas onde estão as provas… — o autor da pergunta pronunciou «*provas*» lentamente e com uma dicção superclara, como se fosse uma palavra estrangeira difícil — … contra as pessoas que dizimaram?

— No que diz respeito aos Norse Riders, temos testemunhas que os viram a disparar contra o carro do Banquo, além de impressões digitais na carroçaria e no interior do carro e ainda sangue no lugar de Banquo idêntico aos tipos de sangue de algumas das pessoas encontradas mortas hoje à tarde no clube. O Departamento Forense também pode confirmar que as

impressões digitais encontradas na parte de dentro do para-brisas, do lado do condutor, correspondem às do… — Macbeth fez uma pausa — … inspetor Duff.

Um murmúrio percorreu a sala.

— Neste momento, gostaria de elogiar os agentes de investigação das cenas dos crimes. O Duff dirigiu-se à cena do crime logo após o homicídio. O que foi estranho, visto que ninguém do Departamento de Homicídios conseguiu contactar o Duff para o informar do ocorrido. Como é evidente, ele foi lá com a intenção de apagar as impressões e outras pistas que devia saber que tinha deixado lá ficar. Mas o Departamento Forense não permitiu que ninguém, ninguém mesmo, se aproximasse do corpo e contaminasse as provas. Numa nota pessoal, posso acrescentar que as minhas suspeitas de que o Duff estava a colaborar com os Norse Riders aumentaram no decurso da rusga ao terminal dos contentores. Tanto a Unidade dos Narcóticos como a Força de Intervenção tinham recebido uma informação tão clara que o Duff não a poderia ter ignorado sem que se desconfiasse que os estava a proteger. Engenhosamente, o Duff montou uma rusga que estava condenada ao fracasso, com agentes inexperientes da unidade dele, em número insuficiente, e sem pedir apoio à Força de Intervenção, como é o procedimento normal nestes casos. A sorte foi que essa rusga nos chegou aos ouvidos, possibilitando que a Força de Intervenção reagisse de forma independente, e creio poder afirmar, sem nos estarmos a gabar, que tal ditou o começo da queda dos Norse Riders e do Duff. Os Norse Riders e o inspetor Duff cavaram as próprias sepulturas ao vingar a perda do carregamento de drogas e de cinco membros matando primeiro o Duncan e depois o Banquo e o filho. E, já agora, esta foi a última vez que me referi ao Duff pelo posto, o que, na nossa força policial, é considerado uma honra, independentemente de se tratar do mais alto ou do mais baixo.

Para seu espanto, Macbeth notou que a indignação ligeiramente trémula

que sentia na voz era autêntica, completamente autêntica.

— Está mesmo a querer dizer-nos, Macbeth…

— Levante a mão antes de… — começou a dizer Lennox, mas Macbeth ergueu as palmas das mãos e fez sinal com a cabeça a Kite para continuar. Estava mais do que preparado para enfrentar aquela sacana insubordinado e impertinente.

— Está mesmo a querer dizer-nos, Macbeth, que a polícia não pode ser criticada por *nada* do que fez durante estas operações? No decorrer de uma tarde, mataram sete pessoas que tinham libertado da prisão uma hora antes, outros nove membros desse mesmo gangue, a maioria sem cadastro, mais seis mulheres que, tanto quanto sabemos, não tiveram nada que ver com crimes nenhuns cometidos pelos Norse Riders. E, a seguir, fala-nos de uma família de Fife que corresponde à definição de vítimas inocentes. E considera que não cometeram um único erro?

Macbeth observou Kite. O repórter da rádio tinha cabelo escuro à volta da careca e um bigode que formava uma boca triste em redor da boca propriamente dita. O que era sempre mau. Macbeth interrogou-se qual seria o destino que aguardava um homem daqueles. Pôs-se a mexer nos papéis. E descobriu a página que rabiscara, à qual Lady e, mais tarde, Lennox tinham acrescentado pormenores. Inspirou. Sabia que estava num equilíbrio perfeito. Sabia que a medicação era perfeita. Sabia que tinha recebido a dose perfeita.

— Ele tem razão — afirmou Macbeth, lançando um olhar sobre os jornalistas ali reunidos. — Cometemos erros.

Esperou, esperou até não se ouvir uma mosca, até o silêncio ser insuportável, não dando sequer para respirar, até o silêncio exigir *som*. Olhou para o discurso. Tinha de lhe dar vida, dar a entender que não estava somente a citar o texto que tinha à frente.

— Numa democracia — começou —, existem regras que determinam quando um suspeito deve ser libertado da prisão. Obedecemos-lhes. —

Assentiu com a cabeça, como se estivesse a dizer um ámen à sua própria declaração. — Numa democracia, existem regras que afirmam que a polícia pode e deve prender um suspeito quando, num caso, há *novas* provas. Obedecemos-lhes. — Assentiu novamente. — Numa democracia, existem regras que definem de que forma a polícia deve reagir se um suspeito resistir à detenção e, como aconteceu neste caso, disparar contra ela. E obedecemos-lhes. — Claro que poderia ter continuado na mesma linha, mas dizer três vezes «Obedecemos-lhes» já era suficiente. Levantou o indicador. — E não fizemos mais do que isso. Houve já quem chamasse heroico ao que nós fizemos. E outros houve que lhe chamaram a operação policial mais eficaz e ansiosamente esperada na história do sofrimento desta cidade. E outros houve ainda que lhe chamaram um ponto de viragem no combate contra o crime nas nossas ruas. — Viu que já havia outras pessoas a assentir também com a cabeça, ouvindo mesmo alguma gente a murmurar «sim». — Mas sendo eu o comissário-chefe, na minha opinião, não fizemos mais do que o nosso dever. Apenas e tão-só o que nos é exigido como polícias.

Reparou que, na galeria vazia, Lennox se encontrava a postos com o projetor, ao mesmo tempo que ia seguindo o discurso pela cópia que possuía do manuscrito.

— Mas tenho de reconhecer que, esta noite, me faz sentir bem — continuou Macbeth — poder dizer *polícias* e fazê-lo com orgulho. E agora, valha-me Deus, minha gente, vamos lá deixar-nos de formalidades por um momento. A verdade é que hoje fizemos uma grande limpeza. Pagámos ao Sweno e aos assassinos a soldo dele na mesma moeda. Mostrámos-lhes o que podem esperar quando nos levam os nossos melhores homens…

A luz em redor começou a brilhar mais intensamente e Macbeth percebeu que o diapositivo com Duncan tinha surgido no ecrã atrás dele; dentro de pouco tempo, passaria para Banquo e Fleance fardados debaixo da macieira, no jardim por trás da casa deles.

— Mas, sim, cometemos erros. Cometemos um erro ao não ter iniciado esta limpeza *antes*! Antes de ser tarde de mais para o comissário-chefe Duncan. Antes de ser tarde de mais para o inspetor Banquo, que serviu esta cidade a vida inteira. E para o filho, o cadete Fleance, que se encontrava desejoso de fazer o mesmo. — Macbeth precisou de respirar fundo várias vezes para conter o tremor na voz. — Mas, hoje à tarde, mostrámos que isto é um novo dia. Um novo dia, no qual os criminosos já não comandam nada. Um novo dia, no qual os habitantes desta cidade fizeram frente ao inimigo e disseram não. Não, não vamos permitir isto. E agora esta é a noite do primeiro desses novos dias. E nos dias que se seguirão, continuaremos a limpar as ruas desta cidade porque esta grande limpeza ainda não terminou.

Depois de finalizar com um «Obrigado», Macbeth manteve-se de pé. Ficou ali parado, perante a explosão de aplausos que irrompeu no momento em que as cadeiras rasparam no chão e as pessoas se levantaram, com a ovação a prosseguir sem perder vigor. E começou a sentir-se comovido ao observar a reação autêntica daqueles jornalistas cínicos às falsidades dele. E quando Kite se levantou também para bater palmas, embora a um ritmo bem mais sereno, Macbeth interrogou-se se não seria por o tipo saber o que era bom para a tosse. Por perceber que Macbeth já tinha conquistado o amor deles. Conquistado poder. E por estar a ver e ouvir que o novo comissário-chefe era um homem que não tinha receio de o utilizar.

Macbeth avançou com passos largos pelo corredor por trás de Scone Hall.

Poder. Conseguia senti-lo nas veias; a harmonia continuava lá. Não tão perfeita como ainda há bocado — o desconforto e a inquietação já estavam à beira de regressar —, mas ele ainda tinha medicamento mais do que suficiente para aquele momento. E limitar-se-ia a desfrutar da noite. A desfrutar da comida e da bebida, a desfrutar de Lady, a desfrutar da vista para a cidade, a desfrutar de tudo o que era dele.

— Um ótimo discurso, senhor comissário — disse Seyton, que não parecia ter problemas em acompanhar a passada de Macbeth.

Lennox ia a correr ao lado dele.

— Fantástico, Macbeth! — exclamou, ofegante. — Estão aqui uns jornalistas de Capitol que te querem ver. Gostavam de te entrevistar e…

— Obrigado, mas não — interrompeu Macbeth, sem abrandar. — Nada de entrevistas vitoriosas, nem de louros, até atingirmos o nosso objetivo. Há notícias do Duff?

— O carro dele foi encontrado na cidade, estacionado junto ao Obelisco. As estradas para fora da cidade, o aeroporto, os barcos de passageiros… está tudo sob vigilância desde a meia hora que se seguiu a termos visto o Duff a vir de carro de Fife para a cidade, por isso, sabemos que ele ainda anda algures por aqui. Já vimos em casa do Banquo, e nos sogros, e ele não está lá. Mas, com este tempo, um homem *tem* de ter um teto para se abrigar durante a noite, portanto, vamos passar a pente fino todos os hotéis, pensões, *pubs* e bordéis. Hoje à noite, toda a gente, mas mesmo toda a gente, anda a perseguir o Duff.

— Perseguir é bom, mas apanhar é melhor.

— Oh, nós vamos apanhá-lo. É só uma questão de tempo.

— Ótimo. Podes dar-nos um minuto a sós?

— *Okay*.

Lennox parou e não tardou a ficar para trás.

— Estás preocupado com alguma coisa, Seyton? É o teu ferimento?

— Não, senhor comissário.

Seyton tirou o braço da charpa.

— Não? O sargento deu-te um tiro no braço, não deu?

— O meu tecido sara invulgarmente bem — respondeu Seyton. — É de família.

— A sério?

— O tecido sarar bem?

— A família. Então há outra coisa qualquer que te está a atormentar, não?

— Duas coisas.

— Desembucha lá.

— O bebé que encontrámos e tirámos do clube a seguir ao tiroteio.

— Sim?

— Não sei ao certo o que fazer com ele. Tenho-o trancado no meu gabinete.

— Eu trato disso — retorquiu Macbeth. — E a outra coisa?

— É o Angus, senhor comissário.

— Que tem?

— Não obedeceu às ordens em Fife. Recusou-se a disparar e acabou por se ir embora antes de a operação estar terminada. Chamou-lhe uma carnificina. Disse que não tinha entrado para a Força de Intervenção para participar em *coisas deste género*. Acho que há o risco de ele poder dar com a língua nos dentes. Temos de fazer alguma coisa.

Pararam defronte do elevador.

Macbeth coçou o queixo.

— Então achas que o Angus deixou de acreditar? Se assim for, não será a primeira vez. Ele já te contou que estudou teologia?

— Não, mas dá para cheirar isso. E anda por todo o lado com o raio de uma cruz horrorosa ao pescoço.

— És tu que mandas agora na Força de Intervenção, Seyton. O que achas que deve ser feito?

— Temos de nos livrar dele, patrão.

— Morte?

— O senhor é que disse que estávamos em guerra. E, na guerra, os traidores e os cobardes são punidos com a morte. Fazemos o mesmo que fizemos com o Duff: revelamos que ele é corrupto e damos a entender que

resistiu à prisão.

— Deixa-me pensar no assunto. Neste preciso momento, estamos sob os holofotes e precisamos de demonstrar lealdade e unidade. O Cawdor, o Malcolm, o Duff e agora o Angus. É gente a mais. Esta cidade prefere criminosos mortos a polícias dúplices. Onde está ele?

— Está lá na cave sentado sozinho, todo macambúzio. Não quer falar com ninguém.

— Muito bem. Deixa-me ter uma conversinha com ele antes de agirmos.

Macbeth deu com Angus na sala de convívio da Força de Intervenção. Estava sentado com a cabeça enterrada nas mãos e mal reagiu quando Macbeth pousou uma caixa de sapatos grande em cima da mesa, diante dele, e se sentou na cadeira em frente.

— Já me contaram o que aconteceu. Como estás?

Nenhuma resposta.

— És um rapaz com princípios, Angus. É uma das razões que me levam a gostar de ti. Os princípios são importantes para ti, não são?

Angus levantou a cabeça e olhou para Macbeth com os olhos raiados de sangue.

— Vejo-os a inflamarem-te os olhos neste preciso momento — prosseguiu Macbeth. — Uma indignação virtuosa, ela aquece-te o coração, não aquece? Faz com que te sintas a pessoa que queres ser. Mas quando a irmandade exige um verdadeiro sacrifício, às vezes é exatamente isso que nós queremos, Angus. Os teus princípios. Que renuncies ao calor aconchegante de uma boa consciência, que os mesmos pesadelos que nos acordam a nós te acordem também, que abdiques do que te é mais valioso, tal como o teu ex-deus exigiu que Abraão abdicasse do filho.

Angus aclarou a garganta, mas a voz não deixou de lhe sair rouca.

— Eu posso abdicar. Mas em nome de quê?

— Pelo objetivo a longo prazo. Pelo bem da comunidade. Pela cidade, Angus.

Angus resfolegou.

— E é capaz de me explicar em que serve o bem da comunidade estar a matar inocentes?

— Há vinte e cinco anos, um presidente americano lançou a bomba atómica em duas cidades japonesas com crianças, civis e inocentes. E isso acabou com uma guerra. É com paradoxos desse género que Deus nos atormenta.

— Isso é fácil de dizer. O senhor não estava lá.

— Eu sei o que isso custa, Angus. Ainda há pouco tempo, cortei o pescoço a um inocente pelo bem da comunidade. Não durmo bem à noite. A dúvida, a vergonha, o sentimento de culpa fazem parte do preço a pagar se queremos realmente fazer alguma coisa de bom em vez de desfrutar simplesmente do calor aconchegante e seguro da arrogância moral.

— Deus não existe e eu não sou presidente.

— Correto — respondeu Macbeth, destapando a caixa de sapatos. — Mas, como aqui neste prédio eu sou essas duas coisas, vou dar-te uma oportunidade de te redimires do erro que cometeste em Fife.

Angus espreitou para dentro da caixa. E encolheu-se na cadeira, chocado.

— Pega nisto e queima-o ainda esta noite na fornalha em Estex.

Angus engoliu em seco, branco como a cal da parede.

— Isso é o b-b-bebé do clube…

— Os soldados da linha da frente, como tu e eu, sabem que é necessário perder vidas inocentes numa guerra, mas ninguém sabe isso lá em casa… as pessoas por quem combatemos. E é por isso que temos de manter essas coisas escondidas delas, para que não fiquem desvairadas. Costumas ficar desvairado, Angus?

— Eu, eu…

— Presta atenção. Estou a demonstrar a minha confiança em ti atribuindo-te esta missão. Podes ir até Estex ou podes servir-te disto para denunciar os teus irmãos da Força de Intervenção. Estou a dar-te essa opção. Porque preciso de saber que posso confiar em ti.

Angus abanou a cabeça e um soluço escapou-se-lhe.

— O senhor precisa que eu seja um *cúmplice* para saber que pode confiar em mim!

Foi a vez de Macbeth abanar a cabeça.

— Tu já és um cúmplice. Só preciso de saber que és suficientemente forte para assumir e acarretar a culpa sem que quem se encontra em casa descubra o preço que pagamos por os defender. E só então vou ter a certeza de que és um homem de verdade, Angus.

— Assim, até parece que as vítimas somos nós e não a criança. Não consigo fazer isso! Prefiro ser morto a tiro.

Macbeth olhou para Angus. Não sentia raiva alguma. Talvez por gostar de Angus. Talvez por saber que Angus não os podia prejudicar. Mas, acima de tudo, por ter pena dele. Voltou a tapar a caixa de sapatos e levantou-se.

— Espere — disse Angus. — Como me vai castigar?

— Oh, vais ser tu que te vais castigar — retorquiu Macbeth. — Lê o que diz na nossa bandeira. Quando acordares encharcado em suor, depois de um pesadelo, não vai ser esta criança a berrar que vais ouvir, mas as seguintes palavras: *Lealdade, fraternidade, batizados pelo fogo, unidos pelo sangue*.

Pegou na caixa e foi-se embora.

Ainda faltava mais de uma hora para a meia-noite quando Macbeth entrou na suíte.

Lady estava à janela, de costas para ele. Uma única vela de cera iluminava a suíte parcamente e ela estava em camisa de noite. Ele pousou a caixa de sapatos na mesa, por baixo do espelho, foi ter com ela e beijou-lhe o

pescoço.

— A eletricidade foi-se abaixo quando eu cheguei — explicou. — O Jack foi ver a caixa de fusíveis. Espero que não haja clientes a aproveitar a oportunidade para fugir com o dinheiro das apostas.

— A eletricidade foi-se abaixo em mais de meia cidade — respondeu ela, recostando-se e apoiando a cabeça no ombro dele. — Dá para ver daqui. O que tens nessa caixa?

— O que se tem normalmente numa caixa de sapatos?

— Estavas a pegar nela como se fosse uma bomba.

Nesse momento, um relâmpago rasgou o céu, como uma veia branca e luminosa, e tiveram um vislumbre da cidade. A seguir, ficou outra vez escuro e começou a trovejar.

— Não é lindo? — perguntou ele, inalando o perfume do cabelo dela.

— Como sabes, não sei o que está lá dentro.

— Estava a falar da cidade. E ainda vai ser mais linda. Quando o Duff já não fizer parte dela.

— Mas vai continuar a ter um presidente da câmara que a torna horrorosa. És capaz de me dizer o que está nessa caixa?

A voz saiu-lhe grossa, como se tivesse acabado de acordar.

— É só uma coisa que tenho de queimar. Vou pedir ao Jack que a leve amanhã para as fornalhas de Estex.

— Eu também quero que me queimem, querido.

Macbeth ficou hirto. Que foi que ela dissera? Estaria sonâmbula? Mas os sonâmbulos não podiam ter conversas, pois não?

— Então quer dizer que ainda não encontraram o Duff? — perguntou ela.

— Ainda não, mas andamos à procura por tudo o que é sítio.

— Coitadinho. Ficou sem os filhos e agora está completamente sozinho.

— Tem alguém a ajudá-lo. Caso contrário, já o teríamos encontrado. Não confio no Lennox.

— Por ele estar a mando do Hécate e da poção?

— Por o Lennox ser, essencialmente, um fraco. É capaz de estar a amolecer e a ficar dado a conspirações, como o Banquo ficou. Talvez tenha escondido o Duff. Devia prendê-lo. O Seyton contou-me que, nos tempos do Kenneth, costumavam dar um choque elétrico aos detidos, na virilha, se eles se recusassem a falar. E depois outro, para fazê-los *parar* de falar.

— Não.

— Não?

— Não. Estar a prender agora um dos teus chefes de unidade daria mau aspeto. Por enquanto, a impressão geral é que apanhaste duas maçãs podres, o Duff e o Malcolm. Três já daria a ideia de uma purga. E as purgas suscitam questões não só em relação aos não purgados mas também ao chefe, e não queremos dar nenhum motivo ao Tourtell para hesitar nomear-te. E quanto aos choques elétricos, neste momento, não há eletricidade nesta parte da cidade.

— Então o que faço?

— Acordas o eletricista e pedes-lhe para tratar do problema.

— Estás mesmo a querer ser difícil, meu amor. Numa noite destas, devias estar a unir-te a mim, a aclamar-me como um herói.

— E tu a mim, como uma heroína, Macbeth. Já investigaste a Caithness?

— A Caithness? O que te faz pensar que ela esteja envolvida?

— Durante o jantar daquela noite, o Duff disse que ia ficar em casa de um primo.

— Sim, referiu isso.

— E não ficaste surpreendido por um rapaz de um orfanato ter um tio aqui na cidade?

— Nem todos os tios podem assumir a responsabilidade por… — Macbeth franziu o sobrolho, parado atrás dela. — Queres dizer que o Duff e a Caithness…?

— Querido Macbeth, meu herói, tu és e serás sempre um homem simples, sem a perspicácia de uma mulher para perceber como duas pessoas secretamente apaixonadas olham uma para a outra.

Macbeth fitou incrédulo a escuridão, pestanejando. A seguir, abraçou Lady, fechando os olhos e encostando-a a ela. Como teria sobrevivido sem ela?

— Só quando estamos os dois a olhar para o espelho — sussurrou-lhe ao ouvido. — Obrigado, querida. E agora vai para a cama que eu vou mandar o Lennox ir imediatamente a casa da Caithness.

— Voltou — disse ela.

— O quê?

— A eletricidade. Olha. A nossa cidade tem outra vez luz.

Macbeth abriu os olhos e olhou para a cara iluminada dela. Olhou para os corpos deles. Brilhavam em tons de vermelho dos néons da Bacardi do edifício do outro lado da Thrift Street.

— Lennox? — Caithness já estava tão enregelada que tinha os dentes a bater, parada de braços cruzados à entrada do apartamento. — Agente Seyton?

— *Inspetor* Seyton — corrigiu o polícia magro, afastando-a e entrando.

— Que se passa? — perguntou ela.

— Peço desculpa, Caithness — respondeu Lennox. — São ordens. O Duff está aqui?

— O Duff? Mas por que raio havia ele de estar aqui?

— E por que raio me iria você dizer que estava? — retorquiu Seyton, direcionando os quatro agentes fardados da Força de Intervenção, de metralhadora em riste, para as quatro divisões do apartamento. — Se ele estiver aqui, é porque o está a esconder. Sabe perfeitamente que ele é um homem procurado.

— Estejam à vontade — respondeu ela.

— Muitíssimo obrigado pela permissão — ripostou Seyton com acidez.

Observou-a com um grau de atenção que a fez desejar ter mais qualquer coisa vestida do que aquela fina camisa de noite. Depois, sorriu. Caithness estremeceu. A boca dele subiu, arqueando-se por trás dos olhos ligeiramente oblíquos e fazendo-o parecer uma serpente.

— Está a tentar atrasar-nos? — perguntou.

— Atrasá-los? — retorquiu Caithness, na esperança de que ele não se apercebesse do medo na voz dela.

— Senhor inspetor? — Era um dos agentes. — Há aqui uma porta que dá para uma saída de emergência.

— Ai há? — entoou Seyton, sem tirar os olhos de cima de Caithness. — Interessante. Então quer dizer que quando tocámos à campainha lá em baixo, você deixou que o gato se escapulisse pela abertura dele, não foi?

— Nada disso — respondeu ela.

— Tem conhecimento, com certeza, da sanção em que incorre por mentir à polícia… além da que incorre por auxiliar um criminoso?

— *Não* estou a mentir, agente Seyton.

— *Inspe…* — Deteve-se, recuperando o sorriso. — Está a lidar com a Força de Intervenção, menina Caithness. Sabemos fazer o nosso trabalho. Como, por exemplo, examinar as plantas dos edifícios antes de entrarmos neles — Levou o *walkie-talkie* à boca. — Alfa para Charlie. Algum sinal do Duff ao pé da porta da saída de emergência? Escuto.

O curto sibilar quando ele carregou no botão do *walkie-talkie* fê-la pensar no marulhar das ondas numa praia algures muito longe dali.

— Ainda não, Alfa — foi a resposta. — Há boas condições para proceder a uma detenção controlada neste ponto, portanto confirma-se que devemos disparar contra o sujeito mal o avistemos? Escuto.

Caithness viu os olhos de Seyton endurecer e ouviu-lhe a voz agudizar-se.

— O Duff é perigoso. As ordens vêm do comissário-chefe em pessoa e devem ser seguidas à letra.

— Entendido. Terminado.

Os quatro agentes voltaram para a sala de estar.

— Ele não está aqui, senhor inspetor.

— Nada?

— Encontrei isto no meio do chão do quarto, junto à porta que dá para a saída de emergência.

Um dos homens mostrou uma raquete de ténis e joias.

Seyton pegou na raquete e debruçou-se sobre a mão que segurava as joias. Caithness teve a sensação de que ele as estava a farejar. A seguir, virou-se outra vez para ela, segurando o cabo da raquete de uma forma obscena.

— Uma grande raquete para uma mãozinha pequena como a sua, menina Caithness. E tem por hábito atirar os brincos para o chão?

Caithness endireitou-se. Inspirou.

— Julgo ser um hábito bastante comum, agente. Dar pérolas a porcos. Mas, com o tempo, acabamos por aprender, espera-se. Portanto, se já terminaram de espreitar e o gato que estava nas escadas já foi executado, gostava de voltar a ir dormir. Boa noite, cavalheiros.

Viu os olhos de Seyton escurecerem e a boca abrir-se, mas o homem deteve-se quando Lennox lhe pousou a mão em cima do ombro.

— Pedimos desculpa pelo incómodo, Caithness. Mas, sendo tu uma colega, compreenderás com certeza que, no que respeita a este caso, não podemos mesmo deixar pedra sobre pedra.

Lennox e os outros encaminharam-se para a porta da frente, mas Seyton não arredou pé.

— Ainda que nem sempre gostemos da imundície que descobrimos debaixo delas — afirmou. — Com que então ele não lhe comprou uma aliança, pois não?

— O que é que você quer, Seyton?

O sorriso repugnante dele regressou.

— Sim, o que queremos nós?

A seguir, deu meia-volta e foi-se embora.

Ela fechou a porta depois de eles saírem. E encostou-se a ela. Onde estava Duff? Onde tinha estado na noite passada? E o que lhe desejava ela? O inferno em que ele devia estar ou a redenção que não merecia?

Lennox fitou o vazio para lá da chuva que fustigava o para-brisas. A luz refratada ofuscava e distorcia os semáforos vermelhos. Meu Deus, como desejava pôr aquelas horas, aquele turno, aquela noite para trás das costas. Meu Deus, como desejava poder descontrair na sala de estar, servir-se de um copo de uísque e injetar um pouco de poção. Não estava viciado. Pelo menos, ao ponto de isso ser um problema. Usava drogas, não abusava delas; era *ele* que estava ao comando, não era a droga. Era um dos pouquíssimos afortunados que podiam consumir drogas e, mesmo assim, conseguir dar conta de um trabalho exigente e ser ao mesmo tempo pai e marido. Sim, a verdade é que a droga o ajudava a funcionar. Sem as pausas no trabalho, não sabia ao certo como teria sido capaz. De equilibrar tudo, de se mostrar cauteloso. De ceder quando tinha de o fazer, de engolir sapos com um sorriso, de não levantar ondas, de perceber quem mandava, de se deixar ir consoante o sabor do vento. Mas, um dia, seria provavelmente a vez de ele mandar. E se não fosse, havia outras coisas mais importantes. A família — era para ela que estava a trabalhar. Para que ele e Sheila pudessem ter uma casa espaçosa, num bairro seguro na zona oeste da cidade, enviar os três filhos encantadores para uma boa escola com valores sadios, tirar umas merecidas férias no Mediterrâneo uma vez por ano, fazer face às despesas com o seguro de saúde, o dentista e todo esse género de coisas. Meu Deus, como amava a família. Às vezes, pousava o jornal e punha-se simplesmente a

olhar para eles sentados na sala de estar, todos ocupados, e depois pensava: *Isto é uma dádiva que eu nunca julguei que fosse ter a felicidade de receber*. O amor de outras pessoas. Ele, a quem chamavam Albert Albino, e que levava sovas em todos os intervalos, na escola, até um médico lhe ter passado uma declaração a afirmar que não podia suportar a luz do dia e tinha de ficar sozinho na sala de aulas durante os intervalos. Podia ter sido branco, pequeno e frágil, mas garganta não lhe faltava. Foi assim que caçara Sheila — falava sonora e voluvelmente pelos dois. E ainda mais depois de experimentar cocaína pela primeira vez. Tinha sido a coca a torná-lo uma versão melhor de ele próprio, enérgica, tenaz e destemida. Pelo menos, durante um tempo. Mais tarde, passou a ser uma necessidade, para que não se transformasse antes numa versão má. A seguir, tinha mudado de droga, na esperança de que houvesse outro caminho que não o beco sem saída que a cocaína era. No máximo, uma dose por dia. Mais, não. Havia quem precisasse de cinco. Os disfuncionais. Estava muito longe disso. O pai não tinha razão, ele tinha mesmo determinação. E controlo.

— Tudo sob controlo?

Lennox sobressaltou-se.

— Hã?

— A lista — disse Seyton do banco de trás. — O que falta?

Lennox bocejou.

— O quartel-general. É a última paragem.

— O quartel-general da polícia é enorme.

— Pois é, mas, de acordo com o segurança, o Duff só tem três chaves. Uma da Unidade de Narcóticos e outra do Departamento de Homicídios.

— E a terceira?

— Da garagem do Departamento Forense. Mas custa-me a crer que ele quisesse apanhar uma pneumonia na cave quando se pode esconder debaixo de uma mesa num gabinete quentinho e seco.

O rádio da polícia crepitou e uma voz nasalada informou-os de que todos os quartos do Obelisco, incluindo a *penthouse*, tinham sido revistados sem sucesso.

O segurança estava à espera deles, com um grande molho de chaves, à porta da entrada para o pessoal do quartel-general. Lennox, Seyton e mais oito agentes demoraram menos de vinte minutos a revistar as divisões da Unidade de Narcóticos. E ainda menos para passar o Departamento de Homicídios a pente fino. E até tinham verificado por trás das tábuas do teto e dos tubos do sistema de ventilação.

— E é isto que temos — disse Lennox, bocejando. — Está feito, minha gente. Durmam umas horitas. Continuamos amanhã.

— A garagem — declarou Seyton.

— Como eu já disse…

— A garagem.

Lennox encolheu os ombros.

— Tens razão. Não vai demorar muito tempo. Vão para casa, rapazes, que eu, o Seyton e o Olafson vamos ver na garagem.

Desceram os três no elevador até à cave, com o segurança, que lhes abriu a porta e acendeu as luzes.

Em pleno silêncio, enquanto a eletricidade fazia o que tinha a fazer para os fosfatos dos tubos de néon entrarem em fluorescência, Lennox ouviu qualquer coisa.

— Ouviram aquilo? — murmurou.

— Não — respondeu o segurança. — Mas, se for alguma coisa, serão ratazanas.

Lennox teve dúvidas. Não tinha sido um ruído seco, nem algo a deslocar-se apressadamente, antes um ranger. Como, por exemplo, de sapatos.

— Uma praga — continuou o segurança. — Não dá para nos livrarmos delas, aqui em baixo.

A cave grande estava vazia, excetuando um carrinho com diversas ferramentas e o *Volvo* de Banquo, tapado com uma lona, junto à porta da garagem. Dispostas ao longo da parede, encontravam-se cinco portas fechadas.

— Se se querem ver livres de ratazanas — disse Seyton, soltando a segurança da metralhadora —, basta contactarem-me. Olafson, começamos pela esquerda.

Lennox observou o homem calvo a atravessar a cave rápida e agilmente, com Olafson colado a ele. Ocuparam-se das portas uma a uma, como que numa dança rigorosamente coreografada e treinada. Seyton abria-a e Olafson entrava com a metralhadora encostada ao ombro e ajoelhava-se, e Seyton vinha logo atrás e ultrapassava-o. Lennox contou os minutos. Estava a ficar tarde para a dose dele, conseguia senti-lo. Até que, por fim, ali estava a última porta. Seyton fez força no puxador.

— Trancada! — gritou.

— Oh, sim, a câmara escura está sempre trancada — explicou o segurança. — As fotografias são consideradas provas. O Duff não tem a chave daqui. Pelo menos, eu não lha dei.

— Então vamos embora — disse Lennox.

Seyton e Olafson aproximaram-se deles, com os canos curtos das metralhadoras apontados para baixo, enquanto o segurança lhes mantinha a porta aberta.

Finalmente.

Seyton estendeu a mão.

— A chave.

— O quê?

— Da câmara escura.

O segurança hesitou e olhou de relance para Lennox, que soltou um suspiro e assentiu com a cabeça. O guarda tirou uma chave do molho e

entregou-a a Seyton.

— O que está ele a fazer? — perguntou o segurança enquanto observavam Seyton e Olafson a passar pelo *Volvo,* dirigindo-se para a porta da câmara escura.

— O trabalho dele — rosnou Lennox.

— Estou a falar do nariz. Parece que ele está a farejar, como um animal.

Lennox assentiu. Pensando que não era o único a reparar que Seyton era capaz de assumir a forma de um… não sabia de quê. De qualquer coisa que, em todo o caso, não era humana.

Seyton sentiu-lhe o cheiro. Aquele cheiro. O mesmo da casa em Fife e do apartamento de Caithness. Das duas, uma, ou ele estava ali ou tinha estado recentemente. Seyton destrancou a porta e abriu-a. Olafson entrou e ajoelhou-se. Quando o segurança carregou no interruptor na porta da frente, todas as luzes da garagem e das salas secundárias tinham-se acendido também, mas ali continuava tudo escuro. Claro. Uma câmara escura.

Seyton entrou. O fedor dos químicos sobrepunha-se ao cheiro da presa, de Duff. Descobriu o interruptor do outro lado da porta e carregou nele, mas mesmo assim não se fez luz. Talvez o fusível tivesse rebentado durante o corte de energia. Ou talvez alguém tivesse tirado de lá a lâmpada. Seyton acendeu a lanterna. A parede por cima da mesa estava repleta de fotografias grandes penduradas numa corda. Seyton apontou a lanterna nessa direção. As fotos mostravam uma adaga com a lâmina e o cabo manchados de sangue. Duff estivera ali. Seyton tinha a certeza absoluta.

— Ei! Que se passa aí dentro?

Era Lennox. O maricas do albinozinho queria ir para casa. Estava a suar e a bocejar. O raio da velha.

— Já vamos! — gritou Seyton, apagando a lanterna. — Anda, Olafson.

Seyton deixou Olafson passar. Fechou a porta com força depois de ele

sair, mas deixou-se ficar lá dentro. À escuta, na escuridão. Até que Duff pensasse que a costa estava livre e descontraísse. Seyton apontou a metralhadora às fotografias. E carregou no gatilho. A arma tremeu-lhe nas mãos, e o som reverberou-lhe nos tímpanos. Fez o sinal da cruz depois do estouro. A seguir, acendeu de novo a lanterna, aproximou-se das fotos perfuradas e afastou-as.

Fitou os buracos das balas na parede atrás delas.

Nada de Duff.

Ainda tinha o barulho das explosões a zumbir-lhe nos ouvidos. Reparou que um dos buracos era mais fundo do que os outros — duas balas deviam ter acertado no mesmo sítio. Um acaso.

Claro.

Seyton marchou para fora da câmara escura, na direção dos outros.

— Que foi isso? — perguntou Lennox.

— Não gostei das fotografias — respondeu Seyton. — Há um sítio de que nos esquecemos.

— Sim — queixou-se Lennox. — Das nossas camas.

— O Duff pensa como os tipos pensavam durante os bombardeamentos na guerra. Esconde-se na cratera de uma bomba porque julga que duas bombas não podem cair exatamente no mesmo sítio.

— Mas que raio…?

— O Duff voltou para a casa dele em Fife. Vamos!

A ratazana saiu disparada do esconderijo depois de a luz da garagem se apagar. Tinha ouvido a porta bater com estrondo e os passos afastarem-se. Avançou silenciosamente pelo chão de tijoleira húmida até ao carro no meio da garagem. Havia sangue no banco do condutor, o que a atraía. Doce, nutriente e já com vários dias. Ela só tinha de furar a lona que cobria o carro. A ratazana já quase o tinha conseguido fazer quando foi interrompida. Mas,

naquele instante, roeu a última parte e entrou. Correu pelo chão, do lado do passageiro, passando pela alavanca das mudanças e pisando o tapete de borracha do lado do condutor. Trepando por um par de sapatos de couro. Encolhendo-se quando um dos sapatos de couro rangeu e se elevou. O animal ergueu-se sobre as patas traseiras e silvou. O banco encantador do condutor, manchado de sangue, estava ocupado.

Duff ouviu o ruge-ruge da ratazana a fugir. E depois afrouxou um pouco as mãos que agarravam tensamente o volante. Conseguia sentir que o coração já não lhe martelava o peito, estava apenas a bater. Estivera a ribombar com tanta força enquanto Seyton e os homens dele se encontravam na garagem que tinha a certeza de que não podiam ter deixado de o ouvir. Olhou para o relógio. Ainda faltavam cinco horas para o romper do dia. Tentou mudar de posição, mas tinha as calças coladas ao sangue no banco. O sangue de Banquo. Estava a prendê-lo àquele sítio. Mas ele tinha de sair dali. De avançar.

Mas para onde? E como?

Ao fugir, a ideia tinha sido que seria mais fácil ir de carro até à cidade e desaparecer no meio da multidão do que escapar por uma estrada campestre. Abandonara o carro numa rua não muito distante do Obelisco e entrara no casino, que era o único sítio, além do Inverness, que ele sabia ficar aberto a noite inteira. Claro que não poderia pedir um quarto; os locais onde se pudesse passar a noite seriam os primeiros que Macbeth verificaria. Mas poderia sentar-se no meio da imensidão de máquinas de jogo, tão solitário e à vontade como a pessoa na máquina mais próxima, alimentando-a com moedas e deixando-se roubar. E tinha-o feito enquanto pensava — *tentava* pensar — como poderia escapar e olhava fixamente para as imagens das probabilidades a girar nas três janelinhas. Um coração. Uma adaga. Uma coroa. Passadas umas horas, foi ao bar beber uma cerveja, para ver se isso o

animava, e viu na televisão sem som por cima do *barman* a conferência de imprensa no quartel-general da polícia. De repente, uma cara conhecida surgiu no ecrã, com uma cicatriz branca a cortá-la na diagonal, como um sinal de trânsito. Um grande plano dele próprio, com a palavra PROCURADO sobreposta. Duff dirigiu-se para a saída, com a gola levantada e a cabeça para baixo. E o ar noturno frio aclarou-lhe o cérebro suficientemente para se lembrar do antigo ninho de amor deles, a garagem, que era a melhor opção para passar a noite.

Mas dali a pouco tempo viria a sexta-feira, um dia de trabalho, e ele teria de se ir embora antes de o pessoal chegar, com os quiosques lá fora adornados com a cara dele.

Duff enfiou a mão no bolso do casaco. Sentiu o papel lustroso debaixo dos dedos. Tirou o embrulho. Não conseguiu evitar, imaginou a cara de Ewan ao ver que tinha recebido o que pedira. Duff ouviu-se a soluçar sem conseguir parar. Chega! Não podia! Tinha jurado a si mesmo que não iria pensar neles agora. Chorá-los era um privilégio que concederia a si mesmo mais tarde, caso sobrevivesse. Acendeu a luz interior do *Volvo*, secou as lágrimas, desembrulhou o presente, tirou de lá a barba falsa, abriu o tubo de cola e espremeu-o até sair o material reluzente, que espalhou pelo queixo, à volta dos lábios e na parte de dentro da barba. Serviu-se do espelho retrovisor para a colar. Enterrou o gorro de lã justo sobre a testa, para que a parte de cima da cicatriz não se visse. A seguir, pôs os óculos. As armações comicamente largas tapavam-lhe a cicatriz na parte da bochecha, por cima da barba. Viu pelo retrovisor que tinha cola na bochecha. Procurou em vão nos bolsos qualquer coisa que lhe permitisse limpá-la, abriu o porta-luvas, descobriu um bloco de notas, tirou-o cá para fora e estava prestes a arrancar a primeira folha. Parou. Sob a luz, viu ligeiras marcas na folha. Alguém tinha escrito recentemente no bloco. E então? Arrancou a folha e limpou a cola da bochecha. Amarrotou o papel e enfiou-o no bolso do casaco. Guardou outra

vez o bloco no porta-luvas.

Ora muito bem.

Recostou-se no banco. E fechou os olhos.

Cinco horas. Porque tinha posto a barba com tanta antecedência? Já lhe estava a fazer comichão. Recomeçou a pensar. Esforçou-se para afastar o pensamento de Fife. Tinha de encontrar um sítio para se esconder na cidade. As estradas estariam todas fechadas. Além disso, não tinha nenhum refúgio fora da cidade ou em Fife, todos os albergues ou hotéis teriam sido avisados, não havia ninguém fora da cidade que se dispusesse a esconder um assassino de polícias procurado. E foi então que se apercebeu. Não conhecia ninguém capaz de o ajudar. Nem ali, nem fosse onde fosse. Era o género de pessoa com quem os outros se davam; não antipatizavam necessariamente e de forma ativa com ele. Simplesmente não gostavam dele. E porque haviam de gostar? O que já tinha ele feito para os ajudar que não o ajudasse também? Tinha alianças e não amigos. E agora, quando Duff precisava de facto de ajuda, de um amigo, de um ombro para chorar, era um homem sem crédito, uma causa perdida. Examinou o seu reflexo patético, hirto e hirsuto. A raposa. Os caçadores estavam a apertar o cerco, o novo sabujo principal de Macbeth, Seyton, já estava a ladrar-lhe aos calcanhares. Tinha de fugir dali. Mas onde, onde conseguiria a raposa arranjar uma toca?

Cinco horas para o romper do dia. Para a sexta-feira. Para o aniversário do Ew…

Não! Não chores! Sobrevive! Um morto não pode vingar nada.

Tinha de se manter acordado até à luz do dia e depois arranjar outro sítio. Talvez uma das fábricas abandonadas. Não, já tinha rejeitado essa ideia. Macbeth sabia tão bem como ele onde se tentaria esconder. Merda! Agora, estava a andar em círculos, a passar pelas próprias pegadas, como as pessoas fazem quando se perdem.

Estava tão cansado, mas tinha de se manter acordado até à luz do dia.

Ewan nunca tinha chegado a fazer dez anos. Merda! Tinha de arranjar qualquer coisa para se distrair. Leu todos os indicadores que tinha à frente. Tirou a folha amarrotada do bolso do casaco e alisou o papel. Tentou lê-lo. Pôs-se a vasculhar no porta-luvas até encontrar um lápis. Segurou-o de lado sobre o papel e sombreou as marcas. E o que tinha sido escrito no papel, na folha de cima, que fora arrancada, brilhou em tons brancos, sob um fundo preto: *Golfinho. Tannery Street, 66, Distrito 6. Alfie. Porto seguro.*

Uma morada. Havia uma Tannery Street na cidade, mas nenhum Distrito 6. E só havia outra cidade que se encontrava dividida em distritos. Capitol. Quando poderia aquele apontamento ter sido escrito? Não fazia ideia do tempo que uma marca deixada por um lápis demoraria a desaparecer. E que quereria dizer *Porto seguro*?

Apagou a luz e fechou os olhos. Uma sonecazinha, talvez?

Capitol. Sexta-feira. Tinha visto essa combinação algures, há muito pouco tempo.

Estava a começar a ter um sonho com associações àquelas duas palavras quando acordou sobressaltado.

Acendeu a luz novamente.

VINTE E TRÊS

— Eu e a Meredith vamos casar — disse Duff.

Parecia que um sol lhe brilhava nos olhos.

— A sério? Isso foi… ah… rápido.

— Pois foi! Vais ser o meu padrinho, Macbeth?

— Eu?

— Claro. Quem mais podia ser?

— Ah… Quando?

— Seis de julho. Na casa de verão dos pais da Meredith. Está tudo combinado. Os convites foram enviados hoje.

— É simpático da tua parte convidares-me, Duff. Vou pensar nisso.

— Pensar?

— É que… planeei uma viagem um pouco longa para julho. Julho é complicado para mim, Duff.

— Viagem? Não me disseste nada acerca disso.

— Não, sou capaz de não te ter dito.

— Mas a verdade é que não conversamos há uns tempos. Onde tens estado? A Meredith perguntou por ti.

— Perguntou? Oh, aqui e ali. Tenho andado um bocado ocupado.

— E essa viagem é onde?

— A Capitol.

— Capitol?

— Sim, nunca… ah… lá estive. Já é altura de conhecer a nossa capital, não achas? Dizem que é um sítio muito mais agradável do que isto aqui.

— Ora, ouve o que te digo, meu querido Macbeth. Pago-te o bilhete de avião de volta de Capitol. Não posso não ter o meu melhor amigo presente quando me estou a casar. Vai ser a festa do ano! Imagina todas as amigas solteiras da Meredith…

— E de Capitol, vou para o estrangeiro. É uma viagem longa, Duff. Provavelmente, vou estar fora todo o mês de julho.

— Mas… Isto tem alguma coisa que ver com aquele namorico entre ti e a Meredith há uns tempos?

— Por isso, se não nos virmos durante algum tempo, as melhores felicidades com o casamento e… bem, com tudo.

— Macbeth!

— Obrigado, Duff, mas não me vou esquecer que te devo o sangue do dragão. Diz olá por mim à Meredith e agradece-lhe pelo namorico.

— Macbeth!

Macbeth abriu os olhos. Estava deitado na cama. Um sonho. Todavia. Eram essas as palavras que tinham utilizado naquela altura? *Sangue do dragão.* Lorreal. Ele tinha mesmo dito aquilo?

— Macbeth!

A voz vinha do outro lado da porta do quarto e agora estava acompanhada por pancadas frenéticas. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Três da manhã.

— Senhor comissário, é o Jack!

Macbeth voltou-se para o outro lado. Estava sozinho. Lady não estava lá.

— Senhor comissário, tem de…

Macbeth abriu a porta de rompante.

— Que se passa, Jack?

— Ela está com um ataque de sonambulismo.

— E então? Não estás a vigiá-la?

— Desta vez é diferente, senhor. Ela… O senhor tem de vir comigo.

Macbeth bocejou, acendeu a luz, vestiu um roupão e estava prestes a sair do quarto quando o olhar caiu na mesa por baixo do espelho. A caixa de sapatos tinha desaparecido.

— Depressa! Mostra-me o caminho, Jack.

Encontraram-na no telhado. Jack parou no limiar da porta de metal aberta. Tinha parado de chover e tudo o que se conseguia ouvir era o vento e o barulho regular do trânsito que nunca dormia. Ela estava de pé na borda, iluminada pelo anúncio da Bacardi, com as costas voltadas para eles. Uma rajada de vento agitou-lhe a camisa de noite fina.

— Lady! — exclamou Macbeth, preparando-se para correr para ela, mas Jack segurou-o.

— O psiquiatra disse que ela não pode ser acordada quando está sonâmbula, senhor Macbeth.

— Mas pode cair da beira do telhado!

— Ela vem para aqui muitas vezes e fica ali — respondeu Jack. — Consegue ver, mesmo estando a dormir. O psiquiatra diz que os sonâmbulos raramente têm acidentes, mas se os acordarmos, podem ficar desorientados e magoarem-se.

— Porque ninguém me disse que ela vinha cá para cima? Deram-me a entender que, basicamente, ela passeia para um lado e para o outro do corredor.

— Ela disse-me, sem deixar margens para dúvidas, que eu não podia contar o que ela faz quando está a dormir, senhor.

— E faz o quê?

— Às vezes, passeia pelo corredor, como o senhor disse. Outras vezes vai para a lavandaria e usa o sabão forte de lá. Esfrega as mãos com toda a força, às vezes, até à pele ficar vermelha. Depois sobe ao telhado.

Macbeth olhou para ela. A sua adorada Lady. Tão exposta e tão vulnerável ali na noite ventosa. Tão sozinha na escuridão da sua mente, a escuridão de que ela lhe tinha falado, mas para onde não o podia levar. Não havia nada que ele pudesse fazer. Apenas esperar que ela escolhesse voltar da noite. Tão perto e tão inacessível.

— O que te faz pensar que ela se pode matar esta noite?

Jack olhou para Macbeth, surpreendido.

— Não penso que ela o vá fazer, senhor.

— Então o que foi?

— O que foi o quê, senhor Macbeth?

— O que te preocupou tanto que me foste chamar?

Naquele momento, o luar rompeu por um espaço entre as nuvens. E como em resposta a um sinal combinado, Lady virou-se e encaminhou-se para eles.

— Aquilo.

— Deus nos ajude — sussurrou Macbeth, dando apressadamente um passo atrás.

Lady segurava uma trouxa nos braços. Tinha puxado a camisa para expor um seio, que segurava para a ponta aberta da trouxa. Macbeth viu a parte de trás da cabeça de um bebé. Contou quatro buracos pretos.

— Ela está a dormir? — perguntou Macbeth.

— Acho que sim — sussurrou Jack.

Tinham-na seguido de perto desde o telhado, pelas escadas abaixo e para dentro da suíte. Agora estavam parados ao lado da cama, onde Lady estava deitada com um cobertor puxado por cima dela e do bebé.

— Vamos tirar-lho?

— Deixa-a ficar com ele — respondeu Macbeth. — Que mal pode fazer? Mas quero que fiques aqui sentado a vigiá-la durante a noite. Tenho uma entrevista importante na rádio amanhã de manhã, muito cedo, e preciso de

dormir, por isso, dá-me uma chave para outro quarto.

— Claro — respondeu Jack. — Vou ligar para vir alguém para a receção.

Enquanto Jack estava longe, Macbeth afagou a face do bebé. Fria, rígida, um bebé destroçado. O que ele e Lady tinham sido. Mas eles tinham conseguido consertar-se. Não. Lady tinha conseguido consertar-se. Macbeth tivera ajuda. De Banquo. E, antes disso, no orfanato, de Duff. Se Duff não tivesse matado Lorreal, provavelmente, Macbeth teria acabado por se suicidar mais cedo ou mais tarde. Mesmo quando fugiu do lar, ainda tinha quatro buracos no coração. Quatro buracos que tiveram de ser enchidos com qualquer coisa. A poção foi o selante mais rápido e mais fácil de arranjar. Mas, pelo menos, manteve-se vivo. Graças a Duff, o filho da mãe.

E depois houvera Lady, claro. Que lhe tinha mostrado que os corações podiam ser selados com amor e a dor podia ser aliviada fazendo amor. Afagou-lhe a face. Quente. Suave.

Havia maneiras de voltar atrás ou tinham-se esquecido de planear uma hipotética retirada? Só tinham feito planos para vitórias? Sim, tiveram vitórias. Mas e se a vitória deixa um sabor amargo, se vem com um preço demasiado alto e fosse preferível uma derrota barata? O que se faz então? Abdica-se, renuncia-se aos ornamentos reais, pede-se perdão humildemente e volta-se para as tarefas diárias? Quando se dá o passo em frente no beiral do telhado e as pedras da calçada do bairro da prostituição avançam vertiginosamente, pergunta-se à gravidade se se pode voltar atrás com o passo mal pensado? Não. Aceita-se o que aí vem. Tira-se o melhor partido disso. Assegura-se que se aterra com os dois pés, talvez partindo uma ou as duas pernas. Mas sobrevive-se. E tornamo-nos uma pessoa melhor, que aprendeu a ter mais cuidado com o passo que der da próxima vez.

Jack entrou.

— Arranjei uma pessoa para a receção — disse ele, entregando uma chave a Macbeth.

Macbeth olhou para ela.

— O quarto do Duncan?

Jack tapou a boca com a mão, horrorizado.

— Pensei que era o quarto melhor, mas o senhor é capaz de preferir…

— Tudo bem, Jack. Fico perto para o caso de haver alguma coisa. Além disso, não acredito em fantasmas. E, como toda a gente sabe, não tenho nada a recear do fantasma do Duncan.

— Não, nada.

— Exatamente, nada. Boa noite.

Chegaram assim que ele fechou os olhos.

Duncan e Malcolm. Estavam deitados debaixo do edredão, um de cada lado dele.

— Não há espaço para todos nós — gritou Macbeth e atirou-os para o chão aos pontapés, onde ficaram a silvar até que as caudas dos ratos correram ao longo da parede e eles desapareceram.

Mas nesse momento a porta abriu-se, e Banquo, Fleance e Duff entraram silenciosamente, cada um com uma adaga na mão, preparados para atacar.

— Que querem?

— Justiça e o nosso sono de volta.

— Ah! Ah! Ah! — gargalhou Macbeth, contorcendo-se na cama. — A pessoa capaz de me fazer mal ainda não nasceu! Só a *Bertha* me pode tirar do lugar de comissário-chefe! Sou imortal! Macbeth é imortal! Lá para fora, seus mortais defuntos!

VINTE E QUATRO

Fred Ziegler bocejou.

— Fred, precisas de uma chávena de café. — O capitão do MS *Glamis* riu por entre dentes. — Não podemos ter um piloto de porto a adormecer com este tempo. Diz-me lá, estás sempre cansado?

— Dias muito ocupados e a dormir pouco — respondeu Fred.

Não podia dizer ao capitão que a razão por que estava sempre a bocejar era estar assustado. Fred tinha visto o mesmo sintoma no seu cão, mas, felizmente, bocejar era geralmente considerado como indicação de que se está completamente descontraído. Aborrecido. Ou que, de facto, não dormiste o suficiente. O capitão carregou no intercomunicador e o seu pedido de café desceu pelo cabo até à cozinha, coberta após coberta após coberta. O MS *Glamis* era um navio grande. Um navio alto. E era isso que preocupava Fred Ziegler.

Abafou outro bocejo e olhou para o outro lado do rio. Conhecia todos os bancos de areia, todos os baixios e todos os parágrafos minúsculos no livro das regras da autoridade do porto sobre como entrar e sair do porto — onde a corrente corria com mais força, onde as ondas rebentavam, onde se podia abrigar e onde ficavam todos os postes de amarração do porto. Isso não o incomodava. O rio era cinzento; ele conseguia guiar barcos para dentro e para fora de olhos vendados, e tinha-o feito, ou quase. O tempo também não o incomodava. Estava a levantar-se uma ventania e o vidro à frente deles já

estava branco com os borrifos e o sal. Mas ele tinha guiado navios maiores e mais pequenos durante furacões e pior, sem precisar de um farol, de uma boia de sinalização ou de um vigia. A viagem no barquinho de piloto que o iria levar para terra não o perturbava, embora estivesse em tão boas condições para navegar como uma vaca — bastava uma brisa para meter água, a sugestão de uma tempestade e podia virar se o timoneiro não enfrentasse as ondas corretamente.

Fred Ziegler bocejava porque o apavorava que o navio baixasse a bandeira vermelha e branca que mostrava que tinham um piloto a bordo. Ou, para ser mais exato, ter de sair do navio. Descer pela escada de corda.

Trabalhava como piloto há doze anos e continuava a não se habituar a descer e a subir o lado de um navio. Não o preocupava poder ir parar dentro de água, embora soubesse que devia ter medo porque não sabia nadar.

Não, o que o preocupava era a altura.

O medo paralisador quando tivesse de descer de costas do lado do navio. Mesmo com este tempo, o navio era tão grande que descer a escada do lado do sotavento não era difícil de um ponto de vista puramente técnico. Todavia, ver ou apenas saber que havia quinze metros de ar fino entre ele e o abismo preocupava-o. Tinha sido sempre assim e iria ser sempre assim. Todos os malditos dias de trabalho estavam limitados por este pequeno inferno: era a primeira coisa na sua cabeça quando acordava de manhã e a última antes de adormecer. Mas que raio, não havia nada de invulgar naquilo — à volta dele, via muita gente que passava toda a vida a fazer trabalhos ou em posições de que não gostava.

— Já deves ter saído do porto tantas vezes que podias pedir à guarda costeira para se limitar a deixar-te passar — disse Fred.

— Deixar-me passar? — respondeu o capitão. — Nesse caso, não teria a tua companhia, Fred. O que se passa? Não gostas de mim?

Não gosto do teu navio, pensou Fred. Sou um homem pequeno que não

gosta de barcos grandes.

— A propósito, vais passar a ver-me menos vezes no futuro — informou o capitão.

— Então?

— Não há carga suficiente. No ano passado, perdemos a Graven quando eles faliram e depois a Estex fechou. O que temos a bordo agora é o último *stock*.

Fred tinha reparado pela forma como o navio assentava na água que havia menos carga do que o habitual.

— Uma pena!

— Não, não faz mal — disse o capitão pesarosamente. — Sabendo que o material tóxico que temos andado a transportar há todos estes anos é pago com as vidas dos nossos concidadãos… Acredita, nem sempre dormi bem e às vezes perguntei a mim mesmo como deveria ter sido ser capitão de um navio de escravos. É preciso sermos criativos para arranjar desculpas suficientemente boas para nós mesmos. Se calhar, sabemos a diferença entre o bem e o mal, mesmo sem usarmos este grande e maravilhoso cérebro. Mas com ele podemos reunir argumentos verdadeiramente sofisticados que, individualmente, parecem bons e, em conjunto, nos podem levar exatamente para onde queremos ir, independentemente de quão embebido de insanidade isto esteja. Não, Fred, não quero pedir à guarda costeira permissão para navegar estas águas contaminadas sem um piloto. Na quarta-feira, estávamos na fila para entrar quando chegou uma mensagem do próprio mestre do porto a dizer que tínhamos prioridade. De borla.

— Deve ter sido uma surpresa agradável.

— E foi. Depois deitei uma olhadela mais atenta à lista de carga a bordo. Afinal, tínhamos estado a transportar duas *Gatlings*. Isto está a começar a parecer-se muito ao que era no tempo do Kenneth. Hei! Cuidado! Estás a tentar escaldar o nosso piloto, filho?

O homem com a farda axadrezada da cozinha tinha-se desequilibrado quando o navio embateu numa onda e entornara café no uniforme preto do piloto. O tipo resmungou uma desculpa para dentro da barba, pousou as chávenas e saiu rapidamente.

— Desculpa, Fred. Mesmo aqui, onde metade da população está desempregada, é difícil arranjar tripulantes com pernas para aguentar o mar. Este tipo apareceu-nos esta manhã, garantindo que tinha trabalhado numa cozinha, mas que perdeu os papéis.

Fred sorveu o café.

— Ele nunca esteve a bordo de um barco antes e também não sabe fazer café.

— Oh, bem — disse o capitão soltando um suspiro. — Cá nos vamos aguentar, pois só vamos até Capitol. Atrás de nós, está a ilha de Hanstholm e já passámos o pior. Vou chamar o teu barco e dizer-lhes para atirarem a escada.

— Está bem — respondeu Fred, engolindo em seco. — Quer dizer que já passámos o pior.

Macbeth estava sentado numa cadeira no corredor a contorcer as mãos e a olhar fixamente para a porta da suíte.

— Que está ele ali a fazer dentro, exatamente?

— Não percebo grande coisa de psiquiatria — respondeu Jack. — Quer que lhe vá buscar mais café, senhor comissário?

— Não, fica onde estás. Mas ele é bom, dizes tu?

— Sim, o doutor Alsaker tem fama de ser o melhor da cidade.

— Isso é bom, Jack. É bom. Terrível, terrível.

Macbeth inclinou-se para a frente na cadeira e escondeu a cara nas mãos. Ainda faltava uma hora para a entrevista na rádio. Tinha acordado antes da aurora com os gritos vindos do quarto de Lady. E quando se precipitara lá

para dentro, ela estava de pé, ao lado da cama, a apontar para o bebé morto.

— Olha! — guinchou ela. — Olha para o que eu fiz!

— Mas não foste tu, meu amor.

Tentou agarrá-la, mas ela arrancou-se aos braços dele e caiu de joelhos a soluçar.

— Não me chames *meu amor*! Não posso ser amada, uma assassina de crianças *não deve* ser amada!

Depois voltou-se para Macbeth e olhou para ele com aqueles olhos pretos enlouquecidos.

— Nem sequer um assassino de crianças deve amar uma assassina de crianças!

— Anda e vem deitar-te comigo, querida.

— Sai do meu quarto! E não *toques* na criança!

— Isto é uma loucura. Vai ser queimada hoje.

— Toca na criança e eu mato-te, Macbeth, juro que mato.

Pegou na criança e começou a embalá-la nos braços.

Macbeth engoliu sem seco. Precisava da injeção matinal.

— Vou buscar roupa e deixo-te já em paz — disse ele, dirigindo-se para o guarda-fatos.

Puxou uma gaveta. Ficou a olhar, espantado.

— Desculpa — disse ela. — Vais ter de ir buscar mais. Precisamos disso, tu e eu.

Ele saiu e, em vez de ir buscar mais droga, mandara Jack chamar um psiquiatra.

Macbeth voltou a olhar para o relógio. Quanto tempo podia levar a consertar o pequeno curto-circuito que, obviamente, ela tinha tido?

Em resposta, a porta abriu-se e Macbeth levantou-se de um salto. Um homem pequeno, com uma barba grisalha rala e pálpebras que pareciam ter um tamanho a mais, saiu.

— Bem? — perguntou Macbeth. — Doutor… hã…

— Doutor Alsaker — acrescentou Jack.

— Dei-lhe uma coisa para a acalmar — disse o psiquiatra.

— O que é que ela tem?

— É difícil de dizer.

— Difícil? Dizem que o senhor é o melhor.

— É muito agradável ouvir isso, mas nem os melhores dos melhores conhecem todos os labirintos da mente, senhor Macbeth.

— *Tem* de a curar.

— Como já disse, com o pouco que realmente sabemos sobre a mente humana, isso é pedir muito…

— Não estou a *pedir*, doutor. Estou a fazer-lhe um ultimato.

— Um ultimato, senhor Macbeth?

— Se não a puser outra vez normal, terei de o prender como charlatão.

Alsaker olhou para ele por baixo das pálpebras demasiado grandes.

— Estou a ver que dormiu mal e que está de cabeça perdida, comissário-chefe. Recomendo-lhe que esteja um dia sem ir trabalhar. Quanto à sua mulher…

— Está enganado — disse Macbeth, tirando uma adaga do coldre do ombro. — E a punição por não fazer o seu trabalho é draconiana durante o atual estado de emergência.

— Senhor comissário — começou Jack a dizer.

— Cirurgia — disse Macbeth. — É isso que é preciso, é isso que um médico a sério faz: corta o que é pernicioso. Exclui qualquer pensamento sobre a dor do paciente porque isso só o faz vacilar. Remove e destrói o elemento ofensivo, um tumor ou um pé apodrecido, para salvar o todo. Não quer dizer que o tumor ou o pé sejam o mal em si próprios, têm simplesmente de ser sacrificados. Não é assim, doutor?

O psiquiatra levantou a cabeça.

— Senhor Macbeth, tem a certeza de que é a sua mulher que precisa de ser examinada e não o senhor?

— Já recebeu o seu ultimato.

— E vou-me embora agora. Por isso, é melhor apunhalar-me nas costas com essa coisa se precisar de o fazer.

Macbeth viu Alsaker virar-lhe as costas e dirigir-se para as escadas. Olhou para a adaga na mão. Que raio estava a fazer?

— Alsaker!

Macbeth correu atrás do psiquiatra. Apanhou-o e ajoelhou-se à frente dele.

— Por favor, *tem* de… tem de a ajudar. Ela é tudo o que tenho. Tenho de a ter de volta. *O senhor* tem de a trazer de volta. Pago o que for preciso.

Alsaker agarrou a barba entre o polegar e o indicador.

— É poção? — perguntou.

— Poder — respondeu Macbeth.

— Claro.

— Conhece?

— Sob várias alcunhas, mas os químicos são os mesmos. As pessoas pensam que é um antidepressivo porque atua inicialmente como uma anfetamina das primeiras vezes, até que os episódios se tornam psicóticos.

— Sim, sim, sim. É isso que ela toma.

— Eu perguntei o que é que o *senhor* toma. E agora já estou a ver. Há quanto tempo anda a tomar poder?

— Hã…

— Não há muito, evidentemente. A primeira coisa a ir são os dentes. Depois, a mente. E não é fácil escapar da prisão da psicose. Sabe o que lhe chamam quando está completamente dependente do poder? Um PDG.

— Ora, ouça…

— Um prisioneiro de guerra. É giro, não é?

— Não sou seu paciente, Alsaker. Imploro-lhe que não se vá embora sem ter feito tudo o que pode.

— Prometo que volto, mas tenho outros doentes que precisam de mim agora.

— Jack — disse Macbeth sem se mexer ou tirar os olhos do psiquiatra.

— Sim, senhor comissário.

— Mostra-lhe.

— Mas…

— Ele está sujeito ao juramento de Hipócrates.

Jack desenrolou o pano da trouxa e mostrou o conteúdo ao médico. Este deu um passo atrás, tapando a boca e o nariz com a mão.

— Ela pensa que é dela — explicou Macbeth. — Se não o fizer por mim e por ela, faça-o pela cidade, doutor.

Macbeth sentiu uma pressão estranha nos ouvidos quando a porta se fechou atrás dele. Finalmente, pensou, estou no manicómio. As paredes do quartinho quadrado, onde três pessoas estavam sentadas a observá-lo, eram almofadadas, embora houvesse uma janela.

— Não esteja com receio — disse o homem na mesa à frente dele. — Vou só fazer-lhe umas perguntas. Vai acabar depressa.

— Não é das perguntas que tenho receio — replicou Macbeth, sentando-se. — É das respostas.

O homem sorriu, a música do altifalante por cima da janela apagou-se e ele levou um dedo aos lábios quando se acendeu uma luz vermelha na parede.

— Estamos a ouvir *Rolling News* com Walt Kite — trinou o homem, voltando-se para o microfone à sua frente. — Temos a visita do novo favorito da cidade, o comissário-chefe Macbeth, que, depois de destruir um dos mais conhecidos gangues de traficantes de droga, os Norse Riders, está agora a perseguir incansavelmente os seus colaboradores corruptos dentro das fileiras

da própria polícia. Conquistou os corações das pessoas, alimentou-lhes a esperança com discursos inspiradores, em que nos diz que estamos a entrar num tempo novo. Comissário-chefe Macbeth, isto não é apenas retórica?

Macbeth aclarou a garganta. Estava preparado para isto. Era um homem novo. Mais uma vez, estava medicado de forma perfeita.

— Sou um homem simples e não percebo nada de retórica, Walt. Disse apenas o que me ia na cabeça: se esta cidade tiver vontade, tem a musculatura necessária para se erguer. Mas nem o comissário-chefe, nem os políticos podem erguer uma cidade; têm de ser os seus cidadãos a fazê-lo.

— Mas podem ser inspirados e guiados?

— Evidentemente.

— Já está a ser publicitado como potencial presidente da câmara. Isso é algo que o pode tentar, comissário-chefe Macbeth?

— Sou um oficial da polícia e o meu único desejo é servir a cidade no cargo para que fui nomeado.

— Como um servidor humilde das pessoas, por outras palavras. O seu predecessor, Duncan, também se via como um servidor das pessoas, embora não fosse tão humilde. Prometeu apanhar o criminoso mais poderoso da cidade, o Hécate, também conhecido por Mão Invisível, no período de um ano. Agora, o senhor resolveu o problema dos Norse Riders. Que prazo deu a si próprio para o Hécate?

— Primeiro, deixe-me explicar-lhe a razão para o nome Mão Invisível. Sabemos muito pouco sobre o Hécate, só que *provavelmente* está por trás do fabrico da droga chamada «poção». Mas dada a sua produção e distribuição generalizadas, é igualmente provável que estejamos a falar de uma rede ou de uma cadeia de fornecimento partilhada.

— Está a dizer que não vai dar prioridade tão alta à detenção do Hécate como fazia o Duncan?

— O que estou a dizer é que, como comissário-chefe, me recuso a usar

todos os meus recursos em detenções que podem dar grandes cabeçalhos nos jornais, trazer honrarias para a polícia e levar ao tilintar de copos de champanhe na câmara municipal, mas que, na realidade, pouco fazem pela vida quotidiana das pessoas. Se prendermos um homem que dá pelo nome de Hécate, outros irão apoderar-se do mercado dele a não ser que resolvamos o verdadeiro problema da cidade.

— Que é?

— Empregos, Walt. Dar empregos às pessoas. Essa é a iniciativa melhor e mais barata contra o crime. Podemos encher as nossas prisões, mas enquanto tivermos gente a percorrer as ruas sem comida…

— Agora parece mesmo que está a pensar concorrer às eleições.

— Não me interessa o que parece. Só quero que esta cidade reencontre o equilíbrio.

— E como vai fazer isso?

— Podemos fazê-lo garantindo que isto se torna uma cidade em que levamos em linha de conta tanto os investidores como os trabalhadores. Os investidores não se podem safar se não pagam impostos para o pote comum ou conseguem privilégios com subornos. Mas a cidade pode dar-lhes o conhecimento indubitável de que as regras estão a ser seguidas. E os trabalhadores têm de saber que os seus locais de trabalho não os estão a envenenar. Banquo, o nosso herói recentemente falecido, perdeu a mulher, Vera, há vários anos. Ela tinha inalado os fumos venenosos da fábrica onde trabalhou durante muitos anos. A Vera era uma trabalhadora diligente e uma mãe adorável. Eu conheci-a pessoalmente e adorava-a. Como comissário-chefe, *garanto* à cidade que nenhum dos seus futuros locais de trabalho voltará a roubar as vidas de mais Veras. Há outras formas de arranjar empregos para as pessoas. Maneiras *melhores*. Que lhes darão uma vida *melhor*.

Macbeth percebeu pelo sorriso de Walt Kite que ele estava

impressionado. O próprio Macbeth estava impressionado. Nunca tivera as ideias tão claras. Tinha de ser o pó novo, a passar as palavras, tão concisas e lógicas, do cérebro para a língua.

— A sua popularidade cresceu muito depressa; exponencialmente, comissário-chefe. É por isso que se atreve a fazer afirmações que, se eu fosse o presidente da câmara Tourtell, consideraria um desafio? Formalmente, ele é o seu patrão e tem de aprovar a sua nomeação para o posto de comissário-chefe. Caso contrário, o senhor não terá emprego.

— Tenho mais patrões além do presidente da câmara, Walt, entre eles a minha consciência e os cidadãos desta cidade. E para mim, a minha consciência e esta cidade valem mais do que uma cadeira confortável no gabinete do comissário-chefe.

— Dentro de quatro meses, há eleições para um novo presidente da câmara e a data-limite para as nomeações é daqui a três semanas.

— Se assim o diz, Walt.

Walt Kite soltou uma gargalhada e levantou um braço acima da cabeça.

— E é assim que agradecemos ao comissário-chefe Macbeth. Não tenho a certeza absoluta de que ele nos esteja a dizer a verdade quando diz que não percebe *nada* de retórica. E agora, aqui temos Miles Davis…

A luz vermelha apagou-se e o som de um trompete suave encheu os altifalantes.

— Obrigado — disse Kite. — *Ninguém voltará a roubar as vidas de mais Veras*? Está ciente de que podia ser eleito presidente da câmara só com essa frase-chave, não está?

— Obrigado pela entrevista — disse Macbeth sem se mexer.

Kite olhou para ele de modo interrogador.

— Ouvi-o bem? — perguntou Macbeth vagarosamente e em voz baixa. — Acusou-me de estar a mentir, no final?

Kite pestanejou, espantado.

— Mentir?

— *Não tenho a certeza absoluta de que ele nos esteja a dizer a verdade quando…*

— Oh, mas isso… — a maçã de Adão do jornalista deu um salto — … foi só uma brincadeira, claro, uma… uma maneira de falar. Uma…

— Estava só a brincar — disse Macbeth, levantando-se. — Até à próxima.

Ao sair do edifício da rádio, no meio da chuva, sentiu que Walt Kite não voltaria a ser um problema. E, ao sentar-se na parte de trás da limusina, sentiu que o Obelisco, Duff e a doença de Lady também não seriam problemas. Porque estava a pensar com mais clareza do que nunca.

— Vai um bocadinho mais devagar — disse ao motorista.

Queria saborear a viagem pela cidade. A *sua* cidade.

Era verdade que ainda não era dele, mas seria em breve. Porque ele era invencível. E estava perfeitamente medicado.

Quando estavam parados num sinal vermelho, o olhar incidiu num homem à espera no cruzamento, embora a luz para os peões estivesse verde. A parte de cima do tronco e a cara estavam escondidos por um enorme chapéu de chuva preto, por isso, a única coisa que Macbeth conseguia ver era o casaco de cor clara, os sapatos castanhos e o grande cão preto que trazia preso por uma trela. E Macbeth foi surpreendido por um pensamento. O cão interrogar-se-ia sobre o motivo por que tinha um dono, por que motivo estava preso por uma trela? Recebe um bocadinho de comida, a porção que lhe é destinada, apenas o necessário para preferir a segurança à insegurança, para estar domado. Isso é tudo o que impede o cão de trepar para cima do dono enquanto ele está a dormir, rasgando-lhe a garganta e apossando-se da casa. Pois é só isso que ele tem de fazer. Assim que percebemos como se abre a porta da despensa, a reação natural é de facto essa.

TERCEIRA PARTE

VINTE E CINCO

— A nossa lã de melhor qualidade — disse o empregado, afagando respeitosamente o tecido do fato preto no cabide.

Do lado de fora da janela da loja de roupa de homem estava a chuviscar e no rio as ondas tinham começado a acalmar depois dos ventos fortes dos dias anteriores.

— O que achas, Bonus? — perguntou Hécate. — Serve ao Macbeth?

— Julguei que ia escolher um *smoking* e não um fato escuro.

— Nunca se usa, como evidentemente tu sabes, um *smoking* na igreja, e o Macbeth tem de ir a muitos funerais esta semana.

— Então, hoje não há *smokings*? — perguntou o empregado.

— Precisamos dos dois, Al.

— Gostaria de lembrar que, se isto é para o banquete de gala, o fato de cerimónia é *de rigueur*, senhor.

— Obrigado, Al, mas não estamos a falar do palácio real, é apenas a câmara municipal. O que me dizes, Bonus, o fraque não é um bocadinho — Hécate deu um estalido com a língua — pretensioso?

— Concordo — respondeu Bonus. — É quando os novos-ricos se vestem com as roupas dos verdadeiros ricos que parecem mesmo uns palhaços.

— Ótimo, um fato escuro e um *smoking*. Manda-me um alfaiate ao Casino Inverness, Al? E ponha tudo na minha conta.

— Assim farei.

— E depois, vamos precisar de um *smoking* para este cavalheiro.

— Para mim? — perguntou Bonus, atónito. — Mas eu já tenho um maravilhoso…

— Obrigado. Já o vi e, acredita em mim, precisas de um novo.

— Preciso?

— A tua posição exige uma aparência impecável, Bonus, e, o que é mais importante ainda, estás a trabalhar para mim.

Bonus não respondeu.

— É capaz de me ir buscar mais uns *smokings*, Al?

— De imediato — respondeu o empregado e, obedientemente, correu uns passos com as pernas em arco até às escadas que davam para o andar inferior da loja.

— Sei o que estás a pensar — disse Hécate. — E admito que vestir-te bem é uma forma de exibir o meu poder, tal como os reis vestem os seus soldados e criados. Mas que posso dizer? Gosto de fazer isso.

Bonus nunca tivera a certeza absoluta de que os dentes anormalmente brancos e regulares do sorriso do velho fossem realmente dele. Se eram dentaduras postiças, eram muito excêntricas porque vinham equipadas com três grandes coroas de ouro.

— Falando de exibição de poder — continuou Hécate —, aquele rapazinho atraente que estava no jantar no Inverness chama-se Kasi?

— Sim.

— Que idade tem ele?

— Quinze e meio — respondeu Bonus.

— Hum. Isso é muito novo.

— A idade é…

— Não tenho escrúpulos morais, mas também não tenho o teu gosto por rapazinhos, Bonus. Só estou a chamar a atenção que isso é *ilegalmente* jovem. E que pode potencialmente causar grandes males, mas estou a ver que

isto te deixa desconfortável, por isso vamos mudar o tópico da conversa. Ao que sei, a Lady está doente?

— É o que o psiquiatra diz. Uma psicose grave. Pode levar tempo. Ele receia que ela possa estar com tendências suicidas.

— Os médicos não fazem um juramento?

— O doutor Alsaker também pode precisar de um *smoking* novo muito em breve.

Hécate riu-se.

— Manda-me a conta. Ele consegue curá-la?

— Não sem a hospitalizar, diz ele. Mas não é isso que nós queremos, pois não?

— Vamos esperar para ver. Creio que é bem conhecido que a Lady é um dos conselheiros mais importantes do comissário-chefe e durante estes dias críticos haveria consequências lamentáveis se passasse a ser do conhecimento público que ela enlouqueceu.

— Então a psicose é…?

— Sim?

Bonus engoliu em seco.

— Nada.

O que havia em Hécate que fazia com que ele se sentisse sempre como um adolescente inseguro? Era mais do que a exibição de poder verdadeiro; havia outra coisa qualquer, algo que aterrorizava Bonus, mas que ele não conseguia identificar. Não era o que ele conseguia ver nos olhos de Hécate, era mais o que *não conseguia* ver. Era a certeza de gelar o sangue de um nada que ele lá via. Uma terra deserta e noites de um frio entorpecente.

— Seja como for — continuou Hécate —, o que eu queria discutir era Macbeth. Estou preocupado com ele. Mudou.

— A sério?

— Receio que esteja agarrado. Não é assim tão estranho, talvez, afinal de

contas é a droga mais viciante do mundo.

— O poder?

— Sim, mas não o poder que vem em forma de pó. Poder verdadeiro. Não pensei que ele ficasse agarrado tão depressa. Já conseguiu despojar-se de todas as emoções que o prendem à moralidade e à humanidade; agora, o poder é o seu novo e único amor. Ouviste a entrevista da rádio no outro dia. O fedelho quer ser presidente da câmara.

— Mas, na prática, o comissário-chefe tem mais poder.

— Como comissário-chefe, é evidente que vai garantir que o poder verdadeiro volte para o município antes de ocupar o gabinete do presidente da câmara. Na verdade, o Macbeth sonha apoderar-se da cidade. Agora, julga-se invencível. E também me pode desafiar.

Bonus olhou para Hécate, surpreendido. Este tinha cruzado as mãos na pega dourada da bengala e estava a estudar o seu próprio reflexo.

— Sim, Bonus, devia ser ao contrário: devias ser tu a dizer-me que o Macbeth anda atrás de mim. É para isso que te pago. E agora o teu cerebrozinho de patruça está a perguntar como é que eu sei isto. Bem, pergunta-me.

— Eu… ah… Como sabe?

— Porque ele o disse no programa de rádio que tu também ouviste.

— Julguei que ele tinha dito o contrário, que perseguir o Hécate *não* iria ter a mesma prioridade que teve com o Duncan.

— E qual foi a última vez que ouviste alguém com ambições políticas dizer na rádio o que *não ia* fazer pelo eleitorado? Ele podia ter dito que ia prender o Hécate *e* criar empregos. Os políticos sóbrios prometem sempre tudo o que há. Mas o que ele disse não era destinado aos votantes, era destinado a mim, Bonus. Não precisava de o fazer, contudo comprometeu-se publicamente e passou-me a mão pelo pelo. E quando uma pessoa te passa a mão pelo pelo, é preciso ter cuidado.

— Acha que ele quer ganhar a sua confiança — disse Bonus, olhando para Hécate a fim de se certificar de que estava no bom caminho — porque tem a esperança de que o senhor o deixe aproximar-se para depois ele o poder liquidar?

Hécate arrancou um pelo de uma verruga na bochecha e estudou-o atentamente.

— Eu podia esmagar o Macbeth com o tacão do meu sapato neste preciso minuto. Mas investi muito para o pôr onde está agora e se há coisa que deteste, é um mau investimento, Bonus. Por isso, quero que mantenhas os olhos e os ouvidos abertos para descobrires o que ele está a planear.

Hécate levou os braços ao ar.

— Ah! Olha, cá está o Al com mais *smokings*. Vamos lá descobrir um que sirva nos teus braços tentaculares.

Bonus engoliu em seco.

— E se eu não descobrir nada?

— Nesse caso, não me serves para mais nada, meu querido Bonus.

Aquilo foi dito de uma forma muito descontraída e tornado ainda mais inócuo com um pequeno sorriso. Os olhos de Bonus tentaram ver por trás do sorriso. Mas não encontraram nada exceto noite e frio.

— Olhe para o relógio — ordenou o doutor Alsaker, fazendo o relógio de bolso oscilar à frente da cara da paciente. — Vai descontrair-se, os seus braços e pernas estão a ficar pesados, sente-se cansada e está a adormecer. E não vai acordar até eu dizer *castanha*.

Ela era fácil de hipnotizar. Tão fácil que Alsaker teve de verificar umas quantas vezes se não estaria a fingir. Sempre que vinha ao Inverness, era seguido pelo rececionista, Jack. Ali estava ela sentada e preparada, de roupão — recusava-se a usar outra coisa. Tinha as mãos vermelhas das esfregas compulsivas diárias e, mesmo que insistisse que não estava a tomar nada, ele

conseguia ver pelas pupilas dela que estava sob a influência de uma droga qualquer. Era uma das várias desvantagens de lhe terem recusado permissão para a internar numa ala psiquiátrica, onde ele teria conseguido vigiar-lhe a medicação, o sono e as refeições e observar o seu comportamento.

— Vamos começar onde ficámos da última vez — disse Alsaker, olhando para as suas notas.

Não é que precisasse delas para se lembrar; os pormenores eram de uma natureza tão brutal que se tinham gravado a fogo na memória dele. Precisava das notas para *acreditar* naquilo que ela lhe tinha realmente contado. As primeiras linhas não eram invulgares; pelo contrário, eram um refrão comum em muitos casos semelhantes.

— Pai alcoólico, desempregado e mãe depressiva e violenta. Cresceu junto ao rio. Naquilo a que chama um casebre ou um ninho de ratazanas. Literalmente. Disse-me que as suas primeiras memórias eram observar ratazanas a nadarem em direção à sua casa quando o sol se punha e lembra-se de pensar que era a casa das ratazanas. Dormia na cama delas, tinha comido a comida delas, quando elas subiam para a sua cama, compreendia porque a mordiam.

A voz dela era suave e baixa:

— Elas só queriam o que era delas.

— E o seu pai dizia a mesma coisa quando se metia na sua cama.

— Ele só queria o que era dele.

Alsaker passou os olhos pelas notas. Não era o primeiro caso de abuso que tinha tratado, mas este tinha detalhes que eram particularmente perturbadores.

— Engravidou quando tinha treze anos e deu à luz uma criança. A sua mãe chamou-lhe prostituta. Disse-lhe que devia atirar a criança bastarda para o rio, mas a senhora recusou.

— Só queria ter o que era meu.

— Por isso, a senhora e a criança foram expulsas de casa e a senhora passou a noite seguinte com o primeiro homem que encontrou.

— Ele disse que matava o bebé se ele não parasse de gritar, por isso levei-o para a cama. Mas depois ele disse que ele lhe dava cabo da concentração porque estava a *observar*.

— E quando ele estava a dormir, roubou-lhe dinheiro das algibeiras e comida da cozinha.

— Só tirei o que era meu.

— E o que é seu?

— Tudo o que as outras pessoas têm.

— Que aconteceu a seguir?

— O rio secou.

— Vá lá, Lady. Que aconteceu a seguir?

— Construíram mais fábricas. Vieram mais trabalhadores para a cidade. Eu ganhava um bocadinho mais de dinheiro. A mãe veio visitar-me e contou-me que o pai tinha morrido. Os pulmões. Fora uma morte dolorosa. Disse-lhe que teria gostado de lá ter estado para ver o sofrimento dele.

— Não se ponha com rodeios, Lady. Vamos ao que interessa. Que aconteceu ao bebé?

— Já viu como as caras dos bebés mudam, quase de um dia para o outro. Bem, de repente, um dia ele tinha a cara dele.

— A do seu pai.

— Sim.

— E então, o que fez?

— Dei-lhe leite extra para que estivesse a sorrir-me ditosamente quando adormeceu. Depois desfiz-lhe a cabeça contra a parede. Uma cabeça parte-se facilmente, sabe? Como é frágil a vida humana.

Alsaker engoliu em seco e aclarou a garganta.

— Fê-lo porque a cara da criança era igual à do seu pai?

— Não. Mas finalmente tornou-o possível.

— Isso quer dizer que andava a pensar nisso há algum tempo?

— Sim, claro.

— Pode dizer-me porque diz *claro*?

Ela ficou calada durante uns momentos. Alsaker viu que as pupilas dela se contraíam e isso fê-lo lembrar-se de uma coisa. Ovas de rã. Um girino a tentar libertar-se de um ovo pegajoso.

— Quando queremos alcançar os nossos objetivos, temos de renunciar àquilo que amamos. Se a pessoa com quem escalamos para chegar ao pico enfraquece, temos ou de a encorajar ou de cortar a corda.

— Porquê?

— Porquê? Porque se ele cai, arrasta-nos para baixo. Se queremos sobreviver, a nossa mão tem de fazer o que o nosso coração se recusa a fazer.

— Matar a pessoa que amamos?

— Tal como Abraão sacrificou o filho. Deixar o sangue fluir. Ámen.

Alsaker estremeceu e tirou notas.

— O que há no pico que quer?

— O pico é o topo. Lá, estamos em cima. Mais altos do que todas as coisas e toda a gente.

— *Tem* de lá ir?

— Não. Podemos rastejar pelas terras baixas. No monte de lixo. No leito enlameado do rio. Mas mal começamos a trepar, não há regresso. É o pico ou o abismo.

Alsaker pousou a caneta.

— E por esse pico, está disposta a sacrificar tudo, também aquilo que ama? A sobrevivência está acima do amor?

— Naturalmente. Mas nos últimos tempos vi que podemos viver sem amor. Por isso, toda esta sobrevivência vai ser a minha morte, doutor.

Os olhos mostraram uma claridade repentina que, por uns instantes, fez

Alsaker pensar que afinal ela não estava psicótica. Mas podia ter sido apenas a hipnose ou um despertar temporário. Alsaker já tinha assistido a isto muitas vezes. Como um paciente numa depressão profunda ou numa psicose profunda pode, aparentemente, animar-se, tal como uma pessoa a afogar-se vem à superfície com um esforço de vontade, dando esperança tanto aos familiares como a um psiquiatra inexperiente. Podem manter-se a flutuar durante vários dias, apenas para usarem este último esforço de vontade para fazerem o que tinham estado a ameaçar fazer ou para se voltarem a afundar na escuridão de onde tinham vindo. Mas não, devia ter sido a hipnose porque agora a membrana dos ovos de rãs cobria-lhe de novo os olhos.

— Diz aqui, no jornal, que depois da entrevista na rádio, as pessoas estão à espera que anuncie que se vai candidatar nas eleições para presidente da câmara — disse Seyton.

Seyton tinha estendido o jornal numa mesinha de apoio e estava a largar as aparas das unhas cortadas para cima dele.

— Deixa-os escrever — respondeu Macbeth, olhando para o relógio. — O Tourtell já cá devia estar há dez minutos.

— Mas vai, senhor comissário?

Ouviu-se o barulho alto e nítido de uma tesourada quando a unha comprida e afiada do indicador foi cortada.

Macbeth encolheu os ombros.

— É preciso pensar maduramente numa coisa dessas. Quem sabe? Quando a ideia amadurecer, pode parecer diferente.

A porta rangeu. Na abertura estreita, apareceu a cara doce e demasiado maquilhada de Priscilla.

— Já chegou, senhor comissário.

— Ótimo. Manda-o entrar — disse Macbeth pondo-se em pé. — E arranja-nos café.

Priscilla sorriu e os olhos desapareceram nas bochechas rechonchudas e depois ela também desapareceu.

— Acha que me devo ir embora? — perguntou Seyton, começando a levantar-se do sofá.

— Fica — respondeu Macbeth.

Seyton recomeçou a cortar as unhas.

— Mas levanta-te.

Seyton pôs-se em pé.

A porta abriu-se toda.

— Macbeth, meu amigo! — trovejou Tourtell e, por um breve instante, Macbeth perguntou para consigo se a porta teria largura suficiente.

Ou se as suas costelas seriam suficientemente fortes, quando o presidente da câmara lhe bateu nas costas com a mão volumosa.

— Não há dúvida de que tem as coisas em movimento aqui, Macbeth.

— Obrigado. Sente-se, por favor.

Tourtell dirigiu a Seyton um breve cumprimento e sentou-se.

— Obrigado. E obrigado a si, comissário-chefe, por me receber tão rapidamente.

— O senhor é o meu patrão, por isso, eu é que me devo sentir honrado por o senhor ter arranjado tempo. E, mais importante do que tudo, que tenha vindo cá, em vez de ser ao contrário.

— Oh, isso. Não gosto de dar às pessoas a ideia de que foram convocadas.

— Isso quer dizer que fui convocado? — perguntou Macbeth.

O presidente da câmara riu-se.

— De maneira nenhuma, Macbeth. Só quis ver como as coisas iam andando. Se se estava a orientar. Quer dizer, é uma transição grande. E com tudo o que tem acontecido nestes últimos dias… — Tourtell rolou os olhos. — Podia ter sido uma trapalhada.

— Quer dizer que foi? Que foi uma trapalhada?

— Não, não, não. De maneira nenhuma. Acho que enfrentou tudo ultrapassando todas as expectativas. Afinal, você é novo neste jogo.

— Novo no jogo.

— Sim. As coisas movem-se depressa. É preciso reagir no momento. Comentar. E aí, podemos dizer coisas que nem sequer pensamos.

Priscilla entrou, pousou um tabuleiro em cima da mesa, serviu o café, fez uma pequena vénia desajeitada e saiu.

Macbeth bebeu um gole de café.

— Hum. Isso é uma referência à entrevista da rádio?

Tourtell esticou-se para a tigela com os torrões de açúcar, tirou três e meteu um na boca.

— Parte do que disse pode ser interpretado como uma crítica à assembleia municipal e a mim. E tudo bem… gostamos de um comissário-chefe que chama os bois pelos nomes… ninguém usa um açaime aqui. A questão é, evidentemente, se a crítica foi entendida como um bocadinho mais dura do que era a intenção. Ou o quê?

Macbeth pôs o indicador debaixo do queixo e olhou pensativamente para o ar.

— Não a considerei excessivamente dura.

— Ora aí está. Exatamente o que eu pensei. Você não queria ser duro! Eu e você, Macbeth, queremos as mesmas coisas. O que é melhor para a cidade. Pôr as rodas a mexer, baixar o desemprego. Uma percentagem de desemprego baixa, sabemos por experiência, fará decrescer o crime e atingirá o narcotráfico, o que, por sua vez, reduz os crimes de roubo. Em breve, o número de prisioneiros estará drasticamente baixo e toda a gente pensará como foi que o comissário-chefe Macbeth conseguiu o que nenhum dos seus predecessores conseguiu. Como sabe, um presidente da câmara só pode servir dois mandatos. Por isso, depois de eu ter sido reeleito, esperemos, e depois de

terminar o segundo mandato, será a vez de outro homem. E nessa altura, talvez a cidade sinta que é este o tipo de homem de que precisa, alguém que obteve resultados como comissário-chefe.

— Mais café?

Macbeth verteu o líquido castanho na chávena já cheia de Tourtell até o líquido começar a cair no pires.

— Sabe o que o meu amigo Banquo costumava dizer? Beija a rapariga enquanto ela está apaixonada.

— E isso quer dizer? — perguntou Tourtell a olhar para o pires.

— Os sentimentos mudam. Esta cidade gosta de mim agora. E quatro anos é muito tempo.

— Talvez. Mas tem de escolher as suas batalhas, Macbeth. E a sua decisão agora é se deve desafiar o presidente da câmara em exercício de funções, o que, historicamente, raramente leva ao sucesso, ou esperar quatro anos e ser apoiado na eleição pelo presidente da câmara que está de saída, o que, historicamente, leva *frequentemente* ao sucesso.

— Esse tipo de promessa é feita com facilidade e quebrada ainda mais facilmente.

Tourtell abanou a cabeça.

— Tenho baseado a minha longa carreira política em alianças e cooperação estratégicas, Macbeth. O Kenneth garantiu que o gabinete do comissário-chefe possuía poderes tão vastos que eu, como presidente da câmara, estava… e estou… completamente dependente da boa vontade do comissário-chefe. Acredite, eu *sei* que uma promessa quebrada me sairia muito cara. Você, Macbeth, é um homem inteligente e aprende depressa, mas falta-lhe experiência no complicado jogo tático chamado política. A popularidade instantânea e uns *soundbites* sumarentos na rádio não chegam. O meu apoio também não basta, mas é melhor do que aquilo que espera alcançar sozinho.

— O senhor não teria vindo cá para me persuadir a não me candidatar nas eleições que se aproximam se não me visse como um contendor a sério.

— Pode pensar assim — respondeu Tourtell — porque ainda não tem experiência política suficiente para ver o quadro geral. E esse é que quando eu continuar como presidente da câmara e você como comissário-chefe durante os próximos quatro anos, a cidade irá ter um problema se os seus dois homens mais poderosos tiverem disputado uma luta eleitoral terrível que tornará difícil trabalharem em conjunto. E também me impossibilitará de apoiar a sua candidatura mais tarde. Tenho a certeza de que compreende, Macbeth.

Tenho a certeza de que compreende. Tão levemente condescendente. Macbeth abriu a boca para protestar, mas o pensamento que era de esperar que se formasse não apareceu.

— Permita-me que lhe faça uma sugestão — continuou Tourtell. — Não concorra às eleições e não terá de esperar quatro anos pelo meu apoio.

— Como assim?

— Sim. No dia em que prender o Hécate, o que será uma vitória imensa para nós os dois, direi publicamente que espero que você seja o meu sucessor nas eleições dali a quatro anos. O que me diz a isto, Macbeth?

— Acho que disse na rádio que o Hécate não é a nossa prioridade mais importante.

— Eu ouvi. E interpretei isso como você a dizer que não queria a pressão que o Duncan impôs a si próprio e à polícia ao fazer aquelas promessas otimistas e demasiado específicas. Ora, assim, o dia em que o prender será simplesmente um bónus. Foi o que planeou, não foi?

— Claro — respondeu Macbeth. — O Hécate é um homem difícil de prender, mas se a oportunidade se oferecer…

— Por experiência própria, lamento dizê-lo, sei que as oportunidades não se costumam oferecer — disse Tourtell. — Têm de ser criadas e depois

agarradas. Por isso, qual é o seu plano para prender o Hécate?

Macbeth tossicou, brincou com a chávena de café. Tentou concentrar-se. Tinha reparado que, de repente, podia ter dificuldade em fazê-lo, como se fosse demasiado: havia demasiadas bolas para manter no ar e quando uma caía, caíam todas e ele tinha de recomeçar. Estaria a apoderar-se de demasiado poder? Ou de pouco? Os olhos de Macbeth procuraram Seyton, que se sentara à mesa do café, mas não havia ajuda que lá pudesse encontrar. Claro que não. Só ela o podia ajudar. Lady. Ia ter de desistir das drogas, de falar com ela. Só ela seria capaz de dispersar o nevoeiro, de lhe clarificar os pensamentos.

— Quero atraí-lo para uma armadilha — disse Macbeth.

— Que tipo de armadilha?

— Ainda não pensámos nos detalhes.

— Estamos a falar do inimigo número um da cidade, por isso, agradecia que me mantivesse informado — disse Tourtell, levantando-se. — Talvez me possa dar uma ideia geral do plano amanhã, no funeral do Duncan? Juntamente com a sua decisão em relação às eleições.

Macbeth apertou a mão estendida de Tourtell sem se levantar. Tourtell indicou a parede atrás dele com um movimento da cabeça.

— Sempre gostei daquele quadro, Macbeth. Não é preciso que me acompanhem.

Macbeth ficou a observá-lo. Sempre que o via, Tourtell parecia ter crescido. Não tocara no café. Macbeth girou a cadeira para olhar para o quadro. Era grande e mostrava um homem e uma mulher, ambos vestidos como trabalhadores, a andarem de mãos dadas. Atrás deles, vinha uma procissão de crianças e por trás disso, o sol brilhava bem alto no céu. O tal quadro geral. Calculava que tivesse sido Duncan que o pendurara ali; provavelmente, Kenneth tivera um retrato de si próprio. Macbeth inclinou a cabeça para um lado, mas continuou a conseguir perceber o que significava.

— Diz-me lá, Seyton. O que pensas?

— O que penso? O Tourtell que vá para o inferno. O senhor é mais popular do que ele.

Macbeth assentiu com a cabeça. Seyton era como ele, não era um homem com olho para o quadro geral. Só ela é que tinha.

Lady trancara-se no quarto.

— Preciso de falar contigo — disse-lhe Macbeth.

Não houve resposta.

— Querida?

— É a criança — disse Jack.

Macbeth voltou-se para ele.

— Tirei-lha. Estava a começar a cheirar mal e eu não sabia que outra coisa fazer. Mas ela pensa que foi o senhor que me mandou tirar-lha.

— Ótimo. Fizeste bem, Jack. É só que eu precisava do conselho dela numa coisa e… Bem…

— Ela dificilmente lhe poderá dar o conselho de que precisa no estado em que está neste momento, senhor Macbeth. Posso perguntar… não. Desculpe, estava a esquecer-me do meu lugar. O senhor não é a Lady.

— Julgaste que eu era a Lady?

— Não, é só que… a Lady costuma expor-me as suas ideias e eu ajudo naquilo que posso. Não é que eu tenha muito para oferecer, mas às vezes ouvirmo-nos a dizer uma coisa a outra pessoa pode aclarar-nos a ideia.

— Hum. Faz uma chávena de café para nós os dois, Jack.

— É para já, senhor Macbeth.

Macbeth dirigiu-se para o mezanino. Olhou para baixo, para a sala de jogos. Era uma noite calma. Não viu nenhuma das caras habituais. Onde andavam?

— No Obelisco — disse Jack, passando a Macbeth uma chávena de café

fumegante.

— O quê?

— Os nossos habituais. Estão no Obelisco. Era nisso que estava a pensar, não era?

— Talvez.

— Ontem, estive no Obelisco e contei cinco deles. E falei com dois. Ao que parece, não sou o único que anda a espiar. O Obelisco também tem gente aqui. E eles viram quem são os nossos clientes habituais e ofereceram-lhes condições melhores.

— Condições melhores?

— Crédito.

— Mas isso é ilegal.

— Não oficialmente, claro. Não vai aparecer nos registos do Obelisco e se forem confrontados com isso, juram sem hesitação que não dão crédito.

— Então é melhor oferecermos a mesma coisa.

— Acho que o problema é maior do que isso, senhor Macbeth. Consegue ver como há pouca gente no bar lá em baixo? No Obelisco, há filas. A cerveja e os *cocktails* custam menos trinta por cento e isso não só aumenta o número de clientes e a faturação no bar, como torna as pessoas menos contidas nas salas de jogo.

— A Lady acha que nós nos dirigimos a uma clientela diferente, mais consciente da qualidade.

— Nesta cidade, as pessoas que frequentam casinos podem ser genericamente divididas em três categorias. Temos os jogadores empedernidos que não querem saber da qualidade das carpetes ou do conhaque caro; querem um *croupier* eficiente, uma mesa de póquer com primos campónios de visita que possam tosquiar e, se possível, crédito. O Obelisco tem esse grupo. E depois temos os tipos da província, que já referi, e que geralmente vêm para cá porque temos a reputação de sermos o casino *a*

sério. Mas agora descobriram que preferem a atmosfera simples, mais divertida e pecaminosa do Obelisco. São pessoas que têm mais tendência a irem ao bingo do que à ópera.

— E nós somos a ópera?

— Querem cerveja barata, mulheres baratas. De outra forma, qual é o interesse de uma saída para a cidade?

— E o último grupo?

Jack apontou para a sala lá em baixo.

— Os Finórios. Aqueles que não se querem misturar com a escória da sociedade. Os nossos últimos clientes leais. Por enquanto. O Obelisco está a planear abrir uma nova sala de jogo no próximo ano, com código de vestuário, apostas mínimas mais altas e marcas de conhaque mais caras no bar.

— Hum. E o que sugeres que façamos?

— Eu? — Jack soltou uma gargalhada. — Sou apenas um rececionista, senhor.

— E um *croupier*.

Macbeth baixou o olhar para a mesa de vinte-e-um onde ele, Lady e Jack se tinham encontrado pela primeira vez.

— Deixa-me pedir-te uns conselhos, Jack.

— Um *croupier* só observa as pessoas a fazerem as apostas, senhor. Nunca dá conselhos.

— Muito bem, então vais ter de ouvir. O Tourtell veio dizer-me que não quer que me candidate a presidente da câmara.

— O senhor estava a planear fazê-lo?

— Não sei. Provavelmente, pensei vagamente em o fazer e rejeitei-o também vagamente e depois voltei a pensar um pouco nisso. Especialmente depois de o Tourtell me ter explicado em tom condescendente de que trata *realmente* a política. O que achas?

— Oh, tenho a certeza de que daria um presidente da câmara brilhante, senhor Macbeth. Pense em todas as coisas que o senhor e a Lady poderiam fazer pela cidade!

Macbeth estudou a cara radiante de Jack — a felicidade sincera, o otimismo ingénuo. Como um reflexo da pessoa que ele tinha sido outrora. E ocorreu-lhe um pensamento estranho: gostava de ser Jack, o rececionista.

— Mas também tenho muita coisa a perder — respondeu Macbeth. — Se não me candidatar agora, ele apoia-me da próxima vez. E o Tourtell tem razão sobre o presidente em exercício ser invariavelmente eleito.

— Hum — disse Jack, coçando a cabeça. — A não ser que haja um escândalo mesmo antes das eleições, claro. Um escândalo tão prejudicial que a cidade não possa deixar de forma alguma que o Tourtell continue.

— Como por exemplo?

— A Lady pediu-me para investigar o rapazinho que o Tourtell trouxe à festa. As minhas fontes dizem que a mulher do Tourtell se mudou para a vivenda de verão em Fife, ao passo que o rapaz se mudou para a casa deles cá. E ele é menor, sexualmente. Do que precisamos é de provas concretas de comportamento indecente. De empregados da residência do presidente da câmara, por exemplo.

— Jack, isso é fantástico!

A excitação de dar cabo do Tourtell aqueceu as faces de Macbeth.

— Reunimos as provas e eu convenço o Kite a fazer um debate eleitoral ao vivo e depois posso atirar esta relação imprópria à cara do Tourtell. Ele não vai estar preparado para isso. Que tal te parece?

— Talvez.

— Talvez? O que queres dizer?

— Só estava a pensar que o senhor foi viver para casa de um homem sem filhos quando tinha quinze anos. O presidente poderia retribuir-lhe com isso.

Macbeth voltou a sentir o sangue a subir-lhe à cara.

— O quê? O Banquo e eu…?

— O Tourtell não hesitaria se o senhor atirasse a primeira pedra. Na guerra e no amor, vale tudo. Além disso, seria uma infelicidade se parecesse que o senhor tinha usado a sua posição para espiar a vida privada do Tourtell.

— Hum. Tens razão. Então como farias?

— Deixe-me pensar no assunto.

Jack bebeu um gole de café. E a seguir outro. Depois pousou a chávena na mesa.

— A informação sobre o rapaz tem de ser uma fuga, divulgada de forma indireta. Mas se o senhor estiver a concorrer contra o Tourtell, continuará a ser suspeito de ser a fonte. Por isso, a fuga de informação terá de ser antes de o senhor anunciar a candidatura. De facto, para garantir que evita todas as suspeitas, se calhar, devia anunciar que *não* se vai candidatar, pelo menos, durante quatro anos. Primeiro, tem um trabalho a fazer como comissário-chefe. Depois, quando o escândalo desqualificar o Tourtell, dirá, com muita relutância, que como a cidade precisa rapidamente de quem a dirija, se põe à sua disposição. Recusar-se-á a comentar o escândalo quando os jornalistas lhe fizerem perguntas, mostrando que está acima desse tipo de comportamento e que só se foca em como conquistar a cidade… a… Usou uma expressão tão boa na rádio, senhor Macbeth, como era?

— Reencontrar o equilíbrio — disse Macbeth. — Agora já percebo porque a Lady te usa como conselheiro, Jack.

— Obrigado. Mas não exagere a minha importância.

— Não exagero, mas tens um olhar invulgarmente lúcido para estes assuntos.

— É capaz de ser mais fácil ser um *croupier* e um observador do que um participante com todos os riscos e as emoções fortes envolvidas.

— E acho que és um *croupier* e peras, Jack.

— E, como *croupier*, aconselho-o a estudar as suas cartas ainda com mais

cuidado para ver se podem ser empregadas de uma maneira melhor do que esta.

— Então?

— O Tourtell prometeu-lhe o apoio dele para as próximas eleições se não se candidatasse agora, mas isso não terá grande valor se ele for desmascarado como pedófilo, pois não?

Macbeth afagou a barba.

— Lá isso é verdade.

— Por isso, deve pedir outra coisa agora. Diga ao Tourtell que nem sequer tem a certeza de que vai concorrer às eleições seguintes. E que preferia ter algo específico que ele lhe possa dar agora.

— Como por exemplo?

— Do que gostaria, senhor Macbeth?

— Do que gostaria…?

Macbeth viu o gesto de Jack em direção à sala de jogo.

— Ah… mais clientes?

— Sim. A clientela do Obelisco. Mas, como comissário-chefe, não tem autoridade para fechar o Obelisco, mesmo que tenha provas de estarem a dar créditos ilegais.

— Não tenho?

— Como *croupier*, por acaso sei que a polícia pode acusar indivíduos, mas que é só a Comissão dos Casinos e dos Jogos que pode fechar um casino inteiro. E eles estão sujeitos à jurisdição da…

— Câmara municipal. Tourtell.

Agora, Macbeth conseguia perceber tudo com toda a clareza. Não precisava do poder; devia mandar o que tinha pela sanita abaixo. Ouviu-se uma campainha tocar algures.

— Parece que temos clientes, senhor Macbeth — disse Jack levantando-se.

Macbeth agarrou-lhe o braço.

— Espera até que a Lady ouça o que estivemos a cozinhar. Tenho a certeza de que a fará sentir-se melhor num ápice. Como te podemos agradecer, Jack?

— Não é preciso — respondeu Jack, sorrindo de um modo estranho. — Basta que me tenha salvado a vida.

VINTE E SEIS

Duff engoliu o vómito. Era o quarto dia a bordo, mas ainda não havia sinais de melhorias. Uma coisa era o mar, outra completamente diferente o cheiro rançoso da cozinha. Lá dentro, atrás da porta de vaivém, era uma mistura de gordura rançosa e leite azedo; do outro lado, na messe onde os homens se sentavam para comer, era suor e tabaco. O despenseiro tinha entregado o pequeno-almoço a Duff, dizendo que ele devia ser capaz de se encarregar daquilo sozinho. Disponibilizar pão, carnes variadas e queijo, cozer ovos e fazer café, até um estreante agoniado era capaz de fazer.

Duff tinha sido acordado às seis da manhã e a primeira coisa que fizera fora vomitar para o balde ao lado da cama. Ainda não tinha passado duas noites no mesmo camarote, uma vez que a falta de beliches implicava ter de pedir emprestadas as camas dos que estavam de serviço. Felizmente, tinha tido sempre beliches inferiores e, por isso, não tivera de dormir realmente com o balde. Acabara de enfiar a camisola pela cabeça quando veio a onda de náusea seguinte. Enquanto descia para a cozinha tinha feito umas paragens para vomitar na casa de banho ao lado da cabina do primeiro imediato e no lavatório antes da última escada íngreme.

O pequeno-almoço fora servido e os membros da tripulação que estavam de serviço tinham terminado, ao que parecia. Era altura de levantar as mesas antes que começassem a fazer o almoço.

Duff tragou três estômagos cheios de ar duvidoso, levantou-se e dirigiu-se

para a messe.

Estavam quatro pessoas sentadas na mesa mais próxima. O orador era um mecânico barulhento, exibindo algum peso a mais, com antebraços peludos, uma *t-shirt* da Esso, manchada de óleo e manchas de suor por baixo dos braços, e um boné às riscas dos Hull City Tigers na cabeça. Quando falava, fungava antes e depois, como se fosse uma espécie de aspas. Entre eles, as únicas conversas eram sempre para denegrir os que estavam mais abaixo na escada de importância.

— Ei! Sparks! — gritou o mecânico para se assegurar de que toda a gente compreendia que se estava a referir ao rapaz novo com óculos, na ponta da mesa. — Não era melhor perguntares aí ao novo moço de cozinha se te pode aquecer um bocado de empadão de peixe para poderes enfiar lá a tua picha e gozares o mais perto que alguma vez vais estar de uma cona?

Fungou antes de começar a rir às gargalhadas. Isto não provocou mais do que uns risos forçados e curtos da parte dos outros. O jovem radiotelegrafista sorriu debilmente e enfiou ainda mais a cabeça no prato. O mecânico, a que Duff tinha ouvido os outros chamarem Hutch, fungou.

— Mas a julgar pelo pequeno-almoço de hoje, duvido que saibas aquecer um empadão de peixe. Sabes, rapaz?

Outra fungadela.

Duff manteve a cabeça baixa, como o telegrafista. Era a única coisa que tinha de fazer até chegarem às docas em Capitol. Manter-se discreto, boca calada, máscara posta.

— Diz-me lá, moço da cozinha! Chamas ovos mexidos a isto?

— Há algum problema? — perguntou Duff.

— Problema?

O mecânico revirou os olhos e voltou-se para os outros.

— O simplório pergunta-me se há problema. Apenas estes ovos mexidos parecerem e saberem a vomitado. O *teu* vomitado. Das tuas guelras verdes e

enjoadas.

Duff olhou para o mecânico. O tipo estava a sorrir e tinha um brilho maldoso nos olhos brilhantes. Duff já o vira antes. Em Lorreal, o diretor do orfanato.

— Lamento que os ovos mexidos não estivessem à altura das suas expectativas — respondeu Duff.

— *Não estivessem à altura das suas expectativas* — imitou o homem, fungando a seguir. — Pensas que estás na porra de algum restaurante fino, é isso? No mar, queremos comida e não porcaria. O que acham, malta?

Os homens à volta dele soltaram uns risinhos de concordância, mas Duff viu que dois deles mantinham a cabeça baixa, envergonhados.

— O despenseiro está de serviço ao almoço — disse Duff, pondo os pratos sujos e as embalagens de leite num tabuleiro. — Esperemos que seja melhor nessa altura.

— O que não está nada melhor é o teu aspeto — disse o mecânico. — Tens piolhos? É por isso que usas esse gorro? E esses pelos de rata que passam por barba? O que aconteceu, moço de cozinha? Tens a rata da tua mãe onde os outros têm a cara?

O mecânico olhou em redor, expectante. Mas desta vez, os outros estavam todos a estudar o chão.

— Tenho uma sugestão — disse Duff. Sabendo que não devia falar. Sabendo que tinha prometido a si próprio que não o faria. — O Sparks pode enfiar a picha dele debaixo do teu braço. Assim, pode sentir como é uma cona e tu, finalmente, consegues uma picha.

A mesa ficou tão calada que a única coisa que se ouvia era o barulho de Duff a pôr os pratos de queijo, salsicha e pepino no tabuleiro. Desta vez, não houve fungadela.

— Deixa-me repetir aquele bocadinho que te pode interessar mais — continuou Duff, pousando o tabuleiro. — Finalmente, consegues uma picha.

Enfatizou as consoantes para que ninguém tivesse dúvida nenhuma quanto ao que tinha acabado de dizer. A seguir, Duff voltou-se para a mesa. O mecânico pusera-se em pé e estava a avançar para ele.

— Tira os óculos — ordenou-lhe ele.

— Não consigo ver porra nenhuma sem eles — respondeu Duff. — E vejo uma porra de um idiota com eles.

O mecânico girou o braço para trás, anunciando de onde viria o golpe. Duff recuou um passo, balançou-se e, quando o punho preto do óleo já tinha passado, deu dois passos em frente, agarrou o mecânico, que agora estava desequilibrado, pela outra mão, forçou-a para trás contra o pulso, agarrou no cotovelo do mecânico e deixou que o ímpeto dele o levasse para a frente enquanto Duff deslizava para trás dele. O mecânico gritou, dobrando-se automaticamente para a frente para aliviar a pressão dolorosa nos pulsos enquanto Duff o atirava de cabeça contra uma parede. Duff puxou-o violentamente para trás. Atirou-o para a frente novamente. Contra a antepara. Duff empurrou o braço inutilizado do mecânico mais para cima, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, alguma coisa teria de ceder, alguma coisa iria partir-se. O grito do mecânico tornou-se um ganido e os dedos tentaram desesperadamente agarrar o barrete de Duff. Duff atirou-lhe a cabeça contra a parede pela terceira vez. Estava a preparar-se para uma quarta quando ouviu uma voz:

— Já chega, Johnson!

Duff levou um segundo a lembrar-se de que aquele era o nome que tinha dado quando se inscrevera. E para perceber que era a voz do capitão. Levantou a cabeça. O capitão estava parado mesmo à frente dele. Duff largou o mecânico, que caiu de joelhos, com um soluço.

— O que se passa aqui?

Só nessa altura Duff se apercebeu de que estava a ofegar. A provocação. A fúria.

— Nada, capitão.

— Eu sei a diferença entre nada e alguma coisa, Johnson. Então, o que é isto? Hutchinson?

Duff não teve a certeza, mas pareceu-lhe que o homem de joelhos estava a chorar. Aclarou a garganta:

— Uma aposta amigável, capitão. Eu quis mostrar que o gancho à Fife é mais eficiente do que um soco à Hull. Sou capaz de me ter deixado levar com a excitação. — Fez uma festa nas costas a tremer do mecânico. — Desculpa, pá, mas concordas que Fife bate Hull nesta ocasião, não concordas?

O mecânico assentiu, ainda a soluçar.

O capitão tirou o boné e examinou Duff atentamente,

— O gancho de Fife, dizes tu?

— Sim — respondeu Duff.

— Hutchinson, precisam de ti na sala das máquinas. E vocês? Têm tarefas para cumprir, não têm?

A messe esvaziou num instante.

— Arranja-me uma chávena de café e senta-te — disse o capitão.

Duff fez o que lhe mandavam.

O capitão levou a chávena à boca algumas vezes. Olhou para o líquido escuro e resmungou qualquer coisa baixinho. Exatamente quando Duff estava a começar a interrogar-se se o capitão se tinha esquecido de que ele estava ali, o capitão levantou a cabeça.

— Geralmente, não acho que valha a pena o esforço de investigar o passado dos indivíduos. A maior parte dos membros da tripulação são simples, com intelectos limitados; têm passados que é melhor não esquadrinhar e futuros que não serão a bordo do MS *Glamis*. Como não vão estar sob o meu comando nem ser problema meu durante muito tempo, sei que não vale a pena envolver-me demasiado. A única coisa que me diz respeito é como funcionam como grupo, como a minha tripulação.

O capitão bebeu outro gole e fez uma careta. Duff não fazia a ideia se isso se devia ao café, a uma dor ou à conversa.

— Pareces-me um homem com educação e ambição, Johnson, mas não te vou perguntar como acabaste aqui. De qualquer maneira, duvido que fosse ouvir a verdade. Mas a minha suposição é que és uma pessoa que sabe como os grupos funcionam. Sabes que haverá sempre uma hierarquia e que toda a gente terá o seu papel nesta hierarquia, o seu lugar. O capitão no topo, o recruta no fundo. Desde que toda a gente aceite o seu lugar nesta hierarquia, temos uma tripulação que funciona. Exatamente como eu quero. Todavia, neste momento temos alguma confusão nos escalões mais baixos da hierarquia no MS *Glamis*. Temos três bananas potenciais no fundo. O Sparks porque é o mais novo. Tu porque é a tua primeira vez. E o Hutchinson porque é o mais estúpido e o mais difícil de se gostar.

Outro gole.

— O Sparks vai sobreviver a esta viagem como o banana do fundo. É jovem, bastante inteligente e vai aprender. E tu, Johnson, subiste na hierarquia, como acabei de ver, depois do que fizeste ao Hutchinson. Tanto quanto sei, foi uma situação que tu próprio começaste para conseguires precisamente isto. Mas se conheço o Hutchinson, foi ele quem começou. Como o idiota estúpido que é, pôs-se a jeito para outra queda. E é por isso que anda à procura de alguém para ficar abaixo dele. Provavelmente, vai ser uma pobre alma qualquer que se inscreva em Capitol, onde vamos precisar de mais um par de homens porque as pessoas estão sempre a desistir. Compreendes?

Duff encolheu os ombros.

— E isto é um problema meu, Johnson. O Hutch vai continuar a tentar, mas ele é o banana do fundo permanente. E eu preferia outro banana do fundo, que aceitasse calmamente o seu destino. Mas como o Hutch é um zaragateiro com mau feitio que acha que já apanhou tareias suficientes na

vida e que agora é a vez de outro, vai continuar a criar uma má atmosfera a bordo. Não é mau mecânico, mas faz com que a minha tripulação seja pior do que seria sem ele.

Sorveu o café ruidosamente.

— Então, porque não me livro dele, perguntarás tu. E perguntas porque não és um homem do mar e não sabes nada sobre os contratos de emprego do Sindicato dos Marinheiros, que querem dizer que estou agarrado ao Hutch até conseguir qualquer coisa contra ele que me dê a denominada razão objetiva para o despedir. Atacar fisicamente um colega seria uma dessas razões objetivas…

Duff assentiu com a cabeça.

— Então? A única coisa que preciso de ti é um sim e uma assinatura para o Sindicato dos Marinheiros. Posso conseguir o resto das testemunhas.

— Estávamos apenas na brincadeira, capitão. Não vai voltar a acontecer.

— Não, não vai. — O capitão coçou o queixo. — Como já disse, não tenho o hábito de vasculhar o passado da minha tripulação desnecessariamente. Mas tenho de dizer que só vi o golpe que estavas a usar no Hutch duas vezes: uma vez pela polícia militar e outra pela polícia do porto. O denominador comum é a polícia. Por isso, agora gostaria de ouvir a verdade.

— A verdade?

— Sim. Ele atacou-te?

Duff olhou para o capitão. Calculava que ele tivesse sabido desde o princípio que o nome dele não era Cliff Johnson e que o moço da cozinha não tinha trabalhado em nenhum restaurante. Tudo o que ele estava a pedir era um sim e uma assinatura falsa. Se e quando houvesse qualquer conversa sobre a identidade deste Johnson, ele já estaria muito longe.

— Estou a ver. Aqui tem a verdade — disse Duff vendo o capitão inclinar-se sobre a mesa. — Estávamos apenas a brincar, capitão.

O capitão reclinou-se para trás outra vez. Levou a chávena à boca. Os olhos por cima da chávena estavam firmemente cravados em Duff. Não nos olhos de Duff, mas mais alto, na testa dele. A maçã de Adão do capitão subiu e desceu enquanto engolia. Depois pousou com força a chávena vazia em cima da mesa.

— Johnson.

— Sim, capitão?

— Gosto de ti.

— Capitão?

— Não tenho nenhuma razão para acreditar que gostes mais do Hutch do que qualquer de nós gosta. Mas não és um delator. Isso é uma má notícia para mim, como capitão, mas mostra integridade. E eu respeito isso, portanto, não voltarei a mencionar este assunto. Estás enjoado e estás a mentir, mas dava-me jeito mais pessoas como tu na minha tripulação. Obrigado pelo café.

O capitão levantou-se e saiu.

Duff continuou sentado durante uns segundos. Depois agarrou na chávena vazia, levou-a para a cozinha e meteu-a no lava-louça. Fechou os olhos, pousou as mãos no metal brilhante e frio e engoliu o vómito. O que estava a fazer? Porque não lhe tinha dito a verdade, que o Hutch era um assediador?

Abriu os olhos. Viu o seu reflexo na frigideira pendurada na prateleira à frente dele. O coração saltou-lhe no peito. O gorro tinha subido até à linha do cabelo sem ele ter dado por isso. O Hutchinson devia tê-lo puxado quando o atacara. A cicatriz brilhava, contrastando com a pele, como um rasto branco e espesso de vapor atrás de um avião no céu. A cicatriz. Era para ela que o capitão tinha estado a olhar fixamente antes de pousar a chávena.

Duff fechou os olhos, disse a si próprio para se descontrair e pensar bem naquilo tudo.

A partida deles tinha sido tão cedo que os jornais ainda não estariam na rua no dia em que zarparam, por isso, o capitão não podia ter visto nenhuma

fotografia dele com a legenda PROCURADO. A não ser que tivesse visto a cara de Duff na transmissão televisiva da conferência de imprensa da noite anterior. Mas houvera algum sinal de choque nos olhos do capitão quando viu a cicatriz — *se* a tinha visto? Não. Porque o capitão era um bom ator e não quis mostrar que o reconhecera até o apanharem mais tarde? Como não havia muita coisa que pudesse fazer em relação a isso, decidiu que o capitão não tinha percebido, mas e os outros? Não, ele estivera de costas para eles até o capitão os ter mandado embora. Sem contar com o Hutchinson, deitado à frente dele. Se ele tinha visto a cicatriz, Duff não o imaginava o tipo de pessoa de seguir notícias

Voltou a abrir os olhos.

Dali a dois dias, na quarta-feira, atracavam.

Quarenta e oito horas. Mantém-te discreto durante dois dias. Tinha de ser capaz de o fazer.

A música do órgão começou e, parado entre as filas dos bancos na catedral, Macbeth conseguiu sentir todos os pelos do corpo a eriçarem-se. Não foi por causa da música, nem dos encómios do padre e do presidente da câmara, nem do caixão de Duncan a ser levado pela nave abaixo por seis homens, nem por não ter tomado nenhum poder. Era por causa do pavoroso uniforme novo que vestia. Sempre que se mexia, a lã áspera roçava-lhe a pele e causava-lhe arrepios. O antigo tinha sido de um tecido mais barato, estava mais usado e era mais confortável. Claro que podia ter escolhido o fato preto novo que fora entregue no quartel-general da polícia e que só podia ter vindo do Hécate. A qualidade do tecido de lã era muito melhor, mas, estranhamente, arranhava ainda mais do que o uniforme. Além disso, teria sido romper com a tradição aparecer num funeral da polícia com qualquer outra coisa que não fosse um uniforme.

O caixão passou pela fila de Macbeth. A mulher e dois filhos de Duncan

seguiam atrás dele com as cabeças baixas, mas quando um dos filhos calhou olhar para cima e cruzar os olhos com os dele, Macbeth olhou automaticamente para o chão.

Depois, toda a gente avançou para a nave, juntando-se ao cortejo. Macbeth posicionou-se para ficar ao lado de Tourtell.

— Um bom discurso — cumprimentou Macbeth.

— Obrigado. Lamento sinceramente que a assembleia municipal não tenha concordado que a cidade pagasse o funeral. Com as fábricas fechadas e as receitas dos impostos a caírem, estas manifestações de honra estão no fundo da lista, infelizmente. Mesmo assim, é muito incivilizado, se quiser a minha opinião.

— A assembleia municipal tem a minha compreensão.

— Não creio que a família do Duncan sinta o mesmo. A mulher dele telefonou-me para me dizer que devíamos ter feito o caixão desfilar pelas ruas para dar oportunidade às pessoas de mostrar quanto gostavam dele. Elas queriam o que o Duncan queria.

— Acha que as pessoas teriam feito isso?

Tourtell encolheu os ombros.

— Honestamente, não sei, Macbeth. A minha experiência é que as pessoas desta cidade não querem saber das chamadas reformas a não ser que as vejam a pôr-lhes comida na mesa ou a dar-lhes o suficiente para uma cerveja extra. Julguei que a mudança estava a começar nesta cidade, mas se assim fosse, o assassínio do Duncan teria posto as pessoas a ferver de fúria. Em vez disso, parece que as pessoas aceitaram que nesta cidade o bem perde sempre. A única pessoa que abriu a boca foi o Kite. Amanhã, vai ao funeral do Banquo e do filho?

— Claro. Na Igreja dos Trabalhadores. O Banquo não era muito religioso, mas a mulher, Vera, está enterrada lá.

— Mas a mulher e os filhos do Duff vão ser enterrados na catedral,

segundo me informaram.

— Sim. Eu não vou lá estar pessoalmente.

— Pessoalmente?

— Vamos ter polícias destacados aqui para o caso de o Duff decidir aparecer.

— Oh, sim. Deve-se acompanhar os nossos filhos até aos seus túmulos. Em especial, se sabemos que somos parcialmente responsáveis.

— Sim, é engraçado como a culpa nos marca para toda a vida, ao passo que a honra e a glória saem com a lavagem na mesma noite.

— Ora, Macbeth, por um segundo, pareceu-me um homem que sabe bem o que é a culpa.

— Pois, deixe-me confessar-lhe aqui e agora que matei quem me estava mais próximo e me era mais querido, Tourtell.

O presidente da câmara parou por instantes e olhou para Macbeth.

— O que disse?

— A minha mãe. Ela morreu ao dar-me à luz. Continuemos a andar.

— E o seu pai?

— Fugiu para o mar quando soube que a minha mãe estava grávida e nunca mais o viram. Cresci num orfanato. O Duff e eu. Partilhávamos o quarto. Mas, provavelmente, nunca viu um quarto num orfanato, pois não, Tourtell?

— Oh, inaugurei um ou dois orfanatos.

Tinham saído e estavam no cimo da escadaria da catedral, onde foram confrontados com as rajadas do vento noroeste. Macbeth viu o caixão oscilar perigosamente no caminho de saibro.

— Bem, bem — disse Tourtell. — O mar também é uma forma de escapar.

— Está a criticar o meu pai, Tourtell?

— Nenhum de nós o conheceu. Estou apenas a dizer que o mar está cheio

deles… homens que não aceitam as responsabilidades que a natureza lhes depositou em cima.

— Por isso, homens como eu e o Tourtell devem aceitar ainda mais responsabilidades.

— Exatamente. Então, o que decidiu?

Macbeth aclarou a garganta.

— Consigo perceber que para o bem da cidade, é melhor que o comissário-chefe continue a ser o comissário-chefe e continue a desenvolver a sua colaboração boa e próxima com o presidente da câmara.

— Palavras sensatas, Macbeth.

— Desde que esta colaboração funcione, claro.

— E está a referir-se a quê?

— Aos rumores de que o Obelisco tem a funcionar um negócio de prostituição sob os auspícios do casino e que dá crédito ilegal a alguns jogadores.

— A primeira é uma acusação velha, a segunda é nova. Mas, como sabe, é difícil investigar até ao fundo estes rumores, por isso, a tendência é para que continuem assim e não cheguem a lado nenhum.

— Tenho suspeitas específicas relacionadas com pelo menos dois jogadores e, com métodos de interrogatório efetivos e a promessa de uma amnistia, tenho a certeza de que posso determinar se o Obelisco lhes ofereceu crédito ou não. Depois, a Comissão dos Casinos e dos Jogos terá presumivelmente de fechar o sítio enquanto examinam a extensão das irregularidades com mais atenção.

O presidente da câmara beliscou o queixo mais baixo.

— Quer dizer fechar o Obelisco em troca de não se candidatar?

— Só quero dizer que os responsáveis políticos e administrativos da cidade têm de ser consistentes na execução das leis e dos regulamentos. Se não querem ficar sob a suspeita de serem comprados e pagos por aqueles que

não os cumprem.

O presidente da câmara deu um estalido com a língua. Como uma criança com uma azeitona, pensou Macbeth. O tipo de comida de que se leva muitos anos a gostar.

— Não estamos a falar de uma série de possíveis irregularidades — disse Tourtell como se estivesse a falar consigo mesmo. — E, como disse, é difícil chegar ao fundo destes rumores. Pode levar tempo.

— Muito tempo — concordou Macbeth.

— Vou preparar a comissão dizendo que há algumas informações a chegar que podem levar a que seja preciso fechar o casino. A propósito, onde está a Lady? Teria pensado que como ela e o Duncan…

— Lamento, mas ela não se anda a sentir bem. Temporário.

— Estou a ver. Dê-lhe cumprimentos e os meus desejos de melhoras. É melhor descermos e apresentar as nossas condolências à família.

— Vá primeiro. Eu sigo-o.

Macbeth observou Tourtell a bambolear-se pelas escadas abaixo e a agarrar a mão da senhora Duncan com as duas dele, viu os lábios moverem-se enquanto baixava a cabeça na mais profunda comiseração. Não havia dúvida de que parecia mesmo uma tartaruga. Mas havia uma coisa que Tourtell dissera. O mar estava cheio delas. Homens que tinham fugido.

— Está tudo bem, senhor?

Era Seyton. Tinha estado à espera lá fora. Não suportava igrejas, dizia ele e não tinha importância; aqueles que estavam do lado do comissário-chefe dificilmente estariam lá dentro.

— Verificámos todos os navios de passageiros que iam sair da cidade — disse-lhe Macbeth —, mas alguém pensou em fazer o mesmo com os outros navios?

— À procura de passageiros clandestinos, é isso?

— Sim. Ou simplesmente de pessoas que arranjaram emprego a bordo.

— Não.

— Manda uma descrição do Duff para todos os navios que saíram ontem. E já.

— Certo, senhor — respondeu Seyton, descendo as escadas em duas passadas e desaparecendo na esquina.

Meredith. Meredith deixara de existir. Mas a cicatriz no coração dele ainda lá estava. E, todavia, Macbeth não ia ao funeral. Porque ela tinha deixado de existir há muito tempo, tanto que ele se esquecera de quem ela era. Há tanto que se tinha esquecido de quem ele próprio fora nessa altura.

Deslocou o peso do corpo, sentiu o tecido contra o interior da coxa, sentiu o cheiro da lã molhada. E arrepiou-se.

VINTE E SETE

Duff estava de pé na cozinha a olhar para os homens na messe. Tinham acabado de almoçar e estavam a enrolar cigarros e a falar em voz baixa, rindo, acendendo os cigarros, bebendo café. Só um homem estava sentado sozinho. Hutchinson. Um grande penso da cor da pele na testa contava àqueles que não tinham estado presentes a tareia que levara. Hutchinson tentava dar a ideia de que estava a pensar numa coisa que exigia concentração enquanto dava umas passas no cigarro, mas as suas capacidades de representação não eram suficientemente boas para dar outra ideia a não ser que estava perdido.

— Vamos atracar amanhã — disse o despenseiro, que também acendera um cigarro e estava encostado ao fogão. — Aprendeste depressa. Apetece-te mais uma volta?

— Desculpe?

— Ficas para a próxima viagem?

— Não — respondeu Duff. — Mas obrigado por ter perguntado.

O despenseiro encolheu os ombros. Duff observou enquanto uma pessoa que tinha chegado atrasada para o almoço balançava o prato da sopa enquanto se dirigia para a mesa de Hutchinson, levantava os olhos, via quem lá estava sentado e se ia sentar, com esforço, numa mesa cheia. E Duff percebeu que Hutchinson tinha dado conta disso e estava agora ainda mais concentrado no cigarro enquanto pestanejava furiosamente.

— Sobrou algum *cheesecake* de ontem?

Duff voltou-se. Era o chefe dos mecânicos; estava parado à porta com uma expressão esperançosa na cara.

— Lamento — respondeu o despenseiro. — Foi-se todo.

— Espere aí — disse Duff. — Acho que embrulhei uma fatia pequena.

Dirigiu-se para a sala dos frios, encontrou um prato embrulhado em papel de alumínio e voltou para a cozinha. Entregou-o ao mecânico-chefe.

— Está um bocado frio.

— Não faz mal — respondeu o mecânico-chefe, lambendo os lábios. — Gosto dele frio.

— Uma coisa…

— Sim?

— O Hutchinson…

— O Hutch?

— Sim. Ele parece um bocado… hum… abatido. Estava cá a pensar numa coisa que o capitão me disse. Disse que ele era bom mecânico. É verdade?

O mecânico-chefe mexeu a cabeça de um lado para o outro, a olhar para Duff com uma expressão duvidosa.

— Não é mau.

— Se calhar, era boa ideia dizer-lhe.

— Dizer-lhe o quê?

— Que não é mau.

— Porquê?

— Acho que ele precisa de ouvir isso.

— Não sei nada disso. Se te pões a elogiar as pessoas, elas querem logo mais dinheiro e intervalos maiores.

— Quando era um mecânico jovem, teve um mecânico-chefe que lhe deu a sensação de que estava a fazer um bom trabalho?

— Sim, mas eu estava.

— Tente lembrar-se do bom que *realmente* era nessa altura.

O homem olhou para ele de boca aberta.

Nesse instante, o barco balançou. Ouviram-se gritos da messe e houve um estrondo atrás de Duff.

— Que grande porra! — gritou o despenseiro.

Quando Duff se voltou, viu que a grande terrina de sopa tinha caído no chão. Duff ficou a olhar para a grossa sopa verde de ervilhas a espalhar-se. Inesperadamente, o estômago deu-lhe uma volta, sentiu a náusea na garganta e teve apenas tempo para se agarrar ao umbral da porta quando lhe saiu de jato pela boca.

— Bem, seu novato, mais algum bom conselho? — perguntou o mecânico-chefe, dando meia-volta e indo-se embora.

— Raios, Johnson! Ainda não acabaste com isso? — resmungou o despenseiro, entregando a Duff um rolo de papel de cozinha.

— Que aconteceu? — perguntou Duff, limpando a boca.

— Batemos numa onda alta — respondeu o despenseiro. — Acontece.

— Faça uma pausa. Eu limpo isto.

Quando Duff acabou de esfregar o chão, foi à messe para levantar a louça suja. Estavam apenas três homens sentados a uma mesa, mais Hutch, que não se tinha mexido do seu lugar.

Duff foi ouvindo a cavaqueira enquanto empilhava pratos e copos num tabuleiro.

— Aquela deve ter vindo de um tremor de terra ou de um deslizamento de terras, ou qualquer coisa assim — disse um deles.

— Se calhar, foi um teste nuclear — sugeriu um dos outros. — Consta que os soviéticos andam com umas merdas no mar de Barents e, ao que parece, as ondas de choque propagam-se por todo o mundo.

— Algumas mensagens sobre isso, Sparks?

— Não — respondeu Sparks, soltando uma gargalhada. — A única excitação que existe é a busca de um tipo com uma cicatriz branca que lhe atravessa a cara.

Duff ficou rígido. Continuou a empilhar pratos enquanto escutava.

— Sim, vai ser bom ir a terra amanhã.

— É mas é um inferno. A mulher diz que está grávida outra vez.

— Não olhes para mim.

Um riso bem-humorado percorreu a mesa. Duff virou-se com o tabuleiro nas mãos. Hutchinson levantara a cabeça e, subitamente, endireitou-se na cadeira. Das poucas vezes que se tinham encontrado depois da escaramuça, Hutchinson olhara para baixo e evitara olhar para a cara de Duff, mas agora estava a fixá-lo com olhos esbugalhados. Como um abutre que avistara inesperada e afortunadamente um animal ferido e indefeso.

Duff abriu a porta para a cozinha com o pé e ouviu-a fechar-se atrás dele. Pousou o tabuleiro na bancada. Raios, raios, raios! Agora não, agora não quando só faltavam vinte e quatro horas para atracarem.

— Tão depressa, não — disse Caithness, olhando pelo para-brisas.

O motorista do táxi tirou o pé do acelerador e passaram lentamente pela frente do Obelisco, onde as pessoas estavam a sair em catadupa para a rua vindas da entrada principal. Dois carros da polícia estavam estacionados na rua, com as luzes azuis a rodarem futilmente,

— O que se passa? — perguntou Lennox, enfiando a cara entre os dois bancos da frente. Estava, tal como Caithness, ainda de uniforme, uma vez que o táxi os tinha apanhado à saída da igreja, logo a seguir ao funeral. — O alarme de fogo disparou?

— A Comissão dos Casinos e dos Jogos fechou o estabelecimento hoje — explicou Caithness. — Suspeita de terem desobedecido à Lei dos Casinos.

Viram um dos polícias a levar um homem, com um fato claro, uma

camisa florida e umas suíças impressionantes, que gesticulava furiosamente. Parecia que o homem estava a tentar explicar qualquer coisa ao polícia, que estava, obviamente, a fazer ouvidos de mercador.

— Uma tristeza — comentou o taxista.

— O que é uma tristeza? — perguntou Lennox. — A polícia?

— Às vezes. No Obelisco, pelo menos, podia-se tomar uma cerveja e jogar às cartas sem nos termos de aperaltar todos e voltar para casa arruinados. A propósito, sabem que a fábrica que querem está fechada?

— Sim — respondeu Caithness, pensando que era a única coisa que sabia sobre a fábrica.

O agente Angus tinha-lhe telefonado nessa manhã e implorado que fosse a Estex e trouxesse com ela o inspetor Lennox da Unidade Anticorrupção. Ficariam a saber o resto quando lá chegassem. Tinha que ver com corrupção ao mais alto nível e, por enquanto, não deviam mencionar o encontro com ele a ninguém. Quando ela lhe dissera que não conhecia nenhum agente Angus, ele tinha explicado que era o tipo da Força de Intervenção com o cabelo comprido a quem ela sorrira e dissera olá no elevador. Caithness lembrava-se dele. Era giro. Parecia mais um *hippie* simples e afável do que um agente da Força de Intervenção.

Deslizaram pelas ruas. Caithness viu os homens desempregados encostados às paredes a abrigarem-se da chuva, cigarros na boca, casacos molhados, olhos esfomeados e cansados. Hienas. Não porque tivessem nascido assim; era a cidade. Duncan dissera que se só houvesse carne putrefacta no menu, comias carne putrefacta, independentemente de quem pensavas que eras. E independentemente do que eles fizessem no quartel-general da polícia, a melhor maneira de reduzir o crime era pôr os cidadãos da terra outra vez a trabalhar.

— Vão abrir a Estex outra vez? — perguntou o taxista, franzindo o cenho para Caithness.

— O que o leva a pensar isso?

— Acho que o Macbeth é mais esperto do que o Duncan, o cepo.

— Como assim?

— Fechar uma fábrica grande só porque está a vazar uma imundície? Meu Deus, toda a gente que lá trabalhava fuma. De qualquer maneira, vão todos morrer. Eram cinco mil empregos. Cinco mil empregos de que esta cidade precisava! Só um idiota da classe alta de Capitol podia ser tão presumido. O Macbeth, por outro lado, é um de nós… ele compreende e faz alguma coisa. Deixem o Macbeth mandar durante uns tempinhos e talvez as pessoas possam voltar a poder usar um táxi nesta cidade.

— Falando de Macbeth — disse Caithness, virando-se para o banco de trás. — Ele cancelou as reuniões da manhã duas vezes seguidas e parecia muito pálido na igreja. Está doente?

— Ele não — respondeu Lennox —, mas a Lady. Ele mal tem aparecido no quartel-general.

— Claro que é bom que ele tome conta dela, mas ele é o comissário-chefe e temos uma cidade a nosso cargo.

— Ainda bem que ele nos tem a nós — disse-lhe Lennox com um sorriso.

O táxi parou à frente do portão, que tinha uma corrente e um cadeado pendurados. O letreiro FECHADO caíra no alcatrão esburacado. Caithness saiu, parou ao lado da janela aberta do motorista e perscrutou o terreno vazio da fábrica enquanto esperava pelo troco. Não havia cabinas telefónicas e, provavelmente, os telefones na Estex tinham sido cortados.

— Como podemos arranjar um táxi quando quisermos voltar? — perguntou ela.

— Vou estacionar aqui e fico à espera — respondeu o motorista. — De qualquer maneira, não há trabalho na cidade.

Dentro do portão da fábrica, havia um guindaste ferrugento e uma torre de paletes de madeira podre. A entrada para os peões ao lado da grande porta

retrátil estava aberta.

Caithness e Lennox entraram no edifício da fábrica. Estava frio lá fora e ainda mais frio sob o telhado alto em abóbada. As fornalhas, como bancos de igreja gigantescos dentro do átrio retangular, estendiam-se a perder de vista.

— Olá! — gritou Caithness e o eco fê-la sentir arrepios pela espinha abaixo.

— Aqui! — veio a resposta do cimo da parede onde o gabinete do capataz e a plataforma de vigilância estavam situados.

Como uma torre de vigia numa prisão, pensou Caithness. Ou um púlpito.

O jovem lá em pé apontou para uma escada de aço.

Caithness e Lennox subiram as escadas.

— Agente da polícia Angus — apresentou-se ele, apertando-lhes as mãos. A cara franca e aberta mostrava o seu nervosismo, mas também determinação.

Seguiram-no para o gabinete do capataz, que cheirava a uma marinada de suor seco e tabaco. As grandes janelas viradas para o chão da fábrica tinham um estranho brilho amarelo no vidro fosco que parecia que fora gravado a quente no vidro. Nas mesas, estavam dossiês abertos que tinham sido claramente tirados das estantes ao longo das paredes. O jovem tinha a barba por fazer, vestia umas calças de ganga desbotadas e justas e um casaco verde de estilo militar.

— Obrigado por terem vindo tão em cima da hora — disse Angus, indicando as cadeiras de madeira a descascarem.

— Não quero pressionar-te, mas espero que seja importante — disse Lennox, sentando-se. — Tive de abandonar uma reunião importante.

— Como não têm muito tempo, na verdade, como nenhum de nós tem muito tempo, vou direito ao assunto.

— Obrigado.

Angus cruzou os braços. Estava a contrair os maxilares e os olhos não

paravam quietos, mas havia determinação nele — parecia um homem que *sabe* que tem razão.

— Fui um crente por duas vezes — disse Angus, engolindo em seco e Caithness percebeu que ele estava a recordar algo que tinha escrito e ensaiado para aquela ocasião. — E por duas vezes perdi essa crença. A primeira foi em Deus. A segunda no Macbeth. O Macbeth não é um salvador, é um assassino corrupto. Quis dizer isto primeiro para que saibam porque estou a fazer isto. Isto é para libertar a cidade do Macbeth.

No silêncio que se seguiu, conseguiram ouvir os suspiros profundos quando as gotas de água batiam no chão da fábrica. Angus inspirou fundo.

— Nós estávamos…

— Para! — exclamou Caithness. — Obrigada pela tua honestidade, Angus, mas antes que digas mais alguma coisa, o inspetor Lennox e eu temos de decidir se queremos ouvir.

— Deixa o Angus acabar — disse Lennox. — Depois podemos discutir isso, sem mais ninguém presente.

— Espera — disse Caithness. — Não há forma de voltarmos atrás se recebermos informações que…

— Fomos mandados para a casa do clube para matarmos toda a gente — disse Angus.

— Não quero ouvir isto — disse Caithness, levantando-se.

— Ninguém ia ser preso — continuou Angus numa voz mais alta. — Começámos a disparar contra os Norse Riders e eles conseguiram disparar um… — levantou um indicador que lhe tremia tanto como a voz — … um raio de um único tiro em legítima defesa! Ao contrário…

Caithness bateu com os pés no chão para abafar a voz de Angus, abriu a porta e estava prestes a sair para se ir embora quando ouviu o nome dele e ficou paralisada.

— … do que aconteceu em casa do Duff em Fife. Aí não foi disparado

um único tiro. Porque ele não estava em casa. Quando entrámos na casa depois de termos desfeito a porta com os tiros, encontrámos uma rapariga, um rapaz e a mãe deles… — A voz de Angus falhou-lhe.

Caithness virou-se para ele. O jovem encostou-se à mesa e fechou os olhos com força.

— … que tinha tentado cobri-los com o próprio corpo no quarto de dormir.

— Oh, não, não, não — ouviu-se Caithness a sussurrar.

— O Macbeth deu as ordens — continuou Angus — e o Seyton garantiu que eram cumpridas à letra pela equipa da Força de Intervenção, incluindo… — tossiu — … eu.

— Raios! Por que raio havia o Macbeth de dar ordens para essas… liquidações? — perguntou Lennox, com um tom de descrença na voz. — Ele não podia ter-se limitado a prendê-los, tanto o Duff como os Norse Riders?

— Talvez não — respondeu Angus. — Talvez eles tivessem alguma coisa contra o Macbeth, alguma coisa que fez com que ele precisasse de os matar.

— Tal como?

— Nunca se interrogaram por que motivo os Norse Riders se vingaram no Banquo? Porque não mataram a pessoa que deu as ordens, o próprio Macbeth?

— Simples — resmungou Lennox. — O Macbeth está mais bem protegido. Tens algumas provas?

— Estes olhos — respondeu Angus, apontando.

— São teus e o mesmo se aplica às tuas acusações. Dá-me uma razão para acreditarmos em ti.

— Há uma razão — disse Caithness, encaminhando-se vagarosamente para a cadeira. — É muito fácil confirmar ou negar as acusações de Angus por intermédio dos outros agentes da Força de Intervenção e, se forem falsas, ele perderá o emprego, será acusado e, para não ser muito bruta, as suas

perspetivas futuras serão más. E ele sabe disso.

Angus soltou uma gargalhada.

Caithness ergueu uma sobrancelha.

— Desculpa, disse alguma coisa estúpida?

— É a Força de Intervenção — disse Lennox. — Lealdade, irmandade, batizados pelo fogo, unidos pelo sangue.

— Como?

— Nunca conseguirão que alguém da Força de Intervenção diga uma palavra que prejudique o Macbeth — disse Angus. — Ou o Seyton. Ou qualquer dos irmãos.

Caithness deixou cair as mãos.

— Então, vens ter connosco com estas acusações de execuções embora saibas que não há forma de as provar?

— O Macbeth pediu-me para queimar o corpo de um bebé morto no massacre do clube — respondeu Angus, remexendo no fio do pescoço. — Aqui, numa destas fornalhas.

Caithness estremeceu. E lamentou ter ficado na sala. Porque não saíra? Porque não estava já sentada no táxi, deixando tudo aquilo para trás dela?

— Eu disse que não — continuou Angus. — Mas isso quer dizer que outra pessoa qualquer o fez. Talvez ele próprio. Investiguei as fornalhas e uma delas foi usada recentemente. Pensei que se mandasse a sua gente da equipa forense examinar a fornalha, poderiam encontrar pistas. Impressões digitais, restos de ossos, sei lá que mais. E se encontrassem, a Unidade Anticorrupção podia encarregar-se do caso.

Lennox e Caithness trocaram olhares.

— A polícia não pode investigar o seu comissário-chefe — informou Lennox. — Não sabias?

Angus franziu o sobrolho.

— Mas… a Unidade Anticorrupção, não é…?

— Não, não podemos fazer inquéritos internos — explicou Lennox. — Se quiseres acusar o comissário-chefe, terás de apresentar o teu caso à assembleia municipal e ao Tourtell.

Angus abanou a cabeça desesperadamente.

— Não, não, não, eles estão comprados, todos eles! Temos de fazer isto por nossa conta. Temos de destruir o Macbeth a partir de dentro.

Caithness não disse nada. Confirmando apenas que Angus tinha razão. Ninguém na assembleia municipal, incluindo Tourtell, se atreveria a atacar Macbeth abertamente. Kenneth garantira que o comissário-chefe tinha a autoridade legal para esmagar com violência esse tipo de rebelião política.

Lennox olhou para o relógio.

— Tenho uma reunião daqui a vinte minutos. Recomendo-te que esqueças o assunto até termos alguma coisa concreta, Angus. Depois, podes correr os teus riscos com a assembleia municipal.

Angus pestanejou sem querer acreditar.

— Os *meus* riscos? — perguntou numa voz embargada.

Angus voltou-se para Caithness. O desespero, a súplica, o medo e a esperança passaram-lhe pelo rosto como uma narrativa. E, de imediato, Caithness percebeu que Angus não lhe tinha pedido para vir porque precisasse que o departamento forense analisasse a fornalha. Angus precisava de uma testemunha, de uma terceira pessoa para garantir que Lennox não poderia fingir que não recebera a informação e, independentemente do resultado, tornar-lhe a vida num inferno. Angus tinha escolhido Caithness simplesmente porque ela lhe sorrira no elevador. Porque parecia uma pessoa em quem ele podia confiar.

— Inspetora Caithness? — implorou ele em voz baixa.

Ela inspirou fundo.

— O Lennox tem razão, Angus. Estás a pedir-nos para atacar um urso e tudo o que temos é uma espada de papelão.

Os olhos de Angus estavam marejados de lágrimas.

— Estão assustados — gaguejou ele. — Acreditam em mim. Caso contrário, já aqui não estariam. Mas estão assustados. Estão assustados *porque* acreditam em mim. Porque eu vos mostrei aquilo de que o Macbeth é capaz.

— Vamos concordar que esta reunião nunca existiu — disse Lennox, encaminhando-se para a porta.

Caithness estava prestes a segui-lo quando Angus a agarrou pelo braço.

— Um bebé — sussurrou ele. — Estava dentro de uma caixa de sapatos.

— Foi uma vítima inocente na luta contra o sindicato do crime — disse-lhe ela. — Acontece. O Macbeth querer escondê-lo da imprensa para evitar um escândalo na polícia não faz dele um assassino.

Caithness viu que Angus lhe largava o braço como se se tivesse queimado. Angus deu um passo atrás e ficou a olhar firmemente para ela. Caithness virou-se e saiu.

Na escada de aço para o rés do chão da fábrica, o frio atingiu-lhe o rosto quente.

Quando se dirigia para a saída, parou ao pé de uma das fornalhas. Havia riscas e marcas feitas de pó cinzento.

Lennox estava à porta da fábrica a fazer sinal ao táxi para entrar pelo portão para que eles não tivessem de andar debaixo da chuva intensa.

— Que te parece que o Angus quer? — perguntou ele.

— O que quer?

Caithness virou-se e olhou para o gabinete, tipo barracão, do capataz.

— Deve saber que é demasiado novo para um lugar de direção — disse Lennox. — Hei! Aqui! É uma questão de honra e fama?

— Talvez seja o que ele disse. Alguém tem de parar o Macbeth.

— O dever chama? — Lennox soltou uma risadinha trocista e Caithness ouviu o barulho dos pneus no cascalho. — Toda a gente quer alguma coisa,

Caithness. Vens?

— Sim.

Caithness mal conseguia distinguir a forma de Angus atrás da janela — não se tinha mexido desde que eles se tinham vindo embora. Estava apenas ali parado. À espera de qualquer coisa, ao que parecia.

Quanto tempo levaria até que Lennox informasse Macbeth desta tentativa de amotinação?

Que iria ela fazer com o que Angus lhes tinha contado?

Levou a mão à face. Sabia porque estava quente. Estava corada. Corada de vergonha.

Lennox escolheu o atalho pelo átrio da estação. Gostava de atalhos. Sempre gostara. Tinha comprado doces para fazer amigos, mentira sobre ter mergulhado do guindaste do cais do porto e sobre ter pago por um broche à rapariga que trabalhava no quiosque Índigo. Usara sapatos com plataformas mais altas do que todas as outras pessoas. Fizera batota nos exames e mesmo assim tivera de inflacionar os resultados quando saíram. O pai costumava dizer — geralmente, nas reuniões de família e sem fazer nenhum esforço para esconder a quem se estava a referir — que só um homem sem espinha dorsal é que andava por atalhos. Quando o pai tinha doado uma pequena oferta para a universidade privada da cidade, poupando a si próprio e a Lennox a vergonha de o filho estudar no setor público, Lennox também tinha forjado o diploma do curso. Não para mostrar a empregadores potenciais, mas ao pai, que lhe tinha pedido para o ver. Claro que aquilo tinha sido um fiasco porque Lennox não tinha espinha dorsal para resistir às perguntas e aos olhares desconfiados do pai, e o pai dissera-lhe que não percebia como um molusco como Lennox se conseguia aguentar direito; ele não tinha um único osso no corpo!

Era justo, mas tinha espinha suficiente para ignorar os vendedores de

droga que vinham ter com ele murmurando as suas ofertas. Reconheciam um drogado quando o viam. Contudo, não era assim que ele arranjava a sua poção; mandava-a vir em envelopes castanhos. Ou quando ocasionalmente pedia um tratamento especial, punham-lhe uma venda nos olhos e levavam-no — como um prisioneiro de guerra para um pelotão de fuzilamento — para a cozinha secreta, onde recebia a dose diretamente do caldeirão.

Passou pela *Bertha Birnam*, onde Duff tinha caído no *bluff* dele sobre o juiz de Capitol. Mas Hécate não lhe dissera nada sobre Macbeth ter matado a mulher e os filhos de Duff. Lennox apressou o passo enquanto atravessava a Workers' Square, como se tivesse de se despachar antes de acontecer qualquer coisa. Qualquer coisa dentro dele.

— Macbeth está ocupado — disse-lhe o rececionista pequeno no Inverness.

— Diga-lhe que é o inspetor Lennox. É importante e só demora um minuto.

— Vou já ligar, senhor.

Enquanto esperava, Lennox olhou em redor. Não conseguia identificar o que era, mas havia qualquer coisa que faltava. Um toque final qualquer. Talvez fosse apenas a atmosfera que tinha mudado; talvez fosse porque uns tipos menos bem vestidos estivessem a rir demasiado alto enquanto entravam na sala do jogo. Este tipo de clientes era novo.

Macbeth desceu as escadas.

— Viva, Lennox.

— Viva, comissário-chefe. O casino está movimentado, hoje.

— Jogadores diurnos vindos diretamente do Obelisco. A comissão dos Casinos e dos Jogos fechou-lhes a loja há poucas horas. Não tenho muito tempo. Sentamo-nos aqui?

— Obrigado, senhor comissário-chefe. Só o queria informar de uma reunião que houve hoje.

Macbeth soltou um bocejo.

— Ah, sim?

Lennox inspirou fundo. Hesitou. Porque havia milhões de maneiras de começar. Milhares de maneiras de formular a mesma mensagem. Centenas de primeiras palavras. E, contudo, apenas duas opções.

Macbeth franziu o cenho.

— Senhor comissário — chamou o rececionista — Mensagem da mesa do vinte-e-um. Estão a perguntar se lhes podemos arranjar outro *croupier*. Há fila.

— Já lá vou, Jack. Desculpa a interrupção, Lennox. A Lady é que costuma tratar destas coisas. Dizias tu…

— Sim… a reunião…

Lennox pensou na família. Na casa deles. No jardim. Na vizinhança segura, onde as crianças não se tinham metido em nada de desagradável. A universidade para onde iriam. O cheque do ordenado que tornava tudo isto possível. Mais a massa extra que se tinha tornado uma necessidade para conseguir chegar ao fim do mês. Isto não era por ele; era pela família, a família, a família. A *sua* família, não uma casa em Fife, não…

— Sim?

A porta da frente abriu-se de rompante.

— Senhor comissário-chefe!

Voltaram-se para trás. Era Seyton. Estava sem fôlego.

— Apanhámo-lo, patrão.

— Encontrámos o…?

— O Duff. E o senhor tinha razão. Estava a bordo de um barco que saiu daqui. O MS *Glamis*.

— Fantástico!

Macbeth voltou-se para Lennox,

— Isto vai ter de esperar, inspetor. Tenho de ir já.

Lennox continuou sentado enquanto os outros dois homens saíam apressadamente.

— Um homem ocupado — comentou o rececionista. — Café, senhor inspetor?

— Não, obrigado — respondeu Lennox, olhando fixamente em frente.

A escuridão já tinha começado a cair, mas ainda faltavam várias horas para a próxima dose. Uma eternidade.

— Acho que vou aceitar a sua oferta de um café. Sim, se faz favor.

Uma eternidade para um homem sem espinha dorsal.

VINTE E OITO

— Onde vais? — sussurrou Meredith.

— Não sei —respondeu Duff, tentando acariciar-lhe a face, mas não conseguiu chegar-lhe. — Tenho uma morada, mas não sei de quem é.

— Então, porque vais lá?

— Foi apontada por escrito mesmo antes de o Banquo e o Fleance morrerem. Diz: *Porto seguro* e, se eles estavam a fugir, é capaz de também ser seguro para mim. Não sei. É a única coisa que tenho, amor.

— Nesse caso…

— Onde estás?

— Aqui.

— Onde é esse *aqui*? E o que estás a fazer?

Meredith sorriu.

— Estamos à tua espera. Ainda é o aniversário.

— Doeu?

— Um bocadinho. Acabou depressa.

Duff sentiu a garganta engrossar.

— O Ewan e a Emily, eles estavam assustados?

— Chiu, querido. Não vamos falar disso agora…

— Mas…

Ela tapou-lhe a boca com a mão.

— Chiu, eles estão a dormir. Não os podes acordar.

A mão dela. Duff não conseguia respirar. Tentou afastá-la, mas era demasiado forte. Duff abriu os olhos.

Na escuridão por cima dele, viu uma figura e a figura estava a comprimir uma mão contra a boca dele. Duff tentou gritar e agarrar o pulso peludo, mas a outra pessoa era demasiado forte. Duff soube quem era quando ouviu a fungadela. Era Hutchinson. Que se inclinou sobre ele e lhe murmurou ao ouvido:

— Nem um pio, Johnson. Ou, para ser mais preciso, Duff.

Fora desmascarado. Haveria um preço pela cabeça dele, vivo ou morto? Tinha chegado o momento da vingança para o Hutchinson. Faca? Sovela? Martelo?

— Ouve, Johnson. Se acordarmos o tipo no beliche por cima, estás feito. *Okay*?

Porque é que o mecânico o tinha acordado? Porque não o tinha matado?

— A polícia vai estar à tua espera quando atracarmos em Capitol. — Tirou a mão da boca de Duff. — Agora já sabes e estamos quites.

A cabina iluminou-se por uns instantes quando a porta se abriu. Depois fechou-se e ele desapareceu.

Duff pestanejou na escuridão, pensando por breves instantes que Hutchinson também tinha feito parte do sonho. Alguém tossicou no beliche de cima. Duff não sabia quem era. O despenseiro explicara que a falta de beliches se devia a terem transportado «umas caixas de munições muito importantes» na viagem anterior. Tiveram de remover parte dos beliches e usar duas cabinas, uma vez que os regulamentos só lhes permitiam guardar uma certa quantidade de explosivos num único sítio. Só os tripulantes com riscas nos uniformes tinham camarotes próprios. Duff girou as pernas para fora da cama e apressou-se a ir para o corredor. Viu a parte de trás da *t-shirt* suja da Esso a preparar-se para descer as escadas para a casa das máquinas.

— Espera!

Hutchinson voltou-se.

Duff correu para junto dele.

Os olhos do mecânico também estavam brilhantes naquele momento. Mas o brilho cruel tinha desaparecido.

— De que estavas a falar? — perguntou Duff. — Polícia? Quites?

Hutchinson cruzou os braços. Fungou.

— Fui falar com o Sparks para… — outra fungadela — … lhe pedir desculpa. O capitão estava a falar pelo rádio. Estavam de costas para mim e não me ouviram.

Duff sentiu o coração parar de bater e cruzou os braços.

— Continua.

— O capitão disse que tinha um Johnson que correspondia à descrição. Tu tinhas uma cicatriz na cara e alistaste-te no dia relevante. A voz no rádio disse que o capitão não devia fazer nada porque o Duff era perigoso e a polícia estaria a postos quando ele desembarcasse. O capitão respondeu que ficava satisfeito por ouvir aquilo depois de te ter visto em ação na messe.

Hutchinson passou dois dedos pela testa.

— Porque me estás a avisar?

O mecânico encolheu os ombros.

— O capitão mandou-me pedir desculpa ao Sparks. Disse que a única razão por que eu ainda tinha um emprego era tu teres-te recusado a chibar-me. E eu gostava de manter este trabalho…

— E vais ficar?

O mecânico fungou.

— Provavelmente. É a única coisa em que sou bom, segundo o mecânico-chefe.

— Sim? Ele disse-te isso?

Hutchinson sorriu.

— Veio ter comigo esta noite e disse-me que não me devia pôr com ares

de importância. Que eu era um espinho no cu deste barco, mas que era um bom mecânico. Depois foi-se embora. Há uns tipos muito estanhos neste barco, hem?

Soltou uma gargalhada. Parecia quase feliz.

— É melhor ir para onde sou preciso.

— Espera — disse-lhe Duff. — De que serve dizeres a um homem condenado que tem o nó da corda à volta do pescoço? Não posso fugir até atracarmos.

— Isso não é problema meu, Johnson. Estamos quites.

— Estamos? Este barco transportou as metralhadoras que mataram a minha mulher e os meus filhos, Hutchinson. Não, não é problema teu e não era problema meu quando o capitão me pediu para lhe dar uma razão para te despedir.

Fungadela.

— Então atira-te ao mar e nada. Não é longe. A previsão de chegada é de nove horas, Johnson.

Fungadela.

Duff ficou parado a ver o mecânico desaparecer dentro do bojo do navio.

Depois, dirigiu-se para uma vigia e espreitou para o mar. O dia estava a nascer. Oito horas até chegarem ao porto. As ondas estavam altas. Quanto tempo conseguiria sobreviver com um tempo daqueles, numa água tão fria? Vinte minutos? Trinta? E quando se estivessem a aproximar de terra, o capitão iria, com toda a certeza, pôr uma pessoa a vigiá-lo. Duff encostou a testa ao vidro.

Não havia saída.

Voltou para a cabina. Olhou para o relógio. Um quarto para as cinco. Ainda havia quinze minutos até ter de se levantar. Deitou-se no beliche e fechou os olhos. Conseguia ver Meredith: ela estava a acenar da rocha, do outro lado da água. A acenar-lhe para que se juntasse a ela.

— Estamos à tua espera.

Como se fosse um sonho, pensou Macbeth. Ou nadar numa gruta debaixo de água. Devia ser mais ou menos parecido com andar a dormir. Segurou a lanterna com uma mão e Lady com a outra. Fez incidir a luz na mesa da roleta e nas cadeiras vazias. As sombras deslizavam como fantasmas pelas paredes. Os cristais falsos por cima deles refulgiam.

— Porque não está cá ninguém? — perguntou Lady.

— Foram todos para casa — respondeu Macbeth, iluminando um copo de *whisky* meio cheio em cima de uma mesa de póquer e, instintivamente, a mente dirigiu-se para a droga. A falta disso estava a começar a fazer-se sentir, mas ele estava a aguentar-se com firmeza. *Era* forte, mais forte do que nunca.

— Somos só nós dois, meu amor.

— Mas nós nunca fechamos, pois não? — perguntou ela, largando-lhe a mão. — Fechaste o Inverness? E mudaste tudo. Não reconheço nada! O que é aquilo?

Tinham entrado noutra sala, onde o cone de luz apanhou uma fila de *slot machines*. Ali estavam elas, numa fileira ao longo da sala. Como um exército de pequenos robôs adormecidos, pensou Macbeth. Caixas mecânicas que nunca mais voltariam a acordar.

— Olha, caixões de crianças — disse Lady. — E tantos, tantos…

A voz esmoreceu-lhe e foi substituída por soluços silenciosos.

Macbeth puxou-a para mais perto dele, afastando-a das máquinas.

— Não estamos no Inverness, querida. Isto é o Obelisco. Quis mostrar-te o que fiz para ti. Olha, está fechado. Até cortaram a eletricidade. Olha, isto é uma vitória nossa. Isto é o belo campo de batalha do inimigo, querida.

— É feio! É odioso! E cheira mal! Não te cheira? Tresanda a cadáveres. O pivete vem do guarda-vestidos!

— Querida, querida, é da cozinha. A polícia expulsou toda a gente ao

mesmo tempo para que ninguém pudesse dar cabo das provas. Olha, ainda há bifes nos pratos.

Macbeth fez incidir a luz da lanterna nas mesas: toalhas brancas, velas ardidas até ao fim e refeições meio comidas. Ficou hirto quando a luz se refletiu em dois luminosos olhos amarelos fixos neles. Lady gritou. Ele enfiou a mão dentro do casaco, mas viu apenas de relance um corpo magro e esguio antes de ele desaparecer na escuridão. E descobriu que tinha a adaga de prata na mão.

— Calma, querida — disse ele. — Era apenas um cão. Deve ter cheirado a comida e conseguiu arranjar uma maneira qualquer de entrar. Pronto, pronto, já se foi embora.

— Quero ir-me embora! Leva-me lá para fora! Quero ir-me embora!

— Está bem, já vimos que chegue. Agora, vamos voltar para o Inverness.

— Embora, disse eu!

— O que queres dizer? Embora para onde?

— Embora!

— Mas…

Não completou a frase, apenas o pensamento. Eles não tinham mais lado nenhum para onde irem. Nunca tinham tido, mas nunca se apercebera disso até àquele instante. Todas as outras pessoas tinham uma família, uma casa de infância, parentes, uma casa de verão, amigos. Eles só se tinham um ao outro e ao Inverness. Mas nunca lhe ocorrera que isso não fosse suficiente, até agora, depois de terem desafiado o mundo e ele estar prestes a perdê-la. Ela tinha de voltar; tinha de acordar; ele tinha de a tirar deste sítio negro onde ela estava encurralada — fora por isso que a trouxera ali. Mas nem mesmo o triunfo deles tinha conseguido acordá-la para a realidade. E ele precisava dela agora, precisava do cérebro claro dela, da sua mão firme e não desta mulher a chorar lágrimas silenciosas que não fazia ideia do que se estava a passar à sua volta.

— Descobrimos o Duff — disse ele, levando-a rapidamente em direção à saída pelo meio da escuridão. — O Seyton foi de avião para Capitol e, às duas horas, o MS *Glamis* estará a atracar.

Havia luz lá fora, mas no Obelisco todas as janelas tinham persianas; era a noite e a festa eternas. Mesas de jogo de que não se lembrava de quando tinham passado apareceram-lhe repentinamente na luz da lanterna, bloqueando-lhes o caminho. O barulho dos passos era abafado pelas carpetes e julgou ouvir o rosnar e o barulho das mandíbulas de cães atrás deles. *Merda! Onde está?* Onde estava a porta?

Lennox parou no relvado verde. Estacionara o carro na rua principal e tinha os óculos escuros postos.

Esta era uma das razões por que nunca se iria instalar em Fife. A luz era demasiado brilhante. Já estava a sentir o sol a queimar-lhe a pele pálida e rosada, como se fosse começar a arder como um raio de um vampiro.

Mas ele não era um vampiro, pois não? Havia coisas que não se conseguia ver até se chegar perto. Como a casa de campo branca à frente dele. Era só quando se chegava perto que se via que a brancura estava salpicada de buraquinhos negros.

VINTE E NOVE

— Bem-vindo a bordo — disse o capitão do MS *Glamis* quando o piloto entrou na ponte. — Gostava de chegar a horas hoje. Temos pessoas à nossa espera.

— Não há problema — respondeu o piloto, apertando a mão do capitão e posicionando-se ao lado dele. — Se as máquinas estiverem a funcionar.

— Porque não haviam de estar?

— Um dos seus mecânicos pediu para voltar no meu barco. Teve de ir buscar uma peça que o mecânico-chefe quer.

— Sim? Não me informaram disso — disse o capitão.

— Provavelmente, um pormenor sem importância.

— Quem era o mecânico?

— Hutch qualquer coisa. Ali vão eles.

O piloto apontou para o barco que se afastava rapidamente deles.

O capitão agarrou nos binóculos. Na coberta à ré, viu um boné de riscas e as costas de uma *t-shirt* da Esso.

— Há algum problema? — perguntou o piloto.

— Ninguém sai do navio sem minha permissão — respondeu o capitão. — Pelo menos, hoje.

Carregou no botão do intercomunicador para a cozinha.

— Despenseiro!

— Capitão — veio a resposta do outro lado.

— Manda o Johnson cá acima com duas chávenas de café.

— Estou a caminho, senhor.

— Eu disse o Johnson.

— Ele está com dores de estômago, capitão. Por isso, deixei-o descansar até atracarmos.

— Verifica se está na cabina.

— Sim, senhor.

O capitão tirou o dedo do intercomunicador.

— Três graus para bombordo — disse o piloto.

— Sem, senhor — disse o imediato.

O inspetor Seyton dissera que a opção mais segura era que o capitão e o telegrafista permanecessem os únicos que sabiam o que se ia passar para que Duff não percebesse que tinha sido desmascarado. Seyton e dois dos seus melhores homens estariam a postos no cais quando eles atracassem, subiriam a bordo e dominariam Duff. E Seyton tinha insistido que quando isso acontecesse, queria que toda a tripulação estivesse bem longe para que ninguém ficasse ferido se houvesse tiros. Embora, ao capitão, tivesse soado como *quando* fossem disparados tiros.

— Capitão! — Era o despenseiro. — O Johnson está a dormir como um bebé no beliche. Quer que eu o acorde?

— Não! Deixa-o dormir. Ele está sozinho na cabina?

— Sim, capitão.

— Ótimo, ótimo.

O capitão olhou para o relógio. Dentro de uma hora, estaria tudo acabado e ele podia ir ter com a mulher em casa. Em breve, iria ter uns dias de férias. Só aquela convocatória para ir à companhia de navegação no dia seguinte a propósito do relatório das companhias de seguros sobre um número suspeitosamente elevados do mesmo tipo de doença na tripulação que tinha trabalhado no porão ao longo dos últimos dez anos. Qualquer coisa

relacionada com o sangue.

— A rota está correta — disse o piloto.

— Esperemos que sim — resmungou o capitão entredentes. — Esperemos que sim.

Dez minutos depois da uma. Dez minutos antes, uma grande cabeça de alce tinha saído de um relógio e mugira. Angus olhou em redor. Estava arrependido da escolha do sítio. Embora agora, durante o dia, houvesse apenas vadios e bêbedos desempregados no Bricklayers Arms, este era o sítio preferido da brigada da Força de Intervenção e se alguém do quartel-general da polícia o visse e ao jornalista a conversarem, depressa chegaria aos ouvidos de Macbeth. Por outro lado, era menos suspeito do que sentarem-se num bar escondido numa das vielas escuras.

Mas Angus não gostava daquilo. Não gostava do alce. Não gostava que o jornalista ainda não tivesse aparecido. Angus já se teria ido embora há muito tempo se esta não fosse a sua última oportunidade.

— Desculpe o atraso.

Os erres rolados. Angus olhou para cima. Foi só a voz que o fez ter a certeza que o homem ali parado, com o impermeável amarelo, era Walter Kite. Angus tinha lido que este jornalista da rádio dizia consistentemente não à televisão e a ter fotografias nos jornais e nas revistas de celebridades, uma vez que achava que a aparência de uma pessoa era uma distração para a história. A palavra era tudo.

— Chuva e trânsito — disse Walter Kite, desapertando o casaco. A água escorria-lhe do cabelo ralo.

— É sempre a chuva e o trânsito — disse Angus.

— Pelo menos, é a desculpa que damos — respondeu o jornalista, sentando-se à frente dele no reservado. — A verdade é que a corrente da minha bicicleta se soltou.

— Julgava que o Walter Kite não mentia — comentou Angus.

— Kite, o jornalista da rádio, nunca mente — respondeu Kite com um sorriso sardónico. — Walter, a pessoa privada, é muito diferente.

— Está sozinho?

— Sempre. Conte-me o que não me disse ao telefone.

Angus inspirou fundo e começou a falar. Não sentiu o nervoso que sentira quando apresentara as suas informações a Lennox e a Caithness. Talvez porque os dados já estivessem lançados e não houvesse possibilidade de voltar atrás. Usou mais ou menos as mesmas palavras que tinha usado em Estex no dia anterior, mas também contou a Kite a reunião com Lennox e Caithness. Deu tudo a Kite. Os nomes. Os pormenores sobre o clube e sobre Fife. A ordem para queimar o corpo do bebé. Enquanto falavam, Kite tirou um guardanapo da caixa em cima da mesa e tentou limpar o óleo preto das mãos.

— Porquê eu? — perguntou Kite, agarrando num segundo guardanapo.

— Porque é considerado um jornalista corajoso e íntegro.

— É agradável que as pessoas pensem assim — disse Kite, estudando Angus. — A sua linguagem é mais elevada do que a da maioria dos jovens agentes da polícia.

— Estudei teologia.

— Ah, isso explica tanto a linguagem como porque quer expor-se a isto. Acredita na salvação pelos bons atos.

— Está enganado, senhor Kite. Não acredito nem na salvação nem na divindade.

— Falou com outros jornalistas — sorriu ironicamente —, com ou sem integridade?

Angus abanou a cabeça.

— Ótimo. Porque se eu trabalhar neste caso, precisarei de exclusividade total. Por isso, nem uma palavra aos outros jornalistas, nem a ninguém.

Estamos de acordo?

Angus assentiu.

— Onde posso contactá-lo, Angus?

— O meu número de telefone…

— Nada de telefones. Morada.

Angus escreveu-a no guardanapo manchado de óleo de Kite.

— O que acontece agora?

Kite suspirou. Como um homem que sabia que tinha uma quantidade imensa de trabalho à sua frente.

— Primeiro, tenho de verificar umas coisas. Isto é um caso muito importante. Não gostaria de ser apanhado a apresentar informações falsas ou que houvesse a suspeita de que fazia parte da agenda de uma pessoa qualquer.

— A minha única agenda é que a verdade seja conhecida e que o Macbeth seja parado.

Angus percebeu que tinha levantado a voz quando Kite olhou em redor para a clientela esparsa para se certificar que ninguém tinha ouvido.

— A verdade é que está a mentir quando diz que não acredita na divindade.

— Deus não existe.

— Estou a pensar na divindade nos *humanos*, Angus.

— O que quer dizer é a humanidade nos humanos, Kite. Querer a bondade é tão humano como pecar.

Kite assentiu vagarosamente.

— Você é que é o teólogo. Embora tenha de confessar que acredito em si, vou ter de verificar a história… e verificá-lo a si, como pessoa. Acho que é aquilo a que se chama… — levantou-se e apertou o casaco de oleado — … integridade.

— Quando julga que isto pode aparecer publicado? — Angus inspirou e

depois expirou. — Não confio no Lennox. Ele vai falar com o Macbeth.

— Vou dar prioridade à história — garantiu Kite. — Deve estar terminada daqui a dois dias — conclui, tirando a carteira.

— Obrigado. Eu pago o meu café.

— Certo. — Kite voltou a guardar a carteira. — Você é uma ave rara nesta cidade, sabe?

— Claramente em vias de extinção — disse Angus com um sorriso débil.

Ficou a olhar para o jornalista até ele sair. Olhou em redor do bar. Não havia ninguém conspícuo. Toda a gente parecia ocupada com os seus próprios assuntos. Dois dias. Tinha de tentar manter-se vivo durante dois dias.

Seyton não gostava de Capitol. Não gostava das avenidas largas, dos antigos e magnificentes edifícios do parlamento e de todas as outras tretas — os parques verdes, as bibliotecas e o edifício da ópera, os artistas de rua, as igrejas góticas minúsculas e a catedral ridiculamente extravagante, as pessoas sorridentes nas esplanadas dos restaurantes e o dispendioso teatro nacional com as peças pomposas, os diálogos incompreensíveis e os reis megalómanos que morriam no último ato.

Era por isso que preferia estar parado assim, com as costas viradas para a cidade e os olhos para o mar.

Estavam dentro do escritório do porto e já conseguiam ver o MS *Glamis*.

— Tem a certeza de que não quer ajuda? — perguntou o agente de uniforme com a insígnia da polícia de Capitol.

Houvera uma discussão sobre jurisdição antes de lá terem chegado, mas o comissário-chefe de Capitol tinha-se mostrado prestável, em parte, dissera ele, porque achavam que o assassínio de um polícia noutra cidade os afetava também e, em parte, porque é possível abrir exceções a bordo de embarcações.

— Agradeço de novo, mas tenho a certeza absoluta — respondeu Seyton.

— Muito bem, mas quando o prenderem e trouxerem para terra, nós tomamos conta do caso.

— Absolutamente. Desde que se mantenham atentos à escada do portaló e ao navio.

— Ele não vai escapar, inspetor.

O polícia de Capitol apontou para os polícias à paisana em dois barcos a remos a cinquenta metros do cais. Os agentes fingiam que pescavam, mas estavam preparados para apanharem Duff se ele saltasse a amurada.

Seyton assentiu com a cabeça. Não fora há muito tempo que estivera à espera no escritório de outro porto. Dessa vez, tinha sido Duff que recusara ajuda, o estúpido idiota. Mas agora os papéis estavam trocados. E ele iria garantir que Duff o soubesse. Iria fazer com que o *sentisse*. Durante uns segundos intermináveis. A polícia de Capitol não sabia nada sobre as ordens de Macbeth, evidentemente: Duff não devia ser trazido para terra, mas sim transportado. Num saco para cadáveres.

O *Glamis* inverteu a marcha e o mar foi batido, ficando branco sob a superfície, depois a água branca subiu e borbulhou como champanhe. Seyton armou a *MP-5*.

— Olafson. Ricardo. Preparados?

Os dois membros da equipa da Força de Intervenção assentiram com a cabeça. Tinham desenhos do barco que mostravam a cabina onde Duff se encontrava.

Foram atiradas amarras do Glamis para o cais, uma da proa e uma da ré, enroladas em volta dos postes e apertadas com toda a força. O lado do barco batia suavemente contra pneus que chiavam. Desceram a escada do portaló.

— Agora! — disse Seyton.

Atravessaram o cais a correr e subiram a escada. A tripulação ficou a olhar para eles de boca aberta; era óbvio que o capitão tinha conseguido

manter o segredo. Precipitaram-se por uma escada de ferro abaixo, passando pela cabina do primeiro imediato. Mais abaixo. E mais abaixo. Pararam à porta da cabina 12.

Seyton pôs-se à escuta, mas apenas ouviu a sua própria respiração e o ribombar das máquinas. Ricardo tinha-se posicionado mais à frente no corredor, onde podia manter as portas mais próximas sob vigilância, para o caso de Duff estar numa cabina diferente, os ouvir e tentar fugir.

Seyton ligou a lanterna e fez sinal com a cabeça a Olafson. Depois, entrou. A lanterna era redundante; havia luz suficiente lá dentro. Duff estava deitado no beliche inferior, virado para a parede, tapado com um cobertor. Tinha posto o barrete verde que o capitão dissera que «o Johnson» nunca tirava e estava sempre enfiado até aos óculos enormes. Fora uma única vez em que o gorro subira e o capitão vira a cicatriz. Seyton puxou da arma que iria ser posta na mão de Duff e disparou dois tiros para a parede atrás deles. As explosões ensurdeceram-no e, durante uns segundos, a única coisa que Seyton ouviu foi um guincho agudo. Duff tinha ficado rígido no beliche. Seyton encostou a boca ao ouvido de Duff.

— Eles gritaram — disse ele. — Eles gritaram e foi maravilhoso ouvi-los. Tu também podes gritar um bocadinho, Duff. Porque resolvi que te ia dar um tiro no estômago primeiro. Em nome do nosso velho conhecimento, meu cretino arrogante.

Sentiu um cheiro forte vindo de Duff. Seyton inspirou-o. Mas não era o cheiro delicioso do medo. Era… suor. Suor masculino velho e bafiento. Mais antigo do que os poucos dias em que Duff tinha estado desaparecido.

O homem no beliche virou-se para o olhar.

Não era a cara de Duff.

— Hem? — arfou o homem, ao mesmo tempo que o cobertor caía revelando um peito nu e um braço peludo.

Seyton encostou o cano da arma à testa do homem.

— Polícia. O que está a fazer aqui e onde está o Duff?

O homem fungou.

— Estou a *dormir*, como pode ver. E não faço ideia de quem é o Duff.

— O Johnson — respondeu Seyton, pressionando tão violentamente a boca da arma na testa do homem que a cabeça dele voltou a cair na almofada.

Outra fungadela.

— O moço de cozinha? Já foram ver à cozinha? Ou nas outras cabinas? Nesta viagem, nós apanhamos o primeiro beliche livre que nos aparece. O que fez o Johnson, hem? Alguma coisa grave pelo ar da coisa. Se vai fazer-me um buraco na cabeça, o melhor é disparar, cretino.

Seyton afastou a arma.

— Olafson, leva o Ricardo e revistem o barco.

Seyton estudou a cara inchada à sua frente. Cheirou-o. O homem não teria mesmo medo ou seria o cheiro de outras funções corporais que afogavam o cheiro do medo?

Olafson continuava de pé, atrás dele.

— Revistem o barco! — gritou Seyton.

E ouviu as botas de Olafson e de Ricardo a martelarem o chão do corredor e o barulho das portas a serem abertas com violência.

Seyton endireitou-se.

— Como te chamas e o que estás a fazer com o gorro do Johnson?

— Hutchinson. E pode ficar com o gorro. Está com ar de que precisa de qualquer coisa para bater uma punheta lá dentro.

Seyton atacou. A arma abriu a pele na face do homem e o sangue começou a correr. Mas o tipo não se mexeu, embora os olhos se tivessem enchido de lágrimas.

— Responde-me — silvou ele.

— Acordei com frio e ia vestir a minha *t-shirt*. Deixei-a ali, em cima daquela cómoda. Mas tanto a *t-shirt* como o boné tinham desaparecido; em

vez disso, estava lá este gorro. Estava frio, por isso, deitei-lhe a mão, *okay*?

A voz de Hutchinson tremia, mas o ódio brilhava através das lágrimas. Medo e ódio, ódio e medo, era sempre a mesma coisa, pensou Seyton, limpando o sangue da boca do cano da *MP-5*.

Ouviram-se vozes zangadas no corredor. Seyton já sabia. Iriam revistar o barco todo, todos os cantos e cantinhos, em vão. Duff já se tinha ido embora.

TRINTA

Duff desceu apressadamente as avenidas largas, passando por edifícios antigos magnificentes, por músicos de rua e pintores de retratos. Um casal sorridente na esplanada de um restaurante indicou-lhe a direção certa quando lhes mostrou a morada no bocado de papel. Olharam para a barba que estava a começar a descolar de um dos lados. Duff, tentando não correr, passou pela Catedral de Capitol.

Hutchinson tinha-se voltado para trás.

Tinha-se voltado para trás quando estava a descer a escada. Tinha subido. Tinha escutado a história de Duff. E mesmo quando Duff lhe contou pormenores em que nem ele próprio teria acreditado se outra pessoa lhos tivesse contado, Hutchinson continuou a assentir com a cabeça, como se estivesse a reconhecê-los. Como se nada lhe fosse estranho quando se tratava daquilo que os seres humanos eram capazes de fazer uns aos outros. E quando Duff acabou, o mecânico apresentou-lhe um plano de fuga. Sem hesitações, tão simples e óbvio que Duff supôs que ele o tinha criado para si próprio em determinado momento. Duff iria vestir a roupa de Hutchinson e ficar junto da amurada.

— Não te esqueças é de te manteres de costas para a ponte para o capitão não poder ver a tua cara e julgar que sou eu. O tipo do barco vai deixar ficar a escada para ti se estiveres preparado. Atira-a cedo, desce e fica à espera no fundo quando o barco do piloto se aproximar. Diz-lhe que precisas de ir a

terra antes de o *Glamis* atracar porque tens de ir buscar uma peça no escritório da companhia de que precisamos para o sarilho que aperta as amarras no cais.

— Porquê?

— Hum?

— Porque estás a fazer isto por mim?

Hutchinson encolheu os ombros.

— Eu estava no grupo destacado para carregar as caixas de munições. Havia um tipo da polícia, careca e magrinho, com os braços cruzados que parecia que queria cuspir-nos em cima enquanto as metíamos no camião.

Duff ficou à espera do resto da explicação.

— As pessoas fazem coisas umas pelas outras — disse Hutchinson, fungando. — Parece. — Fungadela. — E se te percebi bem, estás sozinho contra — apontou para o convés por cima deles — eles. E eu conheço um bocadinho desse sentimento.

Sozinho. Eles.

— Obrigado.

— Tudo numa boa, Johnson.

O mecânico apertou a mão de Duff. Rapidamente, quase com vergonha. E depois passou a mão pelo adesivo na testa.

— Da próxima vez, vou estar preparado e vai ser a tua vez de levares uma coça.

— Claro.

Agora, Duff estava a leste do centro.

— Desculpe. Distrito Seis?

— Para ali.

Passou um quiosque com uma venda de jornais. As casas estavam a tornar-se mais pequenas, as ruas mais estreitas.

Ouviu-se uma sirene da polícia e logo a seguir desapareceu. Tinham um

som diferente aqui, na capital, não eram tão ásperas ou agudas. E uma toada diferente. Não tão sombria, não tão agudamente desarmoniosa.

— Golfinho?

— O clube noturno? Não fechou? De qualquer maneira, está a ver aquele café ali? Logo a seguir.

Mas os olhos demoravam-se demasiado na cicatriz, tentando recordar qualquer coisa.

— Obrigado.

— Não tem de quê.

Número 66 da Tannery Street.

Duff estudou os nomes ao lado das campainhas na grande porta de madeira apodrecida. Nenhum deles significava nada para ele. Empurrou a porta. Aberta. Ou, para ser mais exato, uma fechadura partida. Estava escuro lá dentro. Deixou-se ficar parado até às pupilas se começarem a alargar. Uma escada. Jornais molhados, cheiro a urina. O barulho de uma tosse tuberculosa por trás de uma porta. Um barulho que parecia um chape molhado. Duff começou a subir as escadas. Havia duas portas da frente em cada andar, assim como uma porta baixa em cada patamar. Tocou a uma das campainhas. Lá dentro, ouviu-se o ladrar zangado de um cão e passos arrastados. Uma senhora pequena, enrugada, quase cómica, abriu a porta. Não havia corrente de segurança.

— Sim, querido?

— Olá. Sou o inspetor Johnson.

Ela olhou ceticamente. Duff calculou que ela conseguia sentir o cheiro de Hutchinson na *t-shirt* da Esso. De qualquer forma, o cheiro parecia ter acalmado a bolinha peluda que era o cão.

— Estou à procura… — sim, de que estava à procura? — de um amigo meu, de quem o Banquo me deu a morada.

— Desculpe, meu jovem. Não conheço nenhum Banquo.

— O Alfie?

— Ah, o Alfie. Vive no segundo andar, do lado direito. Desculpe, mas o senhor… ah… está a perder a barba.

— Obrigado.

Duff arrancou a barba e os óculos enquanto subia para o segundo andar. A porta da direita não tinha nenhum nome, apenas uma campainha com um botão pendurado de uma mola metálica.

Bateu à porta. Esperou. Voltou a bater, com mais força. Outra vez o barulho de um chape molhado vindo do rés do chão. Empurrou a porta. Trancada. Deveria ficar à espera para ver se aparecia alguém? Era uma alternativa melhor do que mostrar a cara na rua.

Tosse leve. O som vinha de trás da porta baixa no patamar. Duff desceu os cinco degraus e rodou o puxador. Moveu-se um bocadinho como se alguém o estivesse a agarrar do lado de dentro. Bateu à porta.

Nenhuma resposta.

— Olá? Olá, está aí alguém?

Conteve a respiração e encostou o ouvido à porta. Ouviu qualquer coisa que lhe pareceu barulho de papel. Havia alguém escondido ali.

Duff desceu as escadas com passos pesados e ruidosos, descalçou os sapatos no andar de baixo e voltou a subir em bicos de pés.

Agarrou no puxador da porta e empurrou-o bruscamente. Ouviu qualquer coisa voar quando a porta se abriu repentinamente. Um bocado de cordel.

Olhou para si próprio.

A fotografia não era particularmente grande e estava posicionada à direita, no fundo da página, por baixo do cabeçalho.

O jornal baixou e Duff ficou a olhar para a cara de um velho com uma barba comprida e desmazelada. Estava sentado, inclinado para a frente e com as calças à volta dos tornozelos.

Um tanque de chapes. Duff já os tinha visto antes, nos velhos edifícios de

apartamentos dos operários ao longo do rio. Supunha que tinham esse nome pelo barulho que faziam quando a merda dos andares de cima caía no contentor no rés do chão. Como um chape molhado.

— Desculpe — disse Duff. — É o Alfie?

O homem não respondeu, limitou-se a olhar fixamente para Duff. Depois voltou vagarosamente a página do jornal, olhou para a fotografia e depois voltou a levantar os olhos para Duff. Humedeceu os lábios.

— Mais alto — disse ele, apontando para a orelha com uma mão.

Duff elevou a voz:

— É o Alfie?

— Mais alto.

— Alfie!

— Chiu. Sim, ele é o Alfie.

Talvez tivesse sido por causa dos gritos que Duff não ouviu a chegada de outra pessoa. Sentiu apenas um objeto duro a ser encostado à sua nuca e havia qualquer coisa vagamente familiar na voz que lhe sussurrou ao ouvido:

— E, sim, isto é uma arma, inspetor. Por isso, não se mexa; diga-me só como nos encontrou e quem o mandou.

Duff fez menção de se voltar, mas uma mão empurrou-lhe a cara para a frente outra vez, para ficar de frente para Alfie, que, claramente, considerava a situação resolvida e tinha voltado à leitura do jornal.

— Não sei quem vocês são — respondeu Duff. — Encontrei a impressão de uma morada num bloco de notas no carro do Banquo. E ninguém me mandou. Estou sozinho.

— Porque veio aqui?

— Porque o Macbeth está a tentar matar-me. Tenho a certeza de que ele mandou matar o Banquo e o Fleance. Por isso, se o Banquo tinha uma morada que achava que era um abrigo seguro, podia ser que também fosse bom para mim.

Uma pausa. Para pensar, ao que parecia.

— Venha comigo.

Duff foi virado para a frente, mas de uma maneira tal que a pessoa com a arma continuava atrás dele. Depois foi levado pelas escadas acima até à porta onde tinha estado a bater. Agora estava aberta e foi empurrado para uma sala grande que cheirava a bafio, embora as janelas estivessem abertas de par em par. Na sala, havia uma mesa grande com três cadeiras, uma bancada de cozinha com um lava-louças, um frigorífico, uma cama estreita, um sofá e um colchão no chão. E uma outra pessoa. Estava sentada numa cadeira com os antebraços e as mãos na mesa e a olhar diretamente para Duff. Os óculos eram os mesmos, assim como as pernas compridas a saírem debaixo da mesa. Mas havia qualquer coisa diferente nele. Talvez fosse a barba. Ou a cara tinha emagrecido.

— Malcolm! — disse Duff. — Estás vivo.

— Duff. Senta-te.

Duff sentou-se na cadeira à frente do subcomissário.

Malcolm tirou os óculos. Limpou-os.

— Então pensaste que me tinha afogado depois de ter matado o Duncan, não é assim?

— Primeiro, pensei isso. Até ter percebido que o Macbeth estava por trás do assassínio do Duncan. Depois também percebi que provavelmente ele te tinha afogado para aplainar o seu caminho para o gabinete do comissário-chefe. E a carta de suicídio era forjada.

— O Macbeth ameaçou matar a minha filha, se não a assinasse. O que queres, Duff?

— Ele disse… — começou a voz atrás de Duff.

— Ouvi-te — interrompeu Malcolm. — E estou a ver que os jornais dizem que o Macbeth anda atrás de ti, Duff. Mas, claro, podes estar a trabalhar com ele e essas histórias serem um embuste para te poderes infiltrar

junto de nós.

— Matar a minha família foi uma operação de encobrimento?

— Também li sobre isso, mas já não confio em nada, Duff. Se o Macbeth e a polícia estivessem realmente interessados em te apanhar, já o teriam feito.

— Tive sorte.

— E depois vieste aqui ter. — Malcolm tamborilou com os dedos na mesa. — Porquê?

— Um porto seguro.

— Seguro? — Malcolm abanou a cabeça. — És um oficial da polícia, Duff, e sabes que, se nos conseguiste encontrar com toda essa facilidade, o Macbeth também consegue. Uma pessoa procurada pela polícia que seja moderadamente inteligente fica quietinha. Não vai visitar outras pessoas que também estão na lista das procuradas. Por isso, dá-me uma resposta melhor. Porquê aqui?

— O que achas?

— Deixa-me ouvir-te a dizê-lo. A arma está apontada para onde tens, ou não tens, um coração a sangrar.

Duff engoliu em seco. Porque fora para ali? As probabilidades tinham sido muito fracas, mas o cálculo, simples. Duff inspirou fundo.

— O Banquo devia ter-se encontrado comigo para me contar uma coisa na noite em que morreu. E ele foi a última pessoa a ver-te no dia em que desapareceste. Pensei que havia uma possibilidade de te encontrar aqui. E nós podemos ajudar-nos um ao outro. Tenho provas de que o Macbeth matou o Duncan. O Macbeth sabe disso e é por isso que anda a tentar matar-me.

Malcolm arqueou uma sobrancelha.

— E como nos podemos ajudar um ao outro? Não estás a pensar que a polícia daqui, de Capitol, nos possa ajudar, pois não?

Duff abanou a cabeça.

— Receberam ordens para nos prenderem e mandarem-nos de imediato

para o Macbeth. Mas juntos podemos derrotar o Macbeth.

— Para vingar a tua família?

— Sim, isso foi a minha primeira ideia.

— Mas?

— Há uma coisa maior do que a vingança.

— O lugar de comissário-chefe?

— Não.

— Então, o quê?

Duff indicou com a cabeça a janela aberta.

— Capitol é uma cidade elegante, não é? É difícil não gostar dela. Até de nos apaixonarmos por ela… uma beleza loura e sorridente com o sol nos olhos. Mas eu e tu nunca a poderemos amar, pois não? Porque demos os nossos corações à cidade sórdida e podre na costa oeste. Reneguei-a, pensei que ela não significava nada para mim. Eu e a minha carreira éramos mais importantes do que a cidade que não fez mais nada a não ser ensombrar os nossos espíritos, corromper os nossos corações e encurtar as nossas vidas. Amor absurdo, desperdiçado, pensava eu. Mas o facto é que é assim. Percebemos demasiado tarde quem amamos realmente.

— E estás disposto a sacrificar-te por uma cidade como essa?

— É fácil — respondeu Duff com um sorriso. — Perdi tudo. Não resta muita coisa para sacrificar a não ser a minha vida. E tu, Malcolm?

— Tenho uma filha que posso perder.

— E só a podes salvar se derrotarmos o Macbeth. Ouve. Tu és o homem que pode continuar a obra do Duncan. E é por isso que estou aqui para te seguir, se quiseres assumir o cargo de comissário-chefe e governar com justiça.

Malcolm olhou para ele com uma expressão cautelosa.

— Eu?

— Sim.

Malcolm soltou uma gargalhada.

— Obrigado pelo apoio moral, Duff, mas deixa-me esclarecer umas coisas primeiro.

— Sim?

— A primeira é que nunca gostei de ti.

— Compreensível — respondeu-lhe Duff. — Nunca dediquei um pensamento que fosse a alguém que não eu. Não estou a dizer que sou um homem mudado, mas o que aconteceu deu-me, sem a menor dúvida, visões novas. Continuo a não ser um homem inteligente, mas talvez seja um bocadinho menos estúpido do que era.

— Possivelmente, embora possas estar apenas a dizer o que queres que eu oiça. Mas o que eu não quero é ouvir nenhuma conversa sem sentido. Tu podes estar um bocadinho mudado, mas o mundo continua o mesmo.

— Que queres dizer com isso?

— Fico satisfeito por me considerares relativamente decente. Mas se te vou ter na minha equipa, tenho de saber se as tuas asas de anjo não te impedem de manteres os pés no chão. De certeza que não pensas que podes chegar até mim sem fechares os olhos a algumas coisas? Sem aceitares algumas… práticas estabelecidas para quem se safa com umas coisas e quem não o faz, e para quem recebe os envelopes castanhos. Se, de um dia para o outro, tirares tudo a um polícia mal pago, como vais conseguir a lealdade dele? E não é melhor ganhar algumas batalhas pequenas de vez em quando do que insistir em perder sempre as grandes?

Duff olhou para o homem com a barba como se quisesse ter a certeza de que era realmente Malcolm.

— Queres dizer, não perseguir o Hécate, mas os seus competidores mais pequenos?

— Quero dizer, sê realista, meu caro Duff. Ninguém ganha nada com um comissário-chefe que não sabe como as coisas funcionam neste mundo.

Temos de fazer uma cidade melhor e mais limpa do que aqueles que vieram antes de nós, Duff, mas, raios, para fazermos este trabalho temos de ser bem pagos.

— Aceitar subornos, é o que estás a dizer?

— Não podemos ganhar contra o Hécate, Duff. Ainda não. Entretanto, podemos deixar que ele pague parte dos nossos salários para estarmos equipados para combater todo o outro crime na cidade. Deus sabe que há muito.

Ao princípio, Duff sentiu um certo cansaço. E um alívio estranho. O combate tinha acabado; agora podia ceder, podia descansar. Com Meredith. Abanou a cabeça:

— Não posso aceitar isso. Tu não és a pessoa que eu esperava que fosses, Malcolm, por isso, a minha última esperança desvaneceu-se.

— Achas que há homens melhores? *És* um homem melhor?

— Eu não, mas conheci homens nas entranhas de um navio que são melhores do que tu ou eu, Malcolm. Por isso, agora vou-me embora. É melhor decidires se me vais deixar ir ou dar-me um tiro.

— Não te posso deixar ir embora agora porque sabes onde estou. A não ser que jures não revelares o meu paradeiro.

— Uma promessa entre traidores não valeria muito, Malcolm. Mesmo assim, não juraria. Por favor, dá-me um tiro na cabeça… tenho uma família à minha espera.

Duff levantou-se, mas Malcolm também o fez, pousou as duas mãos nos ombros dele e obrigou-o a voltar a sentar-se na cadeira.

— Fizeste-me bastantes perguntas, Duff. E, numa entrevista, as perguntas são frequentemente mais verdadeiras e mais reveladoras do que as respostas. Tenho estado a mentir-te e as tuas perguntas foram as certas. Mas não tinha a certeza de que a tua indignação justificada fosse autêntica até agora, quando te mostraste disposto a levar com uma bala por uma cidade e uma força da

polícia honestas.

Duff piscou os olhos. De repente, o corpo ficou-lhe tão pesado que se sentiu quase a desmaiar.

— Estão três homens nesta sala — disse Malcolm. — Três homens dispostos a sacrificar tudo para continuarem aquilo que o Duncan representava. — Pôs os óculos que tinha estado a limpar. — Três homens que podem não ser melhores do que quaisquer outros… se calhar, já perdemos tanto que não nos custa muito sacrificar o resto. Mas esta é a semente e a lógica da revolução, por isso, não nos deixemos entusiasmar com a nossa excelência moral. Digamos apenas que temos a vontade de fazer a coisa certa, independentemente de o combustível que alimenta a nossa vontade ser um sentido de justiça — encolheu os ombros — a ânsia de vingança de um homem de família, a vergonha de um traidor, a exaltação de uma pessoa privilegiada, ou o horror de arder no inferno de quem teme a Deus. Pois este *é* o caminho certo e do que precisamos agora é da vontade. Não há caminhos simples para a justiça e para a pureza, só o difícil.

— Três homens — disse Duff.

— Eu, tu e…?

— E o Fleance — rematou Duff. — Como conseguiste, rapaz?

— O meu pai atirou-me com um pontapé para fora do carro e da ponte — respondeu a voz atrás dele. — Ensinou-me a fazer aquilo que nunca conseguiu ensinar ao Macbeth. Nadar.

Duff olhou para Malcolm, que suspirou e depois sorriu. E para sua própria surpresa, Duff sentiu que também estava a sorrir. E sentiu uma coisa a subir-lhe pela garganta. Um soluço. Mas percebeu que era de riso, não de lágrimas, apenas quando viu que Malcolm também rebentava a rir, seguido por Fleance. O riso da guerra.

— Quessepassa?

Voltaram-se e viram o velho Alfie parado à porta, com uma expressão

perplexa na cara e o jornal na mão, e riram-se ainda mais alto.

TRINTA E UM

Lennox estava parado à janela a olhar para fora. A sopesar a granada que tinha na mão. Angus, Angus. Ainda não contara a ninguém a reunião na Estex. Porquê, não sabia. Só sabia que não fizera nada durante todo o dia. Ou ontem. Ou no dia anterior. Sempre que tentava ler um relatório, desconcentrava-se. Era como se as letras se mexessem e formassem palavras novas. *Reformar* tornava-se *informar* e *confissão* tornava-se *traição*. Sempre que levantava o telefone para fazer uma chamada, o auscultador pesava uma tonelada e tinha de o voltar a pôr no descanso. Tentara ler o jornal e descobrira que o velho Zimmerman estava a concorrer para presidente da câmara. Zimmerman não era controverso nem carismático; era respeitado pela sua competência, valesse isso o que valesse, mas não era um desafio sério para Tourtell. Lennox também tinha começado a ler um artigo sobre o aumento do tráfico de droga, que, segundo as Nações Unidas, se transformara na maior indústria depois da venda de armas, antes de ter percebido que estava apenas a olhar para frases e não a lê-las.

Tinham-se passado oito dias desde que Duff escapara de ser capturado em Capitol. Quando Lennox e Seyton estiveram parados no gabinete do comissário-chefe, Macbeth apresentava-se tão furioso que estava, literalmente, a espumar pela boca. Bolhas brancas de saliva juntaram-se-lhe nos cantos da boca enquanto arengava bombasticamente sobre a figura de idiota que o tinham obrigado a fazer na capital. E se Lennox e Seyton

tivessem feito o seu trabalho, apanhando Duff enquanto ele ainda estava na cidade, nada disto teria acontecido. Mas Lennox sentia este alívio paradoxal por Duff ainda estar vivo e livre.

Já não havia muita luz lá fora, mas tinha os olhos a arder. Se calhar, hoje, precisava de uma pica extra. Só para se aguentar durante este dia especifico; amanhã tudo iria ser melhor.

— É mesmo uma granada de mão, ou é um cinzeiro?

Lennox voltou-se para a voz à porta.

Macbeth estava numa pose estranha, inclinado para a frente com os braços ao lado do corpo como se estivesse parado num vento forte. Tinha a cabeça baixa, as pupilas no cimo dos olhos enquanto olhava para Lennox.

— Foi atirada ao meu avô na Primeira Grande Guerra.

— Mentiras — disse Macbeth sorrindo, entrando e fechando a porta atrás dele. — Isso é uma granada alemã modelo 24 *Stielhandgranate*. É um cinzeiro.

— Não penso que o meu avô…

Macbeth tirou a granada da mão de Lennox, agarrou na cavilha na cabeça da granada e começou a puxar.

— Não!

Macbeth ergueu uma sobrancelha e olhou para o assustado chefe da Unidade Anticorrupção, que continuou:

— Vai d-detonar…

— … a história do teu avô?

Macbeth largou a cavilha e pousou a granada em cima da mesa.

— Não podemos deixar que isso aconteça, pois não? Então, em que estava a pensar, inspetor?

— Corrupção — respondeu Lennox, enfiando a granada numa gaveta. — E anticorrupção.

Macbeth empurrou a cadeira das visitas para a frente.

— O que é realmente a corrupção, Lennox? Um revolucionário solenemente comprometido para infiltrar a nossa máquina estatal é corrupto? Um funcionário obediente, mas passivo que não faz nada, mas recebe o seu salário regular, e por vezes exorbitantemente alto, num sistema que ele sabe que se baseia na corrupção, é corrupto?

— Há muitas áreas cinzentas, comissário-chefe. Como regra, uma pessoa sabe se é corrupta ou não.

— Queres dizer que é uma questão de sentimentos?

Macbeth sentou-se e Lennox imitou-o para não ficar mais alto do que ele.

— Então, se não te *sentes* corrupto porque a família a teu cargo depende dos teus rendimentos, *não* és corrupto? Se o motivo é bom… para o benefício da família ou da cidade… podemos simplesmente parafrasear a palavra *corrupção*, digamos, bem, *política pragmática*, por exemplo.

— Acho que é o contrário — respondeu Lennox. — Quando sabemos que a ganância e nada mais do que ela está na origem, recorremos às paráfrases para nós próprios. Ao passo que o crime moralmente justificado não precisa de paráfrases. Conseguimos viver tendo ele o nome correto. Corrupção, roubo, assassínio.

— Então é isto que tu fazes? Passas o teu tempo aqui a pensar — disse Macbeth, apoiando o queixo nas pontas dos dedos. — A questionares-te se és corrupto ou não.

— Eu? — Lennox soltou uma risadinha abafada. — Estou a falar das pessoas que investigamos, claro.

— E, no entanto, falamos sempre de nós próprios. E eu continuo a defender que situações desesperadas fazem com que as pessoas denominem a sua própria corrupção por outro nome. E o pagamento que recebes por tirares partido da tua posição não é dinheiro, mas caridade. Vida. A vida da tua família, por exemplo. Estás a compreender?

— Não sei… — começou Lennox a dizer.

— Deixa-me dar-te um exemplo — disse Macbeth. — Um jornalista de rádio que é conhecido pela sua integridade é contactado por um jovem agente da polícia que acha que tem uma história para contar que será o fim do comissário-chefe. O que este agente pérfido, chamemos-lhe Angus, não sabe é que o jornalista tem uma certa… relação com o comissário-chefe. O jornalista, com razão, teme pela sua família se não fizer o que o comissário-chefe quer. Por isso, o dito jornalista informa o comissário-chefe dos planos sediciosos do agente da polícia. O jornalista promete voltar a contactar o jovem agente e o comissário-chefe diz ao repórter para se encontrar com o polícia num sítio onde ninguém os consiga ver ou ouvir. Onde o chefe, ou alguém dos seus pode… bem, tu sabes.

Lennox não respondeu. Limpou as mãos às calças.

— Portanto, o chefe está a salvo. Mas interroga-se, como é natural, sobre quem é a pessoa corrupta aqui: o jovem agente, o jornalista ou… ou quem, Lennox?

Lennox aclarou a garganta. Hesitou.

— O comissário-chefe?

— Não, não, não — respondeu Macbeth, abanando a cabeça. — A terceira pessoa. A que devia ter informado o comissário-chefe logo de início. A terceira pessoa que conhecia os planos do Angus, que não é parte deles, mas, ainda assim, é, indiretamente, uma vez que falha ao não informar o chefe e falha ao não o salvar. O que ainda não fez. Porque tem de pensar. E pensar. E, enquanto está a pensar, está ele próprio a tornar-se corrupto, ou não?

Lennox tentou olhar Macbeth nos olhos. Mas era como se estivesse a olhar para o sol.

— A reunião na Estex, Lennox. Não sei quando estavas a pensar contar-me.

Lennox não conseguia parar de piscar os olhos.

— Eu… eu tenho estado a pensar.

— Sim, é difícil parar. Os pensamentos estão sempre a aparecer, não é? E por muito livre que julguemos que é a nossa vontade, ela é governada por pensamentos, convidados ou não. Diz-me quem foi ter contigo, Lennox.

— Esta pessoa…

— Diz o nome.

— Ele é…

— Diz o nome!

Lennox inspirou fundo.

— O agente de polícia Angus.

— Continua.

— Sabe como é o Angus. Jovem. Impulsivo. E com tudo o que tem acontecido nos últimos tempos, toda a gente pode reagir um bocadinho irracionalmente. Pensei que antes de ir ter consigo com estas acusações graves, tentaria meter-lhe um bocado de juízo. Deixá-lo acalmar um bocadinho.

— E, entretanto, mantinhas-me na ignorância? Porque partiste do princípio que o teu espírito crítico é melhor do que o meu? Que eu não iria deixar que o Angus, a quem dei emprego na Força de Intervenção, tivesse outra oportunidade? Que iria, imediatamente, mandar cortar-lhe a cabeça excitada, embora no resto inocente?

— Eu…

Lennox procurou palavras para completar a frase.

— Mas estás enganado, Lennox. Dou sempre duas oportunidades aos meus subordinados. E essa regra aplica-se tanto a ti como ao Angus.

— Fico satisfeito por ouvir isso.

— Acredito na magnanimidade. Por isso, teria esquecido todo o assunto se o Angus tivesse mostrado sinais de arrependimento e tivesse recusado encontrar-se com o jornalista quando ele telefonou para combinar um

segundo encontro. Não teria voltado a pensar no assunto. A vida teria continuado. Infelizmente, o Angus não fez isso. Aceitou. E eu não tenho uma terceira cara.

Macbeth levantou-se e dirigiu-se para a janela.

— O que me leva à *tua* segunda oportunidade, Lennox. O meu jornalista foi informado de que tu e o Seyton vão a este encontro. Vai ser na fábrica Estex esta tarde, onde o Angus acredita que também irá estar um fotógrafo para tirar fotografias à fornalha onde ele acredita que foi queimado o corpo de uma criança. E é aí que tu vais punir pessoalmente o traidor.

— Punir?

— Vou deixar a punição ao teu critério. A minha única exigência é que o resultado tem de ser a morte — disse Macbeth, voltando-se para Lennox. — E depois o Seyton vai ajudar-te a livrares-te do corpo.

— Mas…

— É provável que as terceiras oportunidades existam. No céu. A propósito, como vai a tua família?

Lennox abriu a boca e saiu um som.

— Ótimo — continuou Macbeth. — O Seyton vem buscar-te às seis. Dependendo da punição que escolhas, tudo deve estar acabado uma hora e meia depois, por isso, sugiro que telefones à tua encantadora mulher para lhe dizeres que vais chegar um bocadinho atrasado para o chá. Disseram-me que as compras que ela fez indicam que te vai dar morcela.

Macbeth fechou silenciosamente a porta atrás de si ao sair.

Lennox enfiou a cabeça nas mãos. Um molusco. Uma criatura sem um único osso no corpo.

Uma dose. Tinha de meter uma dose.

Macbeth bateu com os calcanhares no chão enquanto avançava pelo corredor comprido. Tentando afogar a voz que lhe gritava que tinha de ter

poder. Ou poção. Ou qualquer coisa. Tinha-se conseguido manter limpo havia mais de uma semana. Iria piorar, antes de melhorar, mas *iria* melhorar. Já o fizera antes e iria voltar a fazê-lo. Havia apenas aquele suor horrível — tresandava, tresandava a desprazer, medo e dor. Mas iria passar. Tudo iria passar. *Tinha* de passar. Entrou na antessala do seu gabinete.

— Comissário-chefe…

— Nada de mensagens nem de telefonemas, Priscilla.

— Mas…

— Agora não. Mais tarde.

— Tem uma visita.

Macbeth parou instantaneamente.

— Deixaste alguém — apontou para a porta do gabinete — entrar ali?

— Ela insistiu.

Macbeth olhou para a cara desesperada de Priscilla.

— É a sua mulher.

— O quê? — foi a resposta atónita.

Apertou o último botão do uniforme e entrou no gabinete.

Ela estava parada atrás da secretária, a examinar o quadro na parede.

— Querido! Tens mesmo de fazer qualquer coisa em relação à arte neste gabinete.

Macbeth olhou para Lady sem querer acreditar. Ela trazia um fato simples e elegante por baixo do casaco de peles; era óbvio que tinha vindo diretamente do cabeleireiro e parecia descontraída e cheia de energia. Aproximou-se dela com cautela.

— Como… estás, querida?

— Excelente — respondeu ela. — Percebo que este quadro é propaganda, mas o que está realmente a tentar dizer?

Macbeth não conseguia descolar os olhos dela. Onde estava a louca que vira na véspera? Tinha desaparecido.

— Meu amor?

Macbeth olhou para o quadro. Viu as feições rudes dos operários.

— Foi posto aí por outra pessoa. Vou mandá-lo trocar. Estou tão contente por estares melhor. Tens tomado o… teu remédio?

Ela abanou a cabeça.

— Acabou-se o remédio. Parei com a medicação. Toda.

— Porque já se acabou?

Ela sorriu fugazmente.

— Vi que a gaveta estava vazia. Tu também paraste.

Sentou-se na cadeira dele.

— Isto está um bocadinho atravancado, não está?

— Talvez.

Macbeth sentou-se numa das cadeiras para as visitas. Se calhar, a loucura dela tinha sido apenas um labirinto e ela encontrara o caminho para a saída.

— Fico contente por concordares. Tive uma conversa com o Jack esta manhã. Sobre o plano que fizeste em relação às eleições.

— Pois. E o que achas?

Ela fez beicinho e abanou a cabeça.

— Fizeste o melhor que conseguiste, mas esqueceste-te de uma coisa.

— De quê?

— A tua ideia é que devíamos divulgar a informação sobre a relação do Tourtell com o rapazinho mesmo antes das eleições. E depois, tu, o assassino do Sweno, preencherias rapidamente o vazio antes de as pessoas irem às urnas.

— Sim? — disse Macbeth, muito entusiasmado.

— O pior é que o vazio foi preenchido quando o Zimmerman anunciou que estava na corrida.

— Esse chato? Ninguém quer saber dele.

— O Zimmerman não desperta grande entusiasmo, é verdade, mas as

pessoas conhecem-no e sabem o que podem esperar dele. Por isso, sentem-se seguras com ele. E para as pessoas é importante sentirem-se seguras nestes tempos dramáticos. É por isso que o Tourtell vai ser reeleito.

— Achas mesmo que o Zimmerman me poderia ganhar?

— Acho — respondeu Lady. — A não ser que sejas oficialmente apoiado por um Tourtell que não tenha sido prejudicado com o escândalo e que também tenhas resolvido as coisas com o Hécate. Organiza estas duas coisas e serás imbatível.

Macbeth sentiu um profundo alívio. Ela estava fora do labirinto. Estava outra vez ali, com ele.

— Ótimo, mas como?

— Apresentando um ultimato ao Tourtell. Ele pode ou retirar-se voluntariamente, invocando a idade avançada e a saúde como motivo, e dar-te todo o seu apoio oficial, sem qualquer reserva. Ou nós podemos obrigá-lo a retirar-se com a ameaça de o desmascarar como o porco pervertido que ele é, depois do que será detido e atirado para a cadeia, onde sabe o que acontece aos pederastas. Não deve ser a decisão mais difícil de tomar.

— Hum. — Macbeth coçou a cabeça. — Vamos fazer um inimigo.

— O Tourtell? Pelo contrário. Ele compreende as lutas pelo poder e vai ficar-nos grato por lhe darmos uma alternativa compassiva.

— Deixa-me pensar no assunto.

— Não é preciso, querido. Não há nada para considerar. Depois, temos o bonecreiro do Hécate. Já é tempo de nos livrarmos dele.

— Não tenho a certeza de que isso seja sensato, querida. Lembra-te que ele é o nosso fiador e que nos apoiará se tivermos de lutar com opositores.

— O Hécate ainda não exigiu o seu meio quilo de carne por te ter feito comissário-chefe — disse Lady. — Mas o dia de fazer contas não vai tardar. E nessa altura, tu farás isto. — Levantou um ombro como se estivesse preso a um fio. — E isto. — Levantou um pé. — Queres ser o fantoche do Hécate,

meu amor? Restringir a campanha contra ele não vai ser suficiente; ele vai querer mais e mais e, no fim, vai querer tudo, é assim que são as pessoas como ele. Por isso, a pergunta é se queres deixar o Hécate comandar a cidade através de ti. Ou — pousou os cotovelos na secretária — queres ser tu o bonecreiro? Ser o herói que apanhou o Hécate e se tornou presidente da câmara?

Macbeth fitou-a e depois assentiu devagarinho.

— Vou convidar o Tourtell para um jogo de vinte-e-um privado — disse Lady, levantando-se. — E tu manda uma mensagem ao Hécate a dizer-lhe que queres encontrar-te com ele cara a cara.

— E porque achas que ele vai aceitar?

— Porque lhe vais entregar uma mala cheia de ouro como agradecimento por te ter conseguido o lugar de comissário-chefe.

— E achas que ele vai engolir o isco, é isso?

— Há pessoas que ficam cegas pelo poder, outras por dinheiro. O Hécate pertence ao último grupo. Dou-te os pormenores mais tarde.

Macbeth acompanhou-a até à porta.

— Querida — disse ele, pousando-lhe uma mão nas costas e afagando a pele espessa —, é bom ter-te de volta.

— Igualmente — disse ela, deixando que ele lhe desse um beijo na cara. — Sê forte. Vamos tornar-nos fortes um ao outro.

Ficou a observá-la enquanto atravessava a antessala, perguntando para consigo se alguma vez compreenderia quem ela era realmente. Ou se o queria? Não era isso que a tornava tão irresistível para ele?

Lennox e Seyton tinham estacionado no lado oposto ao da fábrica Estex. Estava tão escuro que Lennox não conseguia ver a chuva fina; só a conseguia ouvir como um murmúrio no tejadilho e no para-brisas do carro.

— Lá está o jornalista — disse Seyton.

A luz de uma bicicleta oscilou pela estrada. Virou para o portão e desapareceu.

— Vamos dar-lhe dois minutos — disse Seyton, inspecionando a metralhadora.

Lennox bocejou. Felizmente, tinha conseguido uma dose.

— Agora — disse Seyton.

Saíram do carro, correram pelo meio da escuridão, atravessaram o portão e entraram no edifício da fábrica.

Ouviam-se vozes vindas do gabinete do capataz no cimo da parede.

Seyton farejou o ar. Depois, dirigiu-se para a escada de aço.

Subiram em bicos dos pés e Lennox sentiu uma ausência maravilhosa de pensamentos e o aço do corrimão que estava tão frio que lhe queimava as palmas das mãos. Pararam do lado de fora da porta. A pedrada dava-lhe aquela sensação de estar sentado numa sala quente e segura a observar-se a si mesmo. O barulho abafado das vozes lá dentro lembrou-lhe os pais na sala quando era pequeno e tinha ido para a cama.

— Quando vai aparecer publicado? — estava Angus a perguntar.

A resposta veio com uma arrogância arrastada e longos erres rolados:

— Não ligando ao facto de na rádio não nos referirmos a *publicar*, espero…

Quando Seyton abriu a porta, foi como se alguém tivesse carregado no botão de *stop* de um gravador de cassetes. Os olhos de Walt Kite por trás dos óculos estavam enormes. Com medo. Excitação. Alívio? De qualquer maneira, não era surpresa. Lennox e Seyton tinham sido pontuais.

— Boa noite — disse Lennox, sentindo um sorriso caloroso espalhar-se-lhe pela cara.

Angus levantou-se e atirou com a cadeira ao chão enquanto metia a mão dentro do casaco à procura de qualquer coisa. Mas imobilizou-se ao ver a metralhadora de Seyton.

No silêncio que se seguiu, Kite abotoou o casaco amarelo de oleado. Parecia que estavam numa casa de banho para cavalheiros: não houve trocas de olhares, não houve trocas de palavras; Kite limitou-se a deixá-los rapidamente, com a cabeça baixa. Tinha feito a sua parte. Deixou os outros com o pivete.

— De que estás à espera, Lennox? — perguntou Angus.

Lennox tomou consciência do braço esticado e da arma na ponta dele.

— Que o jornalista esteja suficientemente longe para não ouvir o tiro — respondeu ele.

A maçã de Adão de Angus subiu e desceu.

— Quer dizer que me vais dar um tiro?

— A não ser que tenhas outra sugestão. Deram-me liberdade para escolher como isto vai acabar.

— Está bem.

— Está bem *Compreendo* ou *Sim, quero levar um tiro*?

— É…

Lennox disparou. No espaço fechado, sentiu a pressão física da explosão nos tímpanos. Voltou a abrir os olhos. Mas Angus continuava de pé, à frente dele, agora com a boca aberta. Havia um buraco no dossiê da prateleira atrás dele.

— Desculpa — disse Lennox, avançando dois passos. — Achei que um tiro repentino na cabeça seria a solução mais humana. Mas as cabeças são muito pequenas. Fica quieto, se fazes favor…

Um risinho involuntário escapou-se-lhe dos lábios.

— Inspetor Lennox, sem…

O segundo tiro atingiu o alvo. E o terceiro.

— Sem querer criticar — disse Seyton, baixando os olhos para o corpo —, teria sido mais prático se o tivesses mandado lá para baixo, para as fornalhas, e o tivesses despachado ali. Agora, vamos ter de carregar com ele.

Lennox não respondeu. Estava a estudar a poça de sangue crescente que saía do corpo do jovem e se aproximava dele. Havia qualquer coisa estranhamente bela nas formas e nas cores, o vermelho brilhante, a forma como se espalhava em todas as direções, como balões vermelhos. Levaram Angus para o rés do chão da fábrica, depois recolheram os cartuchos vazios, lavaram o chão e tiraram a primeira bala da parede. Lá em baixo, tiraram-lhe o relógio, um fio com uma cruz de ouro, e meteram o corpo numa fornalha, fecharam-na e acenderam-na. Ficaram à espera. Lennox olhava fixamente para a calha que ia do fundo da fornalha até um tubo no chão. Ouvia-se um silvo baixo proveniente da fornalha.

— O que acontece ao…?

— Evapora-se — disse Seyton. — Tudo se evapora ou transforma em cinzas quando a temperatura é de mais de mil graus. Exceto o metal, que apenas derrete.

Lennox assentiu com a cabeça. Não conseguia descolar os olhos da calha. Apareceu uma gota cinzenta e tremente com uma membrana por cima, como uma cobertura.

— Chumbo — disse Seyton. — Derrete a trezentos e vinte e sete graus.

Esperaram. O silvo lá dentro tinha parado.

Depois apareceu uma gota dourada.

— Agora, já passámos um milhar — disse Seyton.

— O que… o que é isso?

— Ouro.

— Mas nós tirámos…

— Dentes. Vamos esperar até que esteja a mais de oitocentos graus para o caso de haver algum aço no corpo. A seguir, só temos de aspirar o pó. Ei, estás bem?

Lennox assentiu.

— Um bocadinho tonto. Nunca… hã… nunca tinha matado ninguém a

tiro. Tu, já, por isso, tenho a certeza de que te lembras do que sentiste da primeira vez.

— Sim — respondeu Seyton baixinho.

Lennox ia perguntar como ele se tinha sentido, mas o brilho nos olhos de Seyton fê-lo mudar de ideias.

TRINTA E DOIS

Macbeth estava no cimo do telhado do Casino Inverness a olhar para leste por uns binóculos. Não era fácil distinguir na escuridão, mas aquele fumo não estava a vir do cimo da chaminé de tijolos da Estex? Se assim fosse, o assunto tinha sido resolvido. E teriam mais dois homens na teia de aranha deles, dois homens com sangue nas mãos. Kite e Lennox. Podia ser útil ter Kite por perto nas eleições para presidente da câmara. Se houvesse outros candidatos na corrida. E Lennox em breve iria precisar de outra pessoa para lhe fornecer a droga. Não tardaria muito para que Hécate também não fosse mais do que uma saga.

Macbeth tinha esperado quinze minutos junto das escadas para a casa de banho na estação central até Strega aparecer. Primeiro, rejeitara os sacos de droga e dissera que só queria mandar um recado a Hécate e também dar-lhe uma prenda como sinal da gratidão de Macbeth e Lady por aquilo que Hécate fizera por eles. Um presente de que tinha a certeza que Hécate — se os boatos sobre ele gostar de ouro fossem verdadeiros — iria apreciar.

Strega dissera que lhe daria notícias. Talvez.

Sim, havia fumo a sair da chaminé.

— Querido, o Tourtell chegou.

Macbeth voltou-se. Lady estava parada à porta. Tinha um vestido vermelho.

— Vou já. Estás linda, já te tinha dito?

— Já. E isso é tudo o que vais dizer durante um bocado, meu amor. Deixa-me ser eu a falar para podermos seguir o plano.

Macbeth soltou uma gargalhada. Sim, ela estava de volta.

A sala de jogo e o restaurante estavam tão cheios de clientes que tiveram, literalmente, de abrir caminho à força até à mesa de jogo que tinham preparado na salinha independente no fundo do restaurante, onde Tourtell estava à espera.

— Está sozinho, esta noite? — perguntou Macbeth, apertando a mão do presidente da câmara.

— Os jovens têm de estudar para os exames. — Tourtell sorriu. — Vi que já havia fila lá fora.

— Desde as seis horas — disse Lady, sentando-se ao lado dele. — Estamos tão cheios que tive de convencer aqui o Jack a ser nosso *croupier*.

— O que me diz que devia haver espaço para dois casinos nesta cidade — disse Tourtell, brincando com o nó da gravata. — Sabem como os eleitores ficam infelizes quando não os deixam sair e gastar uma pipa de massa.

— Plenamente de acordo — ripostou Lady, chamando um criado com a mão. — O presidente da câmara tem tido uma noite de sorte, Jack?

— Ainda é um pouco cedo para dizer — respondeu Jack, sorrindo do sítio onde estava com o seu casaco vermelho de *croupier*. — Outra carta, senhor presidente?

Tourtell olhou para as duas cartas que lhe tinham dado.

— Quem não arrisca, não petisca. Não é assim, Lady?

— Tem toda a razão. E é por isso que decidi falar-lhe do consórcio que tem vontade de investir o seu capital não só tomando conta do Obelisco, mas também renovando-o e reabrindo-o como o casino mais atrativo do país. Claro que é um risco financeiro, dado que a reputação do Obelisco anda pelas ruas da amargura neste momento, mas nós estamos dispostos a acreditar que um dono novo e um perfil novo mudem isso.

— Nós, Lady?

— Sim, estou no consórcio. Juntamente com o Janovic, um investidor de propriedades de Capitol. É importante, como o senhor disse, para a cidade que o Obelisco seja posto de pé e a funcionar bem. Pense só em todo o rendimento fiscal que trará dos condados vizinhos. E quando abrirmos o novo e renovado Obelisco dentro de alguns meses, será uma atração turística. As pessoas vão fazer a viagem de Capitol para aqui só para jogarem na nossa cidade, Tourtell.

Tourtell olhou para a carta que Jack lhe tinha dado e soltou um suspiro.

— Não me parece que esta vá ser a minha noite.

— Mas ainda pode vir a ser — disse Lady. — As ações no consórcio ainda não foram todas tomadas e nós consideramo-lo um investidor potencial. Também precisa de alguma coisa a que recorrer depois de a sua presidência da câmara terminar.

— Investidor? — Soltou uma gargalhada. — Como presidente da câmara, lamento mas não tenho a capacidade legal ou o dinheiro para comprar ações de companhias, por isso, o indiscutível festival de ações terá de se realizar sem mim.

— As ações podem ser pagas de várias maneiras — disse Lady. — Por exemplo, com serviços prestados.

— O que está a sugerir, minha bela duquesa?

— Que apoie publicamente a candidatura de Macbeth a presidente da câmara.

Tourtell voltou a olhar para as cartas.

— Já prometi que o faria e sou conhecido por cumprir as minhas promessas.

— Estamos a falar *desta* eleição.

Tourtell levantou os olhos das cartas para olhar para Macbeth.

— Esta eleição?

Lady pousou uma mão no braço do presidente da câmara e encostou-se a ele.

— Sim, porque o Tourtell não vai concorrer.

Ele pestanejou duas vezes.

— Não vou?

— É verdade que deu a entender que ia, mas depois mudou de ideias.

— E porquê?

— A sua saúde não é a melhor e a função de presidente da câmara exige um homem enérgico. E logo que deixar de ser presidente da câmara, fica livre para se juntar a um consórcio que, na prática, terá o monopólio dos casinos nesta cidade e, ao contrário das cartas que tem na mão, o tornará um homem muito rico.

— Mas eu não quero…

— Vai recomendar aos eleitores que votem em Macbeth para seu sucessor porque ele é um homem *do* povo, que trabalha *para* o povo e governa *com* o povo. E porque ele, no papel de comissário-chefe, derrotou tanto o Sweno como o Hécate e mostrou que faz as coisas.

— O Hécate?

— Eu e o Macbeth estamos a antecipar os acontecimentos um bocadinho nisto, mas o Hécate é um homem morto. Vamos propor uma reunião com o Hécate, da qual ele não sairá vivo. Isto é uma promessa e eu também sou conhecida por cumprir as minhas promessas, meu caro senhor presidente da câmara.

— E se eu não alinhar com este — cuspiu as palavras como uma uva podre — negócio das ações?

— Seria uma pena.

Tourtell empurrou a cadeira para trás, apertou um dos queixos entre o polegar e o indicador.

— Que mais tem, mulher?

— Tem a certeza de que não devíamos parar por aqui? — perguntou Lady.

Jack tossiu e bateu com o indicador no baralho.

— Já chega de cartas, senhor presidente?

— Não! — rosnou Tourtell, sem desviar os olhos de Lady.

— Como quiser — disse ela, soltando um suspiro. — Será preso e acusado de comportamento impróprio com um menor. — Indicou a carta que Jack tinha posto à frente dele. — Está a ver, foi longe demais. Rebentou.

Tourtell olhou para ela com os seus olhos pesadamente vidrados. O lábio molhado e protuberante estremeceu.

— Não vai apanhar-me — silvou ele. — Está a ouvir? Não vai apanhar-me!

— Se conseguimos apanhar o Hécate, de certeza que o conseguimos apanhar a si.

Tourtell levantou-se. Olhou para eles. Os queixos, a cara escarlate, na realidade, todo o corpo dele, tremia de fúria. Depois deu meia-volta e saiu com passos determinados, as partes de dentro das coxas das calças a roçarem uma na outra.

— O que achas? — perguntou Macbeth depois de ele ter saído.

— Oh, ele vai fazer o que queremos — respondeu Lady. — O Tourtell não é um jovenzito tolo. Só precisa de um bocadinho de tempo para calcular as probabilidades antes de fazer a sua jogada.

Caithness sonhou com Angus. Ele telefonara-lhe, mas ela não se atrevera a levantar o auscultador porque sabia que alguém tinha andado a armadilhar-lhe o telefone e este ia explodir. Acordou e voltou-se para o despertador na mesa de cabeceira, ao lado do telefone a tocar. Passava da meia-noite. Tinha de ser um homicídio. Esperava que fosse um homicídio, um homicídio corrente e não… levantou o auscultador.

— Está?

Ouviu o clique que estava sempre lá desde o encontro na fábrica Estex.

— Desculpe estar a telefonar tão tarde. — Era uma voz desconhecida de um jovem. — Só queria confirmar que vem ao 323 amanhã, sexta-feira, à hora habitual?

— Vou fazer o quê?

— Desculpe, se calhar enganei-me no número. É a senhora Mittbaum?

Caithness sentou-se na cama, completamente acordada. Humedeceu os lábios. Imaginou as bobinas de um gravador numa sala qualquer, talvez a Unidade de Vigilância, no primeiro andar do quartel-general.

— Não sou — respondeu ela. — Mas não me preocuparia. As pessoas com apelidos alemães são geralmente pontuais.

— As minhas desculpas. Boa noite.

— Boa noite.

Caithness ficou deitada na cama, com o coração a martelar-lhe o peito.

O 323. O quarto no Grand Hotel, onde ela e Duff costumavam ter os encontros à hora do almoço, reservado em nome de Mittbaum.

TRINTA E TRÊS

Hécate girou o telescópio no suporte. A luz da manhã infiltrou-se por entre as nuvens e desceu como colunas para a cidade.

— Então o Macbeth disse que estava a planear matar-me durante o encontro?

— Sim — respondeu Bonus.

Hécate olhou pelo telescópio.

— Olha para aquilo. Já há fila à porta do Inverness.

Bonus olhou em volta.

— Os criados não estão cá hoje?

— Os rapazes, queres tu dizer? Só os reservo quando preciso deles, tal como esta suíte no último andar. Possuir coisas é atarmo-nos a elas. E pessoas, Bonus. Mas quando reparamos que o nosso carro está cheio de tralha, é da tralha que nos livramos, não do carro. É isso que o Macbeth ainda não percebeu. Que eu sou o carro, não a tralha. Ligaste ao Macbeth, Strega?

A mulher-homem alta, que tinha acabado de entrar na sala, saiu das sombras.

— Sim.

— E o que combinaram?

— Ele virá cá amanhã, às seis, para se encontrar consigo. Sozinho.

— Obrigado.

Ela voltou a fundir-se nas trevas.

— Admira-me que ele se atreva — disse Bonus.

— Atreva? — perguntou Hécate. — Ele não consegue impedir-se de o fazer. O Macbeth tornou-se uma borboleta noturna impotentemente atraída pela luz, pelo poder.

— E, tal como uma borboleta, vai morrer queimada.

— Talvez. Aquilo que o Macbeth tem mais a recear, tal como a borboleta, é ele próprio.

Caithness olhou para o relógio. Doze minutos paras as doze. Depois dirigiu o olhar para a porta do hotel à frente dela. Nunca iria esquecer os números em latão, por muito tempo que vivesse e por muitos homens que conhecesse, amasse e com quem partilhasse os dias e as noites.

Número 323.

Ainda podia dar meia-volta. Mas viera até ali. Porquê? Porque pensara que iria voltar a encontrar Duff e que alguma coisa tinha mudado? A única coisa que tinha mudado era que agora sabia que podia desenvencilhar-se perfeitamente bem sem ele. Ou era porque suspeitava que por trás daquela porta poderia haver outra oportunidade, uma oportunidade para fazer o que era correto? O que ela não tinha feito quando se afastara de Angus na Estex. Tinha conseguido o número privado dele, mas não houvera resposta.

Levantou a mão.

A porta ia explodir se ela batesse.

Bateu.

Esperou. Estava prestes a bater outra vez quando a porta se abriu. Um jovem estava lá parado.

— Quem és tu? — perguntou ela.

— Fleance, o filho de Banquo.

A voz era a mesma da do telefonema. Ele afastou-se para o lado.

— Faça favor de entrar, senhora Mittbaum.

O quarto do hotel estava igual ao que fora antes.

Malcolm estava igual.

Mas Duff, não. Tinha envelhecido. Não só nos meses e anos desde que ela o tinha visto pela última vez, sentado na cama coberta de peluche do hotel à espera dela, como agora, mas nos dias que tinham passado desde que ele a tinha deixado definitivamente pela última vez.

— Vieste — disse Duff.

Ela assentiu com a cabeça.

Malcolm tossicou e limpou os óculos.

— Não pareces especialmente surpreendida por nos veres aqui, Caithness.

— Estou muitíssimo mais surpreendida por *eu* estar aqui — respondeu ela. — Que se passa?

— O que esperas que se esteja a passar, Caithness?

— Tenho esperança de que seja para destituirmos o Macbeth.

Seyton empurrou para baixo a alavanca da porta de ferro e abriu-a. Macbeth entrou e deu a volta ao interruptor. Os tubos de néon piscaram duas vezes antes de lançarem uma fria luz azul nas prateleiras com caixas de munições e várias armas. No chão da divisão quadrada havia um cofre e duas armas *Gatling* meio desmanteladas. Macbeth dirigiu-se para o cofre, girou o mostrador e abriu-o. Tirou para fora uma mala com riscas.

— A sala das munições era o único sítio com paredes suficientemente grossas para nos atrevermos a guardá-la — disse ele. — E, mesmo assim, num cofre.

— Então é uma bomba?

— Sim — respondeu Macbeth, que se tinha agachado e aberto a mala. — Disfarçada de uma caixa de ouro. — Levantou as barras que cobriam o fundo. — As barras são na realidade ferro com uma capa de ouro, mas a bomba no espaço por baixo — abriu a tampa do fundo falso — é muito

verdadeira.

— Olha-me só para isto — disse Seyton, soltando um pequeno assobio. — A clássica bomba caseira.

— Engenhoso, hem? O ouro quer dizer que ninguém terá suspeitas por causa do peso. Isto foi preparado para fazer explodir o Inverness.

— Ah, é esse caso. E por que razão a bomba não foi destruída?

— A ideia foi minha — respondeu Macbeth, estudando o mecanismo do relógio. — É uma peça fantasticamente intricada e nós desarmámo-la. Pensei que um dia nós, na Força de Intervenção, poderíamos vir a descobrir um uso para ela. E agora descobrimos… um perno de metal do tamanho de um pau de fósforo. Só temos de puxar isto e o relógio começa a funcionar. Parece fácil, mas levou-nos quase quarenta minutos para a desativar e só restam vinte e cinco minutos e cinquenta e cinco segundos no relógio, por isso, se eu puxar isto para fora, não há maneira de voltar atrás.

— Quer dizer que a sua conversa com o Hécate vai ter de ser rápida.

— Oh, não vai ser uma reunião longa. Vou dizer que o ouro é prova da minha gratidão por aquilo que ele já fez e que haverá mais se ele me ajudar a ser eleito presidente da câmara.

— E acha que ele o fará?

— Não sei e, de qualquer maneira, ele estará morto dez minutos depois. O que interessa é que ele não pode desconfiar de nada e ele sabe que nesta cidade não se recebe seja o que for em troca de nada. Vou pedir-lhe para pensar no assunto, olhar para o relógio e dizer que tenho uma reunião com um grupo de gestão, o que é verdade, e vou-me embora.

— Desculpem…

Viraram-se para a porta. Era Ricardo.

— Telefone.

— Diz-lhes que ligo depois — disse Seyton.

— Não é para si, é para o comissário-chefe.

Macbeth ouviu a frieza quase impercetível na voz. Tinha-a sentido quando tinha vindo às instalações da Força de Intervenção anteriormente. Como os homens tinham murmurado um cumprimento respeitoso, mas tinham desviado os olhos, parecendo ocupados com outras coisas.

— Para mim?

— A sua rececionista é que ligou. Diz que é o presidente da câmara.

— Mostra-me o caminho.

Seguiu o veterano da Força de Intervenção. Algo na cara estreita e aristocrática de Ricardo, na negrura brilhante da pele e na elasticidade do seu andar tinha sempre feito Macbeth pensar que o agente tinha de ser descendente de uma tribo caçadora de leões. Como se designava aquilo? Um homem leal e honrado. Macbeth sabia que Ricardo estaria disposto a seguir os seus irmãos até à morte, se fosse necessário. Um homem que valia o seu peso em ouro. Ouro verdadeiro.

— Há algum problema, Ricardo?

— Senhor comissário?

— Estás muito calado hoje. Alguma coisa que eu deva saber?

— Estamos um bocado preocupados com o Angus, é só isso.

— Ouvi dizer que ele tem estado adoentado. Este trabalho não é para toda a gente.

— O que me preocupa é ele não aparecer para trabalhar e ninguém sabe onde ele está.

— Ele vai aparecer não tarda nada. Provavelmente, precisou de um tempo para meditar. Mas, sim, estou a ver que estás preocupado com a possibilidade de ele ter feito qualquer coisa drástica.

— Qualquer coisa drástica aconteceu a… — Ricardo parou ao pé da porta do gabinete. — Não creio que o Angus tenha feito alguma coisa.

Macbeth parou e olhou para ele.

— Então, o que achas?

Os olhos de ambos cruzaram-se. E Macbeth não viu nada da admiração e alegria dirigidas a ele a que estava habituado da parte dos seus homens na Força de Intervenção. Ricardo baixou os olhos.

— Não sei, senhor comissário.

Macbeth fechou a porta do gabinete atrás de si e agarrou no telefone.

— Sim, Tourtell?

— Menti ao dizer que era o presidente da câmara para me passarem a chamada. Tal como me mentiu. Prometeu-me que ninguém ia morrer.

Macbeth pensou que era estranho como o medo ganhava à arrogância. Não havia nenhum traço desta última na voz de Walt Kite.

— Percebeu-me mal — respondeu Macbeth. — O que eu queria dizer é que ninguém na *sua* família iria morrer.

— Você…

— E não vão. Se você continuar a fazer o que eu lhe digo. Estou ocupado, por isso, se não houver mais nada, Kite.

A única coisa que ouviu do outro lado foi uns estalidos elétricos.

— Ainda bem que esclarecemos o assunto — disse Macbeth e desligou.

Olhou para a fotografia pendurada na parede por cima da secretária. Mostrava toda a brigada da Força de Intervenção no Bricklayers Arms. Os sorrisos rasgados e as canecas levantadas testemunhavam a comemoração de outra missão bem-sucedida. Ali estava Banquo. Ricardo. Angus e os outros. E o próprio Macbeth. Tão novo. Um sorriso tão estúpido. Tão ignorante. Tão ditosamente impotente.

— Então, o plano é este — disse Malcolm. — E, sem contar contigo, Caithness, nós os três somos os únicos que o conhecem. O que dizes, Caithness? Estás connosco?

Estavam sentados muito perto uns dos outros no quarto apertado do hotel e Caithness olhou de uma cara para a outra.

— E se eu disser que o plano é uma loucura e que não quero ter nada que ver com ele, vão deixar-me ir calmamente embora, para poder ir contar ao Macbeth?

— Sim — respondeu Malcolm.

— Isso não é ingenuidade?

— Bem. Se estivesses a pensar em ir a correr contar ao Macbeth, suponho que primeiro nos terias dito que era um plano brilhante e que estavas connosco. E *depois* terias ido contar. Sabemos que pedir-te é um risco calculado. Mas recusamos acreditar que não há boas pessoas por aí, pessoas que se importam, que põem a cidade à frente do seu próprio bem.

— E pensam que eu sou uma delas?

— O Duff pensa que és uma delas — respondeu Malcolm. — Na verdade, ele di-lo de uma maneira mais forte: ele diz que *sabe* que és. Ele diz que és melhor do que ele.

Caithness olhou para Duff.

— É uma ideia brilhante e podem contar comigo — disse ela.

Malcolm e Fleance riram-se e, sim, até nos olhos tristes e sem vida de Duff, Caithness viu um vislumbre de riso.

TRINTA E QUATRO

Às seis menos cinco, Macbeth entrou na área da receção do Hotel Obelisco. O átrio espaçoso estava vazio, sem contar com um porteiro, um par de paquetes e três rececionistas de fatos pretos a conversar em voz baixa, como cangalheiros.

Macbeth dirigiu-se imediatamente para o elevador, entrou e carregou no botão para o décimo nono andar. Cerrou os dentes e expirou para equilibrar a pressão. O elevador mais rápido do país — até o tinham publicitado, provavelmente para atraírem os primos da província. Sentia a pega da mala escorregadia na mão. Porque tinha o Collum, o infeliz jogador, escolhido riscas de zebra para disfarçar uma bomba?

A porta do elevador abriu-se e ele saiu. Sabia, pelas plantas do edifício, que as escadas para o último andar ficavam à esquerda. Subiu rapidamente os quinze degraus e trotou pelo corredor curto até à única porta no andar. Levantou a mão para bater. Mas parou e estudou a mão. Estaria a detetar uma tremura, a tremura que os veteranos diziam que tinham ao fim de sete anos na Força de Intervenção? A tremura do sétimo ano. Não conseguia ver nada. Diziam que era pior se *não houvesse* nenhuma. Nesse caso era, sem dúvida nenhuma, altura de sair.

Macbeth bateu à porta.

Ouviu passos.

A sua própria respiração.

Não tinha nenhuma arma com ele. Iria ser revistado e não havia razão para fazer com que alguém ficasse nervoso, afinal de contas, isto devia parecer um encontro de negócios. Repetiu para consigo que ia apenas dizer que ia concorrer a presidente da câmara e entregar a mala como agradecimento pelos serviços prestados e pelos favores futuros. Essa explicação devia ser plausível.

— Senhor Macbeth?

Era um rapazinho. Usava calças de equitação e luvas brancas.

— Sim.

O rapaz afastou-se para o lado.

— Faça o favor de entrar.

A suíte tinha vistas em todas as direções. Parara de chover e, a ocidente, por trás do Inverness, a capa fina de nuvens estava pintada de laranja pelo sol da tarde. Os olhos de Macbeth deambularam para mais longe, por cima do porto a sul e as torres das fábricas a oriente.

— O senhor Hand disse que iria chegar um bocadinho atrasado, mas não muito — disse o rapaz. — Vou trazer-lhe champanhe.

A porta fechou-se silenciosamente e Macbeth ficou sozinho. Sentou-se numa das cadeiras de couro junto da mesa redonda de acrílico.

— O senhor Hand. Pois.

Macbeth olhou para o relógio. Tinham passado exatamente três minutos e trinta e cinco segundos desde que estivera sentado com Seyton no carro da Força de Intervenção e puxara o perno para fora para ativar a contagem decrescente. Vinte e dois minutos e vinte segundos para a detonação.

Levantou-se, dirigiu-se para o grande frigorífico castanho encostado a uma parede e abriu-o. Vazio. A mesma coisa com o guarda-vestidos. Espreitou para o quarto de cama. Intocado. Ninguém vivia ali. Voltou para a cadeira de couro e sentou-se.

Vinte minutos e seis segundos.

Tentou não pensar, mas os pensamentos apareciam à mesma.

Diziam que o tempo estava a passar.

Que a escuridão se estava a adensar.

Que a morte se estava a aproximar.

Macbeth respirou profunda e calmamente. E se a morte viesse agora? Claro que seria um fim sem significado, mas não é esse o caso com todos os fins? Somos interrompidos a meio de uma frase na narrativa sobre nós próprios e o fim paira no ar, sem significado, sem conclusão, sem um ato final de esclarecimento. Um pequeno eco da última e semiarticulada palavra e és esquecido. Esquecido, esquecido, nem sequer a maior estátua pode mudar isso. A pessoa que eras, a pessoa que *realmente* eras, desaparece mais depressa do que os círculos concêntricos na água. E qual era o propósito desta aparição curta e interrompida? De entrar no jogo o melhor que se consegue, de agarrar os prazeres e a felicidade que a vida tem para oferecer enquanto dura? De deixar uma marca, de mudar a direção das coisas, de tornar o mundo um lugar ligeiramente melhor antes de tu próprio teres de o deixar? Ou talvez o propósito seja reproduzires-te, pôr mais criaturas pequenas e adequadas na Terra na esperança de que os humanos venham, a determinada altura, a tornar-se os semideuses que imaginam que são? Ou simplesmente não há significado? Se calhar somos apenas frases independentes num alarido caótico em que todos falam e ninguém ouve, e a nossa pior premonição acaba por estar correta: estás sozinho. Completamente sozinho.

Dezassete minutos.

Sozinho. Depois tinha aparecido Banquo que o metera no coração, o fizera parte da família. E agora tinha-se livrado dele. Livrara-se de toda a gente. E estava sozinho outra vez. Ele e Lady. Mas que quisera com tudo isto? Queria-o *mesmo*? Ou queria dá-lo a outra pessoa? Era para ela, para Lady?

Catorze minutos.

E pensava mesmo que iria durar? Não era tudo tão frágil como a mente de Lady, não estava destinado a esmagar-se no solo, este império que estavam a construir, não era apenas uma questão de tempo? Talvez, mas que mais temos a não ser tempo, um bocadinho de tempo, a natureza frustrantemente temporária da impermanência?

Onze minutos.

Onde estava Hécate? Já era demasiado tarde para levar a mala para o porto e atirá-la para o mar. A alternativa era largá-la debaixo da tampa de uma porta de inspeção na rua, a luz do dia era intensa e as probabilidades de Macbeth ser reconhecido eram elevadas depois dos programas televisivos recentes e da exposição à imprensa.

Sete minutos.

Macbeth decidiu-se. Se Hécate não aparecesse dentro de dois minutos, ia-se embora. Deixava a mala. Esperando que Hécate chegasse antes de a bomba rebentar.

Cinco minutos. Quatro minutos.

Macbeth levantou-se e foi até à porta. Escutou.

Nada.

Hora de bater em retirada.

Agarrou no puxador da porta. Puxou. Puxou com mais força. Fechada à chave. Estava trancado lá dentro.

— O senhor quer dizer que o intrujaram?

Lady estava parada ao lado da mesa da roleta. Tinham-na chamado porque um cliente estava a começar a arranjar sarilho. O homem não estava completamente sóbrio, mas também não estava bêbedo. Casaco de *tweed* amarrotado. Ela nem sequer tinha de fazer uma suposição: ex-cliente do Obelisco, vindo das berças.

— Claro que sim — respondeu o homem enquanto Lady inspecionava a sala.

Esta noite estava cheia, como de costume. Iria ter de meter mais pessoal, precisavam de mais duas pessoas no bar, pelo menos.

— A bola aterrou no catorze três vezes seguidas. Quais são as probabilidades disso, hem?

— Exatamente as mesmas que para o três, o vinte e quatro e o dezasseis — respondeu Lady. — Uma em cinquenta mil. Exatamente as mesmas para qualquer combinação de números.

— Mas…

— Caro senhor — disse Lady sorrindo-lhe e tocando-lhe no braço. — Alguma vez lhe disseram que durante um bombardeamento se devia esconder na cratera de uma bomba porque o raio nunca cai duas vezes no mesmo sítio? Nessa altura é que o aldrabaram. Mas agora está no Casino Inverness, senhor. — Entregou-lhe um bilhete. — Beba um copo no bar à minha conta. Por favor, pense na lógica do que acabei de lhe dizer e podemos falar depois, está bem?

O homem inclinou-se para trás na cadeira e escrutinou-a. Agarrou no bilhete e foi-se embora.

— Lady.

Voltou-se. Uma mulher alta e de ombros largos elevava-se acima dela. Ou um homem.

— O senhor Hand gostaria de falar consigo.

A mulher-homem apontou com a cabeça na direção de um homem idoso parado a uns metros de distância. Vestia um fato branco, tinha o cabelo pintado de escuro e estava apoiado numa bengala dourada enquanto examinava com interesse o candelabro por cima dele.

— Se isso puder esperar uns minutos… — respondeu Lady com um sorriso.

— Ele também tem uma alcunha. Começada por H.

Lady parou.

— Ele prefere Hand — disse a mulher-homem, sorrindo.

Lady dirigiu-se para o velho.

— Cristal de Bacará ou da Boémia? — perguntou ele, sem tirar os olhos do candelabro.

— Da Boémia — respondeu ela. — Como pode ver, é uma cópia ligeiramente mais pequena do candelabro no Palácio Dolmabahçe, em Istambul.

— Infelizmente, nunca lá estive, minha senhora, mas estive uma vez numa capela numa terra pequena na Checoslováquia. Depois da Morte Negra, tinham tantos esqueletos que não havia espaço para eles. Por isso empregaram este monge só com um olho para limpar e ensacar os restos mortais. Mas em vez de fazer isso, ele usou-os para decorar a capela. Têm lá um candelabro atraente feito de crânios e ossos humanos. Algumas pessoas podem achar que isso mostra pouco respeito pelos mortos; eu diria o contrário. — O velho desviou os olhos do candelabro para ela. — Que maior dádiva pode a humanidade receber do que o toque da imortalidade inerente a reter a função mesmo depois da morte, minha senhora? Como tornar-se um recife de corais. Um candelabro. Ou um símbolo e estrela-guia, um comissário-chefe que morre tão prematuramente que as pessoas ainda têm a noção de uma boa pessoa, de um chefe altruísta, tão abençoadamente prematuro no seu reinado que nunca houve tempo para o desmascarar como outro rei megalomaníaco e corrupto. Sou da opinião de que precisamos dessas mortes, minha senhora. Espero que o monge zarolho tenha recebido a gratidão que merecia.

Lady engoliu em seco. Normalmente, conseguia ver algo nos olhos de uma pessoa que conseguia interpretar, compreender e depois usar. Mas, por trás dos olhos deste homem, não conseguia ver nada — era como se estivesse

a olhar para os olhos de um cego.

— Em que lhe posso ser útil, senhor Hand?

— Como sabe, devia estar numa reunião com o seu marido. Ele está sentado no quarto de um hotel, à espera de me matar.

Lady sentiu a traqueia contrair-se e percebeu que se falasse agora a voz sairia alta e esganiçada. Por isso, dominou-se.

— Mas como não consigo ver que estivesse a servir nenhum bom propósito estando morto, pensei que, em vez disso, deveria tentar falar sensatamente com a pessoa mais sensata dos dois.

Lady olhou para ele. Ele assentiu com a cabeça e sorriu, um sorriso triste e doce, como um avô atilado. Como alguém que a compreendia e lhe estivesse a dizer que as desculpas eram desnecessárias e, de qualquer das formas, despropositadas.

— Estou a ver — disse Lady, tossindo com força. — Acho que preciso de uma bebida. O que lhe posso oferecer?

— Bem, se o seu *barman* souber fazer um martíni sujo…?

— Venha comigo.

Foram para o bar, onde as pessoas faziam fila. Lady abriu caminho até à parte de trás do balcão, agarrou em dois copos de martíni, deitou da garrafa de gim e depois da de martíni, mexeu os *cocktails* na bancada de trabalho por baixo do balcão. Menos de um minuto depois, estava de volta e a entregar um copo ao velho.

— Espero que esteja suficientemente sujo.

Ele provou.

— Sem dúvida. Mas, a não ser que esteja enganado, tem um ingrediente extra.

— Dois. É uma receita minha. Por aqui?

— E quais são esses ingredientes?

— Isso é um segredo do negócio, evidentemente, mas deixe que me

exprima assim: acho que as bebidas devem ter um toque local.

Lady conduziu o velho e a mulher-homem alta para uma sala vazia, atrás do restaurante.

— Naturalmente, um homem na minha posição tem alguma compreensão por a senhora querer proteger os segredos do seu negócio — disse Hécate, esperando que a mulher-homem lhe puxasse uma cadeira para se sentar. — Por isso, desculpe-me se revelei as suas intenções de se apoderar da minha cidade, mas eu tenho outros planos.

Lady bebeu um gole do seu martíni.

— Vai matar o meu marido?

Hécate não respondeu.

Ela repetiu a pergunta.

Macbeth olhou fixamente para a porta e sentiu que a boca tinha ficado seca. Trancado lá dentro. Imaginou que conseguia *ouvir* a bomba a fazer tiquetaque atrás dele. Não havia outra maneira de sair — as saídas eram uma das coisas que ele verificava sempre quando examinava os planos de um edifício. Do lado de fora das janelas, a parede lisa descia vinte andares até ao alcatrão.

Trancado. Encurralado. Uma armadilha do Hécate. A sua própria armadilha.

Respirou pela boca e tentou afastar o pânico crescente.

Os olhos varreram a sala. Não havia nenhum sítio para se esconder, a bomba era demasiado potente. Os olhos voltaram a focar-se na porta. Na fechadura com um acessório para ser girado com o polegar e o indicador por baixo do puxador.

Soltou a respiração num silvo longo e aliviado. Merda, o que se estava a passar com ele? Soltou uma gargalhada. Uma porta de hotel *deve* trancar quando fecha. Ele vivia num hotel, por amor de Deus! A única coisa que era

preciso fazer era girar o acessório para abrir a porta.

Estendeu uma mão. Hesitou. Porque havia qualquer coisa a dizer-lhe que não podia ser assim tão fácil? Que nunca era, que seria impossível sair do sítio onde estava e que estava condenado a fazer-se explodir?

Sentiu os dedos escorregadios com o suor quando se fecharam em volta do fecho. Girou-o. A fechadura girou.

Carregou no puxador.

Abriu a porta.

Saiu. Correu pelas escadas abaixo e ao longo do corredor, praguejando baixinho.

Parou em frente do elevador e carregou no botão de chamada.

Viu no mostrador que estava a subir do rés do chão.

Olhou para o relógio. Dois minutos e quarenta segundos.

O elevador estava a aproximar-se. Estava a ouvir alguma coisa? Um tinido, vozes? Havia pessoas no elevador? E se o Hécate lá estivesse? Agora já não havia tempo para voltarem para a suíte e conversarem.

Macbeth desatou a correr. Segundo os planos, a saída de emergência ficava a seguir à esquina, para a esquerda.

Ficava.

Abriu a porta no mesmo instante em que ouvia o *pling* que indicava que o elevador tinha chegado. Susteve a respiração e a porta enquanto esperava.

Vozes. Vozes agudas de rapazes.

— Não percebo bem o que…

— O senhor Hand não vem. Acabaram de nos dizer para reter o homem ali dentro durante meia hora. Espero que ele goste de champanhe.

Macbeth fechou a porta atrás de si e correu pelas escadas abaixo.

Havia um número em todos os andares.

Parou no dezassete.

Lady assentiu. Respirou.

— Mas vai matá-lo noutro dia?

— Isso depende. Pôs-lhe sumo de maçã?

— Não. Depende de quê?

— Se isto é apenas uma confusão temporária. Parece que os dois deixaram de usar os meus produtos e, se calhar, isso é o melhor para todos.

— Não o vai matar porque precisa dele como comissário-chefe. E agora que expôs os planos do Macbeth uma vez, acha que ele aprendeu a lição. Um cão não está treinado até ter sido desobediente e ter sido castigado.

O velho voltou-se para a mulher-homem.

— Agora já estás a perceber porque eu digo que ela é a mais esperta dos dois?

— Então, o que quer de mim, senhor Hand?

— Gengibre? Não, a receita é secreta, como disse, por isso a sua resposta não será de fiar. Só quis torná-la consciente das opções que têm. Obedeçam e eu protegerei o Macbeth contra tudo o que o possa prejudicar. Ele vai ser o seu Titono. Desobedeçam e eu mato os dois, tal como se faz com os cães que afinal não estavam treinados. Olhe em volta, Lady. Olhe para tudo que se arrisca a perder. Tem tudo aquilo com que sonhou. Por isso, não tem de sonhar mais. Quanto a receitas, se os seus sonhos forem demasiado grandiosos, são uma receita para o desastre.

O velho engoliu o resto da bebida e pousou o copo na mesa.

— Pimenta. É um dos dois ingredientes.

— Sangue — disse Lady.

— A sério? — Pousou as mãos na bengala e endireitou-se. — Sangue humano?

Lady encolheu os ombros.

— Isso é assim tão importante? O senhor acredita que é e parece que gostou da receita.

O velho riu-se.

— Eu e a Lady podíamos ser bons amigos se as circunstâncias fossem diferentes.

— Numa outra vida — ripostou ela.

— Numa outra vida, minha pequena Lily.

Bateu duas vezes com a bengala no chão.

— Deixe-se estar. Nós encontramos a saída sozinhos.

Lady manteve o sorriso até ele desaparecer. Depois arquejou, tentando respirar, sentiu a sala andar à roda e teve de se agarrar ao braço da cadeira. *Lily*. Ele sabia. Como *podia* saber?

Décimo sétimo andar.

Macbeth olhou para o relógio. Faltava um minuto. Então, porque tinha parado? Deviam estar a carregar o carrinho pelas escadas acima. Iriam estar lá quando a bomba rebentasse. E daí? Eram rapazes do Hécate. Tinham de fazer parte de toda a cena, por isso, qual era o problema? Ninguém nesta cidade era inocente. Então porque lhe tinha esta *coisa* vindo à cabeça exatamente agora? Seria uma coisa de um discurso? Escrito por Lady, dado por ele? Ou seria de há muito mais tempo atrás, um juramento que tinham feito quando se formaram na escola da polícia? Ou até mesmo antes disso, uma coisa que Banquo lhe tinha dito? Uma coisa qualquer, havia qualquer coisa, mas não se conseguia lembrar de quê. Só que…

Merda, merda, merda!

Cinquenta segundos.

Macbeth começou a correr.

Pelas escadas acima.

TRINTA E CINCO

— Venham comigo! — gritou Macbeth.

Os dois rapazinhos olharam pasmados para o homem que tinha aparecido repentinamente à porta da suíte. Um deles segurava uma garrafa de champanhe e tinha começado a soltar o arame da rolha de cortiça.

— Agora! — gritou Macbeth.

— Senhor, nós…

— Têm trinta segundos se não querem morrer!

— Acalme-se, senhor.

Macbeth agarrou no balde de gelo para o champanhe e atirou-o contra a janela. Os cubos de gelo saltaram e fizeram ricochete, crepitando pelo chão de parqué. Baixou a voz no silêncio que se seguiu:

— Uma bomba vai explodir daqui a vinte e cinco segundos.

Depois voltou-se e desatou a correr. Pelas escadas abaixo. Com o estrépito de passos nos ouvidos. Passou a correr pelo elevador. Segurou a porta das escadas aberta para os dois rapazes.

— Corram! Corram!

Fechou a porta atrás deles e seguiu-os.

Quinze segundos. Macbeth não fazia ideia da grandeza que a explosão teria, mas se a bomba tinha sido construída para destruir um edifício tão sólido como o Inverness, teriam de se afastar o mais possível. Décimo sexto andar. Apercebeu-se de que estava a começar a ter uma dor de cabeça como

se já conseguisse sentir a pressão da explosão nos tímpanos, nos globos oculares, dentro da boca. Décimo quarto. Olhou para o relógio. Tinham passado quinze segundos.

Décimo primeiro andar. Ainda nada. O mecanismo do contador era capaz de não estar muito certo ou então tinham-lhe incluído um atraso deliberado. Os dois rapazes à frente dele começaram a abrandar. Macbeth deu-lhes um berro e eles voltaram a ganhar velocidade.

No oitavo andar, irromperam da escada da saída de emergência para um corredor, mas Macbeth continuou a descer, usando as escadas principais. O elevador era uma armadilha mortal. Quando chegou ao rés do chão, a bomba estava atrasada quase três minutos.

Entrou na receção. Estavam lá os mesmos membros do pessoal, a rondar o balcão como se nada tivesse acontecido, sem darem por ele. Saiu para a chuva. Olhou para cima. Ficou assim parado até que o pescoço lhe começou a doer. Depois começou a atravessar a praça deserta na direção de Seyton e do carro à espera. Que raio tinha acontecido? Ou melhor, o que não tinha acontecido? A bomba teria ficado húmida na cave de quartel-general da polícia? Alguém teria conseguido parar o temporizador depois de ele ter saído da suíte do último andar? Ou teria detonado, mas com muito menos força do que os peritos da Força de Intervenção lhe tinham feito crer? E agora? Estacou. E se o Hécate ou a sua gente entrassem na suíte e descobrissem que ele lá tinha deixado uma bomba? Tinha de voltar para trás para ir buscar a mala.

Macbeth virou-se. Deu dois passos. Viu a sua própria sombra delineada nas pedras e ouviu uma explosão abafada que lembrava um trovão. Por instantes, julgou que fosse granizo. Grânulos brancos atingiram-no na cara e nas mãos, tamborilaram nas pedras da calçada e dançaram nos carros estacionados. Uma cabeça de chuveiro caiu no chão a poucos metros dele. Olhou para cima e depois foi atirado em voo ao mesmo tempo que ouvia uma

coisa qualquer esmagar-se ao lado dele. Macbeth ergueu os braços para se proteger, mas o homem que o placara já se tinha levantado, sacudira o casaco cinzento e afastara-se a correr. Macbeth viu um frigorífico castanho esmagado no sítio onde tinha estado parado um segundo antes.

Apoiou a cabeça nas pedras frias da calçada.

Chamas surgiram no telhado do Obelisco e o fumo negro subiu em ondas para o céu. Uma coisa ressaltou pelas pedras da calçada na direção de Macbeth e parou ao lado da cabeça dele. Agarrou-a. Ainda estava embrulhada na gaiola de arame.

— Que raio aconteceu? — perguntou Seyton quando Macbeth entrou no carro.

— O Tourtell — disse Macbeth. — Avisou o Hécate. Arranca.

— O Tourtell? — perguntou Seyton, afastando-se do passeio enquanto os limpa-para-brisas varriam pequenos fragmentos de vidro branco do para-brisas.

— O Tourtell é a única pessoa que sabia do nosso plano e deve ter informado o Hécate, esperando que ele me matasse.

— E o Hécate não tentou matá-lo?

— Não. Pelo contrário. Salvou-me.

— Porquê?

— Precisa dos seus fantoches.

— O quê?

— Nada, Seyton. Segue para o Inverness.

Macbeth esquadrinhou o passeio, esquadrinhou as pessoas a olharem para cima boquiabertas. Procurava casacos cinzentos. Quantos havia? Todos eles usavam casacos cinzentos ou só alguns? Estavam sempre ali? Fechou os olhos. Imortal. Tão imortal como um fantoche de madeira. A pressão dentro da cabeça aumentou. E um pensamento estranho rodopiou-lhe na mente. A

promessa de Hécate de o tornar imortal não era uma bênção, mas uma maldição. Conseguia sentir o arame na pele enquanto girava a rolha de cortiça da garrafa de champanhe entre os dedos e ouvia a primeira sirene da polícia.

Seyton tinha parado à frente do Inverness e Macbeth estava já a sair do carro quando ouviu a voz de Tourtell.

— Põe o rádio mais alto — disse ele, voltando a entrar.

— … e para calar os boatos e por respeito a vós, meus caros concidadãos, e ao vosso direito de conhecerem os vossos representantes eleitos, hoje decidi dizer-vos que há quinze anos tive uma relação extraconjugal que levou ao nascimento de um filho. De acordo com as partes importantes, isto é, a mãe do meu filho e a minha mulher, foi decidido manter isto longe dos olhares públicos. Estive sempre em contacto próximo com o meu filho e a mãe dele e sustentei-os usando os meus próprios meios. Não tornar isto público na época foi uma decisão que teve em consideração as várias partes. A cidade não era uma delas, uma vez que nessa ocasião não estava na câmara e não precisava de dar satisfações a ninguém, exceto àqueles perto de mim e a mim mesmo. No entanto, agora, as coisas estão diferentes e é a altura certa para dar esta informação. A mãe do meu filho está gravemente doente e, com o consentimento dela, há dois meses ele veio viver comigo. Desde essa altura tenho levado o Kasi a eventos públicos, onde o tenho apresentado como meu filho, mas, paradoxalmente, parece que a minha honestidade levou a outros boatos. A verdade, como sabemos, é a última coisa em que se acredita. Não me sinto orgulhoso por ter sido infiel há quinze anos, mas além de ter procurado o perdão dos que me são mais próximos, há pouca coisa que possa fazer a esse respeito. Tal como posso fazer pouco em relação às pessoas avaliarem as minhas capacidades como governante com base na minha vida privada. A única coisa que posso fazer é pedir a vossa confiança, tal como eu confio em vós ao tornar públicos pormenores que são extremamente

dolorosos e preciosos para mim. Posso não ter agido sempre de formas que me façam sentir orgulhoso; todavia, tenho orgulho no meu filho de quinze anos, Kasi. A noite passada tive uma longa conversa com ele e ele disse-me para fazer o que estou a fazer agora. Dizer a toda a cidade que sou pai dele.

Tourtell inspirou fundo antes de concluir com um *vibrato* claro na voz:

— E que ele é meu filho. — Tossiu. — E para ganhar a eleição para presidente da câmara.

Pausa. A voz de uma mulher, também claramente comovida:

— Foi esta a declaração do presidente da câmara Tourtell. Voltando às notícias. Houve uma grande explosão no Distrito Quatro. Para ser mais exata, no último andar do Casino Obelisco. Não há notícia de mortos nem feridos, mas…

Macbeth desligou o rádio.

— Raios! — exclamou ele. E explodiu a rir.

TRINTA E SEIS

Lady recostou-se nas almofadas e esticou um pé para fora do robe. Na direção de Macbeth, que estava sentado num banco baixo aos pés da cama. Ela tinha pendurado dois vestidos vermelhos. Ele afagou-lhe o tornozelo esguio e a pele macia da perna depilada.

— Então, o Hécate sabia os nossos planos — disse ele. — Disse quem lhe tinha contado?

— Não — respondeu Lady. — Mas disse que tu serias o meu Titono se nos portássemos bem.

— Quem é o Titono?

— Um grego bonitão a quem concederam a vida eterna. Mas também disse que, se não obedecermos, nos mata como cães que não respondem ao treino.

— Hum. Só pode ter sido o Tourtell que lhe disse.

— É a terceira vez que dizes isso, querido.

— E o paneleiro escorregadio não se limitou a passar informações. O rapaz é mesmo filho dele. A questão agora é se as pessoas desta cidade querem um devasso para presidente da câmara.

— Uma única aventura há quinze anos? — ripostou Lady. — Que o Tourtell confessou na altura, pediu perdão e desde então cuidou da mãe e do filho? E agora que ela está doente, o Santo Tourtell recebe o filho? As pessoas vão adorá-lo por isso, querido. Ele cometeu um erro que a maior

parte das pessoas irá compreender e mostrou vergonha e bondade a seguir. O Tourtell passou a ser *do* povo. Esta declaração é um golpe de génio. Vão aparecer em força para votarem nele.

— O Tourtell vai concorrer e ganhar. E o que podemos nós fazer?

— Sim, o que podemos fazer? Bem, tudo a seu tempo. Qual dos vestidos, Jack?

— O espanhol — respondeu Jack, tirando uma chávena de chá do tabuleiro e pondo-a na mesa de cabeceira de Lady.

— Obrigada. E quanto ao Tourtell e ao Hécate, Jack? Devemos fazer alguma coisa ou é demasiado arriscado?

— Não sou um estratega, minha senhora. Mas li que quando temos inimigos em duas frentes, há duas estratégias clássicas. Uma é negociar um armistício com um inimigo e depois concentrar as nossas forças para derrotar o outro e atacar sem aviso. A outra é pôr os nossos inimigos um contra o outro, esperar até ambos ficarem enfraquecidos e depois atacar.

Entregou uma chávena de café a Macbeth.

— Lembra-me para te promover — disse Macbeth.

— Oh, ele já foi promovido — disse Lady. — Estamos completamente cheios nas duas próximas semanas, por isso agora o Jack tem um assessor. Um assessor que o vai tratar por senhor.

Jack riu-se.

— Isto não foi ideia minha.

— Foi minha — respondeu Lady. — E não é uma ideia. É sensato ter regras para as formas de tratamento. Faz com que toda a gente se lembre da hierarquia para que se possa evitar mal-entendidos. Se um presidente da câmara declara o estado de emergência, é importante, por exemplo, saber quem governa a cidade. E quem é?

Jack abanou a cabeça.

— O comissário-chefe — disse Macbeth, dando um gole no café. — Até

o comissário-chefe suspender o estado de emergência.

— A sério? — perguntou Jack. — E se o presidente da câmara morrer? Também é o comissário-chefe que assume o cargo?

— Sim — respondeu Macbeth. — Até ser eleito um novo presidente da câmara.

— São as regras que o Kenneth introduziu logo a seguir à guerra — explicou Lady. — Nessa altura, dava-se muito peso a uma chefia dinâmica e assertiva nas crises.

— Parece sensato — disse Jack.

— O que é ótimo num estado de emergência é que o comissário-chefe manda em absolutamente tudo. Pode suspender o sistema de justiça, censurar a imprensa, adiar eleições indefinidamente; em resumo, é…

— Um ditador.

— Exatamente, Jack. — Lady mexeu o chá. — Infelizmente, o Tourtell não vai concordar em declarar um estado de emergência, por isso, vamos ter de nos contentar com a segunda melhor opção.

— Que é?

— O Tourtell morrer, claro — respondeu Lady bebericando o chá.

— Morrer? Mas com…

— Num assassínio — disse Macbeth, apertando-lhe delicadamente o músculo da barriga da perna. — É isso que queres dizer, não é, meu amor?

Ela assentiu com a cabeça.

— O comissário-chefe anuncia que assume o comando da cidade enquanto o assassínio está a ser investigado. Terá havido motivos políticos por trás disto? O Hécate? Teve alguma coisa que ver com a infidelidade do Tourtell? Como é evidente, a investigação arrasta-se.

— Só posso governar temporariamente — disse Macbeth —, até que seja eleito o novo presidente da câmara.

— Mas, querido, olha, há sangue nas ruas. Polícias mortos e políticos

assassinados. O comissário-chefe, que agora funciona como presidente da câmara, provavelmente decidiria declarar o estado de emergência. E adiar a eleição indefinidamente até que as coisas acalmassem. E é o comissário-chefe que determina quando as coisas acalmaram.

Macbeth sentiu o mesmo prazer infantil que quando ele e Duff haviam sido os reis do palácio no recreio da escola no orfanato e até os outros miúdos mais durões tiveram de o aceitar.

— Na prática, teríamos poder ilimitado enquanto quiséssemos. E tens a certeza de que Capitol não pode intervir?

— Querido, hoje tive uma conversa longa e interessante com um dos nossos juízes do Supremo Tribunal. Capitol tem poucas ou nenhumas sanções, desde que as medidas introduzidas pelo Kenneth não entrem em conflito com as leis federais.

— Estou a perceber — disse Macbeth, esfregando o queixo. — Interessante, de facto. Então, a única coisa que é precisa é que o Tourtell morra ou declare o estado de emergência.

Jack tossicou.

— Mais alguma coisa, minha senhora?

— Não, obrigada, Jack — respondeu Lady despedindo-o com um aceno alegre.

Macbeth ouviu o som do baixo no rés do chão quando Jack abriu a porta para o corredor e a sirene lamentosa de uma ambulância que se seguiu depois de ele a ter fechado.

— O Tourtell está a fazer planos para nos parar — disse Lady. — O assassínio terá de ser em breve.

— E o Hécate? Se esta serpente é o Tourtell e o Hécate, o Tourtell é a cauda e o Hécate é a cabeça. E cortar a cauda só a torna mais perigosa. Temos de dar cabo da cabeça primeiro!

— Não.

— Não? Ele diz que nos mata se não lhe obedecermos. Queres ser o cão treinado dele?

— Senta-te sossegado e ouve o que te digo, querido. Ouviste o Jack. Arranja um armistício com uma das partes e ataca a outra. Não é altura de desafiar o Hécate. E o que é mais, não tenho a certeza de que o Hécate e o Tourtell estejam a trabalhar em conjunto. Se assim fosse, o Hécate teria dito que nos devíamos manter longe do Tourtell e do gabinete do presidente. Mas não disse, nem mesmo depois da especulação de que tu irias concorrer. Enquanto o Hécate julgar que nos deu uma lição e que agora somos os seus cães obedientes, só nos aplaudirá… e indiretamente, a ele mesmo… se tomarmos o comando político da cidade. Compreendes? Limpamos um inimigo agora e obtemos o que queremos. Depois resolvemos o que temos de fazer a respeito do Hécate.

Macbeth subiu a mão pela perna dela, subindo acima do joelho. Ela calou-se, fechou os olhos e ele escutou a respiração dela. A respiração que com ordens não verbais determinava o que a mão dele devia ou não devia fazer.

Durante a tarde e a noite, a chuva continuou a lavar a cidade que nunca estava limpa. Martelava no telhado do Grand Hotel, onde Fleance, Duff, Malcolm e Caithness tinham concordado ficar até acabar. Eram duas da manhã quando Caithness foi acordada por um bater na porta do quarto. Soube imediatamente quem era.

Não foi o número de pancadas, o intervalo entre elas ou a força delas. Foi o estilo. Ele batia com a mão espalmada. E ela conhecia a mão, todas as rugas e fendas dela.

Abriu a porta uma nesga.

A chuva pingava da roupa e do cabelo de Duff, tinha os dentes a bater e a cara estava tão pálida que a cicatriz mal se via.

— Desculpa, mas preciso de um duche bem quente.

— Não tens…?

— O Fleance e eu partilhamos um quarto com beliches e um lavatório.

Ela abriu a porta um pouco mais e ele esgueirou-se para dentro do quarto.

— Onde estiveste? — perguntou ela.

— No cemitério — disse ele do interior da casa de banho.

— A meio da noite?

— Não há tanta gente a andar aí fora.

Ela ouviu a água a ser ligada. Aproximou-se mais da porta da casa de banho.

— Duff?

— Sim?

— Só queria dizer que lamento muito.

— O quê? — gritou ele.

Caithness aclarou a garganta e elevou a voz.

— Em relação à tua família.

Escutou o bater da água que lhe abafava as palavras e olhou para o vapor que o escondia dela.

Quando Duff saiu outra vez com o roupão que estava pendurado na casa de banho e com as roupas molhadas num braço, Caithness estava vestida e deitada na cama larga. Ele tirou um maço de cigarros empapado do bolso das calças molhadas. Ela assentiu com a cabeça e ele deitou-se ao lado dela. Caithness apoiou a cabeça no braço dele e olhou para cima, para o candeeiro de vidro amarelo no teto. A taça-abajur estava salpicada de insetos mortos.

— É o que acontece quando nos aproximamos demasiado da luz — disse ele.

Queria dizer que ele ainda tinha a capacidade de adivinhar o que ela estava a pensar.

— Ícaro — disse ela.

— Macbeth — disse ele, acendendo um cigarro.

— Não sabia que tinhas voltado a fumar — comentou ela.

— Bem, é um bocadinho estranho. A verdade é que nunca gostei desta merda.

Fez uma careta e atirou um grande e grosso anel de fumo para o teto.

Ela soltou uma risadinha.

— Então, porque começaste?

— Nunca te contei?

— Há imensas coisas que não me contaste.

Duff tossiu e passou-lhe o cigarro.

— Porque queria ser como o Macbeth.

— Teria julgado que ele queria ser como tu.

— Ele parecia sempre tão bem. E era tão… livre. Sempre em harmonia consigo mesmo e feliz, tão feliz na sua própria pele. Eu nunca fui.

— Mas tu tinhas intelecto. — Ela inalou e devolveu-lhe o cigarro. — E a capacidade de persuadir as pessoas de que tinhas razão.

— As pessoas não gostam de perceber que estão erradas. E eu não tive a capacidade de os persuadir a gostarem de mim. E ele teve.

— Encanto barato, Duff. Olha quem ele é agora. Intrujou toda a gente.

— Não. — Duff abanou a cabeça. — Não, o Macbeth não intrujou ninguém. Falou sempre honestamente e foi sempre franco. Não era um santo, mas não tinha motivos ocultos, era o que aparentava ser. Talvez ele não impressionasse toda a gente com a sua inteligência e originalidade, mas confiava-se em todas as palavras dele. E com razão.

— Confiar? Ele é um assassino insensível, Duff.

— Estás enganada. O Macbeth está cheio de sentimento. É por isso que não é capaz de matar uma mosca. Ou para ser mais preciso, especialmente uma mosca. Uma vespa agressiva, sim, mas uma mosca indefesa? Nunca, por muito aborrecida que ela seja.

— Como o podes defender, Duff? Perdeste a…

— Não o estou a defender. Claro que ele é um assassino. Tudo o que estou a dizer é que ele não é capaz de matar quem não consegue defender-se. Só aconteceu uma vez. E ele fê-lo para me salvar.

— Ah, sim? E vais contar-me isso?

Duff puxou com força no cigarro.

— Foi quando ele matou o Norse Rider na estrada para Forres. Um tipo jovem que acabara de me ver matar o camarada, que eu tinha tomado pelo Sweno.

— Então, eles não puxaram das armas contra ti?

Duff abanou a cabeça.

— Mas então o Macbeth não é melhor do que tu — disse Caithness.

— Sim, era. Eu matei por mim. Ele fê-lo por outra pessoa.

— Porque é isso que fazemos na polícia. Tomamos conta uns dos outros.

— Não, porque ele achava que estava em dívida para comigo.

Caithness ergueu-se nos cotovelos.

— Em dívida para contigo?

Duff levantou o cigarro para o teto, fechou um olho e focou o outro por cima do clarão da luz.

— Quando o avô morreu e eu acabei no orfanato, eu já era bastante crescido… tinha catorze anos. O Macbeth e eu éramos da mesma idade, mas ele estava lá desde os cinco. O Macbeth e eu partilhávamos o quarto e ficámos logo amigos. Nesses tempos, o Macbeth gaguejava. Especialmente quando se aproximava o sábado à noite, que era quando ele desaparecia do quarto a meio da noite e voltava uma hora depois. Nunca me quis dizer onde ia; foi só quando ameacei, na brincadeira, denunciá-lo ao temido diretor, o Lorreal, que ele disse que duvidava que isso fosse dar resultado. — Duff deu uma passa no cigarro. — Porque era lá que ele tinha estado.

— Queres dizer… o diretor…

— … andava a abusar do Macbeth desde que ele se conseguia lembrar. Não conseguia acreditar no que estava a ouvir. O Lorreal tinha-lhe feito coisas… que não se consegue imaginar que alguém faça a outra pessoa ou que tenha prazer nisso. A única vez que Macbeth lhe fez frente, o Lorreal quase o matou e manteve-o trancado durante duas semanas na chamada sala de correção na cave, uma cela verdadeira. Fiquei tão furioso que chorei. Porque sabia que todas as palavras eram verdadeiras. O Macbeth nunca mente. Por isso, disse-lhe que tínhamos de matar o Lorreal. Eu ia ajudá-lo. E o Macbeth concordou.

— Planearam *matá-lo*?

— Não — respondeu Duff, passando-lhe o cigarro. — Não planeámos matá-lo. Limitámo-nos a matá-lo.

— Vocês…

— Entrámos no quarto dele numa quinta-feira. Verificámos à porta que o Lorreal estava a ressonar. Entrámos. O Macbeth conhecia o quarto de olhos fechados. Eu fiquei de vigia do lado de dentro da porta enquanto o Macbeth se dirigia para a cama e erguia uma faca. Mas o tempo estava a passar e, quando os meus olhos se habituaram à escuridão, vi que ele estava ali parado, tão imóvel como uma estátua de sal. Depois ele desmoronou-se e veio ter comigo, murmurando que não c-c-conseguia fazê-lo. Por isso, agarrei na faca, aproximei-me do Lorreal e enfiei-a com toda a força dentro da boca aberta. O Lorreal torceu-se mais uma vez e parou de ressonar. Não houve muito sangue. Saímos de imediato.

— Meu Deus! — Caithness estava enrolada em posição fetal. — Que aconteceu depois?

— Pouca coisa. Havia duzentos jovens suspeitos por onde escolher. Ninguém reparou que o Macbeth estava a gaguejar mais do que o costume. E, quando ele fugiu umas duas semanas depois, ninguém ligou isso ao homicídio. Os miúdos andavam sempre a fugir.

— E tu e o Macbeth voltaram a encontrar-se depois?

— Vi-o umas vezes na estação central. Quis falar com ele, mas ele pirou-se. Sabes, como um tipo na bancarrota a escapar a um credor. Vários anos depois, encontrámo-nos na academia da polícia. Nessa altura ele estava limpo e tinha deixado de gaguejar por completo… era um rapaz diferente. O rapaz que *eu* queria ser.

— Porque ele era um homem sem vícios e de bom coração, sem um assassínio na consciência como tu?

— O Macbeth nunca considerou ser capaz de matar a sangue-frio como uma virtude, mas como uma fraqueza. Em todo o seu tempo na Força de Intervenção, ele matou apenas se ele, ou algum dos seus homens, era atacado.

— E todos estes assassínios?

— Mandou outros fazê-los por ele.

— Matar mulheres e crianças. Acho que ele se tornou um homem diferente daquele que conheceste, Duff.

— As pessoas não mudam.

— *Tu* mudaste.

— Mudei mesmo?

— Senão, não estarias aqui. A travar esta luta. A falar como falaste do Macbeth. És um rematado egoísta. Pronto a pisar tudo e toda a gente que te apareça no caminho. Os teus colegas, a tua família. Eu.

— Só consigo lembrar-me de realmente querer mudar uma vez e isso foi quando queria ser como o Macbeth. E quando percebi que era impossível, tive de me tornar uma coisa melhor. Alguém que podia deitar a mão a tudo o que quisesse, mesmo que isso tivesse menos valor para mim do que para quem a tinha anteriormente, tal como o Hécate tirou o olho daquele rapaz. Sabes quando me apaixonei pela Meredith?

Caithness abanou a cabeça.

— Quando nós os quatro estávamos lá sentados… o Macbeth, eu, a

Meredith e a amiga dela… e eu vi a forma como o Macbeth olhava para a Meredith.

— Diz-me que isso não é verdade.

— Lamento dizer-te que é.

— És um homem mesquinho, Duff.

— É isso que estou a tentar dizer-te. Por isso, quando dizes que estou a travar esta guerra pelos outros, não sei se é verdade ou se só quero tirar uma coisa ao Macbeth que sei que ele quer.

— Mas ele não quer isso, Duff. A cidade, o poder, a riqueza… ele não quer saber disso para nada. Ele só quer o amor dela.

— A Lady.

— Tem tudo que ver com a Lady. Não tinhas percebido?

Duff soprou um anel de fumo mal feito para o teto.

— O Macbeth é motivado pelo amor, ao passo que eu sou motivado pela inveja e pelo ódio. Onde ele mostrou misericórdia, eu matei. E amanhã vou matar a pessoa que outrora foi o meu melhor amigo… emboscá-lo… e a compaixão e o amor voltarão a perder.

— Isso é apenas o cinismo e a aversão que sentes por ti próprio a falarem, Duff.

— Hum. — Esmagou a beata no cinzeiro na mesa de cabeceira. — Esqueceste-te da autocomiseração.

— Sim, esqueci-me. E a autocomiseração.

— Fui um egoísta arrogante durante toda a vida. Não consigo compreender como podes ter-me amado.

— Algumas mulheres têm um fraquinho por homens que elas julgam que as podem salvar, outras por homens que elas julgam que podem salvar.

— Ámen — disse Duff, levantando-se. — Vocês, as mulheres, não compreendem que nós, homens, não mudamos. Nem quando descobrimos o amor, nem quando percebemos que vamos morrer. Nunca.

— Há quem use a arrogância falsa para tapar a falta de confiança, mas a tua arrogância é autêntica, Duff. Resume-se a confiança total.

Duff sorriu e vestiu as calças molhadas.

— Tenta dormir. Temos de estar bem acordados amanhã.

Depois de ele ter saído, Caithness levantou-se, puxou a cortina para o lado e olhou para a rua lá em baixo. O guinchar de pneus nas poças de água. Anúncios desbotados ao Joey's Hamburger Bar, à Lavandaria Peking e ao Salão de Bingo Tandrella. Um cigarro a brilhar por um segundo numa viela.

O dia ia romper dali a poucas horas.

Agora não ia conseguir voltar a dormir.

TRINTA E SETE

O sábado chegou com mais chuva. As primeiras páginas dos dois jornais da cidade traziam o anúncio de Tourtell e a explosão no cimo do Obelisco. O *Times* comentava no artigo de fundo que a entrevista de Macbeth na rádio tinha de ser compreendida como uma não rejeição categórica de concorrer para presidente da câmara. E dizia que Tourtell não estava disponível para comentar, visto que se encontrava à cabeceira da mãe do filho, no St. Jordi's Hospital. Mais tarde, nessa manhã, a chuva parou.

— Chegaste a casa cedo — disse Sheila, limpando as mãos ao avental no corredor e olhando para o marido com alguma preocupação.

— Não consegui encontrar nada para fazer. Acho que era a única pessoa no trabalho — disse Lennox, pousando o saco na cómoda, tirando um cabide do guarda-fatos e pendurando o casaco.

Tinham passado dois anos desde que a assembleia municipal adotara a semana de cinco dias para o setor público, mas no quartel-general da polícia era uma regra implícita que se se quisesse progredir tinha de se mostrar a cara também ao sábado.

Lennox deu um beijo ao de leve na cara da mulher, apercebeu-se de um perfume novo, não familiar, e uma ideia até agora não pensada rodopiou-lhe na cabeça: e se a tivesse apanhado na cama com outro homem? Rejeitou-a imediatamente. Primeiro, porque ela não era desse género. Segundo, porque não era suficientemente atraente — afinal, havia uma razão para ela ter

acabado com um albino minúsculo. A terceira e mais forte das razões para rejeitar esta ideia era, no entanto, simples: era demasiado dura para a suportar.

— Há algum problema? — perguntou ela, seguindo-o para a sala.

— Nem pensar — respondeu ele. — Estou apenas cansado. Onde estão os miúdos?

— No jardim — respondeu ela. — Finalmente, há um tempo decente.

Ele parou junto da janela enorme. A observar os filhos enquanto eles cabriolavam por ali, gritando e rindo e a jogarem um jogo cuja finalidade lhe escapava. Fugir, ao que parecia. Uma boa aptidão para se aprender. Olhou para o céu. Decente? Um pequeno intervalo antes de a chuva voltar a cair. Deixou-se cair numa poltrona. Quanto tempo conseguiria continuar assim?

— O almoço só está pronto daqui a uma hora — disse-lhe ela.

— Está ótimo, amor.

Olhou para a mulher. Gostava verdadeiramente dela, mas teria estado alguma vez apaixonado por ela? Não se conseguia lembrar e talvez não fosse assim tão importante. Ela não dissera uma palavra num sentido ou noutro, mas estava convencido de que também não tinha estado apaixonada por ele. De um modo geral, Sheila não falava muito. Talvez fosse por isso que cedera ao seu poder de persuasão e tivesse acabado por aceitar ser namorada dele e, finalmente, sua mulher. Tinha encontrado uma pessoa que podia falar pelos dois.

— Tens a certeza de que não há problema nenhum?

— Absoluta, meu amor. Cheira bem. O que é?

— Ah, bacalhau — respondeu ela, franzindo o sobrolho interrogativamente.

Ele ia explicar que se estava a referir ao perfume e não ao almoço que ela ainda mal tinha começado a cozinhar, mas ela seguiu para a cozinha e ele rodou a cadeira para ficar de frente para o jardim. A filha mais velha viu-o,

fez um sorriso radioso e gritou qualquer coisa para as outras duas crianças. Acenou-lhes. Como podiam duas pessoas tão pouco atraentes ter tido umas crianças tão bonitas? E foi aí que a ideia voltou a surgir: *Se é que eram filhos dele.*

Infidelidade e traição.

Agora o filho estava a gritar-lhe qualquer coisa — não conseguiu ouvir o quê — mas, quando viu que tinha conseguido a atenção do pai, fez a roda na relva. Lennox aplaudiu com as mãos erguidas no ar e agora os três começaram a fazer rodas. Impressionar o pai, impressionar o pai que ainda admiravam, o pai que achavam que merecia ser emulado. Gritos, risos e brincadeiras. Lennox pensou no silêncio em Fife, no sol, nas cortinas a esvoaçarem numa janela que tinha sido estilhaçada por tiros, na brisa suave a assobiar uma nota lúgubre, quase inaudível, através de um dos buracos na parede. Tudo pensamentos insuportáveis. Havia tantas maneiras de se perder aqueles que se amava. E se um dia eles descobrissem, compreendessem, que tipo de pessoa o marido ou pai era realmente? O vento cantaria o mesmo lamento nessa altura?

Fechou os olhos. Um bocadinho de descanso. Um bocadinho de tempo decente.

Sentiu que estava ali alguém, inclinado sobre ele e respirando-lhe em cima. Abriu os olhos. Era Sheila.

— Não me ouviste gritar? — perguntou-lhe ela.

— O quê?

— Telefone para ti. Um tal inspetor Seyton.

Lennox foi para o átrio de entrada e agarrou no auscultador em cima da mesa.

— Estou?

— Em casa cedo, Lennox? Vou precisar de ajuda esta noite.

— Não me estou a sentir bem. É melhor procurares outra pessoa.

— O comissário-chefe disse-me para te levar.

Lennox engoliu em seco. A boca sabia-lhe a chumbo.

— Para me levar aonde?

— A um hospital. Está pronto dentro de uma hora. Vou buscar-te aí.

Ouviu-se um clique. Seyton tinha desligado. Chumbo.

— O que é? — perguntou Sheila da cozinha.

— Nada, querida. Nada.

Macbeth acordou de um sonho sobre a morte. Ouviu bater à porta. Algo na pancada disse-lhe que já estavam a bater há algum tempo.

— Senhor comissário!

Era a voz de Jack.

— Sim — resmungou Macbeth, olhando em volta.

O quarto encontrava-se inundado de luz. Que horas eram? Estivera a sonhar. A sonhar que estava debruçado sobre a cama com uma adaga na mão. Mas, sempre que pestanejava, a cara na almofada mudava.

— É a inspetora Caithness ao telefone. Diz que é urgente.

— Passa-a — respondeu Macbeth, rolando para o lado da mesa de cabeceira. — Caithness?

— Desculpe estar a ligar-lhe num sábado, mas encontrámos um corpo. Lamento, mas vamos ter de lhe pedir para ajudar.

Caithness parecia ofegante.

— E porquê?

— Porque pensamos que pode ser o Fleance. O filho do Banquo. O corpo está em mau estado e, como ele não tem familiares chegados na cidade, parece que o senhor é a melhor pessoa para o identificar.

— Ah — disse Macbeth, sentindo a garganta contrair-se.

— Desculpe?

— Sim, suponho que sou — disse Macbeth, enrolando o edredão à volta

do corpo. — Quando um corpo está no mar tanto tempo…

— A questão é essa.

— E qual é a questão?

— Não encontrámos o corpo no mar, mas num beco entre a 14th e a 15th.

— O quê?

— É por isso que queremos ter a certeza absoluta de que é o Fleance, antes de continuarmos.

— Entre a 14th e a 15th, disseste tu?

— Vá para o cruzamento da 14th com a Doheney. Espero por si à porta do Joey's Hamburger Bar.

— Está bem, Caithness. Estarei lá daqui a vinte minutos.

— Obrigada, senhor comissário-chefe.

Macbeth desligou. Lírios. As flores na carpete eram lírios. Lily. Era o nome da filha de Lady. Porque não fizera a ligação antes? Morta. Porque não tinha visto, provado, comido e dormido tanta morte antes. Recordou as caras sempre a mudarem do sonho. A cara inconsciente de Lorreal, o diretor do orfanato, enquanto ressonava com a boca aberta, tornava-se a do comissário-chefe Duncan, cujos olhos se abriam e olhavam para ele, cientes. Depois o olhar duro e brutal de Banquo. Nada de corpos, apenas a cabeça na almofada. A seguir a expressão apavorada do jovem Norse Rider sem nome quando ajoelhou no alcatrão a olhar para o camarada já morto e Macbeth a encaminhar-se para ele. Olhou para o teto. E recordou-se de todas as vezes que tinha acordado de um pesadelo e respirara de alívio. Aliviado por descobrir que na realidade não se estava a afundar em areias movediças nem a ser comido por cães. Contudo, às vezes, *pensava* que acordara de um pesadelo, mas ainda estava a sonhar, ainda se estava a afundar, e tinha de romper várias barreiras antes de chegar à consciência. Fechou os olhos com força. Abriu-os de novo. E levantou-se.

A mulher negra e roliça na receção do St. Jordi’s Hospital ergueu os olhos do cartão de identificação que Lennox lhe estava a mostrar.

— Disseram-me que ninguém tinha acesso… — Voltou a olhar para o cartão. — Inspetor.

— Assunto da polícia — disse ele. — Máxima prioridade. O presidente da câmara tem de ser avisado imediatamente.

— Se deixar uma mensagem, eu posso…

— Assunto confidencial. Urgente.

Ela soltou um suspiro.

— Quarto 204, primeiro andar.

O presidente Tourtell e o rapazinho estavam sentados ao lado um do outro em cadeiras de madeira, junto de uma das camas na grande enfermaria. O homem mais velho tinha o braço em volta dos ombros do rapaz e ambos olharam para cima quando Lennox parou atrás deles e tossicou. Na cama, estava deitada uma mulher de meia-idade, com o cabelo ralo e ar macilento, e Lennox viu de imediato a semelhança com o rapaz.

— Boa noite, senhor presidente. Não se lembra de mim, mas conhecemo-nos no jantar do Casino Inverness,

— Inspetor Lennox, não é? Anticorrupção.

— Impressionante. Peço desculpa por aparecer desta maneira abrupta.

— Em que o posso ajudar, Lennox?

— Recebemos uma informação credível de uma tentativa iminente de assassínio contra si.

O rapaz sobressaltou-se, mas Tourtell nem sequer pestanejou.

— Mais pormenores, inspetor.

— Não temos mais nada nesta altura, mas estamos a levá-la muito a sério e deram-me ordens para o escoltar daqui para um lugar mais seguro.

Tourtell levantou uma sobrancelha.

— E o que pode ser mais seguro do que um hospital?

— Os jornais dizem que o senhor está aqui. Toda a gente tem acesso ao hospital. Deixe-me acompanhá-lo até ao seu carro e segui-lo até ficar em segurança dentro das suas próprias quatro paredes. Depois espero que tenhamos tempo para investigar mais profundamente. Por isso, se não se importar de vir comigo…

— Agora? Como vê…

— Estou a ver e peço desculpa, mas é seu dever e meu proteger a pessoa do presidente da câmara.

— Fique à porta e vigie, Lennox, para…

— Não são essas as minhas ordens, senhor presidente.

— São agora, Lennox.

— Vai.

A palavra sussurrada de forma quase inaudível veio da mulher na cama.

— Vai e leva o Kasi contigo.

Tourtell pousou uma mão na dela.

— Mas, Edith, tu…

— Estou cansada, meu querido. Quero estar sozinha. O Kasi está mais seguro contigo. Faz o que o homem te diz.

— Tens…?

— Sim, tenho a certeza.

A mulher fechou os olhos. Tourtell deu-lhe umas palmadinhas na mão e voltou-se para Lennox.

— Está bem, vamos.

Saíram do quarto. O rapaz uns passos à frente deles.

— Ele sabe? — perguntou Lennox.

— Que ela está a morrer? Sim.

— E como está a reagir?

— Há dias piores do que outros. Ele já sabe há algum tempo.

Desceram as escadas em direção ao quiosque e à saída.

— Mas ele diz que está tudo bem. Está tudo bem enquanto tiver um de nós. Vou só comprar cigarros. Espera por mim?

— Ali está ela — disse Macbeth, apontando.

Jack parou junto ao passeio do lado oposto ao Grand Hotel, entre uma lavandaria e um bar de hambúrgueres. Saíram os dois e Macbeth varreu a rua vazia para cima e para baixo com os olhos.

— Obrigada por ter vindo tão depressa — disse Caithness.

— Não há problema — respondeu Macbeth.

Ela cheirava a um perfume forte. Não se lembrava de ter reparado nisso antes.

— Mostra-me — disse Macbeth.

Macbeth e Jack seguiram-na rua abaixo. A noite de sábado estava ainda a começar a animar. Sob uma luz de néon a faiscar que dizia MULHERES NUAS, um porteiro de fato deu uma vista de olhos a Caithness e depois atirou o cigarro para o alcatrão e esmagou-o com o tacão do sapato.

— Julguei que ia trazer o Seyton consigo — comentou Caithness.

— Ele teve de ir ao St. Jordi esta noite. É aqui?

Caithness tinha parado à porta de uma viela estreita fechada com a fita cor de laranja do Departamento de Homicídios. Macbeth espreitou para lá. Era tão estreita que os caixotes de lixo do lado de fora das portas traseiras de ambos os lados estavam muito perto uns dos outros. E estava demasiado escuro para se ver fosse o que fosse.

— Cheguei aqui primeiro. O resto da equipa vem mais tarde. É assim nos fins de semana. Estão espalhados por todos os cantos.

Caithness levantou a fita e Macbeth baixou-se para passar.

— Se puder entrar e ir ver o corpo sozinho, senhor comissário. Tapei-o com um lençol, mas, por favor, não toque em mais nada. O seu motorista pode esperar aqui enquanto eu vou voltar ao Joey’s para me encontrar com o

patologista. Ele deve estar mesmo ao virar da esquina.

Macbeth olhou para ela. Não viu nada na cara dela. Todavia. Tinha julgado que o Seyton também vinha. Um perfume forte. Que disfarçava qualquer outro cheiro que pudesse estar a segregar.

— Está bem — respondeu ele e avançou pela viela.

Ainda não andara dez metros e já todos os sons da rua principal tinham desaparecido e a única coisa que se conseguia ouvir era o sussurro de ventoinhas vindo de uma janela aberta e o zumbido de um rádio: Todd Rundgren, «Hello, It's Me». Esgueirou-se por entre os caixotes de lixo, avançando sorrateiramente sem saber bem porquê. Força de hábito, supunha.

O corpo estava deitado no meio da viela, meio dentro do cone de luz de um candeeiro de parede. Conseguia distinguir a 15th Street na outra ponta, mas estava demasiado longe para conseguir ver se também estava fechada com fita da polícia.

Um par de pés saía de debaixo do lençol. Reconheceu imediatamente as botas *winkle-pickers*.

Aproximou-se do lençol. Inspirou fundo. O ar tinha o cheiro doce de produtos para a limpeza a seco vindo de um extrator por cima da porta atrás dele. Agarrou o lençol no meio e puxou-o para trás.

— Viva, Macbeth.

Macbeth olhou para a boca de uma espingarda levantada na sua direção por um homem deitado de costas na escuridão. A cicatriz brilhava-lhe na cara. Macbeth expirou o ar dos pulmões.

— Viva, Duff.

Duff estudou as mãos de Macbeth enquanto falava.

— Macbeth, estás preso. Se mexeres um dedo, dou-te um tiro. A escolha é tua.

Macbeth olhou para a 15th Street.

— Sou o comissário-chefe desta cidade, Duff. Não me podes prender.

— Há outras autoridades.

— O presidente da câmara? — Macbeth riu-se. — Não creio que possas contar que ele viva assim tanto.

— Não estou a falar de ninguém nesta cidade.

Duff levantou-se sem que a espingarda se desviasse um centímetro de Macbeth.

— Estás preso pelo teu envolvimento nos assassínios cometidos em Fife e serás transportado para lá para seres julgado. Falámos com eles. Vais ser acusado do homicídio de Banquo, que aconteceu em Fife. Levanta as mãos acima da cabeça e volta-te para a parede.

Macbeth fez o que lhe mandavam.

— Não tens nada contra mim e sabes isso muito bem.

— Com a declaração da inspetora Caithness sobre o que o Angus lhe contou, temos o suficiente para te manter preso em Fife durante uma semana. E uma semana sem ti ao leme dar-nos-á tempo bastante para te indiciar também aqui. Pelo assassínio do Duncan. Temos provas forenses. — Duff puxou das algemas. — Volta-te e põe as mãos atrás… já sabes como é.

— Não vais mesmo matar-me, Duff? Vá lá, és um homem que vive para a vingança.

Duff esperou que Macbeth se tivesse voltado de costas e juntasse as mãos atrás da cabeça para se aproximar.

— Sei que te afetou descobrires que o homem que mataste não era o Sweno, Duff. Mas agora tens a certeza de que tens o homem certo à tua frente, não vais vingar a Meredith e as crianças? Ou a tua mãe significava mais para ti do que eles?

— Fica parado e fecha a boca.

— Tenho tido a boca fechada há anos, Duff. Sei que a agente da polícia que o Sweno matou em Stoke era tua mãe. Em que ano foi essa história em

Stoke? Não podias ser muito velho.

— Era novo — respondeu Duff, fechando as algemas à volta dos pulsos de Macbeth.

— E porque ficaste com o apelido do teu avô materno em vez do nome dos teus pais?

Duff virou Macbeth para ficarem cara a cara.

— Não precisas de responder — continuou Macbeth. — Fizeste-o para que ninguém na polícia ou nos Norse Riders pudesse ligar o teu nome ao massacre de Stoke. Ninguém iria saber que não te tornaste um polícia para servir a cidade e toda essa merda que juramos. Tinha tudo que ver com apanhar o Sweno, conseguires a tua vingança. O ódio é que te impeliu, Duff. No orfanato, quando mataste o Lorreal, foi fácil, não foi? Viste o Sweno à tua frente. O Lorreal era outro homem que tinha destruído uma infância.

— Talvez.

Duff estava tão perto que conseguia ver o seu reflexo nos olhos castanhos de Macbeth.

— Então, o que aconteceu, Duff? Porque não queres matar agora? Sou o homem que matou a tua família e agora esta é a tua oportunidade.

— Vais ter de assumir a responsabilidade pelo que fizeste.

— E o que foi que fiz?

Duff deitou um olhar rápido para a 15th Street, onde o carro com Malcolm e Fleance estava à espera. Caithness ia a caminho.

— Mataste pessoas inocentes.

— É o raio do nosso *dever* matar pessoas inocentes, Duff. Desde que sirva um objetivo maior, temos de vencer as nossas naturezas sentimentais e complacentes. O homem cuja garganta cortei na estrada rural, isso não foi por ti, não foi um pagamento por teres matado o Lorreal por mim. Tornei-me um assassino para que ninguém pudesse arrastar a polícia pela lama. Foi pela cidade, contra a anarquia.

— Anda. Vamos embora.

Duff agarrou no braço de Macbeth, mas Macbeth torceu-o e libertou-se.

— A tua ânsia de poder venceu a tua ânsia de vingança, Duff? Julgas que vais conseguir o Crime Organizado prendendo o comissário-chefe?

Duff pressionou a boca da arma debaixo do queixo de Macbeth.

— É claro que lhes podia dizer que resististe à prisão.

— Decisão difícil? — sussurrou-lhe Macbeth.

— Não — respondeu Duff, baixando a arma. — Esta cidade não precisa de mais cadáveres.

— Quer dizer que não os amavas, hem? À Meredith, às crianças? Oh, não, esqueci-me, não consegues amar…

Duff reagiu. O cano da espingarda acertou em cheio na boca de Macbeth.

— Não te esqueças de que nunca tive o teu problema em relação a matar um homem indefeso cara a cara, Macbeth.

Macbeth riu-se e cuspiu sangue. O que devia ter sido um dente ressaltou na escuridão.

— Então, prova-o. Mata o único amigo que tiveste. Anda. Fá-lo pela Meredith!

— Não digas o nome dela!

— Meredith! Meredith!

Duff ouviu o sangue pulsar-lhe nos ouvidos, sentiu o coração a martelar-lhe no peito, pesada e dolorosamente. Não devia… a testa de Macbeth atingiu o nariz de Duff com violência. Mas estavam demasiado perto um do outro para ter a força e o ímpeto para o derrubar. Duff recuou dois passos e levou a espingarda ao ombro.

Nesse momento, a porta atrás de Macbeth abriu-se de rompante.

Uma silhueta na entrada. O braço de um casaco cinzento saiu, agarrou nas algemas atrás das costas de Macbeth e puxou. A força foi tão grande que os pés de Macbeth saíram do chão enquanto desaparecia pela porta para a

escuridão atrás dele.

Duff disparou.

A explosão atingiu-lhe os tímpanos e reverberou nas paredes da viela.

Meio surdo, Duff passou o limiar da porta e entrou na escuridão. Algo redemoinhou no ar que ele inspirou e cuspiu. Parecia que havia pessoas alinhadas à frente dele. O cheiro a percloroetileno era avassalador. A mão livre encontrou um interruptor na parede ao lado da porta. As pessoas alinhadas eram cabides com casacos curtos e compridos, todos eles cobertos com uma capa de plástico, com um papel preso com um nome e uma data. À frente dele, tinha sido aberto um buraco numa cobertura de plástico e num casaco castanho de peles e Duff percebeu que tinha estado a cuspir pelo animal. Parou à escuta, mas ouviu apenas o zumbido de uma máquina verde de limpeza a seco, marca *Garret*, junto da parede. Depois um toque, como o de uma campainha por cima da porta da loja. Duff atirou-se contra a parede de roupas, abriu caminho por entre os vários cabides, passando uma porta que dava para a parte de trás de um balcão, onde um casal chinês olhou para ele, mortos de medo. Passou por eles a correr e saiu para a rua. Olhou para cima e para baixo. O movimento de sábado à noite tinha começado. Um homem chocou com ele e, por um instante, Duff desequilibrou-se. Praguejou enquanto o homem pedia desculpa e continuava pelo passeio abaixo.

Ouviu uma gargalhada atrás dele. Voltou-se e viu um homem andrajoso, sujo e com uns tocos de dentes na boca aberta.

— Foi roubado, senhor?

— Sim — respondeu Duff, baixando a arma. — Fui roubado.

TRINTA E OITO

Lennox estava parado do lado de fora da entrada do hospital com Kasi. Deitou um olhar de relance na direção do quiosque onde Tourtell estava numa fila para comprar cigarros e depois focou-se no parque de estacionamento. Acendeu-se uma luz dentro da limusina de Tourtell. A distância era provavelmente de cem metros. Mais ou menos a mesma distância até ao telhado do silo de estacionamento de vários andares, à esquerda. Lennox arrepiou-se. O tempo límpido vinha frequentemente com um raro vento do nordeste, mas também com o frio. E se soprasse mais um bocadinho, o céu ficaria limpo de nuvens. Com luar, Olafson poderia provavelmente ter matado Tourtell com um tiro a partir de qualquer sítio, mas na escuridão, o plano era que acontecesse no parque de estacionamento debaixo de um dos candeeiros.

Voltou a olhar para o relógio. O frio estava a morder-lhe o corpo e tossiu. Os pulmões. Não conseguia aguentar o sol e não conseguia aguentar o frio. Que queria Deus realmente dizer ao mandar uma pessoa como ele para a Terra, um coração solitário e sofredor sem armadura, um molusco sem casca?

— Obrigado por nos ajudar.

— Desculpa? — disse Lennox, voltando-se para o rapaz.

— Obrigado por salvar o meu pai.

Lennox olhou para ele. Kasi trazia o mesmo tipo de casaco de ganga que o filho dele usava. E Lennox não conseguiu impedir o novo pensamento que

estava a formar-se. Aqui estava um rapaz, não muito mais velho do que o dele, prestes a perder a mãe. E o pai. *Ele diz que está tudo bem enquanto tiver um de nós*.

— Vamos lá então, está bem? — disse Tourtell quando chegou ao pé deles a dar umas passas no cigarro que acabara de comprar.

— Sim — respondeu Lennox.

Atravessaram a estrada e entraram no parque de estacionamento. Lennox posicionou-se à esquerda de Tourtell. Kasi ia uns passos à frente deles. A única coisa que Lennox tinha de fazer era parar quando fossem a passar pela luz do primeiro candeeiro para ficar fora da linha de fogo e o resto era com Olafson.

Lennox sentia uma dormência estranha na língua, dedos das mãos e dos pés.

— Já aí vêm — disse Seyton, baixando os binóculos.

— Consigo vê-los — ceceou Olafson.

Tinha um joelho no cimento do telhado do silo de estacionamento. Um olho estava fechado, o outro bem aberto atrás da mira telescópica da espingarda apoiada no parapeito à frente dele. Seyton passou revista ao telhado atrás deles para se certificar de que continuavam sozinhos. O carro deles era o único lá em cima. Parecia que as pessoas não visitavam os doentes aos sábados à noite. Conseguia ouvir a música das ruas lá em baixo e sentir o cheiro da testerona lá em cima.

Lá em baixo, no parque de estacionamento, o rapaz ia à frente de Tourtell e Lennox e fora da linha de fogo. Ótimo. Conseguiu ouvir Olafson inspirar fundo. Os dois homens entraram na luz do candeeiro.

Seyton sentiu o coração dar um salto de alegria.

Agora.

Mas não houve tiro. Os dois homens saíram do círculo da luz e tornaram-

se novamente vultos indistintos na escuridão.

— Que aconteceu? — perguntou Seyton.

— O Lennox estava na linha de fogo — respondeu Olafson.

— Suponho que sairá do caminho quando passarem por baixo do próximo candeeiro.

Seyton voltou a erguer os binóculos.

— Alguma ideia de quem possa estar atrás de mim, Lennox?

— Sim — respondeu Lennox.

Faltavam dois candeeiros até chegarem à limusina.

— A sério? — perguntou Tourtell, espantado e abrandando o passo.

Lennox imitou-o.

— Não olhe para cima para o edifício do estacionamento, mas no telhado está um atirador especialista e, neste preciso momento, estamos na mira dele. Para ser mais preciso, *eu* estou. Por isso, ande exatamente à mesma velocidade do que eu. Se não o fizer, leva um tiro na cabeça.

Percebeu pelos olhos de Tourtell que o presidente da câmara acreditava nele.

— O rapaz…

— Não corre perigo. Continue a andar. Bico calado!

Lennox viu que Tourtell abria a boca como se fosse a única maneira de o seu corpo enorme conseguir oxigénio suficiente enquanto o ritmo do coração aumentava. Depois o presidente da câmara assentiu com a cabeça e começou a andar mais depressa, dando passos curtos.

— Qual é o seu papel nisto, Lennox?

— Sou o tratante — respondeu Lennox e viu o motorista, que devia ter estado a observá-los, sair do carro e abrir a porta de trás. — É à prova de bala?

— Sou o presidente da câmara, não sou o presidente. Porque está a fazer

isto se é o tratante?

— Porque alguém tem de salvar esta cidade do Macbeth. Eu não posso, por isso terá de ser o Tourtell.

— Que porra está o Lennox a fazer? — perguntou Seyton, tirando os binóculos dos olhos para se certificar de que aquilo que tinha visto por eles batia certo com a realidade no estacionamento.

— Está *intencionalmente* à frente do Tourtell?

— Não sei, chefe, mas isto está a tornar-se crítico. Não tarda nada estão ao pé do carro.

— As tuas balas atravessariam o Lennox?

— Chefe?

— Vão atravessar o Lennox e matar o Tourtell?

— Uso balas FMJ. Chefe.

— Sim ou não?

— Sim!

— Então mata o traidor.

— Mas…?

— Chiu — sussurrou Seyton.

— O quê?

O suor apareceu na testa do jovem agente.

— Não fales e não penses, Olafson. O que acabaste de ouvir foi uma ordem.

O motorista tinha dado a volta ao carro e sorriu ao abrir a porta de trás. Um sorriso que desapareceu mal viu a expressão de Tourtell. O rapaz dirigiu-se para a porta de trás do lado esquerdo.

— Entra e baixa-te — sibilou Lennox. — Motorista, ponha-se a andar daqui para fora. Agora!

— Senhor presidente, o que…?

— Faz o que ele te está a dizer — disse Tourtell. — É…

Lennox sentiu o tiro nas costas antes de ouvir a pancada. As pernas fraquejaram debaixo dele, sucumbiu e, automaticamente, pôs os braços à volta de Tourtell, arrastando-o com ele quando caiu.

Lennox apercebeu-se do alcatrão a subir para os receber. Não o sentiu quando ele os atingiu, mas cheirou-o: pó, gasolina, borracha, urina. Não conseguia mexer-se, não conseguia produzir um som, mas conseguia ouvir. Ouviu o arfar de Tourtell debaixo dele, no alcatrão. A voz chocada do motorista:

— Senhor presidente, senhor presidente?

E a de Tourtell:

— Corre, Kasi, corre!

Quase tinham conseguido. Mais um metro e teriam ficado tapados pelo carro. Lennox tentou dizer uma coisa, o nome de um animal, mas não lhe saiu nada da boca. Tentou em vão mexer a mão. Estava morto. Em breve estaria a flutuar e a olhar para baixo, para o seu próprio corpo. Um metro. Registou o som de pés a correr que se distanciavam rapidamente e o motorista a dobrar-se sobre eles a tentar arrastá-lo de cima de Tourtell.

— Vou metê-lo no carro, senhor presidente!

Outra pancada surda e Lennox ficou cego com qualquer coisa húmida nos olhos. Pestanejou. Pelo menos, conseguia mexer os olhos. O motorista estava deitado ao lado deles, com um olhar vazio dirigido para cima. A testa tinha desaparecido.

— Tartaruga — sussurrou Lennox.

— O quê? — arquejou Tourtell debaixo dele.

— Rasteje. Sou a sua concha.

— Este acertou no motorista — disse Olafson, metendo outra bala na

câmara.

— Depressa. O Tourtell está a rastejar para trás do carro — disse Seyton. — E o rapaz fugiu.

Olafson carregou a arma. Encostou a coronha ao ombro e fechou um olho.

— Tenho o rapaz na mira.

— Estou-me a cagar para o rapaz! — rosnou Seyton. — Mata o Tourtell!

Seyton viu o cano da espingarda de Olafson andar para trás e para a frente, viu-o piscar uma gota de suor das pestanas.

— Não consigo vê-lo, chefe!

— Demasiado tarde! — Seyton bateu com a mão no parapeito. — Estão atrás do carro. Vamos ter de ir lá abaixo acabar o trabalho.

Lennox ouviu Tourtell gemer enquanto saía de baixo dele. Lennox rolou para o alcatrão molhado. Estava deitado sobre o estômago, impotente, as pernas a saírem para fora das traseiras do carro. Até Tourtell o agarrar pelo braço e o puxar para lugar seguro.

Ouviu-se borracha a guinchar no alcatrão. Um carro aproximava-se deles. Lennox espreitou por baixo do carro, mas a única coisa que viu foi o corpo do motorista do outro lado. Tourtell tinha-se sentado com as costas encostadas no lado do carro. Lennox tentou abrir a boca para dizer a Tourtell que se metesse no carro e fugisse, que se salvasse, mas não valia a pena. Era a mesma história de sempre, como se toda a sua vida se pudesse resumir numa frase: ele era incapaz de fazer o que o cérebro e o coração queriam.

Um carro parou e abriram-se portas.

Passos no alcatrão.

Lennox tentou mexer a cabeça, mas não conseguiu. Pelo canto do olho, viu o cano de uma espingarda paralela a um par de calças.

Estavam liquidados. De uma maneira algo estranha, era um alívio.

As pernas das calças aproximaram-se um passo. Uma mão agarrou-lhe o pescoço. Ia ser morto silenciosamente, por estrangulamento. Lennox manteve os olhos fixos nos sapatos. Já tinham passado de moda há uns tempos. Pontiagudos.

— Este está morto — disse uma voz familiar do outro lado do carro.

— O Tourtell não está ferido — disse o homem que lhe estava a apertar o pescoço. — O Lennox não se está a mexer, mas tem pulsação. De onde dispararam?

— Do cimo do silo dos carros — disse Tourtell por entre soluços. — O Lennox salvou-me a vida.

— Salvou?

— Vem até este lado, Malcolm!

A mão largou-o e apareceu uma cara no campo de visão de Lennox.

Duff estava a olhá-lo nos olhos.

— Está consciente? — perguntou uma mulher atrás dele.

Caithness.

— Paralisado ou em estado de choque — respondeu Duff. — Mexe os olhos, mas não consegue mexer-se ou falar. Temos de o levar para o hospital.

— Carro — disse uma voz. Um rapaz novo. — A sair do silo dos carros.

— Parece um carro da Força de Intervenção — disse Duff, levantando-se e levando a arma ao ombro.

Durante uns segundos, houve silêncio. O barulho do motor do carro foi-se desvanecendo.

— Deixem-nos ir — disse Malcolm.

— Kasi. — A voz de Tourtell.

— O quê?

— Têm de encontrar o Kasi.

Kasi correu. O coração batia-lhe na garganta e os pés batiam no alcatrão

molhado, cada vez mais depressa. Até estarem a correr tão depressa como a canção que ele costumava ouvir na cabeça quando estava assustado. «Help.» Estava a entrar no carro quando ouvira o ruído surdo e vira o tiro atingir o polícia da cara pálida nas costas. Ele tinha caído em cima do pai e o pai dissera-lhe para fugir.

Automaticamente, tomou a estrada que levava à área onde tinha crescido ao pé do rio. Havia uma casa incendiada onde costumavam brincar, a casa dos ratos, como lhe chamavam.

A casa incendiada era branca, com manchas de fuligem à volta da porta e das janelas, como uma prostituta velha e demasiado maquilhada. Lá em baixo, junto do rio, as casas pequenas estavam coladas umas às outras como se procurassem abrigo umas nas outras. Fora uma, que estava sozinha, como se as outras estivessem a evitá-la. Tinha caixilhos de madeira e estava pintada de azul; à volta dela, a erva estava muito alta. Kasi subiu a correr as escadas que davam para uma entrada sem porta que levava ao que outrora fora uma cozinha, mas que era agora um invólucro vazio, a tresandar a urina e com palavrões escritos nas paredes. Continuou pelas escadas estreitas até aos quartos. No chão de um deles, estava um colchão bolorento. Tinha dado e recebera o primeiro beijo nele, no meio de garrafas vazias de bebidas alcoólicas e de carcaças secas das ratazanas do rio espalhadas pelo chão. Uma tarde, quando tinha dez ou doze anos, ele e dois amigos tinham-se sentado nele e experimentaram o primeiro cigarro — entre ataques de tosse —, observando as ratazanas a vir na direção da casa, atravessando calmamente a lama rachada e coberta de lixo do fundo seco do rio. Se calhar, iam para ali para morrer.

Devia voltar para trás? Não, o pai dissera que ele devia fugir. E o outro homem, Lennox, era da polícia e devia haver mais se sabiam do plano para assassinar o presidente da câmara.

Ia ficar escondido até estar tudo acabado e depois ia para casa.

Kasi abriu o grande guarda-fatos no canto. Estava vazio, limpo de tudo. Enfiou-se lá dentro e fechou a porta. Encostou a cabeça à madeira do fundo. Cantarolou baixinho a canção na cabeça. «Help!» Pensou no filme em que os Beatles andavam a correr desordenadamente e a divertirem-se num movimento acelerado cómico, um mundo onde nada realmente horrível acontecia. E ninguém o conseguiria encontrar ali. A não ser que soubessem onde ele estava. E, de qualquer forma, ele não era o presidente da câmara, apenas um rapaz que não tinha feito nada de mal na vida a não ser fumar uns cigarros às escondidas, partilhar meia garrafa de *whisky* diluído e beijar umas raparigas que tinham namorados.

O coração foi acalmando gradualmente.

Escutou. Nada. Mas ia ter de esperar mais algum tempo. Recuperara o fôlego, o bastante para conseguir respirar pelo nariz. Não sabia quantos anos teriam passado desde que houvera roupas penduradas ali, mas ainda conseguia sentir-lhes o cheiro. O cheiro, os fantasmas de vidas desconhecidas. Só Deus sabia onde estavam agora. A mamã dizia que tinha sido uma casa infeliz, com álcool, tareias e muito pior. Ele devia agradecer à sua boa estrela por ter um pai que o amava e que nunca lhe batera. E Kasi *tinha* agradecido à estrela. Ninguém soubera que o pai era o presidente da câmara e ele não disse a ninguém, nem àqueles que lhe chamavam «fedelho», nem aos outros fedelhos que nunca viam os pais nem sabiam quem eles eram. Tinha pena deles. Dissera ao pai que um dia iria ajudá-los. A eles e a todos os outros em dificuldades desde que Estex fechara. E o pai dera-lhe umas palmadinhas na cabeça e rira, como outros pais teriam feito. Escutara atentamente e dissera que se Kasi quisesse realmente fazer alguma coisa, quando chegasse a altura, o ajudaria. Tinha prometido. E quem sabe, um dia Kasi podia vir a ser presidente da câmara, já tinham acontecido coisas mais fantásticas, dissera o pai, chamando-lhe Tourtell Júnior.

«Help!»

Mas o mundo não era assim. O mundo não tinha sido feito para boas ações e cantores divertidos em filmes. Não se podia ajudar ninguém. Nem o pai, nem a mãe, nem as outras crianças. Só nos podíamos ajudar a nós mesmos.

Olafson travou quando o autocarro à frente deles parou. Gente nova, a maior parte mulheres, brotou para o passeio. Todos muito produzidos. Sábado à noite. Era isso que ele teria feito esta noite: beber uma cerveja e dançar com uma rapariga. Beber e dançar para apagar a imagem do motorista. Ao lado dele, Seyton estendeu a mão e apagou o rádio e Linda Thompson a cantar «I Want to See the Bright Lights Tonight».

— Raios, de onde é que eles vieram? O Duff. O Malcolm. A Caithness. E era capaz de jurar que o tipo novo era o filho do Banquo.

— Voltamos para o quartel-general? — perguntou Olafson. Ainda não era tarde demais para um sábado decente.

— Ainda não. Temos de apanhar o miúdo — respondeu Seyton.

— O filho do Tourtell?

— Não quero voltar para o Macbeth de mãos vazias, e o rapaz pode ser usado. Vira à esquerda aqui. Segue ainda mais devagar.

Olafson virou o carro para a rua estreita e olhou para Seyton, que tinha aberto a janela e estava a inalar o ar, as narinas a abrirem e a fecharem. Olafson esteve quase a perguntar a Seyton se conseguia cheirar para onde o rapaz tinha ido, mas conteve-se. Se este homem conseguia curar um ombro só por lhe tocar, provavelmente era capaz de farejar o caminho que alguém tomara. Tinha medo do seu novo comandante? Talvez. A verdade é que tinha perguntado a si próprio se preferia o antecessor. Mas não sabia que podia chegar a isto. A única coisa que sabia era que o cirurgião no hospital tinha apontado para um raio X do ombro dele e explicara que a bala tinha destruído a articulação; era um inválido e tinha de se habituar à ideia de nunca mais

voltar a trabalhar como atirador para a Força de Intervenção. Num curto instante, o cirurgião tirara a Olafson tudo o que ele sempre sonhara fazer. Por isso, tinha sido fácil responder afirmativamente quando Seyton lhe dissera que podia curá-lo se Olafson concordasse em fazer um acordo. Ele nem sequer falara a sério, pois quem podia curar uma coisa daquelas num dia? E o que tinha ele a perder? Já prestara o juramento de lealdade à irmandade que era a Força de Intervenção, por isso, aquilo que Seyton queria dele agora era, em muitos aspetos, o que já tinha.

Não, não servia de nada arrepender-se agora. E era só ver o que acontecera a Angus, o seu melhor amigo. Ele traíra a Força de Intervenção, o idiota. Traíra a coisa mais preciosa que tinham, que todos eles tinham. *Batizados pelo fogo e unidos pelo sangue* não era uma frase vazia, era como eles tinham de ser, não havia alternativas. Ele queria isto. Saber que havia algum significado no que fazia, que significava alguma coisa para as pessoas. Para os seus camaradas. Mesmo quando não conseguia ver sentido nenhum no que faziam. Isso era tarefa para outras pessoas. Não era para Angus, o grande idiota. Devia ter perdido o juízo. Angus tentara persuadi-lo a juntar-se a ele, mas ele tinha-o mandado para o inferno, não queria ter nada que ver com alguém que traíra a Força de Intervenção. E Angus olhara para ele perguntando como fora que o ombro tinha sarado tão depressa — um ferimento de bala como aquele não sarava em meia dúzia de dias. Mas Olafson não respondera. Apenas lhe mostrara a porta.

A rua acabou. Tinham chegado ao leito do rio.

— Está a ficar mais quente — disse Seyton. — Anda.

Saíram do carro e seguiram junto dos casebres entre a estrada e o leito do rio. Passando casa após casa, com Seyton a farejar o ar. Parou num edifício vermelho.

— Aqui? — perguntou Olafson.

Seyton cheirou na direção da casa. Depois disse em voz alta: «Prostituta!»

E continuou a andar. Passaram por uma casa queimada, uma garagem com um portão de ferro forjado e chegaram a uma casa de madeira azul com um gato nos degraus. Seyton tornou a parar.

— Aqui — disse ele.

— Aqui?

Kasi olhou para o relógio. Fora-lhe dado pelo pai e os ponteiros brilhavam a verde na escuridão, da mesma maneira que ele imaginava que os olhos dos lobos faziam de noite, com a luz de uma fogueira. Tinham passado mais de vinte minutos. Tinha a certeza de que ninguém o seguira quando fugira do estacionamento; tinha olhado para trás várias vezes e não vira ninguém. A costa devia estar livre agora. Conhecia a área como as costas das mãos, por isso é que tinha corrido diretamente para ali. Podia ir até à Ponte Penny e apanhar o autocarro 22, seguindo para oeste. De volta a casa. O pai ia estar lá. *Tinha* de estar. Kasi endireitou-se. Ouvira alguma coisa? As escadas a rangerem? Era a única madeira que tinha sobrevivido ao fogo, não sabia porquê, só que rangia quando o vento soprava ou havia uma mudança no tempo. Ou se viesse alguém. Conteve a respiração. Escutou. Não. Provavelmente, era o tempo a mudar.

Kasi contou até sessenta.

Depois abriu a porta, empurrando-a com o pé.

Arregalou os olhos.

— Estás assustado — disse o homem parado lá fora a olhar para ele. — Bem pensado, esconderes-te num guarda-fatos. Contém o cheiro lá dentro. Quase.

Esticou os braços para o lado com as palmas voltadas para cima. Inalou.

— Mas o ar aqui é maravilhoso e cheio do teu medo, rapaz.

Kasi pestanejou. O homem era magro e os olhos pareciam os ponteiros no relógio de Kasi. Olhos de lobo. E tinha de ser velho. Não é que parecesse

assim tão velho, mas Kasi sabia que este homem era muito, muito velho.

— Socorr… — começou Kasi a gritar, antes de a mão do homem saltar para a frente e lhe agarrar o pescoço.

Kasi não conseguia respirar e agora percebia porque tinha vindo para ali. Era como as ratazanas do rio. Viera para ali para morrer.

TRINTA E NOVE

Duff olhou para o relógio, bocejou e enfiou-se ainda mais na cadeira. As pernas compridas esticavam-se quase até ao outro lado do corredor do hospital, na direção de Caithness e Fleance.

— Tinhas razão — disse Caithness.

— Ambos tínhamos razão — disse ele.

Passara menos de uma hora desde que saltara para o carro na 15th Street e contara que Macbeth tinha escapado. E que havia qualquer coisa em movimento. Macbeth dissera que o presidente da câmara não iria viver durante muito tempo.

— Um assassínio — tinha dito Malcolm. — Uma tomada do poder. Ele enlouqueceu por completo.

— O quê?

— As Leis de Kenneth. Se o presidente da câmara morrer ou declarar o estado de emergência, o comissário-chefe assume o comando até novas ordens e, em princípio, tem poder ilimitado. O Tourtell tem de ser avisado.

— No St. Jordi — dissera Caithness. — O Seyton está lá.

— Guia! — gritara Duff, e Fleance carregara no acelerador.

Tinham levado menos de vinte minutos e ouviram o primeiro tiro do estacionamento quando pararam à entrada principal do hospital e estavam a começar a subir as escadas.

Duff fechou os olhos. Não dormira e tudo isto já devia ter acabado.

Macbeth devia estar fechado a sete chaves em Fife.

— Cá estão eles — disse Caithness.

Duff tornou a abrir os olhos. Tourtell e Malcolm vinham a descer o corredor em direção a eles.

— Os médicos dizem que o Lennox vai viver — informou Malcolm, sentando-se. — Está completamente consciente e consegue falar e mexer as mãos. Mas está paralisado do meio das costas para baixo e, provavelmente, vai ser permanente. A bala acertou-lhe na coluna.

— Foi *parada* pela coluna — disse Tourtell. — Caso contrário, tinha-o atravessado e tinha-me atingido.

— A família dele está na sala de espera — disse Malcolm. — Vieram vê-lo e o médico disse que já chegava por hoje. Levou morfina e precisa de descansar.

— Sabem alguma coisa do Kasi? — perguntou Caithness.

— Ainda não chegou a casa — respondeu Tourtell. — Mas ele conhece esta zona. É capaz de ter ido ter com amigos ou ter-se escondido em qualquer sítio. Não estou preocupado.

— Não está?

Tourtell fez uma careta.

— Ainda não.

— E o que fazemos agora? — perguntou Duff.

— Esperamos uns minutos até a família se ir embora — respondeu Malcolm. — O Tourtell convenceu o médico a dar-nos dois minutos com o Lennox. Precisamos de uma confissão dele o mais depressa possível para conseguirmos que Capitol emita um mandado de captura federal para o Macbeth.

— As nossas declarações como testemunhas não servem? — questionou Duff.

Malcolm sacudiu a cabeça.

— Nenhum de nós recebeu ameaças de morte diretamente do Macbeth ou o ouviu em pessoa ordenar um assassínio.

— E quanto à chantagem? — perguntou Caithness. — Tourtell, o senhor acabou de dizer que, quando estava a jogar vinte-e-um na sala privada do Inverness, o Macbeth e a Lady tentaram obrigá-lo a desistir de se candidatar, acenando com o isco das ações no Obelisco e ameaçando divulgar publicamente uma história de comportamento indecente com um rapaz menor.

— No meu ramo, chamamos política a esse tipo de chantagem — disse Tourtell. — Dificilmente punível.

— Quer dizer que o Macbeth tem razão? — perguntou Duff. — Não temos nada contra ele?

— Esperemos que o Lennox tenha alguma coisa — disse Malcolm. — Quem é que deve falar com o Lennox?

— Eu — respondeu Duff.

Malcolm observou-o pensativamente.

— Ótimo, mas é só uma questão de tempo até que alguém te reconheça ou a mim e dê o alarme.

— Eu conheço a expressão do Lennox quando está a mentir — disse Duff. — E ele sabe que eu sei.

— Mas consegues persuadi-lo a revelar a sua cooperação e assim…?

— Sim.

— Não o persuadas como fizeste com o doente dos Norse Riders, Duff.

— Isso foi uma pessoa diferente. Já não sou essa pessoa.

— Não és?

— Não, senhor.

Malcolm prendeu o olhar de Duff durante uns segundos.

— Muito bem. Tourtell, pode fazer o favor de levar o Duff?

— Só por curiosidade — disse Duff quando ele e Tourtell tinham

percorrido um bocado do corredor —, quando o Macbeth lhe fez o ultimato, porque não lhe disse que o Kasi era seu filho?

Tourtell encolheu os ombros.

— Porquê dizer à pessoa que te está a apontar uma arma que ela não está carregada? Ela iria apenas começar a procurar outra arma.

O médico estava à espera deles do lado de fora da porta fechada. Abriu-a.

— Só ele — disse Tourtell, apontando para Duff.

Duff entrou.

Lennox estava tão branco como os lençóis entre os quais estava deitado. Tubos e fios saíam-lhe do corpo e estavam ligados a sacos com líquidos intravenosos num suporte e a máquinas que emitiam apitos. Parecia uma criança surpreendida, a olhar para Duff com os olhos e a boca abertos. Duff tirou o gorro e os óculos.

Lennox pestanejou.

— Precisamos que vás a público e digas que o Macbeth está por trás disto — disse Duff. — Estás disposto a fazer isso?

Saliva fina e brilhante deslizou do canto da boca de Lennox.

— Ouve, Lennox. Tenho dois minutos e…

— O Macbeth está por trás disto — respondeu Lennox.

Tinha a voz rouca, áspera, como se tivesse envelhecido vinte anos. Mas os olhos estavam mais límpidos.

— Mandou-me a mim, o Seyton e o Olafson executarmos o Tourtell. Porque queria tomar as rédeas da cidade. E porque pensa que o Tourtell é o informador do Hécate. Mas não é.

— Então quem é o informador?

— Digo-te se me fizeres um favor.

Duff respirou com força pelo nariz. Concentrado em dominar o discurso.

— Queres dizer que posso ter de te dever um favor?

Lennox voltou a fechar os olhos. Duff viu uma lágrima escorrer. Dor do

ferimento, presumiu Duff.

— Não — sussurrou Lennox numa voz a desvanecer-se.

Duff inclinou-se para a frente. Havia um cheiro doce e nauseante que saía da boca de Lennox, como o hálito a acetona de um diabético, enquanto ele sussurrava:

— *Eu* é que sou o informador do Hécate.

— Tu?

Duff tentou digerir a informação, tentou que fizesse sentido.

— Sim. Como julgas que o Hécate se nos escapou por entre os dedos todos estes anos, como estava ele sempre um passo à frente?

— És um espião para os dois…

— … para o Hécate e para o Macbeth. Sem o Macbeth saber. Mas é por isso que sei que o Tourtell não está na mão do Hécate. Ou do Macbeth. Mas não fui eu que avisei o Hécate, por isso, também deve haver outro informador. Alguém chegado ao Macbeth.

— O Seyton?

— Talvez. Ou se calhar não é um homem.

— Uma mulher? Porque achas isso?

— Não sei. Uma coisa invisível, uma coisa que está apenas ali.

Duff assentiu vagarosamente com a cabeça. Ergueu os olhos e olhou para a escuridão do lado de fora da janela.

— Qual é a sensação?

— Qual é a sensação de quê?

— De, finalmente, dizeres isso em voz alta. Que és um traidor. É um alívio ou pesa-te mais quando as palavras te fazem compreender que é verdade, que o estrago é culpa tua?

— Porque queres saber?

— Porque eu próprio me tenho interrogado sobre isso — respondeu Duff.

O céu lá fora estava escuro, encoberto, não dando respostas nem sinais.

— Como me iria sentir contando tudo à minha família.

— Mas não o fizeste — respondeu Lennox. — Nós não o fazemos. Porque preferíamos destruir-nos a ver o sofrimento na cara deles. Mas tu não tiveste a possibilidade de escolher.

— Sim, tive. Todos os dias. Ser infiel.

— Vais ajudar-me, Duff?

Duff foi arrancado aos seus pensamentos. Pestanejou. Precisava de ir dormir rapidamente.

— Ajudar?

— Um favor. A almofada. Põe-na em cima da minha cara e segura-a aí. Vai parecer que morri dos ferimentos. E dizes aos meus filhos que o pai deles, o assassino e o traidor que era, se arrependeu?

— Eu…

— Duff, és a única pessoa que conheço que me pode compreender. Que podes amar muito uma pessoa e mesmo assim traí-la. E quando é demasiado tarde, é demasiado tarde. A única coisa que podes fazer é… o que é correto, mas é demasiado tarde.

— Como salvar a vida do presidente da câmara.

— Mas não é suficiente, pois não, Duff? — A gargalhada seca de Lennox transformou-se num ataque de tosse. — Um último ato desesperado que, visto do exterior, é um sacrifício, mas que bem lá no fundo esperas vir a ser recompensado com o perdão dos teus pecados e a abertura das portas do Céu. Mas isso é demasiado, Duff. Não acreditas que alguma vez possas compensar tudo o que fizeste, pois não?

— Não — respondeu Duff. — Não, não posso compensar. Mas posso começar por te perdoar.

— Não! — protestou Lennox.

— Sim.

— Não, não podes! Não faças isso, não…

A voz desintegrou-se. Duff olhou para ele. Pequenas lágrimas brilhantes rolaram-lhe pelas faces brancas.

Duff inspirou fundo.

— Vou pensar em não te perdoar com uma condição, Lennox.

Lennox assentiu com a cabeça.

— Que concordes em dar uma entrevista na rádio esta noite em que contas tudo e ilibas o Malcolm.

Lennox levantou uma mão com dificuldade e limpou as faces. Depois pôs a mão molhada pelas lágrimas à volta do pulso de Duff.

— Telefona à Priscilla e pede-lhe para vir cá.

Duff assentiu, levantou-se e libertou o pulso. Olhou para Lennox pela última vez. Perguntando para consigo se estava a ver um homem que tinha mudado ou que estava apenas a escolher a saída mais fácil.

— E então? — perguntou Tourtell, levantando-se de uma cadeira encostada à parede do corredor quando Duff saiu.

— Confirmou que o Macbeth estava a tentar matá-lo e vai dar a entrevista — disse Duff. — Mas o Hécate tem um informador, um infiltrado íntimo do Macbeth. Pode ser qualquer pessoa no quartel-general…

— De qualquer maneira — trovejou Tourtell enquanto se apressavam pelo corredor fora —, com a declaração do Lennox, o Macbeth está arrumado! Vou ligar para Capitol e pedir para emitirem um mandado de captura.

Uma enfermeira aproximou-se deles.

— Senhor presidente da câmara?

— Sim?

— Recebemos uma chamada da Agnes, a sua criada. Ela diz que o Kasi ainda não chegou a casa.

— Obrigado — respondeu Tourtell.

Continuaram a andar.

— Vai ver, ele foi para casa de um amigo e está à espera que a costa fique livre.

— Provavelmente — disse Duff. — A sua criada…

— Sim?

— Nunca tive criados, mas parto do princípio de que, passado algum tempo, se tornam parte da mobília. Uma pessoa fala livremente e pensa que eles não irão repetir coisas que não devem passar as quatro paredes, não é assim?

— A Agnes? Sim. Sim, pelo menos quando fiquei seguro de que podia confiar nela. Mas isso levou tempo.

— E, todavia, nunca se sabe com toda a certeza o que outra pessoa pensa e sente, pois não?

— Hum. Está a pensar se o Macbeth tem uma secretária pessoal no quartel-general que possa…

— A Priscilla? — perguntou Duff. — Bem, como disse, é preciso tempo para se confiar em alguém.

— E?

— O senhor disse que jogou vinte-e-um numa sala privada enquanto o Macbeth e a Lady faziam planos para matar o Hécate. Mas não é precisa uma quarta pessoa?

— Desculpe?

— O vinte-e-um. Não é preciso um *croupier*?

— Jack?

— Sim, Lady?

Jack tirou a mão. Tinha estado descontraidamente apoiada nas costas arqueadas de Billy enquanto os dois se debruçavam sobre o livro de hóspedes e Jack explicava como os novos clientes deviam ser registados.

— Tenho de falar contigo sobre uma coisa, Jack. Vamos lá para cima.

— Claro. Aguentas o forte, Billy?

— Vou fazer o possível, senhor Bonus.

Jack sorriu e percebeu que tinha prendido os olhos do rapaz, recentemente empregado, um momento demasiado longo. Depois correu escadas acima atrás de Lady.

— O que achas do novo rapaz? — perguntou-lhe ela quando ele a apanhou.

— É um bocadinho cedo, minha senhora. Um bocadinho jovem e inexperiente, mas não me parece impossível.

— Ótimo. Precisamos de dois criados para o restaurante. Os dois que vieram hoje eram completamente inúteis. Como vão os jovens sobreviver neste mundo se não conseguem levar as coisas a sério e *aprender* alguma coisa? Pensam que tudo lhes vai ser servido numa salva de prata?

— É verdade — respondeu Jack, entrando na suíte com Lady a segurar a porta para ele entrar.

Quando se voltou, viu que ela tinha fechado a porta e caíra numa cadeira, desfeita em lágrimas.

— Lady, que se passa?

— A Lily — soluçou ela. — A Lily. Ele disse o nome dela.

— A Lily, minha senhora?

Lady escondeu a cara nas mãos e os soluços sacudiram-lhe o corpo.

Jack não sabia o que fazer. Dirigiu-se para ela, mas depois parou.

— Quer… quer falar sobre isso?

— Não! — exclamou ela. Um suspiro longo e trémulo. — Não, não quero falar sobre isso. O doutor Alsaker queria falar disso. Ele é maluco, sabias? Ele próprio é que me disse. Mas isso não o torna um mau psiquiatra, diz ele, é mais o contrário. Não preciso de palavras, Jack. Já as ouvi todas. As minhas e as dos outros, e elas já não me acalmam. Preciso do remédio. — Fungou e limpou cuidadosamente por baixo dos olhos com as costas das mãos. —

Muito simplesmente, remédio. Sem ele não posso ser a pessoa que tenho de ser.

— E quem é essa pessoa?

— A Lady, Jack. — Olhou para o rímel que lhe manchava a mão. — A mulher que vive e deixa morrer. Mas o Macbeth parou de tomar o remédio e, por isso, não há cá nenhum. Imagina. Ele é mais forte do que eu. Não terias adivinhado, pois não? Por isso, vais ter de ir comprar-me um bocado, Jack.

— Lady…

— Caso contrário, vai tudo desmoronar-se aqui. Estou sempre a ouvir uma criança a chorar, Jack. Vou para a sala de jogos e sorrio e falo. — As lágrimas recomeçaram a correr. — Falo alto e rio para abafar o som da criança a chorar, mas agora já não consigo continuar a fazê-lo. Ele sabia o nome da minha filha. Ele disse as últimas palavras que eu lhe disse.

— O que é que quer dizer?

— O Hécate. Ele sabia. As palavras que eu disse antes de esmagar a cabeça com os inquisitivos olhos azuis. *Numa outra vida, minha pequena Lily*. Nunca contei isso a ninguém. Nunca! Talvez quando estava sonâmbula…

Calou-se. Franziu o sobrolho como se tivesse percebido qualquer coisa.

— Hipnose! — exclamou Jack. — Falou disso durante a hipnose. O Hécate soube isso pelo doutor Alsaker.

— Hipnose? — Assentiu devagarinho. — Achas? Achas que o Alsaker me traiu? E que foi pago para isso, dizes tu?

— As pessoas são gananciosas, é a natureza delas, minha senhora. Sem a ganância, o homem não teria ganho a guerra na terra. Veja só o que criou, minha senhora.

— Queres dizer que se resume à ganância?

— Não de dinheiro, minha senhora. Acho que as pessoas são gananciosas por coisas diferentes. Poder, sexo, admiração, comida, amor, sabedoria,

medo…

— E tu, Jack? Qual é a tua ambição?

— Eu? — Jack encolheu os ombros. — Gosto de clientes felizes, satisfeitos. Sim, tenho a ganância da felicidade dos outros. Como a sua, minha senhora. Quando está feliz, eu estou feliz.

Ela fixou-o atentamente. Depois levantou-se, dirigiu-se para o espelho e agarrou na escova do cabelo que estava na mesa por baixo dele.

— Jack…

Ele não gostou do tom da voz dela, mas cruzou os olhos com os dela no espelho.

— Sim, minha senhora.

— Deves saber alguma coisa sobre a solidão.

— A senhora sabe que eu sei.

Ela começou a escovar o cabelo comprido e vermelho, flamejante, que tinha atraído tantos homens ou que tinha sido interpretado como um aviso, conforme as circunstâncias.

— Mas sabes o que é mais solitário do que nunca ter alguém? É acreditar que tinhas alguém, mas depois vires a descobrir que essa pessoa, que pensavas que era a tua melhor amiga, afinal nunca o foi. — A escova ficou presa, mas ela forçou-a a passar pelo espesso cabelo revolto. — Que foste enganado durante todo o tempo. És capaz de imaginar o solitário que isso é, Jack?

— Não, não sou, minha senhora.

Jack olhou para ela. Não sabia o que fazer ou dizer.

— Sente-te feliz por nunca teres sido enganado, Jack.

Pousou a escova e entregou-lhe umas notas.

— És como uma rémora, Jack: és demasiado pequeno para seres enganado, podes apenas enganar. O tubarão deixa-te agarrar a ele porque limpas outros parasitas piores. Em troca, leva-te pelos oceanos do mundo. E é

assim que viajas, para benefício mútuo de ambos e a relação é tão íntima e chegada que pode ser confundida com amizade. Até que um tubarão maior e mais saudável passa a nadar. Vai, Jack. Vai comprar-me poção.

— Tem a certeza, minha senhora?

— Diz que queres uma coisa que funcione. Uma coisa forte. Que te possa levar para longe e para o alto. Tão alto que podes esmagar o crânio se caíres. Pois quem quer viver num mundo frio e sem amigos como este?

— Farei o meu melhor.

Fechou a porta atrás dele sem fazer um som.

— Oh, tenho a certeza de que sabes onde a encontrar, Jack Bonus — murmurou ela para o reflexo no espelho. — Já agora, diz olá ao Hécate. — Uma lágrima correu-lhe pela face, pelo rasto salgado da anterior. — Meu bom e querido Jack. Meu pobre e pequeno Jack.

— Senhor Lennox?

Lennox abriu os olhos. Olhou para o relógio. Uma hora e meia para a meia-noite. As pálpebras desceram outra vez. Ele tinha implorado mais morfina. A única coisa que queria era o sono, mesmo o sono atormentado da culpa.

— Senhor Lennox?

Voltou a abrir os olhos. A primeira coisa que viu foi uma mão a segurar um microfone. Atrás dele, viu um relampejo de qualquer coisa amarela. Aos poucos, foi conseguindo focar. Um homem com um casaco de oleado amarelo, sentado numa cadeira ao lado da cama do hospital.

— Você? — sussurrou ele. — De todos os repórteres deste mundo, mandaram-no a si?

Walt Kite endireitou os óculos.

— O Tourtell, o Malcolm e os outros sabem que eu… que eu…

— Que está no bolso do Macbeth?

Lennox levantou a cabeça da almofada. Estavam sozinhos na enfermaria. Torceu-se para chegar ao botão da campainha de alarme ao lado da cabeceira da cama, mas o repórter pousou a mão em cima da dele.

— Não é preciso — disse Kite calmamente.

Lennox tentou afastar a mão de Kite do alarme, mas não tinha a força necessária.

— Para que me possa denunciar ao Macbeth? — Lennox resfolegou. — Tal como nos denunciou o Angus?

— Estava no mesmo aperto que você, Lennox. Não tinha escolha. Ele ameaçou a minha família.

Lennox desistiu e deixou-se cair para trás.

— E o que quer agora? Tem uma faca consigo? Veneno?

— Sim. Isto — respondeu Kite abanando o microfone.

— Vai matar-me com *isso*?

— Você não, o Macbeth.

— Hã?

Walt Kite pousou o microfone, desabotoou o casaco e limpou a névoa de sujidade dos óculos.

— Quando o Tourtell telefonou, percebi que eles tinham o suficiente para o apanharem. O Tourtell convenceu o médico a dar-me cinco minutos, por isso temos de nos despachar. Dê-me a história e vou imediatamente para a estação de rádio e transmito-a, tal como está, sem a montar.

— A meio da noite?

— Posso fazê-lo antes da meia-noite. E basta que algumas pessoas a ouçam. Ouçam que é irrefutavelmente a sua voz. Ouça, estou a quebrar todas as regras do bom jornalismo… o direito de resposta, o dever de verificar as declarações… para salvar…

— A sua própria pele — interrompeu Lennox. — Para mudar de lado. Para ter a certeza de que está do lado vencedor.

Viu Kite abrir a boca e voltar a fechá-la. Engolir. E piscar os olhos por trás dos óculos ainda sujos.

— Admita-o, Kite. Não tem importância. Não está sozinho. Não somos heróis. Somos pessoas completamente normais que se calhar sonharam ser heróis, mas confrontados com a escolha entre a vida e os princípios que proclamamos, somos muito normais.

Kite esboçou um sorriso rápido.

— Tem razão. Tenho sido um moralista arrogante, desbocado e cobarde.

Lennox inspirou, já sem saber se era ele ou a morfina que estava a falar.

— Mas, se tivesse oportunidade, acha que podia fazer as coisas de maneira diferente?

— O que quer dizer?

— Conseguia ser uma pessoa diferente? Conseguia obrigar-se a sacrificar uma coisa por uma entidade superior à sua própria autoestima?

— Tal como?

— Tal como fazer uma coisa que é realmente heroica porque irá reduzir a reputação do respeitado jornalista Kite a escombros?

Macbeth fechou os olhos. Esperava que, quando os voltasse a abrir, teria acordado de um sonho mau e de uma noite demasiado longa. Tudo enquanto a voz que vinha do rádio na prateleira atrás da secretária continuava a troar. Todos os erres rolados soavam como tiros de uma metralhadora.

— Então, inspetor Lennox, para resumir: o senhor afirma que o comissário-chefe Macbeth está por trás dos assassínios do comissário-chefe Duncan e do inspetor Banquo, do massacre no clube dos Norse Riders, do assassínio da família do inspetor Duff, além da execução do agente Angus por ordem de Macbeth, levada a cabo por si e pelo inspetor Seyton. E que, ao princípio desta tarde, o comissário-chefe Macbeth, com o chefe da Força de Intervenção, o inspetor Seyton, e o agente Olafson estiveram por trás do

atentado falhado à vida do presidente da câmara Tourtell.

— Correto.

— Com isto, agradecemos ao inspetor Lennox, que estava a falar da sua cama no St. Jordi's Hospital. Esta gravação foi feita na presença de testemunhas para poder ser utilizada no tribunal, mesmo que Lennox também seja assassinado. E assim, caros ouvintes, finalmente, acrescentarei que eu, Walt Kite, fui cúmplice no assassínio do agente de polícia Angus, visto que pus a integridade com que vocês me honraram à disposição do comissário-chefe e assassino, Macbeth. No tribunal em que serei julgado e nas conversas que irei ter com os que me são mais queridos e mais próximos, uma circunstância atenuante poderá ser eu e a minha família termos sido ameaçados. Contudo, profissionalmente, isto não contará para nada. Mostrei que posso ser ameaçado, usado e manipulado para vos mentir. Desiludi-me a mim próprio e desiludi-os a vocês e isso quer dizer que esta será a última vez que irão ouvir-me, a mim, Walt Kite, jornalista da rádio. Vou ter mais saudades vossas do que vocês vão ter de mim. Mostrem que são cidadãos melhores do que eu. Ocupem as ruas e deponham o Macbeth. Boa noite e que Deus abençoe a nossa cidade.

A música de encerramento do programa.

Macbeth abriu os olhos. Mas continuava no seu gabinete. Seyton ainda estava no sofá, Olafson ainda estava na cadeira e o rádio estava ligado.

Macbeth levantou-se e desligou-o.

— E então? — perguntou Seyton.

— Chiu — respondeu Macbeth.

— O quê?

— Cala-te um segundo!

Segurou a cana do nariz com o polegar e o indicador. Estava cansado, tão cansado que era difícil pensar tão claramente como precisava. Porque precisava mesmo. As próximas decisões que tomasse iam ser muitíssimo

importantes, as próximas horas iriam decidir a luta pela cidade.

— O meu nome — disse Olafson.

— O quê?

— Disseram o meu nome na rádio. — Sorriu timidamente. — Acho que ninguém da minha família alguma vez ouviu o nome na rádio.

Macbeth escutou o silêncio. O trânsito, onde estava o habitual zumbido estrondoso do trânsito? Parecia que a cidade estava a conter a respiração. Levantou-se.

— Vamos.

Apanharam o elevador para a cave.

Passaram pela bandeira da Força de Intervenção com o dragão vermelho.

Seyton destrancou a porta da sala das munições e ligou a luz.

O rapaz estava sentado entre os suportes das metralhadoras, amordaçado e atado ao cofre. As íris castanhas dos olhos eram apenas um círculo fino à volta das pupilas, que estavam enormes e pretas com o medo.

— Vamos levá-lo para o Inverness — disse Macbeth.

— O Inverness?

— Já não estamos seguros aqui, nenhum de nós. Mas do Inverness, podemos pôr o Tourtell de joelhos.

— Quem é o *nós*?

— Os últimos dos fiéis. Aqueles que serão recompensados quando for conseguida a vitória.

— Tu, eu e o Olafson? Vamos pôr a cidade de joelhos?

— Confia em mim. — Macbeth afagou a cabeça de Kasi como se ele fosse um cão leal. — O Hécate precisa de nós e está a proteger-nos.

— Contra toda a cidade? — perguntou Olafson.

— Os ajudantes do Hécate constituem um exército, Olafson. São tão invisíveis como ele, mas estão aí… já me salvaram duas vezes. E temos as irmãs *Gatling* e as leis do Kenneth do nosso lado. Quando o Tourtell ceder e

declarar o estado de emergência, a cidade é minha. E então? Lealdade, fraternidade?

Olafson fechou os olhos.

— Batizados pelo fogo — murmurou ele, o «s» ceceado a ecoar nas paredes de betão.

Seyton lançou-lhes um olhar carrancudo. Mas depois, vagarosamente, um sorriso formou-se-lhe nos lábios finos.

— Unidos pelo sangue.

QUARENTA

Duff estava sentado no sofá na sala de estar de Tourtell. Os quatro olhavam nervosamente para o presidente da câmara enquanto este estava em pé com o telefone encostado ao ouvido. Faltavam dois minutos para a meia-noite. A pressão tinha subido muito e a trovoada começara a ressoar. Em breve, a cidade iria ser punida pelo dia quente. O presidente da câmara alternava entre «Sim» e «Não» ao telefone. Depois pousou o auscultador no descanso. Estalou os lábios como se o que tinha acabado de ouvir tivesse de ser mastigado e engolido.

— Então? — perguntou Malcolm com impaciência.

— Uma notícia boa e outra má. A boa notícia é que o juiz Archibald do Supremo Tribunal diz que, baseando-se naquilo que temos, está convencido de que poderão emitir um mandado federal para a detenção do Macbeth e que podem mandar a polícia federal para aqui.

— E a má? — perguntou Malcolm.

— É um assunto politicamente delicado e vai levar tempo — respondeu Tourtell. — Ninguém quer prender um comissário-chefe se vier a acontecer que o caso não tenha pés para andar. Em concreto, a única coisa que temos é uma entrevista na rádio com o Lennox, que confessou, ele próprio, que era cúmplice num assassínio. O Archibald diz que é preciso um bocadinho mais de persuasão para ele ser bem-sucedido, mas, no melhor dos casos, vão ter uma decisão amanhã à tarde.

— Mas vai ficar decidido nessa altura — disse Caithness. — Por isso, só temos de aguentar esta noite e umas horas amanhã.

— É o que parece — concordou Malcolm. — É pena as circunstâncias não permitirem uma comemoração.

— Pelo contrário — disse Tourtell, voltando-se para a criada, que tinha acabado de entrar na sala. — Durante a guerra, quanto mais as vitórias nos custavam, mais nós comemorávamos. Agnes, champanhe!

— Sim, senhor, mas tem uma pessoa na outra linha.

Tourtell ficou imediatamente animado.

— O Kasi?

— Lamento, mas é o senhor Macbeth.

Olharam uns para os outros.

— Passe a chamada para aqui — disse Tourtell.

Macbeth reclinou-se para trás na cadeira, com o telefone encostado ao ouvido. A olhar para cima, para a espiral dourada invertida no candelabro pendurado por cima dele e da sala de jogo vazia. Estava sozinho. Conseguia ouvir Seyton e Olafson a montarem as *Gatlings* no mezanino, mas, apesar disso, estava à mesma sozinho. Lady não estava ali. Tinham-se metido ao trabalho assim que chegaram do quartel-general. Tinham levado meia hora para conseguirem pôr todos os jogadores e comensais na rua. Tentaram fazê-lo de forma descontraída. Mas havia jogos que tinham de terminar, fichas que tinham de ser trocadas por dinheiro e alguns dos clientes insistiram em acabar as bebidas, mesmo que não lhes tivessem pedido para pagar. Os últimos clientes tinham protestado que era noite de sábado e tiveram, literalmente, de ser empurrados para a rua. Claro que Lady teria conseguido fazer aquilo tudo de uma forma muito mais elegante. Mas Jack, que Macbeth mandara subir para a suíte para a trazer, tinha voltado sem companhia. Não fazia mal, ela precisava de dormir e ia ser uma longa luta. Tinham tirado as barras das

janelas e instalaram as metralhadoras em cada extremidade do mezanino.

— Fala o Tourtell.

A voz esforçou-se por parecer natural.

— Boa noite, presidente. Está tudo bem?

— Estou vivo.

— Ótimo, ótimo. Estou satisfeito por o termos salvado da tentativa de assassínio. Desconfio que o Hécate esteve por trás disso. Lamento que o seu motorista tivesse de pagar com a vida. E que o Lennox tenha perdido o juízo por causa do ferimento que ele próprio provocou.

Tourtell soltou uma gargalhada seca.

— Está arrumado, Macbeth. Já percebeu?

— Não há dúvida de que estamos numa época conturbada, não acha, Tourtell? Explosões em telhados de edifícios. Tiroteios nas ruas, tentativas de assassínio contra o comissário-chefe e o presidente da câmara. Telefonei porque penso que deve declarar o estado de emergência imediatamente.

— Isso não vai acontecer, Macbeth. O que vai acontecer é que está a ser emitido um mandado de captura com o seu nome.

— Chamou a cavalaria de Capitol? Calculei que o faria. Mas o mandado não vai ser emitido antes de eu ter o comando da cidade, e nessa altura será demasiado tarde. Vou ter imunidade. O comissário-chefe Kenneth tinha mais clarividência do que muita gente lhe dá crédito.

— Vai governar esta cidade como os ditadores antes de si?

— Nesta tempestade, provavelmente é melhor ter uma mão mais forte do que a sua ao leme, Tourtell.

— Está doido, Macbeth. Por que diabo havia eu de declarar o estado de emergência e entregar-lhe o poder?

— Porque tenho o seu filho ilegítimo e corto-lhe a cabeça se não fizer o que lhe digo.

Macbeth ouviu o arquejo abrupto.

— Por isso, não vá dormir, Tourtell. Dou-lhe umas horas para escrever e assinar a declaração do estado de emergência. E entrará em vigor antes do nascer do sol amanhã. Se não o tiver ouvido emitido na rádio antes do primeiro raio de sol, o Kasi morre.

Pausa. Macbeth teve o pressentimento de que Tourtell não estava sozinho. Segundo Seyton, Duff, Malcolm e Caithness eram três dos quatro que tinham impedido o finalizar do trabalho no St. Jordi's Hospital.

— E como acha que se vai safar do assassínio do meu filho, Macbeth?

O tom era duro, mas não conseguia esconder a impotência. E Macbeth reparou que não estava preparado para um desespero tão profundo. Mas afastou o pensamento. A voz trémula do presidente da câmara confirmava aquilo de que ele estava à espera: Tourtell estava disposto a fazer tudo para salvar o filho.

— Imunidade. Estado de emergência. Isso será suficiente, presidente.

— Não estava a referir-me a escapar a um tribunal. Estava a pensar na sua consciência. Tornou-se um monstro, Macbeth.

— Nunca nos tornamos senão no que já somos, Tourtell. O senhor também, estará sempre disposto a vender os seus favores e a sua alma a quem oferecer mais.

— Não consegue ouvir a trovoada no exterior da sua casa, Macbeth? Como pode, nesta situação, nesta cidade, acreditar ainda que haverá luz do sol quando o dia nascer?

— Porque dei ordens para haver. Mas se não é crente, que a hora do nascer do sol no almanaque deste ano seja o seu guia. Até então…

Macbeth desligou. A luz brincava no cristal por cima dele. O que queria dizer que se estava a mexer. Talvez fosse o calor a subir, talvez fossem os tremores estranhos no chão ou talvez fosse a luz lá fora a mudar. Mas claro que havia uma quarta possibilidade. Que fosse ele próprio que se estivesse a mover. Que visse as coisas de um ângulo diferente. Tirou a adaga de prata de

dentro do casaco. Talvez não fosse a arma mais eficaz contra tanques e peles grossas, mas Lady tinha razão: a prata atuava contra os fantasmas. Não via Banquo, Meredith, Duncan ou o jovem Norse Rider de joelhos há uns dias. Levantou a adaga para a luz.

— Jack!

Não houve resposta. Mais alto:

— Jack!

Continuou a não haver resposta.

— Jack! Jack!

Gritou de uma forma tão selvática e incontida que imaginou que sentia o interior da garganta a rasgar.

Uma porta abriu-se ao fundo da sala.

— Chamou, senhor? — ecoou a voz de Jack.

— A Lady continua a não dar sinal de vida?

— Não, senhor comissário. Se calhar, o senhor devia acordá-la?

Macbeth passou a ponta do dedo pela ponta da adaga. Há quanto tempo estava limpo, desta vez? E quanto tinha ansiado pelo sono, do tipo profundo, escuro e sem sonhos? Podia subir ao andar de cima, deitar-se ao lado dela e dizer que agora vamos, tu e eu, agora vamos para um sítio onde isto, o Inverness e a cidade, não existe, onde não existe nada mais além de tu e eu. Ela queria ir, queria tanto como ele. Tinham perdido o caminho, mas tinha de haver um caminho de regresso, de regresso de onde eles tinham vindo. Sim, claro que havia; ele apenas não o conseguia ver neste momento. Tinha de falar com ela, fazê-la dizer-lhe onde estava, como dizia sempre. Então o que o estava a impedir? Que estranha premonição não o deixava ir lá acima, mantendo-o ali, fazendo com que preferisse estar sentado nesta sala fria e vazia a deitar-se nos braços da sua amada?

Voltou-se e olhou para o rapaz. Seyton tinha acorrentado o filho de Tourtell ao poste brilhante no meio da sala, com uma algema para as pernas à

volta do pescoço comprido e fino do rapaz. Como um cão. E, como um cão, ele estava deitado no chão, imóvel, a olhar para Macbeth com os olhos castanhos implorantes. Tal como tinham estado a fixá-lo resolutamente desde que haviam chegado.

Macbeth levantou-se da cadeira com uma exclamação de aborrecimento.

— Vamos lá então vê-la — disse ele.

Os seus próprios passos silenciosos e os de Jack na carpete espessa deram a Macbeth a sensação de que estavam a flutuar como fantasmas pelas escadas acima e ao longo do corredor. Macbeth levou uma eternidade a descobrir a chave certa no conjunto das chaves de Jack. Examinou cada uma delas, como se tivessem um código, a resposta para uma pergunta que ainda não conhecia.

Depois abriu a porta e entrou. O candeeiro do quarto estava apagado, mas o luar brilhava por entre os intervalos das cortinas. Parou a escutar. Os trovões tinham parado. Estava tão tranquilo, como se tudo estivesse a conter a respiração.

A pele dela estava tão pálida, tão exangue. O cabelo espalhava-se pela almofada como um leque vermelho e as pálpebras pareciam transparentes.

Aproximou-se dela e pousou-lhe a mão na testa. Ainda havia algum calor nela. Ao seu lado, na colcha, estava um papel. Agarrou-o. Ela tinha escrito apenas umas linhas.

Amanhã, amanhã e amanhã. Os dias arrastam-se na lama e, no fim, tudo o que conseguiram foi matar o sol outra vez e levar todos os homens para mais perto da morte.

Macbeth voltou-se para Jack, que tinha ficado a porta.

— Ela foi-se embora.

— O… quê, o quê, senhor?

Macbeth puxou uma cadeira para a cama para se sentar. Não para estar

perto dela; ela já não estava ali. Só queria sentar-se.

Ouviu o grito de choque de Jack atrás dele e percebeu que ele a tinha visto, a seringa ainda pendurada no antebraço.

— Ela… está…?

— S-sim, está m-m-morta.

— Há quanto tempo?

— Há m-m-muito tempo.

— Mas eu estive a falar com…

— Começou a m-m-morrer na noite em que encontrou a caixa de sapatos, Jack. Simulou a vida durante um tempo, mas eram apenas as convulsões da morte. Viu a filha, viu que teria de viajar para a morte para a tornar a ver. Foi nessa altura que perdemos a Lady, quando se deixou levar por essa ideia consoladora de que encontramos aqueles que amamos no outro lado.

Jack aproximou-se um passo.

— Mas o senhor não acredita nisso?

— Quando o sol está a brilhar num céu limpo, não. Mas nós vivemos numa cidade sem sol, onde agarramos todo o consolo que conseguimos. Por isso, de uma maneira geral, acredito.

Macbeth examinou-se a si mesmo, espantado por não sentir nem dor nem desespero. Talvez porque soubesse há muito que era assim que iria acabar. Tinha-o sabido e fechara os olhos. E tudo o que sentia era o vazio. Estava sentado numa sala de espera a meio da noite, era o único passageiro e o comboio tinha sido anunciado, mas não chegara. Anunciado, mas não chegara. E o que faz o passageiro então? Espera. Não vai a lado nenhum, reconcilia-se com o que está a acontecer e espera pelo que há de vir.

Macbeth agarrou outra vez no papel.

Os dias arrastam-se na lama e, no fim, tudo o que conseguiram foi matar o sol outra vez e levar todos os homens para mais perto da morte.

QUARENTA E UM

O elevador levou Duff, Malcolm e o guarda até à cave do quartel-general da polícia.

— Sei que é fim de semana, mas tens a certeza de que não está cá mais ninguém? — perguntou Duff ao guarda, com quem Malcolm tinha falado ao telefone durante bastante tempo.

— Pelo contrário — respondeu o guarda. — Estão à vossa espera.

Duff não conseguiu reagir antes de o elevador chegar e as portas se abrirem. Estavam três pessoas lá, todas armadas e com o uniforme preto da Força de Intervenção. Duff conteve a respiração.

— Obrigado — disse Malcolm — por terem vindo apesar de ter sido tão em cima do acontecimento.

— Pela cidade — disse um deles.

— Pelo Angus — disse o segundo.

— Pelo comissário-chefe — disse o terceiro, um homem muito direito, de pele escura. — Na nossa opinião, chama-se agora Malcolm.

— Obrigado, Ricardo — disse Malcolm, saindo do elevador.

O oficial de costas rígidas seguiu à frente.

— Falou com mais alguém, senhor?

— Passei toda a tarde ao telefone. Não deve ser fácil persuadir as pessoas a arriscarem as vidas e os empregos para lutarem contra uma conspiração que só têm a minha palavra que existe. Especialmente, quando acrescento que não

podemos esperar ajuda imediata de Capitol. No entanto, tenho cerca de trinta agentes da polícia, entre dez e quinze da defesa civil e talvez uns dez dos bombeiros.

— O caso pode não parecer muito convincente, mas o *senhor* é, Malcolm.

— Obrigado, Ricardo, mas acho que as ações do Macbeth falam por si próprias.

— Não estava a pensar nas suas palavras, senhor. A sua coragem fala mais alto.

— Tiraram-me tudo e não tinha muito a perder, Ricardo. Não obstante, tinha de voltar para vir buscar a minha filha, que já está em segurança. És tu que mostras coragem. Não és dominado por um coração de pai, estás a agir livremente, governado pelo teu sentido de justiça. O que prova que nesta cidade existem pessoas que querem o bem.

Passaram pela bandeira do dragão.

— E onde está o presidente da câmara? — perguntou Ricardo.

— Neste momento, tem outras coisas em que pensar.

Ricardo parou à frente de uma porta de ferro maciça, como a entrada para um abrigo antiaéreo.

— Aqui.

— Alguém levou as metralhadoras *Gatling* e as munições respetivas — explicou Ricardo. — Por isso, isto é tudo o que temos. Mais um carro blindado. Posso mandar trazê-lo imediatamente para a estação central. Não há armas para toda a gente, mas, de qualquer maneira, os bombeiros não têm treino de uso de armas. Contudo, eu e os meus homens podemos atacar esta noite.

— Preferíamos que o Macbeth se rendesse voluntariamente — disse Malcolm. — Os números dizem-nos que provavelmente tem dois homens com ele: o Seyton e o Olafson. Quando ele vir quantos mobilizámos lá fora, espero que liberte o Kasi e capitule.

— Negociações — comentou Ricardo, assentindo com a cabeça. — Táticas modernas nas situações de reféns.

— Precisamente.

— Modernas e inúteis, no que diz respeito ao Macbeth. Tive-o como chefe, senhor. Ele tem os dois melhores atiradores do país e duas metralhadoras *Gatling* do lado dele. Ao passo que nós temos muito pouco tempo.

— O que podemos fazer contra duas *Gatlings*? — perguntou Malcolm, agarrando numa bazuca.

Duff retesou-se. Tinha visto o que estava atrás da bazuca.

— Não é muito precisa a longas distâncias — disse Ricardo. — Mas terei todo o gosto em traçar um plano para conquistarmos o Inverness se o Macbeth não se render.

— Ótimo — respondeu Malcolm, olhando para o que Duff tinha encontrado. — Meu Deus, de onde é que isso veio?

— Das ruínas depois do ataque aos Norse Riders — explicou Ricardo. — É uma arma, ainda que seja apenas um sabre.

— Não é um sabre qualquer — disse Duff, apertando o punho com força. Balançou-a e sentiu o peso do aço. — É o sabre do Sweno.

— Não estás a pensar levá-lo, pois não? Não pode fazer grande mal.

— Engano — ripostou Duff, passando o dedo indicador pela lâmina. — Consegue abrir estômagos de mulheres e caras de crianças.

Malcolm dirigiu-se a Ricardo.

— Consegues mandar transportar as armas para a estação central uma hora antes do nascer do sol?

— Pode considerá-lo feito.

— Obrigado. Vamos lá a ver se os restantes de nós conseguem umas duas horas de sono.

— Senhor Macbeth?

Macbeth levantou a cabeça do peito frio de Lady e olhou para cima. Era Jack. Tinha voltado e estava parado à porta.

— Está uma pessoa na receção que gostaria de lhe falar.

— D-d-deixaste entrar uma p-p-pessoa?

— Está sozinho e não para de bater à porta.

— Quem é?

— Um jovem chamado Sivart.

— Sivart?

— Ele diz que lhe salvou a vida no cais durante o ataque aos Norse Riders.

— Oh, o refém. O q-q-que é que ele quer?

— Oferecer-se como voluntário. Diz que foi contactado pelo Malcolm e que o Malcolm está a reunir pessoas para lançar um ataque ao Inverness.

— Então — disse Macbeth, voltando a pousar a cabeça no peito de Lady e fechando os olhos —, d-d-diz-lhe p-p-para se ir embora.

— Ele não vai, senhor.

Macbeth suspirou pesadamente, levantou-se e estendeu a mão.

— Empresta-me a arma que te dei, Jack.

Desceram para a receção, onde o jovem estava nervosamente à espera. Das escadas, Macbeth apontou-lhe a arma.

— Fora!

— Comissário-chefe… — gaguejou o rapaz.

— Fora! Foste mandado pelo Malcolm para me matares! Agora, fora!

— Não, não, eu…

— Já! Vou contar até três! Um…

O homem tropeçou às arrecuas, agarrou no puxador da porta, mas esta estava trancada.

— Dois!

Jack correu com a chave e ajudou o homem a abrir a porta.

— Três!

A porta fechou-se com um estrondo atrás do homem e ouviram o barulho dos passos em corrida a desaparecerem.

— Acha mesmo que ele…?

— Não — respondeu Macbeth, devolvendo a arma a Jack. — Mas um rapaz novo como ele aqui só iria atrapalhar.

— Não há muitos como o senhor e ele é da idade do Olafson, senhor.

— Fizeste o que te pedi, Jack?

— Ainda estou a tratar disso, senhor.

— Diz-me quando tiveres acabado. Vou estar na sala de jogo.

Macbeth abriu as portas duplas para o casino. A noite estava a ficar velha e cinzenta por trás das janelas altas para leste.

QUARENTA E DOIS

O sol estava escondido atrás da montanha, mas enviara um arauto vermelho da sua chegada. O inspetor Lennox pensou que nunca tinha visto um início de dia melhor na cidade. Ou talvez tivesse, mas nunca prestara atenção. Ou talvez fosse a morfina mais do que o sol que coloria tudo. As ruas estavam adornadas com latas de cervejas amolgadas e com pilhas malcheirosas de vomitado e de pontas de cigarro depois de uma animada noite de sábado, mas não havia ninguém à vista, apenas um homem baixo com um uniforme preto da marinha e boné branco, que passou apressado por eles. Todos os demais, enquanto o destino da cidade era decidido, estavam em casa, na cama, com os cobertores por cima da cabeça. E, apesar disso, ele nunca tinha visto a sua cidade mais bonita.

Lennox olhou para baixo, para o cobertor de xadrez que Priscilla lhe tinha estendido por cima dos joelhos. Estavam a aproximar-se da modesta entrada oriental da estação central. Reparou que a cadeira de rodas se estava a mover mais devagar. Priscilla estava hesitante; calculou que ela dificilmente teria já estado na estação.

— Não há nada a temer, Priscilla. Eles só querem vender droga. Ou comprar.

Viu pela sombra dela, quando passaram debaixo de um candeeiro, que ela se tinha endireitado. A velocidade deles aumentou.

Como combinado, ela apanhara-o quando ainda estava escuro no exterior,

antes de os corredores estarem cheios de enfermeiras e médicos que os teriam detido. E Priscilla tinha trazido várias coisas do escritório, que ele pediu. Nem tivera de a persuadir ou de lhe explicar qualquer coisa; tinha feito imediatamente tudo o que ele tinha dito, mesmo que oficialmente já não fosse chefe dela.

— Está bem — dissera ela. — Vai ser sempre o meu chefe. E o Macbeth não vai continuar como comissário-chefe, pois não?

— Porque não?

— Ele está a agir de uma forma muito estranha, não está?

Passaram por traficantes de drogas a fumar e drogados a dormitar em cima de cobertores, que acordavam e automaticamente estendiam a mão a pedir.

Mas Priscilla não parou até estarem em frente das escadas ao pé das casas de banho.

Era ali que habitualmente o recolhiam. Tudo o que tinha de fazer era esperar que eles chegassem. Lennox nunca tinha descoberto para onde o levavam porque não só lhe punham óculos que lhe tapavam a visão como lhe davam tampões para os ouvidos para que não pudesse especular a partir dos sons de fundo.

Fazia parte do acordo. Quando ele precisava de uma *trip* a sério, que não pudesse acontecer em casa ou no gabinete à noite sem o risco de ser apanhado, levavam-no para a cozinha, o local onde faziam a mistura. E ali davam-lhe a droga mais pura que podia ser produzida, injetada por especialistas. Sentavam-no numa cadeira reclinável, um pouco como se fazia antigamente nos antros de ópio, e depois de curar a moca dormindo num ambiente seguro, podia ir para a cidade e circular por algum tempo como um homem novo e melhor.

De uma maneira que nunca mais seria capaz de fazer.

Sentira quão indefeso estava quando Priscilla o desenvencilhou de todos

os fios e tubos e o levou para a cadeira de rodas. Quão inútil se tinha tornado. Quão pouco podia esperar fazer.

— Vai — disse ele agora.

— O quê? Vamos embora?

— *Tu* é que vais.

— E deixo-te aqui assim, é o que estás a dizer?

— Fico bem. Telefono-te. Agora, vai-te embora.

Ela não se mexeu.

— É uma ordem, Priscilla — disse ele, sorrindo —, do homem que será sempre o teu chefe.

Ela suspirou. Pousou-lhe gentilmente uma mão no ombro. E depois foi-se embora.

Tinham passado menos de dez minutos até Strega estar à frente dele, com os braços cruzados.

— Uau! — foi tudo o que ela disse.

— Eu sei — disse Lennox. — É uma hora inaceitável.

Ela sorriu.

— Está de bom humor apesar da cadeira de rodas. O que posso fazer por si?

— Qualquer coisa que pare as dores e uma hora na cadeira reclinável.

Ela entregou-lhe os tampões e os óculos.

— As minhas pernas já não são o que eram, talvez vá ter de me ajudar a lá chegar.

— Uma pluma como o senhor? — perguntou ela.

— Preciso da cadeira de rodas comigo.

— Então hoje vamos ter de prescindir do passeio de carro.

Ela empurrou-o. A dor tinha vindo e ido toda a manhã, mas quando, uns minutos depois, ela o levantou da cadeira de rodas e o baixou sobre o que lhe pareceu pedra britada, doeu-lhe tanto que gritou. Sentiu os braços musculosos

de Strega em volta dele, o quase irresistível perfume dela. Depois de ter conseguido sentá-lo de novo na cadeira de rodas, começou a empurrá-la. A cada metro, a cadeira de rodas batia em qualquer coisa no cascalho. Uma chulipa. Havia um cheiro a alcatrão e a metal queimado. Estava a ser empurrado ao longo de uma linha férrea.

Engraçado não ter notado. Das outras vezes, tinham ido de carro, não uma grande distância, mas claramente num círculo, de volta ao ponto de partida na estação central. Ele percebera antes que se deslocavam sob uma cobertura porque não tinha sentido a chuva, mas não que a preparação da poção tivesse lugar num dos túneis em desuso mesmo por baixo dos seus narizes! Resmungou com impotência quando Strega o levantou e o deitou, com a cara em cima de qualquer coisa fria e húmida. Betão. Ela voltou a pô-lo na cadeira de rodas. Empurrou-o. O ar estava a ficar mais quente, mais seco. Estavam a aproximar-se da cozinha, com os cheiros facilmente reconhecíveis a ativar-lhe qualquer coisa no cérebro que fez com que o coração batesse mais depressa e lhe deu um antegozo da *trip*. Alguém lhe tirou os óculos e os tampões e ele apanhou o fim da frase de Strega.

— … limpar o rasto de sangue que ele deixou.

— Está bem — respondeu uma das irmãs, que mexiam o tanque.

Strega estava quase para o mudar para a cadeira reclinável, mas Lennox fez-lhe sinal para se afastar e enrolou a manga esquerda da camisa. Mistura diretamente da panela. Não podia ser melhor do que isso. O paraíso de um drogado. Isto era aonde ele queria chegar. Ou não. Iria ver. Ou não.

— Aquele não é o inspetor Lennox, da Unidade Anticorrupção? — perguntou Jack. Estava a olhar pelo espelho unilateral para a cozinha e para o homem na cadeira de rodas.

— Sim — respondeu Hécate, que vestia um fato branco de linho e estava de chapéu. — Não é suficiente ter olhos e ouvidos no Inverness.

— Ouviu dizer que o Lennox acusou o Macbeth de assassínio? Ele não

sabe que o Macbeth é um instrumento seu?

— Ninguém está autorizado a saber mais do que deve saber, nem mesmo tu, Bonus. Mas voltando ao assunto entre mãos: a Lady matou-se, mas o Macbeth parece mais paralisado do que preocupado, dizes tu?

— É a minha interpretação.

— Hum. E se o Tourtell declarar o estado de emergência, achas que o Macbeth, no estado de espírito atual, conseguirá tomar o poder, fazer o que tem de ser feito para se confirmar como chefe da cidade?

— Não sei. Ele parece… não se importar. Como se nada fosse muito importante. Ou é isso ou ele acredita que é invulnerável. O senhor vai salvá-lo, aconteça o que acontecer.

— Hum. — Hécate bateu a bengala duas vezes no chão. — Sem a Lady, o valor do Macbeth como comissário-chefe foi ao fundo.

— Ele vai continuar a obedecer.

— Ele pode ter sucesso a tomar o poder agora, mas sem ela não será capaz de o manter. Era ela quem percebia o jogo, quem conseguia ver a árvore na floresta, quem sabia quais as manobras requeridas. O Macbeth consegue atirar adagas, mas alguém tem de lhe dizer porquê e a quem.

— Podia tornar-me o novo consultor dele — disse Jack. — Estou a ganhar a confiança dele.

Hécate riu-se.

— Não consigo decidir se és uma patruça que come lama ou se, de facto, és um astuto peixe predador.

— De qualquer modo, sou um peixe, concluo eu.

— Mesmo que conseguisses reforçar-lhe a debilitada capacidade para governar, duvido que conseguisses alguma coisa quanto à força de vontade dele. Falta-lhe a ânsia de poder da Lady. Ele parece desejar coisas de que tu e eu não somos dependentes, meu caro Bonus.

— Droga?

— A Lady. Mulheres. Talvez amigos. Tu sabes, esse amor entre humanos. E agora que a Lady morreu, ele já não está motivado pelo desejo de satisfazer a fome de poder dela.

— A Lady também desejava amor — disse Jack serenamente.

— O desejo de se ser amado e a capacidade de amar, que dão tanta força aos humanos, são também o seu calcanhar de Aquiles. Deem-lhes a perspetiva de amor e movem montanhas; tirem-lha e um sopro de vento derruba-os.

— Talvez, talvez.

— Se o vento derrubar o Macbeth, o que pensas daquele ali como comissário-chefe? — perguntou Hécate, apontando com a cabeça na direção do vidro.

Uma das irmãs estava a desinfetar o braço esquerdo de Lennox com uma compressa com álcool e a procurar uma veia enquanto segurava uma seringa cheia.

— O Lennox? — perguntou Jack. — Tem a certeza?

Hécate estalou os lábios.

— Ele é o homem que deitou abaixo o Macbeth. O herói que sacrificou a sua mobilidade para salvar o presidente da câmara. E ninguém sabe que o Lennox trabalha para mim.

— Mas o Malcolm está de volta. E todos sabem que o Lennox faz os recados ao Macbeth.

— O Lennox cumpriu ordens como qualquer polícia leal faria. E os Malcolms e os Duffs podem desaparecer outra vez. O Roosevelt ganhou uma guerra numa cadeira de rodas. Sim, eu podia pôr o Lennox no gabinete do comissário-chefe. O que achas?

Jack olhou para Lennox. Sem responder.

Hécate riu-se e pousou uma mão grande e suave no ombro estreito de Jack.

— Sei o que estás a pensar, patruça. E quanto a ti? Quem te irá empregar se o Macbeth se for embora? Por isso, tenhamos esperança de que o Macbeth ultrapasse a tempestade, hem? Vá lá, deixa-me acompanhar-te.

Jack lançou um último olhar a Lennox, depois virou-se e seguiu com Hécate até à porta da casa de banho e à estação.

— Espere — disse Lennox quando a irmã lhe encostou a agulha na pele. Meteu a mão direita livre dentro do grande bolso lateral da cadeira de rodas. Puxou o cordão da ponta da pega.

— Agora — disse ele.

Ela espetou a agulha e pressionou o êmbolo ao mesmo tempo que ele tirava a mão de dentro do bolso, balançava o braço perto do chão ao longo da cadeira e largava. Aquilo que Priscilla tinha trazido do escritório rolou pelo chão de cimento e desapareceu debaixo da mesa ao lado do tanque, carregada com frascos, tubos e pipetas.

— Ei! O que foi aquilo? — perguntou Strega.

— Segundo o meu avô, era uma granada que ele tinha atirado à própria cabeça — respondeu Lennox, sentindo a pedrada, que nunca mais seria como da primeira vez, mas que ainda o fazia tremer de prazer. Que, depois de todos aqueles anos de pesquisa, ainda era o mais próximo que estivera do significado da vida. A não ser que fosse isto. O ponto final.

— Pode ser um modelo 24 *Stielhandgranate*. Ou um cinzei…

Foi o mais longe que conseguiu chegar.

Jack estava a meio das escadas quando a explosão o fez voar. Levantou-se e voltou para a casa de banho. A porta tinha ido pelos ares e o fumo estava a sair. Esperou. Quando acabaram as explosões, desceu cautelosamente as escadas e entrou na casa de banho. O cubículo e a porta para a cozinha tinham desaparecido. Havia um incêndio violento no interior e, à luz das

chamas, conseguia ver que tudo fora destruído. A cozinha e os que estavam lá dentro já não existiam. E, cinco segundos antes, ele tinha estado…

— Bonus…

A voz vinha diretamente da frente dele. E ali, de debaixo da porta de aço caída no chão, aquilo rastejou para fora. Uma barata esmagada num fato de linho branco. A cara suave estava coberta de merda e os olhos estavam pretos com o choque.

— Ajuda-me…

Bonus agarrou nas mãos do velho e arrastou-o pelo chão até à porta da casa de banho. Aí, virou-o e deitou-o de costas. Estava uma lástima. O estômago tinha um golpe aberto e o sangue corria. O Hécate imortal. A Mão Invisível não ia ter muitos minutos ou segundos de vida. Todo aquele sangue… Jack virou as costas.

— Depressa, Jack. Arranja qualquer coisa com que possas…

— Tenho de ir buscar um médico — disse Jack.

— Não! Encontra qualquer coisa para fechar a ferida antes que eu fique sem sangue.

— Precisa de ajuda médica. Vou depressa.

— Não me deixes, Jack! Não….

O corpo em frente de Jack arqueou-se e soltou um uivo.

— O quê?

— Ácido do estômago! Há qualquer coisa a sair. Meu Deus, estou a arder. Socorro, Jack! Socorr…

O grito metamorfoseou-se noutro uivo rouco. Jack olhou para ele, sem se conseguir mexer. Parecia mesmo uma barata deitada de costas, os braços e pernas a agitarem-se violenta e impotentemente.

— Não vou demorar nada — disse-lhe Jack.

— Não, não! — gritou Hécate e fez uma tentativa para lhe agarrar as pernas.

Mas Jack deu um passo atrás, fez meia-volta e foi-se embora.

No cimo das escadas, parou, olhou para a esquerda, para oeste, na direção do Inverness. Na direção de Macbeth. Do St. Jordi. Havia uma cabina telefónica na sala de espera nessa direção. Voltou-se para leste. Para a montanha. Para o outro lado. Para novas águas. Águas abertas, perigosas. Mas estas eram decisões que um homem — e uma patruça — às vezes tinha de fazer para sobreviver.

Jack respirou fundo. Não porque estivesse hesitante, mas porque necessitava de ar.

Depois dirigiu-se para leste.

O cristal murmurou e cantou por cima da cabeça de Macbeth. Ele olhou para cima. O candelabro balouçava para a frente e para trás, esticando as cordas que o suspendiam.

— O que foi aquilo? — gritou Seyton do mezanino, da metralhadora *Gatling* no canto sudeste do Inverness.

— O fim do mundo — respondeu Macbeth. E acrescentou, em voz baixa, para si próprio: — Espero eu.

— Veio da estação — gritou Olafson da metralhadora no canto sudoeste — Aquilo foi uma explosão?

— Siiiim, senhor! — cantou Seyton. — Eles estão a trazer a artilharia.

— Estão? — perguntou Olafson, chocado.

A gargalhada de Seyton ecoou nas paredes. Quando eles tinham discutido como o Inverness devia ser defendido, fora fácil concluir que qualquer ataque teria de vir da Workers' Square, porque o lado virado para a Thrift Street, coberto de tijolos e sem janelas, não era nada menos do que a parede de uma fortaleza.

— Consigo cheirar o teu medo daqui, Olafson. Consegue senti-lo aí em baixo, chefe?

Macbeth bocejou.

— Já mal consigo lembrar-me do cheiro do medo, Seyton.

Esfregou a cara vigorosamente. Tinha dormitado e sonhara que estava estendido na cama ao lado de Lady quando a porta da suíte se abriu silenciosamente. A figura na ombreira da porta trazia uma capa, com um chapéu tão enterrado na cabeça que só quando a figura entrou e a luz incidiu sobre ela conseguiu ver que era Banquo. Um olho tinha desaparecido; vermes que se contorciam, saíam-lhe da face e da testa. Macbeth tinha metido a mão dentro do casaco, sacara uma adaga do coldre duplo do ombro e tinha-a arremessado. Enterrou-se no sobrolho de Banquo com uma pancada suave, como se o osso por baixo já tivesse sido comido. Mas não parou o avanço do fantasma em direção à cama. Macbeth gritou e abanou Lady.

— Ela está morta — disse o fantasma. — E tu tens de atirar uma adaga de prata e não de aço.

Não era a voz de Banquo. Era…

A cabeça de Banquo oscilou debaixo do chapéu, caiu no chão e rolou para debaixo da cama, e do chapéu a cara de Seyton riu-se para ele.

— O que queres? — sussurrou Macbeth.

— Aquilo que o senhor quer. Dar-lhes a ambos uma criança. Olhe, ela está à minha espera.

— Estás doido.

— Confie em mim. Não quero muito em troca.

— Ela está morta. Vai-te embora.

— Estamos todos mortos. Faça isso agora, semeie as suas sementes. Se não o fizer, semeio eu as minhas.

— Vai-te embora!

— Chegue-se para o lado, Macbeth. Vou tomá-la como Duff lhe tomou a Meredi…

A segunda adaga atingiu Seyton na boca aberta. Ele cerrou os dentes,

agarrou no cabo, partiu-o e devolveu-o a Macbeth. Mostrou-lhe a língua cortada e ensanguentada e riu-se.

— Alguma coisa no rádio?

Macbeth deu um pulo. Era Seyton a gritar.

— Nada — respondeu Macbeth, esfregando a cara com força e aumentando o volume do som do rádio. — Ainda faltam vinte minutos para o sol nascer.

Olhou para a linha branca do pó cortado muito fino no espelho que tinha posto no feltro à frente dele. Viu a sua cara refletida. A linha do pó atravessava a superfície brilhante como uma cicatriz.

— E depois matamos mesmo o rapaz? — gritou Olafson

— Sim, Olafson! — gritou-lhe Seyton em resposta. — Somos homens, não somos maricas!

— Mas… e depois? Ficamos sem nada para negociar.

— Isto soa-te familiar, Olafson?

Mais gargalhadas de sudeste.

— Não temos nada que temer — disse Macbeth.

— Como assim, senhor?

— Nenhum homem vivo pode fazer-me mal. O Hécate prometeu-me que seria comissário-chefe até que a *Bertha* me viesse buscar. Pode dizer-se muita coisa do Hécate, mas ele cumpre o que diz. Calma. O Tourtell vai ceder.

Macbeth olhou para Kasi, que estava sentado tranquilamente, com as costas encostadas ao poste, olhando para longe.

— O que consegues ver, Seyton?

— Há umas pessoas que se juntaram ao pé da *Bertha*. Parecem polícias e civis. Umas armas automáticas, umas espingardas e revólveres. Não deve ser um grande problema se eles atacarem com isto.

— Consegues ver alguns casacos cinzentos?

— Casacos cinzentos? Não.

— E no teu setor, Olafson?

— Aqui também nada, senhor.

Mas Macbeth sabia que eles estavam lá. À procura dele.

— Já ouviste falar de Titono, Seyton?

— Não. Quem é?

— Um grego. A Lady falou-me dele. Eu estudei-o. Eos era a deusa da madrugada e roubou um jovem amante, um rapaz muito banal, chamado Titono. Certificou-se de que o próprio chefe, Zeus, dava vida eterna ao rapaz, tal como ela tinha. O rapaz não a pediu, foi-lhe imposta. Mas a deusa esqueceu-se de pedir juventude eterna para o rapaz. Percebes?

— Talvez, mas não percebo onde quer chegar com isto, senhor.

— Tudo desaparece, todos os outros morrem, mas aqui está o Titono a deteriorar-se na sua idade avançada e na solidão. Não lhe deram nada, o oposto, de facto… está numa prisão, a vida eterna é uma maldição terrível para ele.

Macbeth levantou-se tão depressa que ficou tonto. Era apenas a melancolia e uma ressaca da droga a falarem. Tinha uma cidade aos seus pés que em breve seria irrevogavelmente dele, apenas dele, e poderia satisfazer todos os seus desejos mais insignificantes. Nessa altura, só precisaria de pensar em desejos e prazeres. Desejos e prazeres.

Duff passou o dedo sobre a racha no pedestal na parte da frente de *Bertha*. Ouviu a voz de Malcolm:

— Com licença, deixem-me passar.

Olhou para cima e viu Malcolm abrir caminho pelo meio da multidão até ao cimo dos degraus.

— Também ouviram aquilo? — perguntou ele, sem fôlego.

— Sim — respondeu Caithness. — Pensei que o teto ia desabar. Parecia

uma explosão subterrânea, tipo teste.

— Ou um tremor de terra — disse Duff, apontando para a racha.

— Parece que é uma afluência maior do que eu tinha esperado — disse Malcolm, analisando as pessoas que se tinham reunido no fundo dos degraus atrás da barricada de carros da polícia e de um grande carro de bombeiros vermelho. — Esta gente é toda da polícia e dos bombeiros?

— Não — disse um homem que subia os degraus.

Malcolm examinou o uniforme preto.

— Capitão da marinha?

— Piloto — respondeu o homem pequeno. — Fred Ziegler.

— O que faz um piloto aqui?

— Ouvi o Kite na rádio ontem à noite, fiz alguns telefonemas e ouvi rumores sobre o que ia acontecer aqui. Diga-me o que posso fazer.

— Tem uma arma?

— Não.

— Sabe disparar uma arma?

— Estive nos fuzileiros dez anos.

— Ótimo. Vá ter com o homem com o uniforme da polícia ali ao fundo e ele dá-lhe uma espingarda.

— Obrigado.

O piloto levou três dedos ao boné branco e seguiu caminho.

— O que diz o Tourtell agora? — perguntou Duff.

— Capitol foi informada do refém — disse Malcolm. — Mas eles não podem ajudar-nos enquanto não for emitido um mandado de prisão esta tarde.

— Meu Deus, há vidas de pessoas em risco.

— Uma vida. Isso não tem os requisitos para uma intervenção federal a não ser que o nosso comissário-chefe a requeira.

— Malditos políticos! E onde está o Tourtell agora?

Duff olhou atentamente para leste. No cume da montanha, o céu azul-

claro estava a tornar-se cada vez mais encarnado.

— Foi para a estação de rádio — respondeu Caithness

— Vai declarar o estado de emergência — informou Malcolm. — Temos de atacar o Macbeth agora, enquanto ainda podemos agir sob as ordens do presidente da câmara. Assim que o estado de emergência for declarado, seremos revolucionários sem lei e nenhuma destas pessoas estará connosco — concluiu, indicando a multidão com a cabeça.

— O Macbeth barricou-se lá dentro — disse Caithness. — Vão perder-se vidas.

— Sim. — Malcolm levou o megafone à boca. — Meus bons homens e mulheres! Assumam as suas posições!

A multidão correu para a barricada no fundo da escadaria. Pousaram as armas nos tejadilhos dos carros, abrigaram-se por trás do carro blindado da Força de Intervenção e do carro de bombeiros e apontaram para o Inverness.

Malcolm apontou o megafone na mesma direção.

— Macbeth! É o comissário-chefe adjunto quem fala. Sabe, e nós também sabemos, que está numa situação desesperada. Tudo o que pode conseguir é adiar o inevitável. Por isso, liberte o refém e entregue-se. Dou-lhe um, vou repetir, *um* minuto.

— O que disse ele? — gritou Seyton.

— Está a dar-me um minuto — respondeu Macbeth — Consegues vê-lo?

— Sim, está em pé no cimo da escadaria.

— Olafson, pega na tua espingarda e atira contra o Malcolm.

— Quer dizer…

— Sim, quero dizer exatamente isso.

— Salve, Macbeth! — exclamou Seyton, rindo.

— Ouçam — disse Macbeth.

Duff olhava alternadamente para a montanha, para o relógio e para os homens em torno dele. Os cotovelos e ombros contorciam-se com os nervos. Estavam a mudar de posições por causa dos joelhos e das barrigas das pernas, que tinham começado a tremer. Tirando os seis voluntários da Força de Intervenção e alguns dos outros polícias, a multidão era constituída por pessoas com empregos normais em escritórios e quartéis de bombeiros que nunca tinham disparado um tiro de raiva. Ou tinham sido alvos de tiros. E, mesmo assim, tinham vindo para ali. Estavam dispostas, apesar da sua inadequação, a sacrificarem tudo. Malcolm contou os três últimos segundos.

Não aconteceu nada.

Duff e Malcolm entreolharam-se e Duff encolheu os ombros.

Malcolm suspirou e levou o megafone à boca.

Duff mal ouviu o tiro.

Malcolm cambaleou para trás e o megafone caiu no chão com um estrondo metálico.

Duff e Fleance reagiram de imediato, atirando-se sobre Malcolm e protegendo-o na queda. Duff apalpou-o à procura de sangue e de pulsação.

— Estou bem — resmungou Malcolm. — Estou bem. Levantem-se. Ele atingiu o megafone. Foi tudo.

— Quando disse cala-o, pensei que queria dizer permanentemente — gritou Seyton. — Agora eles vão pensar que somos fracos, senhor.

— Errado — respondeu Macbeth. — Agora eles sabem que estamos a falar a sério, mas que somos sensatos. Se tivéssemos matado o Malcolm, tínhamos-lhes dado uma desculpa para nos atacarem com a fúria da razão. Assim, ainda vão hesitar.

— Acho que nos vão atacar, seja como for — disse Olafson. — Vejam, ali está o nosso carro blindado. Vem na nossa direção.

— Bem, isso é diferente. Um comissário-chefe está autorizado a

defender-se. Seyton?

— Sim?

— Deixa as meninas *Gatling* falar.

Duff espreitou por de trás da *Bertha* e seguiu o carro blindado — conhecido como *Sonderwagen* — enquanto este fazia o seu caminho pela praça na direção do Inverness. Fumo de *diesel* denso e pesado saía do escape do veículo. Engenharia alemã, placas de aço e vidro à prova de bala. O plano de Ricardo seguia as táticas usuais. Os seis voluntários da Força de Intervenção aproximavam-se da entrada no *Sonderwagen*, apeavam-se para atirar granadas de gás lacrimogéneo pelas janelas e depois derrubavam as portas e invadiam o edifício, equipados com máscaras de gás. O ponto crítico ia ser quando saíssem do carro blindado para atirar o gás lacrimogéneo. Isto ia demorar apenas uns segundos, mas, durante esses segundos, iam precisar da cobertura de fogo dada pelos outros.

O *walkie-talkie* crepitou e ouviram a voz de Ricardo.

— Fogo de cobertura em três… dois… um…

— Fogo! — rugiu Malcolm.

As armas a dispararem da barricada soaram como o rufar de um tambor. De um tambor demasiado pequeno, pensou Duff. E o som foi abafado por um rugido crescente vindo do outro lado.

— Meu Deus! — murmurou Caithness.

Ao princípio, pareceu um banho de chuva a limpar o pó das pedras em frente do *Sonderwagen*. Depois, com um cacarejar, atingiu a grelha do veículo, a chapa de blindagem, o para-brisas e o tejadilho. O veículo pareceu vacilar e descaiu.

— Os pneus — disse Fleance.

O veículo continuou a mover-se, mas mais devagar, como se estivesse a dirigir-se para um ciclone.

— Está tudo bem. É um carro blindado — disse Malcolm.

O veículo continuou a mover-se cada vez mais devagar. E parou. Os espelhos laterais e o para-choques tinham caído.

— Era um carro blindado — disse Duff.

— Ricardo? — chamou Malcolm pelo *walkie-talkie*. — Ricardo? Retirar!

Não houve resposta.

Agora o veículo parecia estar a dançar.

Foi então que a barragem de fogo parou. O silêncio caiu sobre a praça, apenas quebrado pelos lamentos de uma gaivota quando passou a voar. Fumo, como vapor vermelho, saía do blindado.

— Ricardo! Responde, Ricardo!

Continuou a não haver resposta. Duff olhou para o veículo, para os destroços. Nenhum sinal de vida. E agora sabia como tinha sido. Aquela tarde em Fife.

— Ricardo!

— Estão mortos — disse Duff. — Estão todos mortos.

Malcolm olhou de lado para ele.

Duff passou uma mão pela cara.

— Qual é o próximo passo?

— Não sei, Duff. O passo era este.

— O carro de bombeiros — disse Fleance.

Os outros olharam para o jovem.

Ele encolheu-se debaixo daquele olhar coletivo e por um momento pareceu abalado com o seu peso. Mas endireitou-se e disse, com um ligeiro tremor nas cordas vocais:

— Temos de usar o carro de bombeiros.

— Não serve — objetou Malcolm

— Não, mas, se o fizermos dar a volta para trás, para a Thrift Street… — Fleance fez uma pausa para engolir antes de continuar. — Vocês viram que

eles atingiram o carro blindado com as duas metralhadoras, e isso deve querer dizer que não estão a cobrir a retaguarda.

— Porque sabem que não conseguirmos lá entrar — disse Duff. — Não há portas nem janelas, só há tijolo, pelo que precisaríamos de um martelo pneumático ou de artilharia pesada para conseguir entrar.

— Entrar, não — disse Fleance. A voz estava mais firme agora.

— À volta? — questionou Duff.

Fleance apontou um dedo para o céu.

— Claro! — exclamou Caithness. — O carro de bombeiros.

— Desembuchem lá. O que é assim tão óbvio? — resmungou Malcolm, deitando uma espreitadela rápida à montanha.

— A escada — disse Duff. — O telhado.

— Estão a mover o carro de bombeiros — gritou Seyton.

— Porquê? — perguntou Macbeth com um bocejo.

O rapaz estava sentado no chão com as pernas cruzadas e os olhos fechados. Calmo e silencioso, parecia ter-se reconciliado com o seu destino e estava apenas à espera do fim. Como Macbeth.

— Não sei.

— E tu, Olafson?

— Não sei, senhor.

— Está bem — gritou Macbeth.

Tinha tirado a adaga de prata e aguçara um fósforo até fazer um bico. Entalou-o entre os dentes da frente. Deixou a adaga no feltro. Agarrou em duas fichas e começou a rodá-las entre os dedos de cada uma das mãos. Tinha aprendido a fazer isso no circo. Era um exercício para equilibrar a diferença entre as funções motoras da mão esquerda e da mão direita. Chupou o palito, rodou as fichas e examinou o que estava a sentir. Nada. Tentou perceber o que estava a pensar. Não estava a pensar em Banquo e não estava a pensar

em Lady. Estava apenas a pensar que não sentia nada. E pensou ainda em mais uma coisa: *Porquê? Porquê…?*

Pensou sobre isso durante uns momentos…

Depois fechou os olhos e começou a contar para trás desde o dez.

— Isto não é como uma escada contra uma casa. Vai abanar mais quanto mais alto formos — disse o homem com o fato de piloto de barra a Fleance e aos outros dois voluntários. — Mas façam só um movimento de cada vez, a mão, depois o pé. Nada que meta medo.

O piloto bocejou ruidosamente e fez um sorriso rápido antes de agarrar a escada e começar a subir.

Fleance olhou para o homem pequeno desejando ser igualmente destemido. A Thrift Street estava vazia, com exceção do carro de bombeiros com a sua escada de quinze metros apontada para o cimo da parede sem janelas.

Fleance seguiu o piloto e, muito estranhamente, o medo foi diminuindo a cada degrau. Afinal, o pior tinha passado. Ele tinha falado. E eles tinham escutado. Assentiram com a cabeça e disseram que tinham compreendido. Depois, tinham entrado para o carro de bombeiros e seguiram para leste desde a estação, traçando um arco grande pelas ruas calmas de domingo, chegando às traseiras do Inverness sem serem vistos.

Fleance olhou para cima e viu o piloto da barra sinalizando do telhado que o caminho estava livre.

Tinham estudado os mapas do Inverness tão cuidadosamente na noite anterior que Fleance sabia exatamente onde estava tudo. O telhado plano levava a uma porta e dentro dela havia uma escada estreita até à casa da caldeira, com uma porta que dava para o corredor principal do hotel. Lá dentro, separavam-se, dois homens tomariam a escada do norte e dois, a do sul. Ambas conduziam ao mezanino. Dentro de poucos minutos, começariam

a disparar a partir da estação para manter a atenção dos atiradores das metralhadoras focada na Workers' Square, abafando qualquer barulho feito por Fleance e os outros três, que iriam aparecer por trás e eliminar os atiradores das metralhadoras. Os três voluntários tinham sincronizado os relógios com o de Fleance sem uma palavra de protesto por estarem a ser comandados por um cadete da polícia. O cadete parecia saber tudo sobre estas ações. O que lhe dissera o pai? *E se tiveres melhor discernimento,* deves *comandar, é o raio do teu dever para com a comunidade*.

Fleance ouviu abrirem fogo da estação.

— Sigam-me.

Aproximaram-se da porta do telhado e puxaram. Fechada. Como esperado. Fez sinal com a cabeça para um dos polícias, um homem do Departamento de Trânsito, que enfiou uma barra metálica na brecha entre a porta e a moldura e pressionou com força. A fechadura quebrou à primeira tentativa.

Estava escuro lá dentro, mas Fleance sentiu o calor que vinha da casa da caldeira por baixo. O outro polícia, um homem com cabelos brancos da Unidade Antifraude, quis avançar primeiro, mas Fleance deteve-o.

— Sigam-me — sussurrou e entrou, passando por cima da soleira alta de metal da porta. Tentou em vão distinguir sombras na escuridão e teve de baixar a metralhadora enquanto procurava o corrimão da escada às apalpadelas. A escada de metal cantou quando tentou o primeiro passo e depois encontrou o degrau seguinte. Estacou, ofuscado por uma luz. Tinha-se acendido uma lanterna por baixo dele a iluminar-lhe a cara.

— *Bang* — disse uma voz por trás da lanterna. — Estás morto.

Fleance sabia que estava na linha de fogo dos três atrás dele. E sabia que não tinha tempo de disparar a metralhadora. Porque sabia de quem era aquela voz.

— Como soubeste…?

— Perguntei a mim mesmo: *Porquê, oh, porque é que se move um carro de bombeiros quando não se ouve o alarme de incêndio*? — A voz na escuridão tornou-se uma risada baixa. — Ainda a usar os meus sapatos, estou a ver. — O tio Mac parecia bêbedo. — Ouve, Fleance, hoje podes salvar vidas. A tua e a desses três amotinados atrás de ti. Recuem e voltem para trás da barricada. Tens mais probabilidade de me atingir de lá.

Fleance passou a língua à volta da boca, à procura de humidade.

— Mataste o papá.

— Talvez — respondeu a voz indistinta. — Ou talvez tenham sido as circunstâncias. Ou talvez fossem as ambições que o Banquo tinha para a família. Mas provavelmente — na pausa veio o som de um profundo suspiro — fui eu. Vai-te embora agora, Fleance.

No cérebro de Fleance agitavam-se todas aquelas lutas fingidas que tivera com o tio Mac em casa, no chão da sala de estar, quando ele tinha deixado que Fleance o dominasse, apenas para o virar no último minuto e o imobilizar no chão. Isto não era devido à força do tio Mac, mas sim à sua velocidade e precisão. Mas quão bêbedo estaria o tio Mac agora? E até que ponto a coordenação de Fleance estaria melhor do que a dele? Afinal, talvez ele tivesse alguma hipótese? Se fosse rápido, talvez pudesse atingi-lo com um tiro. Salvar Kasi. Salvar a cidade. Vingar…

— Não faças isso, Fleance.

Mas era demasiado tarde. Fleance já tinha agarrado na metralhadora, e o som de uma curta saraivada de tiros martelou os tímpanos dos cinco homens na apertada sala da caldeira.

— Agh! — gritou Fleance

Depois caiu da escada.

Não se sentiu a atingir o chão, não sentiu nada até abrir os olhos outra vez. E nada viu, apesar de ter uma mão encostada à cara e uma voz perto do ouvido.

— Eu disse-te para não o fazeres.

— Ond… Onde estão eles?

— Foram-se embora como lhes foi ordenado. Agora dorme, Fleance.

— Mas…

Ele sabia que tinha sido baleado. Um buraco. Tossiu e a boca encheu-se de sangue.

— Dorme. Diz olá ao teu pai quando chegares e diz-lhe que não vou demorar a seguir-te.

Fleance abriu a boca, mas tudo o que saiu foi sangue. Sentiu os dedos de Macbeth nas pálpebras, gentis, cuidadosos. A fechá-los. Fleance inspirou ar como se fosse dar um mergulho. Como tinha feito quando caíra da ponte para o rio, para dentro da água escura, para o seu túmulo.

— Não! — exclamou Duff quando viu o carro de bombeiros vir na direção deles. — Não!

Ele e Malcolm correram ao encontro do veículo e, quando este parou, abriram de rompante as portas de cada lado. O condutor, dois polícias e o piloto de barra saíram a cambalear.

— O Macbeth estava à nossa espera — gemeu o piloto ainda ofegante. — Matou o Fleance.

— Não, não! — protestou Duff, inclinando-se para trás e fechando os olhos com força.

Puseram-lhe uma mão no pescoço. Uma mão familiar. A de Caithness.

Dois homens com os uniformes pretos da Força de Intervenção apareceram a correr e pararam à frente de Malcolm.

— Hansen e Edmunton, senhor. Ouvimos o que se estava a passar e viemos o mais depressa que pudemos. E há mais a vir.

— Obrigado, rapazes, mas estamos acabados — respondeu Malcolm, apontando.

Ainda não podiam ver o sol, mas a silhueta da cruz invertida no topo da montanha já tinha apanhado os primeiros raios.

— Agora é com o Tourtell.

— Vamos trocar reféns — disse Duff. — Deixa o Macbeth levar quem quer, Malcolm. Nós os dois. Em troca do Kasi.

— Julgas que eu não pensei nisso já? — perguntou Malcolm. — O Macbeth nunca irá trocar um filho do presidente da câmara por arraia-miúda como tu e eu. Se o Tourtell declarar o estado de emergência, o Kasi será poupado. Seja como for, tu e eu seremos executados. E então quem vai chefiar a luta contra o Macbeth?

— A Caithness — respondeu Duff — e todas aquelas pessoas desta cidade em quem tu acreditas tanto. Estás com medo ou….?

— O Malcolm tem razão — interrompeu Caithness. — Vales mais para esta cidade vivo.

— Maldição!

Duff afastou-se rapidamente em direção ao carro de bombeiros.

— Onde vais? — gritou Caithness.

— O pedestal.

— O quê?

— Temos de esmagar o pedestal. Ei, chefe!

O homem que tinha conduzido o carro de bombeiros levantou-se.

— Aah, não sou…

— Tem alguns machados de bombeiro ou martelos pesados no veículo?

— Com certeza.

— Olhem! — gritou Seyton. — O Sol está a brilhar no cimo do Obelisco. O rapaz tem de morrer!

— Todos temos de morrer — disse Macbeth suavemente e pôs uma ficha debaixo do símbolo do coração na parte vermelha do feltro, a outra no preto.

Inclinou-se para a esquerda e tirou a bola da roda da roleta.

— O que aconteceu realmente lá em cima no telhado? — gritou Seyton.

— O filho do Banquo! — gritou de volta Macbeth, fazendo girar a roda. Com força. — Tratei disso.

— Está morto?

— Tratei disso, disse eu.

A roda da roleta girou à frente de Macbeth, os números individuais a nublarem-se ao formarem um claro círculo contínuo. Indistinto, mas claro. Tinha contado para trás até à zona e ainda lá estava. A roda girava. Desta vez, nunca iria parar, desta vez, nunca deixaria a zona — tinha fechado e trancado a porta atrás dele. A roda. A girar, a girar em direção a um destino desconhecido, e todavia tão familiar. O casino acaba sempre por ganhar.

— Que barulho é esse lá fora, Seyton?

— Porque não sobe para ver por si, senhor?

— Prefiro a roleta. Então?

— Começaram a bater violentamente na *Bertha*, a pobrezinha. E agora o sol nasceu, senhor. Consigo vê-lo. Bonito e grande. Esgotou-se o tempo. Vamos…?

— Eles estão a partir a *Bertha*?

— Pelo menos, o pedestal. Mantém um olho na praça e atira em tudo o que se aproximar, Olafson.

— Certo!

Macbeth ouviu o som de pés na escada e olhou para cima. O tom avermelhado da cara de Seyton notava-se mais do que o habitual, como se estivesse queimado do sol. Ele passou pela mesa da roleta em direção ao poste, onde Kasi estava sentado, curvado e com a cabeça baixa, o cabelo a cair-lhe sobre a cara.

— Quem disse que podias largar o teu posto? — perguntou Macbeth.

— Não demora muito — respondeu Seyton, puxando de um revólver

preto do cinto. Apontou-o à cabeça de Kasi.

— Para! — ordenou Macbeth.

— Dissemos ao segundo, senhor. Não podemos…

— Para, disse eu!

Macbeth aumentou o volume do rádio atrás dele.

— … O presidente da câmara Tourtell a falar convosco. Na noite passada, recebi um ultimato do comissário-chefe Macbeth, que foi recentemente responsável por vários assassínios, incluindo o do comissário-chefe Duncan. A noite passada, ele raptou o meu filho Kasi, depois de uma tentativa falhada para me matar. O ultimato é que, a não ser que eu declare o estado de emergência, dando assim ao Macbeth poder ilimitado e impedindo a intervenção federal, o meu filho será morto quando o sol nascer por cima da nossa cidade. Mas *nós* não queremos, *eu* não quero, vocês não querem, o *Kasi* não quer, *esta cidade* não quer outro déspota no poder. Por isso, homens bons sacrificaram a vida nestes últimos dias. E os seus filhos. Sacrificaram os filhos do mesmo modo que nós nesta cidade e noutras durante as guerras mundiais. E agora o sol está a nascer e o Macbeth está sentado ao pé do rádio à espera que eu confirme que este dia e esta cidade são dele. Aqui está a minha mensagem para si, Macbeth. Leve-o. O Kasi é seu. Estou a sacrificá-lo como sei e espero que ele me teria sacrificado a mim ou ao filho que nunca irá ter. E se me consegues ouvir, Kasi, adeus, menino dos meus olhos. — A voz de Tourtell engrossou. — És amado não só por mim mas por toda a cidade, e vamos acender velas no teu túmulo enquanto a democracia existir. — Tossiu. — Obrigado, Kasi. Obrigado, cidadãos desta cidade. E agora o dia é nosso.

Depois de um curto silêncio, ouviu-se uma gravação roufenha da voz sonora de um homem a cantar «Uma Fortaleza Poderosa É o Nosso Deus».

Macbeth desligou o rádio.

Seyton soltou uma gargalhada e aplicou pressão no gatilho. O martelo ergueu-se.

— Surpreendido, Kasi? O filho de uma prostituta não vale muito para um putanheiro, sabes? Mas se me entregares a tua alma agora, prometo-te um tiro indolor na cabeça e não no estômago. E ainda vingança contra o putanheiro e o bando dele.

— Não.

— Não? — Seyton fixou os olhos descrentes na fonte da resposta.

— Não — repetiu Macbeth. — Ele não deve ser morto. Baixa o revólver, Seyton.

— E deixar os que estão lá fora conseguir o que querem?

— Ouviste-me. Não matamos crianças indefesas.

— Indefesas? — rosnou Seyton. — E *nós*? Não estamos indefesos? Vamos deixar o Duff e o Malcolm mijarem-nos em cima outra vez, como sempre fizeram? Estás a planear abandonar a tua causa agora que…

— Seyton, o teu revólver está a apontar para mim.

— Talvez esteja. Porque não te vou deixar parar o reino que aí vem, Macbeth. Não és o único com um objetivo. Eu vou…

— Sei o que vais fazer e, se não guardares esse revólver, és um homem morto. Uma coisa qualquer morta, em todo o caso.

Seyton soltou uma gargalhada.

— Há coisas que não sabes a meu respeito, Macbeth. Os tipos como tu não podem matar-me.

Macbeth olhou para o cano da arma.

— Então faz isso, Seyton. Porque só tu me podes mandar para ela. Tu não nasceste de uma mulher, foste feito. Feito de pesadelos, do mal e do que quer que seja que quer quebrar e destruir.

Seyton abanou a cabeça e apontou o revólver à cabeça de Kasi sem tirar os olhos de Macbeth. Nesse momento, o primeiro raio de sol entrou pelas

janelas largas do mezanino. Macbeth viu Seyton levantar uma mão para proteger os olhos quando o raio lhe atingiu a cara.

Macbeth atirou ao sol que batia no tronco da árvore ali fora, do outro lado, ao coração gravado na madeira. Sabendo que iria acertar, porque linhas, veias das pontas dos seus dedos, seguiam para aquele coração.

Houve um baque. Seyton oscilou e olhou para baixo, para o cabo da adaga que lhe saía do peito. Deixou cair o revólver e agarrou a adaga enquanto se afundava, ficando de joelhos. Levantou os olhos e observou Macbeth com um olhar enevoado.

— Prata — disse Macbeth, enfiando outra vez o pedaço de fósforo entre os dentes da frente. — Diz-se que funciona!

Seyton caiu para a frente e ficou estendido com a cabeça perto dos pés descalços do rapaz.

Macbeth colocou a bola branca de marfim na moldura de madeira em torno da roda giratória da roleta e atirou-a com força na direção oposta.

— Continuem! — gritou Duff para os homens com martelos de forja e machados de bombeiros à frente do pedestal de onde já tinham conseguido desalojar grandes blocos de betão.

E então o pedestal cedeu e a armadura metálica em forma de arado na frente da locomotiva caiu com um estrondo enorme. Duff quase caiu para a frente no lugar do condutor, mas agarrou-se a uma alavanca e conseguiu manter-se de pé. O nariz da locomotiva, em frente dele, estava a apontar para baixo, mas não se mexeu.

— Vamos!

De novo nada.

— Vá lá, minha velha!

Foi então que sentiu qualquer coisa através do pé. Tinha-se movido. Não tinha? Ou… Ouviu um som como um lamento. Sim, tinha-se movido pela

primeira vez em oito anos, *Bertha Birnam* movera-se, e agora o gemido das suas partes metálicas móveis aumentou, aumentou num crescendo até um grito de protesto. Anos de ferrugem e as leis da fricção e da inércia tentaram detê-la, mas a gravidade era invencível.

— Afastem-se! — gritou Duff, apertando a alça da metralhadora e segurando a coronha da arma de reserva que tinha enfiada no cinto.

As rodas da locomotiva rodaram, arrancadas do seu torpor, rolaram lentamente os oito metros de comprimento do carril e saíram do pedestal. As rodas da frente atingiram o topo dos degraus e as lajes partiram-se com um barulho ensurdecedor. Por instantes, pareceu que o comboio iria parar ali, mas foi então que Duff ouviu o degrau seguinte a partir-se. E o seguinte. E percebeu que agora nada poderia parar o acelerar lento desta força maciça.

Duff olhou fixamente para a frente, mas, pelo canto do olho, registou que alguém tinha subido para o comboio e estava de pé atrás dele.

— Um bilhete de ida para o Inverness, se faz favor.

Era Caithness.

— Senhor comissário! — Era Olafson.

— Sim?

O olhar de Macbeth acompanhava as revoluções ruidosas do marfim.

— Penso que… está… a chegar.

— O que está a chegar?

— O… comboio.

Macbeth levantou a cabeça.

— O comboio?

— A *Bertha*! Está a vir para… aqui! Está…

O resto perdeu-se. Macbeth levantou-se. De onde ele estava na sala de jogo não podia ver o edifício da estação, apenas a praça inclinada do lado de fora da janela alta. Mas podia ouvir. Era como se uma coisa estivesse a ser

esmagada em pedacinhos por um monstro urrante.

E estava a aproximar-se.

E foi então que, atravessando a praça em frente do Inverness, apareceu no seu campo de visão.

Engoliu em seco.

A *Bertha* estava a chegar.

— Fogo!

O comissário-chefe adjunto Malcolm olhava incredulamente para tudo aquilo. Porque sabia que, o que quer que acontecesse agora, nunca voltaria a ver nada igual na vida. Uma locomotiva a comer pedra e a abrir o seu próprio caminho através da Workers' Square. Uma forma de transporte que os seus antepassados tinham construído com ferro, demasiado pesada e sólida para ser parada, com rolamentos que não enferrujaram nem griparam ao fim de uns meros oito anos de negligência, uma locomotiva contra a qual uma salva de tiros de uma metralhadora *Gatling* produzia faíscas mas era repelida como água enquanto ela mantinha o seu rumo direito ao Casino Inverness.

— Aquilo é um edifício sólido — disse alguém perto dele.

Malcolm abanou a cabeça.

— É apenas um covil de jogo — disse ele.

— Aguentem firme! — gritou Duff.

Caithness tinha-se sentado no chão de ferro, com as costas encostadas ao lado da cabina para evitar o ricochete das balas que sibilavam por cima das cabeças deles. Gritou qualquer coisa, músculos faciais tensos e olhos fechados.

— O quê? — gritou Duff.

— Eu amo…

E foi então que chocaram com o Inverness.

Macbeth apreciou a visão de *Bertha* a encher a janela antes de a esmagar ao passar. Teve a sensação de que todo o edifício — o chão onde se sentava, o ar na sala — tudo fora empurrado para trás quando o comboio rebentou a parede e entrou na sala. O barulho depositou-se como uma cobertura nos seus tímpanos. A chaminé da locomotiva atravessou a parte oriental do mezanino e a sua armadura metálica entrincheirou-se no chão. O Inverness tinha-a travado, mas a *Bertha* ainda estava a avançar, a abrir caminho, metro a metro. Parou meio metro à frente dele, com a chaminé contra o gradeamento do mezanino ocidental e a armadura metálica a tocar na mesa da roleta. Por momentos, houve um silêncio total. Depois, veio o chocalhar de cristal. E Macbeth sabia o que era aquilo. A *Bertha* tinha cortado as cordas que seguravam o candelabro por cima dele. Não fez nenhuma tentativa de se mexer, nem sequer olhou para cima. A única coisa em que reparou antes de tudo ficar escuro foi que estava coberto de cristal da Boémia.

Duff trepou para dentro do comboio com a metralhadora nas mãos. Os raios de sol baixos brilhavam através do pó que enchia o ar.

— A metralhadora *Gatling* no canto sudeste está desguarnecida! — gritou Caithness atrás dele. — Que tal…

— Desguarnecida também no canto sudoeste — disse Duff. — O Seyton está estendido ao pé da mesa da roleta com uma adaga espetada. Parece bem morto.

— O Kasi está aqui. Parece que não está ferido.

Duff examinou o que dantes tinha sido uma sala de jogo. Tossiu por causa do pó. Escutou. Tirando o frenético rolar de uma bola da roleta na roda, havia silêncio. Domingo de manhã. Dentro de poucas horas, os sinos da igreja iriam repicar. Desceu, gatinhando. Passou por cima do corpo de Seyton para chegar ao candelabro. Usou o sabre para varrer os bocados de vidro da cara de Macbeth.

Os olhos de Macbeth estavam arregalados de surpresa, como os de uma

criança. A ponta da espiral de ouro do candelabro tinha desaparecido dentro do seu ombro direito. Pouco sangue corria da ferida, que se contraía ritmicamente como se estivesse a sugar da instalação elétrica.

— Bom dia, Duff.

— Bom dia, Macbeth.

— Heh, heh. Lembras-te que costumávamos dizer isso todas as manhãs quando nos levantávamos no orfanato, Duff? Tu estavas no beliche de cima.

— Onde estão os outros? Onde está o Olafson?

— Rapaz inteligente, esse Olafson. Sabe qual é a altura certa para se pôr a andar. Tal como tu.

— Os teus homens da Força de Intervenção não se puseram a andar — disse Duff.

Macbeth suspirou.

— Não, tens razão. Acreditas se te disser que ele está atrás de ti e que te vai matar em… hum, dois segundos?

Duff olhou para Macbeth durante um curtíssimo instante. Depois, virou-se. Lá em cima, onde o mezanino estava cortado em dois, viu, pelo buraco na parede leste, duas figuras recortadas na luz do sol matinal. Uma era uma armadura medieval. A segunda, Olafson, ajoelhado, com a espingarda pousada na balaustrada. Quinze metros. Dali, Olafson conseguia acertar numa moeda de um dinheiro.

Ouviu-se um tiro.

Duff sabia que estava morto.

Então porque ainda estava de pé?

O eco do tiro ressoou pela sala.

Macbeth viu Olafson cair sobre a armadura medieval, que tombou para trás, caiu pela fenda no mezanino e se esborrachou com estrondo no chão da sala de jogos. No mezanino, Olafson ficou deitado, com a face encostada ao gradeamento. Uma face pressionava um olho, o outro estava fechado como se

ele tivesse adormecido sobre a espingarda *Remington 700*.

— Fleance! — gritou Caithness.

Duff virou-se para o lado norte do mezanino

E lá, no cimo, onde ficavam as escadas que vinham dos pisos superiores, encontrava-se Fleance. A camisa estava ensopada de sangue, e ele oscilava agarrado a uma arma ainda fumegante.

— Caithness, leva o Kasi e o Fleance daqui para fora — disse Duff. — Agora!

Duff deixou-se cair na cadeira junto da mesa da roleta. A bola na roda estava a andar mais devagar; o barulho tinha mudado.

— O que acontece agora? — gemeu Macbeth.

— Esperamos até os outros chegarem. Eles tratam-te no hospital. Prisão. Caso federal. Vão andar a falar de ti durante anos, Macbeth.

— Ainda pensas que tens o beliche de cima, não é, Duff?

Ouviu-se cristal a tinir. Duff olhou para cima. Macbeth tinha levantado a mão esquerda.

— Sabes que eu tenho a velocidade de uma mosca. Antes de largares esse sabre e conseguires agarrar na tua arma, tens uma adaga no peito. Sabes isso, não sabes?

— Possivelmente — respondeu Duff. Em vez de sentir medo, sentia um imenso cansaço cair sobre ele. — E vais perder na mesma, como habitualmente.

Macbeth riu-se.

— E porquê?

— É apenas uma daquelas coisas autorrealizáveis. Sempre soubeste, toda a vida, que estás condenado a perder no fim. Essa certeza é e tem sido sempre tu, Macbeth.

— Ah sim? Não ouviste? Nenhum homem nascido de mulher pode matar-me. É a promessa do Hécate, e ele mostrou várias vezes que cumpre as suas

promessas. Por isso, sabes uma coisa? Posso levantar-me daqui e ir-me embora.

Tentou erguer-se sozinho para uma posição sentada, mas o peso do candelabro empurrou-o para baixo.

— O Hécate esqueceu-se de contar comigo quando fez aquela promessa — disse Duff, mantendo-se atento à mão esquerda de Macbeth. — Eu posso matar-te, portanto, mantém-te quieto.

— És duro de ouvido, Duff? Eu disse…

— Mas eu não nasci de uma mulher — arquejou Duff.

— Não nasceste?

— Não, fui cortado da minha mãe, não nasci.

Duff inclinou-se para a frente e passou o dedo indicador pela cicatriz na cara.

Macbeth estava a piscar os seus olhos de criança.

— Tu… tu não nasceste quando o Sweno a matou?

— Ela estava grávida de mim. Disseram-me que ela estava a tentar parar a hemorragia em casa de um polícia quando o Sweno balançou isto — Duff levantou o sabre — e lhe abriu o estômago.

— E a tua cara.

Duff abanou a cabeça lentamente.

— Não me vais escapar, Macbeth. Perdeste.

— Perda atrás de perda. Começamos a ter tudo e depois perdemos tudo. Pensei que era a única coisa que estava certa, a amnistia da morte. Mas nem isso é garantido. Só tu me podes dar a morte e enviar-me para onde me posso reunir com a minha amada, Duff. Sê o meu salvador.

— Não. Estás preso e vais apodrecer sozinho na prisão.

Macbeth deu uma risada.

— Não consigo e tu não consegues evitá-lo. Não conseguiste deixar de tentar matar-me no beco e não consegues agora. Somos como somos, Duff. O

livre-arbítrio é uma ilusão. Portanto, faz o que tens de fazer. Faz o que tu *és*. Ou devo ajudar-te e dizer os nomes deles? Meredith, Emily e…

— O Ewan — disse Duff. — *Tu* é que não és capaz de mudar da pessoa que sempre quiseste ser, Macbeth. Por isso, eu sabia que ainda havia esperança para o Kasi mesmo que o sol se tivesse erguido por cima das montanhas. Nunca serás capaz de matar um homem indefeso. E ainda que sejas lembrado como mais brutal do que o Sweno e mais corrupto do que o Kenneth, as tuas boas qualidades é que te atiraram abaixo, a tua falta de brutalidade.

— Fui sempre o reverso de ti, Duff. E, portanto, a tua imagem invertida. Por isso, mata-me agora.

— Porquê a pressa? O lugar à espera dos tipos como tu é o inferno.

— Então deixa-me ir.

— Se pedires que os teus pecados sejam perdoados, talvez escapes.

— Vendi essa possibilidade, Duff. E felizmente, porque estou ansioso por encontrar a minha amada outra vez, mesmo que seja para ardermos juntos durante toda a eternidade.

— Bem, vais ter um julgamento justo e a tua sentença não vai ser nem muito severa nem demasiado suave. Será a primeira prova de que esta cidade pode ser civilizada. Pode voltar a ser saudável.

— Idiota estúpido! — gritou Macbeth. — Estás a enganar-te a ti mesmo. Acreditas que estás a pensar os pensamentos que *queres* pensar, acreditas que és a pessoa que *queres* ser, mas o teu cérebro está agora mesmo a procurar desesperadamente um pretexto para me matares enquanto eu estiver aqui deitado e indefeso, e é precisamente por isso que qualquer coisa em ti resiste. Mas o teu ódio é como aquele comboio: não pode ser parado quando começa a andar.

— Estás enganado, Macbeth. *Podemos* mudar.

— Ah sim? Então prova esta adaga, homem livre.

A mão de Macbeth alcançou o interior do bolso.

Duff reagiu instintivamente, apertou ambas as mãos em torno do punho do sabre e empurrou.

Ficou surpreendido pela facilidade com que a lâmina abriu o peito de Macbeth. E quando ela atingiu o chão por baixo, sentiu um tremor estender-se do corpo de Macbeth ao sabre e a si próprio. Um longo suspiro emitido pelos lábios de Macbeth e um borrifo fino de sangue cor-de-rosa saiu-lhe da boca e assentou nas mãos de Duff como chuva morna. Olhou para baixo, para os olhos de Macbeth, sem saber o que procurava, só que não encontrou. Tudo o que viu foi uma luz extinguir-se enquanto as pupilas cresciam e lentamente substituíam as íris.

Duff largou o sabre e deu dois passos atrás.

Ficou ali em silêncio.

Domingo de manhã.

Ouviu vozes que se aproximavam, vindas da Workers' Square.

Ele não queria. Mas sabia que tinha de o fazer. Por isso, fez. Abriu o casaco de Macbeth.

A mão esquerda de Macbeth jazia aberta no peito. Não havia nada lá, nem coldre de ombro, nem adaga, apenas uma camisa branca a tornar-se gradualmente vermelha.

O barulho de picadas. Duff virou-se. Vinha da mesa da roleta. Levantou-se. No feltro, uma ficha estava no vermelho, debaixo do coração, outra no preto. Mas o som vinha da roda, que estava ainda a rodar, mas cada vez mais devagar. A bola branca dançava entre os números. Depois parou, finalmente presa.

Na única ranhura verde, o que quer dizer que a casa leva tudo.

Nenhum dos jogadores ganha.

QUARENTA E TRÊS

Sinos de igreja soavam ao longe. O rapaz zarolho estava de pé na sala de espera da estação central a olhar para fora, para a luz do dia. Era uma vista estranha. A *Bertha* tinha bloqueado sempre a vista do Inverness da sala de espera, mas agora a velha máquina a vapor trespassava a fachada do casino. Mesmo sob a penetrante luz do sol, ele podia ver as luzes rotativas azuis dos carros da polícia e os *flashes* dos fotógrafos da imprensa. As pessoas tinham acorrido em grande número à Workers' Square e, ocasionalmente, havia também um vislumbre de luz dentro das janelas do Inverness. Devia ser a equipa da Cena do Crime a tirar fotografias dos mortos.

O rapaz voltou-se e percorreu o corredor. Quando se aproximou das escadas que desciam para a casa de banho, ouviu qualquer coisa. Um uivar baixo e contínuo, como o de um cão. Tinha-o ouvido anteriormente, um viciado em heroína sem dinheiro que não conseguira a sua injeção. Espreitou por cima do parapeito e viu roupas claras lá em baixo, na escuridão fétida. Estava quase a prosseguir quando ouviu um chamamento, como um grito.

— Espera! Não te vás embora! Tenho dinheiro!

— Lamento, avô. Não tenho drogas nenhumas e tu não tens dinheiro nenhum. Tem um dia não muito bom!

— Mas eu tenho o teu olho!

O rapaz estacou. Voltou para o parapeito. Olhou fixamente para baixo.

Aquela voz. Podia realmente ser…? Examinou as escadas. Olhou em volta. Não havia mais ninguém ali. Depois desceu e entrou na escuridão húmida. O fedor tornava-se pior a cada passo.

O homem estava deitado na soleira da porta da casa de banho dos homens. Vestindo aquilo que talvez tivesse sido um fato de linho. Agora eram os restos esfarrapados ensopados de sangue. Tal como o próprio homem. Esfarrapado, restos ensopados de sangue. Um fragmento triangular de vidro sobressaía-lhe da testa por baixo de uma franja escura. E lá estava a bengala com o punho dourado. *Raios, era mesmo ele!* O homem que ele tinha procurado todos estes anos. Hécate. O olho do rapaz adaptou-se gradualmente à escuridão e viu a ferida aberta, um rasgão ao longo do estômago e do peito. Estava a deitar sangue, mas não muito, como se o homem estivesse a ficar seco. Entre cada nova golfada de sangue, o rapaz conseguia ver os intestinos cor-de-rosa pálidos e viscosos.

— Acaba com o meu sofrimento — pediu o velho numa voz áspera. — E depois leva o dinheiro que tenho no bolso interior.

O rapaz observou o homem. O homem de todos os seus sonhos, das suas fantasias. Lágrimas de dor corriam pelas faces flácidas do velho. Se o rapaz quisesse, podia sacar da pequena faca de ponta e mola que usava para cortar o pó, aquela com uma lâmina estreita que uma vez tinha removido um olho. Podia espetá-la no velho. Seria o que se chama justiça poética.

— O teu estômago teve uma fuga? — perguntou o rapaz enquanto metia a mão dentro do casaco. — A ferida tem ácido?

Examinou o conteúdo da carteira.

— Depressa! — soluçou o velho.

— O Macbeth morreu — disse o rapaz, contando rapidamente as notas. — Pensas que isso vai tornar o mundo um lugar melhor?

— O quê?

— Acreditas que os sucessores do Macbeth serão melhores, mais justos

ou mais misericordiosos? Há alguma razão para pensar que vão ser?

— Cala-te, rapaz, e acaba com isto. Usa a bengala, se quiseres.

— Se a morte é o que é mais precioso para ti, Hécate, não te vou tirar a morte como tu tiraste o meu olho. Sabes porquê?

O velho franziu as sobrancelhas, olhou para ele, e o rapaz viu sinais de reconhecimento nos olhos cheios de lágrimas.

— Porque eu penso que temos a capacidade de mudar e tornarmo-nos pessoas melhores — disse o rapaz, metendo a carteira nas calças esfarrapadas. — É por isso que eu penso que os sucessores de Macbeth serão um pouco melhores. Pequenos, pequenos passos, mas um pouco melhores. Um pouco mais humanitários. A propósito, não é estranho que usemos a palavra *humanitário*, de facto, humano, para descrever o que é bom e misericordioso? — O rapaz puxou da faca e a lâmina abriu-se — Tendo em conta tudo o que fizemos uns aos outros ao longo da história, quero dizer?

— Aqui — gemeu o velho, apontando para a garganta. — Rapidamente.

— Lembras-te que eu tive de cortar o meu próprio olho?

— O quê?

O rapaz comprimiu o cabo da faca contra a mão do homem.

— Faz tu isso.

— Mas tu disseste… mais humanitário… Não consigo fazê-lo… por favor!

— Passos pequenos, passos pequenos — disse o rapaz, levantando-se e batendo no bolso. — Estamos a ficar melhores, mas, sabes, não vamos tornar-nos santos do dia para a noite.

Os gemidos seguiram o rapaz pela estação, durante todo o caminho, até ele sair para a luz brilhante do sol.

QUARENTA E QUATRO

A gota de chuva cintilante caiu do céu, atravessou a escuridão em direção às luzes tremeluzentes do porto lá em baixo. As rajadas do vento noroeste empurraram a gota de chuva para leste do rio vagaroso que dividia a cidade em duas e para sul da movimentada linha de comboio que dividia a cidade diagonalmente. O vento transportou a gota de chuva por cima do Distrito 4, em direção ao Obelisco e a um edifício novo, o Spring, dois hotéis onde ficavam as pessoas de negócios de Capitol. Ocasionalmente, um camponês entrava no Obelisco e perguntava se aquilo não tinha sido antes um casino. A maioria esquecera-se, mas eles todos se lembravam do outro casino, o que ficava no edifício do caminho de ferro que agora albergava a biblioteca da cidade recentemente inaugurada. A gota de chuva seguiu na direção do quartel-general da polícia, onde brilhavam as luzes do gabinete do comissário-chefe Malcolm, que presidia a uma reunião do comando sobre reestruturação. Ao princípio, tinha havido alguma frustração entre os funcionários por o presidente da câmara Tourtell e a assembleia municipal da cidade estarem a pedir uma redução do pessoal — consequência das estatísticas que mostravam uma baixa nas taxas de crime. Era assim que se recompensava a polícia por fazer um trabalho tão bom nos últimos três anos? Mas eles compreenderam que Malcolm tinha razão: o trabalho da polícia era, tanto quanto possível, tornar-se redundante. Claro que isto afetou predominantemente a Unidade de Narcóticos e os departamentos que tinham

uma ligação indireta ao colapso do comércio da droga, como o Departamento de Homicídios. O número de pessoas permaneceu o mesmo na Unidade Anticorrupção, enquanto o novo Departamento do Crime Financeiro foi o único autorizado a contratar mais pessoas. Isto devia-se ao aumento da atividade financeira em consequência de a cidade atrair mais negócio e um reconhecimento de que os criminosos de colarinho branco tinham tido tudo demasiado fácil, contribuindo para o sentimento de que a polícia servia, acima de tudo, os ricos. Duff defendera o tamanho do Departamento do Crime Organizado dizendo que ele precisava de recursos para prevenir o crime e que se os profissionais do crime conseguissem outra vez uma base de operações na cidade, seria muito mais caro eliminá-los. Mas percebia que ele, como toda a gente, tinha de aceitar cortes. A chefe do Departamento de Homicídios, Caithness — que defendera de modo convincente que, com o número atual de agentes, podiam finalmente oferecer aos cidadãos um nível satisfatório de eficiência nas investigações de assassínios — tinha mesmo sido forçada a pedir a demissão. Por isso, Duff estava feliz por finalmente ser fim de semana e ele e Caithness terem planeado um piquenique em Fife. Estava ansioso e ao mesmo tempo temeroso. A casa tinha sido demolida e ele deixara o pedaço de terra a monte. Mas a cabana ainda lá estava. Queria que ambos se deitassem lá ao sol fervente a cheirar a fragrância do alcatrão das tábuas. E a escutar para verem se o eco das risadas e dos gritos alegres de Emily e de Ewan ainda lá perduravam. E depois queria nadar sozinho até à rocha macia. Dizem que não há caminhos de retorno aos lugares — e à pessoa — que éramos. Ele tinha apenas de descobrir se isso era verdade. Não para esquecer. Mas para poder, finalmente, olhar em frente.

A gota de chuva continuou em direção a leste, por cima das ruas de lojas caras do Distrito 2 Oeste antes de descer em direção a uma encosta de floresta natural junto à estrada circular, que esta noite brilhava como um colar de ouro em torno do pescoço da cidade. Ali, no topo da Gallows Hill, a gota de chuva

caiu por entre as árvores até atingir, com um salpico, a grande folha verde de um carvalho. Correu para a ponta da folha, ficou pendurada, recolhendo a gravidade, pronta para atravessar os últimos pouco metros que faltavam até cair em cima de dois homens que estavam parados debaixo da árvore, na escuridão.

— Está mudado — disse uma voz profunda.

— O senhor esteve fora muito tempo — respondeu uma voz mais aguda.

— Fora. Exatamente. Foi onde pensei que estava. E o senhor Bonus não me disse como me encontrou.

— Oh, tenho sempre os olhos e os ouvidos abertos. Eu ouço e olho, isso é o meu tipo de talento. O único, parece-me bem.

— Não sei se acredito totalmente em si quanto a isso. Ouça… não me vou pôr com rodeios sobre isto… não gosto de si, senhor Bonus. Faz-me lembrar demasiado essas criaturas que se encontram na água e que se agarram aos animais maiores e os sugam.

— Rémoras?

— Estava a pensar em sanguessugas. Coisas pequeninas horrorosas. Mas bastante inofensivas. Portanto, se pensa que me pode ajudar a recuperar a minha cidade, pode chupar um pouco, faça favor. Mas tenha cuidado. Se chupar demasiado, corto-o. Agora, diga-me.

— Não há competidores no mercado. Muitos dos drogados mudaram-se para Capitol quando a droga secou aqui. A Assembleia Municipal e o comissário-chefe começaram finalmente a baixar a guarda. A reduzir o número de pessoas. O momento é perfeito. O potencial para novos clientes jovens é ilimitado, e eu encontrei também a irmã que sobreviveu quando a fábrica de droga do Hécate explodiu. E ela ainda tem a fórmula. Os clientes não terão alternativas ao que lhes podemos oferecer.

— E porque precisa de mim?

— Não tenho o capital, o dinamismo ou as suas qualidades de chefia. Mas

tenho…

— Olhos e ouvidos. E uma boca chupadora.

O velho atirou fora uma *Davidoff Long Panatella* meio fumada enquanto a gota de chuva na árvore por cima dele se alongava.

— Vou pensar nisso. Não por aquilo que disse, senhor Bonus. Todas as cidades são potencialmente bons mercados se tivermos um produto bom.

— Estou a ver. Então porquê aqui?

— Porque esta cidade me tirou o meu irmão, o meu clube… tudo. Portanto, devo-lhe alguma coisa.

A gota de chuva soltou-se. Aterrou num chifre de animal. Desceu por ele até à superfície brilhante de um capacete de motociclista.

— Devo-lhe o inferno na terra.